

GENERO
PLU
RA
L

Susan Faludi

BACKLASH

*O contra-ataque
na guerra não declarada
contra as mulheres*

Rocco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

GENERO
PLU
RA
L

Susan Faludi

BACKLASH

*O contra-ataque
na guerra não declarada
contra as mulheres*

Rocco

Susan Faludi

BACKLASH

*O contra-ataque na guerra
não declarada contra as mulheres*

Tradução de
MARIO FONDELLI

Rocco

A década de 1980 deflagrou um implacável contra-ataque às conquistas femininas, que opera em dois níveis: convencer as mulheres de que seus sentimentos de angústia e insatisfação são resultado do excesso de independência, ao mesmo tempo que destrói gradativamente os mínimos avanços que as mulheres realizaram no trabalho, na política e em sua forma de pensar.

Susan Faludi, prêmio Pulitzer de jornalismo, nos mostra como a imprensa se ocupou em repercutir essas mensagens ao dar um cunho moralista às notícias e reportagens, e manipular estatísticas. Ela revela, também, como essa insidiosa guerra contra os direitos da mulher transformou-se em um fenômeno cultural que orientou e invadiu o cinema e a TV, as indústrias da moda e da beleza, a retórica da Nova Direita, os discursos presidenciais e a política antiaborto.

Ao promover a idealização da mulher tradicional, da mulher lipoescultural, cujo trono cativo ainda é o lar, os defensores do antifeminismo buscam fomentar a baixa auto-estima da mulher, enfraquecendo com isso a sua luta pela igualdade de direitos.

Com este livro, Susan Faludi procura desafiar a tese central do contra-ataque: a de que o feminismo é o pior inimigo da mulher, e de que todas as conquistas alcançadas na verdade a prejudicam em vez de fortalecer. Ao fazê-lo, *Backlash* nos oferece um oportuno e preocupante retrato da condição da mulher nos tempos atuais.

A AUTORA

SUSAN FALUDI é jornalista, tendo colaborado em publicações como o *Wall Street Journal*, *San Jose Mercury News*, *West*, *Ms.* & *Mother Jones*.

Título original
BACKLASH
The Undeclared War Against American Women

Copyright © 1991 by Susan Faludi

Primeira publicação pela
Crown Publishers Inc. Nova York.

Direitos da tradução brasileira mediante
acordo com Sandra Dijkstra Literary Agency.
Todos os direitos reservados.

Copyright da edição brasileira
© 2001 by Editora Rocco Ltda.

Agradecimentos consignados pela permissão de reproduzir
trechos de *The Man in the Black Coat Turns*, publicado
por Dial/Doubleday Press, Nova York, 1981, *copyright*
© 1981 by Robert Bly. Reproduzido com permissão do autor.

Direitos mundiais para a língua portuguesa
reservados com exclusividade à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Rodrigo Silva, 26 – 5º andar
20011-040 - Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 2507-2000 – Fax: 2507-2244
e-mail: rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F192b	Faludi, Susan Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres / Susan Faludi; tradução de Mario Fondelli. – Rio de Janeiro: Rocco, 2001 . – (Gênero Plural)
	Tradução de: Backlash: the undeclared war against american women ISBN 85-325-1298-4
	1. Feminismo – Estados Unidos. 2. Feminismo – Estados Unidos – Opinião pública. 3. Opinião pública – Estados Unidos. 4. Mulheres – Estados Unidos – Condições sociais. 5. Mulheres – Psicologia. I. Título. II. Série.
01-0969	CDD – 305.420973 CDU – 316.346.2-055.2(73)

*À minha mãe,
Marilyn Lanning Faludi*

Sumário

1. Introdução: Tudo por culpa do feminismo.....	9
---	---

PARTE 1. MITOS E FLASHBACKS

2. Falta de homens e úteros estéreis: Os mitos do backlash	25
3. Os refluxos de ontem e de hoje.....	65

PARTE 2. O BACKLASH NA CULTURA POPULAR

4. As "tendências" do antifeminismo: A mídia e o backlash.....	93
5. Visões fatais e fetais: O backlash no cinema.....	127
6. Anjos adolescentes e bruxas solteiras: O backlash na TV.....	154
7. Vestindo as bonecas: O backlash na moda.....	181
8. A beleza e o backlash.....	208

PARTE 3. A REAÇÃO AO BACKLASH

9. A política do ressentimento: A guerra da nova direita contra as mulheres.....	237
10. A Sra. Smith abandona Washington: O backlash na política nacional.....	263
11. O cérebro do backlash: De neoconservadores a neofeministas.....	283
George Gilder: "O maior antifeminista da América".....	285
Allan Bloom: Um exilado da causa feminista.....	290
Michael e Margarita Levin: Meninos não cozinham e meninas não fazem contas.....	295
Warren Farrell: A renúncia do homem liberado.....	299
Robert Bly: De "comedores de iogurte" a "homens selvagens".....	304
Sylvia Ann Hewlett: Uma obra menor do neofeminismo.....	310
Betty Friedan: Revisionismo como instrumento de marketing.....	316
Carol Gilligan: Vozes diferentes ou ecos vitorianos?.....	322

PARTE 4. CONTRA-ATAQUES ANTIFEMINISTAS: OS EFEITOS NA
MENTE, NO TRABALHO E NO CORPO DAS MULHERES

12. Está tudo na sua cabeça: A psicologia popular adere ao contra-ataque.....	331
13. Backlash e salários: O preço a ser pago à mulher que trabalha	356
14. Direito de reprodução no backlash: A invasão do corpo das mulheres.....	380
Epílogo.....	425
Referências bibliográficas.....	431
Agradecimentos.....	457

Introdução: Tudo por culpa do feminismo

Ser mulher nos Estados Unidos neste fim-de-século: que maravilha! Pelo menos é o que se diz o tempo todo. Os políticos garantem que as barricadas já caíram. As mulheres "chegaram lá". O mundo da publicidade se regozija. A revista *Time* proclama que a luta da mulher pela igualdade "foi amplamente vencida". Matricule-se à vontade em qualquer universidade, arrume um emprego em qualquer firma de advocacia, solicite empréstimos em qualquer banco. Os líderes trabalhistas afirmam que agora as mulheres têm tantas oportunidades que não é necessária uma política que lhes garanta igualdade de condições. Os legisladores proclamam que atualmente as mulheres são tão iguais que já não é preciso haver emendas constitucionais para a Igualdade de Direitos. Até os anúncios de cartões de crédito estão saudando a liberdade da mulher a fim de cobrá-la. Enfim, as mulheres receberam os seus papéis de cidadania plena.

E mesmo assim...

Por trás desta celebração da vitória, por trás das afirmações, alegres e continuamente reiteradas, de que a luta pelos direitos femininos foi vencida, a mensagem que salta aos nossos olhos é outra. Você pode ser livre e igual o quanto quiser, ela diz às mulheres, mas nunca se sentiu tão infeliz.

Este boletim de desespero está afixado em todos os lugares - nas bancas de jornais, na telinha da televisão, nos anúncios, nos filmes, nos consultórios médicos e nas publicações acadêmicas. As mulheres profissionais estão entrando em "parafuso" e sucumbindo a uma "epidemia de infertilidade". As solteiras estão se queixando devido à "falta de homens". O *New York Times* revela: as mulheres sem filhos andam "deprimidas e confusas" e cada vez em maior número. A *Newsweek* afirma: as mulheres não-casadas estão "histéricas" e prostradas numa profunda crise de "falta de confiança". Os manuais médicos informam: mulheres em altos cargos executivos estão sofrendo como nunca de "distúrbios provocados pelo estresse", queda de cabelo, nervosismo, alcoolismo e até enfartes. Os livros de psicologia advertem: a solidão da mulher independente representa hoje em dia "um dos mais graves problemas de saúde mental". Até a histórica feminista Betty Friedan anunciou aos quatro ventos que as mulheres estão atualmente sofrendo de uma nova crise de identidade e de "problemas ainda sem classificação".

Como é que as mulheres podem estar tão mal justamente quando deveriam sentir-se abençoadas? Se a condição da mulher nunca foi tão prestigiada, como explicar que o seu estado emocional ande tão em baixa? Se as mulheres conseguiram o que queriam, então qual é o problema, agora?

A opinião geral da última década aponta uma, e somente uma, resposta para esta confusão: a causa deste sofrimento deve ser o excesso de igualdade. As mulheres estão infelizes justamente *devido* ao fato de serem livres. As mulheres estão sendo escravizadas pela sua própria liberação. Elas se agarraram ao brilho dourado da independência e deixaram escapular o único anel que realmente lhes interessa. Conseguiram assumir o controle da sua fertilidade, mas só para destruí-la. Perseguram seus próprios sonhos profissionais - perdendo no caminho a aventura feminina maior. Os movimentos feministas, não nos cansam de apregoar, acabaram por se provar o pior inimigo da mulher.

"Ao distribuir os seus despojos, o movimento feminista deu à minha geração altos rendimentos, os nossos próprios cigarros, a opção de ser mãe solteira, delegacias para cuidar de mulheres violentadas, linhas de crédito pessoal, amor livre e mulheres ginecologistas", escreve na *National Review* Mona Charen, uma jovem estudante de Direito, num artigo intitulado "O erro feminista". "Em compensação tirou de nós aquilo sobre o qual repousa a felicidade da maioria das mulheres - os homens." A *National Review* é uma publicação conservadora, mas tais ataques contra o movimento feminista não se encontram apenas em suas páginas. "A nossa geração foi o sacrifício humano exigido pelo movimento feminista", afirma Elizabeth Mehren, a formosa redatora do *Los Angeles Times*. Segundo ela as mulheres do *baby-boom* foram enganadas pelo feminismo: "Acreditamos na retórica." Na *Newsweek*, a escritora Kay Ebeling chama o feminismo de "A grande experiência que não deu certo" e afirma que "as mulheres da minha geração, suas perpetradoras, foram também as primeiras baixas". Até as revistas de moda insistem na mesma tecla. A *Harper's Bazaar* acusa o movimento feminista de ter feito com que "nós mulheres perdêssemos mais do que conseguimos ganhar".

Na última década, publicações, do *New York Times* a *Vanity Fair* e *Nation*, fizeram recorrentes acusações contra o movimento feminista. Para elas a campanha pela igualdade da mulher é responsável por quase todas as tristezas que nos afligem desde depressão até insatisfatórias contas bancárias, desde suicídios de adolescentes até má alimentação e má aparência. Para o programa "Today" o movimento feminista deve ser considerado responsável pelo crescente número de velhinhas carregando sacos ou empurrando carrinhos de supermercado à cata de quinquilharias que ainda possam ter alguma utilidade. Um colaborador do *Baltimore Sun* chega a sugerir que as feministas provocaram o aumento de filmes de violência explícita. Ao tornarem a

"violência" do aborto mais aceitável, ele raciocina, as ativistas dos direitos da mulher tornaram possível a explosão do homicídio nas telas.

Ao mesmo tempo, outros rebentos da cultura popular acabaram forjando idêntica conexão: nos filmes de Hollywood, dos quais *Atração fatal* é apenas o mais conhecido, mulheres emancipadas, donas de suas próprias casas, agitam-se de olhos arregalados entre paredes nuas, pagando pela liberdade com uma cama vazia e um útero estéril. "O meu relógio biológico está tiquetaqueando tão alto que não me deixa dormir à noite", grita Sally Field no filme *Ensina-me a querer*, quando, numa óbvia atualização para o cinema dos anos 80, uma atriz que outrora desempenhava o papel de indomável heroína é agora mostrada rastejando por um noivo. Nos programas do horário nobre da TV, mulheres solteiras, independentes e feministas são humilhadas, transformadas em harpias ou vítimas de esgotamento nervoso; as mais ajuizadas renegam os seus pendores para a independência nas cenas finais. Nos romances populares, como *Louca obsessão* de Stephen King, mulheres sozinhas reduzem-se a lamurientas solteironas ou tropejam como satânicos dragões, desistindo de qualquer aspiração que não seja o casamento, imploram por vínculos matrimoniais a estranhos ou dão machadadas em relutantes solteiros. "Estragamos tudo esperando demais", soluça uma típica profissional de carreira arrependida em *Singular Women* de Freda Bright: ela e a irmã, ambas executivas, "são condenadas a ficar sem filhos para sempre". Até a independente heroína voadora de Erica Jong literalmente se espatifa no fim da década, quando a autora substitui a densa Isadora Wing de *Medo de voar*, um símbolo da emancipação sexual dos anos 70, por uma amargurada carceirista em vias de recuperação de sua "dependência" em *Any Woman's Blues* - um livro que tenciona, segundo as pomposas afirmações da autora, "demonstrar em que beco sem saída a chamada revolução sexual desembocou, e quão desesperadas as chamadas mulheres livres se tornaram nos últimos anos da nossa decadente época".

Manuais de auto-ajuda fornecem o mesmo diagnóstico para a atual aflição feminina. "O feminismo, tendo prometido um sentido mais forte para a identidade, lhe proporecionou uma *crise* de identidade", conclui o grande sucesso editorial *Being a Woman*. Os autores do verdadeiro clássico *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas* proclamam que a angústia das mulheres foi "uma infeliz conseqüência do feminismo", porque "criou o mito, entre elas, de que o ápice da realização pessoal só poderia ser alcançado através da autonomia, da independência e da carreira".

Nos tempos de Reagan e Bush, os funcionários do governo se apressaram a endossar esta tese. A porta-voz de Reagan, Faith Whittlesey, no único discurso oficial da Casa Branca sobre a condição da mulher americana, definiu o feminismo como uma verdadeira "camisa-de-força" para as mulheres. Oficiais de justiça e juizes também levantaram o dedo acusador contra o femi-

nismo, afirmando que viam uma conexão entre o aumento de independência feminina e o aumento da patologia feminina. Um delegado californiano explicou à imprensa: "as mulheres, atualmente, estão gozando de muito mais liberdade e, em consequência disso, estão cometendo mais crimes". O procurador-geral da Comissão sobre Pornografia dos Estados Unidos chegou mesmo a sugerir que o crescente sucesso profissional das mulheres poderia ser o responsável pelo aumento dos índices de estupro. Em seu relatório, os membros da comissão chegaram à conclusão de que, havendo um maior número de mulheres na escola e no mercado de trabalho, as mulheres simplesmente criaram mais oportunidades de serem estupradas.

Alguns acadêmicos também se juntaram a este consenso - e são eles os "especialistas" que receberam o maior destaque por parte da mídia. Nos noticiários da TV e nos programas de entrevistas eles têm alertado as mulheres dizendo que o feminismo as condenou a uma "vida inferior". Estudiosos de direito levantaram-se contra a "armadilha da igualdade". Sociólogos afirmaram que reformas "inspiradas no feminismo" tiraram da mulher qualquer tipo de "proteção especial" que porventura tivessem. Economistas argumentaram que mulheres bem-remuneradas acabaram criando "uma família menos estável". E houve demógrafos que, com grande estardalhaço, legitimaram o ponto de vista corrente com dados supostamente imparciais sobre a proporção entre o sexo e a incidência da fertilidade. Eles afirmam que possuem números que provam que a igualdade não combina com casamento e maternidade.

Finalmente, algumas das próprias mulheres "liberadas" juntaram-se às lamentações. Em relatos pessoais, trabalhos que invariavelmente são recebidos com a maior simpatia pela indústria editorial, "supermulheres redimidas" contam tudo. Em *The Cost of Loving: Women and the New Fear of Intimacy*, Megan Marshall, uma escritora oriunda de Harvard, afirma que o "mito da independência" feminista transformou a sua geração num bando de velocistas infelizes e mal-amadas, "desumanizadas" pela carreira e "inseguras quanto à sua identidade". Outros diários de supermulheres loucas acrescentam que "o exacerbado ponto de vista feminista", como um deles o define, condenou instruídas executivas a noites solitárias diante de comida congelada e tristonhas bebidas. O triunfo da igualdade, eles alegam, só serviu para dar às mulheres problemas alérgicos, dores de estômago, tiques nervosos, por fim, coma.

Mas de que "igualdade" será que tantas autoridades estão falando?

Se as mulheres americanas são tão iguais, por que representam, então, dois terços de todos os adultos pobres? Por que mais de 80% das mulheres que trabalham em tempo integral ganham menos de 20 mil dólares por ano, uma porcentagem quase duas vezes maior do que o índice masculino de pobreza? Por que é muito mais provável que elas morem em casebres, que não tenham direito a seguro-saúde e que na proporção de dois para um em

relação aos homens não tenham aposentadoria alguma? Por que o salário médio de uma mulher continua tão inferior ao salário médio dos homens quanto há vinte anos? Por que qualquer mulher com formação universitária continua ganhando menos que um homem que tenha apenas o curso secundário (exatamente como acontecia nos anos 50) - e por que a mulher com curso secundário completo continua ganhando menos que um homem com o curso incompleto? Por que, com efeito, as mulheres americanas têm que enfrentar uma terrível defasagem salarial baseada na discriminação sexual adotada em todo o mundo desenvolvido?

Se as mulheres realmente "chegaram lá", por que então quase 80% das que trabalham continuam presas a ocupações "femininas" - secretárias, auxiliares de escritório e balconistas? E por que, ao contrário, elas só representam 8% de todos os juizes federais e estaduais, menos de 6% de todos os associados em firmas de advocacia e menos de 0,5% de todos os gerentes das grandes empresas? Por que só menos de 5% do total de diretores-executivos são mulheres - e por que mais da metade das diretorias citadas na *Fortune* não têm sequer uma representante feminina?

Se as mulheres "estão com tudo", por que continuam desprovidas dos requisitos básicos para conseguir a igualdade na força de trabalho? Ao contrário de praticamente todas as demais nações industrializadas, os EUA ainda não têm um plano de creches e assistência à infância - e mais de 99% dos empregadores do setor privado tampouco lhes oferecem um programa de assistência. Embora os líderes empresariais afirmem que levam em consideração e deplorem a discriminação sexual, a América corporativa ainda não fez nenhum esforço sério para acabar com ela. Em 1990, numa pesquisa nacional da revista *Fortune* entre os altos executivos de mil companhias, mais de 80% reconheceram que a discriminação impede a ascensão funcional feminina - e mesmo assim, menos de 1% destas mesmas companhias considerava o fim da discriminação sexual como meta a ser atingida pelos seus departamentos de pessoal. Com efeito, quando se pediu que os encarregados de recursos humanos das referidas empresas classificassem as prioridades dos seus departamentos, a promoção das mulheres ficou em último lugar.

Se as mulheres são tão "livres", por que suas liberdades de reprodução estão mais ameaçadas agora do que há dez anos? Por que mulheres que querem adiar a gravidez têm hoje em dia menos opções do que há uma década? A disponibilidade de diferentes formas de contracepção diminuiu, as pesquisas para novos meios de controle de natalidade foram praticamente interrompidas, novas leis limitando o aborto - ou até *informações* sobre o aborto - de mulheres jovens e pobres foram votadas.

Nem podemos dizer que a luta feminina para a educação chegou a bom termo; como provou uma pesquisa de 1989 - 3/4 de todas as escolas secundárias continuam violando a lei federal que elimina a discriminação sexual

na educação. Nas universidades, as estudantes só recebem 70% da ajuda concedida aos seus colegas homens na forma de gratificações e bolsas de pesquisa - e os programas esportivos femininos só recebem uma fração daquilo que cabe aos masculinos.

Nem podemos dizer que as mulheres gozam de igualdade em suas próprias casas, onde elas ainda se encarregam de 70% das tarefas - a única mudança ocorrida nos últimos 15 anos é que agora os homens da classe média *acham* que estão se ocupando mais com as tarefas domésticas. Em muitos estados os maridos que violentam suas mulheres ainda não são penalizados e presos, têm leis que condenam à prisão por violência doméstica - embora o espancamento tenha sido a causa principal de ferimentos em mulheres no fim dos anos 80. As mulheres que acham que a fuga é a sua única opção concluem que ela não chega a representar uma grande alternativa.

Podem dizer à vontade que as mulheres foram "liberadas", mas não é bem isto que as próprias mulheres pensam. A maioria das mulheres vem repetindo constantemente, em pesquisas nacionais, que ainda estão muito longe da igualdade. Quase 70% das mulheres ouvidas pelo *New York Times* em 1989 disseram que o movimento pelos direitos das mulheres estava apenas engatinhando. Na pesquisa de opinião encomendada pelo cigarro Virginia Slims, em 1990, a maioria das entrevistadas concordou com a afirmação de que as condições do sexo feminino na sociedade americana tinham melhorado "um pouco, mas não muito". Em mais e mais pesquisas ao longo da década, a avassaladora maioria das mulheres tem reivindicado igualdade de salários e oportunidades de emprego, uma emenda pela igualdade de direitos, direito de aborto sem interferência do Estado, uma lei federal garantindo a licença-maternidade, um sistema assistencial decente para as suas crianças. Não têm nada disto. Como é, então, que nós "ganhamos" a guerra pelos direitos das mulheres?

Diante deste panorama, a tão alardeada idéia de que o feminismo é o responsável pela infelicidade das mulheres torna-se absurda - e irrelevante. Como veremos no capítulo a seguir, as aflições atribuídas ao feminismo não passam de mitos. Da "falta de homens" à "epidemia de infertilidade", do "estresse feminino" à "prejudicial dupla jornada de trabalho", estas pretensas crises femininas tiveram sua origem não nas condições reais da vida das mulheres mas sim num sistema fechado que começa e termina na mídia, na cultura popular e na publicidade - um contínuo *feedback* que perpetua e exagera a sua própria imagem fictícia da feminilidade.

As mulheres, por sua vez, não apontam o movimento feminista como sendo a causa da sua infelicidade. Ao contrário, em pesquisas nacionais 75 a 95% delas acham que a campanha feminista *melhorou* as suas vidas, e a mesma proporção afirma que o movimento deveria continuar na sua luta por

mudanças. Menos de 8% julgam que o feminismo possa ter realmente piorado as coisas.

O que então está perturbando a população feminina? Se os numerosos avaliadores da Questão Feminina realmente quisessem saber, poderiam pelo menos se dar ao trabalho de perguntar às mulheres. Nas pesquisas de opinião pública, as mulheres classificam em massa a *desigualdade*, no trabalho e no lar, como sendo o tema mais relevante para elas. Não param de queixar-se com os entrevistadores da falta de oportunidades econômicas (e não de maridos); insurgem-se contra o fato de os homens que trabalham (e não das mulheres que trabalham) não passarem tempo algum com os filhos ou na cozinha. Os analistas de pesquisa da Organização Roper acham que a oposição masculina à igualdade é "uma das principais causas de ressentimento e estresse" e "um dos principais motivos de irritação das mulheres na atualidade". O que as mulheres sentem que realmente lhes falta é justiça, e não alianças de casamento e berços. Quando o *New York Times* fez, em 1989, um levantamento entre as mulheres para saber "qual era o problema mais sério que elas estavam enfrentando", a discriminação no trabalho ganhou disparado; as crises que os meios de comunicação e a cultura popular ficam citando o tempo todo nem chegaram a ser mencionadas. Na pesquisa do Virginia Slims, em 1990, o que mais incomodava as mulheres era a falta de dinheiro e o fato de os maridos se recusarem a compartilhar na criação dos filhos e nas tarefas domésticas. Em compensação, ao serem perguntadas sobre o que achavam da procura de um marido, de um trabalho que não as "pressionasse tanto" ou de escolher o lar como opção, consideraram estes assuntos de interesse apenas periférico.

Nos anos 80 o desconforto das mulheres com a desigualdade aumentou. Em pesquisas de âmbito nacional, as fileiras de mulheres que se queixavam da discriminação nos negócios, na vida pública e particular engrossaram a olhos vistos. O índice de mulheres insatisfeitas com a disparidade de oportunidades de emprego deu um salto de mais de dez pontos em relação aos anos 70, e o número de mulheres que se queixavam de obstáculos para promoções cresceu mais ainda. No fim da década, 80 a 95% das mulheres diziam sofrer discriminação no trabalho e tratamento salarial diferenciado. No governo Reagan, as denúncias de discriminação sexual subiram mais de 25% nas estatísticas da Comissão para a Igualdade de Oportunidades de Emprego, e as denúncias de assédio sexual em relação às mulheres trabalhadoras mais do que duplicaram. No lar, um número muito maior de mulheres queixou-se com os entrevistadores de maus-tratos por parte dos homens, relacionamento desigual e, nas palavras da pesquisa do Virginia Slims, dos esforços masculinos para "manterem as mulheres por baixo". Na pesquisa da Roper, a propor-

ção de mulheres que consideravam os homens "basicamente atenciosos, gentis e prestimosos" caiu de quase 70% em 1970 para 50% em 1990. E as mulheres também sentiram-se mais ameaçadas fora de casa: no levantamento do Virginia Slims, em 1990, 72% das mulheres disseram sentir-se "mais amedrontadas e menos à vontade nas ruas, atualmente", do que alguns anos antes. E para que não se atribua isto a um aumento generalizado das atividades criminosas, é bom lembrar que só 49% dos homens deram a mesma resposta.

Embora o movimento feminista tenha certamente tornado as mulheres mais conscientes da sua própria desigualdade, nem por isto o crescente protesto feminino deveria ser descartado como sendo apenas "hipersensibilidade" atizada pelo feminismo. Os analistas que acompanham a queda de status das mulheres têm trabalhado a todo vapor desde o começo dos anos 80. Pesquisas governamentais ou privadas estão mostrando que a já grande representação das mulheres nos trabalhos mais humildes está aumentando, enquanto a sua presença em ofícios melhor remunerados parou de crescer ou declinou, a sua minúscula representação nos níveis executivos mais altos estabilizou-se ou caiu, e os seus salários aviltaram-se até naquelas atividades em que elas alcançaram seus maiores "sucessos". A condição das mulheres que ocupam as posições mais baixas da escala salarial despencou perigosamente; só os cortes orçamentários durante os primeiros quatro anos do governo Reagan empurraram quase dois milhões de famílias chefiadas por mulheres e quase 5 milhões de mulheres para um nicho abaixo da linha da pobreza. E o alvo principal dos recursos do governo fixou-se em um único sexo: um terço dos cortes orçamentários de Reagan, por exemplo, incidiu sobre programas que iriam principalmente ajudar as mulheres - coisa ainda mais espantosa se considerarmos que todos estes programas, em conjunto, só representavam 10% do orçamento federal.

E não foi só na força de trabalho que os alarmes começaram a disparar. Na década de 1980, o pequeno número de representantes femininas no cenário político tornou-se ainda menor, seja em cargos eletivos ou em cargos por nomeação. Na vida privada, a pensão média paga por homens divorciados para sustentar os filhos caiu em cerca de 25% entre o fim dos anos 70 e meados de 80. Os abrigos contra a violência doméstica assinalaram um aumento de mais de 100% no número de mulheres que neles buscaram proteção entre 1983 e 1987. E os arquivos policiais registraram um aumento espetacular da violência sexual contra as mulheres. As denúncias de estupro mais que dobraram desde o começo dos anos 70 - com um índice duas vezes maior do que qualquer outro crime violento e quatro vezes maior do que a taxa geral de criminalidade nos Estados Unidos. Enquanto o número percentual de homicídios diminuía, os assassinatos por motivos sexuais subiram 160% entre 1976 e 1984. E estes assassinatos não foram apenas o subproduto casual e impessoal de uma sociedade violenta; pelo menos um terço das mu-

lheres foram mortas pelos maridos ou pelos namorados, e a maioria delas foi assassinada logo após declarar sua independência da forma mais explícita possível - pedindo o divórcio e saindo de casa.

No fim da década, as mulheres começaram a deixar transparecer nas pesquisas o receio de que a condição social do seu sexo poderia estar mais uma vez perdendo terreno. Tinham a impressão de estar diante de uma "erosão do respeito", como foi resumido pelo Virginia Slims em sua pesquisa de 1990. Segundo as conclusões da Organização Roper, depois de vários anos em que uma porcentagem cada vez maior de mulheres afirmava gozar de um status superior ao da década anterior a proporção caiu repentinamente para apenas 5%. E a queda foi mais acentuada entre as mulheres de trinta, a faixa etária mais visada pela mídia e pela publicidade - caindo cerca de dez pontos percentuais entre 1985 e 1990.

Algumas mulheres começaram a juntar as peças. Na pesquisa do *New York Times*, em 1989, mais da metade das mulheres negras e um quarto das mulheres brancas soltaram o verbo. Disseram aos entrevistadores que, no entender delas, os homens estavam agora tentando retirar delas os ganhos que haviam conseguido acumular nos últimos vinte anos. "Eu queria mais autonomia", afirmou uma enfermeira de 37 anos, acrescentando que seu nada amoroso marido "queria tirá-la dela".

A verdade é que os anos 80 presenciaram um poderoso contra-ataque aos direitos da mulher, levando a um retrocesso, a uma tentativa de reduzir o punhado de pequenas e sofridas vitórias que o movimento feminista a custo conseguiu. Este refluxo antifeminista, ou backlash, é extremamente insidioso: travestido de versão popular da Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína.

O backlash é ao mesmo tempo requintado e banal, decepcionantemente "progressista" e orgulhosamente retrógrado. Ostenta as "novas" descobertas da "pesquisa científica", assim como o moralismo bolorento do passado; transforma em notícias de TV tanto a oratória psicologizante dos analistas de tendências, quanto a frenética retórica dos defensores da Nova Direita. Este backlash conseguiu enredar praticamente todo o tema relacionado aos direitos da mulher em sua própria linguagem. Assim como a política de Reagan desviou o seu discurso para a extrema direita pintando o liberalismo com as mais diabólicas cores, da mesma forma o contra-ataque antifeminista convenceu o público de que a "liberação" da mulher era a verdadeira praga contemporânea - a razão de ser de uma interminável lista de roupa suja de problemas pessoais, sociais e econômicos.

O que tornou as mulheres infelizes, nestes últimos anos, entretanto, não foi a "igualdade" - da qual elas ainda não desfrutam -, mas sim a pressão cada vez maior para deter, e até reverter, a busca feminina da igualdade. A

"falta de homens" e a "epidemia de infertilidade" não são o preço da liberação; na verdade, elas nem existem. Mas estas quimeras são os cinzéis de um retrocesso que atinge toda a sociedade. Elas participam de um incansável processo corrosivo - uma boa parte do qual não passa de descarada propaganda - que serviu para exacerbar as angústias íntimas femininas e quebrar a sua vontade política. Qualificar o feminismo como inimigo das mulheres só disfarça os motivos do golpe contra a igualdade da mulher, desviando ao mesmo tempo a atenção do papel central do backlash e angariando recrutas para que lutem contra sua própria causa.

Alguns analistas sociais poderiam perfeitamente se perguntar se as atuais pressões sobre as mulheres constituem de fato um refluxo - ou apenas a perpetuação da antiga resistência da sociedade contra os direitos da mulher. Não há dúvida de que a hostilidade contra a independência feminina sempre esteve entre nós. Mas se o medo e a intolerância em relação ao feminismo são uma espécie de condição viral da nossa cultura, isto não quer dizer que eles sempre se manifestem em sua fase aguda; os sintomas permanecem e periodicamente voltam à tona. E são justamente estes episódios de reincidência, como o que estamos vivendo agora, que podemos definir como "backlash", um contra-ataque para impedir o progresso da mulher. Se investigarmos estas ocorrências na história americana (como faremos num capítulo posterior), descobriremos que tais surtos raramente são casuais; eles sempre são ocasionados pela percepção - correta ou não - de que as mulheres estão avançando a passos largos. São backlashes porque sempre surgem como reação contra o "progresso" das mulheres, causados não apenas por um substrato de misoginia mas sim por esforços específicos pela melhoria de suas condições, esforços que sempre foram interpretados pelos homens - especialmente aqueles confrontados com ameaças reais ao seu bem-estar econômico e social em outros campos - como algo que iria levá-los à ruína.

O avanço mais recente do backlash veio à tona no fim dos anos 70 entre as fileiras da direita evangélica. Já no começo da década de 1980, a ideologia fundamentalista tinha aberto caminho até a Casa Branca. Em meados da década, uma vez que a resistência contra os direitos da mulher tinha adquirido aceitação política e social, passou-se para a cultura popular. Em ambos os casos, a escolha do momento coincidiu com sintomas de que as mulheres estavam a ponto de vencer.

Justamente quando a luta das mulheres pela igualdade de direitos parecia mais próxima da concretização de seus objetivos, o backlash passou-lhe a perna. Justamente quando um "abismo entre os sexos" manifestou-se nas urnas de 1980, e as mulheres começaram a capitalizar o fato politicamente, o partido republicano escolheu Ronald Reagan e ambos os partidos políticos começaram a descartar os direitos da mulher dos seus programas. Justamente quando o apoio ao feminismo e à Emenda pela Igualdade de Direitos chegou

ao ápice em 1981, a emenda não passou no ano seguinte. Justamente quando as mulheres estavam começando a mobilização contra os espancamentos e as agressões sexuais, o governo federal sustou os fundos para os programas em prol das mulheres espancadas, derrotou propostas para subvencionar novos abrigos e fechou a sua Secretaria para a Violência Doméstica - apenas dois anos após a sua inauguração, em 1979. Justamente quando um número sem precedentes de mulheres jovens estava apoiando as metas feministas, em meados dos anos 80 (havia mais jovens, de fato, do que mulheres idosas), e quando a maioria das mulheres se consideravam feministas, a mídia anunciava o surgimento de uma ainda mais jovem "geração pós-feminista" que supostamente repudiava o feminismo. Justamente quando as mulheres alcançavam a maior aceitação de todos os tempos em defesa do direito de aborto, a Corte Suprema dos Estados Unidos deu para trás e reconsiderou o assunto.

Em outros termos, o contra-ataque antifeminista não foi deflagrado pelo fato de as mulheres terem conseguido uma igualdade plena, mas pela mera possibilidade de elas conseguirem atingi-la. É um golpe usurpador que detém as mulheres muito antes de elas atingirem a linha de chegada. "Um backlash pode ser um sinal de que as mulheres realmente obtiveram sucesso", diz a psiquiatra Jean Baker Miller, "mas os backlashes acontecem quando os avanços ainda são pequenos, antes que as mudanças sejam suficientes para ajudar um bom número de pessoas... Quase parece que os líderes dos backlashes usam o medo da mudança como ameaça antes que modificações de peso possam acontecer." Na última década, algumas mulheres certamente fizeram enormes progressos antes do retrocesso, mas milhões de outras foram deixadas para trás, abandonadas. Algumas mulheres gozam agora do direito de aborto legal - mas não os 44 milhões, entre indigentes e alistadas no exército, que dependem do governo federal para a sua assistência médica. Algumas delas podem agora trabalhar em profissões muito bem pagas - mas não aqueles mais de dezenove milhões, que ainda ficam atrás de uma máquina de escrever ou de um balcão de loja.

Ao ganhar força, o backlash selecionou e discriminou, e as poucas mulheres que tiveram sucesso procuram provar, como tática de sobrevivência social, que afinal de contas não estão assim tão interessadas em progredir. Algumas delas ostentam para isso sua deserção do movimento feminista, enquanto suas colegas de trabalho se juntam e aderem aos restos despedaçados da causa feminista. Enquanto pouquíssimas mulheres ricas e famosas aparecem nas crônicas sociais se gabando de "terem se encontrado como esposas" e de gostarem de ficar em casa "fazendo pão", a maioria das trabalhadoras clama por seus direitos econômicos - filiando-se aos sindicatos como nunca aconteceu antes, fazendo greve por conta própria por salários justos e formando os seus próprios grupos incipientes em defesa dos direitos da mulher. Em 1986, enquanto 41% das mulheres com renda elevada decla-

ravam à pesquisa do Gallup que não eram feministas, só 26% das menos afortunadas diziam ser da mesma opinião.

Os avanços e os recuos das mulheres são geralmente descritos em termos militares: batalhas vencidas, batalhas perdidas, posições e territórios conquistados ou cedidos. A metáfora do combate não deixa de ter os seus méritos neste contexto e, obviamente, o mesmo tipo de relato e de vocabulário já deve estar aparecendo aqui. Mas ao imaginarmos o conflito em termos de dois batalhões claramente postados cada um do seu lado, estaríamos esquecendo a natureza tortuosa e intrincada de uma "guerra" entre as mulheres e a cultura machista em que elas vivem. Estaríamos esquecendo a natureza reativa de um backlash que, por definição, só pode existir como resposta a outra força.

Quando o feminismo está em baixa, as mulheres assumem o papel reativo - lutando isoladamente e quase sempre às escondidas para se afirmarem contra a onda cultural dominante. Mas quando o próprio feminismo se torna a onda, para a oposição a recíproca não é verdadeira: ela finca o pé, agita os punhos, constrói muralhas e represas. E a sua resistência cria traiçoeiras resacas e conflitantes correntezas.

A força e o furor do contra-ataque antifeminista agitam-se por baixo da superfície, quase sempre invisíveis para a maioria. Na última década, houve ocasiões em que se tornaram visíveis. Já vimos políticos da Nova Direita condenando a independência das mulheres, manifestantes contra o aborto jogando bombas incendiárias em clínicas, pregadores fundamentalistas condenando as feministas como "prostitutas" e "bruxas". Outros sinais da fúria do backlash, devido à sua própria brutalidade, podem às vezes chegar até a consciência do público - o repentino aumento dos casos de estupro, por exemplo, ou o crescente sucesso da pornografia que exhibe extrema violência em relação às mulheres.

Alguns indicadores mais sutis da cultura popular podem até merecer comentários, momentâneos e quase sempre confusos, por parte da mídia, para serem logo a seguir esquecidos pela consciência social: um relatório, por exemplo, em que se constata que a imagem da mulher nos programas do horário nobre da televisão degenerou de repente. Uma pesquisa na literatura de mistério revelou que o número de mulheres mutiladas e torturadas cresceu misteriosamente. A surpreendente notícia, dada por um comentarista de rádio, segundo a qual "já são tantas as músicas contendo a palavra *bitch* (cadela) para indicar a mulher, que algumas das músicas *rap* parecem estar virando músicas *rape* (estupro)". O sucesso de comediantes violentamente misóginos como Andrew Dice Clay - que chamava as mulheres de "porcas" e "prostitutas" e se pavoneava em filmes em que as mulheres eram espanca-

das, torturadas e mortas - ou radialistas como Rush Limbaugh, cujos ataques verbais contra as "nazifeministas" tornaram seu programa o mais popular *talk-show* do rádio no país. Ou o fato de a American Women in Radio & Television não ter podido outorgar o seu prêmio anual de propaganda, em 1987, para anúncios que mostrassem a mulher de forma positiva: simplesmente não encontrou anúncio algum dentro das especificações.

Estes fatos estão todos relacionados entre si, mas não quer dizer que sejam coordenados. O backlash não é uma conspiração, com um conselho emanando ordens de uma sala de controle central, e as pessoas que se prestam aos seus fins muitas vezes nem estão conscientes dos seus papéis; algumas até se consideram feministas. Na maioria dos casos, as suas maquinacões são disfarçadas e ocultas, impalpáveis e camaleônicas. E tampouco podemos dizer que todas as manifestações do backlash tenham o mesmo peso e o mesmo significado; muitas não passam de coisas efêmeras, geradas por uma máquina cultural que está continuamente à cata de "novos" ângulos. Considerados em conjunto, entretanto, todos estes códigos e bajulações, estes murmúrios e ameaças e mitos, levam irreversivelmente numa única direção: tentar mais uma vez prender a mulher aos seus papéis "aceitáveis" - seja como filhinha de papai ou criaturazinha romântica, seja como procriadora ativa ou passivo objeto sexual.

Embora o contra-ataque antifeminista não seja um movimento organizado, nem por isto deixa de ser destrutivo. Com efeito, a falta de coordenação, a ausência de uma única liderança só servem para torná-lo menos visível - e talvez mais eficiente. Um backlash contra os direitos da mulher tem sucesso na medida em que parece *não* ter conotações políticas, na medida em que se mostra como tudo, menos uma luta. Ele é tanto mais poderoso, quanto mais consegue transformar-se numa questão privada, penetrando na mente da mulher e torcendo a sua visão para dentro, até ela imaginar que a pressão está toda na cabeça dela, até ela começar a impor as regras do backlash a si mesma.

Nos anos 80, o backlash andou pelos subterrâneos secretos da cultura, circulando pelos corredores da bajulação e do medo. Ao longo do caminho usou vários disfarces: desde a máscara de uma condescendente ironia até a expressão sofrida da "profunda preocupação". Os seus lábios demonstram piedade por qualquer mulher que não se enquadre na moldura, enquanto procura prendê-la na moldura. Professa uma estratégia de cizânia: solteiras contra casadas, mulheres que trabalham fora contra donas-de-casa, classe média contra operárias. Manipula um sistema de punição e recompensa, enaltecendo as mulheres que seguem as suas regras, isolando as que desobedecem. O backlash revende velhos mitos sobre as mulheres fazendo-os passar por fatos novos, ignorando qualquer apelo à razão. Acuado, nega a sua própria existência, levanta um dedo ameaçador contra o feminismo e procura desaparecer nos subterrâneos.

O atentado contra os direitos da mulher usa a sua retórica para acusar as feministas de todos os atos que ele pratica. As fileiras do backlash culpam o movimento feminista pela "feminização da pobreza" - quando os próprios instigadores do backlash votaram os cortes orçamentários que causaram o empobrecimento de milhões de mulheres, lutaram contra a isonomia salarial e carcomeram as leis para a igualdade de oportunidades. As fileiras do backlash bradam que o movimento feminista não se importa com os direitos da criança - enquanto os seus próprios representantes na capital e nos estados bloquearam seguidamente todas as propostas para a assistência infantil, cortaram bilhões de dólares dos subsídios federais à infância e afrouxaram os padrões para o funcionamento das creches estaduais. As fileiras do backlash acusam o movimento feminista da criação de uma geração de infelizes mulheres solteiras e sem filhos - mas os seus defensores na mídia são os verdadeiros responsáveis por fazer com que as solteiras e as mulheres sem filhos se sintam monstros de circo.

Culpar o feminismo pela "vida inferior" das mulheres significa não entender nada do movimento feminista, que se propõe oferecer às mulheres um leque maior de experiências. O feminismo continua sendo um conceito bastante simples, apesar das repetidas - e extremamente eficazes - tentativas de pintá-lo com cores sombrias transformarem suas defensoras em verdadeiras gárgulas. Como escreveu Rebecca West ironicamente em 1913: "Eu mesma nunca cheguei a entender direito o que quer dizer feminismo: só sei que as pessoas me chamam de feminista toda vez que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho."

Na verdade, o sentido da palavra "feminista" nada mudou desde que apareceu pela primeira vez numa resenha literária publicada na *Athenaeum*, em 27 de abril de 1895, descrevendo uma mulher que "tem nela a capacidade de lutar para chegar à sua própria independência". É a proposta básica feita por Nora, há um século, em *Casa de bonecas*, de Ibsen, "antes de mais nada, eu sou um ser humano". É simplesmente o cartaz que uma mocinha segurava em 1970 durante a Greve das Mulheres pela Igualdade: EU NÃO SOU UMA BONECA BARBIE. O feminismo pede que o mundo finalmente reconheça que as mulheres não são elementos decorativos, biscuits preciosos, membros de um "grupo de particular interesse". Elas são merecedoras de direitos e de oportunidades, tão capazes de participar dos acontecimentos mundiais quanto os homens. O programa feminista é muito simples: pede que as mulheres não sejam forçadas a "escolher" entre justiça pública e felicidade privada. Pede que as mulheres sejam livres para definir a si mesmas - em lugar de terem a sua identidade definida pela cultura e pelos homens que as cercam.

O fato de estes assuntos continuarem sendo tão incendiários deveria bastar para mostrar que a mulher ainda tem um longo caminho a percorrer antes de entrar na terra prometida da igualdade.

PARTE 1
MITOS E
FLASHBACKS

2

Falta de homens e úteros estéreis: Os mitos do backlash

No fim da década de 1980, muitas foram as mulheres que se tornaram amargamente conscientes destes dados "estatísticos":

- A "falta de homens" ameaçando as possibilidades de casamento.
FONTE: Famoso levantamento feito em 1986 por pesquisadores das universidades de Harvard e Yale.
RESULTADO: Uma mulher com formação universitária aos 30 anos tem 20% de probabilidade de se casar; aos 35, apenas 5%; e aos 40 anos, somente 1,3%.
- Uma "desastrosa" queda do status econômico afetando as mulheres que se divorciam.
FONTE: Pesquisa realizada em 1985 por um sociólogo da Universidade de Stanford.
RESULTADO: A mulher média sofre uma queda de 73% no seu nível de vida um ano após o divórcio, enquanto o homem médio goza de uma elevação de 42%.
- Uma "epidemia de infertilidade" acometendo mulheres profissionais que decidiram adiar a gravidez.
FONTE: Levantamento feito em 1982 por dois pesquisadores franceses.
RESULTADO: Mulheres de 31 a 35 anos têm 39% de probabilidade de não serem capazes de conceber, uma queda de 13 pontos percentuais em relação às mulheres com menos de 30 anos.
- Uma "profunda depressão emocional" ou "esgotamento nervoso" afetando, respectivamente, solteiras e executivas.
FONTE: Vários estudos psicológicos.
RESULTADO: Ausência de dados precisos, apenas a constatação de que a saúde mental das mulheres nunca esteve tão ruim, e está piorando em direta proporção à tendência de as mulheres continuarem solteiras ou devotadas à carreira.

Estes são os argumentos fundamentais que sustentam a reação contra a busca da igualdade por parte da mulher. Eles têm uma coisa em comum: são todos falsos.

Sem dúvida isto pode parecer incrível. Todos nós já ouvimos estas afirmações e vimos estes dados tantas vezes, como se fossem ecos intermináveis das forças da reação, que fica difícil descartá-los. Como pode uma informação tão distorcida, tão falha ou simplesmente falsa tornar-se uma quase-verdade universal? Antes de analisarmos estes mitos, talvez seja interessante examinar como a mídia tratou especificamente das pesquisas estatísticas, para que possamos responder à pergunta.

ESTATÍSTICAS E A HISTÓRIA DE DOIS CIENTISTAS SOCIAIS

Em 1987, a mídia teve a oportunidade de avaliar o trabalho de dois cientistas sociais. Um deles, uma mulher, denunciara a hostilidade à independência feminina; o outro, um homem, a endossara.

"O que pudemos perceber de Shere Hite, nestas últimas semanas, é que se trata de uma típica representante da demagogia populista", informava *Newsweek* no seu número de 23 de novembro de 1987, num artigo intitulado "Os homens não são o único problema dela". Shere Hite acabava de publicar a parte final da sua pesquisa sobre sexualidade e relacionamentos, *As mulheres e o amor: uma revolução cultural em andamento*, um detalhado resumo das opiniões de 4.500 mulheres. Resultado da pesquisa: a maioria das mulheres está aflita e angustiada devido à persistente relutância masculina em tratá-las como iguais. Quatro quintos delas diziam que ainda tinham que lutar em seu próprio lar por respeito e pelos seus direitos, e só 20% afirmaram ter conseguido o mesmo status. A busca delas por uma maior independência, confessaram, tinha desencadeado um crescente rancor por parte dos companheiros.

Não foi este, entretanto, o aspecto do livro que a imprensa escolheu salientar. A mídia estava ocupada demais atacando Hite em nível pessoal. A maior parte das evidências que conseguiram reunir contra ela envolvia histórias que, nas próprias palavras da *Newsweek*, "só indiretamente tinham a ver com o seu trabalho". Espalhou-se o boato de que Hite dera um soco num motorista de táxi por ele tê-la chamado de "querida", e de ela ter ligado para a imprensa fazendo-se passar por Diana Gregory, a sua própria assistente. Atitude bastante estranha, se verdadeira, mas que apenas sugere uma personalidade excêntrica, não demagógica. As maiores publicações do país dedicaram-se a procurar dicas acerca das estranhezas da pesquisa feminista com um alento fora do comum. O *Washington Post* até convocou um perito para comparar as assinaturas de Hite e de Gregory.

Não há dúvida de que o trabalho de Hite merecia uma avaliação crítica: várias dúvidas bem fundamentadas podiam ser levantadas acerca da sua abordagem estatística. Mas as conclusões de Hite mereceram atenção muito mais para serem ridicularizadas do que para serem avaliadas. "Caracte-

risticamente grandioso nos propósitos", "extremamente improvável", "duvidoso" e "sem o menor valor" foi como a *Time* liquidou o relatório Hite no seu artigo "Corta essa, companheiro" de 12 de outubro de 1987 - deixando-nos a imaginar por que, se os editores realmente eram desta opinião, dedicaram ao assunto a capa e seis páginas internas. A revista afirmava que o livro estava cheio de "posições extremistas" de "vociferantes" mulheres que provavelmente estavam "insatisfeitas". Por aquilo que a *Time* contava, entretanto, não dava para saber se as tais posições eram realmente extremistas: o verborrágico artigo só incluía duas citações, de duas frases cada, dos milhares de mulheres que Hite tinha exaustivamente investigado e citado. A mesma matéria, no entanto, abria muito espaço para os críticos de Hite - muito mais do que para a própria Hite.

Quando os meios de comunicação decidiram finalmente criticar os métodos estatísticos de Hite, as acusações foram quase sempre equivocadas ou hipócritas. Os resultados da pesquisa eram "tendenciosos", como alguns artigos afirmaram, porque Hite havia distribuído os seus questionários através de grupos que defendiam os direitos da mulher. Acontece, porém, que Hite enviara seus formulários utilizando um amplo leque de grupos femininos, inclusive associações religiosas, clubes sociais e centros de idosos. A imprensa denunciou que ela havia usado uma amostra muito pequena e não representativa. Contudo, como veremos, a maioria dos resultados de pesquisas sociais e psicológicas citados, sem a menor reavaliação, pelos jornalistas, baseia-se em amostras muito menores e não-casuais. E Hite especifica claramente no livro que os números *não* tencionam ser representativos; seu objetivo, ela explica, era simplesmente dar ao maior número possível de mulheres um fórum onde pudessem expressar os seus pensamentos íntimos e ocultos. Na verdade, o livro é muito mais uma coletânea de citações do que de números.

Embora a mídia tenha classificado as histórias destas mulheres sobre os seus maridos e namorados como "azedas diatribes contra os homens", as vozes no livro de Hite são muito mais desamparadas do que vingativas: "Entreguei de corpo e alma tudo aquilo que sou e possuo... ficando sem nada, solitária e ferida, e ele ainda quer mais de mim. Estou cansada, muito cansada." "Ele se esconde atrás de um muro de silêncio." "Sinto-me quase sempre marginalizada - e nunca sua melhor amiga." "A esta altura, já duvido que ele me ame ou deseje... Tento ser feminina e atraente, e fazer coisas que o deixam contente." "No dia-a-dia, ele vive me criticando por qualquer bobagem, portas do quarto ou do armário que deixei abertas... Não gosto de vê-lo zangado. De forma que fico fechando armários e gavetas, apagando as luzes, apanhando o que ele deixa espalhado etc, etc, sem dizer nada."

Destes relatos pessoais, Hite tira alguns dados acerca da atitude das mulheres em relação ao casamento, à monogamia e aos relacionamentos. O fato

de a mídia achar estes dados tão ameaçadores para os homens demonstra quão facilmente o histerismo em relação à "agressão" feminina explode durante um refluxo antifeminista. Haveria realmente motivo para a imprensa ficar furiosa - ou até surpresa - por a queixa principal das mulheres em relação aos homens ser a de que eles "não escutam"?

A mídia pareceu confirmar a queixa das mulheres mostrando-se surda às suas reclamações. Talvez tenha sido mais fácil dar uma lida rápida nas tabelas numéricas no fim do livro, do que digerir as centenas de páginas cheias de densas e perturbadoras histórias pessoais. Ou talvez alguns jornalistas simplesmente não agüentassem ouvir o que estas mulheres tinham a dizer; as acaloradas denúncias do relatório Hite sugerem uma emoção muito mais próxima do medo do que da raiva proposta pelas charges que ilustram a matéria da *Time*, que incluíam uma mulher de pé sobre o peito de um homem prostrado, uma mulher jogando um tubarão na banheira do marido e uma mulher agitando uma língua viperina na cara de um homem apavorado.

Ao mesmo tempo que a imprensa ridicularizava Hite por ter sugerido que a resistência masculina poderia ser parcialmente responsável pela infelicidade das mulheres, dava o maior apoio a outro cientista social cuja teoria - afirmando que a atual aflição feminina se devia justamente à igualdade das mulheres - era mais condizente com o pensamento antifeminista. O psicólogo Sully Blotnick, colaborador da revista *Forbes* e um dos "especialistas" mais cotados pela mídia quando se trata das lutas enfrentadas pelas mulheres em suas carreiras, tinha levado a cabo o que ele chamou de "a maior e mais extensa pesquisa já feita nos Estados Unidos sobre a mulher trabalhadora". A sua conclusão: o sucesso no trabalho "envenena tanto a vida profissional quanto a vida pessoal das mulheres". No seu livro de 1985, *Otherwise Engaged: The Private Lives of Successful Women*, Blotnick afirmava que a sua pesquisa de 25 anos com 3.466 mulheres provava que executivas de sucesso eram propensas a uma vida sem amor, e que a sua solidão infeliz poderia até prejudicar a carreira. "Com efeito", ele escreveu, "descobrimos que a ansiedade crescente é a maior causa subjacente da perda de emprego das solteiras entre 35 e 55 anos de idade." Ele também aproveitou a ocasião para criticar o movimento feminista a que classificou de "cortina de fumaça atrás da qual a maioria das mulheres que tinham medo de ser rotuladas de egocêntricas e ambiciosas se escondia".

A mídia recebeu as suas descobertas calorosamente - ele era uma presença obrigatória em toda a parte, desde o *New York Times* até *talk-shows* na TV -, e revistas de âmbito nacional como *Forbes* e *Savvy* ofereceram-lhe centenas de milhares de dólares para levar a cabo mais pesquisas sobre estas carreiristas dominadas pela ansiedade. Ninguém duvidou da sua metodologia - embora houvesse uma margem bastante óbvia para ceticismo.

Para começar, Blotnick afirmava ter iniciado a coleta de dados em 1958,

ano em que ele estaria com apenas dezessete anos de idade. Com um orçamento bastante apertado, ele pessoalmente coletara um volumoso conjunto de dados ("três toneladas de arquivos, mais vinte e seis gigabytes em memória de computador", gabou-se em *Otherwise Engaged*) -, mais dados do que os obtidos pelo maior estudo longitudinal do governo federal com orçamento multimilionário. E o título de "dr." que ostentava também provou ser fictício; era fruto de um curso por correspondência num instituto de ensino não reconhecido. Quando informados, os editores da *Forbes* discretamente omitiram o "dr." antes do nome de Blotnick - mas mantiveram a sua coluna.

Em meados dos anos 80, Dan Collins, um repórter de *U.S. News & World Report*, foi encarregado de uma reportagem sobre o tema mais popular de então: a infelicidade das mulheres não-casadas. O editor sugeriu que ele entrasse em contato com o sempre mencionável Blotnick que acabava de aparecer numa matéria semelhante no *Washington Post*. Depois da entrevista, Collins lembra que começou a perguntar a si mesmo por que Blotnick havia se mostrado tão nervoso quando indagado acerca dos seus títulos acadêmicos. O repórter escavou fundo no passado de Blotnick e descobriu o que lhe pareceu uma história muito melhor: a carreira desta autoridade nacional erguia-se sobre areia movediça. Não só Blotnick não era um psicólogo, como também quase todo o seu currículo era lorota: até o professor que ele costumava citar como seu mentor atual estava morto há mais de quinze anos.

Os editores de Collins em *U.S. News*, porém, não estavam interessados na história - um porta-voz explicou mais tarde que não tinham "gancho" para ela -, e o artigo nunca foi publicado. Finalmente, um ano depois, quando Collins já se havia transferido para o *New York Daily News*, conseguiu convencer o seu novo empregador a publicar a matéria. O relato de Collins fez com que o estado abrisse um inquérito policial por fraude contra Blotnick, e a *Forbes* na mesma hora cancelasse sua coluna. Mas a notícia dos equívocos e falhas de Blotnick não teve lá muita repercussão na imprensa; não provocou mais que uma pequena nota na *Time*, e nada na *Newsweek*. A editora de Blotnick, a Viking Penguin, levou adiante, então, os planos de editar o seu livro mais recente. Conforme explicou Gerald Howard, editor da Viking, "Blotnick tem uma percepção tão aprimorada do comportamento das pessoas no mundo dos negócios, que eu ainda continuo creditando-lhe algum fundamento empírico".

O comportamento da imprensa em relação às descobertas de Hite e de Blotnick sugere que os dados estatísticos que mais caem no agrado da opinião pública são justamente aqueles que deveriam despertar em nós as maiores dúvidas. Eles podem perfeitamente ter ampla aceitação, não por serem

verdadeiros, mas por defenderem preconceitos maciçamente sustentados pela mídia.

Com o backlash, as estatísticas tornaram-se receitas para o comportamento feminino esperado, palavras de ordem culturais para as mulheres, descrevendo como elas *deveriam* portar-se - e como deveriam ser punidas caso se recusassem a atender ao chamado. Estes "dados" foram apresentados como sendo simplesmente algo que refletia "como eram as coisas" para as mulheres, um substrato de realidade demográfica impossível de se alterar. A única escolha das mulheres era aceitar os números e baixar a cabeça conformadas.

Com o fortalecimento do consenso em torno do backlash, as estatísticas sobre as mulheres deixaram de funcionar como barômetros sociais. Em seu lugar, os dados tornaram-se postos de controle da sociedade, posicionados a intervalos estratégicos ao longo da vida da mulher, enviando-lhe advertências sobre os perigos inerentes ao abandono da trilha convencionada. Estas diretrizes coercitivas determinaram a validade e a duração de praticamente todas as estatísticas sobre as mulheres nos anos 80, desde a coleta de dados até a sua divulgação final. Durante o governo Reagan, os demógrafos do Censo sofreram uma pressão cada vez maior para gerar dados propícios à guerra contra a independência das mulheres, para apresentar estatísticas "provando" a crescente ameaça da infertilidade, os riscos físicos e psíquicos inerentes ao aborto, o lado tenebroso da maternidade fora do casamento, os lastimáveis efeitos da ausência diária da mãe que trabalha fora. "As pessoas com que tratei no governo [Reagan] pareciam quase querer recriar as fantasias da sua própria infância", diz Martin O'Connell, chefe do setor de estatísticas sobre fertilidade do Censo. E qualquer resultado que não se adaptasse àquelas fantasias era descartado. O Serviço de Saúde Pública, por exemplo, censurou informações sobre os efeitos benéficos do aborto na saúde e rebaixou ou demitiu cientistas do governo federal cujas descobertas conflitavam com a política oficial pretensamente em prol da família.

"Quase todas as pesquisas sociais sobre a família tiveram uma finalidade moral imediata - eliminar desvios como o divórcio, o abandono, os filhos ilegítimos e o adultério - muito mais que compreender a natureza fundamental das instituições sociais", escreveu em 1948 o cientista social Kingsley Davis no seu clássico *Human Society*. Mais de cinquenta anos depois, é um dos poucos depoimentos de um demógrafo que continuam válidos.

A FALTA DE HOMENS: A HISTÓRIA DE DUAS PESQUISAS SOBRE O CASAMENTO

O Dia dos Namorados estava chegando, em 1986, e no *Advocate* de Stamford era a vez de a repórter Lisa Marie Petersen escrever a velha matéria sobre o arco e flecha de Cupido. Como ela mesma costuma lembrar, o seu

"ênfoque" seria "Namoro: está com tudo ou não está com nada?" Ela foi até o centro comercial de Stamford e entrevistou alguns homens que estavam comprando caixas de bombons e flores. Em seguida telefonou para o departamento de sociologia de Yale "só para arranjar algum dado sólido de uma fonte", ela disse. "Sabe, algo que caísse bem no terceiro parágrafo."

Ela conseguiu falar com Neil Bennett - um sociólogo de 31 anos, solteiro, que acabava de concluir, com dois colegas, uma pesquisa ainda não publicada sobre os padrões das mulheres na questão do casamento. Bennett avisou que a pesquisa não estava ainda realmente concluída, mas quando ela o pressionou, contou o que tinha descoberto: as mulheres com formação universitária que tinham dado aos estudos e à carreira prioridade sobre o casamento teriam muita dificuldade para se casarem. "Infelizmente, parece que o mercado matrimonial pode desmoronar aos pés delas", ele contou.

Bennett começou a citar números: mulheres formadas, que nunca se casaram, aos 30 anos tinham uma probabilidade de 20% de se casarem; aos 35, as suas chances caíam para 5%; aos 40, para apenas 1,3%. E as mulheres negras tinham chances ainda menores. "Fiquei de queixo caído", lembra Petersen, que estava com 27 anos e era solteira. Ela nunca pensou em questionar aqueles dados. "Normalmente a gente aceita qualquer coisa das universidades famosas. Sendo uma pesquisa de Yale, a gente simplesmente bota no papel."

O *Advocate* apresentou a notícia na primeira página. A Associated Press pegou imediatamente o artigo e o espalhou para todos os cantos da nação, e quem sabe do mundo. De uma hora para a outra Bennett se viu recebendo telefonemas da Austrália.

Nos Estados Unidos, a notícia foi absorvida por todos os meios de comunicação de massa. Os dados estatísticos mereceram a primeira página de quase todos os grandes jornais e a atenção dos programas de entrevistas de maior audiência da televisão. Acabaram sendo aproveitados em seriados de TV, em filmes como *Harry e Sally* e *Atração fatal*, em revistas femininas desde *Mademoiselle* até *Cosmopolitan*, em dezenas de manuais de auto-ajuda, em serviços de namoro por correspondência, cursos noturnos de relacionamento e em cartões-postais. Até uma agência de publicidade em ônibus botou os resultados da pesquisa à mostra nos transportes coletivos do país inteiro, de forma que balouçantes solteiras a caminho do trabalho pudessem contemplar o cartaz de uma desolada mocinha de véu e grinalda, colocada ao lado de um quadro que apregoava suas diminutas chances de se casar.

Bennett e os seus colegas, o economista de Harvard, David Bloom, e a estudante graduada em Yale, Patrícia Craig, previram a "crise do casamento" para as mulheres formadas por uma razão muito simples: as mulheres costumam se casar com homens em média dois ou três anos mais velhos. De forma que, eles raciocinaram, mulheres nascidas na primeira metade do *baby-boom*,

entre 1945 e 1957, quando o índice de nascimentos aumentava todos os anos, teriam que correr atrás de homens das menos populosas camadas mais velhas. E aquelas mulheres que decidiram conseguir seus diplomas antes de suas certidões de casamento iriam ficar pior ainda, postulavam os pesquisadores - baseados na teoria de que Deus ajuda a quem cedo madruga.

Ao mesmo tempo em que a pesquisa chegava ao conhecimento do público, no entanto, a idéia de mulheres só se casarem com homens mais velhos estava rapidamente se tornando superada; estatísticas federais já mostravam que noivas de primeiro casamento estavam desposando noivos com apenas, em média, 1,8 ano a mais. Mas seria impossível revisar os dados de Harvard-Yale à luz destas mudanças ou até reexaminá-los - pois o levantamento não havia sido publicado. Evidentemente isto não incomodava a imprensa, que escolheu ignorar outra pesquisa sobre a mesma matéria - publicada apenas alguns meses antes - que tinha chegado a conclusões opostas. A pesquisa, um relatório feito em 1985 por pesquisadores da Universidade de Illinois, concluía que a crise do casamento era irrelevante. "Esses dados", escreveram os pesquisadores, "não sustentam teorias que vêem a diminuição dos casamentos como algo capaz de desempenhar um importante papel nas recentes mudanças do comportamento em relação ao casamento." (Com efeito, no seu exame histórico e geográfico de dados matrimoniais, eles só puderam encontrar sinais de uma "crise do casamento" em algumas nações européias por volta de 1900 e em alguns países do Terceiro Mundo em época mais recente.)

Em março de 1986, Bennett e os seus colegas apresentaram um estudo no qual revelavam que tinham usado um modelo paramétrico para calcular as probabilidades de contrair matrimônio das mulheres - um método não ortodoxo e até então inédito para se predizer o comportamento. Os professores Ansley Coale e Donald McNeil, de Princeton, tinham originalmente imaginado o modelo paramétrico para analisar padrões matrimoniais de mulheres mais velhas que já tinham completado seu ciclo matrimonial. Bennett e Bloom, que haviam sido alunos de Coale, pensaram que poderiam usar o mesmo sistema para prever possibilidades matrimoniais. Coale, interrogado a respeito, disse mais tarde que tinha dúvidas. "Em tese", afirmou, "o modelo poderia ser aplicado a mulheres que não completaram o seu ciclo matrimonial, mas há algum risco envolvido."

Pior: Bennett, Bloom e Craig tiraram a sua amostra de mulheres de um levantamento geral de 1982, um ano sem coleta de dados censuais e que abrangem um número de famílias muito menor do que o Censo decenal. Os pesquisadores subdividiram então a amostra em grupos ainda menores - por idade, raça e formação - até chegar a generalizações baseadas em pequenas amostras de mulheres não representativas.

Com a notícia da "falta de homens" fervilhando na mídia, Jeanne Moor-

man, uma demógrafa do setor estatístico familiar e matrimonial do Censo dos Estados Unidos, não parou de receber pedidos de entrevistas de repórteres. Decidiu então examinar mais detalhadamente as conclusões dos pesquisadores. Doutora em demografia matrimonial, a própria Moorman era um exemplo de como as vidas individuais desafiam as classificações demográficas: ela se casara aos 32 anos, com um homem quase quatro anos mais jovem.

Moorman fez no computador a sua própria pesquisa sobre casamento, usando métodos convencionais em lugar do modelo paramétrico, e baseando-se no Censo de 1980 que abrangia 13,4 milhões de famílias, e não nos dados de 1982 usados por Bennett, que só abrangiam 60 mil famílias. Resultado: aos 30 anos, mulheres com formação universitária e que nunca se casaram antes têm de 58 a 66% de probabilidade de se casarem - o triplo das estimativas da pesquisa de Harvard-Yale. Aos 35, as chances eram de 32 a 41%, sete vezes mais do que as previsões de Harvard-Yale. Aos 40, as chances eram de 17 a 23%, *vinte e três* vezes maiores. E descobriu que uma solteira com formação universitária, aos 30 anos, tinha *mais* chance de se casar do que uma mulher com a mesma idade, apenas com diploma do primeiro grau.

Em junho de 1986, Moorman escreveu a Bennett relatando as suas descobertas. Ela salientou que dados mais recentes também contradiziam as previsões dele quanto às mulheres formadas. Embora o número de casamentos estivesse baixando para a população em geral, havia subido para as mulheres com quatro ou mais anos de universidade que se casam entre 25 e 45 anos de idade. "Isto parece indicar", ela frisou, "mais um adiantamento do que uma renúncia ao casamento."

A carta de Moorman era bem-educada, quase obsequiosa. Na condição de colega, ela escreveu, sentia-se na obrigação de relatar estes comentários, "que espero sejam bem recebidos". Foram recebidos com o mais completo silêncio. Dois meses se passaram. Em agosto, o escritor Ben Wattenberg mencionou o estudo de Moorman na sua coluna publicada em vários jornais, frisando que o mesmo seria apresentado na Conferência da Associação Populacional da América (PAA), um importante encontro profissional de demógrafos. As descobertas de Moorman poderiam tornar-se bastante constrangedoras para Bennett e Bloom diante dos seus colegas. Moorman recebeu logo uma carta. "Pelos afirmações de Ben Wattenberg vejo que a senhora tenciona apresentar as suas conclusões à Associação", escreveu Bennett; poderia ela enviar uma cópia "logo que estivesse disponível"? Como ela não a enviou imediatamente, ele telefonou e, Moorman lembra, "mostrou-se muito exigente. Na base do 'Você tem que fazer isto, tem que fazer aquilo'". Isto iria tornar-se um padrão no seu relacionamento com Bennett, ela conta. "Tive sempre a impressão de que ele estava dizendo 'Suma daqui, menina, eu sou um professor universitário; estou certo e você não tem direito algum de questionar-me'." (Bennett se recusa a comentar o seu relacionamento

com Moorman ou qualquer outro aspecto da história da pesquisa sobre o casamento, afirmando que foi vítima de uma mídia excessivamente impaciente, a qual "interpretou erroneamente [a pesquisa] como eu nunca poderia ter imaginado".)

Enquanto isto, Moorman lembra, ela começava a sofrer nos escritórios do Censo a interferência de vários funcionários da administração Reagan. O escritório central enviou uma ordem para que ela parasse de falar com a imprensa acerca da pesquisa, uma vez que estas críticas eram "controvertidas demais". Quando alguns programas de atualidade da TV a convidaram para que contasse o outro lado da história da falta de homens, ela teve que recusar o convite. Em lugar disto, mandaram que ela se dedicasse a uma pesquisa que a Casa Branca pedia - sobre como as mães solteiras com baixa renda abusam do sistema da previdência.

No inverno de 1986, Moorman já tinha dado os retoques finais no seu relatório sobre o casamento com seus resultados mais otimistas, e o entregou à imprensa. Esta, quando se dignou a dar-lhe alguma atenção, relegou-o às páginas internas. Ao mesmo tempo, num editorial que apareceu em *Advertising Age*, no *New York Times* e no *Boston Globe*, Bennett e Bloom bombasticamente atacavam Moorman pela apresentação da pesquisa que só "tornava ainda mais confusa a questão", queixavam-se. Moorman e mais dois estatísticos do Censo escreveram uma resposta ao editorial de Bennett e Bloom, mas o próprio Censo segurou a sua divulgação durante meses. "Quando eles finalmente completaram os cortes, já não valia nada", lembra Moorman, "e quando a enviamos ao *New York Times*, já tinha se passado tanto tempo que eles não quiseram publicá-la."

O ensaio de Bennett e Bloom havia criticado Moorman por ela ter usado métodos convencionais que eles rotulavam de "duvidosos". Moorman decidiu, então, repetir a sua pesquisa usando o próprio modelo paramétrico dos homens de Harvard-Yale. Ela levou os dados a Robert Fay, um estatístico cuja especialidade são os modelos matemáticos. Fay deu uma olhada nos cálculos de Bennett e Bloom e percebeu logo um erro fundamental. Eles tinham deixado de levar em conta os padrões diferentes entre as histórias matrimoniais das mulheres com diploma secundário e as com formação universitária. (As que concluem o secundário tendem a se casar em massa logo após o término dos estudos, formando uma abrupta e estreita curva para a esquerda. Aquelas com formação universitária tendem a se casar mais tarde, formando uma comprida e baixa curva para a direita.) Fay deu os retoques necessários e inseriu mais uma vez os dados, usando o modelo matemático de Bennett e Bloom. Desta vez os resultados foram quase idênticos aos de Moorman.

Assim sendo, Robert Fay escreveu uma carta a Bennett. Salientou o erro e a sua importância. "Acredito que esta reavaliação não só demonstre a ine-

xatidão dos seus resultados", ele escreveu, "como também a necessidade de voltarmos ao resto dos dados para um mais aprimorado exame das demais conclusões." Bennett respondeu no dia seguinte. "As coisas estão perigosamente fugindo ao nosso controle. Acho que chegou o momento de juntarmos as nossas forças na tentativa de voltarmos a ter pelo menos algum controle da situação." Ele jogava a culpa toda em cima da imprensa e fazia questão de frisar que "David [Bloom] e eu decidimos parar de ter qualquer contato com a mídia", talvez sugerindo que o Censo fizesse o mesmo. Mas Bennett nem precisava preocupar-se com o fato de o seu erro fundamental chegar às manchetes: Moorman, com efeito, já o tinha mencionado a vários jornalistas, e ninguém ficara interessado.

Mesmo assim, Bennett e Bloom ainda tinham de encarar a incômoda possibilidade de os pesquisadores do Censo apontarem o seu erro na próxima reunião da PAA. Naquilo que Moorman suspeita ter sido uma tentativa para evitar tão indesejável acontecimento, Bennett e Bloom repentinamente propuseram que eles todos "colaborassem" numa nova pesquisa que apresentariam em conjunto na conferência da Associação - no lugar da de Moorman. Quando Bennett e Bloom descobriram que já haviam perdido o prazo de inscrição para um novo trabalho, desistiram da idéia de colaboração tão repentinamente quanto a propuseram.

Na primavera de 1987, os demógrafos viajaram a Chicago para o encontro anual da PAA. Um dia antes da sessão, Moorman lembra que recebeu um telefonema de Bloom. Ele e Bennett iam tentar retirar de qualquer maneira a pesquisa sobre o casamento do programa, informou - substituindo-a por um relatório sobre fertilidade. O presidente da conferência, entretanto, recusou a substituição de última hora.

Quando chegou o seu momento de apresentar o notório estudo sobre o casamento aos colegas, Bloom disse que ele era apenas um resultado "preliminar", deu alguns rápidos esclarecimentos e apressou-se a ceder o lugar. Era a vez de Moorman. Mas devido a ainda maiores interferências dos seus superiores em Washington, ela pôde dizer muito pouco. O diretor do Censo, no intuito de evitar ulteriores controvérsias, mandara que omitisse qualquer referência à pesquisa sobre o casamento de Harvard-Yale.

Três anos e meio depois que a pesquisa de Harvard-Yale dominara as manchetes nacionais, a pesquisa em si foi finalmente publicada - sem as estatísticas sobre casamentos. Bennett disse ao *New York Times*: "Não estamos nos esquivando por termos algo a esconder." E os repórteres acreditaram nele. As famosas estatísticas foram omitidas, concluíram os noticiários, apenas porque os pesquisadores consideraram-nas "irrelevantes face às suas descobertas principais".

Em todas as reportagens sobre a pesquisa de Harvard-Yale, a imprensa passou por cima de um ponto fundamental: não havia falta de homens. Teria sido suficiente dar uma olhada no último Censo populacional para ver que havia cerca de 1,9 milhão de solteiros a mais do que solteiras com idade entre 25 e 34 anos, e cerca de meio milhão a mais entre 35 e 54. Com efeito, a proporção de homens não-casados era a maior de todos os tempos desde que o Censo começara a funcionar em 1890. Se alguém estava correndo o risco de não encontrar um cônjuge, este alguém era o *homem* na sua melhor idade para se casar: entre 24 e 34 anos, havia 119 solteiros para cada 100 mulheres solteiras.

Segundo o Censo, nos anos 80 a proporção de mulheres que nunca se casaram, uma em cinco, era menor do que em qualquer outra época no século XX, exceto nos anos 50, e até menor do que na segunda metade do século XIX, quando uma em cada três mulheres era solteira. Se examinarmos a faixa de mulheres não-casadas com idade entre 45 e 54 anos, a proporção de solteiras em 1985 era, de fato, menor do que nunca - menor até do que nos matrimonialmente loucos anos 50 (8% destas mulheres eram solteiras em 1950, contra 5% em 1985). Na verdade, o único lugar onde um "excesso" de mulheres sozinhas poderia ser detectado, nos anos 80, era nos asilos de velhos. Qual era a idade média das mulheres que viviam sozinhas em 1986? Sessenta e seis anos. (A idade média dos solteiros, por sua vez, era de 42 anos.)

A imprensa afirmava que a mulher dos anos 80 queria desesperadamente se casar - um desespero que aumentava com o passar do tempo. Pesquisas com mulheres reais, entretanto, contavam uma outra história. Uma abrangente pesquisa do Battelle Memorial Institute, de 1986, depois de examinar os dados referentes a 10 mil mulheres ao longo de quinze anos, descobriu que o casamento já não era o referencial principal na vida das mulheres e que elas, com 30 e poucos anos, não só estavam adiando, mas até evitando os vínculos matrimoniais. Em 1985 a pesquisa do Virginia Slims relatou que 70% das mulheres acreditavam poder ter uma vida "feliz e completa" sem uma aliança no dedo. Na pesquisa feita pela Langer Associates and Significance Inc., em 1989, esta proporção tinha pulado para 90%. O levantamento do Virginia Slims de 1990 descobriu que quase 60% das mulheres solteiras acreditavam ser muito mais felizes do que as suas amigas casadas e que as suas vidas eram "muito mais despreocupadas". Um estudo encomendado pela revista *Glamour* em 1986 descobriu uma crescente preferência pela vida de solteira entre as mulheres de 20 e 30 anos: 90% das mulheres que nunca haviam se casado disseram que não se casaram porque não tiveram vontade. E uma pesquisa feita por Louis Harris em 1989 sobre solteiras ainda mais velhas - entre 45 e 60 anos - descobriu que a maioria delas afirmava não desejar o casamento. Uma análise dos dados de pesquisas oficiais do governo realizadas nos anos 70 e 80 registrou um aumento de felicidade de

11 % entre as mulheres solteiras de 20 e 30 anos - e uma queda de 6,3% entre as casadas com a mesma idade. Se o casamento jamais serviu como estímulo para a felicidade das mulheres, concluíram os pesquisadores, "então estes efeitos diminuíram consideravelmente nos últimos tempos". Um levantamento de *Woman's Day*, de 1985, após entrevistar 60 mil mulheres, descobriu que só a metade delas gostaria de se casar novamente com o marido se tivesse que fazer tudo de novo.

Em vez de se casarem, as mulheres estavam preferindo viver junto com os seus amados. Os índices de coabitação quadruplicaram entre 1970 e 1985. Quando o governo federal encomendou uma pesquisa sobre os hábitos sexuais das mulheres solteiras, em 1986, pela primeira vez na história, os pesquisadores descobriram que um terço das mulheres não-casadas estava morando com um homem. Outros estudos demográficos calculam que pelo menos um quarto da queda no número de mulheres casadas devia-se ao fato de os casais preferirem viver juntos.

Quanto mais bem remuneradas as mulheres são, menos vontade elas têm de se casarem. Um levantamento de 1982 sobre 3 mil solteiras descobriu que mulheres ganhando altos salários demonstram o desejo de continuar solteiras quase duas vezes mais do que as mulheres com baixa renda. "O que vai acontecer com o casamento e a maternidade numa sociedade em que as mulheres realmente tenham igualdade?" perguntava Charles Westoff, demógrafo de Princeton, em um artigo no *Wall Street Journal* em 1986. "Quanto mais independentes as mulheres se tornam, mais desinteressante torna-se para elas o casamento."

Por outro lado, os homens dos anos 80 eram um tanto mais ansiosos para se casarem do que a imprensa deixava transparecer. O número de homens superava de longe o das mulheres nas agências matrimoniais, nos clubes de encontros e nos classificados pessoais. Em meados dos anos 80 os serviços de encontros por vídeo lamentavam um excesso de três homens para cada mulher entre seus afiliados.

Os classificados pessoais também demonstravam o mesmo desequilíbrio. A socióloga Theresa Montini, numa análise de 1.200 anúncios, descobriu em 1988 que a maioria deles era de homens heterossexuais na faixa dos 35 anos "desejando um relacionamento duradouro". Quando a Great Expectations, a maior agência de encontros do país, fez um levantamento com os seus inscritos em 1988, descobriu-se que 93% dos homens queriam "um compromisso sério" ou o casamento. Somente 7% dos homens disseram buscar "um montão de encontros com pessoas diferentes". Pedindo-lhes que descrevessem "o que é mais importante para você no dia seguinte, após fazer sexo com uma nova parceira", só 9% dos homens responderam "Será que me sai bem?" enquanto 42% disseram estar imaginando se aquilo poderia levar a um "compromisso sério".

Estes homens tinham boas razões para buscar o casamento; se há um padrão que os estudos psicológicos demonstraram é justamente aquele que diz que a instituição do matrimônio tem um efeito imensamente benéfico na saúde mental do homem. "Estar casado", avaliou uma vez o eminente demógrafo do governo Paul Glick, "é cerca de duas vezes mais vantajoso para o homem do que para a mulher em termos de sobrevivência." Ou como a socióloga Jessie Bernard escreveu em 1972:

Poucos são os dados mais sólidos, mais convincentes e menos duvidosos do que a espetacular e sempre impressionante superioridade em quase todos os campos - demográfico, psicológico ou social - do homem casado sobre o homem solteiro. Apesar de todas as brincadeiras dos homens acerca do casamento, apesar de todas as queixas a respeito dele, é um dos grandes alicerces do sexo masculino.

A observação de Bernard continua válida. Como afirmou Ronald C. Kessler em seus estudos sobre as alterações da saúde mental dos homens no Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Michigan: "Todo este negócio de dizer como é difícil ser uma mulher solteira não faz muito sentido se olharmos o que realmente acontece. Quem leva a pior são os homens solteiros. Quando os homens se casam, a saúde mental deles melhora de forma impressionante."

Os dados sobre saúde mental, registrados em dezenas de estudos sobre o casamento durante os últimos 40 anos, são consistentes e inquestionáveis: o índice de suicídios em solteiros é o dobro comparado aos homens casados. Os solteiros sofrem quase duas vezes mais de graves sintomas neuróticos e são muito mais sujeitos a esgotamento nervoso, depressão e até pesadelos. E apesar da imagem tipicamente americana do caubói solteiro sem preocupações, na realidade o homem sozinho tem muito mais tendência a ser melancólico, passivo e cheio de fobias do que o casado.

Quando comparados com mulheres solteiras, os homens não-casados não se saem melhor do que elas quando o assunto é a saúde mental. Os solteiros estão sujeitos a duas vezes mais desequilíbrios do que as solteiras e a todos os sintomas que caracterizam a aflição psicológica - desde desmaios até insônia. Numa pesquisa, um terço dos solteiros apresentou graves sintomas de neurose: os mesmos sintomas só apareceram em 4% das mulheres solteiras.

Se a ampla divulgação da pesquisa de Harvard-Yale sobre casamento teve algum efeito, foi justamente o de transferir a maior parte da aflição dos solteiros para a mente das mulheres. No *Wall Street Journal*, uma mulher solteira de 36 anos reparou, com perspicácia, que o fato de não ser casada "nunca a preocupou minimamente" até saber dos dados da pesquisa; só então ela começou a sentir-se deprimida. Uma mulher de 35 anos contou ao *USA*

Today: "Eu nem tinha pensado em me casar até que comecei a ler aquelas histórias pavorosas acerca de mulheres que nunca iriam se casar." Numa matéria do *Los Angeles Times*, analistas declararam que depois do aparecimento da pesquisa, as pacientes solteiras ficaram "obcecadas" com o casamento, dispostas a se casarem com homens que elas nem amavam, só para reverterem "o quadro". Quando a *Great Expectations* interrogou seus membros um ano após a divulgação da pesquisa descobriu-se que 42% das solteiras falavam agora em casamento a partir do primeiro encontro. O Estudo Anual das Atitudes da Mulher, levado a cabo pelo Instituto Mark Clements para numerosas revistas femininas, descobriu que o número de mulheres com receio de nunca se casar tinha praticamente dobrado no exato ano em que apareceu a pesquisa de Harvard-Yale, de 14 para 27%, chegando a 39% nas mulheres na faixa dos 25 anos, o grupo visado na pesquisa.

Um ano após o relatório sobre o casamento, surgiu a notícia de que a idade das mulheres que se casavam pela primeira vez tinha baixado um pouco e, contradizendo uma tendência de 20 anos, o número de núcleos familiares tinha crescido mais rapidamente entre 1986 e 1987 do que o de núcleos não-familiares. Estas pequenas mudanças foram imediatamente recebidas como sinais da volta do casamento tradicional. "Um novo tradicionalismo, centrado na vida familiar, já está no ar", afirmava jubilosamente o professor de ciências humanas da Universidade de Houston, Jib Fowles, num artigo no *The New York Times* em 1988. Fowles previa um "ressurgimento da família convencional até o ano 2000 (pai que trabalha, mulher que fica em casa com os filhos)". Isto iria ser vantajoso para a indústria americana, ele lembrava aos homens de negócios. "Cortejar e namorar voltariam à moda, portanto a venda de flores estava assegurada", ele notava. E "a volta à comida caseira seria um incentivo para as vendas dos supermercados".

O DESASTRE DO DIVÓRCIO SEM MOTIVAÇÃO: O RELATO DE DOIS CASOS

Nos anos 70, muitos estados americanos aprovaram as novas leis do divórcio "sem motivação" para que o processo se tornasse mais fácil: elas eliminaram as bases moralistas exigidas para se requerer o divórcio e definiram a partilha dos bens do casal conforme as necessidades e os recursos, sem levar em conta qual dos cônjuges era considerado responsável pela falência do casamento. Nos anos 80, estas leis de "inspiração feminista" foram duramente atacadas: a Nova Direita pintou-as como esquemas decididos a solapar a família, e a mídia e escritores populares apresentaram-nas como desavisadas traições a mulheres e crianças, golpes legais que, nas palavras de um jornalista, "jogaram milhares de mulheres da classe média num estado de miséria".

Talvez ninguém tenha colocado mais lenha na fogueira das reformas da lei do divórcio, na década do backlash, do que a socióloga Lenore Weitzman, cujo livro de 1985, *The Divorce Revolution: The Unexpected Social and Economic Consequences for Women and Children in America*, veiculava números citados por qualquer um desde que fosse contrário às novas leis. De Phyllis Schlafly a Betty Friedan, da *National Review* ao telejornal da CBS, os "devastadores" dados estatísticos de Weitzman eram usados como prova de que as mulheres que procuravam livrar-se de um casamento infeliz estavam cometendo um grave erro financeiro: com as novas leis elas acabariam ficando mais pobres - iam ficar muito pior do que com as velhas leis, estas mais "protecionistas", ou se tivessem continuado casadas.

Se a mídia atrelou-se às descobertas de Weitzman com tão notável entusiasmo, não foi ela a única culpada pelo exagero, pois a própria Weitzman bradava em seu livro: "Ninguém sabe exatamente o quão devastador o divórcio tornou-se para mulheres e crianças."

Weitzman argumentava que, uma vez que o homem e a mulher têm condições diferentes dentro do matrimônio - isto é, o marido geralmente ganha mais e, em caso de divórcio, a mulher normalmente fica com os filhos -, usar a mesma medida em caso de divórcio acaba premiando o marido e castigando a mulher e os filhos. Este argumento parece bastante razoável, e Weitzman tinha até dados estatísticos para prová-lo: "Pesquisas demonstram que, em média, as mulheres divorciadas e os filhos menores no seu núcleo familiar experimentam um declínio de 73% no seu padrão de vida durante o primeiro ano após o divórcio. Os ex-maridos, por sua vez, gozam de uma elevação de 42% no seu padrão de vida."

Estes dados pareciam assustadores, e a imprensa passou-os adiante com o maior entusiasmo - sem questionar duas coisas fundamentais: estariam as estatísticas de Weitzman corretas? E, ainda mais importante, havia ela realmente demonstrado que as mulheres se davam *pior* com as novas leis do que com as velhas?

No verão de 1986, logo depois que Lenore Weitzman acabava de apresentar ao Congresso as falhas das novas leis sobre o divórcio, ela recebeu uma carta de Saul Hoffman, um economista da Universidade de Delaware que se especializara em estatísticas sobre o divórcio. Ele dizia que ele e Greg Duncan, cientista social da Universidade de Michigan, estavam maravilhados com a então já famosa estatística dos 73%. Eles vinham examinando os efeitos do divórcio sobre as rendas durante os últimos 20 anos, e nunca, em lugar algum, haviam encontrado conseqüências tão dramáticas quanto aquelas por ela descritas. Eles haviam encontrado um declínio muito menor, 30%, no padrão de vida da mulher no primeiro ano após o divórcio e uma pequena

melhora, de 10 a 15%, para o homem. E mais, Hoffman salientava, descobriram que para a maioria das mulheres esta queda no padrão de vida era temporária. Cinco anos após o divórcio, o padrão médio de vida da mulher era levemente *mais alto* do que o que tinha quando ainda casada com o ex-marido.

O que mais deixava Hoffman e Duncan perplexos era o fato de Weitzman afirmar ter usado os métodos *deles* para chegar à sua estatística de 73%. A carta de Hoffman perguntava se ele e Duncan poderiam dar uma olhada nos dados. Nenhuma resposta. Finalmente, Hoffman telefonou. Weitzman disse que "não sabia como conseguir os dados", pois estava em Princeton e os dados estavam em Harvard. Quando voltou a telefonar, ele conta, Weitzman disse não poder dar a informação porque tinha quebrado um braço esquiando. Hoffman comenta lembrando um ano e meio de cartas e telefonemas para Weitzman: "Às vezes ela dava uma desculpa. Outras vezes simplesmente não atendia. Era um tanto estranho. Digamos que não é o comportamento esperado de um estudioso." Finalmente, depois de os demógrafos recorrerem à Fundação Nacional de Ciência, que havia subvencionado a sua pesquisa, Weitzman cedeu e prometeu que iria deixar os dados em custódia no Centro de Pesquisas Murray de Radcliffe. Seis meses mais tarde, entretanto, eles *ainda* não haviam aparecido por lá. Hoffman recorreu novamente aos funcionários da Fundação. No fim de 1990, a biblioteca começou a receber os dados de Weitzman. No começo de 1991, os pesquisadores ainda estavam classificando os arquivos que não apresentavam condições de serem examinados.

Enquanto isso, Duncan e Hoffman tentaram repetir os cálculos usando os números que apareciam no livro dela. Mas continuaram chegando a 33, e não a 73% de declínio no padrão de vida da mulher. Os dois demógrafos publicaram as suas conclusões em *Demography*. "As tão alardeadas conclusões de Weitzman estão quase certamente erradas", escreveram. Não só 73% é um número "alto demais para não ser suspeito, mas também é incompatível com as informações sobre mudança de renda e renda *per capita* que ela relata". A reação da imprensa? O *Wall Street Journal* mencionou o artigo de Hoffman e Duncan num pequeno parágrafo da sua coluna sobre demografia. Ninguém mais tomou conhecimento.

Weitzman nunca respondeu à crítica de Hoffman e Duncan. "Eles estão simplesmente enganados", ela retrucou numa entrevista telefônica. "Os cálculos estão certos." Ela se recusou a responder a qualquer pergunta adicional.

A confirmação dos resultados de Hoffman e Duncan veio do serviço de Censo dos Estados Unidos que publicou a sua pesquisa sobre os efeitos econômicos do divórcio em março de 1991. Os resultados estavam de acordo com os de Duncan e Hoffman. "Os números de Weitzman estão altos demais", diz Suzanne Bianchi, autora da pesquisa do Censo. "E a porcenta-

gem de 73% nem mesmo é coerente com outros números do trabalho de Weitzman."

Como as conclusões de Weitzman podiam estar tão erradas? Há várias explicações possíveis. Primeira, as suas estatísticas, ao contrário das de Hoffman e Duncan, não se baseavam numa amostragem nacional, embora a imprensa normalmente a apresentasse como tal. Ela tirou os seus exemplos exclusivamente do tribunal de divórcios da Comarca de Los Angeles. Segunda, sua amostragem era incrivelmente pequena - 114 divorciadas e 114 divorciados. (E o índice de resposta foi tão baixo que Duncan e Hoffman, assim como outros demógrafos que reexaminaram a pesquisa, duvidam que a amostragem fosse representativa até para a cidade de Los Angeles.)

Finalmente, Weitzman tirou as informações econômicas sobre estes casais divorciados de uma fonte reconhecidamente duvidosa - a própria memória deles. "Fiquei pasma com a facilidade com que eles se lembravam do valor estimado da casa, do montante da hipoteca, do valor do plano de aposentadoria etc", ela escreve no livro. As lembranças, principalmente no ambiente emocionalmente carregado de um divórcio, dificilmente são uma fonte confiável de dados estatísticos; teria sido melhor se Weitzman tivesse ficado um pouco menos "pasma" com as recordações instantâneas e um pouco mais decidida a manter-se fiel aos dados de fato.

Na verdade, a estatística de 73% não passa de um número no trabalho de Weitzman. E mesmo uma queda de 30% no padrão de vida de uma mulher tampouco é algo desejável. Embora a mídia se concentrasse nas suas implicações sensacionalistas, o número pouco tem a ver com o seu segundo e mais fundamental argumento - o de que as mulheres estão na *pior* condição desde a "revolução do divórcio". Esta questão é muito importante porque chega ao âmago do argumento do backlash antifeminista: as mulheres se saem melhor quando "protegidas" do que quando iguais.

Ainda assim, o livro de Weitzman, ao mesmo tempo que afirma repetidamente terem as novas leis *piorado* a vida das mulheres, conclui que os legisladores deveriam manter as novas leis sobre o divórcio com apenas alguns pequenos ajustes. E ela alerta firmemente contra a volta ao velho sistema de justiça. "É claro que não seria aconselhável nem apropriado que a Califórnia voltasse a um sistema mais tradicional", ela escreveu.

Nem é preciso dizer que esta conclusão jamais encontrou acolhida por parte da imprensa que se dedicava à cobertura do trabalho de Weitzman. Um exame mais profundo explica por que a autora teve de abandonar a sua teoria sobre o divórcio sem motivação: ela só entrevistara homens e mulheres que se divorciaram depois que a nova lei passou a vigorar na Califórnia. Ela não dispunha de dados comparáveis sobre casais que se divorciaram quando vigorava o velho sistema - e portanto não havia como testar a sua hipótese.

(Um estudo posterior, de 1990, feito por dois professores de direito, chegou à conclusão oposta: mulheres e crianças ficavam numa situação ligeiramente melhor sob as cláusulas da nova lei.)

Dados nacionais coletados pelo Censo mostram que a porcentagem de mulheres premiadas com pensão ou alguma outra forma de pagamento (apenas 14%) não é lá muito diferente do que era nos anos 20. Mesmo assim Weitzman argumenta que um grupo de mulheres - as donas-de-casa que viviam com o marido há muito tempo - ficou prejudicado com a nova lei. Os seus próprios dados, no entanto, mostram que donas-de-casa idosas e mulheres casadas há muito tempo são os *únicos* grupos de divorciadas aos quais de fato está sendo concedida pensão em número maior agora do que sob a antiga legislação. O aumento que ela relata para mulheres que ficaram casadas durante mais de dez anos é um respeitável 21%.

O seu outro argumento é que com as novas regras da "partilha igualitária", o casal vê-se cada vez mais forçado a vender a casa, enquanto com as leis antigas, ela diz, o juiz normalmente concedia a mesma à mulher. Mas a nova lei do divórcio não exige a venda da casa e, com efeito, os autores da lei da Califórnia explicitamente afirmam que os juizes não deveriam usar a lei para forçar as mães e seus filhos a saírem de casa. Se mais mulheres são forçadas a vender a casa, a culpa não é das novas leis.

O próprio exemplo que Weitzman dá de uma venda forçada da casa pouco esclarece. Uma divorciada de 38 anos desejava continuar na casa onde a família tinha vivido durante quinze anos. Não só ela queria poupar mais traumas para o filho adolescente, como também não podia dar-se ao luxo de uma mudança - pois a pensão que o juiz lhe outorgara era baixa demais. Desesperada, ela propôs sacrificar a sua parte do plano de aposentadoria do marido, cerca de 85 mil dólares, caso ele a deixasse ficar na casa. Ele não concordou. Tentou então refinanciar a casa, compensando assim o marido, mas nenhum banco aceitou dar-lhe um empréstimo a longo prazo pois ela só dispunha da pensão do ex-marido. E o juiz não foi mais condescendente:

Supliquei ao juiz... Tudo o que queria era tempo suficiente para Brian [o filho] acostumar-se com o divórcio... Perdi o controle e chorei... mas o juiz recusou. Deu-me três meses para me mudar... O advogado do meu marido ameaçou-me caso não me mudasse dentro do prazo.

A verdadeira fonte das mágoas das mulheres divorciadas pode ser encontrada não nos parágrafos da legislação sobre o divórcio mas sim no comportamento dos ex-maridos e dos juizes. Entre 1978 e 1985, a quantia média paga pelos ex-maridos para o sustento dos filhos caiu em quase 25%. Parece mais provável que os homens divorciados dêem um jeito de pagar as prestações do carro do que de cumprir com as suas obrigações em relação

aos filhos - embora, para dois terços deles, a quantia devida aos filhos seja menor do que o valor da prestação do carro.

Em 1985, só metade dos 8,8 milhões de mães separadas que supostamente deveriam estar recebendo pensão para os filhos estava realmente recebendo alguma coisa dos ex-maridos, e só metade desta metade estava conseguindo a quantia total. Estudos sobre estratégias de arrecadação têm provado que só há uma tática capaz de despertar a consciência moral de pais negligentes: ordem de prisão. Como observou a socióloga Arlie Hochschild, o descaso econômico pode ser um novo sistema que alguns homens divorciados bolaram para continuar a controlar as suas antigas famílias: "A 'nova' opressão fora do casamento cria portanto uma tácita ameaça contra as mulheres dentro do casamento", ela escreve. "O patriarcado não desapareceu; só mudou de forma."

Ao mesmo tempo, funcionários públicos e oficiais de justiça nada faziam para dar o bom exemplo. Uma auditoria federal descobriu em 1988 que trinta e cinco estados não estavam cumprindo as leis federais para o sustento dos filhos. Pesquisas em vários estados descobriram, ao contrário, que os juizes estavam propositadamente interpretando de maneira errada os estatutos de forma que a mulher não ficasse com a metade mas sim com *um terço* de todos os bens do casal. A própria Weitzman chegou à conclusão de que o antagonismo judicial em relação ao feminismo estava piorando a situação das mulheres divorciadas. "O conceito de 'igualdade' e a linguagem sexualmente neutra da lei", ela escreve, foram "usados por alguns advogados e juizes como uma determinação de 'tratamento igualitário' com vingança, uma vingança que só pode ser explicada como retaliação às exigências femininas de igualdade."

No fim das contas, a maneira mais eficaz para se corrigir as injustiças pós-divórcio entre os sexos é bem simples: basta corrigir as desigualdades de salário no mercado de trabalho. Se a defasagem salarial entre os sexos acabasse, concluiu um assessor do conselho federal em 1982, metade dos núcleos familiares dirigidos por mulheres seria imediatamente retirada da linha de pobreza. "O espantoso aumento de mulheres que trabalham é a melhor garantia contra esta vulnerabilidade", afirma Duncan, notando que o acesso das mulheres a empregos bem remunerados livrou inúmeras divorciadas de um padrão de vida muito mais baixo. E este acesso, ele frisa, "deve-se principalmente ao movimento feminista".

Enquanto os cientistas sociais nos anos 80 insistiam nas "conseqüências devastadoras" do divórcio para as mulheres, praticamente não se ouviu falar nada a respeito dos efeitos nos homens. E não foi por falta de dados. Demógrafos especializados em estatísticas sobre divórcio do Instituto de Pesquisas Sociais reexaminaram, em 1984, os dados de três décadas referen-

tes à saúde mental dos homens, e simplesmente concluíram - num relatório que quase passou despercebido - o seguinte: "Numa separação, os homens sofrem mais do que as mulheres." Não importa para onde eles olhassem no espectro mental, os homens divorciados ficavam sempre na pior - desde depressão até colapso nervoso e tentativas de suicídio.

Para começar, os homens são menos ansiosos do que as mulheres para cortar os vínculos: em levantamentos nacionais, menos de um terço dos divorciados afirma terem sido eles que queriam o divórcio, enquanto as mulheres afirmam que estavam pedindo o divórcio em 55 a 66% dos casos. Os homens também ficam muito mais arrasados do que as mulheres com a ruptura - e o tempo não alivia a dor nem cura a ferida. Uma pesquisa sobre pessoas divorciadas descobriu, em 1982, que um ano após a separação 60% das mulheres consideravam-se mais felizes em comparação com apenas a metade dos homens; a maioria das mulheres disse que tinha mais respeito por si mesma, enquanto só uma minoria dos homens sentia o mesmo. A maior pesquisa de âmbito nacional sobre os efeitos a longo prazo do divórcio descobriu que cinco anos após a ruptura 2/3 das mulheres achavam que a sua vida era mais feliz; só 50% dos homens tinham a mesma opinião. Chegando à marca dos 10 anos, os homens que diziam ter a sua qualidade de vida estacionada ou piorada subia da metade para 2/3. Enquanto, depois do mesmo número de anos, 80% das mulheres diziam que o divórcio havia sido a decisão certa, somente 50% dos ex-maridos concordavam. "Na verdade, as lamentações acerca do divórcio são mais dolorosas quando vêm de homens idosos", observa a coordenadora da pesquisa, Judith Wallerstein.

Mesmo assim, no seu muito comentado livro de 1989, *Second Chances: Men, Women and Children a Decade After Divorce* - muito bem recebido por grupos da Nova Direita como A Família na América e exibido na capa do *New York Times Magazine* -, Wallerstein prefere centralizar a sua atenção no fato de, segundo ela, os filhos ficarem em maus lençóis quando os pais se divorciam. Porém Weitzman tampouco dispunha de dados comparativos. Ela nunca se dera ao trabalho de testar a sua teoria num grupo de controle de famílias intactas. O seu livro de trezentas páginas explica esta falha fundamental com uma simples nota ao pé da página: "Uma vez que se conhecia tão pouco acerca do divórcio, era prematuro planejar um grupo de controle", Wallerstein escreve, acrescentando que a sua intenção era a de "gerar hipóteses" primeiro para depois levar adiante o estudo com o grupo de controle numa segunda etapa - uma lógica de atire-primeiro-pergunte-depois, que resume bem o pensamento de muitos formadores de opinião antifeministas.

"Não está nem um pouco claro o que deveria ser um grupo de controle", Wallerstein explica mais tarde. Seria preciso controlar outros fatores que poderiam ter levado ao divórcio, tais como "frigidez e outros problemas sexuais", ela argumenta. "Acho que as pessoas que pedem um grupo de controle não entendem a total complexidade do que um grupo de controle é", ela diz.

No fim da década, entretanto, Wallerstein estava se tornando cada vez mais revoltada com a maneira com que o seu trabalho estava sendo usado - e distorcido - pelos políticos e a imprensa. Numa sessão do Congresso, ela ficou abismada quando o senador Christopher Dodd propôs que, levando em conta suas descobertas, talvez o governo tivesse que impor um adiamento obrigatório para todos os casais que pediam o divórcio. E as revistas citaram erradamente o seu trabalho dando a entender que quase todos os filhos de pais divorciados se tornam delinquentes. "Parece que qualquer coisa que você diga", ela suspirou, "acaba sendo desvirtuada. É um tema muito político."

Se a campanha contra o divórcio sem motivação realmente não tinha números sobre os quais se fundamentar, a incansável propaganda contra o divórcio na década de 80 lhe serviu de eficaz substituto. Os americanos estavam finalmente convencidos. O apoio popular em prol da liberalização do divórcio, que vinha aumentando desde 1968, caiu 8% a partir dos anos 70. E quem contribuiu mais para a virada foram os homens; quase duas vezes mais homens do que mulheres disseram aos entrevistadores que queriam tornar o divórcio mais difícil para os casais.

A EPIDEMIA DE INFERTILIDADE: A HISTÓRIA DE DOIS ESTUDOS SOBRE GRAVIDEZ

Em 18 de fevereiro de 1982, o *New England Journal of Medicine* informou que as chances de uma mulher conceber caíam bruscamente depois dos 30 anos de idade. Mulheres com idade entre 31 e 35 anos, diziam os pesquisadores, tinham a probabilidade de serem estéreis num índice de 40%. Esta era uma notícia inédita: quase todos os estudos até então mostravam que a fertilidade só começava realmente a declinar perto dos quarenta anos ou até depois.

O supostamente neutro *New England Journal of Medicine* não se limitou a publicar o relatório. Também apresentou um editorial paternalista de três páginas, exortando as mulheres a "reavaliarem as suas metas" e a terem filhos antes de começar suas carreiras. No mesmo dia, o *New York Times* botou a notícia na primeira página, numa matéria que elogiava a pesquisa definindo-a como "mais ampla e rigorosa" e "mais confiável" do que estudos anteriores. Dezenas de outros jornais, revistas e programas de TV logo se juntaram ao coro. Em um ano, as estatísticas tinham chegado a livros alarmistas abordando o "relógio biológico". E como quem conta um conto aumenta um ponto, a porcentagem de 40% ia ficando cada vez maior. Um manual de auto-ajuda logo dizia que as mulheres de 30 estavam enfrentando uma "chocante probabilidade de 68% de infertilidade" - e imediatamente culpava as feministas que tinham deixado de avisar as mulheres acerca dos efeitos prejudiciais de uma carreira bem-sucedida.

Os estudiosos franceses Daniel Schwartz e M. J. Mayaux tinham examinado em sua pesquisa 2.193 mulheres francesas submetidas a tratamentos contra a infertilidade em onze centros de inseminação artificial, todos mantidos por uma federação que financiava a pesquisa - e que afirmava não querer beneficiar-se com o crescente medo de infertilidade das mulheres. As pacientes examinadas na pesquisa mal podiam ser consideradas representativas da média das mulheres: eram todas casadas com homens completamente estéreis e estavam tentando a gravidez através de inseminação artificial. O esperma congelado, que era usado naquele caso, é muito menos eficaz do que a variedade "in natura", fornecida por métodos naturais. Com efeito, num estudo anterior feito pelo próprio Schwartz, ele descobrira que as mulheres tinham quatro vezes mais chances de ficar grávidas se mantivessem relações sexuais regulares do que se inseminadas artificialmente.

A pesquisa francesa também declarava estéril qualquer mulher que não ficou grávida depois de um ano de tentativas. (A regra dos doze meses é um desdobramento recente, inspirada por "especialistas em infertilidade", introduzindo no mercado novas e custosas tecnologias reprodutivas experimentais; a definição de infertilidade costumava ser dada após cinco anos.) O prazo de um ano é amplamente contestado pelos demógrafos que salientam ser necessário um período médio de oito meses para um casal recém-casado conceber. Com efeito, uma pesquisa do Congresso descobriu que só 16 a 21% dos casais considerados inférteis pela nova definição de um ano realmente o são. O tempo é a melhor, e certamente a mais barata, cura para a infertilidade. Uma pesquisa extensiva realizada na Inglaterra com mais de 17 mil mulheres, uma das maiores pesquisas sobre fertilidade já levadas a cabo, revelou que 91% das mulheres acabam ficando grávidas depois de 39 meses.

Depois da publicação da pesquisa francesa, muitos proeminentes demógrafos debateram os seus resultados numa série de cartas e artigos publicados em revistas especializadas. John Bongaarts, membro do Centro de Estudos Políticos do Conselho Populacional, chamou a pesquisa de "muito pobre para se avaliar o risco da esterilidade feminina" e bastante duvidosa. Três estatísticos do Centro de Pesquisas Populacionais da Universidade de Princeton também desmentiram a pesquisa e avisaram que esta poderia levar a "desnecessária ansiedade" e "dispendiosos tratamentos médicos". A esta altura até os cientistas franceses estavam deixando de apoiar o seu próprio trabalho. Numa conferência de profissionais, naquele mesmo ano, eles informaram aos seus colegas que nunca tiveram a intenção de aplicar os seus resultados a todas as mulheres. Mas nem o seu recuo, nem as críticas depreciativas dos colegas chamaram a atenção da imprensa.

Três anos mais tarde, em fevereiro de 1985, o Centro de Estatísticas de Saúde do governo americano revelou os recentes resultados de sua pesquisa sobre a fertilidade que examinou oito mil mulheres. Descobriu-se que a mu-

lher americana entre 30 e 34 anos só enfrentava uma probabilidade de 13,6% - e não de 40% - de infertilidade. As mulheres neste grupo etário tinham um risco de esterilidade apenas 3% mais elevado do que as mulheres *com pouco mais* de 20 anos. Na verdade, desde 1965, a esterilidade vinha tendo uma leve queda entre as mulheres de 30 até 35 anos - e até entre as mulheres quarentenas. No conjunto, a porcentagem de mulheres incapazes de procriar tinha de fato caído - de 11,2% em 1965 para 8,5% em 1982.

Como de costume, esta notícia não teve a menor repercussão na mídia. E apesar das conclusões da pesquisa oficial, o Dr. Alan DeCherney, professor de medicina em Yale, principal autor do sermão editorial do *New England Journal of Medicine*, confirmou sua opinião. Indagado se tivera alguma dúvida quanto à mensagem do editorial, ele sorriu: "Não, dúvida alguma. O editorial queria ser polêmico. Eu tive um grande retorno. Apareci até na TV."

Procurando a fonte da "epidemia de infertilidade", a mídia e as instituições médicas só levaram em conta as mulheres profissionais, convencidas de que a resposta se encontrava na crescente riqueza e independência da classe média feminina. Um jornalista do *New York Times* culpou o feminismo e o arrivismo que ele supostamente gerava por criarem a "irmandade estéril" entre as mulheres da classe média. A escritora Molly McKaughan advertiu as colegas de trabalho, incluindo ela mesma, em *Working Woman* (e, mais tarde, no livro *The Biological Clock*), acerca da "ameaçadora nuvem" da infertilidade. Devido principalmente ao movimento feminista, acusava, cometemos este engano: "Pusemos as nossas realizações pessoais em primeiro lugar."

Ao mesmo tempo, os ginecologistas começaram a chamar a endometrite, uma doença no útero que pode causar a esterilidade, de "mal das mulheres profissionais". Ataca mulheres "inteligentes e estressadas, determinadas a ter sucesso num papel que não seja o de 'mãe' o mais cedo possível na vida", afirmou à imprensa Niels Lauersen, na época professor de obstetria no *New York Medical College*. (Na verdade, os epidemiologistas não encontram a endometrite em mulheres profissionais mais do que em qualquer outro grupo.) Outros alertaram acerca dos altos índices de aborto espontâneo entre as mulheres profissionais. (Na verdade, as mulheres profissionais são justamente as que têm o menor índice de aborto.) Outros lembraram que as mulheres, esperando e adiando, estariam mais sujeitas a crianças natimortas ou prematuras, doentes, retardadas ou anormais. (Na verdade, uma pesquisa de 1990, abrangendo quatro mil mulheres com mais de 35 anos demonstrou que elas concebiam crianças natimortas, prematuras, doentes ou retardadas exatamente na mesma proporção de mulheres mais jovens; em 1986, um estudo similar com mais de 6 mil mulheres tinha chegado a conclusões parecidas.

Atualmente, mulheres com menos de 35 anos geram crianças com a síndrome de Down em proporção maior do que as com mais de 35 anos.)

O recurso do recém-adquirido direito de aborto tornou-se mais uma das "causas" preferidas de infertilidade. Os ginecologistas avisaram as suas pacientes de classe média que, se elas abortassem "demais", correriam o risco de desenvolver problemas de infertilidade mais tarde e até de esterilidade. Vários governos estaduais e locais até promulgaram leis exigindo que os médicos avisassem às mulheres que os abortos poderiam levar mais tarde a abortos espontâneos, nascimentos prematuros e infertilidade. Os pesquisadores gastaram muita energia e fundos governamentais à cata de dados comprobatórios. Mais de 150 pesquisas epidemiológicas tentaram encontrar, durante os anos 70 e 80, alguma relação entre aborto e infertilidade. Mas, tal como uma equipe de pesquisa que realizou uma revisão analítica de toda a literatura referente ao caso concluiu em 1983, só dez daquelas pesquisas usaram métodos confiáveis, e daquelas dez somente uma encontrou alguma relação entre aborto e posteriores problemas de gravidez - e esta pesquisa examinava uma amostra de mulheres gregas que se haviam submetido a perigosos abortos ilegais. Os métodos de aborto legal, escreveram os pesquisadores, "não têm nenhum efeito prejudicial na subsequente capacidade de uma mulher conceber".

Na verdade, a busca das mulheres pela igualdade econômica e educacional havia contribuído para a saúde reprodutiva e a fertilidade. Melhoria na educação e contracheques mais polpudos geram melhor nutrição e melhores condições gerais de saúde, contribuindo para uma maior fecundidade. Estatísticas oficiais mostram que mulheres com formação universitária e com alta renda têm um índice de infertilidade mais baixo do que aquelas que têm diploma do primeiro grau e rendimentos menores.

A "epidemia de infertilidade" entre mulheres profissionais de classe média com mais de 35 anos era um programa político - e, para os especialistas de infertilidade, um instrumento de marketing -, não um problema médico. A mesma Casa Branca que alardeou a ameaça da infertilidade não dedicou um centavo à prevenção da infertilidade - e, com efeito, repeliu qualquer pedido de ajuda. O fato de os porta-vozes do antifeminismo terem mostrado tão pouco interesse pela verdadeira epidemia de infertilidade da década já devia bastar para despertar as nossas suspeitas. Os índices de infertilidade de jovens mulheres negras triplicaram entre 1965 e 1982. Os índices de infertilidade de mulheres jovens de todas as raças mais que dobraram. Com efeito, com a chegada dos anos 80, mulheres entre 20 e 24 anos estavam sujeitas a 2% mais de infertilidade do que as mulheres perto dos 30. Curiosamente não se ouviram comentários quanto a esta crise e às suas causas - que nada tinham a ver com o feminismo ou com a ascensão da mulher ao mercado de trabalho.

A epidemia podia ser atribuída quase que exclusivamente à negligência

dos médicos e dos funcionários do governo, que foram espantosamente lentos em combater a doença sexualmente transmissível chamada clamídia; os índices de infecção subiram no começo dos anos 80 e eram mais altos entre jovens mulheres com 15 até 24 anos de idade. Esta doença, por sua vez, deflagrou rapidamente doenças inflamatórias pélvicas, que foram responsáveis pela maioria dos casos de infertilidade da década e atormentaram mais de um milhão de mulheres por ano. A clamídia tornou-se a principal doença sexualmente transmissível nos EUA, afligindo mais de quatro milhões de homens e mulheres em 1985, provocando pelo menos a metade de todas as inflamações infecciosas da pelve e ajudando a quadruplicar as mortalmente perigosas gestações ectópicas entre 1970 e 1983. Na última metade da década de 1980, uma em cada seis jovens mulheres sexualmente ativas estava infectada; os índices da infecção subiram até 35% em algumas clínicas das cidades do interior.

Mesmo assim a clamídia era uma das menos faladas, diagnosticadas e tratadas doenças do país. Embora a literatura médica já tivesse documentado os catastróficos índices da clamídia durante os anos 80 e a doença estivesse custando mais de 1,5 bilhão de dólares por ano em tratamentos, só em 1985 os Centros para o Controle de Doenças começaram a esboçar alguns planos a respeito. O governo federal não providenciou campanha informativa alguma acerca da clamídia, nem mesmo pediu que os médicos comunicassem os casos da doença. (Exige, no entanto, que sejam comunicados os casos de gonorréia, que têm uma incidência de apenas a metade.) E embora a clamídia fosse de fácil diagnóstico e cura com antibióticos comuns, poucos eram os ginecologistas que se davam ao trabalho de fazer o teste. Quase três quartos do custo das infecções de clamídia, com efeito, foram devidos a complicações por falta de tratamento.

Os políticos e a imprensa, nos anos 80, também pareciam não ter maior interesse pelos sinais de outra possível epidemia de infertilidade. Esta tinha a ver com os homens. De acordo com os poucos estudos disponíveis, a contagem de espermatozoides denunciava uma queda de quase 50% em 30 anos. (O baixo número de espermatozoides é uma das principais causas de infertilidade.) A contagem média do homem, relatou um pesquisador, baixara de 200 milhões por mililitro nos anos 30 para 40 a 70 milhões nos anos 80. A alarmante diminuição tem muitas possíveis explicações: toxinas ambientais, contato com elementos químicos no trabalho, excessiva exposição aos raios X, drogas, cuecas e calças justas demais, e até banhos de imersão demasiado quentes. As causas são obscuras, no entanto, porque as pesquisas na área da infertilidade masculina são muito escassas. Um estudo governamental sobre a infertilidade concluiu, em 1988, que devido à falta de informações sobre a infertilidade masculina, "qualquer esforço de prevenção e cura não passa de mero palpite".

O governo continua não incluindo os homens em suas pesquisas sobre a fertilidade. "Por que não os homens?", fica repetindo o demógrafo-chefe das pesquisas do governo, William D. Mosher, como se estivesse ouvindo a pergunta pela primeira vez. "Não sei dizer. Isto é, teria de ser outra pesquisa. Precisariamos de verbas para isto. Os recursos não são ilimitados."

Se a "epidemia de infertilidade" foi a primeira salva de tiros na campanha pró-natalidade dos anos 80, então a "escassez de nascimentos" foi a segunda. Os líderes desta campanha, pelo menos, foram mais honestos: eles acusaram as mulheres liberadas de *optarem* por ter menos filhos ou de simplesmente não tê-los. Não tentaram aparentar que estavam citando neutros dados estatísticos; admitiram orgulhosamente que estavam tentando manipular o comportamento feminino. "A maior parte deste livro é especulação e provocação", admitiu tranquilamente Ben Wattenberg na sua obra de 1987, *The Birth Dearth*. "Será que o comportamento das pessoas, e portanto a sua fertilidade, poderá mudar em breve?", ele pergunta. "Espero que sim. Pois esta foi a finalidade básica do livro."

Em lugar de empurrar as mulheres para as maternidades com a ameaça de agora-ou-nunca, os teóricos da escassez de nascimentos procuraram apelar para os instintos mais baixos da sociedade - xenofobia, militarismo e intolerância, só para mencionar alguns. Se as esclarecidas mulheres brancas da classe média não começassem a procriar, advertiram eles, as indigentes, as loucas e as estrangeiras se encarregariam disto - e os Estados Unidos dentro em breve estariam liquidados. O psicólogo de Harvard, Richard Herrnstein, prognosticou que a reserva de gênios encolheria em quase 60% enquanto a população com QI abaixo de setenta aumentaria na mesma proporção, pois as mulheres "mais inteligentes" estavam negligenciando os seus deveres reprodutivos correndo atrás de diplomas universitários e de sucesso na carreira - e insistindo em controlar a natalidade. "Se a tendência atual continuar", ele advertiu sombriamente, "ela poderá anular os efeitos de qualquer outra coisa que venhamos a fazer para mantermos a nossa posição econômica no mundo." A documentação que ele dava para embasar esta tendência? Alguns comentários casuais de estudantes de Harvard que pareciam "não ver a hora" de terem filhos, queixas de algum amigo que queria mais netos e diálogos de filmes como *Três solteirões e um bebê*.

O criador e defensor da tese da escassez de nascimentos era Ben Wattenberg, jornalista e membro do American Enterprise Institute, que relatou pela primeira vez a ameaça da escassez de nascimentos no jornal conservador *Public Opinion* - e, incansavelmente, não parou de divulgá-la numa roda viva de palestras, entrevistas no rádio e na televisão e em sua própria coluna.

As suas táticas inflamadas representaram uma considerável mudança em relação à abordagem moderada que ele defendera uma década antes no livro *The Real America*, no qual censurava os teóricos da explosão populacional, acusando-os de espalhar uma "insuflada retórica do medo" e "ficção alarmista". O índice de fertilidade, ele dizia, estava de fato em ligeira diminuição, o que lhe parecia "bastante saudável" pois deixava prever maior disponibilidade de empregos e salários mais altos. A escassez de nascimentos, dizia então entusiasticamente, "pode acabar sendo o mais importante agente singular para uma maciça expansão e uma maciça ascensão" da classe média.

Passados dez anos, o cinquentão pai de quatro filhos estava agora disparando sua metralhadora giratória contra a mesma "perigosa" tendência. "Será que o mundo vai dar um passo atrás?", ele se perguntava em *The Birth Dearth*. "Poderia a cultura do Terceiro Mundo tornar-se dominante?" De acordo com o tratado de Wattenberg - com o subtítulo "O que acontece quando as pessoas do mundo livre não têm filhos suficientes" -, os Estados Unidos iriam perder o status de potência mundial, milhões de pessoas ficariam sem trabalho, as prolíficas minorias criariam "perigosas turbulências", a menor arrecadação dos impostos diminuiria o arsenal de armas atômicas dos militares e o míngua exército não teria capacidade para "deter o potencial expansionista soviético".

Na hora de distribuir as culpas, o movimento feminista foi logo escolhido como principal bode expiatório. Por ter provocado o que agora ele definia como "violenta queda" da taxa de natalidade "abaixo do nível de manutenção", ele culpava o desejo das mulheres de adiar o casamento e a maternidade, o interesse delas em melhorar a sua educação e a sua situação profissional, sua insistência em querer legalizar o aborto e o "movimento feminista" em geral. Para resolver o problema, ele ensinava, as mulheres deveriam ser convencidas a adiar suas carreiras até depois do nascimento dos filhos.

A tese de Wattenberg sobre a escassez de nascimentos foi logo adotada pela Nova Direita, por cientistas sociais conservadores e candidatos à presidência que começaram a aludir a um "suicídio cultural" e a um "suicídio genético" com palavras nefastas - e racistas. Esta ameaça tornou-se um dos temas básicos nas plataformas políticas de Jack Kemp e Pat Robertson, que não perderam tempo em ligar a queda dos nascimentos ao aumento dos direitos das mulheres. Allan Carlson, presidente do conservador Instituto Rockford, propôs que a melhor maneira para acabar com a escassez de nascimentos era revogar-se a lei de igualdade salarial e as leis federais que proibiam discriminação sexual no trabalho. Edward Luttwack foi ainda mais longe: propôs que os políticos considerassem a possibilidade de resgate das iniciativas pró-maternidade e antiaborto utilizadas pelo governo francês em Vichy, ocupada pelos alemães, na época da Segunda Guerra Mundial. E num

seminário patrocinado pelo Instituto Hoover da Universidade de Stanford, os oradores deploraram "a independência das mulheres" que levava à queda do índice de natalidade e acusaram as mulheres que não queriam ter muitos filhos de serem desprovidas de "valores".

Estes homens estavam tão afoitos em evitar que jovens solteiras negras procriassem quanto em convencer as brancas casadas a fazê-lo. O índice de nascimentos ilegítimos entre mulheres negras, principalmente adolescentes, estava alcançando proporções "epidêmicas", viviam repetindo os cientistas sociais conservadores em conferências e entrevistas à imprensa. O uso da metáfora da doença por parte dos defensores da plena natalidade é involuntariamente revelador: eles consideravam "epidemia" o fato de as mulheres brancas *não* procriarem, assim como era "epidemia", para eles, o fato de as negras o fazerem. No caso das mulheres negras, as advertências eram simplesmente sem fundamento. Os nascimentos ilegítimos entre adolescentes e mulheres negras estavam com efeito diminuindo nos anos 80; o único aumento de nascimentos fora do vínculo matrimonial acontecia entre as mulheres brancas.

Os teóricos da escassez de nascimentos tinham razão ao afirmarem que as mulheres haviam escolhido limitar o tamanho das suas famílias. Estavam entretanto errados ao afirmarem que esta restrição reprodutiva havia provocado uma perigosa queda no índice de natalidade da nação. A fertilidade baixara de 3,8 filhos para cada mulher em 1957 para 1,8 na década de 1980. Acontece, porém, que o pique de 1957 foi uma aberração. O índice nacional de fertilidade tem mantido uma queda gradual ao longo dos últimos séculos; a década de 1980 simplesmente marcou uma volta ao *status quo*. E além do mais, nos anos 80 a taxa de fertilidade nem chegou a baixar; manteve-se estável em 1,8 filho para cada mulher - exatamente onde estava desde 1976. E a população estava crescendo em mais de dois milhões de pessoas por ano - o mais rápido crescimento de qualquer país industrializado.

A GRANDE DEPRESSÃO FEMININA: MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Segundo a cartilha do backlash, havia dois tipos de mulheres particularmente sujeitas a um colapso nervoso: as solteiras e as profissionais bem-sucedidas. De acordo com dezenas de artigos, manuais de psicologia barata e livros sobre a saúde da mulher, as solteiras estavam como nunca sujeitas a crises depressivas, enquanto as profissionais "entravam em curto" - uma síndrome que supostamente causava um amplo leque de doenças físicas e mentais, desde tonturas até ataques cardíacos.

Em meados dos anos 80, várias pesquisas epidemiológicas sobre saúde mental tinham notado um aumento da depressão mental entre as mulheres da

geração do *baby-boom*, um fenômeno que logo inspirou os escritores de psicologia popular a apelidar a época de "Era da Melancolia". Em busca de uma explicação para a tristeza da geração, médicos e jornalistas caíram rapidamente em cima do movimento feminista. Se as mulheres nascidas no pós-guerra não tivessem conseguido a sua independência, foram logo dizendo, as solteiras estariam agora casadas e as profissionais estariam em casa com os filhos - sentindo-se, em ambos os casos, mais calmas, saudáveis e ajustadas.

A crescente angústia mental das mulheres solteiras "é um fenômeno tipicamente desta época", afirmou a psicóloga Annette Baran num artigo publicado em 1986 no *Los Angeles Times*. "Sou levada a pensar", disse, que as solteiras representam atualmente "a maioria das pacientes de qualquer prática psicoterápica", precisamente "66%", na sua avaliação. O autor do artigo concordou com ela, definindo o "número crescente" de mulheres solteiras passando por aflições psicológicas como "uma espécie de epidemia". Um artigo de 1988, em *New York Woman*, dava o mesmo veredicto: as mulheres solteiras tinham "invadido" os consultórios dos terapeutas, "uma verdadeira epidemia". As revistas citavam a psicóloga Janice Lieberman, que dizia: "Estas mulheres procuram um tratamento pois têm certeza de que algo profundamente errado está acontecendo com elas." E assegurava: "Continuar solteira por muito tempo é traumático."

Na verdade, ninguém sabia se as mulheres solteiras estavam mais ou menos deprimidas no anos 80; nenhum estudo epidemiológico tinha realmente detectado mudanças na saúde mental das solteiras. Como notara a psicóloga e pesquisadora Lynn L. Gigy, uma das poucas na sua profissão a se dedicar às mulheres solteiras, a ciência social ainda trata as mulheres não-casadas como "desvios estatísticos". Elas têm sido "praticamente ignoradas na pesquisa e na teoria social". Mas a falta de dados não desencorajou os "especialistas", que têm culpado as mulheres solteiras de elevarem os índices das doenças mentais pelo menos desde o século XIX, quando os principais psiquiatras descreviam a típica vítima de neurastenia como "uma mulher, geralmente solteira ou de alguma forma incapacitada para desempenhar a sua função reprodutiva".

Na verdade, os cientistas sociais só conseguiram estabelecer um fato acerca da saúde mental da mulher: o trabalho fora de casa ajuda a melhorá-la. A pesquisa "Lifeprints", de 1983, descobriu nas poucas perspectivas de emprego, e não de casamento, a principal causa de aflição mental das mulheres solteiras. Pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais e do Centro de Estatísticas de Saúde, examinando os dados referentes à saúde da mulher ao longo de duas décadas, chegaram às mesmas conclusões: "Dos três fatores que examinamos (emprego, casamento e filhos), o emprego é de longe o

mais estreitamente ligado à boa saúde da mulher." As solteiras que trabalhavam, eles descobriram, estavam numa forma física e mental muito melhor do que as casadas, com ou sem filhos, que ficavam em casa. Finalmente, numa rara pesquisa extensiva que tratava as solteiras como uma categoria, as cientistas Pauline Sears e Ann Barbee descobriram que das mulheres examinadas, as solteiras eram as que demonstravam a maior satisfação com a sua própria vida - e as solteiras que tinham trabalhado a vida toda eram as mais satisfeitas de todas.

Embora os demógrafos continuem sem delinear mudanças históricas no status psicológico das solteiras, eles já reuniram uma grande quantidade de dados comparando a saúde mental das mulheres casadas e solteiras. Nenhum deles sustenta a tese pela qual as solteiras seriam responsáveis pela "Era da Melancolia": todas as pesquisas mostram que a mulher solteira goza de uma saúde mental muito melhor do que a casada (e que, num fenômeno de alguma forma relacionado, ganha mais). A advertência feita em 1972 pela socióloga da família, Jessie Bernard, continua válida: "O casamento pode ser prejudicial à saúde da mulher."

Há muitos indicadores psicológicos, e todos eles apontam na mesma direção. Nestas pesquisas as mulheres casadas acusam cerca de 20% mais depressões do que as solteiras, com um índice três vezes maior de neuroses graves. As casadas têm mais esgotamentos nervosos, neurastenia, palpitações do coração e inércia. Outras aflições também afetam desproporcionalmente as mulheres casadas: insônia, mãos trêmulas, tonturas, pesadelos, hipocondria, passividade, agorafobia e outras fobias, insatisfação com o seu aspecto físico e invencíveis sentimentos de culpa e vergonha. Um estudo extensivo de 25 anos sobre mulheres com formação universitária descobriu que as mulheres casadas são as que têm a auto-estima mais baixa, as que se julgam menos atraentes, as mais sujeitas à solidão e as que se consideram menos competentes para qualquer tarefa - até a criação dos filhos. Um levantamento de 1980 descobriu que as solteiras são mais positivas, independentes e orgulhosas dos seus êxitos. O estudo extenso da Mills, que acompanhou as mulheres durante mais de 30 anos, revelou em 1990 que as casadas de forma "tradicional" corriam mais riscos de desenvolver doenças físicas e mentais ao longo da sua vida do que as solteiras - desde depressão a enxaqueca, desde hipertensão a colite. Um levantamento de 106 mil mulheres feito pelo *Cosmopolitan* descobriu que as solteiras não só ganham mais do que as casadas, como também gozam de mais saúde e têm mais chances de fazer sexo com regularidade. Finalmente, quando os conhecidos pesquisadores de saúde mental Gerald Klerman e Myrna Weissman examinaram toda a literatura sobre a depressão feminina e testaram fatores que iam dos genéticos até pílulas anticoncepcionais, só encontraram duas causas sérias de depressão: baixo nível social e casamento.

Se as mulheres solteiras mentalmente desequilibradas não causavam a "Era da Melancolia", será então que as responsáveis por ela eram as profissionais estressadas? Uma vez que o emprego colabora com a saúde mental das mulheres, isto parece altamente improvável. Mas os especialistas em "desequilíbrios mentais" estavam decididos e não iriam deixar por menos. "As mulheres que entraram em parafuso se tornaram um padrão da nossa cultura", advertiam os psicólogos Herbert Freudenberger e Gail North em *Women's Burnout*, um dos muitos livros sobre o assunto a chegarem às estantes das livrarias na década. "Ouço cada vez mais falar em mulheres que chegam à beira de um colapso físico e/ou psicológico", escreveu Marjorie Hansen Shaevitz em *The Superwoman Syndrome*. "Um número surpreendente de mulheres com altos cargos executivos circula levando na bolsa seus tranquilizantes", informou aos leitores de *Savvy* o Dr. Daniel Crane. Como advertiu *The Type E Woman*: "As mulheres que trabalham estão engrossando as fileiras epidemiológicas dos casos de úlcera, ingestão exagerada de drogas e de álcool, depressão, disfunções sexuais e de um leque de males físicos induzidos pelo estresse, inclusive dor nas costas, dor de cabeça, alergias e recorrentes infecções virais e gripe." Mas isto não é tudo. Outros especialistas acrescentaram à lista ataques cardíacos, apoplexia, hipertensão, esgotamento nervoso, suicídio e câncer. "As mulheres estão se liberando para morrer como homens", afirmava o Dr. James Lynch, autor de vários livros sobre estresse, apontando para aquilo que ele denunciava como sendo um aumento nos índices de fumo, bebida, doenças do coração e suicídio entre as mulheres executivas.

Os especialistas não mostravam evidência alguma, só casos curiosos - e periódicas bordoadas contra o feminismo. "O movimento feminista começou tudo" com "a invasão em larga escala" do mercado de trabalho, afirmava *Women Under Stress*, e agora muitas mulheres desiludidas estão descobrindo que "talvez a recompensa não valha o preço pago em estresse". Os autores alertavam: "Às vezes as mulheres se deixam levar a tal ponto pelo movimento feminista que acabam aceitando empregos para os quais não estão qualificadas."

A mensagem por trás destes "conselhos" todos? Voltem para casa. "Embora ser dona-de-casa em tempo integral também provoque estresse", escreveu Geórgia Witkin-Lanoil em *The Female Stress Syndrome*. "continua sendo o lado mais fácil da moeda."

Na verdade, a evidência dos fatos - dezenas de estudos comparativos sobre mulheres que trabalham e mulheres que não trabalham - indica o caminho oposto. Sejam elas operárias ou altas executivas, as trabalhadoras experimentam menos depressão do que as donas-de-casa; e quanto mais

desafiadora a carreira, melhor a saúde mental e física delas. As mulheres que nunca trabalharam são aquelas que apresentam os mais altos índices de depressão. As mulheres empregadas são menos sujeitas do que as donas-de-casa aos pequenos e grandes problemas mentais - desde suicídio e esgotamento nervoso até insônia e pesadelos. São menos nervosas e passivas, demonstram menos ansiedade e tomam menos psicotrópicos do que as mulheres que ficam em casa. Segundo as conclusões de um estudo baseado em dados oficiais de pesquisas sobre a saúde nos EUA, "... a inatividade pode ser a maior geradora de estresse".

Nos anos 80 as mulheres profissionais tampouco estavam provocando um aumento nas ocorrências de enfarte e de hipertensão. Com efeito, tal aumento não existiu: as mortes por doença cardíaca caíram 43% entre as mulheres desde 1963; e a maior parte desta queda foi notada a partir de 1972, quando a participação das mulheres no mercado de trabalho tomou-se mais consistente. Da mesma forma, a hipertensão entre mulheres diminuiu desde o começo dos anos 70. Só os índices de câncer pulmonar têm subido, e esta herança não é do feminismo, mas sim da maciça campanha publicitária com que em meados deste século se procurou aliciar a mulher para o vício do fumo. A partir dos anos 70, o número de mulheres fumantes tem percentualmente diminuído.

A importância do trabalho remunerado é básica e duradoura para a auto-estima da mulher. Até nos anos 50, quando imperava a "mistica feminina", ao serem indagadas sobre o que lhes dava um sentido de propósito e de valor pessoal, 2/3 das mulheres casadas respondiam que era o trabalho, e só 1/3 mencionou as tarefas domésticas. Na década de 1980, 87% disseram ser o trabalho a dar-lhes satisfação pessoal e um sentido de realização. Em resumo, como conclui uma ampla pesquisa: "A saúde das mulheres é prejudicada pela *baixa* [o grifo é meu] participação delas na força de trabalho."

Ajudando a aumentar o acesso das mulheres a mais e melhores empregos, a campanha pelos direitos da mulher não podia deixar de ser benéfica do ponto de vista da saúde mental delas. Uma pesquisa do National Sample Survey dos EUA, feita entre 1957 e 1976, detectou uma sensível melhoria na saúde mental das mulheres, diminuindo os índices de diferença entre os sexos, quanto a distúrbios psicológicos, em quase 40%. A famosa pesquisa do Centro de Manhattan, de 1980, descobriu que o número de problemas de saúde mental feminina tinha caído de 50 a 60% desde o começo dos anos 50. O diretor do projeto, Leo Srole, concluiu que a crescente autonomia e o maior poder econômico das mulheres haviam feito a diferença. "As mudanças", ele escreveu, "não são apenas coincidências casuais no desenvolvimento da história, mas sim refletem uma relação de causa e efeito entre a parcial emancipação da mulher da condição de servidão sexual do século XIX e os progressos em bem-estar subjetivo do século XX."

Se algo realmente ameaçava o bem-estar emocional das mulheres nos anos 80, este algo era o próprio antifeminismo, que trabalhava para solapar o status econômico e social das mulheres - os dois pilares em que se apoia a boa saúde mental. Segundo o que até um dos manuais de psicologia admite, "há uma relação direta entre o sexismo e o estresse feminino". Como a atual ofensiva contra os direitos da mulher poderá afetar os índices de saúde mental feminina, entretanto, é algo que só o futuro poderá dizer. Devido ao atraso com que se levam a cabo as pesquisas epidemiológicas, levará algum tempo antes que possamos conhecer os dados reais.

Quem estava, então, causando a tal "Era da Melancolia"? Em 1984, o Instituto de Saúde Mental revelou os resultados do mais abrangente levantamento de saúde mental já tentado no país, o Estudo da Bacia Epidemiológica, que coletou dados em cinco lugares diferentes do país, assim como no Canadá. A sua descoberta fundamental foi quase completamente ignorada pela imprensa: "Os índices gerais para todos os distúrbios em ambos os sexos são atualmente parecidos."

Historicamente as mulheres sempre superaram os homens na proporção de três para um nos casos de depressão. Os dados desse estudo, entretanto, coletados entre 1980 e 1983, mostravam que a defasagem tinha encolhido para menos de dois para um. Em alguns levantamentos, com efeito, parece que a tal defasagem nunca existiu. Em parte, a diminuição da defasagem deve-se a uma melhoria no quadro mental das mulheres em geral. Mais do que isto, porém, assinala quadro mais sombrio para os homens. Pesquisadores epidemiológicos vêm constatando um considerável aumento de distúrbios, principalmente depressivos, entre homens de 20 e 30 anos. Enquanto o nível de ansiedade feminina diminuía, o dos homens subia. Enquanto os índices de suicídio das mulheres baixavam desde 1960, os dos homens continuavam subindo. Os índices de *tentativas* de suicídio estavam também ficando similares, uma vez que os índices masculinos aumentavam mais rapidamente do que os femininos.

Enquanto os efeitos do movimento feminista parecem não ter deprimido as mulheres, tudo indica que de fato atrapalharam muitos homens. Numa análise de três décadas de pesquisas sobre diferenças entre os sexos na saúde mental, os cientistas sociais Ronald C. Kessler e James A. McRae Jr., do Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan, concluíram: "É provável que os homens estejam se estressando com o seu papel de homens mais rapidamente do que as mulheres em seu papel de mulheres." As mudanças de papéis que as mulheres escolheram "estão ajudando a acabar com a defasagem entre homens e mulheres quanto à saúde mental, devido principalmente ao aumento da tensão masculina". Enquanto a melhoria progressi-

va da saúde mental das mulheres se origina nos seus cada vez mais altos índices de emprego, afirmam os pesquisadores, "o aumento da aflição entre os homens pode ser atribuído, em parte, à depressão e à perda de auto-estima relacionada à crescente tendência de as mulheres arranjam um trabalho fora de casa". Para muitos homens dos anos 80, este efeito foi exacerbado por outra bem conhecida ameaça à saúde mental - a perda de poder econômico - quando milhões de tradicionais cargos "masculinos" que geravam salários se evaporaram na reestruturação econômica. Observando as drásticas alterações na proporção de doenças mentais entre os dois sexos observável em pequenas comunidades industriais, Jane Murphy, diretora de epidemiologia psiquiátrica no Hospital Geral de Massachusetts, escreveu em 1984: "Será que algumas mudanças na estrutura ocupacional da nossa sociedade criaram uma situação que, de alguma forma, beneficia mais as fêmeas do que os machos?" Na verdade, como Kessler diz numa entrevista, os pesquisadores que se concentram no lado feminino da equação da saúde mental estão provavelmente deixando de reparar no fato principal: durante os últimos trinta anos, a diferença entre os sexos [quanto às doenças mentais] está diminuindo principalmente porque os *homens* estão se sentindo pior."

Vários relatórios sobre saúde mental publicados nos anos 80 sustentam esta afirmação. Uma pesquisa de 1980 mostra que maridos de mulheres que trabalham registram índices de depressão mais altos do que maridos de donas-de-casa. Num estudo de 2.440 adultos feito em 1982 pelo Centro de Pesquisas da Universidade de Michigan descobriu-se que depressão e falta de confiança entre homens casados estavam estreitamente ligadas ao emprego das mulheres. Em 1986, uma análise da Pesquisa sobre a Qualidade de Emprego concluiu que "vencimentos duplos podem ser experimentados como um rebaixamento para o homem e uma promoção para a mulher". Os maridos de mulheres que trabalham, concluíram os pesquisadores, têm mais problemas psicológicos, mais falta de confiança e depressão do que os casados com donas-de-casa. "Por trás da fachada de um igualitário estilo de vida pioneiro, há uma ansiedade entre os homens que o tempo sozinho não pode curar", concluíram. Acontece, escreveram, "que os padrões tradicionais de virilidade continuam mais importantes, em termos de avaliação pessoal, do que a retórica contemporânea sobre igualdade entre os sexos".

Uma pesquisa sobre o estresse relacionado ao desempenho de papéis sexuais, feita em 1987 por um grupo de cientistas da Universidade de Michigan, da Universidade de Illinois e da Universidade Cornell, salienta a mesma relação e observa que o bem-estar psicológico do homem se mostra particularmente ameaçado quando a mulher trabalha. "Uma vez que pesquisas anteriores sobre as mudanças de papel concentraram-se nas mulheres negligenciando os homens", escreveram, "este resultado sugere que tal ênfase nos desviou do caminho certo e que precisamos seriamente entender de

que forma a mudança do papel feminino influi na vida e nas atitudes masculinas." A advertência, porém, passou quase despercebida pela imprensa. Quando a *Newsweek* apresentou a sua matéria de capa sobre depressão, colocou na capa a foto de uma mulher tristonha - e, nas páginas internas, sete das nove pessoas mostradas também eram mulheres.

O INFERNO DAS CRECHES: FAÇA A SUA PRÓPRIA ESTATÍSTICA

As manchetes contrárias às creches praticamente berravam nos anos 80: "Mãe, não me deixe aqui!" O que os pais não sabem das creches. As creches podem prejudicar a saúde dos seus filhos. Quando cuidar das crianças se transforma em molestar as crianças: acontece muito mais do que os pais gostariam de pensar.

Os arautos da Nova Direita, obviamente, eram os mais empenhados na denúncia, chamando as creches de "Talidomida dos anos 80". Os homens do governo tampouco mediam palavras, como aquele alto oficial do exército que proclamou: "As mulheres que trabalham e deixam as crianças em centros impessoais em vez de ficar em casa tomando conta delas estão estiolando a fibra moral da Nação." A imprensa, mais sutilmente mas com a mesma persistência, dizia cobras e lagartos seja das mães que recorriam às creches, seja das pessoas que ficavam cuidando das crianças.

Em 1984, uma matéria da *Newsweek* alertava contra a "epidemia" de maus-tratos contra crianças, baseada em denúncias contra alguns diretores de creches - dos quais os mais conhecidos foram absolvidos nos tribunais. Só para ter certeza de que a ameaça não deixara as mães indiferentes, duas semanas depois a *Newsweek* voltava à carga com uma matéria de capa que perguntava: "Qual é o preço das creches?" A foto na capa apresentava uma criança de olhos arregalados chupando o dedo. Apenas no intuito de promover edificante contraste, as oito páginas internas mostravam uma Boa Mãe - sob o título "Em casa por opção". A ex-operadora da bolsa tinha desistido da carreira para ficar em casa com o filho e dar assistência ao marido. "Tive que reconhecer que não podia fazer tudo ao mesmo tempo", dizia a mãe, numa atitude que a *Newsweek* aprovou. Tempos depois, numa edição extra dedicada à família, a *Newsweek* publicou mais uma matéria sobre "o lado obscuro das creches". A reportagem aludia com insistência "às evidências cada vez mais claras de que as creches podem representar uma ameaça à saúde das crianças", mas nunca chegou a apresentar tais evidências. Esta campanha foi uma das poucas que a imprensa conseguiu montar sem muita ajuda. Os pesquisadores tiveram de se esforçar para tentar encontrar alguma irregularidade nas creches. E assim a imprensa resolveu reciclar algumas "pesquisas" superadas e ignorou o resto.

Na primavera de 1988, num comunicado à imprensa, o Laboratório de Pesquisas Familiares da Universidade de New Hampshire deu a conhecer o maior e mais abrangente estudo sobre abusos sexuais de crianças em creches - um estudo de três anos examinando todas as denúncias de abuso no país inteiro. Era de se esperar que, depois de tantas matérias de capa sobre esta aparente ameaça, as conclusões dos pesquisadores fossem consideradas um acontecimento importante do ponto de vista da notícia. A resposta do *New York Times*, no entanto, foi típica: publicou o comunicado num pequeno artigo na página de classificados. (Ironicamente, a mesma página apresentava uma matéria com destaque menor ainda, acerca de um pai no estado de Wisconsin que surrara tão brutalmente o filhinho de quatro anos que este teria de permanecer internado pelo resto da vida devido às lesões cerebrais.) Por que tão pouco interesse? A pesquisa concluiu que não havia epidemia alguma de abuso sexual em creches. Na verdade, salientava a pesquisa, se havia de fato alguma crise de abuso, esta existia em casa - onde há quase o dobro de risco de abusos sexuais do que nas creches. Em 1985 foram registrados quase 100 mil casos de crianças sexualmente molestadas por membros da família (quase sempre pais, padrastos ou irmãos mais velhos), contra cerca de 1.300 casos ocorridos nas creches. Os pesquisadores também descobriram que é muito mais provável que as crianças sejam espancadas em casa; e o abuso físico no lar tende a ser mais duradouro, grave e traumático do que qualquer violência que a criança venha a enfrentar nas creches. Em 1986, 1.500 crianças morreram devido aos maus-tratos recebidos em família. "As creches, apesar das histórias pavorosas relatadas na mídia, não são lugares de intrínseco alto risco para as crianças", concluíram os autores da pesquisa do Laboratório de Pesquisa Familiar. "O risco de abuso não é razão suficiente para evitar as creches em geral ou para que os pais se afastem do mercado de trabalho."

Estudos ao longo dos anos 70 e 80 confirmaram que, se houve algum efeito duradouro das creches sobre as crianças, ele consistiu no fato de a criança tornar-se um tanto mais gregária e independente. As crianças das creches também parecem ser um pouco mais abertas quanto aos papéis sexuais; meninas entrevistadas nas creches mostram-se mais dispostas a pensar que as tarefas domésticas e a criação dos filhos deveriam ser a obrigação de ambos os pais. Um estudo da Academia Nacional de Ciências, em 1982, concluiu que as crianças não sofrem efeito prejudicial algum do ponto de vista do desenvolvimento escolar, social ou emocional quando a mãe trabalha.

Mesmo assim, a maioria das "estatísticas" publicadas na imprensa nos anos 80 baseava-se mais em folclore do que em pesquisas. Segundo os relatos da mídia, por exemplo, acreditava-se que as doenças fossem de mais fácil contágio nas creches do que no lar. As pesquisas sérias sobre creches e doenças, no entanto, mostram que embora as crianças nas creches fiquem inicial-

mente mais sujeitas às doenças, elas logo criam imunidade e acabam ficando menos doentes do que as que ficam em casa. A ameaça das creches ao vínculo afetivo entre mãe e filho foi mais um mito divulgado. A pesquisa, porém, oferece evidências mínimas de enfraquecimento do vínculo afetivo entre mãe e filho - e sugere que este, de qualquer maneira, acaba se beneficiando com um contato mais amplo com o mundo adulto. (Ao que parece, ninguém se importa com a eventual ameaça da creche ao vínculo afetivo com o pai.)

Não dispondo de nenhuma evidência demográfica conclusiva para justificar um ataque às creches para crianças que já aprenderam a andar, os críticos das creches concentraram sua atenção nos recém-nascidos. Crianças de três anos, eles argumentaram, podem sobreviver às creches, mas os recém-nascidos certamente sofreriam danos permanentes. As evidências deles, no entanto, vinham de estudos feitos na Europa, durante a guerra, em orfanatos e campos de refugiados - ambientes que nem de longe poderiam ser comparados às creches modernas, mesmo as piores. Um dos estudos mais frequentemente citados pela imprensa nem fora conduzido em seres humanos. O psicólogo Harry Harlow descobriu que os "recém-nascidos" estão sujeitos, nas creches, a graves perturbações emocionais. Os sujeitos em questão, entretanto, eram macacos recém-nascidos. E as babás nem mesmo eram mães-macacas substitutas: os pesquisadores usavam grosseiros bonecos de arame!

Finalmente, em 1986, surgiu algo em que os críticos das creches poderiam se apoiar. O psicólogo e cientista social Jay Belsky, da Universidade Estadual da Pensilvânia, um eminente defensor das creches, expressou algumas reservas quanto às creches para recém-nascidos. Até então, Belsky vinha afirmar que o seu exame da literatura médica sobre desenvolvimento infantil quase não apresentava diferenças significativas entre crianças criadas em casa e outras criadas nas creches. Porém, depois, no número de setembro de 1986 da publicação *Zero to Three*, Belsky afirmou que colocar uma criança numa creche por mais de 20 horas semanais apresentava um "fator de risco" que podia levar a um relacionamento "inseguro" com a mãe. A imprensa e os políticos conservadores não demoraram a se manifestar. Belsky foi logo convidado para os principais programas informativos de televisão e entrevistado dezenas de vezes por mês pela imprensa. E, para profundo constrangimento do liberal Belsky, "os conservadores me abraçavam". Os acadêmicos de direita citavam as conclusões de Belsky. Políticos conservadores pediram o seu testemunho no Congresso nas comissões sobre creches - e ficaram furiosos quando não conseguiram arrancar dele "o que eles queriam que eu dissesse".

Belsky incluiu no seu relatório sobre as creches inúmeras restrições, advertiu firmemente que uma reação exagerada era desaconselhável e avisou

que so dispunha de poucas evidências. Escreveu que "só podia ser vislumbrado de um ponto de vista *circunstancial* [os grifos são dele] o fato de a creche nos primeiros anos de vida *poder* estar relacionada com a crescente rejeição da mãe, *possivelmente* até o ponto de criar insegurança na relação afetiva". E acrescentou: "Não posso deixar de afirmar com a maior ênfase que há evidência suficiente para levar um cientista escrupuloso a duvidar desta linha de raciocínio." Finalmente, como gosta de lembrar, em todas as entrevistas com a imprensa insistiu nas advertências, enfatizando que os seus resultados frisavam a necessidade de maiores investimentos e melhores padrões para os centros de assistência infantil, e não queriam de modo algum contribuir para a erradicação das creches. "Eu não disse que não deveríamos ter creches", afirmou. "Disse que precisávamos de *boas* creches, do ponto de vista da qualidade." Mas suas palavras caíram em "ouvidos moucos". E uma vez que as deturpações do seu trabalho passaram para a mídia, tornou-se impossível erradicá-las. "O que mais me surpreendeu foi o fato de os jornalistas plagiarem uns os artigos dos outros. Muito poucos entre eles tinham de fato lido o meu relatório."

O que também recebeu muito pouca atenção por parte da imprensa foi a evidência que Belsky usara para justificar a sua reavaliação. Ele focalizou a sua atenção sobre quatro pesquisas - qualquer uma das quais, como ele mesmo admitiu, "poderia ser deixada de lado por várias razões científicas". A primeira pesquisa tratava de um centro que cuidava principalmente de mães com baixa renda que ficaram grávidas sem querer - o que tornava impossível saber se as crianças estavam tendo problemas porque freqüentavam a creche ou porque tinham uma vida tão miserável em casa. Belsky disse que também dispunha de evidências da classe média, mas os autores de dois estudos fundamentais que ele usou disseram mais tarde que ele havia interpretado erroneamente os dados. Ron Haskins, psicólogo da Universidade da Carolina do Norte e autor de um destes estudos sobre os efeitos das creches na agressividade, num exemplar posterior de *Zero to Three*, simplesmente declarou que "os meus resultados não corroboram estas conclusões". Para defender a sua posição, segundo a qual os recém-nascidos criados em creches poderiam tornar-se "menos submissos" quando mais velhos, Belsky citou mais uma pesquisa. Mas deixou de mencionar a posterior revisão da mesma, na qual os autores mudaram de forma bastante drástica os seus pontos de vista.

Os cientistas sociais *poderiam* fornecer inúmeros dados para mostrar que pelo menos um membro da família americana fica mais feliz e melhor ajustado quando a mãe fica em casa e cuida das crianças. Mas esta pessoa é o pai - uma descoberta de escassa utilidade para os defensores do backlash. De qualquer forma, lá pelo fim dos anos 80 a imprensa nem estava mais que-

rendo dados sérios para defender seus pontos de vista. Nesta altura o público já estava tão embebido da doutrina antifeminista que os seus porta-vozes já nem se davam ao trabalho de exhibir as habituais estatísticas. Alguém precisava de provas? Todo mundo já acreditava que os mitos acerca das mulheres dos anos 80 eram verdades.

3

Os refluxos de ontem e de hoje

Um backlash contra os direitos da mulher não é nenhuma novidade na história americana. Na verdade, trata-se de um fenômeno recorrente: toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo a igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. "O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de 'progresso', sempre foi estranhamente reversível", observou a estudiosa de literatura americana Ann Douglas. Os historiadores nunca deixaram de se surpreender com este padrão capenga, cheio de saltos e interrupções, do feminismo americano. "Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas", escreve a historiadora Dale Spender, "as mulheres ficam confinadas em ciclos de contínuos recomeços."

Na imaginação popular, entretanto, a história dos direitos da mulher é habitualmente representada como uma linha perfeitamente horizontal que, vinte anos atrás, deu uma repentina e nunca vista guinada para cima. Ignorando os muitos picos e vales atravessados a caminho da liberdade, o mapa mental do progresso da mulher americana apresenta uma grande planície de feminilidade "tradicional", na qual as mulheres vaguearam "naturalmente" e sem nenhuma outra saída, sujeitos eternamente passivos, até aparecerem os movimentos feministas de 1970. Este mapa é, por si só, prejudicial aos direitos da mulher; apresenta a luta das mulheres pela liberdade como se fosse algo que só tivesse acontecido uma vez na história, um anômalo e até nocivo subproduto da era pós-moderna. Como a poeta e ensaísta Adrienne Rich definiu, "o que faz com que cada nova geração de feministas pareça uma anômala excrescência perdida no tempo é o cancelamento do passado histórico e político das mulheres".

Uma precisa representação gráfica dos progressos das mulheres na história pareceria uma espiral levemente inclinada para um lado, com seus círculos aproximando-se cada vez mais da linha da liberdade com o passar do tempo, mas - como uma curva matemática aproximando-se do infinito - nunca chegando lá. A mulher está presa nesta espiral assintótica, rodando sem fim de geração em geração, aproximando-se cada vez mais da sua meta sem nunca chegar. Cada revolução promete ser "a revolução" que a livrará da órbita, que finalmente garantirá para ela justiça e dignidade plenas. A

cada vez, porém, a curva volta atrás pouco antes da linha de chegada. A cada vez, a mulher ouve dizer que precisa esperar mais um pouco, que deve ter mais um pouco de paciência - ainda não está bem na hora de dizer a sua fala. E pior, ela pode aprender a aceitar este forçado adiamento como se fosse escolha própria e até a orgulhar-se dele.

Toda vez que a espiral aproximava-se da igualdade, as mulheres acreditavam que a sua viagem estava perto do fim. "No começo deste século", alegrava-se a sufragista Ida Husted Harper, a condição feminina "mudou completamente em quase todos os aspectos". Não iria demorar para o país ter de abrir um Museu da Mulher, brincou a feminista Elsie Clews Parsons em 1913, só para provar "a uma incrédula posteridade que a mulher já fora considerada uma classe social à parte". Ainda mais tarde, no fim da Segunda Guerra Mundial, uma trabalhadora da indústria siderúrgica declarava a uma pesquisa encomendada pelo governo: "A velha teoria de que o lugar da mulher é no lar já não existe. Esse tempo passou para não voltar."

Em cada um destes períodos, entretanto, as celebrações foram prematuras. Este esquema de insuflar as esperanças femininas só para despedaçá-las não é típico apenas da história americana ou dos tempos modernos. Vários tipos de backlash para acabar com os quase sempre míseros ganhos das mulheres - ou simplesmente contra o fato de as mulheres parecerem em ascensão - podem ser encontrados nas leis regulamentando a propriedade e nas penalidades para mulheres não-casadas ou sem filhos na antiga Roma, nos julgamentos por heresia das discípulas da primitiva Igreja Cristã ou na queima em massa de bruxas na Europa medieval.

Na condensada história dos Estados Unidos, entretanto, estes reflexos têm aparecido com surpreendente frequência e intensidade - e têm desenvolvido os seus mais sutis meios de persuasão. Num país onde as diferenças de classe são fracas, ou pelo menos não tão aparentes, talvez não seja assim tão surpreendente que a diferença entre os sexos chegue a ter tanta evidência e tantos ânimos acalorados. Se o homem americano não pode gabar-se de nenhum brasão ancestral com que se elevar acima das massas talvez consiga transformar o seu sexo numa espécie de *pedigree*. Também é tradicional, na América, o fato de mulheres bem-sucedidas colaborarem para a sua própria submissão. As primeiras européias brancas a entrar nas colônias americanas eram "esposas compradas", embarcadas para a Virgínia e vendidas pelo preço da passagem. Este contrato não tinha a conotação de servidão mas sim de escolha pois as noivas eram vendidas "com o seu próprio consentimento". Como um perplexo Alexis de Tocqueville observou, a solteira americana do começo do século XIX parecia ter mais liberdade do que a européia, mas também mais determinação para desistir dela com casamentos coercitivos: "Podemos dizer que graças ao uso da sua liberdade ela aprendeu a entregá-la

sem luta." Esta característica tornar-se-ia particularmente vantajosa nas subsequentes campanhas periódicas para frustrar o progresso feminino, quando as mulheres eram encorajadas a usar qualquer liberdade que de fato tinham para promover a sua própria degradação. Como a erudita Cynthia Kinnard observa no seu levantamento bibliográfico da literatura antifeminista americana, cerca de um terço dos artigos e metade dos livros e panfletos contrários à campanha dos direitos da mulher foram escritos por mão feminina.

Embora possamos encontrar vestígios do backlash na época colonial, o estilo de backlash que emergiu nos anos 80 tem as suas raízes fincadas mais especificamente no século passado. A era vitoriana fez surgir os meios de comunicação de massa e o marketing de massa - duas instituições que desde então se revelaram mais eficazes na contenção das aspirações femininas do que qualquer lei coercitiva ou castigo. Elas governam com o bastão da conformidade e não da censura: afirmam representar a opinião das mulheres e não poderosos interesses dos homens.

Se formos investigar o curso dos direitos da mulher desde a época vitoriana, acabamos encontrando uma espiral que provocou quatro revoluções. A luta pelos direitos da mulher ganhou força na metade do século XIX, no começo do século XX, no começo dos anos 40 e no começo dos anos 70. A cada vez, a luta provocou um backlash.

O RECORRENTE BACKLASH TIPICAMENTE AMERICANO

O "movimento feminista" de meados do século XIX, lançado na convenção dos direitos da mulher de Seneca Falls em 1848 e notoriamente articulado por Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, exigia o direito de voto e um leque de liberdades - educação, trabalho, direitos conjugais e patrimoniais, "maternidade voluntária", reformas na saúde e na vestimenta. Perto do fim do século, entretanto, uma contra-reação cultural esmagou os apelos femininos por justiça. As mulheres tiveram que se curvar diante de uma barragem de advertências praticamente iguais às de hoje, proferidas pelos mentores culturais da época, os acadêmicos das grandes universidades, os líderes religiosos, os especialistas médicos e os papas da imprensa. As mulheres com formação universitária de então também foram alertadas a respeito da "falta de homens"; "o excesso de jovens damas que continuam donzelas", na linguagem da época, inspirou debates nas leis estaduais e frenéticas "pesquisas" acadêmicas. Um estudo sobre o casamento apareceu em 1895, afirmando que só 28% das mulheres formadas iriam conseguir casar. Elas também encaravam uma suposta epidemia de infertilidade - induzida, desta vez, por um conflito entre "cérebro e útero", conforme a definição que um professor de Harvard deu em 1873 num livro que teve estrondoso sucesso. E as mulheres vitorianas que trabalhavam também foram acusadas de

sofrer de um prematuro "esgotamento do sistema nervoso feminino" - perdendo a sua feminilidade em troca de um certo "hermafroditismo".

Na época, como agora, os vitorianos líderes políticos e religiosos acusaram as mulheres que adiavam a gravidez de detonarem "o suicídio da raça" que arriscava o futuro da América (branca); nas palavras do presidente Theodore Roosevelt, elas eram "criminosas contra a raça" e "objeto de desdenhoso desprezo por parte das pessoas saudáveis". As mulheres casadas que exigiam direitos eram acusadas, na época, como agora, de provocarem "uma crise da família". A imprensa e as igrejas se levantavam contra as feministas dizendo que elas fomentavam os índices de divórcio, e as legislaturas estaduais votaram mais de cem leis restritivas sobre o divórcio entre 1889 e 1906. A Carolina do Sul simplesmente proibiu o divórcio. E um bando de cruzados "pela pureza", como contemporânea brigada da Nova Direita, condenara a contracepção e o aborto definindo-os como "obscenos" e tentando bani-los. Lá pelo fim do século eles conseguiram: o Congresso considerou ilegal a distribuição de anticoncepcionais e a maioria dos estados julgou o aborto criminoso - pela primeira vez na história do país.

No começo da segunda década do século, as ativistas do movimento pelos direitos da mulher retomaram a luta pelo sufrágio transformando-a numa campanha política de âmbito nacional. A palavra "feminismo" entrou no vocabulário popular - até a mulher fatal do cinema mudo, Theda Bara, se dizia feminista - e dezenas de recém-fundados grupos de mulheres apressaram-se a aceitar os seus dogmas. Com a organização do Partido Nacional da Mulher, em 1916, começou uma campanha para a Emenda da Igualdade de Direitos e as trabalhadoras formaram os seus próprios sindicatos entrando em greve por salários decentes e melhores condições de trabalho. A União Internacional de Operárias do Setor de Vestuário Feminino, fundada em 1900, cresceu tão rapidamente que em 1913 já era o terceiro maior associado da Federação Americana de Sindicatos. Margaret Sanger liderou uma campanha nacional pelo controle de natalidade. E a Heterodoxy, uma espécie de *intelligentsia* feminista, começou a organizar os primeiros grupos para conscientização das mulheres.

Mas assim que as mulheres conseguiram o direito de voto, quando umas tantas leis estaduais permitiram que elas fossem membros de júri e lhes garantiram igualdade salarial, outro backlash teve início. O Departamento de Guerra dos EUA, com a ajuda da Legião Americana e das Filhas da Revolução Americana, incitou uma campanha contra as líderes dos direitos da mulher. Feministas como Charlotte Perkins Gilman descobriram, de repente, que não conseguiam ver os seus escritos publicados; Jane Addams foi rotulada de "comunista" e de "séria ameaça" para a segurança nacional; Emma Goldman foi exilada. A mídia difamava as sufragistas; os editorialistas diziam nas revistas que o feminismo "era destrutivo para a felicidade da

mulher"; os romances populares atacavam as "mulheres carreiristas"; os clérigos se insurgiam contra "os males da revolta feminina"; os pesquisadores acusavam as mulheres de incentivar o divórcio e a infertilidade; e os médicos afirmavam que o controle da natalidade estava provocando "um aumento de insanidade, tuberculose, doença de Bright, diabetes e câncer". As jovens mulheres, informavam os jornalistas, já não agüentavam mais "toda aquela lengalenga feminista". Os primeiros sentimentos pós-feministas não surgiram na mídia de 1980, mas na imprensa de 1920. Sob este fogo cruzado, o número de participantes das organizações feministas logo começou a decrescer, e os grupos que sobraram logo se apressaram a repudiar a Emenda da Igualdade de Direitos ou simplesmente se tornaram clubes sociais. "Ex-feministas" começaram a espalhar as suas confissões.

Em vez de igualdade de respeito, a nação ofereceu às mulheres o concurso de Miss America, a partir de 1920 - o mesmo ano em que as mulheres conquistaram o voto. Em vez de direitos iguais, os legisladores, os líderes sindicais e empresariais, e até alguns grupos de mulheres endossaram uma política trabalhista "paternalista", medidas que quase sempre serviam para resguardar o emprego dos homens e negar a paridade salarial às mulheres. Os anos 20 erodiram uma década de crescimento para as mulheres profissionais; em 1930 havia menos mulheres médicas do que em 1910. Com a chegada da Depressão, uma nova rodada de leis federais e estaduais forçou a saída de milhares de mulheres das massas trabalhadoras, e as novas regras salariais institucionalizaram índices de remuneração mais baixos para as mulheres.

"Em tudo quanto é lugar podemos ver que tentativas apoiadas pelo governo estão sendo feitas para atirar mais uma vez as mulheres de volta ao lamaçal de indesejável dependência do qual elas pareciam estar a ponto de emergir", escreveu em 1933 a feminista Doris Stevens, em *Equal Rights*, a publicação do Partido Nacional da Mulher. "Quer nos parecer que as condições pré-sufrágio podem até ser restauradas, e que o ressentimento das mulheres pelos homens pode vir a se transformar num ressentimento dos homens pelas mulheres", observou Margaret Cushman Banning num ensaio publicado na *Harper's* em 1935. Mas assim como hoje, a maioria dos observadores sustentou que as feministas estavam fechando as portas simplesmente porque a batalha havia terminado - os direitos da mulher já estavam assegurados. Como a cientista política Ethel Klein escreveu acerca dos anos 20: "O esvaziamento de interesse pelo movimento feminista foi visto como um sinal de sucesso e não de fracasso."

A espiral deu mais uma volta nos anos 40, quando a economia de guerra ofereceu milhões de empregos bem remunerados na indústria e o governo até começou a oferecer condições mínimas de assistência infantil e doméstica. As publicações do governo saudavam as trabalhadoras como verdadeiras patriotas. As mulheres fortes e decididas tornaram-se símbolos culturais;

Rosie, a Rebitadora, foi enaltecida e, em 1941, surgiu a Mulher Maravilha. As mulheres aceitaram com prazer o seu novo status econômico; 5 a 6 milhões delas ingressaram na força de trabalho durante a época da guerra, 2 milhões na indústria pesada; quando a guerra acabou, elas representavam uma porcentagem recorde de 57% de todos os trabalhadores. Em levantamentos feitos pelo governo, 75% disseram que tencionavam continuar no trabalho depois da guerra - e, na geração mais nova, 88% das jovens interrogadas numa estatística de *Senior Scholastic* disseram que também queriam seguir carreira. A energia política das mulheres se reanimou; as operárias invadiram os sindicatos, protestaram por salários iguais, iguais condições de aposentadoria e assistência às creches; as feministas lançaram uma nova campanha para a Emenda da Igualdade de Direitos. Desta vez, a emenda ganhou o endosso de ambos os partidos e, no decorrer da guerra, pela primeira vez desde que a emenda havia sido proposta em 1923, o Comitê Judiciário do Senado enviou-a três vezes ao Senado para votação. Numa demonstração inusitada de boa vontade legislativa, o Congresso tramitou 33 leis promovendo os direitos da mulher.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, entretanto, os esforços da indústria, do governo e da mídia convergiram para forçar o recuo das mulheres. Dois meses depois de a vitória americana ser declarada no exterior, as mulheres estavam perdendo a sua cabeça-de-ponta econômica com a demissão de 800 mil trabalhadoras da indústria aeronáutica; até o fim do ano, 2 milhões de trabalhadoras haviam sido afastadas da indústria pesada. Os empregadores ressuscitaram proibições contra o emprego de mulheres casadas ou impuseram tetos para os salários das trabalhadoras; o governo federal propôs pagar salário-desemprego somente aos homens, fechou os seus serviços de creche e defendeu o "direito" dos veteranos de ocuparem o lugar de mulheres que trabalhavam. Uma coalizão antiemenda juntou suas forças, inclusive o Women's Bureau, 43 organizações nacionais e o Comitê Nacional de Combate à Emenda dos Direitos Desiguais. Pouco tempo depois eles acabariam com a emenda - uma sentença de morte que o *New York Times* exaltou no seu editorial. "A maternidade não pode ter emendas e ficamos contentes que o Senado nem tenha tentado aprová-la", proclamou o jornal. Quando a ONU emitiu um parecer a favor da igualdade de direitos para as mulheres em 1948, de 22 países americanos, os EUA foram o único que não quis assinar.

Empresários que haviam enaltecido o trabalho das mulheres durante a guerra acusavam agora as trabalhadoras de incompetência ou de "mau comportamento" - e se livravam delas em porcentagens 75% mais altas do que as dos homens. Os costumeiros especialistas encheram as livrarias com as advertências de sempre: a educação e o trabalho estavam despindo a mulher da sua feminilidade e negando-lhe o casamento e a maternidade; as mulheres sofriam de "esgotamento" e de desequilíbrio mental devido ao trabalho; as

mulheres que entregavam os filhos às creches não passavam de "vaidosas mães egoístas". Um estudo da Universidade de Cornell dizia que as solteiras com formação universitária só tinham 65% de chances de se casarem. A revista *This Week* advertia as leitoras com formação universitária de que "as chances de elas se tornarem solteironas eram grandes". O feminismo era uma "grave doença" que estava transformando as mulheres modernas num desolado "sexo perdido", alertava o guia mais famoso da época. As mulheres com personalidade independente tinham "fugido ao controle" durante a guerra, decretou o sociólogo Willard Waller. Acadêmicos e autoridades do governo concordaram que o aumento da autonomia e da agressividade das mulheres estava provocando um aumento nos índices de delinqüência juvenil e divórcio - e só poderia levar a um colapso da família. Especialistas em psicologia infantil, principalmente o Dr. Benjamin Spock, pediam que as mulheres ficassem em casa, e que as universidades oferecessem novos currículos para formar boas donas-de-casa.

Os publicitários inverteram a sua mensagem dos tempos de guerra - a de que a mulher podia trabalhar e gozar da vida familiar - e afirmavam agora que as mulheres deviam optar pelo lar. Como descobriria mais tarde uma pesquisa sobre a imagem da mulher nas revistas de ficção do pós-guerra, a carreira para as mulheres estava sendo apresentada numa ótica mais desencorajadora do que em qualquer outra época desde o começo do século; aqueles pequenos contos representavam "o mais duro ataque contra a carreira feminina" desde 1905. Nas histórias em quadrinhos, até a Mulher Maravilha do pós-guerra não ia lá muito bem das pernas.

Mais uma vez, algumas defensoras dos direitos da mulher procuraram alertar acerca dos sinais da próxima tempestade política. Em 1948, Susan B. Anthony IV salientou que parecia haver algum movimento para "desmantelar" o feminismo. Margaret Hickey, diretora do Comitê Consultivo da Mulher para a Comissão do Efetivo Militar, alertou que "uma campanha de métodos escusos e apressadas desculpas" estava afastando as mulheres dos altos e bem-pagos cargos governamentais. Porém, muitos grupos pelos direitos da mulher já estavam abandonando a própria causa. Enquanto isto, uma geração mais jovem de mulheres, perdida num cenário televisivo de jardins suburbanos e recantos familiares, vestia bem-comportados sutiãs e negava qualquer ambição pessoal. Não demorou para que a maioria das jovens universitárias proclamassem que estavam na universidade só à espera de um marido. A idade do primeiro casamento baixou para índices nunca vistos no século; o número de filhos pulou para novos recordes.

A era da "mistica feminina" dos anos 50 foi bem retratada, principalmente no relato de Betty Friedan de 1963. No entanto, a imagem familiar da mulher dos anos 50 nada tinha a ver com os fatos reais. Esta é uma importante observação que assume particular relevo dentro do atual refluxo antifemi-

nista, cujos efeitos muitas vezes foram minimizados e considerados benéficos ou até irrelevantes uma vez que as mulheres continuam entrando no mercado de trabalho. Nos anos 50, embora as mulheres pudessem até ficar na cozinha, também aumentava a sua presença nos escritórios - numa progressão que logo superou até a participação delas no trabalho durante a guerra. E foi justamente o contínuo afluxo das mulheres ao mercado de trabalho, e não a volta ao lar, que provocou e insuflou o furor antifeminista. Foi a realidade da mulher trabalhadora que provocou a exacerbação das fantasias culturais acerca do seu papel como dona-de-casa e parceira no sexo. Como as estudiosas de literatura Sandra M. Gilbert e Susan Gubar observam acerca da época pós-guerra, "quanto mais as mulheres eram pagas para usar o cérebro, mais os homens as descreviam em romances, peças e poemas como sendo apenas corpos".

Apesar destes clichês culturais, a proporção de mulheres trabalhadoras dobrou entre 1940 e 1950, e pela primeira vez a maioria delas era casada forçando o homem médio a encarar o fantasma da mulher trabalhadora na sua própria casa. Até no auge das demissões de mulheres no pós-guerra, elas estavam silenciosamente voltando aos seus postos de trabalho pela porta dos fundos. Enquanto 3,25 milhões de mulheres eram demitidas da indústria no primeiro ano depois da Segunda Guerra Mundial, 2,75 milhões delas ingressavam ao mesmo tempo em outros empregos administrativos com salário mais baixo. Dois anos depois da guerra, as trabalhadoras já tinham recuperado a sua posição no mercado de trabalho, e em 1952 havia mais mulheres empregadas do que no auge do esforço de guerra. Em 1955, a mulher *média* trabalhava até o nascimento do primeiro filho e voltava ao trabalho quando a criança começava a estudar.

O backlash dos tempos da mística feminina não mandou as mulheres de volta para casa (e, com efeito, poucas trabalhadoras do setor administrativo dos tempos da guerra foram dispensadas com a chegada da paz). Em vez disso, a cultura as ridicularizava; os empregadores as discriminavam; o governo promoveu novas políticas de emprego discriminatórias em relação às mulheres; e assim aconteceu até que as próprias mulheres absorvessem a mensagem de que, se quisessem trabalhar, deveriam contentar-se com a datilografia. O número de mulheres que trabalhavam não se reduziu nos anos 50, mas a proporção das que ficavam confinadas a empregos mal remunerados aumentou, a defasagem salarial ficou mais aguda e a segregação ocupacional aumentou quando o seu número nos escalões mais altos diminuiu da metade em 1930 para 1/3 em 1960. Em outras palavras, o backlash dos anos 50 não transformou as mulheres em "felizes donas-de-casa em horário integral"; apenas as rebaixou à condição de secretárias mal pagas.

As contraditórias circunstâncias das mulheres nos anos 50 - crescente participação econômica e, ao mesmo tempo, reduzido desenvolvimento cul-

tural - são o paradoxo central das mulheres durante um backlash. Na virada do século, os esforços conjuntos dos reitores universitários, dos políticos e dos líderes empresariais para expulsá-las das universidades também falharam; entre 1870 e 1910 tanto a proporção de universitárias quanto a de trabalhadoras dobraram. Não podemos, portanto, avaliar um backlash na medida das perdas numéricas das mulheres no mercado de trabalho, mas sim pelo ataque contra os direitos e as oportunidades delas dentro daquele mercado, ataque que serve para deter e reprimir uma verdadeira igualdade econômica. Conforme observou um relatório da AFL-CIO sobre os direitos dos trabalhadores, em 1985, examinando os duvidosos progressos das mulheres nos anos 80: "O número de mulheres que trabalham cresceu para cerca de 50 milhões hoje, mas isto não foi acompanhado de um crescimento similar do status econômico delas."

Para entendermos por que um backlash funciona desta forma ambígua, precisamos voltar ao nosso modelo espiralado dos avanços femininos. Em qualquer momento de refluxo antifeminista, a ansiedade cultural inevitavelmente concentra-se em dois pontos de pressão da espiral, tendências demográficas que atuam como duas setas que empurram a espiral, fazendo com que ela se incline na direção dos avanços femininos, mas também se tornando os pontos de convergência do maior furor do backlash.

A exigência feminina pelo trabalho remunerado é uma destas setas. A proporção de mulheres no mercado de trabalho remunerado tem crescido praticamente sem interrupção desde a era vitoriana. Numa sociedade em que a renda é a medida da força social e da autoridade, a crescente presença feminina na força de trabalho não pode deixar de amenizar a posição secundária da mulher. Mas não lhe trouxe a plena igualdade. Em vez disto, a cada volta da espiral, a cultura simplesmente redobra a sua resistência e, mesmo sem empurrar forçosamente as mulheres para a cozinha, procura tornar as horas passadas longe do fogão o mais injustas e intoleráveis possível: relegando as mulheres para os piores empregos, pagando-as com os salários mais baixos, despedindo-as primeiro e promovendo-as por último, recusando qualquer tipo de assistência aos filhos e à família, e hostilizando-as.

A outra seta a pressionar a espiral do backlash, sem contudo conseguir quebrar a espiral, é o controle da mulher sobre a sua própria fertilidade - e isto, também, apresenta o mesmo paradoxo entre comportamento privado e atitudes públicas. Como Henry Adams definiu o furor contra a tendência cada vez maior de as mulheres limitarem o crescimento familiar, "a corrente superficial da opinião pública parecia puxar numa direção enquanto a silenciosa corrente oculta da ação social puxava na direção oposta". Exceto durante a explosão populacional do pós-guerra, o número de nascimentos por núcleo familiar diminuiu gradativamente no decorrer dos últimos 100 anos. A possibilidade de limitar o tamanho da família certamente melhorou

a situação da mulher, mas também inspirou campanhas sociais para regulamentar o comportamento feminino e estigmatizar as mulheres sem filhos. Em tempos de backlash, o controle da natalidade torna-se mais difícil, o aborto sofre restrições e as mulheres que recorrem a ele são tachadas de "egoístas" ou "imorais".

O movimento feminista da década de 1970 conseguiu avanços substanciais tanto no campo do emprego quanto no da fertilidade - produzindo um número histórico e inédito de políticas voltadas para a igualdade e a não-discriminação no trabalho, forçando a abertura para lucrativas profissões de elite, até então privilégio masculino, e finalmente ajudando a legalizar o aborto. E hoje, mais uma vez, a fúria das ondas do backlash abate-se mais violentamente do que nunca nestas duas praias - desmonta o aparato governamental encarregado de garantir a igualdade de oportunidades, esvaziando cruciais normas legais para as mulheres que trabalham, solapando o direito de aborto, suspendendo qualquer pesquisa sobre controle de natalidade e promulga políticas de "proteção do feto" e "direitos do feto" que fecharam o acesso das mulheres a empregos lucrativos, fazendo com que elas se submetam a invasivas operações obstétricas contra sua própria vontade, e jogaram as mães "ruins" na cadeia.

O ataque contra os direitos da mulher que se desenvolveu nos anos 80 talvez seja mais notável justamente por ter conseguido passar tão despercebido. A imprensa costuma ignorar a existência cada vez mais evidente do backlash - divulgando, por outro lado, a "evidência" inventada pelo backlash. A mídia divulga dados fictícios acerca do casamento e da infertilidade que associam os avanços da mulher a recuos no matrimônio e na fertilidade, ou então publica, sem o menor sentido crítico, enganosos relatórios públicos e privados que ocultam crescentes iniquidades e injustiças, tais como a alegação do Departamento do Trabalho de que a defasagem salarial das mulheres havia repentinamente diminuído ou o relatório do Departamento de Justiça afirmando que os índices de estupro estavam estáveis e o assédio sexual no emprego declinando.

Em lugar de informações relevantes acerca da erosão política sofrida pela mulher, os meios de comunicação de massa nos deram relatos fictícios sobre uma pretensa nova tendência segundo a qual a "Nova Tradicionalista" - uma criação da *Good Housekeeping* - volta alegremente para o seu nicho doméstico. Era o ressurgimento do "movimento de volta ao lar" dos anos 50, ele mesmo uma criação das agências publicitárias e, por sua vez, uma reciclagem da fantasia vitoriana segundo a qual um novo "culto da vida doméstica" estava trazendo de volta ao lar rebanhos de mulheres. Não causa surpresa que esta "volta ao lar" tenha sido inventada e exaltada pelas mesmas ins-

tuições que sofreram as maiores perdas financeiras com o número cada vez maior de mulheres que repudiavam o lar. Os editores de revistas femininas tradicionais, os programadores da televisão e os profissionais do mundo da moda, dos cosméticos e das utilidades domésticas tiveram papéis importantes nisso - todos eles acreditam que precisam da "passividade feminina" e da dedicação integral às tarefas domésticas para venderem as suas mercadorias.

A falsa visão da mulher, veiculada pela atual cultura popular, é uma espécie de grande cortina de veludo que esconde a realidade da mulher, enquanto pretende ser seu espelho. Essa pesada cortina ocultou, de uma só vez, os ataques políticos contra os direitos da mulher, e transformou-se no inatingível modelo com o qual as mulheres deveriam se comparar, fazendo com que cada mulher duvidasse de si mesma por não conseguir atingir os padrões do modelo no espelho artificialmente criado pela mídia, em vez de duvidar da validade do próprio espelho e de procurar descobrir o que aquela enganosa superfície esconde.

Com o fortalecimento do backlash, em vez de lutar contra ele e denunciar a sua força, muitos grupos feministas ou mulheres isoladas acabaram procurando se adaptar ao modelo imposto. Instituições feministas tradicionais, como o The First Women's Bank e a Options for Women, disfarçaram suas intenções com novos nomes que soavam de forma neutra; mulheres do cenário político começaram a declarar que agora só estavam interessadas na "questão da família" e não nos direitos da mulher; e executivas formadas nas melhores universidades passaram a evitar, pelo menos em público, o rótulo de feministas. Em vez de atacar as injustiças, muitas mulheres aprenderam a conviver com elas. Em vez de ficarem revoltadas, ficaram deprimidas. Em vez de se unirem, elas se isolaram, interiorizando dores e frustrações.

Este processo de acomodação à pressão do backlash, por sua vez, acarretou ganho sem precedentes para os numerosos "profissionais" que se apressaram para tirar proveito e aumentar a pressão: conselheiros e terapeutas populares, consultores sentimentais, cirurgiões plásticos e especialistas de infertilidade, todos eles encheram os bolsos com a ansiedade feminina provocada pelo backlash. Milhões de mulheres buscavam um alívio para a sua aflição, só para acabarem ouvindo o velho lero-lero com o que se aconselha as mulheres a não levantarem a voz, a controlarem suas expectativas e a se "renderem" a uma "força superior".

Quando a busca coletiva por direitos iguais bate de frente com o muro de resistência do backlash, a vida de cada mulher se desfaz em mil pedaços. O backlash não trouxe o caloroso sentimento de "intimidade familiar", como os publicitários gostam de chamá-lo, mas sim a apavorante certeza de que agora é cada mulher por si. Tanto as jovens quanto as idosas, sejam elas ideologicamente neutras ou feministas atuantes, experimentaram a angústia deste novo isolamento - e a sensação de impotência que ele traz consigo. "Sin-

to-me abandonada", escreve uma feminista mais velha na coluna de cartas da revista *Ms.*, "como se nós todas fôssemos sócias de um clube que de repente foi fechado." "Não estamos zangadas, só estamos nos sentindo desamparadas", desabafa uma jovem num debate escolar sobre a condição da mulher.

A perda do espírito coletivo provou-se muito mais debilitante para as mulheres do que aquilo que é normalmente caracterizado como os pesados ônus de uma vida liberada. O senso comum convencional do backlash responsabiliza o feminismo pelo atual "esgotamento" da mulher. As mulheres puxaram a corda demais, pontificam os papas do backlash; o feminismo procurou mudar as coisas demais, e num tempo curto demais, e acabou prostrando as mulheres. O mal-estar e a insatisfação que as mulheres estão experimentando hoje em dia nada têm a ver, no entanto, com a rapidez da liberação, mas sim com a sua estagnação. A revolução feminista esgotou-se, deixando inúmeras mulheres desencantadas e paralisadas frente à descoberta de que seu progresso real possa ter sido, mais uma vez, impedido.

Quando alguém se sente perdido, encontrar um porto seguro torna-se inevitavelmente mais urgente do que nadar contra as correntes sociais. Manter a harmonia com um homem em particular da sua vida torna-se mais fundamental para a mulher do que lutar contra a cultura masculina como um todo. Afirmar que "não se é feminista" (mesmo quando tacitamente apoia todos os temas da plataforma feminista) parece ser a estratégia mais aconselhável e segura. Nestas condições, finalmente, o impulso para corrigir as injustiças sociais não só pode tornar-se secundário, como também mudo. "Num estado de solidão", observou a escritora feminista Susan Griffin, "a consciência da opressão permanece calada."

Nesta hora de isolamento e esmagador conformismo, esperar que cada mulher defenda bravamente a sua posição feminista seria pedir demais. "Se eu tivesse de vencer as convenções", escreveu Virginia Woolf, "eu deveria ter a coragem de um herói, e eu não sou herói." Em tempos de refluxo, até uma heroína pode sair do sério, pois o clima social torna-se insustentável e a retórica dominante invade a sua casa com a lembrança dos terríveis castigos que caberão à pioneira que ousar escarnecer das convenções. Nos anos 80, todas as advertências e as ameaças acerca das "conseqüências" e "riscos" das aspirações feministas tiveram o efeito desejado. Em 1989, quase a metade das mulheres interrogadas acerca da sua condição social pelo *New York Times* respondeu que tinham a impressão de ter se sacrificado demais em relação ao que ganharam. O preço que a cultura tinha exigido delas em troca de avanços mínimos era simplesmente alto demais.

A CRISE DE CONFIANÇA... MAS CRISE DE QUEM?

E quando as mulheres não precisarem viver para o marido e os filhos, os homens não recearão o amor e a força das mulheres, nem precisarão da fraqueza de outro para provar a sua própria masculinidade.

BETTY FRIEDAN, *The Feminine Mystique*

Esta perturbadora afirmação é uma profecia que nunca se cumpriu. As feministas sempre imaginaram, otimistas, que uma vez demonstrados os méritos da sua causa, a hostilidade dos homens pelos direitos da mulher desapareceria. Ficaram sempre decepcionadas. "Acredito que homem emancipado seja um mito nascido da nossa esperança e eterna aspiração", escreveu a feminista Doris Stevens no começo do século XX. "Houve várias realizações", escreveu em 1935 Margaret Cushman Banning, a respeito dos direitos da mulher, "... e já se passaram alguns anos. Mas o ressentimento dos homens não desapareceu. Aumentou e tornou-se mais profundo."

Quando Anthony Astrachan completou a sua pesquisa de sete anos sobre o comportamento do homem americano nos anos 80, descobriu que somente 5 a 10% dos homens interrogados "realmente apoiam as exigências femininas de independência e igualdade". Em 1988, o índice de Opinião do Homem Americano, um levantamento de três mil homens feito pela *Gentlemen's Quarterly*, descobriu que menos de um quarto dos homens apoiava o movimento feminista, enquanto a maioria era a favor dos papéis tradicionais da mulher. Sessenta por cento disseram que as mulheres com filhos pequenos deveriam ficar em casa. Outros estudos a respeito da atitude masculina em relação ao movimento feminista sugerem que a parcela maior do crescimento do apoio masculino ao feminismo aconteceu na primeira metade dos anos 70, naquele breve período em que o movimento feminista estava na "moda", e diminuiu desde então. Como observou o índice de Opinião do Homem Americano, embora nos anos 80 os homens continuassem a apoiar da boca para fora questões abstratas como a isonomia salarial das mulheres, "quando o negócio passava da justiça social para o plano pessoal, o consenso desmoronava". Nos anos 80, como a pesquisa tornou evidente, os homens já consideravam os pequenos avanços dos direitos da mulher grandes e completos; acreditavam que as mulheres tinham feito progressos substanciais rumo à igualdade - enquanto as mulheres acreditavam que a luta apenas começara. Esta diferença de opiniões sobre a campanha pela igualdade de direitos logo geraria um abismo entre os sexos.

Ao mesmo tempo que os homens deixavam de se interessar pelos assuntos feministas, as mulheres se tornavam cada vez mais envolvidas com eles. Durante a maior parte da década de 1970, não houve muita divergência de opiniões entre homens e mulheres acerca da troca de papéis entre eles, e os

homens tinham até apoiado mais questões como a Emenda da Igualdade de Direitos. Mas logo que as mulheres começaram a desfiar as suas próprias crenças mais íntimas sobre seu devido lugar, seus desejos e exigências de paridade de condições e liberdade de escolha começaram a crescer exponencialmente. Nos anos 80, como demonstraram as pesquisas, elas já tinham deixado para trás os homens na defesa de praticamente todas as posições feministas.

A pressão do backlash só serviu para reforçar e aumentar a diferença. Enquanto os direitos básicos e as oportunidades das mulheres ficavam cada vez mais ameaçados, principalmente no que se referia a mulheres chefes de família, as fileiras de mulheres que apoiavam um compromisso não apenas com o feminismo, mas com a justiça social engrossaram. Quer se tratasse de uma ação mais firme ou de uma ajuda federal para programas assistenciais, as mulheres estavam se tornando mais radicais e os homens mais conservadores. Isto era ainda mais evidente entre as mulheres e os homens mais jovens; foram os homens jovens que deram a Reagan seu apoio maior. (Contrariando a opinião geral, o crescimento da "juventude conservadora" no começo dos anos 80 foi principalmente um fenômeno de um só sexo.) Até entre os grupos mais liberais da geração do *baby-boom*, as atitudes masculinas e femininas polarizaram-se de forma dramática. Uma pesquisa feita com a geração dos *baby-boomers* (definida como sendo os 12 milhões que apoiam grupos de mudança social) descobriu que 60% das mulheres se consideravam "radicais" ou "muito liberais", enquanto 60% dos homens se rotulavam "moderados" ou "conservadores". Os entrevistadores identificaram uma causa prioritária para esta divergência: a maioria das mulheres interrogadas disse que considerava a década de 1980 "ruim" para elas (enquanto a maioria dos homens não concordou) - e receava que os próximos dez anos poderiam ser piores ainda.

A divergência entre o comportamento dos homens e o das mulheres teve marcos fundamentais em 1980. Pela primeira vez na história do país, apareceu uma defasagem entre os sexos na questão dos direitos da mulher. Pela primeira vez, viu-se que os homens estavam menos dispostos do que as mulheres a apoiar a igualdade entre os sexos na política e nos negócios, menos dispostos a apoiar a Emenda da Igualdade de Direitos - e mais dispostos a dizer que preferiam a família "tradicional", em que a mulher ficava em casa. E mais, começaram a aparecer alguns sinais reveladores de que o apoio dos homens aos direitos da mulher estaria de fato esmorecendo. Uma pesquisa de âmbito nacional descobriu que o número de homens que "acreditavam firmemente" que a família deveria ser "tradicional" - com o homem ganhando o pão e a mulher cuidando da casa - dera repentinamente um salto de quatro pontos percentuais entre 1986 e 1988, o primeiro aumento em quase uma década. (No mesmo ano, o índice caiu para as mulheres.) Uma pesquisa de

opinião descobriu que a proporção de homens contrários às mudanças do papel sexual e aos demais objetivos feministas tinha subido de 48% em 1988 para 60% em 1990 - enquanto o grupo disposto a se adaptar a estas mudanças tinha encolhido de 52 para 40%.

No fim dos anos 80, o levantamento da Pesquisa Nacional de Opinião descobriu que quase duas vezes mais mulheres do que homens achavam que uma mãe trabalhando fora poderia ser tão boa genitora quanto uma que ficasse em casa. Em 1989, enquanto a maioria das mulheres entrevistadas na pesquisa do *New York Times* achava que a sociedade americana não tinha mudado o bastante para permitir a igualdade da mulher, só uma minoria de homens concordou com isso. Uma boa parte deles, inclusive, *dizia* que o movimento feminista tinha tornado "as coisas mais difíceis em casa para os homens". Da mesma forma que em refluxos antifeministas anteriores, o mal-estar dos homens em relação à causa feminista tinha permanecido intacto no decorrer da década - e havia até, "silenciosamente, aumentado e se aprofundado".

Se por um lado os pesquisadores podiam medir o nível da resistência masculina, por outro não podiam explicá-la. E infelizmente os nossos pesquisadores sociais jamais trataram da "questão do homem" com a mesma determinação com que sempre cuidaram do "problema da mulher". As obras sobre masculinidade mal dariam para encher uma estante. Poderíamos deduzir, desta falta de literatura, que a masculinidade é menos complexa e trabalhosa, e que exige menos cuidados do que a feminilidade. Os estudos disponíveis sobre a condição do homem, entretanto, não asseguram tais conclusões. Muito pelo contrário, descobrem na masculinidade uma flor bastante frágil - uma orquídea de estufa precisando constantemente de nutrição e cuidados. "A transgressão dos papéis sexuais tem conseqüências mais graves para o homem do que para a mulher", concluiu o cientista social Joseph Pleck. Como escreveu Margaret Mead: "Na América a virilidade não tem a menor definição; precisa ser mantida e recuperada todos os dias, e um elemento fundamental na definição é ganhar da mulher em qualquer jogo em que os dois sexos venham a se enfrentar". Nada parece machucar mais as pétalas masculinas do que algumas gotas de chuva feminista - umas poucas gotas são percebidas como um aguaceiro. "O homem encara qualquer pequena perda de status, de vantagem ou de oportunidade como terrível ameaça", escreveu William Goode, um dos muitos sociólogos a espantar-se com a estranhamente hiperbólica reação dos homens diante de minúsculos progressos dos direitos da mulher.

"As mulheres tornaram-se tão fortes que a nossa independência acabou sendo perdida no lar e está agora sendo esmagada e pisoteada em público." Assim lamentava-se Catão em 195 a.C, depois que um grupo de mulheres romanas tentou revogar uma lei que proibia ao seu sexo guiar carruagens e

vestir roupas multicoloridas. No século XVI, só a possibilidade de duas damas de linhagem real ocuparem ao mesmo tempo tronos na Europa fez com que John Knox proferisse a famosa diatribe: "O Primeiro Toque dos Clarins Contra o Monstruoso Regimento de Mulheres."

Por volta do século XIX, os porta-vozes do pavor masculino já tinham aprendido a esconder os seus temores acerca da independência feminina por trás da máscara do paternalismo e da piedade. Como Edward Bok, o lendário editor vitoriano do *Ladies Home Journal* e defensor da moral feminina, explicou para as suas numerosas leitoras, o sexo frágil não deve aventurar-se além da esfera familiar, porque "os seus nervos rebeldes imediata e justamente se insurgem, 'de forma que até aqui poderás chegar, sem ir além'". Mas não eram os nervos femininos que se rebelavam contra os esforços feministas, nem então, nem agora.

Uma "crise da masculinidade" surgiu durante todos os períodos de backlash ao longo dos últimos cem anos, fiel e silenciosa companheira da ruidosa conchamação à "volta à feminilidade". No fim do século XIX, uma série de obras desaceritando os "homens molengas" foi publicada. "A geração inteira é efeminada", lamentava Basil Ransom, o protagonista de *The Bostonians*, de Henry James. "O tom masculino está desaparecendo do mundo; estamos numa época feminina, nervosa, histérica, tagarela e hipócrita... O caráter masculino... É isto que eu quero preservar, ou melhor, permitam que o diga, recuperar; e preciso dizer-lhes que não estou minimamente interessado no que poderá acontecer convosco, minhas senhoras, enquanto eu tento!" Manuais de pedagogia pregavam aos pais que enrijecessem os filhos com colchões duros e vigorosos exercícios físicos. Billy Sunday liderou o ataque clerical à religião "efeminada", promovendo uma "Cristandade muscular" e um Jesus que não era "nenhuma carinha de anjo" mas sim "o maior lutador que já viveu". Theodore Roosevelt advertiu acerca do perigo de se perder a "fibra de vigorosa dureza e masculinidade". A basófia marcial tomou conta da plataforma política; na verdade, como o sociólogo Theodore Roszak escreveu acerca da "masculinidade compulsiva" que culminou na Primeira Guerra Mundial, "o período que levou à guerra de 1914 aparece nos livros de história como uma longa e ruidosa despedida de solteiros bêbados".

A crise da masculinidade voltaria a aparecer a cada backlash. A recém-formada associação dos escoteiros já congregava, em 1920, 1/5 de todos os garotos americanos; a finalidade explícita do fundador era estancar a efeminação do macho americano furtando os rapazes do poderoso controle feminino. O escoteiro-chefe Ernest Thompson Seton temia que os jovens estivessem degenerando numa "cambada de fumantes com nervos à flor da pele e duvidosa vitalidade". E novamente, nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, homens de letras e observadores estavam apavorados com a redução da potência masculina. No lar, o exagerado apego à saia da mãe

estava sugando os humores viris. O grande sucesso de Philip Wylie, *Generation of Vipers*, advertia: "Precisamos enfrentar a dinastia das mulheres imediatamente, afastá-las das nossas carteiras", antes que o homem americano degenerasse no "Macho Abdicante". Em uma edição que pretendia focar "A Mulher Americana", a revista *Life* analisava o claudicante homem americano. Uma vez que a mulher fracassara no cumprimento de suas tarefas femininas, acusava o artigo de 1956, "o novo homem americano tende a ser passivo e irresponsável". No mundo dos negócios, o *Wall Street Journal* advertia em 1949 que "as mulheres estão assumindo". *A Look* lastimou o aumento do "domínio feminino": primeiro, as mulheres tinham conseguido o controle do mercado de ações, acusava a revista, e agora estavam conquistando "cargos executivos notavelmente autoritários".

Nos anos 80, os nervos dos homens rebelaram-se mais uma vez, quando "o declínio da virilidade americana" tornou-se uma verdadeira obsessão para o clero, os escritores, os políticos e os estudiosos de qualquer matiz político, do reverendo de extrema-direita Jerry Falwell até o poeta conferencista de esquerda Robert Bly. Líderes antiaborto como Randall Terry reanimaram milhares de homens com a sua visão de um Cristo que era um vigoroso "soldado" e não um efeminado "cordeiro". Um novo "movimento pelo homem" reuniu dezenas de milhares de seguidores num retiro "exclusivo para homens", onde erradicaram as tendências "efeminadas" e trouxeram à tona "o selvagem que havia dentro deles". Na imprensa, colunistas homens deploraram o aumento de "homens sensíveis". O editor da *Harpers*, Lewis Lapham, defendeu a criação de clubes exclusivamente masculinos para reanimar a decrescente virilidade: "Se deixarmos afrouxar as linhas de tensão equilibrada, a estrutura toda se dissolve na lama da androginia", ele predisse. No cinema e na televisão, filmes de ação completamente másculos encheram tanto as telas e as telinhas que o número de papéis femininos teve uma expressiva queda. Na ficção, livros de ação violentos viraram *best-sellers*, num renascimento do gênero que o editor dos livros de ação da Bantam Books comparou às "novelas históricas, cheias de sangue e duelos, do século XIX". No vestuário, a crise da masculinidade reacendeu o mercado: as roupas no estilo safári estouraram nas vendas, assim, como adornos de combate e as demais variedades daquilo que a *Newsweek* chamou propriamente de "moda predatória". Na política nacional, a campanha presidencial de 1988 tornou-se um concurso de testosterona. Michael Dukakis afirmava que era "durão". George Bush, cujo "langor" preocupava a imprensa, anunciou: "Eu sou o pitbull de nossa estratégia de defesa." Depois de dois anos de presidência, a metafórica bravata marcial de Bush assumiu um caráter mais literal e sangrento quando a sua administração levou o país à guerra; podemos dizer que Bush começou alardeando que iria "dar uns coices num burrinho" no seu debate com Geraldine Ferraro e acabou, como ele mesmo disse, "dando coices" na guerra do Golfo.

Neste backlash assim como nos precedentes, prevaleceu uma reação exagerada e muitas vezes cômica, diante dos modestos progressos da mulher. "As mulheres estão tomando conta" é o mesmo refrão que muitas mulheres trabalhadoras costumam ouvir dos seus colegas homens - depois que uma ou duas mulheres são promovidas na empresa, embora a alta diretoria continue sendo maciçamente masculina. Nas salas de imprensa, repórteres brancos costumam queixar-se que só mulheres e representantes das minorias conseguem emprego - muitas vezes em publicações nas quais o número de mulheres e de negros está na verdade diminuindo. "Na Universidade de Colômbia", observou a professora de literatura Carolyn Heilbrun, "ouvi muitos homens dizendo, com a maior sinceridade, que algumas mulheres à cata de isonomia salarial estavam tentando derrubar a universidade, arruiná-la." Na Universidade de Boston, o reitor John Silber espumava ao dizer que o seu departamento de inglês se tornara num "matriarcado dos internos" - quando apenas seis dos vinte membros da faculdade eram mulheres. As feministas têm "controle total" do Pentágono, queixou-se um general-de-brigada - quando as mulheres, que nem feministas eram, representavam apenas 10% das forças armadas e ficavam quase sempre relegadas aos postos mais baixos.

Mas qual é exatamente o problema da igualdade das mulheres, que só o fato de mencioná-lo ameaça acabar com a identidade masculina? Qual o problema da virilidade que, até hoje, tanto depende da "feminilidade" para a sua sobrevivência? Um pequeno dado do relatório Yankelovich, uma pesquisa que acompanhou o comportamento social durante as décadas de 1970 e 1980, dá-nos uma dica para uma possível resposta. Durante 20 anos, os pesquisadores pediram aos entrevistados que definissem masculinidade. E durante 20 anos, a definição mais comum, ganhando de longe das outras, foi a mesma. Não foi ser um líder, atleta, conquistador e nem mesmo o simples fato de "ter nascido homem". Foi apenas isto: "ser um bom provedor para a família".

Se a afirmação da masculinidade depende antes de mais nada do sucesso em ser o provedor principal na casa, fica então difícil imaginar uma força mais diretamente ameaçadora para a frágil virilidade americana do que a busca feminina pela igualdade econômica. E se sustentar a família resume o que significa ser homem, então não devemos ficar surpresos se o backlash aconteceu quando aconteceu - durante a recessão dos anos 80. Nesta época, o salário real do homem "tradicional" encolheu drasticamente (uma queda livre de 22% em núcleos familiares onde homens brancos eram os únicos arrimos de família), e o próprio provedor macho tornou-se uma espécie ameaçada de extinção (representando menos de 8% de todos os núcleos familiares). O fato de a definição de masculinidade continuar tão ligada ao

aspecto econômico também ajuda a explicar por que o backlash foi principalmente defendido por dois grupos de homens: os trabalhadores da produção, solapados pela mudança para uma economia de serviços, e os últimos rebentos do *baby-boom*, privados da comparativa riqueza de que gozaram os pais ou os irmãos mais velhos. A década de 1980 foi ruim para a indústria, que botou na rua milhões de trabalhadores, e só 60% encontraram novos empregos - destes, quase a metade com salário menor. Foi um tempo em que, entre os homens que perdiam poder aquisitivo, quem mais perdeu foram os filhos mais jovens do *baby-boom*. O homem médio com menos de 30 anos estava ganhando 25 a 30% menos do que o homem do começo dos anos 70. E em pior situação estava o jovem médio com apenas o primeiro grau: não conseguia mais do que 18 mil dólares por ano, a metade do que se ganhava uma década antes. Estas perdas, inevitavelmente, gerariam outras perdas. Como observou o pesquisador Louis Harris, a polarização econômica foi a mais dramática mudança comportamental dos últimos quinze anos: um espetacular aumento de 100% na proporção de americanos que se sentiam "sem ação".

Quando os analistas da Yankelovich reexaminaram os dados comportamentais da pesquisa de 1986, tiveram que criar uma nova categoria para descrever um grande segmento da população que aparecera de repente com um conjunto de valores todo particular. Este segmento, já representando uma significativa quinta parte da amostra nacional da pesquisa, era dominado por homens com idade de 33 anos, solteiros, com poder aquisitivo cada vez mais baixo - e furiosos com isto. Eram os irmãos mais novos, e mais pobres, da geração do *baby-boom*, aqueles que não foram tão enaltecidos pela mídia e pela propaganda. O relatório Yankelovich deu a estes jovens revoltados o eufemístico nome de "Competidores".

Os homens que pertenciam a este grupo tinham mais um traço distintivo: temiam e deploravam o feminismo. "Estes homens malsucedidos, que não conseguem ganhar tanto quanto os seus pais, são os que se sentem mais ameaçados pelo movimento feminista", observou a vice-presidente da Yankelovich, Susan Hayward. "Eles representam 20% das pessoas que não sabem se adaptar às mudanças no papel da mulher. Eles não têm bons empregos, são os primeiros a serem despedidos, não têm economias nem muitas expectativas em relação ao futuro." Outros levantamentos iriam confirmar esta observação. No fim dos anos 80, o índice de Opinião do Homem Americano descobriu que o *maior* dos seus sete grupos demográficos era agora o dos "Contrários à Mudança", um segmento com 24% da população, desproporcionalmente mal empregado, "ressentido", convencido de que estava "sendo deixado para trás", por uma sociedade em transformação, e extremamente hostil ao feminismo.

Jogar toda a culpa nesses homens, entretanto, não seria justo. Os programas e as metas do backlash foram escolhidos e articulados por homens mui-

to mais ricos e influentes do que os Competidores, homens no comando da mídia, dos negócios e da política. Os mais pobres e menos educados foram apenas os destinatários, não os criadores das teses antifeministas. Sendo os mais vulneráveis à mensagem, eles adotaram e retransmitiram o backlash com o maior estardalhaço. Os Competidores dominaram as fileiras da ala militante do movimento contra o aborto, a lista dos queixosos nos processos por discriminação inversa e pelos "direitos dos homens", os cada vez mais volumosos arquivos policiais de estupradores e molestadores sexuais. São homens como Charles Stuart, um vendedor de peles de Boston que assassinou a mulher grávida, advogada, pois temia que ela - mais instruída, melhor de vida - estivesse "levando a melhor". São homens sem perspectivas como Yusef Salaam, um dos seis acusados de estuprar e matar uma profissional que corria no Central Park; como mais tarde ele narrou à corte, sentia-se "um rato, muito menos que um homem". Homens como Marc Lepine, um mecânico desempregado de 25 anos que matou a tiros 14 mulheres numa sala de aula na Universidade de Montreal porque elas não passavam de "um bando de putas feministas".

As vítimas da economia da época são homens que sabem que alguém deu um jeito de estragar o seu futuro - e suspeitam que este alguém seja uma mulher. Nunca isto pareceu ser tão verdadeiro como no início dos anos 80, quando, pela primeira vez, as mulheres superaram os homens em número de novas contribuições para o mercado de trabalho e quando, durante algum tempo, o desemprego masculino ficou bem maior do que o feminino. O começo dos anos 80 proporcionou um gatilho não só político, mas também econômico, para o backlash. Era um momento de simbólicas encruzilhadas para homens e mulheres: a primeira vez que os homens brancos se tornavam menos da metade da força de trabalho, a primeira vez que não havia disponibilidade de novos empregos na indústria, a primeira vez que mais mulheres do que homens entravam na universidade, a primeira vez que mais de 50% das mulheres trabalhavam, a primeira vez que mais de 50% das mulheres casadas trabalhavam, a primeira vez que havia mais mulheres casadas do que solteiras trabalhando. Significativamente, 1980 foi o ano em que o Censo dos Estados Unidos parou oficialmente de definir o marido como o chefe do núcleo familiar.

Para muitos dos homens que tropeçavam, certamente pareceu que haviam sido as mulheres a lhes passarem a perna. Se houve um "preço a ser pago" pela igualdade da mulher, estes homens se convenceram de que foram eles a pagá-lo. O homem da Casa Branca durante a maior parte dos anos 80 não fez muitos esforços para desencorajar este ponto de vista. "Parte do desemprego não é realmente o que se poderia chamar de recessão", Ronald Reagan disse num discurso sobre economia em 1982, "mas sim deve-se ao grande aumento de pessoas que entram no mercado de trabalho, e - minhas

senhoras, não estou implicando com ninguém mas... - deve-se ao aumento de mulheres que agora trabalham."

Na realidade, os males econômicos da década de 1980 exigiram um tributo muito mais pesado das mulheres do que dos homens. E os chamados ganhos das trabalhadoras no governo Reagan nada tiveram a ver com as perdas dos homens. Se as mulheres pareceram abocanhar mais empregos na era Reagan, que só teve 1,56% de crescimento anual do mercado de trabalho - o menor índice desde Eisenhower -, isto só aconteceu porque as mulheres tinham poucos concorrentes homens para estas novas "oportunidades" de emprego. Cerca de um terço das novas vagas estava no nível de pobreza ou abaixo dele, comparado com um quarto da década de 1970, e trabalhos "femininos" mal remunerados em lojas ou escritórios representaram 77% de todo o crescimento do mercado de trabalho nos anos 80. O chamado aumento de oferta de trabalho se deu na faixa remunerativa de 2 dólares por hora, em trabalhos que podiam ser feitos em casa com salário de fome, no setor de vendas e de lanchonetes, sem nenhum plano de assistência ou de aposentadoria. Estas não eram posições que os homens estavam perdendo para as mulheres; eram tarefas que os homens tinham desprezado e que as mulheres assumiam só por desespero - para sustentar famílias onde o homem estava ausente, desempregado ou subempregado.

A economia dos anos 80 reduziu as fileiras da classe média, polarizando os extremos como nunca se vira desde que o governo começou a manter registro destes dados, em 1946. Neste clima, a única forma de uma família de classe média conseguir manter o seu nível de vida, era com dois contratos. Os rendimentos da família teriam encolhido três vezes mais durante a década se as mulheres não tivessem entrado maciçamente no mercado de trabalho. E este fato foi o golpe final no orgulho e na identidade dos homens: não só o homem de classe média já não conseguia mais suprir as necessidades da família, como também a pessoa que lhe dava uma mão era a mulher que ele acreditava dever sustentar.

Para estes homens amargurados, as verdadeiras causas da polarização econômica pareciam remotas e intangíveis: aquisições alavancadas que geravam desemprego; um *boom* especulativo que desmoronou com a derrubada das ações na Segunda-feira Negra de 1987; o crescente deslocamento da produção para o exterior e a automatização; a perda de poder por parte dos sindicatos; os maciços cortes de Reagan nos gastos com a assistência aos pobres e as reduções nos impostos para os ricos; um salário mínimo que colocava uma família de quatro pessoas no nível da pobreza; os custos insustentáveis de moradia consumindo quase a metade da renda de um trabalhador médio. Vale a pena notar que, em sua maioria, estas condições reprisaram circunstâncias econômicas enfrentadas pelos trabalhadores durante precedentes épocas de backlash: a grande especulação financeira levou ao pânico de

1893 e à quebra de 1929; durante os backlashes do fim do século XIX e da época da Depressão, os assalariados também sofreram com as repetidas fusões de empresas, os sindicatos se enfraqueceram e a riqueza se concentrou nas mãos de muito poucos.

Quando o inimigo não tem rosto, a sociedade inventa um. Toda a ansiedade por causa da perda do poder aquisitivo, da insegurança no trabalho e das despesas absurdas da moradia precisa de um bode expiatório, e nos anos 80 descobriu-se que o bode expiatório podia ser a mulher. "Deve haver um motivo mais profundo [para o materialismo da década] além de Reagan e de Wall Street", escreveu no *New York Times Magazine* um ex-editor de jornal - e aí concluía: "O movimento feminista deve ter tido um papel fundamental." Procurando crucificar alguém pelos excessos de Wall Street em 1980, a imprensa e o público em geral logo escolheram algumas mulheres da Bolsa apesar de esta profissão ser eminentemente masculina. Quando o *New York Times Magazine* decidiu condenar a avidez dos corretores e dos banqueiros de investimentos, a publicação reservou os ataques mais violentos para uma personagem de importância relativa: Karen Valenstein, vice-presidente da E. F. Hutton e uma das mulheres "proeminentes" da Bolsa de Valores. (Na verdade, ela era tão pouco importante que nem chegava a chefiar um departamento.) O artigo da revista, que era bastante crítico a respeito do seu suposto fracasso como mulher e como mãe, provocou uma onda de revolta contra ela em Wall Street e em outros jornais (o *New York Daily News* chegou a fazer uma pesquisa sobre a impopularidade dela), e ela acabou sendo despedida, definitivamente cortada de Wall Street, e teve que sair da cidade. E ainda mais, na hora de descarregar a fúria popular contra os poderosos da década, Leona Helmsley foi a figura mais maldosamente pichada e vituperada. Apelidada de "Bruxa Má do Oeste" e de "prostituta" por políticos e multidões enfurecidas, foi crucificada numa matéria de capa da *Newsweek* e declarada "uma vergonha para a humanidade" (imagine só, logo pelo ríscio dos hotéis Donald Trump). Enquanto isto, Michael Milken, cujas multibilionárias manipulações tornavam uma piada a comparativamente pequena evasão fiscal de Helmsley, recebia anúncios aduladores de página inteira pagos por seus admiradores, tratamento privilegiado em revistas como *Vanity Fair* e até elogios por parte do líder dos direitos humanos Jesse Jackson.

Para alguns grandes figurões em apuros, as mulheres, principalmente as feministas, tornaram-se bodes expiatórios de mil e uma utilidades - acusadas de crimes que às vezes chegavam às raias do absurdo. Cercados por corrupção e negociatas com vendas de armas, os chefões militares atribuíam os problemas do Departamento de Defesa às feministas que estavam tentando "diminuir a eficiência de combate" e à "efeminação do militar americano"; oficiais superiores advertiram o Pentágono que a gravidez entre as oficiais - uma condição que sempre afetou menos de 1% do total das alistadas - era o

"maior problema" das forças armadas. O major Marion Barry culpou uma "puta" por ele haver caído em desgraça com a cocaína - e um dos seus defensores mais ativos, o escritor Ishmael Reed, foi ainda mais longe, apresentando a história toda numa peça teatral como sendo uma conspiração *feminista*. O advogado de Joel Steinberg afirmou que o conhecido espancador de crianças havia sido destruído por "feministas histéricas". E até o coronel Oliver North responsabilizou "um arrogante exército de feministas ultramilitantes" pelos seus problemas legais no caso Irã-Contra.

A NATUREZA DO BACKLASH DE HOJE

Quando a sociedade projeta os seus medos numa forma feminina, pode tentar manter à distância estes medos controlando as mulheres - forçando-as a se conformarem com reconfortantes padrões nostálgicos e reduzindo-as, na imaginação cultural, a um tamanho manuseável. Exigir que as mulheres "voltem à feminilidade" é o mesmo que pedir que os mecanismos culturais engatem a marcha a ré, que todos nós voltemos a um tempo fabuloso, quando todo mundo era mais rico, mais jovem, mais vigoroso. A mulher "feminina" é algo eternamente estático e infantil. Ela se parece com a bailarina numa antiga caixinha de música, de imutáveis traços delicados e pueris, voz tilinante, corpo preso num pino, rodando numa espiral que nunca vai mudar.

Em tempos de backlash imagens de mulheres coagidas povoam os muscus da cultura popular. Podemos vê-las silenciadas, infantilizadas, imobilizadas ou, no nível mais alto da repressão, mortas. A mulher torna-se uma congelada figura doméstica, uma paciente acamada, um anônimo corpo imóvel. Ela é a mulher comatosa que aparece nos anúncios do Opium e de muitos outros perfumes dos anos 80. Ela é Laura Palmer, a mulher morta em *Twin Peaks*, que a *Esquire* escolheu para a capa do exemplar dedicado às "Mulheres que amamos". Embora tenha havido alguns casos - Murphy Brown na TV ou, de certa forma, Madonna na música - em que uma figura feminina agressiva e determinada conseguiu enfrentar com sucesso a opinião pública corrente, eles continuam sendo exceções. Via de regra, mulheres sem papas na língua têm sido caladas na tela e no palco ou, como no caso de Roseanne Barr, publicamente censuradas - reservando-se o aplauso para as suas mais complacentes e sussurrantes irmãs. Nos últimos dez anos, a mídia, o cinema, a indústria da moda e dos cosméticos têm unanimemente louvado a modesta e recatada mulher-menina - uma "lady" neovitoriana de rosto pálido, uma criaturazinha delicada que fica em casa, fala baixinho e apara as próprias asas vestindo roupas restritivas. Tudo o que lhe acontece, pelo menos na cultura estabelecida, é mostrado como sendo "escolha" dela; o que importa é que ela não só use corpetes que lhe apertam as costelas, como também que puxe os cordões sozinha.

A mulher reprimida do atual backlash distingue-se das suas predecessoras pois quer fazer parecer que escolhe a sua condição duas vezes - primeiro como mulher e segundo como feminista. A cultura vitoriana definia "feminilidade" como sendo aquilo que "uma verdadeira mulher" deseja; na estratégia de mercado da cultura contemporânea, também é o que uma mulher "liberada" almeja. Da mesma forma que Reagan assumiu ares populistas para vender um programa político que favorecia os ricos, os políticos, os meios de comunicação e a publicidade adotaram uma retórica feminista para passar adiante políticas que feriam a mulher, revendendo os mesmos velhos produtos de sempre ou escondiam opiniões antifeministas. Bush prometeu "maior poder" para as mulheres pobres - como substituto dos muitos programas de assistência social que ele estava cortando. Até a *Playboy* afirmou estar do lado do progresso feminino. "As mulheres avançaram tanto", garantiu o porta-voz da revista à imprensa, "que já não é um estigma posar nua."

A cultura dos anos 80 suprimiu o discurso político das mulheres e depois redirecionou sua auto-expressão para os shopping centers. A consumidora passiva foi reeditada como sucedâneo feminista, exercendo o seu "direito" de comprar produtos, fazendo as suas próprias "escolhas" ao chegar no caixa. "Você *pode* ter tudo", prometia um anúncio de cerveja a uma jovem em malha de ginástica - mas por "tudo", a cervejaria queria dizer que o seu produto não dava a barriguinha de chope. Criticado por dirigir-se a jovens mulheres nos seus anúncios, um indignado vice-presidente da Philip Morris esbravejou que este tipo de censura é "sexualmente discriminatório" pois sugere que "mulheres adultas não têm capacidade para tomar as suas próprias decisões de fumar ou não". A reivindicação feminista exortando que cada uma siga os próprios instintos tornou-se um apelo publicitário para se obedecer às solicitações do mercado - um apelo que enfraqueceu e aviltou a busca feminina de uma verdadeira autodeterminação. Fazendo com que as mulheres voltassem a se ver na condição de devotadas compradoras, a década obcecada pelo consumo conseguiu minar um dos princípios mestres do feminismo: fazer com que as mulheres pensem por conta própria. Como Christopher Lasch (que em breve lançaria as suas próprias granadas verbais contra o feminismo) observou em *A cultura do narcisismo*, o consumismo mina os avanços das mulheres da forma mais nociva, quando "parece estar do lado das mulheres contra a opressão masculina".

A indústria da propaganda estimula assim a pseudo-emancipação das mulheres, bajulando-as com o seu insinuante refrão "Você já foi longe, menina" e disfarçando a liberdade de consumo sob a máscara de verdadeira autonomia... No entanto, só emancipa mulheres e crianças da autoridade patriarcal para sujeitá-las ao novo paternalismo da indústria da propaganda, das grandes corporações e do Estado.

O atual contra-ataque aos direitos da mulher proporciona ainda outra tática inerente aos livros de estratégia dos antigos contra-ataques: a pose de uma sofisticada e irônica distância dos seus próprios fins destrutivos. A lista de emoções falsas do backlash - piedade pelas mulheres solteiras, preocupação com o esgotamento das que trabalham, envolvimento com os problemas da família -, a ofensiva atual acrescenta um escarnecedor cinismo em relação a quem ousa apontar mensagens discriminatórias ou antifemininas. Na era do entretenimento e da propaganda, destinados e criados pela geração pós-guerra, o elenco dos protagonistas conscientes nos dá constantemente a entender que *elas* sabem que a sua representação das mulheres é retrógrada e aviltante, mas, e daí? "Acho que estamos revivendo 'Papai sabe tudo'", brincam os personagens da televisão, como se a condição secundária da mulher tivesse se transformado, a longo prazo, numa engraçada piada. Ficar falando de injustiça sexual não só é feminino, mas não pega bem porque já não está com nada. A revolta das mulheres, assim, como qualquer outro tipo de revolta social, é alegremente descartada - e não por falta de conteúdo, mas simplesmente por falta de "classe".

Já é bastante difícil desmascarar sentimentos antifeministas quando eles se vestem com roupas feministas. Mas é muito mais difícil enfrentar um inimigo que diz não se importar. O feminismo "cheira tanto a anos 70", afirmam com tédio os papas da cultura popular. Agora somos "pós-feministas", informam, não para dizer que a mulher chegou à igualdade de direitos e ultrapassou essa fase, mas para sugerir que eles mesmos se adiantaram tanto que já não pretendem nem mesmo importar-se com o assunto. É uma falta de compromisso que, no fim, pode representar o golpe mais devastador contra os direitos da mulher.

PARTE 2

O BACKLASH NA
CULTURA POPULAR

*As “tendências” do antifeminismo:
A mídia e o backlash*

O primeiro ato do novo movimento pela liberação da mulher a receber cobertura de primeira página na imprensa foi um protesto contra o concurso de Miss América. Várias passeatas por empregos, equiparação salarial e igualdade de condições na educação o precederam, mas não despertaram o mesmo interesse por parte da mídia. A razão pela qual este acontecimento mereceu tamanha divulgação foi que algumas mulheres jogaram os seus sutiãs na lata do lixo. Ninguém queimou sutiãs, naquele dia - como foi erroneamente relatado por um repórter. De fato, não há evidência alguma de qualquer tipo de roupa de baixo ter sido danificada nas demonstrações feministas da década. (Os únicos dois casos em que se chegou perto disso foram organizados por *homens*, um disc-jóquei e um arquiteto, que tentaram levar as mulheres a jogar os seus sutiãs num barril e no rio Chicago para fazer "notícia". Só três mulheres cooperaram na façanha do rio - modelos contratadas pelo arquiteto.) Mesmo assim, pelos relatos da imprensa da época, as alegres fogueiras do feminismo quase chegaram a cremar a indústria de lingerie feminina.

Na maioria dos casos, no fim dos anos 60 e começo dos 70, os diretores das principais publicações preferiram simplesmente ignorar qualquer coisa que tivesse a ver com o movimento feminista. A "blitz da grande imprensa", como algumas feministas chamavam jocosamente a cobertura que a mídia deu ao movimento, durou três meses; em 1971, a imprensa já o classificava como "fogo de palha", "chatice" ou "morto". Todo aquele negócio de "queimar sutiãs", dizia perversamente a mídia referindo-se ao mito que ela mesma criara, havia alienado a mulher média americana. E as publicações em que os editores eram forçados a reconhecer o movimento feminista - pois estavam sofrendo pressões internas uma vez que as funcionárias instauravam processos por discriminação sexual -, muitas vezes enviavam repórteres para desacreditá-lo. No *Newsday*, um editor encarregou a repórter Marilyn Goldstein de uma matéria sobre o movimento feminista com as seguintes instruções: "Chegue lá e encontre uma autoridade que diga que a coisa toda não passa de um montão de merda." Na *Newsweek*, uma matéria sobre o movimento escrita por Lynn Young em 1970, a primeira da revista, foi reescrita todas as semanas durante dois meses e depois arquivada.

Em meados dos anos 70, a mídia e a publicidade haviam traçado uma linha de ação para neutralizar e ao mesmo tempo comercializar o feminismo. As mulheres, os meios de comunicação de massa pareciam ter decidido, conseguiram a igualdade e já não estavam buscando por novos direitos - apenas novos estilos de vida. As mulheres queriam auto-satisfação, e não autodeterminação - o tipo de realização pessoal que melhor pode ser satisfeita nos shopping centers. Não demorou para os periódicos, e obviamente as suas páginas de anúncios, ficarem cheios de imagens de "jovens solteiras liberadas" comprando trajes de banho com grife para as suas férias em hotéis de luxo, de supermulheres executivas que iam logo sacando os seus cartões de crédito à menor provocação. "Ela é livre. Ela é profissional. Ela é confiante", afirmava entusiasticamente um anúncio da joalheira Tandem. A Hanes apresentou o seu "mais novo produto liberador" - um novo tipo de meia-calça - e contratou uma ex-funcionária da Organização Nacional de Mulheres para vendê-lo. Um desfile de moda, intitulado "De revolução em revolução: a história secreta", mereceu tratamento de destaque por parte do *New York Times*. SUCESSO! Era a manchete dos artigos sobre o status da mulher - parecia que todas as barreiras para a igualdade da mulher tinham sido repentinamente removidas. "A caminho do sucesso, finalmente!", proclamava a *Business Week*, numa edição extra de 1975 sobre "a Mulher de Negócios" - ilustrada com uma solitária vice-presidente da General Electric sentada em sua cadeira de executiva, de braços erguidos em sinal de triunfo. "Mais mulheres estão surpreendentemente perto do sucesso", afirmava a revista - embora admitindo que não dispunha de "dados concretos" para sustentar a afirmação.

A torcida pseudofeminista da mídia parou de repente no começo dos anos 80 - e a imprensa começou logo a entoar um canto fúnebre. O feminismo está "morto", as manchetes se encarregaram de anunciar por toda a parte. "O movimento feminista acabou", informava um artigo de capa do *New York Times Magazine*. No caso de os leitores terem perdido este número, a revista logo publicou outro obituário, no qual estudantes universitárias retiravam o seu apoio ao feminismo e garantiam aos leitores que "não eram feministas" pois estas eram mulheres "deseuidadas fisicamente" e que não tinham "a menor classe".

Desta vez, a mídia não se limitou a preparar um enterro silencioso para o cadáver feminista. Fez um verdadeiro alvoroço, destruindo suas próprias imagens comerciais de feminilidade "liberada", rasgando os retratos reluzentes que ela mesma tinha emoldurado. Como um pichador, ela desfigurou a imagem das garotas de pôster dos anos 70, destruindo o mito da supermulher e provocando um efeito nocivo nas mulheres.

A imprensa apresentou o backlash em sua forma mais palatável. O jornalismo substituiu as diatribes "pró-família" dos pregadores fundamentalistas por uma retórica solidária que até parecia progressista. Amenizava o rosto carrancudo do antifeminismo enquanto socava os olhos feministas. No processo, popularizou o backlash além dos sonhos mais loucos da Nova Direita.

A imprensa não se mobilizou com esta, ou qualquer outra, intenção no entanto: como toda grande instituição, os seus movimentos não são premeditados ou programáticos, apenas grosseiramente sujeitos às tendências predominantes da política. Mesmo assim, a imprensa, levada por marés que ela raramente compreende, atuou como uma força que arrebatou o público em geral, moldando a maneira de as pessoas pensarem e falarem sobre a herança feminista e os males que ela supostamente infligiu às mulheres. Foi ela que cunhou os termos que todo mundo passou a usar: "falta de homens", "relógio biológico", "corrida para ser mãe" e "pós-feminismo". Mais ainda, foi a imprensa a primeira a apresentar e resolver, diante de uma grande audiência, o paradoxo na vida das mulheres, o paradoxo que se tornaria tão fundamental para o backlash: as mulheres conseguiram tanto e, mesmo assim, sentem-se tão insatisfeitas; devem ser as realizações do feminismo, e não a resistência da sociedade contra estas realizações parciais, a razão para todo este sofrimento das mulheres. Nos anos 70 a mesma imprensa tinha defendido a imagem reluzente da mulher de sucesso, dizendo: "Veja só, ela é feliz. Deve ser porque é liberada." Agora, dentro da lógica inversa do contra-ataque, a imprensa dava uma aparência carrancuda à figura da mulher de sucesso e anunciava: "Veja só, ela é infeliz. Deve ser porque ficou liberada demais."

"O que aconteceu com a mulher?" A rede ABC perguntou com muita consternação em uma reportagem especial de 1986. O convidado Peter Jennings respondeu prontamente: "As conquistas femininas às vezes custam muito caro." A *Newsweek* formulou a mesma questão em sua matéria de 1986 sobre os "novos problemas sem nome". E fez o mesmo diagnóstico: "A chave radioativa do feminismo" estava prejudicando as mulheres; a "ênfase na igualdade" arrebatou-lhes os direitos românticos e maternais forçando-as a fazer "sacrifícios". A revista advertia: "'Quando os deuses desejam nos punir, eles atendem às nossas orações', escreveu Oscar Wilde. É o que parece ter acontecido com muitas mulheres que esperavam 'conseguir tudo'." "A infelicidade da mulher é somente o seu mais recente direito adquirido", relatou a *Newsweek* na época.

A imprensa bem que poderia ter procurado a causa da infelicidade das mulheres em outro lugar. Poderia ter investigado e desmascarado as raízes profundas do contra-ataque na Nova Direita e numa Casa Branca misógina, na fria sociedade de consumo e nas intransigentes instituições sociais e reli-

O papel da mídia como colaboradora e propagandista do contra-ataque não é novidade na história americana. O primeiro artigo escarnecendo uma "supermulher" não apareceu na imprensa de 1980 mas numa manchete de um jornal da virada do século. De acordo com a imprensa vitoriana, as feministas eram "um rebanho de histéricas e irracionais revolucionárias", "barulhentas, intrometidas, fanáticas e maníacas" e "imperdoavelmente ridículas". As feministas tinham levado à ruína as mulheres; qualquer sinal de angústia feminina era certamente mais um "sintoma fatal" da doença feminista, afirmavam os periódicos. "Por que nós mulheres não somos felizes?" perguntava em 1901 o *Ladies Home Journal* (dirigido por homens) - e respondia que o movimento pelos direitos da mulher estava debilitando as suas beneficiárias.

Como observou a estudiosa de assuntos americanos Cynthia Kinnard em sua bibliografia de literatura americana antifeminista, os ataques da imprensa aos direitos da mulher "cresceram em intensidade no fim do século XIX e chegaram ao auge a cada nova campanha pelo sufrágio". Os argumentos eram sempre os mesmos: igualdade na educação transformaria as mulheres em solteironas, igualdade no emprego torná-las-ia estéreis, direitos iguais transformariam as mulheres em péssimas mães. A cada novo ciclo histórico, as ameaças eram simplesmente atualizadas e providas de roupa nova, e novos "especialistas" eram convocados. A imprensa vitoriana recorreu ao clero para sustentar os seus artigos contra o feminismo; nos anos 80, a imprensa foi buscar os terapeutas.

No artigo "A crise de identidade do feminismo", publicado na *Newsweek* em 1986, vários especialistas em assuntos femininos deram seus pareceres - sociólogos, cientistas políticos, psicólogos -, mas nenhuma das muitas mulheres que estariam supostamente passando pela tal crise. O mais perto que a revista chegou foi com dois desenhos de uma mítica vítima feminista: uma severa executiva de cabelo à escovinha é representada primeiro à sua mesa de trabalho, olhando seriamente para uma moldura sem nenhuma foto da família, e em seguida em casa, segurando um despertador e examinando os ponteiros - que marcam cinco minutos para a meia-noite.

A ausência de mulheres de verdade em matérias jornalísticas supostamente envolvendo mulheres de verdade é um marco do backlash dos anos 80. A imprensa entregou o backlash ao público através de uma série de artigos que prognosticavam profundas mudanças no comportamento social das mulheres, mas que ao mesmo tempo ofereciam muito pouco em termos de evidência para justificar suas generalizações. O jornalismo que pretende retratar "tendências", oferecendo notícias sobre a transformação dos costumes, tende mais a passar receita do que investigar. Pretendendo espelhar o sentimento público, seus reflexos do panorama humano são estranhamente despovoados. Afirmando medir as pulsações do público, ele só controla as batidas do seu próprio coração - e dos seus anunciantes.

O jornalismo de tendência conseguiu espaço não porque noticiava fatos reais, mas graças à força da repetição. Repetida um número suficiente de vezes, qualquer coisa pode parecer verdade. Uma nova tendência que aparece numa publicação gera uma reação em cadeia, com o resto da mídia logo se esforçando para conseguir a mesma história. A espantosa velocidade com que estas mensagens se espalham tem menos a ver com a precisão dos prognósticos do que com a propensão de os jornalistas se repetirem uns aos outros. E tomou-se particularmente difícil evitar a repetição nos anos 80, quando a imprensa "independente" caiu nas mãos de uns poucos conglomerados.

Nos anos 80 o medo também levou a mídia a ditar tendências e determinar comportamentos sociais, pois um grande número de leitores de jornais e ouvintes de rádio, principalmente mulheres, mudara maciçamente para outras fontes de informação e a publicidade desmoronava - chegando aliás aos seus mais baixos índices em 20 anos. Diretorias dos órgãos de imprensa, preocupadas, começaram a achar oportuno fazer pesquisas de mercado a fim de "segurar" os leitores fujões, agora rebatizados de "clientes" pelas grandes corporações de notícias. E estas preocupações acabaram refletindo na maneira com que a mídia apresentava as notícias. "As organizações noticiosas estão seguindo o mesmo caminho das instituições políticas, ou seja, moldando a opinião pública e procurando dirigi-la", observou Bill Kovach, ex-editor do *Atlanta Journal-Constitution* e curador da Fundação Nieman. "Uma arma tão poderosa para moldar a opinião pública, nas mãos de jornalistas, é como uma faca nas mãos de uma criança: pode fazer muito estrago."

Os jornalistas usaram esta arma primeiro contra as mulheres. Quando as matérias sobre tendências comportamentais tratavam dos homens e seus hábitos em transformação, abordavam normalmente as mais recentes manias e diversões - pescaria, aparelhos de *hip*, a volta das camisas brancas. Os novos comportamentos femininos, por sua vez, só tinham a ver com problemas para arranjar marido, com gravidez indesejada ou com dificuldades de relacionamento com os filhos. A NBC, por exemplo, reservou uma tarde inteira a um programa especial dedicado à pseudotendência das "meninas rebeldes", mas ignorou completamente uma tendência real, a dos meninos rebeldes: o índice de criminalidade entre os rapazes estava crescendo duas vezes mais rápido do que entre as moças. (Na cidade de Nova York, as prisões de rapazes acusados de estupro aumentaram 200% em dois anos.) Tendências femininas com aparência mais adúladora apareceram em revistas e artigos de moda nos jornais, cada uma trazendo, além da nova-e-mais-moderna-embalagem, a marca registrada da volta dos chavões sexuais: "a Nova Abstinência", "a Nova Feminilidade", "a Nova Monogamia", "a Nova Moralidade", "as Novas Madonas", "a Volta das Meninas Direitas". Embora a preocupação com a AIDS tenha certamente contribuído para promover estas "novas" tendências, a coisa não acabava aí. Durante a maior parte da

década de 1980 a AIDS foi uma doença primordialmente masculina. Ainda assim, estas investidas da mídia tinham como alvo exclusivamente as mulheres. Elas eram convocadas a voltar ao seu papel sexual "tradicional", ou então sofrer as piores conseqüências, em artigos que se revelavam muito mais do que relatos jornalísticos; eram verdadeiros sermões morais.

Estas tendências comportamentais femininas vinham veiculadas em dose dupla - a bula indicava o comportamento a ser evitado, bem como o que era desejável adotar. Os dois comportamentos tendiam, no entanto, a se contradizer. Como uma escritora observou amargamente numa coluna de *Advertising Age*: "A mídia deve estar realmente se divertindo conosco, dizendo-nos que, por um lado, o casamento está *in*, e por outro, as chances de casamento são cada vez menores. Talvez o casamento esteja *in* justamente por ser uma coisa tão difícil."

Outro aspecto curioso a notar é que nas matérias sobre comportamento feminino as previsões e os fatos estavam em posição invertida. Estes artigos não estavam relatando um recuo das mulheres que já estava acontecendo; eles estavam fazendo o possível para que ele acontecesse. Em meados dos anos 80, a imprensa encheu os leitores com histórias relatando o receio das mães de deixarem seus filhos em creches "perigosas". Em 1988, esta tendência apareceu nas pesquisas: de repente quase 40% das mães diziam-se temerosas de deixar os filhos na creche; a confiança nos centros assistenciais caiu de 76% para 64% em apenas um ano - a primeira vez que o índice desceu abaixo de 70% desde que a pesquisa começou a propor a pergunta quatro anos antes. E mais: em 1986 a imprensa anunciou uma "nova tendência" ao celibato - em 1987 as pesquisas mostraram que a proporção de mulheres solteiras que achavam aceitável o sexo antes do casamento tinha de repente caído seis pontos percentuais num ano; pela primeira vez em quatro anos, menos da metade das mulheres disse que não via nada de mais no sexo antes do casamento.

Finalmente, ao longo de toda a década a mídia insistiu que as mulheres estavam abandonando o mercado de trabalho para se dedicarem a uma maternidade "qualitativa". Mas só em 1990 este suposto desenvolvimento chegou a arrancar - de forma mínima - as estatísticas do trabalho, quando a porcentagem de trabalhadoras com idade entre 20 e 24 anos caiu 0,5%, o primeiro retrocesso desde o começo dos anos 60. Na maioria dos casos, esta denúncia do êxodo feminino por parte da mídia provocou mais sentimento de culpa do que saídas do emprego: em 1990, uma pesquisa do Yankelovich Clancy Shulman sobre mulheres que trabalham descobriu que quase 30% delas achavam que "o desejo de dedicar mais energia aos cuidados com o lar e os filhos" era motivo suficiente para se pensar em abandonar o trabalho de vez - um aumento de 11% em relação ao ano anterior e a maior proporção dos últimos 20 anos.

O jornalismo voltado para tendências comportamentais nem sempre é anunciado como tal, mas algumas características sempre o denunciavam: a fal-

ta de provas ou dados reais; a tendência para citar somente três ou quatro mulheres, quase sempre de forma anônima, a fim de definir o novo comportamento; o uso de frases tão vagas quanto "tudo indica", "parece haver" ou "cada vez mais"; a dependência de um tempo verbal futuro ("Cada vez mais as mães ficarão em casa a fim de passar mais tempo com a família"); e o recurso a "autoridades" tais como analistas de mercado e psicólogos, que muitas vezes baseiam as suas afirmações em dados veiculados pela própria imprensa.

Todos os artigos sobre as supostas tendências do comportamento feminino diziam basear-se em fatos e ao mesmo tempo não ofereciam evidência alguma. Eles ocultavam, no entanto, uma plataforma, pois diziam às mulheres que o que estava acontecendo com elas nada tinha a ver com a política e com as pressões sociais. Nas análises de comportamento dos anos 80, os conflitos das mulheres já não eram considerados como sendo delas com a sociedade ou com a cultura, mas sim consigo mesmas. As mulheres solteiras estavam simplesmente enfrentando problemas pessoais; elas eram "decididamente autodestrutivas" ou "exageradamente seletivas".

O único combate externo que a imprensa reconhecia era o de mulher contra mulher. "A guerra não declarada", anunciava uma manchete na primeira página do caderno de moda do *San Francisco Examiner*. "Trabalhar ou não a dúvida divide as mulheres dos subúrbios." A revista *Child* falava em "Guerra das mães" e a *Savvy*, no artigo "Mulheres em pé de guerra", informava que "o mundo vai estar muito em breve dividido entre dois campos inimigos e pode ser que um dia as coisas venham a esquentar". Os relatos da mídia encorajavam as casadas e as solteiras a se considerarem oponentes. A *Newsweek* publicou, em 1988, artigos advertindo que as mulheres casadas deviam se precaver diante da tendência das outras lhes roubarem os maridos; a falta de homens estaria tornando as solteiras descaradamente oferecidas e as casadas deviam tomar providências a fim de manter as "atrevidas" à distância.

Os jornalistas que prognosticavam estas tendências não precisavam apresentar fatos para sustentá-las pela mesma razão que não se pede a um padre dados que fundamentem o seu sermão. Os repórteres estavam escrevendo dramas de fundo moral, não relatos informativos, nos quais a mulher de classe média desempenhava a vítima inocente levada à perdição pela serpente feminista. Na cena final a mulher tinha de pagar - arrependida da sua ambição e da sua busca "egoísta" da igualdade - antes de ter a sua honra e a sua felicidade de volta. As reportagens sobre os novos comportamentos eram entremeadas com termos jurídicos acerca do preço do pecado feminista. A reportagem da ABC sobre os efeitos nocivos do movimento feminista, por exemplo, usava treze vezes as palavras "custo" e "preço" da igualdade. Como qualquer conto edificante, estas histórias ofereciam uma "escolha"

que só implicava uma resposta correta: seguir o pedregoso caminho da independência egoísta e solitária ou a estrada bem pavimentada do lar e do carinho doméstico. Não havia atalhos no mapa de tendências do universo da moral feminina.

PRINCESAS DO CASULO, NEOTRADICIONALISTAS E FUTURAS MAMÃES

"Muitas jovens afirmam agora que escolheriam a família em vez da carreira", anunciou a primeira página do *New York Times* em 1980. Na verdade, as "muitas" mulheres eram algumas dezenas de universitárias que, apesar das suas alegações, iam formar-se em medicina em Oxford. A história do *Times* conseguiu gerar uma série de matérias similares sobre a volta ao lar. Mas sem uma autoridade para abençoar a tendência, o futuro da volta ao ninho parecia duvidoso. Então, em meados da década, apareceu na imprensa uma mulher que parecia saber tudo da mídia. Seu nome logo se tornou conhecido: Faith Popcorn.

Ex-publicitária (usando então o nome de Faith Plotkin), Popcorn tinha reinventado para si o papel de "máxima autoridade sobre mercado de consumo" e lançado a sua própria empresa de pesquisas de mercado, a Brain-Reserve, que tinha uma especialidade: "identificação de tendências". Popcorn tinha até um "Banco de Tendências", cujos "depósitos" (informações) estavam disponíveis aos clientes por 75 mil a 600 mil dólares. Alegando uma margem de acerto de 95%, Popcorn não só prometia identificar "as tendências principais do país atualmente" mas também as tendências futuras.

As informações no Banco de Tendências de Popcorn dificilmente poderiam ser consideradas exclusivas. Embora tendo acesso a um grupo de consumidores que ela pesquisava, a maioria de suas profecias saía de programas populares da TV, livros de sucesso e revistas de moda. "A *People* é a minha bíblia", Popcorn dizia. Ela também pesquisava a moda e o cinema dos períodos anteriores do backlash, baseando-se na teoria de que os modismos voltam a cada 30 anos. Apesar destes métodos um tanto elementares, ela conseguiu atrair centenas de empresários, inclusive alguns dos maiores dos setores alimentício e de utilidades domésticas. Os clientes de Popcorn, aflitos com o consumismo em baixa e o fracasso de mais de 80% dos novos produtos introduzidos no mercado, estavam extremamente interessados na sua promessa de "renovação de marcas". Em lugar de lançar novos produtos para agradar aos compradores, eles poderiam confiar na promoção de antigas marcas para que os seus produtos "de ontem" voltassem a sumir rapidamente das prateleiras. Como Popcorn prometia, "mesmo que as pessoas não se mudem para o campo, elas irão comprar os produtos de L. L. Bean". A

Campbell Soup Company recorreu à BrainReserve para borrifar uma saudosista poeira de estrelas em suas moribundas tortas de galinha. A Aveia Quaker contratou Popcorn para reanimar o apetite por mingau.

Em 1986, Faith Popcorn conseguiu agradar ao mesmo tempo a mídia das proféticas tendências e os industriais seus clientes ao lançar um novo termo: "encasulamento". A palavra simplesmente "espocou na minha cabeça" no meio de uma entrevista para o *Wall Street Journal*, lembra Popcorn. "Foi uma profecia... Ainda não tinha acontecido." Mas não foi bem assim que ela repassou a informação para a mídia naquela época.

O encasulamento era a tendência nacional para os anos 80, ela disse à imprensa. "Estamos nos tornando uma nação de adoradores do ninho... Gostamos de ficar em casa curtindo a família. As comidas caseiras, como bolo de carne e torta de galinha, estão com tudo agora." Os seus clientes do setor alimentício apoiaram estas afirmações com o maior entusiasmo.

Obviamente, a imprensa acreditou. Só para lembrar algumas publicações, no ano seguinte Popcorn e as suas teorias do lar como um refúgio apareceram em destaque na *Newsweek* (cinco vezes), no *Wall Street Journal* (quatro vezes), no *USA Today* (duas vezes), no *Atlantic*, no *U.S. News & World Report*, no *Los Angeles Times*, no *Boardroom Reports*, na *Success!*, e, obviamente, na *People*. Faith Popcorn é "uma das mulheres mais entrevistadas do planeta", resmungou a *Newsweek* em 1987, e, apesar da irritação, dedicou-lhe mais duas páginas.

O "casulo" pode ter sido um conceito de gênero neutro na concepção de Popcorn, mas desde o começo a imprensa o indicou como uma tendência feminina, definindo a idéia não como as *pessoas* voltando para o lar, mas sim as *mulheres* abandonando os escritórios. A mídia interpretou como quis as previsões de Popcorn quando esta afirmou: "Cada vez menos mulheres continuarão trabalhando. Passarão o seu tempo em casa dedicando-se à família". A imprensa tornou esta tendência ainda mais feminina, imaginando não só a volta ao lar, mas também o próprio casulo como feminino. "Pequenos úteros domésticos", foi como o *Los Angeles Times* descreveu estes nichos para os quais as mulheres estariam voltando.

O encasulamento feminino podia ter aparecido nos palpites de Popcorn, mas ainda não tinha chegado aos gráficos dos escritórios de estatística do trabalho do governo. As mulheres continuavam aumentando a sua representação no mercado de trabalho durante os anos 80 - de 51 para 57% em todas as faixas, e para mais de 70% em mulheres com idade entre 25 e 44 anos. E o aumento de mães que trabalhavam foi o mais destacado. As pesquisas de opinião tampouco sustentavam a teoria: elas mostravam que as mulheres adultas estavam cada vez mais decididas a seguir uma carreira com uma família (63% contra 52% dez anos antes) e menos interessadas em ter uma família *sem* uma carreira (26% contra 38% dez anos antes). E 42% das mu-

lheres que não estavam trabalhando disseram que gostariam de trabalhar caso houvesse mais creches nas redondezas.

A própria Popcorn não se enquadrava na tendência que defendia tão ardorosamente. Já quarentona na época, ela continuava tranquilamente solteira e sem filhos - e colocando a carreira em primeiro lugar. "Sou fissurada no meu trabalho", confessou, rindo, durante uma entrevista. Apesar de ter tido muitos homens na vida, afirmou, o casamento nunca lhe pareceu atraente: "Não queria ser propriedade de ninguém." As mulheres da sua família, contava com orgulho, valorizam o profissionalismo e a independência econômica há pelo menos três gerações. A avó era dona da imobiliária New York City - e considerava o casamento "bobo" e "cansativo". A mãe de Popcorn, uma advogada dos anos 20, que fundou a sua própria firma quando ninguém mostrou interesse em contratá-la, também teve a mesma falta de consideração pela feminilidade tradicional.

Apesar de afirmar que como tendência o feminismo já era - "é visto como um retrocesso" - Popcorn descreve a si mesma como "uma feminista dos anos 70", e explica: "Creio que ainda temos um longo caminho à nossa frente. Ainda existe muito preconceito e discriminação. Acho que precisamos nos organizar." Com efeito, afirma ter fundado a BrainReserve porque o preconceito estava bloqueando a sua carreira numa agência publicitária dirigida por homens. "Não gostava de como era tratada... E eu queria me sobressair, queria subir, queria que o meu valor fosse reconhecido, como qualquer um."

O que fez Popcorn pensar que o "encasulamento" era uma tendência? Na imprensa, ela citou as seguintes evidências: o aumento nas vendas de comida "como mamãe fazia", a popularidade das "grandes poltronas confortáveis", os altos índices de audiência das comédias de costumes retratando famílias na TV e uma estatística - "um terço de todas as mulheres que entraram no mundo dos negócios em 1976 já voltou para casa". Mas as vendas de "comidas caseiras" foram a consequência, não a causa, da sua incansável pregação da teoria do "casulo". Caso contrário, as Sopas Campbell não teriam precisado da sua ajuda. E embora as pessoas pudessem perfeitamente ficar esparramadas em grandes "poltronas do papai" assistindo à TV, isto não provava absolutamente que as mulheres estavam em massa voltando para o lar. Só a estatística tinha remotamente a ver com a avaliação do comportamento real das mulheres - e essa estatística, como se constatou, era muito duvidosa.

Popcorn se utilizou dos dados sobre as mulheres de negócios do que, na época, era um famoso artigo sobre tendências - uma matéria da revista *Fortune*, publicada em 1986 com o título "Por que as mulheres estão pulando fora". A matéria, sobre mulheres de negócios formadas em escolas de eli-

te que estavam abandonando os seus luxuosos escritórios, inspirou artigos similares em publicações como *Forbes*, *USA Today* e *U.S. News & World Report*, entre outras.

A matéria da *Fortune* marcou profunda e perturbadoramente as jovens que aspiravam a uma carreira no mundo dos negócios; afinal de contas, os dados pareciam ter fundamento. Um ano depois, na Escola de Administração da Universidade de Stanford, as mulheres ainda estavam comentando o artigo e o efeito que ele tivera sobre elas. Phyllis Strong disse estar planejando entrar numa carreira menos exigente, depois de ter lido a respeito de "tudo aquilo a que se precisa renunciar" e "da perda da sensação de aconchego e de vínculos familiares" quando você se entrega ao desafio do mundo dos negócios. Marcia Walley, outra candidata ao curso de administração, disse que agora sabia "como era difícil ter sucesso na carreira e, ao mesmo tempo, uma vida familiar feliz. Não dá para ter tudo, e é preciso escolher".

No ano seguinte ao artigo da *Fortune*, a proporção de mulheres matriculadas em faculdades de administração começou repentinamente a encolher - pela primeira vez numa década.

A foto na capa da *Fortune* em 1986 mostrava Janie Witham, ex-gerente de sistemas da IBM, sentada na cozinha com a filhinha de dois anos no colo. "Witham está mais feliz em casa", anunciava a capa da revista. Ela é uma das "muitas mulheres, inclusive algumas das mais instruídas e motivadas", escrevia o redator Alex Taylor III, que estão tomando "uma decisão como esta" e deixando o trabalho. "Esperava-se que estas mulheres liderassem a escalada para o poder nas grandes corporações", ele escreveu. "Se executivas não encontraram gratificação ali [no mercado de trabalho], será que alguma mulher conseguiria?"

A matéria da *Fortune* teve a sua origem numa conversa durante uma reunião de pauta da revista. Enquanto confraternizava com estudantes de administração de Harvard, o editor de Taylor ouvira duas alunas dizerem que iam ficar em casa com seus recém-nascidos. Logo suspeitando da possibilidade de uma tendência, entregou a matéria a Taylor. "Ele tinha esta evidência curiosa, mas nenhum dado estatístico", lembra o redator. E assim Taylor saiu à cata de números.

Taylor entrou em contato com Mary Anne Devanna, coordenadora do Centro de Pesquisa de Desenvolvimento Profissional da Escola de Administração da Universidade de Colúmbia. Ela havia acompanhado os progressos das mulheres de negócio durante anos - e não reconhecia a tal tendência. "Eu disse a ele, 'não creio que as suas observações estejam corretas'", ela lembra. "Não temos evidência alguma de as mulheres estarem desistindo mais do que antes." Ele respondeu: "Pois bem, e o que poderia convencê-la?" Ela aconselhou que a *Fortune* fizesse uma pesquisa por conta própria. "Bem, aparentemente a *Fortune* dissera que a pesquisa custaria 36 mil dólares, de

forma que não iriam levá-la adiante", ela disse, "mas acabaram escrevendo a matéria de qualquer maneira."

Em vez de uma pesquisa, Taylor examinou os registros da turma de 1976 de dezessete faculdades de administração de elite. Estes números, entretanto, tampouco sustentavam a existência da tendência: em 1976, a mesma proporção de homens e mulheres foi trabalhar em grandes corporações e empresas comerciais, e dez anos mais tarde praticamente a mesma proporção de homens e mulheres ainda estava trabalhando para estes empregadores.

Mesmo assim, a matéria que Taylor escreveu dizia: "Depois de dez anos, o número de mulheres que abandonaram os cargos administrativos é significativamente maior que o dos homens." Como prova, Taylor citou este dado: "Quase 30% das 1.039 mulheres da turma de 1976 declararam ser ou autônomas, ou desempregadas, ou então disseram não ter ocupação alguma." Isto parecia merecer o noticiário, mas ainda havia um inconveniente: 21% dos *homens* da mesma turma também eram autônomos ou desempregados. De forma que a "tendência" reduziu-se a quase nove pontos percentuais de diferença. Levando em conta que a mulher que trabalha continua assumindo a responsabilidade principal na criação dos filhos e ainda tem que enfrentar discriminação no trabalho, a verdadeira notícia era o fato de a defasagem ser tão *pequena*.

"A evidência é um tanto pequena", admitiria Taylor mais tarde. "Os índices de desistência dos homens e das mulheres são praticamente os mesmos." Por que então, na época, ele afirmou que as mulheres estavam abandonando o mercado de trabalho em número "assustador"? Na verdade, Taylor nem chegou a falar com as mulheres que eram citadas na matéria. "Uma pesquisadora fez todas as entrevistas", ele diz. "Eu só falei com os grandes pensadores, como os presidentes de empresas e os cientistas sociais." Uma mulher com a qual Taylor provavelmente conversou, mas cujo exemplo preferiu não incluir, foi a sua própria esposa. Ela era diretora de comunicações de uma grande empresa e, embora os Taylor tivessem dois filhos pequenos na época da entrevista, ela continuava trabalhando.

O artigo da *Fortune* deixava de mencionar as forças políticas que tentavam desencorajar as mulheres de negócios nos anos 80 e concluía que as mulheres deixavam o trabalho simplesmente porque achavam "melhor" ficar em casa. Pessoalmente, Taylor concordava com este ponto de vista: "Acho que a razão principal de as mulheres pularem fora é a maternidade, e não a discriminação." Ainda assim, nem mesmo a ex-gerente da IBM que aparecia na capa deixara o emprego porque preferia ficar em casa. Ela saíra porque a IBM recusou-se a dar-lhe um horário mais flexível para que pudesse cuidar do filho. "Gostaria que as coisas tivessem sido diferentes", Wilham confessou à entrevistadora da revista. "Gostaria de poder voltar."

Três meses mais tarde, a *Fortune* voltava à carga com o mesmo assunto.

"Uma mulher que deseja casar e ter filhos", advertia a revista, "percebe que um emprego numa grande empresa de investimentos talvez seja uma boa chance para renunciar a ambos." Mas os editores da *Fortune* continuavam sem dados que sustentassem a tal tendência de as mulheres de negócios estarem pulando fora do mercado de trabalho. Em 1987, quando finalmente decidiram fazer uma pesquisa sobre executivas que abandonam a carreira para voltar às tarefas do lar, encontraram uma defasagem entre os sexos ainda menor: somente 6%. E 4% *mais* homens que mulheres disseram ter recusado um novo emprego ou uma transferência porque isto significaria menos tempo com a família. As pesquisas de âmbito nacional tampouco ajudavam: não tinham conseguido encontrar defasagem alguma; quando 30% das mulheres que trabalham disseram que, se pudessem dar-se a este luxo, deixariam o emprego, 30% dos homens disseram o mesmo. E contrariando a informação veiculada de que as mulheres inteligentes sofrem de esgotamento nervoso, as mulheres com boa formação e bom salário eram justamente as menos propensas a voltar para casa. Uma pesquisa de 1989 com 1.200 formados da Escola de Administração de Stanford descobriu, com efeito, que nos casais com formação universitária e com o mesmo tipo de trabalho, quem "demonstra maior ansiedade" é o marido.

Por fim, a *Fortune* simplesmente virou as costas para estas recalitrantes carreiristas e dedicou sua capa ao triunfo da "mulher ideal", a amorosa esposa que "faz com que seu marido, um executivo de 50 ou 60 anos, ainda se sinta capaz de competir" - ao contrário daquela mulher egoísta que deixou de transformar o esposo no "centro da sua vida" e, em vez disto, "perdeu o contato com ele e com as suas necessidades". A *Fortune* não foi a única revista a recorrer a esta estratégia. A *Esquire*, uma publicação bastante dada a rasgos contra a mulher moderna, dedicou todo o exemplar de junho de 1990 a um angelical tributo à "Esposa Americana", mas só a do tipo tradicional. Numa memorável foto de página inteira, um verdadeiro modelo de dona-de-casa aparecia de joelhos, alegremente esfregando o vaso sanitário.

Enquanto as mulheres de negócios com cargos executivos eram as mais pressionadas para deixar de lado a carreira - uma vez que as salas de reunião das grandes empresas continuam sendo os mais bem guardados redutos masculinos -, a mídia lançava o convite da volta ao ninho a todas as mulheres que trabalhavam fora. "Um número crescente de mulheres profissionais decidiu deliberadamente sair de cena", afirmava a *Newsweek* em 1988, mais uma vez sem o menor apoio de dados estatísticos do governo. As mulheres que desistem das suas aspirações carreiristas, dizia a revista, são "muito mais felizes", utilizando, como exemplo, apenas o depoimento de três mulheres (duas das quais estavam na verdade se queixando de problemas de insegurança pois não estavam trabalhando em horário integral). Cada vez mais profissionais estão "escolhendo" ser "alguma coisa que elas nunca pensaram

que poderiam ser - mães que ficam em casa", anunciou um artigo do *New York Times Magazine*. E deu um jeito de contornar a falta de dados para sustentar as suas afirmações, dizendo: "Ninguém sabe ao certo o número de mulheres que a cada ano abandonam a carreira para ficar com os filhos." A *Savvy* deu a sua contribuição com um artigo cuja premissa era ainda mais improvável: "Cada vez mais mulheres", proclamou a revista, estão de fato "recusando" promoções, altos cargos e contracheques polpudos - pois se deram conta da "importância de uma vida equilibrada".

Em 1986, cinco meses antes de a *Fortune* proclamar que as altas executivas estavam pulando fora do barco das companhias, a *Newsweek* soou um alarme mais geral para as "Mães Americanas", como sugeria a chamada na capa. A matéria de capa do exemplar de maio intitulava-se "Dando um jeito: como as mulheres conseguem equilibrar as exigências do trabalho e a criação dos filhos". Mas a manchete acabou se revelando irônica - o artigo que se seguia martelava que a verdadeira mensagem era o lar, que qualquer tentativa de equilíbrio era inútil. A escolha oferecida às mães era, como sempre, uma espécie de receita médica - volte para casa ou fique pirada.

A matéria da *Newsweek* começava com um conto moralista:

Colleen Murphy Walter conseguira tudo. Executiva num hospital de Chicago, ganhava mais de 50 mil dólares anuais, estava casada há doze anos e tinha dois filhos... Mas pagava o preço. Na calada da noite, quando todo mundo estava dormindo, ela estava acordada, tentando desesperadamente encontrar uma saída "para esta minha vida tão complicada". Há seis meses, Colleen, de 36 anos, deixou o emprego para ficar em casa e cuidar dos filhos. "Tentar ser a melhor mãe e a melhor profissional era um contínuo desgaste emocional", ela diz. "Eu queria subir no emprego, mas de repente senti-me cansada e me dei conta de que não agüentava mais."

"Atualmente, o mito da Supermãe está desaparecendo depressa - condenado pela raiva, pelo complexo de culpa e pela exaustão", proclamou a *Newsweek*. "Um número cada vez maior" de mães está trabalhando em casa e um "crescente número" de mães chegou à "conclusão de que não pode ter tudo". Se a *Newsweek* se mantinha reticente quanto aos dados fatuais, tinha boas razões. A revista tinha de fato encomendado uma pesquisa para provar o seu ponto de vista - mas o levantamento descobriu que 71% das mães dedicadas ao lar queriam trabalhar fora, e que 75% das que já trabalhavam queriam continuar no emprego, mesmo que não precisassem do contracheque.

Que as mulheres pudessem ter menos dificuldades em "equilibrar" as coisas se tivessem menos pratos e fraldas para lavar - e os seus maridos

tivessem mais - foi um assunto que a *Newsweek* não procurou investigar. "Os pais estão ajudando mais em casa e na criação dos filhos", insistiu a revista. E explorou ao máximo o único exemplo de que dispunha, o "Superpai" R. Bruce Magee, que alardeava ter trocado nos últimos tempos a metade das fraldas, preparado 60% das refeições e lavado metade das roupas.

A mídia teve um arrepio de satisfação quando Felice Schwartz, a fundadora da Catalyst - uma empresa de consultoria dedicada à carreira das mulheres -, afirmou que "a maioria" das mulheres "deseja sacrificar uma parte do seu crescimento profissional e do salário desde que possa se livrar da constante pressão de longas horas de trabalho e plantões nos fins de semana". Além de ser acima de qualquer suspeita, Schwartz estava assumindo a sua posição na conceituada *Harvard Business Review*.

A "corrida para ser mãe", como a mídia imediatamente classificou a tendência, tomou-se notícia de primeira página. Schwartz ofereceu pessoalmente 75 entrevistas no primeiro mês e as suas palavras inspiraram mais de mil artigos. Não era tão dramático quanto mulheres "pulando fora" do mercado de trabalho, mas era melhor do que nada. "Pelo país inteiro, executivas recém-casadas estão abandonando a corrida profissional para se dedicarem à comida para a maternidade", declarou a *Business Week* em sua matéria de capa. Não dava estatísticas, só mostrava algumas fotos de mulheres segurando livros infantis e animais de pelúcia, e citações de quatro funcionárias de meio expediente.

Se a mídia não tinha evidência alguma de que as futuras mães estavam se multiplicando, tampouco tinha Felice Schwartz. Ela simplesmente imaginou que a maioria das mulheres, que ela chamou de "mulheres de carreira e de família", "queria" e "preferia" desistir de promoções e salários mais altos. As empresas deveriam de alguma forma identificar estas mulheres e tratá-las de jeito diferente das "basicamente carreiristas", dando-lhes menos horas de trabalho, menos gratificações e menos possibilidades de promoção. Que isto seria uma forma de discriminação, parece que não passou pela cabeça de Schwartz. Com efeito, numa conferência patrocinada por revistas femininas tradicionais, ela propôs que as mulheres jovens esquecessem o Artigo VII da Lei dos Direitos Civis e examinassem o seu planejamento familiar com os seus possíveis empregadores; a mulher precisa aprender a não "insistir sobre direitos que ela obteve numa época em que não éramos consideradas", ela disse ao auditório.

Na realidade, as mulheres com este tipo de mentalidade só representavam uma minoria na força de trabalho; no Relatório sobre a Mulher que Trabalha, publicado em 1984 pela *Newsweek*, por exemplo, mais de 70% das mulheres afirmaram preferir trabalhos sob pressão mas com possibilidade de

promoção a trabalhos despreocupados mas sem chance de promoção. E um ano depois da publicação do artigo de Schwartz, quando a pesquisa de 1990 do Virginia Slims fez perguntas específicas acerca da "corrida para ser mãe", 70% das mulheres acharam a pergunta discriminatória e "apenas uma desculpa para pagar às mulheres menos do que aos homens".

As empresas, informava Schwartz, tinham razões de sobra para se preocuparem com o contingente feminino; conforme ela dizia na primeira frase do artigo na *Harvard Business Review*, "o custo para empregar mulheres em cargos executivos é maior do que o custo para empregar homens". Como prova, ela aludia vagamente a duas pesquisas, nenhuma das quais publicada, feitas por duas empresas que ela não quis identificar. Uma delas, uma multinacional, afirmou que o seu índice de rotatividade em cargos gerenciais era duas vezes e meia maior entre altas executivas do que entre altos executivos. A empresa, como Schwartz admitiu numa entrevista posterior, era a Mobil Corporation - e as suas executivas estavam fugindo não porque estivessem querendo ser mães mas sim porque "até recentemente essa era uma empresa sem sensibilidade para com as mulheres". Com efeito, só em 1989 a Mobil decidiu-se a mudar a sua política de licenças a fim de permitir que as suas funcionárias trabalhassem temporariamente em horário reduzido para cuidar dos filhos ou dos pais idosos e doentes, admitiu o gerente de pessoal da Mobil, Derek Harvey. Mas Harvey acrescentou que a Mobil é muito compreensiva com as suas funcionárias: "Somos uma empresa muito paternalista."

"Eu não estava fazendo uma pesquisa", defende-se Schwartz. "Só estava escrevendo na condição de especialista no assunto." Na condição de especialista, porém, ela deveria pelo menos conhecer a pesquisa. Estatísticas oficiais que compararam o custo de se empregar homens e mulheres não encontraram diferenças marcantes entre os dois sexos; os homens e as mulheres ausentam-se por doença ou por qualquer outro motivo mais ou menos o mesmo número de dias. A própria Schwartz parece ter chegado a esta conclusão. Numa reviravolta que foi tão ignorada pela imprensa quanto a sua "corrida para ser mãe" foi festejada, ela levou ao conhecimento público um relatório de dez páginas negando ardorosamente a sua teoria. A retratação simplesmente caiu no vazio, até na *Harvard Business Review* os editores continuaram defendendo o artigo. "Ela fala com autoridade", afirmou Timothy Blodgett, editor da *Review*. Mais tarde, naquela primavera, o editor-executivo da *Review*, Alan M. Webber, escreveu um editorial no *New York Times* que talvez explique por que estava tão ansioso em promover a corrida para ser mãe na sua revista. No seu ensaio, intitulado "Será que o *american way of life* acabou?", Webber torceu as mãos falando na "agonia" da maternidade e afirmou que os críticos do artigo de Schwartz só pensavam nos direitos da mulher e não se importavam com o futuro da maternidade. O que mais

ocupava a sua mente, ao que parece, era o temor de uma minguante fertilidade feminina e não o aplauso pela crescente corrida para ser mãe.

Se amedrontar as mulheres com relatos de "desgaste emocional" não as convenceu a deixar o mercado de trabalho, talvez elas pudessem ser levadas ao êxodo pela lisonja. Esta pareceu ser, de qualquer forma, a intenção por trás da maciça campanha publicitária do "Novo Tradicionalismo", lançada pela *Good Housekeeping* em 1988 com anúncios de página dupla em dezenas de publicações nacionais. A Nova Mulher Tradicionalista nem era real, mas deu origem a mais uma rodada de prognósticos sobre tendências, com as mesmas campanhas publicitárias em publicações que iam do *New York Times* à *Country Living* e os mesmos truques de vendas para os mais variados produtos. O *New York Times* até citou Barbara Bush como exemplo da tendência do Novo Tradicionalismo, o caso de uma mulher real que se sujeita aos padrões de uma mulher inventada.

Os anúncios neotradicionalistas mostravam antigas fotos de ex-profissionais no aconchego de suas reformadas casas de campo, cercadas de amorosas e bem-vestidas crianças. O texto, na previsível linguagem das revistas femininas, falava na virtude e nos "valores profundos" de qualquer mulher que "tenha encontrado a sua identidade" a serviço da casa, do marido e dos filhos. Mas esta homenagem à passividade feminina era sabidamente apresentada numa linguagem progressista, uma estratégia que reconhecia e ao mesmo tempo abrigava o desejo feminino de autonomia. A neotradicionalista, diziam os anúncios, é uma livre-pensadora que "fez as suas próprias escolhas" e "começou uma revolução". A matéria paga nas revistas garantia aos leitores: "Ela não segue uma tendência. Ela é a tendência... Com efeito, os pesquisadores de mercado acham que se trata do maior movimento social desde os anos 60."

Valorizar as mulheres por suas "escolhas" não era propriamente a finalidade da campanha. Como o próprio editor da *Good Housekeeping*, Alan Waxenberg, admitiu, atualmente as mulheres "não precisam de tantas escolhas". O "movimento social" que a *Good Housekeeping* tinha em mente não só as levaria para o lar como, mais importante, as levaria para o departamento de assinaturas da revista. "A América está voltando para *Good Housekeeping*", isto é, para os prazeres de uma casa bem cuidada, dizia a última frase do anúncio, uma afirmação que não passava de mera esperança. Nos anos 80, o número de leitoras de revistas femininas tradicionais tinha tido uma queda de mais ou menos dois milhões; o número de anúncios estava em baixa em quase todas estas publicações. E a situação da *Good Housekeeping* era a pior: a quantidade de matéria paga tinha encolhido 13% no ano anterior ao lançamento da campanha neotradicionalista. Mas Waxenberg esperava que o

neotradicionalismo estimulasse o aumento da publicidade entre os principais anunciantes: "As marcas mais conhecidas voltarão a ser as mais vendidas no futuro", logo que a moda dos produtos antigos pegar, ele disse.

Para recuperar as suas margens de lucro, a *Good Housekeeping* poderia ter tentado uma estratégia mais simples. Bastaria que reconhecesse a mudança de status das mulheres, mudando com ela. A manobra funcionou de forma espetacular com a *Working Woman*, a única revista feminina da década a tratar das necessidades das mulheres profissionais. A circulação da revista decuplicou de 1980 até 1989, chegando a um milhão de assinantes e tornando-a a revista de negócios mais popular do país - mais lida até do que a *Business Week* ou a *Fortune*. As suas receitas anuais com publicidade (mais da metade das quais oriundas de materiais de escritório e serviços financeiros) aumentaram na mesma medida, chegando a mais de 25 milhões de dólares.

Em 1987, a diretoria da *Good Housekeeping* estava inclinada a seguir o mesmo caminho. Talvez, devem ter dito na época alguns dos seus editores mais importantes, a revista tivesse que se dedicar mais às mulheres que trabalham fora. Afinal de contas, 65% das leitoras habituais da *Good Housekeeping* trabalhavam. Mas quando os chefões da revista recorreram a uma agência de publicidade para maiores esclarecimentos, foram logo convencidos da impropriedade de uma solução tão pouco ortodoxa. "O problema, ao que tudo indicava, era que eles eram considerados um tanto superados, e achavam que precisavam ser mais contemporâneos", lembra Malcolm MacDougall, o publicitário encarregado de reformular a imagem da revista. MacDougall, vice-presidente da Jordan, McGrath, Case & Taylor, aconselhou-os a pensarem duas vezes; o "neotradicionalismo" estava chegando e era melhor eles se prepararem para o fato. A sua prova: os conselhos de Faith Popcorn e o fato de as vendas de produtos tradicionais como a Aveia Quaker estarem subindo.

Mas as vendas de produtos à base de aveia, que provavelmente subiram devido à propaganda de que a aveia baixava o colesterol, têm muito pouco a ver com o fato de as mulheres estarem ou não voltando a valores e estilo de vida "tradicionais". Apesar disto, MacDougall disse dispor de outra prova importante de "neotradicionalismo" - a pesquisa do relatório Yankelovich com 2.500 mulheres. Alguns dos anúncios neotradicionalistas até botam uma nota ao pé da página mencionando a pesquisa, acrescentando-lhe um toque vagamente acadêmico. "Quando olhei para os dados", afirmou MacDougall falando do relatório Yankelovich, "os números simplesmente saltaram diante dos meus olhos. É uma mudança bastante drástica. É uma tendência que remonta a cinco anos atrás, é muito real e pode ser provada. De forma que voltei à *Good Housekeeping* e falei, isto não é um problema, é uma oportunidade."

Os pesquisadores da Yankelovich, entretanto, estão ainda tentando descobrir quais números saltaram diante dos olhos dele. "Eu nego categórica-

mente qualquer conexão com os tais anúncios da *Good Housekeeping*", afirma Susan Hayward, vice-presidente da Yankelovich. "*Good Housekeeping* é um dos nossos clientes. Eles viram a pesquisa e nós também fizemos uma pesquisa exclusiva para eles. Eles preferiram interpretar erroneamente as duas." Nenhuma das pesquisas mostra sinal de mulheres abandonando o emprego e nem mesmo fantasiando de deixá-lo. No relatório Yankelovich, o número percentual de mulheres querendo trabalhar continuava tão alto quanto sempre foi. E a proporção de mulheres que descrevem a maternidade como sendo "uma experiência que toda mulher deveria ter" alcançou 53%; em 1974, quando o tradicionalismo estava mais em baixa, alcançava 54%.

Mas as dúvidas acerca da validade do neotradicionalismo não intimidaram MacDougall. "Você pode repetir ao infinito que as pessoas não são assim mas não adianta, porque na verdade são", ele diz. Pressionado para oferecer algo mais substancial, ele se torna um tanto arrogante: "Estou vendendo a imagem de uma revista baseada nos valores domésticos. Aqui o negócio é para valer. Não vou desistir por causa de uma meia dúzia de mulheres zangadas."

O BOOM DAS SOLTEIRONAS: A MÁGOA E A PIEDADE

"Em todos os aspectos, as jovens solteiras estão mais confiantes agora do que um ano atrás", o *New York Times* afirmou em 1974. As solteiras são mais "seguras e decididas". O artigo concluía: "Ao que parece, o movimento [feminista] está pegando."

Pontos de vista como estes acerca das mulheres solteiras estavam certamente pegando nos anos 70. A *Newsweek* logo elevou a notícia da solteira feliz ao status de tendência. "Em apenas oito anos o celibato tornou-se um novo estilo de vida intensamente ritualístico e merecedor do maior respeito", lia-se numa matéria de capa da revista em 1973. "Tornou-se finalmente possível uma mulher ser solteira e ao mesmo tempo completa." Com efeito, de acordo com a *Newsweek*, a vida de solteira era algo mais que "respeitável"; era um verdadeiro barato. A foto na capa mostrava uma sorridente loura de biquíni, brindando à sua boa sorte ao lado da piscina. "Talvez eu case, talvez não", disse à revista a aeromoça, que descreveu sua condição de solteira como "muito legal". "E se eu casar, vai ser na hora que eu achar certa e nas minhas condições... Não vejo nada de mais em ficar solteira tanto quanto a gente quiser." E até os redatores da *Newsweek*, embora revelando um certo mal-estar diante destas declarações, acabaram aplaudindo estas novas solteiras corajosas que já não queriam aceitar "um arranjo como os de antigamente".

O destaque dado a estas deslumbrantes solteiras no começo dos anos 70 deixou a impressão de que estas impenitentes boas-vidas raramente deixavam de lado a toalha de praia. O clichê tornou-se tão marcante que um sol-

teiro resmungou num artigo de 1974 no *New York Times*: "Se formos na onda da imprensa, parece que todas as moças têm medidas estonteantes... e todos os caras ficam vadiando em volta da piscina à espera de lindas louras a quem mostrar os músculos."

Por outro lado, na imprensa dos anos 70, a vida de casada adquiriu uma reputação amarga e claustrofóbica. "Casadas que pulam fora - O número delas está aumentando", advertia uma matéria do *New York Times* em 1973, afirmando que muitas infelizes esposas estavam fugindo de casamentos vazios a fim de encontrar uma vida mais "gratificante". O retrato que o *Times* traçava da vida de casada era sombrio: mostrava maridos que as enganavam, criticavam e pouco se interessavam em se "comunicar", e mulheres entregues à bebida e calmantes. Segundo a *Newsweek*, os casais não só estavam com problemas, estavam na verdade se tornando obsoletos: "Um sociólogo chegou a dizer que no futuro as pessoas casadas 'poderão acabar vivendo numa sociedade inteiramente voltada para o celibato'."

Doze anos depois estas mesmas publicações estavam enviando uma mensagem totalmente oposta. A *Newsweek* começou a criticar as solteiras por se recusarem a se "fixar" com um companheiro, e o *New York Times* informava que as solteiras eram "rígidas demais para se juntarem a alguém" e tinham "uma espécie de doença". As solteiras já não eram, para a imprensa, as deslumbrantes garotas das festas; num passe de mágica da mídia, elas voltavam a ser as tristes Cinderelas que não podiam ir ao baile. "Tarde demais para o príncipe encantado?", perguntava ironicamente a manchete da *Newsweek* ao mostrar o desenho de uma solteira deitada num solitário colchão com apenas um ursinho de pelúcia como companheiro. Nos anos 80 a imprensa só oferecia escárnio e insincera piedade pelas mulheres que se afastavam do leito conjugal. Na primeira página do *New York Times*, a mulher solteira aparecia de tocaia numa rua deserta. Apesar de "inteligente e realizada", ela "tem horror do anoitecer, quando a escuridão desce sobre a cidade e a luz se acende em aconchegantes cozinhas". E não restam dúvidas quanto aos motivos deste horror: segundo a imprensa dos anos 80, os pesadelos são os únicos parceiros de cama da solteira. A matéria da capa da revista *New York* de 1984, sobre mulheres solteiras, começava com este testemunho de "Mary Rodgers" que a revista informava não ser o seu verdadeiro nome: "Na noite passada tive um pesadelo terrível. O peso do mundo estava nos meus ombros e me esmagava contra o chão. Eu gritava por socorro, mas ninguém vinha. Quando acordei, desejei ter alguém ao meu lado; mas era exatamente como no sonho. Não havia marido. Nem crianças. Só eu."

"Mary" era uma executiva numa empresa de vestuário. Como a maioria das mulheres aflitas que a imprensa dos anos 80 escolheu expor ao ridículo, era um dos sucessos o movimento feminista que agora descobria o erro por ter optado pela independência.

Mais uma vez, a campanha pelos direitos da mulher foi considerada a culpada de tudo: a liberação deprimira as solteiras. "Sem amor, sem homem: o alto custo da independência", dizia o cabeçalho de uma revista feminina. "O feminismo tornou-se uma nova forma de defesa que afastou os homens", explicava em 1987 um artigo na *Harper's Bazaar* intitulado "Será que você está afastando os homens?, desesperada e carente". Uma matéria da *New York* sobre solteiras infelizes citava uma psicoterapeuta, Ava Siegler, que jogava toda a culpa no movimento feminista "por ter falhado em ajudar as mulheres a compreender as suas prioridades". Siegler acusava: "Ele [o movimento] não frisou as conseqüências. Nunca nos disseram 'Enquanto está tentando chegar ao sucesso nos negócios, não se esqueça de arranjar um marido e um filho'."

Em 1986, um especial exibido na rede ABC, "Depois da revolução sexual", também pedia que as mulheres considerassem o feminismo responsável por sua condição de solteiras. O sucesso das mulheres havia sido "à custa dos relacionamentos", afirmou o apresentador Richard Threlkeld. Até as mulheres casadas estavam em perigo: "Quanto mais as mulheres conseguem na carreira, maiores são as suas chances de divórcio." A outra apresentadora, Betsy Aaron, acrescentou: as feministas nunca "se deram conta de que *aquele* era o preço da revolução, a liberdade e a independência tornando-se sinônimos de depressão e solidão". Não se tratava de uma conclusão deduzida da sua própria vida: Betsy tinha uma carreira de sucesso e um marido - o apresentador Threlkeld.

O interesse da mídia pelas aflições da mulher solteira aumentou de repente em meados dos anos 80. Entre 1980 e 1982, como foi constatado por uma pesquisa, as revistas só apresentaram cinco artigos sobre a mulher solteira; entre 1983 e 1986, apresentaram 53 - e quase todos críticos ou demonstrando piedade. (No mesmo período, só foram publicados sete artigos sobre o homem solteiro.) As manchetes falavam sombriamente na "Triste condição da mulher solteira, da solteira terminal", e no "Trauma da solteira". A mulher não-casada sucumbia a uma doença com uma única possibilidade de cura: o casamento.

A imprensa contribuiu para a mágoa das mulheres na mesma medida em que a propagandeava, redefinindo a baixa condição social da solteira como sendo um defeito pessoal. A mídia falou de forma agourenta do "crescente isolamento" das mulheres solteiras - mas era um isolamento que os jornalistas formadores de tendências ajudaram a criar e a impor. Nos anos 70, os relatos da mídia apresentavam fotos e histórias de mulheres solteiras reais, geralmente em grupo. Na década seguinte, a imprensa exibia solteiras fictícias e relatos de solteiras "heterogêneas" ou "anônimas" - quase sempre retratadas sozinhas, abraçando um travesseiro molhado de lágrimas ou olhando desamparadamente através da janela de um sótão. A *McCall's* des-

creveu o protótipo assim: "Ela é uma *workaholic* que pode até gostar de um jantar ocasional com amigos, mas que normalmente passa quase todo o seu tempo sozinha no apartamento, onde se abriga à noite na condição de melhor amiga de si mesma."

Da mesma forma que a imprensa tinha ignorado a desigualdade social que provocara o "esgotamento nervoso" das profissionais, despolitizava agora a situação das mulheres solteiras. Enquanto a imprensa dos anos 70 tinha acabado com o estigma social que marcava as solteiras, a mídia dos anos 80 sustentava, com a ajuda de alguns psicólogos populares, que todos os problemas das mulheres solteiras se deviam a elas mesmas. Como afirmava uma terapeuta numa matéria sobre solteiras no *New York Times*, "as mulheres estão nesta situação devido a conflitos neuróticos". E a própria terapeuta sustentou essa afirmação ao referir-se a si mesma; declarou que estava se tratando com "análise intensiva" para curar-se desta singular disfunção feminina.

A apresentação da mulher solteira como mentalmente perturbada é a tradição bastante antiga do contra-ataque antifeminista. Na derradeira imprensa vitoriana, as solteiras eram declaradas vítimas de "andromania" e de "horror ao casamento". Depois de reabilitar fugazmente as não-casadas chamando-as de "meninas solteiras" no começo do século XX, a imprensa relegou mais uma vez as mulheres solteiras aos manicômios durante a Depressão. Nos anos 30, a *Good Housekeeping* fez um levantamento das mulheres profissionais que aparentavam algum sinal de esgotamento psíquico. Quando toda as solteiras disseram que se sentiam muito satisfeitas com a sua vida, a revista se perguntou, cheia de esperança: "Será que algumas delas não ocultaram um desejo que arde como uma ferida... o de se curvarem sobre um berço e ouvirem a ritmada respiração saindo de boquinhas rosadas?" E nos anos 50 mais uma vez uma passeata de psicanalistas liderados por Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg, autores do mais bem-sucedido manual de 1947, *Modern Woman: The Lost Sex*, marchou pelas revistas femininas, tachando as mulheres solteiras de "desprovidas de feminilidade" e de "profundamente doentes".

Quando a imprensa do backlash não estava rotulando os problemas mentais das solteiras, ficava contando os corpos. Não só as solteiras eram doentes, advertiam os papas da mídia, como também estavam sobrando - uma mensagem que só servia para elevar os níveis de ansiedade. Os últimos remanescentes da imprensa vitoriana tinham verdadeira obsessão pelo número exato de solteiras "excedentes"; as grandes revistas imprimiam gráficos mostrando a superabundância de mulheres "sobrando". "Por que o celibato está se tornando cada vez mais generalizado?", perguntava *The Nation* em 1868, frisando que o assunto "está rapidamente se tornando tema de discussão universal". A proporção era tão desequilibrada, afirmava a *Harper's*

Bazaar em 1874, que os homens podiam conseguir esposas "no atacado", e que "oito melancólicas donzelas" penduravam-se no braço do mesmo solteiro nas festas. "Por toda parte ouve-se o grito 'Nada de maridos! Nada de maridos!'" (A revista apressava-se a acrescentar que as idéias feministas eram responsáveis por esta situação "horrorosa": "Muitas 'mulheres avançadas' esquecem que só poderá haver verdadeiro progresso para elas lado a lado do homem e não em oposição a ele.")

Em meados dos anos 80, mais uma vez a mídia estava ocupada contando o número de mulheres solteiras e imprimindo tabelas que estariam supostamente provando o excesso de mulheres sozinhas, agora chamado pela imprensa de "boom das solteironas" e de "hipercelebrato". O relato mais lendário apareceu na *Newsweek*. "Se você for solteira, aqui estão as suas chances de se casar", anunciava a capa da edição de 2 de junho de 1986 da revista. O gráfico em anexo sugeria que as dificuldades aumentavam depois dos trinta, quando a mulher ficava para "titia". "A notícia traumática apareceu numa árida pesquisa", começava a matéria da *Newsweek*, "inocentemente intitulada 'Os padrões matrimoniais nos Estados Unidos'. Mas as medonhas estatísticas confirmaram aquilo de que já estávamos suspeitando há muito tempo: que muitas mulheres que parecem estar com tudo - boa aparência e bom emprego, qualificação profissional e bom salário -, nunca chegarão a ter um companheiro."

Alguns dos cálculos da imprensa sobre a diminuição do número de casamentos estavam em verdadeiro nível de apelação. O artigo da *Newsweek* dizia que as mulheres solteiras "têm mais possibilidades de serem mortas por um terrorista" do que de se casar. Talvez a *Newsweek* só estivesse usando uma metáfora, mas esta afirmação acabou sendo repetida literalmente por muitas revistas femininas, *talk-shows* e livros de aconselhamento. Uma funcionária da *Newsweek* que estava envolvida no preparo da matéria explicou mais tarde como a analogia do terrorista acabou na revista: "Um dos repórteres ficava repetindo isto como uma piada: 'É mais fácil ela ser detida por um terrorista', e de repente um dos redatores de Nova York levou a coisa a sério e a publicou."

A matéria da *Newsweek* sobre a "crise do casamento" e a "escolha de ser mãe" era uma parábola disfarçada de dado estatístico. Apresentava a "falta de homem" como uma eventualidade moral para mulheres independentes que queriam demais. Os pregadores da *Newsweek* acharam as mulheres solteiras culpadas de pelo menos três pecados mortais: Ganância - elas colocavam os seus altos salários acima da busca por um marido. Orgulho - agiam "como se no guarda-roupa delas não valesse a pena encontrar espaço para alguém abaixo do Homem Perfeito". E preguiça - elas não estavam realmente se esforçando: "ainda que digam que querem se casar, pode ser que não queiram o bastante".

E havia chegado o dia do juízo final. "Para muitas mulheres economicamente independentes, as conseqüências dos seus atos já começaram a aparecer", entoava a *Newsweek*. "Jovens mulheres brilhantes e decididas perseguiram uma carreira durante anos, achando que quando chegasse a hora de se casarem não teriam dificuldades em arrumar um marido. Estavam erradas." A *Newsweek* solicitava às jovens para que aprendessem com os erros das suas predecessoras feministas: "Castigadas pela notícia de que adiar é o mesmo que renunciar, pode ser que elas decidam pensar no assunto [do casamento] antes que seja tarde."

Para dar um exemplo edificante para as jovens, a *Newsweek* apresentava as aturdidas e envelhecidas solteiras como pecadoras diante do confessor e piedosamente registrava as suas mágoas: "Susan Cohen gostaria de ter conseguido abrir seu caminho para o altar. 'Não estando boa da cabeça', ela recusou várias propostas de casamento quando era mais jovem." A pediatra Catherine Casey disse aos inquisidores da revista: "Nunca duvidei que iria me casar, mas com 22 anos não estava preparada. Estava mais interessada em prosseguir os meus estudos... Agora o meu relógio está marcando meia-noite."

O desfile das penitentes não-casadas tornou-se um regular dramalhão da mídia, e foi nos noticiários da televisão que o melodrama gozou do sucesso mais duradouro. Em 1987, o "CBS Morning News" dedicou um especial de cinco dias para os arrependimentos das solteiras. Com o mesmo oportunismo da matéria da *Newsweek*, o programa foi graciosamente ao ar no mês das noivas. "Achávamos que poderíamos continuar só namorando por 25 anos", queixou-se uma mulher. "Continuaremos nessa depois dos 40 anos e os nossos relógios biológicos já estarão sem corda", lastimou outra. Os incansáveis apresentadores da CBS portavam-se como se estivessem orientando uma sessão de terapia de grupo. "Você sempre se sentiu assim?", perguntavam às pacientes. "Do que é que você tem medo?" "Todas vocês têm um relacionamento muito forte com o pai?" "Aprenderam a falar cedo?"

Em 1986, a rede ABC deu mais um passo na sua psiquiatria televisiva. Não só a emissora contratou um psiquiatra como consultor, como também o apresentador conseguiu atormentar bastante uma das entrevistadas até levá-la a um desequilíbrio nervoso diante das câmeras. Laura Slutsky, de 37 anos e solteira, presidente de sua própria empresa, tentou explicar que embora viver sozinha fosse um "difícil desafio", ela estava determinada a "fazer sua vida funcionar" assim. Mas o entrevistador continuou pressionando. Finalmente:

Entrevistador: Procure encarar este medo por um minuto.

Slutsky: Espere um instante, essas coisas não são fáceis, [começa a chorar] O medo de estar sozinha não é fácil... não gosto nada disto. Mesmo assim vou tentar. Por que estou chorando? Não sei por que estou

chorando... São perguntas difíceis... Mas eu o farei. Eu farei. Não, não quero fazê-lo. Não quero.

Ainda não satisfeita, a ABC levou ao ar outro especial no ano seguinte, "Celibato na América", desta vez com a duração de quatro dias. Um dos âncoras do programa, Kathleen Sullivan, definiu o tom desde a primeira fala: "Pois bem, quando soube que iríamos fazer este programa", anunciou, "disse para mim mesma, e daí? Isto é, quem se importa com pessoas não-casadas? Elas não têm responsabilidade com família. Elas só pensam na carreira." Mas, em seguida, acrescentou generosamente: "No começo não tinha compaixão delas, mas agora tenho."

Compaixão era justamente a palavra, uma vez que, como o relato de Sullivan amplamente demonstrava, a vida de uma mulher solteira é um verdadeiro pesadelo:

Primeiro dia - "Pessoas não-casadas precisam encontrar trabalhos que lhes permitam conhecer outras pessoas."

Segundo dia - "Hoje vamos analisar o celibato e o sexo, assim como a doença fatal da AIDS que está redefinindo algumas escolhas." (Seguem-se algumas cenas cruéis do filme *A procura de Mr. Goodbar*, um filme que fala dos encontros em bares de solteiros. A voz de Sullivan advertia: "Encontros indiscriminados podem ser perigosos. Neste caso, matam.")

Terceiro dia - "Pais solteiros podem ter uma vida sexual ativa, mas... melhor pensar duas vezes se não quiserem que as crianças, depois de crescerem, dumas com qualquer um."

Quarto dia - "Hoje vamos examinar o problema de uma ótica mais positiva..." ao que se seguiu: "Mas são coisas que não podemos absolutamente esquecer. Primeiro, o lado econômico. Não é nada fácil, com a única renda de um solteiro, comprar uma casa. E também devemos pensar na imensa e triste preocupação com a AIDS, pois esta doença mortal está mudando os hábitos sexuais dos não-casados."

Depois de tudo ter sido dito e feito, Sullivan só pôde encontrar um aspecto "positivo" na vida das mulheres solteiras: poder deixar em qualquer grande loja de departamentos a lista de seu chá de panela, exatamente como qualquer noiva. Ao que o outro apresentador, Charles Gibson, não pôde deixar de comentar ironicamente: "Só não vejo por que alguém vai querer comprar-lhe presentes, se você não consegue se casar."

Apesar do título "Celibato na América", o programa nunca abordou o homem solteiro. A omissão é típica. A divulgação do programa "Depois da revolução sexual" da rede ABC, com efeito, prometia discutir o impacto sobre o homem. Mas nunca o fez. Solicitado a dar uma explicação para esta comissão, o apresentador Richard Threlkeld disse mais tarde: "Não havia tempo. Só tínhamos três horas."

Quando a imprensa finalmente conseguiu encontrar algum tempo para tratar dos homens, não foi para apresentar-lhes os pêsames. Na capa da revista dominical do *New York Times*, aparecia um homem vivendo no luxo do seu recanto de solteiro. Esparramado no carpete, com sua guitarra elétrica ao lado, estava preguiçosamente folheando um livro enquanto (para a alegria dos anunciantes da indústria do tabaco) saboreava um cigarro. "Por que casar?", era o título. Na revista, o autor da matéria, Trip Gabriel, comentava paternalisticamente sobre as "preocupações" do "exército de solteiras com mais de 30 anos". Dos homens solteiros, entretanto, ele só tinha a dizer que ficou impressionado de como para os homens o celibato era uma escolha viável. Até os homens que pareciam evitar completamente a companhia feminina mereceram o seu elogio. Não viu nada de mais, por exemplo, no fato de um homem de 30 anos desistir dos seus encontros aos sábados porque "domingo é o dia do meu futebol". Nem desconfiou minimamente de um fotógrafo esportivo de 35 anos que lhe disse: "Para mim, relacionamentos sempre foram extremamente sufocantes." Em lugar disto, Gabriel elogiou o seu celibato considerando-o uma "decisão madura".

Depois de levar as mulheres a um verdadeiro pânico por serem solteiras, a mídia ajudou a vender exorbitantes curas milagrosas para as mulheres solteiras mental e estatisticamente inferiorizadas - desde cursos de mil dólares sobre "Como casar com o homem dos seus sonhos", até títulos de serviços de namoro que, pelo preço de 4.600 dólares, garantiam o casamento no prazo de três anos e consultas "científicas" para encontrar a alma gêmea valendo até 25 mil dólares. "O tempo dos solteiros está acabando", advertia um jornalista do *San Francisco Chronicle* (ele mesmo solteirão), e aí passou a sua coluna para a proprietária de uma agência matrimonial ansiosa para promover o seu negócio: "Há uma luta terrível acontecendo lá fora", ela avisava, "e dentro de dois anos não vai sobrar mais ninguém. Até as reservas de homens mais velhos vão acabar." A mídia até oferecia seus próprios serviços de assessoramento. A *New York* tirou da cartola inspiradores exemplos - solteiras com mais de 40 anos que tinham conseguido se casar. "Quando finalmente decidiram pousar seus olhos sobre homens casadouros", afirmava o artigo intitulado "Até que enfim, esposas; elas encontraram um marido". O *USA Today* até brincou de médico, oferecendo linhas telefônicas para solteiros em apuros - com psicólogos atendendo pelo telefone. Os especialistas confessaram ter ficado "surpresos" com o resultado: os homens carentes de amor superavam as mulheres - dois para cada uma.

As revistas femininas foram as que mais aproveitaram a ocasião. Casamentos eram, afinal de contas, a sua especialidade. No seu número de fevereiro de 1989, a *Cosmopolitan* oferecia um guia de onze páginas ensinando os truques para agarrar um marido, sob o título bastante profissional de "Como fechar um negócio". A revista ensinava: "Você leu as estatísticas:

há mais mulheres do que homens praticamente em toda parte, com exceção da cadeia... Você precisa dar uma geral no seu comportamento. *E tem que fazer isto agora.*" As suas dicas para arrumar-logo-um-marido eram: finja ser menos sexualmente experiente do que é; realce os seus talentos culinários e de dona-de-casa; deixe que ele se destaque nas conversas e seja "extremamente submissa". Na *Mademoiselle*, tais palavras de sabedoria dos anos 50 estavam na ordem do dia: que as mulheres preservassem a sua "boa reputação nos encontros" e que "meninas espertas não telefonam primeiro". E uma matéria de capa da *New Woman*, de autoria da Dra. Joyce Brothers, ensinava por que "Você não deve morar com o seu namorado".

Ao mesmo tempo que a imprensa se ocupava de pressionar as mulheres na direção do casamento, aconselhava as já casadas que ficassem onde estavam. Uma ação eficaz neste sentido: espalhar o temor acerca da vida pós-divórcio. Em 1986, a NBC apresentou um programa especial que focalizava exclusivamente "as conseqüências negativas do divórcio". A *Cosmopolitan* fez uma matéria de quatro páginas completamente dedicada às desvantagens do divórcio. "Ficar sozinha parece muito tentador quando você passa a vida brigando feio", ensinava. "Mas fique prevenida: cada vez mais autoridades no assunto avisam divorciados em potencial para serem cautelosos - muito cautelosos - com as perigosas decepções pós-divórcio." Para as mulheres, a imprensa não se cansava de afirmar, a quebra dos vínculos matrimoniais representava uma grave depressão, uma vida solitária e uma conta bancária miserável.

Para evitar o divórcio, mais uma vez a mídia voltou à carga com amigáveis conselhos e severos discursos moralistas. Em 1989, a CBS colocou no ar "Pode este casamento ser salvo?", um programa de entrevistas em rede nacional voltado para reconciliações ao vivo de casais com dificuldades de relacionamento. "Como continuar casados" foi a contribuição da *Newsweek*, uma matéria de 1987 toda cheia de edificantes exemplos de casais renascidos que chegaram "ao limite extremo" antes de encontrar a "salvação", normalmente com a ajuda da intervenção divina de um terapeuta. Vários conselheiros matrimoniais apareceram se autopromovendo nessa época, um deles apresentando um programa de aprimoração no casamento com a duração de dezesseis semanas.

"Como os tempos mudaram!", escreveu a *Newsweek*. "As pessoas estão levando o casamento mais a sério." A revista não tinha prova alguma para sustentar que estava em curso um *boom* de casamentos. Tudo que ela pôde apresentar foi esta fraca estatística: uma insignificante queda de 0,2 % nos índices de divórcio.

A INFERTILIDADE E O *BOOM* DE NASCIMENTOS

"Será que este surto de infertilidade é a doença *yuppie* dos anos 80?", perguntou, num especial de 1987, a correspondente da NBC, Maria Shriver. Seria possível, ela indagou olhando preocupada para os especialistas presentes, que a esterilidade tivesse se tornado "A maldição das mulheres profissionais"? Os especialistas confirmaram com o maior entusiasmo.

A essa altura, os jornalistas de tendências já tinham tudo preparado; só precisavam de algum especialista que indicasse o inimigo. Uma vez que se tratava de um problema feminino, eles sabiam que a culpada só podia ser a busca da mulher pela independência e igualdade. No caso da "maldição da mulher profissional", ela mesma era a bruxa responsável pelo sortilégio. As manchetes deixavam bem claro por que o útero das mulheres estava se tornando árido: "Querendo tudo: adiar a maternidade tem um preço" e "O calado sofrimento da infertilidade: para quem só pensa em sucesso, é uma pilula amarga". Como proclamou um colunista do *New York Times*, a mulher infértil é atualmente "um clichê ambulante" da geração feminista, "uma mulher à beira dos 40, que coloca o trabalho acima da maternidade".

A *Newsweek* dedicou duas reportagens à "tendência de não ter filhos". Entre fotos de mulheres solitárias em seus escritórios e ursinhos de pelúcia em berços vazios, a *Newsweek* avisava que até 20% das mulheres entre 30 e 35 anos poderiam acabar não tendo filhos - e "na opinião dos especialistas tais números poderão ser ainda mais altos no caso de mulheres com cargos executivos". O especialista que a *Newsweek* usou para sustentar este ponto era ninguém mais do que o economista David Bloom, co-autor da infame pesquisa Harvard-Yale sobre o casamento. Agora ele vinha dizer que 30% de todas as mulheres com altos cargos iam acabar sem filhos.

Só para não ficar atrás no assunto da maternidade, a *Life* publicou a sua própria reportagem, "Loucas por crianças", a qual dizia que "milhões" de executivas "irão pagar o preço da espera". A *Life* dava provas fotográficas: Mary Chase, escritora e produtora, que olhava desolada para um berço vazio. Numa seqüência de fotos, Mary era examinada por um especialista de infertilidade, aparecia de costas nuas tentando a acupuntura para "estimular as energias", consultava um psiquiatra que afirmava poder induzir à gravidez de cabeça para baixo após uma relação sexual e soltando o verbo cora o marido Bill, que se esgueirava e tentava "ocultar antigos traumas que poderiam bloquear a possibilidade de Mary conceber". O casal desconhecia as causas dos seus problemas de fertilidade, razão pela qual os tais "antigos traumas" de Bill bem que poderiam ser os culpados de tudo. (As chances de infertilidade são as mesmas para ambos os sexos.) Mas a matéria da *Life* nunca levou em consideração esta possibilidade.

Como em todos os artigos sobre tendências, os dados que sustentavam a

epidemia de infertilidade eram inexistentes, de forma que as revistas tinham de ser escorregadias. "Não dá para afirmar com certeza, mas tudo indica que a infertilidade esteja aumentando", dizia a *Newsweek*. "Existem alguns dados estatísticos mostrando que a infertilidade tomou conta das nossas vidas", afirmava a *Life*. E havia realmente uma série de dados estatísticos; só que eles não corroboravam a história da "maldição das mulheres profissionais". Algumas revistas contornaram o problema da falta de dados simplesmente recorrendo ao tempo futuro. A *Mademoiselle*, por exemplo, arriscava este presságio em letras garrafais: "A epidemia de infertilidade está chegando." E uma matéria de 1982 do *New York Times* simplesmente desdenhava as cétricas. As mulheres de 30 que não acreditam serem muitas as suas chances de infertilidade devem estar sofrendo "emocionalmente" devido "à necessidade de negar as evidências".

Na semana em que esta matéria foi publicada no *New York Times*, as assinantes do *Times* e da revista *Time* devem ter ficado desorientadas. Enquanto o *Times* lamentava a infertilidade das profissionais com mais de 30 anos - publicando, com efeito, duas matérias sobre o assunto na mesma semana -, a *Time* registrava o boom de nascimentos. "As profissionais estão escolhendo a gravidez e fazem isto como manda o figurino", festejava a revista na sua reportagem intitulada "A nova explosão de nenens". Mais uma vez, os dados oficiais do Censo não confirmavam a *Time*: os índices de nascimentos permaneciam os mesmos há dez anos. Mas isto não vinha ao caso. O boom de recém-nascidos era apenas o açúcar para adoçar a pílula amarga da epidemia de infertilidade. A *Time* deixou isto bem claro ao complementar a matéria sobre o boom com outro artigo de alerta: "Os riscos médicos de se esperar demais para ter filhos."

Para contornar a falta de dados, a *Time* recorreu aos costumeiros eufemismos: "Cada vez mais mulheres profissionais", afirmava, "optam pela gravidez antes de o relógio marcar meia-noite." Depois chamava rapidamente a atenção dos leitores para um punhado de artistas e celebridades grávidas. A ex-"pantera" Jaelyn Smith e a princesa Diana estavam grávidas e, portanto, isto devia ser um fenômeno mundial.

A *Time* não foi a única publicação a suprir a falta de dados com exemplos de celebridades. A *McCall's* emocionou-se com o "Atual florescimento de mães em Hollywood". A matéria da *Vogue* sobre a "febre de bebês" exultava com a maternidade de Farrah Fawcett. Indo ainda mais longe na sua busca de provas para a mania de ser mãe, a imprensa deu a maior cobertura a um funcionário do zoológico que afirmava comunicar-se com um primata: "A gona Koko diz que gostaria de ter um neném." E, assim como tinha feito com as solteiras, a mídia procurou induzir à gravidez com bons conselhos e até prêmios. Emissoras de rádio em Iowa e na Flórida patrocinaram o con-

curso "A taça da procriação", com premiações de mil dólares, fornecimento de fraldas por seis meses e um berço para o primeiro casal que concebesse.

O quimérico *boom* de nascimentos inspirou elogios ainda mais floreados nas páginas dos editoriais. *O San Francisco Chronicle* enfatizou eloqüentemente: "É preciso dizer que, na nossa vida pessoal, notamos um verdadeiro florescimento de matrimônios assim como de nascimentos em mulheres que, não faz muito tempo, pareciam decididamente dedicadas ao celibato e à busca de uma carreira bem-sucedida. Faz bem ao coração ouvir novamente o som de sinos repicando e os gorgolejos satisfeitos de jovens seres nos braços das mães."

Numa prosa menos enfeitada, o *New York Times* transmitia os mesmos sentimentos, afirmando que "as mulheres descobriram que o sucesso em trabalhos tradicionalmente reservados aos homens não representa infalivelmente uma vida completamente compensadora. A maternidade voltou a estar na moda".

Estes artigos podem não ter aumentado os índices de natalidade, mas certamente aumentaram a ansiedade e o sentimento de culpa das mulheres. "Você não lê uma revista em que não esteja escrito que mais uma esperançosa mamãe com problemas de fertilidade poderia ter tornado as coisas menos complicadas se tivesse decidido ter filhos mais cedo", escreveu uma jovem num ensaio do *New York Times* intitulado "A maternidade é melhor antes dos 30". Ela estava irritada, mas não com a mídia que aterrorizava as mulheres. Estava furiosa com as mulheres mais velhas que pareciam achar seguro esperar. "Acredito ser um sagrado direito meu seguir um esquema reprodutivo mais sólido do ponto de vista biológico", ela lamentou, soando estranhamente acadêmica por baixo daquela capa maternal.

Só o fato de reconhecer o ataque da mídia coloca essa jovem e outras leitoras em desespero, pois ao se perguntarem por que se sentiam repentinamente inúteis e envergonhadas por não conseguirem reproduzir segundo os padrões da mídia, decidiram que as causas estavam exclusivamente dentro delas e não naquilo que liam. "Nem passava pela minha cabeça ter um filho, e de repente, aos 34 anos, fiquei inteiramente obcecada com a idéia", confessou uma mulher à *Vogue*. "Era como se não dependesse de mim e os meus hormônios enfurecidos dissessem: 'Faça o que se espera de você, procrie.' Era mais uma sensação física do que mental."

No fim das contas, esta seria a maior contribuição da imprensa ao I contra-ataque antifeminista: não só impunha às mulheres o modo como elas deveriam se sentir, como também as convencia de que a voz interior que ouviam era apenas o seu útero conclamando-as.

AS VERDADEIRAS CONFISSÕES DA *MS*.

Enquanto a mídia promovia o contra-ataque, quem fazia a cobertura? A grande imprensa não estava fazendo um bom trabalho. O antigo fórum quase-feminista, a coluna "Hers" do *New York Times*, passara a publicar matérias politicamente vazias com temas que iam desde a cirurgia plástica, ao desejo de um grande anel de noivado e o valor terapêutico de uma boa limpeza do banheiro. Muitas pequenas publicações feministas estavam fechando as portas; até na área de San Francisco, que já fora o paraíso para os periódicos do movimento feminista, a maioria das publicações tinha fechado as portas antes de 1989.

As mulheres ainda podiam recorrer à porta-voz do jornalismo feminista, a revista *Ms.*, mas com o progredir dos anos 80, as leitoras da *Ms.* descobriam que a revista estava dando marcha a ré quase tão depressa quanto a cultura que a cercava.

"Já estamos permitindo que você tenha as sobrancelhas bem cuidadas", a *Ms.* declarava no exemplar de outubro de 1989, numa matéria de três páginas sobre dicas de beleza. Não havia inconveniente em se tirar pêlos indesejáveis com penosos tratamentos eletrolíticos, injetar implantes de colágeno para livrar-se dos pés-de-galinha e aplicar Accutane, uma substância suspeita de ser cancerígena, para acabar com as rugas. Isto tudo numa revista que costumava desmascarar a indústria cosmética.

A revista que chegara a investigar temas como o assédio sexual, a violência doméstica, os negócios escusos da indústria farmacêutica e a condição da mulher nos países do Terceiro Mundo, apressava-se agora a falar emocionadamente das estrelas de Hollywood, lançava colunas de moda e comunicava a verdadeira grande notícia - as pérolas estavam na moda outra vez. A revista que pela primeira vez tinha ousado botar na capa o retrato de uma mulher espancada apresentava agora os rostos maquiados de celebridades e desistia de publicar na capa a foto de uma mulher esmurrada, Hedda Nussbaum, para acalmar os anunciantes. (A capa que entrou no lugar: a foto de uma mulher nua.)

O mais curioso acerca desse mergulho da *Ms.* no mundo do colonismo social foi que a revista se afundou cada vez mais depois de abandonar a sua condição de publicação sem fins lucrativos - uma medida que os editores tomaram justamente para que ela fosse "mais política". Como explicou, na época, a editora Gloria Steinem, como uma revista de fins lucrativos, ela poderia endossar candidatos políticos. Em vez disto, acabou endossando produtos de beleza.

Quando, em 1987, Anne Summers substituiu Steinem, ela decidiu, bem no estilo dos editores da *Good Housekeeping*, que a imagem da *Ms.* precisava ser "atualizada". O que ela realmente queria dizer era "comercializada".

Agora que a *Ms.* visava ao lucro, o maior interesse da revista era atrair leitoras de alto poder aquisitivo. Este ponto ficou bastante claro no novo material de divulgação que enviou aos seus anunciantes potenciais, no qual prometia oferecer leitoras que "compram em lojas de *delicatessen* mais que qualquer um" e ilustrava a idéia com a foto de uma mulher despencando de um sofá de pernas para o ar, com cartões de crédito e outros sinais de riqueza pulando dos seus bolsos.

Para aumentar a penetração no mercado da *Ms.*, Summers contratou uma empresa de marketing para acompanhar e avaliar grupos de consumidoras espalhados pelo país. Foram escolhidas apenas mulheres de núcleos familiares com renda acima de 30 mil dólares anuais. Os entrevistadores pediram que estas mulheres avaliassem as revistas femininas atualmente no mercado. Summers lembra: "Elas se queixavam de que as revistas femininas eram paternalistas e condescendentes. Estavam cansadas de ler notícias sobre celebridades. Queriam uma revista que as fizesse sentir-se bem, respeitadas e valorizadas." A julgar pelas capas seguintes, a *Ms.* não deu lá muita bola ao sentimento das mulheres contra as celebridades. Mas o que a editora da revista levou muito a sério foi a resistência, especialmente nos grupos mais jovens, que as mulheres manifestavam à palavra "feminista". Poderíamos pensar que a missão da *Ms.* fosse justamente remover esta resistência, mostrar a essas mulheres que "feminista" era uma palavra que elas podiam adotar e não temer, explicar como a cultura americana tinha tornado a palavra demoníaca justamente por ela oferecer tamanho poder às mulheres. A revista, com efeito, poderia ter ajudado a lutar contra o novo antifeminismo desmascarando-o e deixando bem claro que o feminismo queria apenas defender os direitos e as escolhas das mulheres. Esta era uma linha de ação que, afinal de contas, as mulheres dos grupos examinados defendiam uniformemente; todas as mulheres entrevistadas disseram acreditar que a mulher não deveria ser forçada a optar entre família e carreira.

Mas em lugar de revitalizar a palavra, Summers empenhou-se em quase anulá-la. "Acho que devemos ter o maior cuidado na maneira de usá-la", disse Summers, em 1988. "Em muitos casos podemos usar 'mulher', significando a mesma coisa." Mas, como os números seguintes da *Ms.* demonstraram sem sombra de dúvida, os termos "mulher" e "feminista" não são sinônimos. Se a *Ms.* conseguiu tão facilmente evitar a palavra ofensiva, foi porque ela mal se adaptava a muitas das matérias agora publicadas pela revista. Quem precisa falar em feminismo quando os assuntos em questão são "Ode à maquiagem" e "Você tem ansiedade em relação às cores"?

Na verdade, no fim da década, as leitoras da *Ms.* estavam encontrando nas suas páginas opiniões não muito diferentes das tiradas moralistas veiculadas pela imprensa do backlash. Num pouco divulgado mas extremamente acalorado artigo, a escritora Shana Alexander dizia: "Quanto ao movimento

feminista, muitas vezes fico pensando que abrimos a caixa de Pandora. Queríamos ser iguais. Insistimos nisto. Conseguimos... Esquecemos que somos diferentes dos homens: somos *outra* coisa; temos sensibilidades diferentes. Hoje em dia as jovens mulheres estão pagando por nossos erros."

As mulheres dos grupos examinados pela *Ms.* também se queixavam de outro fenômeno: o backlash. "A coisa mais importante que descobrimos é que as mulheres estão comendo o pão que o diabo amassou por aí", afirmou Summers, "e que deveríamos ser mais solidárias." Fica a vontade de dizer que a revista deveria ter sido menos solidária e mais analítica. Somente uma vez, depois que a Corte Suprema deu a conhecer a decisão *Webster* limitando os direitos reprodutivos das mulheres, a *Ms.* realmente se insurgiu deixando de lado os seus ilusórios devaneios. "É a guerra!", exclamava o número de agosto de 1989 - como se só então estivesse descobrindo a existência do contra-ataque.

Com efeito, a única incursão política da "atualizada" *Ms.* seria sua primeira e última. A capa sobre o aborto foi considerada política *demais* pelos anunciantes que, diante de um mercado estagnado, estavam procurando mesmo uma desculpa para abandonar o barco. Enquanto isto, os editores da revista estavam perdendo muitos dos seus maiores patrocinadores no seu outro empreendimento, *Sassy*, que se tornara o alvo de uma campanha fundamentalista depois de publicar corajosos artigos sobre a sexualidade dos adolescentes. No fim, com o êxodo de patrocinadores ameaçando levar a *Ms.* para o colapso financeiro, Summers desistiu. Entregou a revista, antes dirigida por mulheres, a um editor homem, Dale Lang, que a fechou por mais de um ano, desviou a circulação para as suas outras publicações e finalmente reeditou a *Ms.* como revista bimensal sem publicidade, uma rede de distribuição muito frágil, e uma assinatura anual demasiado cara: 40 dólares (uma jogada que cortou a circulação pela metade). Os analistas de imprensa, observando que somente a *Mad* e a *Consumer Reports* conseguem sobreviver sem publicidade, previram o fim imediato da revista.

Com a efetiva saída da *Ms.* do mercado editorial, será que algumas das novas revistas lançadas no fim dos anos 80 ousariam desafiar o contra-ataque? Certamente não a *Men* ou a *Men's Life* (para o "homem de verdade"), nem a *M. Inc.* (para o homem "poderoso") ou qualquer outra revista masculina que chegou às bancas no surto repentino do fim da década: elas explicavam por que os homens preferem as louras e o que é tão repulsivo no "homem sensível". Muito menos *Victoria*, a nova revista feminina de Hearst: as suas reportagens eram todas sobre as alegrias do tricô e dos arranjos florais. Nem a *Elle*, a nova publicação de moda e beleza para as jovens: ela afirmava que a nova geração de mulheres "já não precisa ficar se perguntando como ou por que há discriminação sexual", e, de qualquer forma, "todos aqueles ideais que já foram considerados verdades absolutas - liberdade

sexual, o movimento feminista, verdadeira igualdade - foram desmentidos ou aviltados". A única nova publicação que mostrava algum vago interesse por assuntos realmente importantes para a mulher era a *Lear's*, uma revista dedicada a mulheres com mais de 40 anos e uma das poucas dirigidas por uma empresa cuja proprietária era mulher. "Queremos tratar de pessoas reais, com rugas no rosto", anunciou a editora Francês Lear (embora isto não a impedisse de publicar anúncios de mulheres impecáveis com a metade da idade das suas leitoras). Mas lá pelo fim da década, ela também começava a dizer coisas que cheiravam a backlash. Em 1988, durante a convenção I Mulheres na Comunicação, Lear falou contra os valores materialistas da I mídia e a fascinação da imprensa pelo luxo e a juventude - e declarou: I "Considero o movimento feminista responsável por isto... a preocupação feminista em satisfazer as suas próprias necessidades." Finalmente os líderes da mídia tinham encontrado um jeito de culpabilizar a independência feminina por seu próprio comercialismo desbragado.

*Visões fatais e fetais:
O backlash no cinema*

"Arrebenta a cara dessa puta", um espectador grita no escuro do cinema Century 21, como se o herói da tela pudesse ouvi-lo e atendê-lo. "Dá um pontapé na bunda dela", pede mais uma voz masculina na penumbra.

O cinema nos subúrbios de San José, na Califórnia, está apinhado, com todos os assentos ocupados para a sessão noturna de *Atração fatal*, em outubro de 1987. A história de uma profissional solteira que seduz e quase destrói a vida de um homem casado e feliz tem lotado a sala todas as noites desde a sua estréia seis semanas antes. "Acabe com ela!", um homem implora ao ator Michael Douglas. Logo outros homens o seguem no cinema: "Faça isto, Michael. Mate-a agora. Mate a vagabunda."

Do lado de fora, no saguão do cinema, funcionários adolescentes varrem papéis de balas e trocam entre si olhares divertidos enquanto os berros dos mais velhos ecoam através das portas acolchoadas. "Francamente não entendo", afirmou Sabrina Hughes, uma colegial que opera a máquina de Coca-Cola e acha o comportamento dos adultos "muito esquisito", um acontecimento antropológico que deve ser observado à distância. "Às vezes gosto de entrar de mansinho na sala durante os últimos vinte minutos do filme. Todos os homens estão gritando: 'Bate nela! Acaba logo com a puta!' As mulheres nunca estão dizendo coisa alguma. Ficam todas no lugar, bem quietinhas."

Hollywood aderiu ao backlash alguns anos depois da mídia; a produção de filmes é coisa mais demorada. Por conseguinte, a indústria cinematográfica teve todo o tempo para absorver "as tendências" que a mídia atribuía às mulheres independentes e devolvê-las aos cinéfilos americanos com o dobro do tamanho. "Estou com 36 anos!", queixa-se Alex Forrest, a profissional solteira com instintos homicidas de *Atração fatal*. "Pode ser a minha última chance de ter um filho!" No entender de Darlene Chan, vice-presidente da 20th Century-Fox, *Atração fatal* é a manifestação psicótica do estudo sobre o casamento feito pela *Newsweek*.

Os riscos econômicos cada vez maiores na *Hollywood dos anos 80* tornariam os executivos do cinema ainda mais inclinados a apresentar a sua mensagem de acordo com as tendências. A crescente insegurança financeira,

fomentada pela progressiva conquista dos estúdios por parte das grandes multinacionais e pela dupla ameaça representada pelas emissoras de TV a cabo e das fitas de videocassete reforçara o conformismo e a timidez de Hollywood. Assim como os gerentes da mídia, os produtores de cinema estavam dependendo cada vez mais dos consultores de pesquisa de mercado, da amostragem estatística e dos psicólogos populares para determinar o conteúdo, guiar a produção e dar os toques finais. Num ambiente como este, as figuras de mulheres fortes e complexas que ousavam enfrentar as tendências forjadas pela mídia eram poucas e esporádicas.

O contra-ataque antifeminista praticamente moldou a imagem que Hollywood projetou da mulher na década de 1980. Nos casos mais típicos, as mulheres enfrentavam outras mulheres; a raiva das mulheres diante das circunstâncias sociais foi esvaziada do seu aspecto político e, em lugar disto, foi apresentada como depressão pessoal; a vida das mulheres era mostrada como um conto moral em que a "boa mãe" vence e a mulher independente é punida. E Hollywood redefiniu e reforçou a tese do contra-ataque: as mulheres eram infelizes porque eram livres demais; esta liberação roubara delas o casamento e a maternidade.

A indústria cinematográfica também estava mais capacitada do que a mídia para levar esta lição para dentro dos lares. Os produtores de cinema não eram limitados pelas obrigações do jornalismo. Podiam moldar as suas mulheres fictícias como bem entendiam: podiam forçá-las à obediência. Enquanto os autores de editoriais só podiam pedir que as mulheres "banhentas" e "estridentes" ficassem caladas, a indústria cinematográfica podia realmente amordaçar as suas meninas rebeldes. E esse "cala-a-boca" era um ritual público do qual os espectadores podiam participar; no anonimato da sala escura o público podia deixar-se levar por uma espécie de devaneio no qual era possível expressar os mais profundos ressentimentos e temores pelas mulheres.

"É incrível o que aconteceu com o comportamento dos espectadores numa sala de cinema", comentaria o diretor de *Atração fatal*, Adrian Lyne, enquanto o filme continuava a bater recordes de público, arrecadando mais de 100 milhões de dólares em quatro meses. "Está todo mundo gritando e berrando e se envolvendo", disse Lyne. "É um filme com que todo mundo pode se identificar. Alguém sempre conhece uma mulher como Alex." Que as mulheres não estivessem "participando", que a sua voz estivesse estranhamente ausente naquela gritaria toda, só servia para salientar a mensagem do filme: a calada e impassível audiência feminina era o melhor exemplo possível daquela "feminilidade" que o diretor favorecia na tela.

Os esforços para calar a voz das mulheres sempre foi uma constante no cinema americano dos períodos de backlash. As palavras de uma mulher independente e sem papas na língua, Mae West, provocaram o reacionário Código de Ética de 1934. Foi a sua língua cáustica, e não o seu comportamento sexual, que serviu de gatilho para estas regulamentações censórias, que baniu o sexo antes do casamento e sacramentou este último (mas permitiu cenas de estupro) nos filmes até o fim dos anos 50. West enfurecia os guardiães da moral pública - o editor William Randolph Hearst chamava-a de "ameaça contra a sagrada instituição da família americana" - porque nos seus filmes ela respondia aos homens e, pior ainda, fazia-o com suas palavras, pois ela escrevia as próprias falas. "Fale com suas próprias palavras ou você vai acabar sendo um capacho", West diz ao leão que ela doma em *Fm No Angel*, resumindo a sua filosofia. Na década de 1930, Mae West acabaria sendo encostada juntamente com as demais estrelas excessivamente insubmissas da época. Marlene Dietrich, Katharine Hepburn, Greta Garbo, Joan Crawford foram oficialmente declaradas "venenos de bilheteria" numa lista publicada pelo presidente da Associação de Proprietários de Cinemas Independentes da América. As palavras de West foram consideradas tão ofensivas que ela foi banida até do rádio.

Tendo calado a boca da quarentena West e das outras atrizes adultas, os estúdios dos anos 30 trouxeram as menininhas bem-comportadas. A maior estrela da Depressão, Shirley Temple, nem estava em idade escolar - e foi a mais aplaudida pelo público masculino adulto. Quando desempenhou o papel de "Marlene Sweetrick" em *War Babies*, representava uma versão da independente Dietrich, aqui reduzida a submissa criancinha.

Durante a Segunda Guerra Mundial, num efêmero surto de entusiasmo por mulheres fortes trabalhadoras, uma operária vivida por Ann Sothern em *Swing Shift Maisie* e outra interpretada por Lucille Ball em *Meet the People*, flexionavam os músculos e mostravam rasgos de inteligência, e muitas heroínas já se haviam tornado profissionais, políticas e até executivas. Nos anos 40, algumas mulheres decididas conseguiram fazer com que a sua voz fosse ouvida: o advogado de Katharine Hepburn defendia os direitos da mulher no tribunal em *Adam's Rib*, e a repórter solteira vivida por Rosalind Russell em *His Girl Friday* dizia rispidamente ao namorado que lhe pedia para deixar o trabalho e ir viver no campo: "Precisa aceitar-me como sou, e não tentar fazer com que eu mude. Não sou uma jogadora de bridge embonecada, sou uma jornalista."

Mas mesmo naquela década, a outra visão de Hollywood sobre a feminilidade competia nas telas, e começou a ganhar terreno com a solidificação do contra-ataque. Outro grupo de mulheres começou a perder a voz e a saúde nas telas. Não demorou para que uma safra de filmes apresentasse heroínas

mudas e surdas-mudas, e as mulheres no cinema fossem se acamando, sofrendo de tumores cerebrais, paralisias da espinha, doenças mentais e lentos envenenamentos. Como historiadora de cinema, Marjorie Rosen observa: "A lista de vítimas femininas dos anos 40 parece um *Quem é quem* de pacientes hospitalares." Na tela, as profissionais solteiras, todas elas ressequidas e à beira de um colapso, também iam consultar os seus médicos para tratamentos psiquiátricos. Em filmes como *Dark Mirror*, *Lady in the Dark*, mais tarde, *The Star*, todas recebiam o mesmo conselho médico: deixar de trabalhar e arranjar um marido.

Com a chegada dos anos 50, a imagem da feminilidade submissa já tinha ganho, tendo como emblema uma Marilyn Monroe sussurrante e de joelhos - uma espécie de paciente pós-lobotomia, já sem forças para lutar contra as ordens médicas. As mulheres fortes foram substituídas por meninas certinhas como Debbie Reynolds e Sandra Dee. E foram finalmente silenciadas no cinema dos anos 50 pela própria ausência nos maiores filmes da época, desde *Matar ou morrer* até *Os brutos também amam*, desde *The Killing* até *Twelve Angry Men*. Naqueles anos, como escreveu a crítica cinematográfica Molly Haskell, "não só havia menos filmes sobre mulheres emancipadas do que nas duas décadas anteriores, como também havia menos filmes sobre mulheres". Enquanto as mulheres eram relegadas a tolos filmes sobre como agarrar-um-homem, os homens propriamente ditos se evadiam para cenários sem mulheres. Tendo como pano de fundo as trincheiras da guerra ou a epopéia do Oeste, eles finalmente triunfavam - se não sobre as suas mulheres, pelo menos sobre os peles-vermelhas e os nazistas.

No fim dos anos 80, este mesmo padrão voltaria a imperar em Hollywood, com os produtores mais uma vez preocupados em baixar o tom das mulheres independentes ou então silenciá-las - às vezes de forma bastante literal. Em *Um salto para a felicidade*, um produto da época sem nada de excepcional, uma rica e insuportável Goldie Hawn no papel de uma mimada menina da cidade (também chamada Alex, como a anti-heroína de *Atração fatal*), cai de um iate e fica com amnésia. Um carpinteiro do interior, que ela já tinha tratado muito mal, salva-a - reduzindo-a a submissa criada: "Fique de boca calada", ordena o carpinteiro (curiosamente desempenhado pelo marido de Hawn na vida real, Kurt Russell), e ela aprende a acatar e gostar disso. Em *O preço da paixão*, a arguta Babe, que não quer se casar e carrega um filho ilegítimo, acaba se afogando num lago. O seu castigo caminha de mãos dadas com o da heroína do filme, Anna, uma complexada mãe solteira que ousa tentar descobrir a sua sexualidade - e, como resultado, tem de sacrificar a filhinha de seis anos. Bem a propósito, esta foi a década em que *The Bostonians* de Henry James foi levado às telas do cinema; a promessa de

Basil Ransom de "fazer calar" o jovem defensor dos direitos da mulher parece ter conseguido um renovado sucesso na praça.

O personagem de Glenn Close em *Atração fatal* não foi a única profissional independente a acabar de boca fechada numa obra de Lyne. Em *Nove semanas e meia de amor*, exibido um ano antes de *Atração fatal*, uma profissional solteira banca a escrava sexual de um corretor da bolsa que lhe dá esta ordem: "Não fale." E logo após o triunfo de bilheteria de *Atração fatal*, Lyne anunciou planos para um novo filme - acerca de uma prostituta negra, literalmente muda, que se apaixona por um médico branco. O título provisório, infômo, seria *Silêncio*.

Os enredos de alguns destes filmes praticam uma metamorfose ao contrário: mulheres adultas e donas de si se transformam em garotas caladas (ou mortas), através da doação, em outros casos se consegue o mesmo por meio da "escolha" do próprio personagem feminino. Em todo caso, no cinema do fim dos anos 80, uma mulher podia gritar e mesmo assim ser uma heroína somente por razões domésticas - pelo bem da família e da maternidade. As poucas mulheres admiráveis e determinadas são mães de famílias rurais defendendo os seus rebentos contra adversidades naturais (*Um lugar no coração*, *O rio do desespero* e *Minha terra, minha vida*) e donas-de-casa defendendo as suas famílias contra os ataques predatórios de mulheres solteiras (*A força do carinho*, *Feitiço da lua*, *Perigo na noite* e *Laços de ternura*). A rispida engenheira espacial que salva uma criança órfã em *Aliens*, o resgate é retratada com solidariedade, mas a sua determinação também é maternal; ela está protegendo a criança - que a chama de "mamãe" - contra monstros-fêmeas.

O ano de 1987 foi um ano dourado para o contra-ataque em Hollywood. Em todos os quatro filmes de grande sucesso lançados naquele ano, as mulheres estavam divididas em dois grupos - as recompensadas e as punidas. As boazinhas são, todas elas, submissas e suaves donas-de-casa (*Atração fatal* e *Os intocáveis*), criancinhas ou recém-nascidas que não falam (*Três solteirões e um bebê* e *Um tira da pesada II*). As vilãs são todas mulheres que não aceitam desistir da própria independência, como a máscula megera que não gosta de crianças em *Três solteirões e um bebê*, a atiradora de botas compridas em *Um tira da pesada II* e a carreirista homicida em *Atração fatal*. O mais engraçado é que todos estes filmes foram produzidos pela Paramount - os estúdios que haviam sido salvos da falência meio século antes por Mae West.

Entre os produtos da Paramount daquele ano, *Atração fatal* foi o que mais magnetizou a mídia nacional. Completando o *feedback*, a imprensa até chegou a considerar o tema do filme uma tendência e fez de tudo para encontrar na vida real mulheres que pudessem comprová-la. Foi uma verdadeira enxurrada de matérias sobre o "fenômeno da *Atração fatal*", incluindo duas reportagens de capa tanto na *Time* quanto na *People*. A manchete de um tablóide de um supermercado até chamou a solteira do filme de "A mulher

mais odiada da América". Os artigos nas revistas aplaudiram o filme por instaurar uma tendência para a monogamia; supostamente o filme estaria revigorando o casamento, baixando os índices de adultério e encorajando um comportamento mais "responsável" por parte das mulheres solteiras. A *People* promoveu esta tendência com alarmantes exemplos de "Atrações fatais da vida real", advertindo: "Não é apenas um filme: casos amorosos sem importância acabam cada vez mais em ódio, vingança e vidas destruídas." Embora na vida real os agressores sejam, em sua maioria, homens - um dado que estava ao alcance dos seis repórteres aos quais fora entregue esta matéria aparentemente importante -, quatro dos cinco agressores que a *People* escolheu como exemplos eram mulheres.

ATRAÇÃO FATAL, ANTES E DEPOIS

O diretor e roteirista inglês James Dearden imaginou pela primeira vez a história que se tornaria *Atração fatal* num solitário fim de semana em Londres no fim da década de 1970. Estava lutando contra um bloqueio de escritor; sua mulher tinha viajado - e ele se perguntou: "Que tal se eu pegasse minha agenda de telefones e ligasse para aquela garota que me deu o telefone naquela festa há seis meses?" O enredo original era bem simples. Dearden lembra:

Um escritor leva a mulher e o filho à estação de manhã e vê o trem partir. Aí ele pega o telefone e liga para uma mulher que lhe dera o número. Saem para jantar e vão para a cama. Ele acha que a história acabou aí, mas no dia seguinte ela telefona. Eles passam o domingo juntos e à noite ela tem uma crise e corta os pulsos... Dormem juntos e ele volta para casa na manhã seguinte. Sua mulher chega de viagem. O telefone toca e é a outra.

Ele bate o telefone e quando o telefone toca de novo é sua mulher quem atende e todos nós imaginamos o que vai acontecer. O caso vai ser descoberto. A mulher atende o telefone e quando diz alô, a tela fica escura.

Dearden afirmou que pretendia que a história mostrasse a responsabilidade de um indivíduo pelo sofrimento de uma pessoa que sequer conhece: queria analisar o quanto esse homem que fez outro ser humano sentir dor, independentemente de essa não ser a sua intenção, deve se sentir responsabilizado. Em 1979, Dearden transformou seu roteiro em um filme de 45 minutos chamado *Diversion*, que foi aplaudidíssimo no Festival de Cinema de Chicago do ano seguinte.

No início da década de 1980, o produtor norte-americano Stanley Jaffe

vijou a Londres à caça de novos talentos e lá fez uma ligação para Dearden. O ex-presidente da Paramount acabara de se associar a Sherry Lansing, ex-diretora de produção da 20th Century-Fox, para lançar uma produtora independente subordinada à Paramount. Lansing saiu da Fox em 1982, onde fora a primeira mulher a comandar a produção de um grande estúdio de cinema, pois queria mais autonomia do que a Fox estava disposta a lhe conceder. Jaffê voltou de Londres com uma pilha de roteiros para Lansing. "Eu voltava o tempo todo para *Diversion*", lembra-se ela. O que mais a interessava no filme era a mensagem feminista que transmitia:

Eu sempre quis fazer um filme que dissesse que você é responsável pelas suas ações... E o que eu gostei naquele filme curto foi o fato de que o homem não ficou impune. Ele teve que arcar com as conseqüências. Quando vi o filme, fiquei ao lado da mulher solteira. E é essa a mensagem que quero passar em nosso filme. Quero que a platéia sinta uma grande empatia pela mulher.

Lansing convidou Dearden a Los Angeles para transformar a história em um longa, uma história do ponto de vista da mulher com uma mensagem totalmente contrária à que estamos acostumados a ouvir: a outra não ficaria com toda a culpa; o homem tem que arcar com as conseqüências do seu ato.

Mas a Paramount não queria fazer esse tipo de filme. "Michael Eisner (presidente da Paramount) voltou atrás porque achou que o homem era antipático", lembra o diretor Adrian Lyne. Quando Eisner saiu da Paramount em 1984, Lansing fez uma nova tentativa e dessa vez o estúdio concordou em levar o projeto adiante. Quase imediatamente, no entanto, as velhas objeções vieram à tona. "Meu filme era uma história sobre um homem que comete uma transgressão e é punido", disse Dearden. "Mas as pessoas eram de opinião, opiniões essas com as quais eu não concordava, de que a platéia não simpatizaria com esse homem porque ele era um adúltero. Por essa razão, parte do ônus foi retirado de seus ombros e colocado sobre os da mulher." A cada novo tratamento do roteiro, Dearden era pressionado a promover novas mudanças nas personagens; o marido se tornou progressivamente mais amável e a mulher solteira mais venenosa. Dearden por fim deixou de lado a agenda de telefones e deu a iniciativa de abordagem à executiva solteira. "Com o tempo, Alex tornou-se muito mais radical", diz Dearden. "Ela terminou tendo um tipo de qualidade predatória que a enfraqueceu, fazendo com que ele saísse fortalecido."

"O objetivo era suavizar o homem", explicou um executivo do estúdio envolvido nas discussões que antecederam a produção do filme. "Ele não podia ser visto como um conquistador, era preciso que as pessoas sentissem pena dele." Aparentemente, ninguém se compadeceu da mulher. Os senti-

mentos de outro homem também tinham que ser levados em consideração: Michael Douglas, que foi contratado desde o início da produção para interpretar o marido, deixou claro para os produtores de *Atração fatal* que não iria representar "um personagem fraco, sem a menor vocação para herói", lembra-se Dearden.

Com Douglas contratado, a próxima tarefa seria encontrar um diretor. Adrian Lyne foi a primeira opção dos produtores - escolha essa no mínimo peculiar para um filme cujo objetivo era atrair o público feminino. É claro que eles não o escolheram pelo fascínio que exercia sobre o sexo oposto, mas pelos resultados financeiros obtidos pelos seus filmes anteriores. Em 1983, Lyne dirigiu *Flashdance*, um musical cujo estilo se aproximava da estética criada pela MTV, no qual o traseiro das dançarinas foi muito mais filmado do que o rosto delas.

Depois do sucesso comercial de *Flashdance*, Lyne também dirigiu *Nove semanas e meia de amor*, que atraiu a atenção da mídia com a sua deslavada descrição do sadomasoquismo e de um episódio particularmente gráfico, que no final só foi preservado na versão para vídeo, no qual a mulher masoquista é forçada a implorar dinheiro aos pés do seu namorado corretor. Durante as filmagens, a humilhação continuou entre uma tomada e outra. Kim Basinger, a atriz que interpretou a mulher, teve que se submeter não apenas ao amante com o qual estava contracenando, mas também às orientações de Lyne, que orquestrou uma campanha de intimidação contra ela, baseando-se na tese de que um "clima de terror" ajudaria a prepará-la para o papel. Em determinado momento, seguindo ao pé da letra as instruções de Lyne segundo as quais "Kim tinha que entrar em colapso", Mickey Rourke agarrou Basinger e esbofetou-a para deixá-la no clima.

Da mesma forma como posteriormente inverteu a temática de *Atração fatal*, Lyne tentou mudar a mensagem original de *Nove semanas e meia de amor*. A história desse filme se baseou nas memórias, publicadas em 1978, de uma mulher que narrou o seu terrível mergulho no mundo do masoquismo sexual. No roteiro original, a mulher finalmente rejeita a humilhação e se afasta do seu algoz. Mas Lyne tentou mudar o final para passar a idéia de que, no fim das contas, ela gostava da situação de vítima. Apenas um protesto realizado por mulheres no set de filmagens impediu Lyne de filmar essa versão.

"Eu quero uma nova Kim Basinger", disse o agente Billy Hopkins, lembrando-se das pressões feitas por Lyne durante todo o processo de testes para a escolha da atriz principal de *Atração fatal*. Os responsáveis procuraram diversas atrizes de renome, como Debra Winger e Jessica Lange, que no entanto recusaram o papel. Nesse interim, fizeram várias ligações para o agente de Glenn Close. Close estava determinada a fazer o papel; estava disposta a fazer um teste, o que, para uma estrela de sua grandeza, era um ges-

to no mínimo tresloucado. Close estava ansiosa para se livrar da imagem de boa moça que criara com os seus trabalhos anteriores, como a maternal enfermeira de *O mundo segundo Carp* e a lady de *Um homem fora de série*. E no fim da década de 1980, Hollywood oferecia apenas uma opção para as atrizes romperem com personagens protótipos: sair de uma versão caricata de feminilidade para outra.

Quando Close foi contratada, os responsáveis pelo elenco voltaram-se para a personagem da esposa. No roteiro original, ela era uma personagem secundária, sem importância. Mas os produtores e Lyne insistiram para que fosse transformada em um ícone da boa esposa. A agente Risa Bramon se lembra de que lhe atribuíram a incumbência de achar uma atriz que "projetasse incrível calor humano e amor e força para manter a família unida". Nesse meio tempo, Dearden teve de reescrever o roteiro com a finalidade de transformar as duas mulheres em dois pólos opostos, como ele disse, "a mulher das trevas e a mulher das luzes". Originalmente, a esposa, Beth, tinha um emprego como professora e estava ansiosa para reassumi-lo. Mas na versão final não sobrava nenhum traço de profissionalismo em Beth, que tinha sido transformada em um doce anjo vitoriano (à moda da "Beth" de *Adoráveis mulheres*, o protótipo da personagem vitoriana), tomando chá, tocando piano e aplicando cosméticos com um ardor quase espiritual.

Ao mesmo tempo, Lyne estava conduzindo Close em outra direção, transformando sua personagem, como ele mesmo diz, na "própria besta-fera". Foi sua a idéia de vesti-la com roupas de couro preto e transformar seu apartamento em um decadente *loft* na região dos mercados de carnes de Nova York, cercado por barris de petróleo queimando como os caldeirões das bruxas.

Para inspirar sua moderna visão da mulher das trevas, Lyne disse que "pesquisou" as mulheres solteiras do mundo editorial. "Estava mais interessado nos apartamentos delas", disse ele. Viu polaróides de dezenas de estúdios de mulheres solteiras. "Eram um pouco tristes, se é que posso ser honesto. Falta-lhes alma." Na verdade, sua "pesquisa" não acarretou entrevistas com as moradoras desses apartamentos; ele já tinha uma opinião formada a respeito de mulheres descasadas bem-sucedidas profissionalmente. "É como se elas estivessem procurando uma compensação por não serem homens", afirmou ele. A tristeza, no entanto, não é o sentimento dominante de Lyne em relação às mulheres solteiras bem-sucedidas profissionalmente, particularmente no que diz respeito às mulheres com que se depara em Hollywood.

Tenho essa sensação com as executivas do estúdio. Dia desses, vi uma produtora, uma produtora que de fato tinha bastante poder, dando uma esnobada em um cara que fazia muito menos sucesso do que ela. Ela se comportou como se o cara não estivesse lá pelo fato de sua posi-

ção ser muito superior à dele. Achei a situação muito mais desconcertante porque era uma mulher. Não é feminino, entende?

Na análise de Lyne, as mulheres menos femininas são as que lutam por direitos iguais:

Você ouve as feministas falando e nos últimos 10, 20 anos vê as mulheres conversando sobre comer os homens e não de serem comidas, o que para mim é uma grosseria. Esse é um tipo que não me parece atraente, por mais liberado e emancipado que seja. Vai contra o papel de esposa, ao papel de mãe. É claro que ela sempre tem o trabalho e o sucesso, mas não se sente realizada como mulher.

Ao falar da mulher "feminina" ideal, ele cita o exemplo de sua esposa:

Minha esposa jamais trabalhou. Ela é uma esposa fantástica. Não tem o menor interesse em fazer uma carreira. Ela se realiza por meu intermédio, o que é uma sensação fantástica. Eu chego em casa e ela está lá.

Michael Douglas compartilhava a mesma impressão sobre o feminismo e os seus efeitos. Ele disse a um repórter:

Se você quer saber, eu estou realmente cansado das feministas, de saco cheio delas. Elas cavaram a própria sepultura. É preciso ser um babaca para não concordar com direitos e salários iguais, mas algumas mulheres, dividindo-se entre o trabalho, o amante, crianças [maternidade] e a vida de esposa, perderam o rumo e se tornaram infelizes. Chegou a hora de elas se voltarem para *si mesmas* e deixarem de atacar os homens. Os homens estão enfrentando uma terrível crise por causa das irracionais exigências das mulheres.

Mesmo Dearden parece concordar com o ponto de vista de Lyne sobre as mulheres solteiras que trabalham fora. "Acho que há muitas mulheres em Nova York que vivem como Alex Forrest", afirmou Dearden.

Talvez essas ambiciosas mulheres pareçam atraentes para uma aventura, mas na realidade ninguém quer passar a vida com esse tipo de mulher. Porque elas têm a carreira delas, o que provavelmente entraria em conflito com a sua carreira, e provavelmente vocês se tornassem rivais e esse não é o tipo de relacionamento em que as partes se ajudam mutuamente.

O ponto de vista de Lyne e Dearden sobre as mulheres sozinhas não moldou a mensagem transmitida pelo filme. Close consultou três psiquiatras que lhe garantiram que "esse tipo de comportamento é totalmente possível". E a pesquisa de mercado deu a palavra final. Originalmente, *Atração fatal* ia terminar com Alex em profundo desespero por causa de seu amor não correspondido, cometendo suicídio, cortando a garganta ao som de *Madame Butterfly*. Mas quando a Paramount mostrou sua versão inicial para testar a reação da platéia, a resposta foi desapontadora. "Não era catártico", lembra Dearden. "Eles foram levados para um clímax e depois tudo se esvaiu sem que fossem recompensados emocionalmente. Eles odiaram essa mulher a um ponto tal que queriam algum tipo de compensação." Aparentemente, o suicídio era uma punição branda.

Os criadores do filme decidiram refazer o final com um clímax que agradasse a platéia - uma mudança de última hora que lhes custou US\$ 1,3 milhão. A morte de Alex seria um homicídio, decidiram - e a mulher das luzes mataria a mulher das trevas. Eles filmaram o desenlace climático na casa, "o santuário", como Dearden o descreve. Munida de um facão, a demônica Alex invade o lar e Dan, agarrando-a pelo pescoço, tenta afogá-la na banheira. Mas cabe à obediente esposa disparar o tiro fatal, no coração. O filme termina com um close em um retrato de família, da família restaurada - a família Gallagher.

E o objetivo inicial de Sherry Lansing - de fazer um filme feminista? Lansing admite no final do filme: "Sua lealdade não é a Alex. É à família." Mas ela afirma que o filme defende o lado de Alex até um certo ponto. "Simpatizo com ela até a hora em que joga ácido no carro", diz Lansing. Ela percebe, no entanto, que a maioria dos espectadores masculinos não tem a mesma sensação. Em uma cena do filme, Alex se senta no chão aos prantos, apagando e acendendo uma luz compulsivamente. "Para mim, isso era trágico", diz Lansing. "Mas as pessoas riram quando viram isso na tela. Fiquei surpresa."

Apesar dos pesares, Lansing continua acreditando que o filme mostra uma história sobre "as conseqüências morais das ações de um homem". Para o marido adúltero, diz ela, "a vida se tornou um terrível pesadelo". Isso pode ser verdade, mas é um pesadelo do qual se acorda - assustado, mas são e salvo. No final, a atração só é fatal para a mulher solteira.

"Acho que o maior erro que os cineastas podem cometer é dizer tudo bem, só vamos mostrar mulheres não solitárias, estáveis e que sejam pessoas maravilhosas", diz Lansing. No fim da década de 1980, Hollywood, no entanto, parecia estar longe desse perigo. Quando solicitada a dar exemplos de solteiras "estáveis e maravilhosas" em seus filmes, Lansing diz que já fez muitos. Como, por exemplo? "Tenho certeza de que já mostrei personagens assim", repete ela. Mais uma vez pressionada a dar um exemplo específico,

ela finalmente diz: "Bem, Bonnie Bedelia em *When the Time Comes* [um filme produzido para a rede de televisão ABC]." Vale lembrar, no entanto, que Bedelia estava interpretando uma jovem morrendo de câncer - outra Beth de *Adoráveis mulheres*. O exemplo de Lansing apenas reforça a moral por trás da cena final de *Atração fatal*: solteira boa é solteira morta.

OS ANOS 70: MULHERES DESCASADAS E CARREIRAS BRILHANTES

Em determinado período da década de 1970, a indústria cinematográfica deu um certo destaque à causa feminista. Depois do solene desprezo que Hollywood dispensou ao movimento, os grandes estúdios, sensibilizados com a série de filmes engajados que se tornaram sucesso de bilheteria apesar do baixo orçamento, acordaram no fim dos anos 70 para os possíveis lucros que poderiam advir da luta pela independência da mulher. Em filmes como *Diary of a Mañ Housewife*, *A Woman Under the Influence*, *Uma mulher descasada*, *Alice não mora mais aqui*, *Up the Sandbox*, *Soldado Benjamin* e *Momento de decisão*, donas-de-casa abandonam o seu lar, temporária ou definitivamente, para encontrar sua própria voz. Na época, a platéia feminina parecia estar vivendo uma situação semelhante. As mulheres que iam ao cinema na Nova York de 1975 estavam inquietas em suas cadeiras. Elas vaiaram a cena final de *Sheila Levine Is Dead and Living in New York*, pois o roteiro alterou o final do *best-seller* no qual se baseou ao casar a sua protagonista - com um médico, é claro, capaz de curá-la da doença das solteiras.

Posteriormente, o mundo do cinema passou a comungar o mesmo ponto de vista feminista da inflamada platéia. O final de *Soldado Benjamin*, onde a heroína rejeita seu autoritário cavalariço, é um desses casos. "Era muito importante para mim que ela rompesse com essa igreja", lembra Nancy Meyers, que criou o filme com Charles Shyer. "Era importante escrever sobre a identidade das mulheres e a facilidade com que ela podia ser perdida no casamento. Hoje, imagino que essa questão deixou de ser atual. Mas sei que ela foi de fundamental importância para um grande número de mulheres." Depois do lançamento de *Soldado Benjamin*, Meyers recebeu um mar de cartas de mulheres "que se viram na personagem". Também foi uma experiência libertadora para a atriz principal do filme: até então, Goldie Hawn tinha que conviver com a pecha de loura burra.

Em *Soldado Benjamin*, Hawn interpreta a solteira Judy, cujo "objetivo na vida" - um casamento - vai por água abaixo quando seu marido morre na noite de núpcias. "Não sei o que devo fazer da minha vida sem o casamento", diz ela. Ela termina se alistando no exército, onde o período de preparação serve como um metafórico curso de independência emocional e econômica. Com mais de 30 anos mas sem se assustar com a condição de solteira, Judy

vai à luta e vive sozinha na Europa. Mais tarde, ela conhece um médico francês e se tomam noivos, mas quando descobre que o noivo é um conquistador barato, manda parar a cerimônia de casamento, foge da igreja e joga sua coroa de flores para o céu. A cena é uma referência ao famoso final de *A primeira noite de um homem* (1967); mas na versão feminista dessa fuga do altar, não havia mais necessidade de um homem à mão como o agente de libertação.

As mulheres que enlouquecem nos filmes feministas da década de 1970 não são solteiras balzaquianas assustadas com a escassez de homens, mas donas-de-casa da classe média alta que se tornaram desequilibradas em virtude da subordinação, repressão, servidão e negligência. No caso mais contundente desse tema, *As esposas de Stepford*, as donas-de-casa são literalmente transformadas em robôs criados pelos seus respectivos maridos. Em *Diary of a Mad Housewife* e *A Woman Under the Influence*, o vício nas drogas e o colapso nervoso das esposas são apresentados não como respostas irracionais à dramática condição doméstica na qual se encontram essas mulheres - na verdade, a loucura seria um resquício de sanidade mental. O que as personagens masculinas chamam de alucinação nesses filmes é, na verdade, uma forma de resistência feminista.

As mulheres nesses filmes dos anos 70 não terminam com "médicos" capazes de curá-las: em *Soldado Benjamin*, quando seu noivo (que não à toa é um ginecologista) se oferece para dar uma injeção para ajudá-la a se "acalmar", Judy dá um tapa no seu rosto. Em vez disso, essas heroínas procuram se aconselhar com outras mulheres, que dispensam o conservador conselho de tradicionais clínicos homens: vá à luta, é o que sugerem. A dona-de-casa que Paul Mazursky criou em *Uma mulher descasada* procura o apoio de uma psicanalista independente, que diz que deve ousar, fazer bastante sexo e "entrar no fluxo da vida". A dona-de-casa que Martin Scorsese criou em *Alice não mora mais aqui* procura a sabedoria de uma garçonne desboçada e espirituosa. "Quando você sabe o que quer", diz a garçonne, "finca os pés lá e manda o resto pro diabo que o carregue."

O casamento, não a mulher, é o paciente em análise nos filmes feministas da década de 1970 e o diálogo prova as desigualdades sociais e econômicas do casamento tradicional. "Não sei por que razão uma mulher como eu tem uma dupla jornada de trabalho", desabafa Barbra Streisand, a dona-de-casa Margaret de *Up the Sandbox*, em conversa com o marido, um professor de história: "Estrias e varizes, foi isso o que consegui. Você tem um trabalho. Eu tenho 97. Talvez eu devesse estar na capa da *Time*. O Esfregão do Ano! A Rainha da Lavagem de Roupa! Especialidade: Tudo!" A mãe de Margaret apresenta o cálculo mais sucinto do que, na opinião desses filmes, está por trás da falência dos casamentos: "Lembre-se, o casamento é uma relação de três por um. A mulher entra com os três."

Nesses filmes, as heroínas estão lutando para se libertarem da condição de coadjuvantes que o casamento tradicional lhes conferiu; elas estão reivin-

dicando o papel de protagonista de suas próprias vidas. "Esta história vai ser sobre mim", anuncia a Sybilla de Judy Davis, na primeira fala de *My Brilliant Career*, de Gillian Armstrong, um filme australiano que se tomou um sucesso de bilheteria nos Estados Unidos no fim da década de 1970. A jovem heroína recusa uma proposta de casamento não porque não goste do homem que a fez, mas porque se casar significaria que sua própria história não poderia desabrochar. "Talvez eu seja ambiciosa, egoísta", diz ela em tom de desculpa. "Mas não posso me perder na vida de outra pessoa quando ainda não tive oportunidade de viver a minha."

É claro que, segundo a análise convencional da década de 1980, as heroínas desses filmes dos anos 70 eram egoístas e a busca de autodescoberta não passava de um eufemismo para pessoas autocentradas. Mas essa leitura ignora um aspecto fundamental da procura das mulheres nesses filmes. As mulheres não se voltam para si mesmas; elas lutam para se envolverem ativamente em assuntos que extrapolem o círculo doméstico. Elas ergueram suas vozes não apenas para melhoria pessoal, mas para causas humanitárias e políticas - direitos humanos em *Julia*, direitos dos trabalhadores em *Norma Rae*, salários iguais em *9 to 5* e segurança nuclear em *Síndrome da China*. Elas desejavam transformar não apenas a si mesmas, mas o mundo em volta delas. Elas estavam reivindicando, reivindicando de um modo beligerante, porque queriam assumir responsabilidades tanto sociais como privadas. "Você ainda é uma mulher rancorosa?", perguntou Julia, a mulher que lutou na resistência durante a Segunda Guerra Mundial, a Lillian Hellman na biográfica *Julia*. "Gosto do seu rancor... Não permita que ninguém a convença a abandoná-lo."

A DÉCADA DE 1980: A RENDIÇÃO DAS MULHERES DE CELULÓIDE

Se a Julia de Vanessa Redgrave representou o tipo de heroína que o cinema feminista da década de 1970 elegeu para estudo biográfico, coube à filha de Redgrave, Natasha Richardson, retratar a sua contraparte no fim da década de 1980: Patty Hearst. De acordo com a concepção do filme que Paul Schrader dirigiu em 1988, todas as fêmeas obstinadas não passam de vítimas; sua falta de identidade é a principal característica de sua personalidade. Como Schrader explicou: "No fundo, o desempenho é como uma seqüência de duas horas."

O mesmo pode se dizer das inúmeras personagens femininas passivas e fúteis que chegaram às telas no fim da década de 1980. Em muitos desses filmes, é como se Hollywood tivesse pegado os filmes feministas e estivesse mostrando-os de trás para a frente. As mulheres dos anos 80 fogem dos escritórios e do martelo na porta do celeiro. Anseiam em resgatar o casamento tradicional, deixando de questionar o modo como é estruturado; querem

escapar do ambiente de trabalho, não reformulá-lo. As personagens femininas que têm vida profissional tiram pouco prazer do trabalho. Achem suas carreiras desgastantes e tediosas, mais "empregos" do que profissões. Enquanto as mulheres liberadas dos filmes da década de 1970 eram escritoras, cantoras, atrizes, repórteres e ativistas políticas que desafiavam o sistema, as mulheres do fim dos anos 80 trabalham para grandes corporações seja como executivas, especuladoras do mercado financeiro, advogadas, agentes literárias e produtoras. Tomaram-se a equipe de apoio ao sistema.

A maioria das mulheres no mercado de trabalho atual são, é claro, relegadas a trabalhos secundários e insatisfatórios ou degradantes, mas esses filmes não têm a intenção de criticar a discriminação sexual nas empresas ou denunciar o aviltamento das pessoas que precisam trabalhar para sobreviver. Eles simplesmente propõem que as mulheres seriam muito mais felizes se ficassem em casa. Os filmes fazem uma campanha orquestrada contra as personagens femininas que trabalham fora: é mais fácil digerir uma volta às atividades domésticas quando o emprego perdido é estéril ou não as remunera condignamente.

As mulheres profissionais do cinema do fim da década de 1980 não têm o menor sal. Raramente riem e seus olhos estão sempre ardendo por causa do excesso de trabalho. "Não sei mais o que estou fazendo", reclama Cher, que faz uma promotora em *Sob suspeita*, para um colega de trabalho; ele também é solteiro, mas, como é homem, é imune ao estresse. Diz ela:

Não tenho vida. A última vez que fui ao cinema faz quase um ano. Só ouço música quando estou no meu carro. Não vejo ninguém. Gostaria de ter um filho, mas se não namoro, como é que posso ter um filho? Não acho que possa fazer mais nada. Sabe de uma coisa? Estou cansada. Realmente cansada.

Em *Ensina-me a querer*, a Daisy de Sally Field é uma "artista". Mas ela trabalha em uma verdadeira linha de montagem, onde produz paisagens em grandes quantidades para atender às encomendas dos hotéis. A única tentativa que faz para deixar um traço pessoal é pintar uma minúscula figura feminina em uma das telas; é um retrato que faz de si mesma se afogando. Tudo o que ela deseja, compreensivelmente, é abandonar aquele barco furado e dedicar sua vida ao casamento e aos filhos. "Se não me casar de novo até os 41 anos", pilhéria ela, "há 27% de chances de terminar a vida como uma alcoólatra solitária." Seu "relógio biológico" chega a ser uma espécie de ator especialmente convidado do filme. Ela tem um sonho, diz para sua fértil amiga, que está grávida pela quarta vez. Embora sonhe com uma carreira como pintora, bastam cinco minutos diante do cavalete para que se disperse, iniciando em seguida sua mais importante missão: a busca de um marido.

A solteira Isabella em *Amor à segunda vista* é outra sombria trabalhadora. Ela trabalha em uma livraria, onde faz as vontades de autores homens bem-sucedidos. Suas horas de folga também não são das mais gratificantes: em uma dolorosa cena em uma *delicatessen* de Manhattan, ela e outras mulheres solteiras vagueiam como almas penadas em torno do balcão de saladas, seus rostos fantasmagóricos sob as luzes fluorescentes. Levando consigo uma refeição para viagem, elas caminham vagarosamente na direção de casa - para consumir na cama uma refeição leve e insípida.

Típico produto do "pós-feminismo", *Amor à segunda vista* mostra-se simpático às aspirações desse movimento, mas só para logo em seguida denegri-las. A heroína do filme faz uma defesa da autodeterminação, porém depois a desmoraliza. Ela diz para sua avó que tem bons amigos e uma vida plena e não "precisa de um homem para se sentir completa" - em seguida, admite ter tido um pesadelo no qual estava se afogando. Ela diz que valoriza sua independência - em seguida, junta-se a suas amigas, ao lado das quais lamenta a falta de homem. Ela insiste que é "uma pessoa feliz", que não precisa do casamenteiro que sua avó contratou para salvá-la da possibilidade de ficar para titia. Mas o filme mostra o seu sofrimento e solidão no dia do aniversário, comendo um cachorro-quente em uma carrocinha na Times Square, enquanto uma senhora de olhos mareantes canta "Some Enchanted Evening" em seu ouvido. "Um cachorro deve viver sozinho, não uma mulher", diz-lhe sua avó. E no fim suas palavras não podem ter um duplo sentido. Isabella aprende a "estabelecer-se" - nesse caso, com o vendedor de picles da vizinhança. Ele é um idiota, mas é sólido, um bom provedor para a pequena.

As mulheres profissionais na tela que resistem a essas "tendências" de aninhamento, que se recusam a atender as suas expectativas e aos seus chamados, pagam um alto preço por sua desobediência. Em *Nos bastidores da notícia*, a Jane interpretada por Holly Hunter, uma produtora solteira, não consegue ouvir a voz do coração. Ela não está nem aí para a possibilidade de amarrar um marido, dedicando sua vida para uma outra paixão, a do trabalho. Ela trabalha com um repórter solteiro que tem as mesmas características; nele, elas são admiráveis, mas nela não passam de neurose. Ela é uma "aberração" e uma "obsessiva", que passa os dias falando compulsivamente e tendo inexplicáveis soluços. "Tirando o seu lado social", diz uma colega de trabalho, "você é tudo o que eu queria ser." Enquanto as duas principais personagens masculinas conseguem conciliar o sucesso profissional com uma vida pessoal plena, Jane termina sozinha. Sua agressividade no trabalho rouba-lhe as chances que teria no amor. Suas tentativas de encontrar um par romântico sempre acabam de modo lamentável. "Faltei a alguma aula muito importante", diz ela. "Estou começando a afastar as pessoas que estou tentando seduzir."

Nesses filmes típicos do backlash apenas as mulheres que usam uma fachada ingênua obtêm algum sucesso profissional sem ter que renunciar ao

amor. Em *Uma secretária de futuro*, a Tess de Melanie Griffith, uma ambiciosa secretária com voz de menina, ascende profissionalmente e consegue o homem - mas ela alcança ambos os objetivos dando uma de garota bobinha e dependente. Para vencer na vida, ela mistura as notícias que lê nas colunas sociais com dicas de investimento - e conta com o decisivo apoio de um poderoso empresário para dar os passos certos para que a sua "carreira" decole. Ela vence no amor dando uma de Bela Adormecida, desmaiando nos braços de um homem.

Tess só consegue ascender profissionalmente porque derruba outra mulher: no cinema dos anos 80, como na vida real, só há espaço para uma mulher de cada vez. A solidariedade feminina nesse filme é um judas a ser malhado. "Ela me leva a sério", a ingênua Tess confia ao namorado a respeito de sua nova chefe, Katharine. "É porque ela é uma mulher. Ela quer ser minha guru." O resto da narrativa é dedicado a acabar com a ilusão de Tess. Katharine, uma mulher implacável que tem um mestrado em Harvard nas costas e um Filofax no lugar do coração (a propaganda do filme fala de uma "diabólica chefe"), trai Tess na primeira oportunidade. O filme termina com um arranca-rabo entre a mulher das trevas e a mulher das luzes, uma versão cômica da cena final de *Atração fatal*, na qual Tess manda Katharine tirar seu "rabo ossudo" do escritório. Não apenas Katharine não fica com o homem, ela sequer consegue manter seu emprego.

A incompatibilidade entre a carreira e a felicidade pessoal é pregada em outro típico filme dos anos 80 que tem uma mulher como protagonista, *Presente de grego*. Como *Atração fatal*, esse filme caiu nas graças da mídia, que o invocou vezes sem fim como uma "evidência" de que mulheres e negócios não se combinam. "Lembram dos problemas que envolveram a poderosa empresária de Manhattan interpretada por Diane Keaton no filme *Presente de grego?*", a revista *Child* cutucou seus leitores. "Os talentos necessários à criação de uma criança são incompatíveis com os de que uma mulher precisa para fazer sucesso."

Como ocorreu com *Uma secretária de futuro*, as mãos do chefe em *Presente de grego* são limpas. Um bondoso patriarca, ele lembra a J. C. Wiatt, uma ambiciosa consultora com um messiânico complexo para combinar suas iniciais, que ela deve escolher entre o escritório do canto e o berço. Ele não está sendo grosseiro, apenas realista. "Você entende o sacrifício?", pergunta de ao oferecer-lhe a oportunidade de se tornar uma das sócias da empresa. "Um homem pode ser um sucesso. Minha mulher está sempre lá quando eu preciso dela. Sorte a minha. Posso ter tudo." *Presente de grego* teve como uma das autoras do roteiro Nancy Meyers, que também escreveu *Soldado Benjamin*, o que nos permite esperar que o filme teria a intenção de desafiar esse injusto arranjo - e exigir que as empresas aprendessem a se adaptar às mulheres, não o contrário. Mas essa é uma Nancy Meyers muito diferente da que defendeu a liberação de *Soldado Benjamin* sete anos antes.

Alinhando-se ao ponto de vista que prevaleceu ao longo dessa década, j Meyers vê as mulheres dos anos 80 debatendo-se em dois campos antagônicos. "Há certas mulheres que são muito agressivas e têm um grande desempenho no trabalho, mas que nada sabem de crianças e têm medo da idéia de ter filhos", diz ela à imprensa. "Elas querem tê-los, mas não sabem o que lhes vai acontecer se tomarem essa decisão, com medo de não conseguirem conciliar a vida pessoal e a profissional. Tenho pena dessas mulheres."

"Não vejo as mulheres que tentam ter tudo fazendo grandes conquistas", diria Meyers posteriormente em uma entrevista. Ela está sentada na sede do Studio City com um bebê no colo. "Não as vejo no mundo dos grandes negócios." Em vez de protestar contra a falta de progresso, Meyers tentou se adaptar à realidade. Diz que preferiu ficar na retaguarda de seu parceiro e marido, o diretor Charles Shyer, de modo a poder cuidar de seus dois filhos. Embora Meyers tenha se envolvido profundamente na criação de *Presente de grego*, o crédito de direção coube apenas a Shyer. "As pessoas me perguntam por que não dirijo", diz Meyers. "Tive várias propostas de direção e recusei todas elas. Não seria legal para a minha família. Não seria legal para meus filhos. O filme diz 'Direção de Charles Shyer' e as pessoas vêem esse crédito e imagino o que pensam, bem..." Sua voz some. "Mas é assim que as coisas são. Não estou dizendo que seja justo; não estou dizendo que as mulheres devem fazer concessões, mas elas têm que fazer concessões. Eu me pergunto se outros homens desistiriam de alguma coisa..." A voz de Meyers some de novo. Se essa última fala foi direcionada a Shyer, que está sentado do outro lado da mesa, ele não se reconhece como alvo.

Ao diminuir as expectativas de suas personagens femininas, Meyers conquistou grande espaço em Hollywood. Quando ela e Shyer escreveram *Protocolo*, eles entraram em conflito com o estúdio, a Warner Brothers. O roteiro contaria a história de uma ingênua garçonete, mais uma vez interpretada por Goldie Hawn, que começa a descobrir o mundo a seu redor e se torna uma militante política. O estúdio insistiu para que os produtores reescrevessem o processo de crescimento da personagem feminina, lembra-se Shyer, eliminando a evolução política de Hawn do roteiro. Na versão final, ela termina uma desmiolada líder nacional, que defende o *American way of life*. "Eles ficaram nervosos com o conteúdo do filme, queriam que tirássemos suas mensagens políticas", lembra Charles Shyer. "Estava começando a era Reagan e eles não queriam nada que pudesse ser visto como um filme anti-Reagan." Uma mulher que pensa por si mesma agora podia ser tomada como uma subversiva.

Quando começaram a produção de *Presente de grego*, em meados da década de 1980, Meyers e Shyer tinham internalizado as ordens do estúdio: nenhum inconveniente ímpeto político conspurcaria o desempenho de Diane Keaton. No começo do filme, J. C. Wiatt, a dama de ferro da diretoria, "escolheu" a carreira em detrimento do casamento e da maternidade, e no processo

removeu qualquer traço de feminilidade - ou humanidade. A Wiatt interpretada por Diane Keaton é uma máquina eficiente; até mesmo seus encontros sexuais estão confinados a trepadas de quatro minutos totalmente desprovidas de afeto. Quando a morte de um parente distante faz com que coloquem um bebê em seus braços relutantes, ela tenta explicar que a sua "escolha" a deixou sem opções: "Não posso ficar com esse bebê", diz ela, "porque tenho um almoço de negócios entre meio-dia e uma hora." Como ela quer o seu quinhão em um mundo masculino, também é aparentemente incapaz dos mais simples atos no que tocam ao cuidado com uma criança. Colocar uma fralda é uma experiência penosa e de todo impossível para essa mulher que estudou nas melhores universidades norte-americanas. No jogo de perde-ganha feminino, sua carreira vai despencando à medida que aumentam suas habilidades para cuidar do bebê. A devoção ao bebê arruina suas chances de uma promoção; além da retirada da proposta de sociedade, ela é rebaixada.

Jamais ocorre à preparada dama de ferro que o tratamento que recebe é uma discriminação sexual. Em vez de procurar os tribunais, ela larga tudo e se muda para o interior. Escondida em um bucólico estado, ela logo se acalma, aprendendo a cozinhar e a redirecionar sua visão empresarial para uma vocação mais feminina, produzindo e vendendo papinha para bebês. Por fim, seu lado verdadeiramente feminino é despertado pelo veterinário local, "Cooper". Como Tess, ela encontra o amor à moda antiga - desmaiando. Ela acorda na cama do consultório do médico pelo qual vai se apaixonar.

Os valores de *Presente de grego* são confusos; o filme faz uma leve crítica ao sistema corporativo antes de uma total rendição a ele. Ele pretende rejeitar a ética do dinheiro dos anos 80 sem sequer sair de sua órbita. A dama de ferro retira-se para o campo, mas para uma casa estupidamente cara que ela só pode pagar por causa dos ganhos que obteve em Wall Street. Ela despreza o materialismo yuppie, mas se sustenta vendendo papinha para bebês para mães yuppies. Quando um de seus ex-colegas de trabalho oferece US\$ 3 milhões à vista pela sua empresa de papinha para bebês, ela entra triunfalmente na sala da diretoria para rejeitar o negócio. "A Country Baby não está à venda", diz ela com um ar de santa. Seu discurso podia ter sido uma oportunidade para censurar a empresa por ter afastado uma de suas funcionárias mais valiosas pela simples razão de que ela tinha um filho. Ela podia ter feito um discurso defendendo os direitos das mães trabalhadoras. No entanto, a ex-dama de ferro faz uma ingênua defesa do prazer da vida no campo. "E de qualquer forma eu acho que sentiria muita falta da minha propriedade de cerca de 30 hectares", explica ela. "Elizabeth (sua filha) está tão feliz lá e, bem, tem o veterinário que eu estou vendo..." A última cena mostra-a de costas em uma cadeira de balanço, o bebê nos braços, cercada por cortinas de renda e tapetes floridos.

Como os criadores de *Atração fatal*, Meyers e Shyer defendem a mensagem do "não-se-pode-ter-tudo" do filme explicando que se basearam em

uma "pesquisa". Dizem inclusive que se deram ao trabalho de entrevistar uma mulher de negócios real. Eles criaram a dama de ferro com base em uma consultora com um mestrado em Harvard. "Ela ficou extremamente dividida com a situação", disse Meyers. "Foi muito difícil para ela. Ela não sabia o que fazer." O que Nadine Bron, a modelo deles, não fez, no entanto, foi abandonar o trabalho. Ela conseguiu conciliar amor e casamento com a carreira. Disse ela que o bicho não era tão feio como foi pintado.

"Bem, eu sei que é Hollywood e tudo o mais", disse Bron diplomaticamente quando lhe pediram uma opinião sobre *Presente de grego*, "mas o que me irritou foi o fato de o filme ter partido da premissa de que só existe uma saída - desistir de tudo e se mudar para o campo." A vida de Bron não é uma confirmação da tese do não-se-pode-ter-tudo: ela trabalhou para uma grande empresa de consultoria e atualmente administra sua própria empresa de investimentos - sem abandonar uma vida pessoal. Seu casamento, diz ela, é mais forte porque tanto ela como o marido têm "vidas plenas". Ela não deseja se tornar uma dona-de-casa caipira.

"Minha mãe ficava em casa enquanto meu pai administrava os negócios", lembra ela. "Ela era muito frustrada." Quando cresceu, Bron foi uma sofrida testemunha das mudanças de peso e períodos de depressão da mãe. Não é um padrão que ela deseje repetir. "Para algumas mulheres", diz Bron, "é preferível ficar em casa, mas eu jamais conseguiria fazer isso. Para mim, o trabalho é muito importante." O problema, para ela, não é a mulher querer ir para casa, mas o mundo empresarial masculino se negar a admitir as mulheres em igualdade de condições. "A sociedade não está disposta a se adaptar ao novo padrão de mulheres", diz ela. "A sociedade quer puni-las."

ENTRADA EM CENA DO BEBÊ

Um aspecto de *Presente de grego* bastante esclarecedor é a idéia de que a mulher trabalhadora deve se munir de todas as defesas possíveis para assumir a maternidade. O filme não é o primeiro de sua era a sugerir que, em uma época em que a "febre dos bebês" estaria se espalhando pelos cérebros femininos, pressão intensa, críticas ou o acaso (como o bebê que a dama de ferro herdou) são necessários para tornar essas relutantes mulheres modernas em mães. Como a mídia, esses filmes não estão refletindo a volta das mulheres à função de rainha do lar; eles estão difundindo essa tese. Algumas vezes, na verdade, esses filmes se degeneram em propaganda descarada. Nos últimos cinco minutos de *Parenthood*, um grande grupo de mulheres se apertam na maternidade de um hospital, com virtualmente todas as mulheres ninando um recém-nascido ou repousando uma mão orgulhosa em uma volumosa barriga. A medida que a câmara passa pelas filas de bebês vestidos com fralda, é difícil lembrar que estamos assistindo a um filme, não a um comercial de fraldas.

Os filmes do contra-ataque antifeminista fazem de tudo para mostrar a maternidade como uma experiência fascinante. Bebês fofinhos em roupas de butique ocupam o lugar de crianças mais velhas nos filmes dos anos 80; essas crianças aparecem produzidas a um ponto tal nesses filmes que mais parecem peças de colecionador do que pessoas. As crianças de uma década anterior eram falantes e imprevisíveis, agiam com alguma independência - como o precoce garoto de 11 anos que tanto encanta como perturba a mãe em *Alice não mora mais aqui* ou a adolescente de 17 anos que conforta e critica a mãe em *Uma mulher descasada*. Já na década de 1980, os bebês praticamente não choram.

Mais uma vez, as mulheres são classificadas de duas formas: de um lado, estão as modestas mulheres que procriam e, do outro, as suas estereis irmãs endinheiradas e carreiristas. A arrogante mulher de *Um salto para a felicidade* se nega a reproduzir. Mas no final do filme - depois de ser humilhada, forçada a regar plantas e cozinhar e enfim encontrar a felicidade no papel de dona-de-casa - ela diz para seu tirânico marido qual é o grande objetivo que tem na vida: ter "este" bebê. As mulheres que resistem à febre do bebê, controlando a fertilidade ou adiando o exercício da maternidade, são humilhadas e penalizadas. Em *Quase uma família*, a mulher de negócios interpretada por Glenn Close - uma corretora de imóveis formada em uma das principais universidades norte-americanas - demora a um ponto tal que seu relógio biológico expira. Depois de uma desgastante seqüência de visitas a médicos especializados em fertilização artificial, ela tem que contratar uma adolescente como barriga de aluguel.

Nesse clima de piedade, o aborto se torna um teste moral para separar uma mulher boa de uma mulher má. No dia em que o marido de *Parenthood* perde seu emprego, sua boa esposa anuncia que está grávida pela quarta vez, a mera hipótese de um aborto deixa-a horrorizada. O aborto é denunciado em *Desencontros*, que tem a pretensão de debater com imparcialidade a questão; é execrado em *Inocente ou culpado*, onde a aborteira, Sybil, é uma figura maquiavélica cuja profissão traumatiza o filho e faz dele um psicopata. Mesmo os filmes mais inteligentes defendem essa tese. Em *Setembro*, de Woody Allen, a acadêmica solteira, uma fria e rígida solteirona, volta no tempo e se lembra de uma situação na juventude de que se envergonha - a egoísta decisão de fazer um aborto. "Você só se preocupa é com sua carreira, com a vida mental", acusou o amante que tinha na época, e agora ela vê, tarde demais, que ele estava certo em castigá-la.

Três solteirões e um bebê tornou-se o mais popular dos filmes pró-natalidade (que mais tarde inspirou *Três solteirões e uma linda garota*). A premissa - uma ambiciosa mulher solteira deixa seu bebê na porta de três solteirões - lembra os filmes anti-sufragistas de 70 anos antes. (Em *A Cure for Suffragettes*, uma produção de 1912, as feministas que vão participar de uma

reunião em defesa do voto feminino abandonam os carrinhos de bebê em uma esquina, deixando para os policiais a tarefa de cuidar dos seus filhos.)

Three Men and a Cradle, a versão francesa do filme, fez um sucesso tão grande nos Estados Unidos que a Paramount apressou-se em produzir sua própria versão, e as modificações feitas são reveladoras. Na história americana, a Paramount introduziu uma nova personagem, a infeliz Rebecca, uma obstinada advogada cujos lábios estão perpetuamente contraídos. Namorada estraga-prazeres do solteirão Peter, Rebecca parece ter náuseas quando vê o novo brinquedo deles. Quando o bebê faz tatibitate nos dedos de Rebecca, ela mal pode disfarçar o nojo. Peter implora: "Rebecca, por favor, fica comigo... ajude-me a cuidar dela." Mas a insensível Rebecca se recusa. Ela não tem o menor instinto maternal ou mesmo romântico. Quando Peter pede para que passe a noite com ele no dia de seu aniversário, ela diz que não, pois na manhã seguinte começará um julgamento de um cliente seu, o que, para ela, tem muito mais importância na sua lista de prioridades.

A primeira vista, *Três solteirões e um bebê* pode parecer um filme com tendências feministas; afinal de contas, os homens estão criando o bebê. Mas o filme não propõe que os homens assumam de fato a responsabilidade pelo cuidado com as crianças. Todo o seu humor provém da inversão do que considera a ordem natural: a mãe é que é responsável pelo bebê. Os espectadores se divertem com as inúmeras formas que esses três irresponsáveis solteirões se livram de qualquer vínculo parental. A possibilidade de um deles de fato ser pai é motivo de boas risadas. "Como é que eu sei se ele é meu?", diz um deles em tom jocoso. "Boys Will Be Boys" é a música que toca incessantemente durante todo o filme. Na verdade; apesar de serem profissionais bem-sucedidos e de estarem na meia-idade, os três solteirões se sentem imensamente felizes dentro da comunidade que criaram. Os três "garotos" são entusiastas da filosofia uma-mulher-diferente-a-cada-noite. "Tantas mulheres e tão pouco tempo", brindam, batendo nas costas de cada um dos companheiros como se jogassem no mesmo time de futebol e tivessem acabado de fazer um gol.

Ao contrário da versão francesa, o filme americano faz questão de endossar a masculinidade dos personagens. Como se temessem que a presença de um bebê em casa pudesse reduzir o nível de testosterona, os solteirões estão sempre levantando peso, fazendo exercícios pesados e correndo para as bancas atrás da última edição de *Sports Illustrated* e *Popular Mechanics*. Na versão americana, a desgarrada mãe descobrirá no final que tem que exercer o tradicional papel "feminino". Na seqüência final, a arrependida mãe não apenas reassume suas responsabilidades maternas como concorda em viver sob o mesmo teto que os homens. O bebê, diz um dos solteirões, "precisa de uma mãe em tempo integral" - e, pelo menos, é essa a impressão que o filme nos deixa.

A indústria cinematográfica norte-americana na década de 1980 não viu com bons olhos os projetos de filmes que retratassem mulheres independen-

tes como pessoas saudáveis e felizes sem puni-las por causa da vida de prazeres que levam. A experiência do produtor Gwen Field com *Uma produção independente*, lançado logo depois de *Atração fatal*, dá uma idéia da hostilidade de Hollywood para com esses temas ao longo da década. No filme de Field, uma solteira convicta evita se casar ("o casamento engorda", brinca ela), gosta de fazer sexo, tem uma filha em produção independente e não é punida por causa de seu comportamento. *Uma produção independente* foi elogiado pela crítica, mas foi recebido com animosidade e má vontade pelos guardiães de Hollywood. Field foi de estúdio em estúdio e recebia sempre a mesma resposta; diziam-lhe que a mensagem do seu filme era "irresponsável", pois mostrava uma mulher solteira transando com quem ela bem quisesse e entendesse. (Ninguém se preocupou com questões morais suscitadas por *Três solteirões e um bebê*, onde os compulsivos solteirões semeavam alegremente todas as mulheres que encontravam.) O comitê de autorregulamentação da indústria cogitou a possibilidade de classificar o filme como impróprio para menores, muito embora ele não contivesse mais cenas de violência e sexo do que os filmes liberados para o público infanto-juvenil. Field lembra que os membros do comitê desaprovaram não a exibição, mas "a linguagem" - o mesmo tratamento dispensado a Mae West, cerca de 50 anos antes. Como Field observa, "a grande ironia é que nosso filme foi proibido para menores por ser contra o que a pornografia descreve - a degradação das mulheres". Depois de três recursos, os membros do comitê liberaram o filme para o público infanto-juvenil. No fim, as chances de sucesso de bilheteria de *Uma produção independente* foram bastante reduzidas; era um filme independente cujo conteúdo fugia aos padrões convencionais, sua distribuição ficou restrita a um punhado de cinemas.

O HOMEM DE CELULÓIDE ASSUME O CONTROLE

"Quem sou eu?", a psiquiatra solteira pergunta a seu mentor, um jogadorzinho de meia-pataca e artista medíocre, no filme que David Mamet lançou em 1987, *O jogo de emoções*. Embora seja ela quem tenha estudado medicina, é ele quem representa o papel de doutor. Seu cabelo é curto, seu rosto é sério e tem um ar crítico, ela segura com firmeza o livro que escreveu, *Driven: Obsession and Compulsion in Everyday Life*, mas as respostas que procura não estão nele. É ele quem as pode dar. A consulta posterior mais parece uma sessão de terapia típica do cinema do contra-ataque, entre a psicanalista e o editor da revista voltada para solteiros em *Lady in the Dark*. Eis o diálogo com o qual o filme começa:

Ele: Você tinha que provar que era superior a todos os homens. Você tinha que dominá-los.

Ela: Qual é a resposta?

Ele: Talvez algum homem venha a dominá-la.

Depois de meio século de "progresso", o diagnóstico permanece o mesmo em *O jogo de emoções*.

Ela: O que eu quero?

Ele: Uma pessoa para seguir. Alguém para dominá-la. Você gostaria?

Ela: Sim.

Na vida real, David Mamet estava profundamente insatisfeito com as mulheres da indústria do entretenimento que aparentemente preferem dominar e "não se comprometer". Em um ensaio sobre as mulheres publicado em 1988 com o título de "Bewitched, Bothered and Bewildered", ele afirmou: "O comportamento mais frio, mais cruel e mais arrogante que vi em minha vida profissional foi - e *consistentemente* - da parte das produtoras mulheres do mundo do cinema e do teatro." Em *O jogo de emoções*, o pretensioso homem vê a fria mulher escapar de suas hábeis armadilhas. E qual foi a atriz que Mamet escolheu para interpretar o papel da mulher demoníaca? Lindsay Crouse, sua própria esposa.

O cinema do backlash dos anos 80 se apossa da tradição de Pigmalão - os homens remodelando as mulheres, tratando-as como propriedades suas, com as quais podiam fazer o que bem quisessem. Na afirmação mais explícita desse tema, o magnata de Wall Street em *Uma linda mulher* transforma uma prostituta de fala estridente e que tem sempre um chiclete na boca em sua gentil e educada companheira, a própria modelo das roupas de Ralph Lauren. Um filme após outro, os homens reassumem o papel de chefe e provedor de família, bem como de protetor da virtude da mulher. Em *Feitiço da lua* e *The Family*, os neopatriarcas de celulóide comandam as grandes famílias étnicas "à moda antiga". Em *Os intocáveis*, quando Eliot Ness entra em combate com a máfia, ele se preocupa tanto em defender o círculo doméstico tradicional quanto em impor a lei. Em filmes como *Perigo tia noite*, *Vítimas de uma paixão* ou *Olha quem está falando*, os heróis do contra-ataque interpretam os paternos guardiães das indefesas mulheres e famílias ameaçadas por escroques. Na mundo real, os homens podiam estar perdendo a autoridade doméstica e econômica, mas, no cinema, os policiais e os motoristas de táxi continuavam comandando as assustadas mocinhas.

Apesar de todos os tributos sentimentais à reconstrução da família americana - "Nada pode ocupar o lugar da família!", brinda o filho em *Feitiço da lua*, e "Bom estar casado, não?", dizem os homens em *Os intocáveis* - os filmes do fim da década de 1980 trazem no seu bojo a raiva do homem contra as demandas das mulheres e a ansiedade do homem para com o progresso das mulheres. "Ela fez gato e sapato de mim", diz amargamente o divo-

ciado policial de Al Pacino sobre sua ex-mulher em *Vítimas de uma paixão*. "Vejo oito mulheres todas as noites, todas elas fizeram mais dinheiro do que eu", diz o seu parceiro. "Como é que elas não se casaram?" *Ela vai ter um bebê* tem a pretensão de louvar um casamento da alta classe média estilo anos 50, mas a maior parte do filme é dedicada às fantasias do marido de se livrar de sua irritante esposa. Em *Ensina-me a querer*, o protagonista, um escritor com dois divórcios nas costas, acredita que são maliciosas todas as motivações interiores das mulheres. "Não passamos de carne para elas", diz ele das mulheres, e se propõe a se mudar para o Kuwait, "pois as mulheres não votam lá." No hall de entrada do prédio da advogada que contratara para tratar do seu divórcio, ele se vê diante do seguinte dilema: entrar no elevador com uma mulher com uma roupa de couro ou em outro elevador com um ameaçador Doberman e um sujeito mal-encarado. Ele se sente mais seguro com a segunda opção.

A década do cinema de família terminou não com o saudável enaltecimento ao conforto da vida doméstica, mas com uma explosão de ódio matrimonial. A face oculta do contra-ataque finalmente apareceu na tela quando os cônjuges procuravam o pescoço do que seriam as suas almas gêmeas em filmes como *A guerra dos Roses*, *Ela é o diabo*, *Te amarei até te matar* e *Dormindo com o inimigo*. Medos geralmente ocultos sobre os poderes da nova mulher são expostos sem pudor. Tanto em *A guerra dos Roses* quanto em *Ela é o diabo*, as esposas são bruxas virtuais, controlando e conquistando seus maridos com uma precisão sobrenatural e mortal.

Nos filmes de liberação das mulheres da década de 1970 e os filmes de guerra da década de 1940, os homens e as mulheres também travaram uma luta interminável, mas ambas as partes eram movidas por boas intenções - lançar luz e entender o outro, para diminuir, não aumentar a diferença, entre os sexos. Quando a poeira assenta depois do duelo que Ellen Burstyn e Kris Kristofferson travam em *Alice não mora mais aqui*, cada um tenta entender o ponto de vista do outro e terminam a batalha com mais empatia e amor. Em *Adam's Rib*, o advogado interpretado por Spencer Tracy sai de casa exigindo divórcio depois que sua esposa (Katharine Hepburn) ganha um caso feminista no tribunal. "Eu gosto dos dois sexos", grita ele. "E outra coisa. Não gosto de estar casado com o que vocês chamam de a nova mulher." Ela diz: "Você não vai resolver nada fugindo." No final, ele concorda. Eles se reúnem e discutem as suas diferenças. Em *A guerra dos Roses*, por outro lado, não há esperança de reconciliação, cessar-fogo ou mesmo fuga da batalha conjugal - ambos os cônjuges terminam mortos, com os corpos esmagados no *foyer* familiar.

Em muitos dos filmes produzidos no fim da década de 1980, os homens e as mulheres não apenas têm que desistir de conciliar as suas diferenças, como muitas vezes sequer compartilham a mesma história. Como no cinema da década de 1950, as mulheres independentes são silenciadas com a sua

exclusão da história. Nos filmes de pancadaria que proliferaram no fim da década, os heróis masculinos afastam-se para zonas de guerra e o Oeste Selvagem. Na escalada da violência de um fluxo interminável de filmes de guerra e ação - *O predador*, *Duro de matar*, *Duro de matar II*, *Robocop*, *Robocop II*, *Arma letal*, *Dias de trovão*, *O vingador do futuro* -, as mulheres foram reduzidas a personagens mudas e incidentais ou mesmo banidas. Nos filmes de garotos cujos corpos sofreram com súbitas mudanças que proliferaram no fim da década de 1980 - *De volta aos 18*, *Tal pai, tal filho* e, o mais conhecido de todos eles, *Quero ser grande* -, os homens procuram refúgio na infância, onde eram claras as fronteiras entre os clubes da luluzinha e do bolinha. E os personagens masculinos em outro conjunto de filmes retratam fantasias masculinas ainda mais alucinadas de renovação paterna. Em filmes como *Campo dos sonhos*, *Indiana Jones e a última cruzada*, *Meu pai, uma lição de vida* e *Jornada nas estrelas V: A última fronteira*, a mãe morre ou sai de cena, deixando pai (que algumas vezes volta da morte) e o filho firmarem um vínculo espiritualmente inquebrantável.

Não foi à toa que, quando o Sindicato dos Atores de Cinema contabilizou o número de papéis femininos em Hollywood em 1990, descobriu que o número de mulheres tinha caído à metade nos últimos dois anos. Os homens, relatou o sindicato, estavam ficando com mais do que o dobro dos papéis em comparação com as mulheres.

Enquanto os homens estavam sendo levados para uma terra dos sonhos na qual imperava a hipermasculinidade, as personagens femininas que já não estavam mortas estavam sujeitas a experiências ainda mais violentas. Em 1988, apenas uma das mulheres indicadas para o Oscar não representou o papel de vítima. (A honrosa exceção foi a "garota" operária de Melanie Griffith.) A ganhadora do prêmio nesse ano, Jodie Foster, interpretou uma vítima de estupro em *Os acusados*. Esse filme foi produzido por Sherry Lansing.

Lansing lançou *Os acusados* um ano depois de *Atração fatal* com a esperança de que ele lhe devolvesse suas credenciais feministas. O filme narrou a história de uma jovem de origem operária que foi currada por uma gangue em um bar local enquanto uma multidão de homens nas proximidades simplesmente ignorava o fato - uma história real baseada em uma assustadora curra que uma gangue promoveu no Big Dan's, uma taverna em New Bedford, Massachusetts. "Se alguém achar que esse filme é antifeminista, eu desisto", disse Lansing à imprensa. "Depois de ver esse filme, tenho certeza de que vai mudar sua opinião sobre o estupro. Essas imagens vão grudar na sua mente e você entenderá melhor o que está acontecendo da próxima vez que ouvir que alguém sofreu uma curra."

As pessoas realmente precisavam ser lembradas de que as vítimas de estupro merecem consideração? Aparentemente, esse era o caso de Lansing: "Antes de ver esse filme, eu não sabia que uma curra era tão horrível", anun-

ciou. Aparentemente, muitos jovens que viram esse filme também precisavam ser conscientizados: eles gritaram e aplaudiram a cena de curra do filme. E claramente uma sociedade na qual as taxas de violência sexual estão aumentando está precisando rediscutir o assunto.

Lansing disse que *Os acusados* devia ser recebido como um marco no cinema pois ele diz à América que uma mulher tem o "direito" de não ser estuprada. Mas parece mais razoável que ele deva ser lamentado como um deprimente artefato da época que estamos vivendo - porque ele só nos revela o espaço que as mulheres já perderam. No fim da década de 1980, um filme que simplesmente denunciava o desespero de uma jovem poderia ser visto como uma corajosa declaração feminista.

*Anjos adolescentes e bruxas solteiras:
O backlash na TV*

"Essas garotas não apenas têm uma boa aparência; elas têm personalidade." Tony Shepherd, vice-presidente de talentos da Aaron Spelling Productions, coloca todo o seu peso em cada palavra, como se o cuidado com elas pudesse convencer os céticos da imprensa que acompanha o dia-a-dia de Hollywood. Ainda bem que a maioria dos repórteres que foram ao auditório da Fox para o lançamento da nova série televisiva da rede, "Angels 88", tem o mesmo ponto de vista de Shepherd. "Grande trabalho, Tony", diz um repórter de um jornal sensacionalista, a boca cheia de croissant. "Você selecionou mulheres maravilhosas."

Esta manhã de maio de 1988 é o *grand finale* de uma caça, feita em escala nacional a um custo de 250 mil dólares, aos quatro anjos - procura essa que os homens de marketing da empresa compararam à "grande procura por Scarlett O'Hara" e aos "glamourosos dias dos tempos áureos de Hollywood". Shepherd fez quatro viagens por todo o país ("Tive que ver *Três solteirões e um bebê* cinco vezes a bordo de um avião"), conduziu pessoalmente os testes de seleção em 12 das 44 cidades em que eles foram realizados e viu pelo menos 6 mil das 16 mil mulheres que enfrentaram filas de quase um quilômetro para entrevistas de um minuto e meio. Secretárias e donas-de-casa, diz ele, enfrentaram temperaturas baixíssimas só para vê-lo; uma mulher chegou a ter uma hipotermia.

Mas alguns jornalistas não resistiram a fazer a seguinte pergunta: "Angels 88" não é uma espécie de reprise de "As panteras", uma produção da mesma Spelling na qual três sensuais detetives particulares recebiam ordens do invisível Charlie e saíam para fazer suas investigações vestidas de biquíni? "Não, não, não!", Shepherd, o fumante compulsivo e neto de Louis B. Mayer, dá uma grande baforada. "Elas não tinham personalidade própria. Eram apenas bonitas." As personagens de "Angels 88", disse ele, são mulheres mais "avançadas" e independentes, que não necessariamente estarão vestidas com a roupa da última moda. Foi por essa razão que a rede entrevistou tantas mulheres da vida real para o papel principal. Esses novos anjos "podem não ter o cabelo perfeito e não ser os tipos de modelo perfeitos". "Em 'Angels 88', você algumas vezes vai ver essas mulheres sem nenhuma maquiagem. Particularmente quando elas estiverem fazendo suas investigações na praia."

Logo em seguida, um relações-públicas da Fox entra no palco para anunciar o iminente *debut* dos anjos. Sem entrevistas, avisa ele, até os fotógrafos acabarem de trabalhar. Os anjos se perfilam no palco e os câmeras começam a gritar: "Garotas, por aqui, por aqui!" "Jovens, aqui!" Os anjos atenderam a todos os pedidos, com seus bem penteados cabelos balançando em volta de seus rostos perfeitamente maquiados. Os ociosos repórteres folheiam o material de divulgação, que oferece grandes fotografias e pequenas biografias de cada uma das estrelas - Tea Leoni, "a bela loura de 1,65m"; Karen Kopins, "a bela morena de 1,70m" etc. Das quatro, apenas Leoni foi de fato selecionada nos testes realizados em todo o país. As outras são modelos que tinham em seu passado alguns trabalhos de interpretação sem grande importância.

Os anjos passam cinco minutos cuidadosamente cronometrados com a imprensa antes de serem tangidos para uma longa sessão de fotos para a *Time*. O microfone do palco é passado para Aaron Spelling, criador de alguns dos mais lucrativos programas da história da televisão, uma lista que vai de "O barco do amor" a "Ilha da fantasia". "Qual a diferença entre este seriado e 'As panteras'?", pergunta um repórter. "Estas jovens não dependem de ninguém, elas não se subordinam a nenhum homem", diz Spelling. "É um seriado protagonizado por mulheres, sem que ninguém as oriente. No fundo, vamos ver histórias de amizade e companheirismo das mulheres." Ele lança um olhar curioso para a platéia. "Vai ser um seriado com jovens de hoje feito atualmente [*sic*] e nós vamos mostrar suas vidas pessoais, vamos discutir questões atuais, vamos mostrar os problemas que têm em suas relações amorosas e sexuais e nas preocupações que têm em fazer sexo seguro e o próprio sexo na época em que vivemos. Vai ser um seriado muito interessante."

Ainda neste dia, em Santa Monica, o roteirista Brad Markowitz reagiu com indignação ao ouvir os detalhes da entrevista coletiva. Alguns meses antes, Spelling tinha contratado Markowitz e seu parceiro para escreverem o programa piloto do seriado. "Spelling fez esse mesmo belo discurso sobre como 'as garotas' seriam mais reais", Markowitz lembra. "Ele falou durante um longo tempo sobre como o seriado seria mais representativo se as mulheres fossem como realmente são, em oposição a essas geladas modelos idealizadas." Mas quando começaram a discutir o roteiro, Markowitz diz, Spelling instruiu os roteiristas a abrirem o episódio com os anjos seminus dançando na frente de um vídeo de rock. Spelling não gostou do primeiro tratamento do roteiro que recebeu, lembra-se Markowitz, porque "havia poucas mulheres de biquini"; ele determinou que incluíssem mais cenas com roupas de banho. Spelling também insistiu com a idéia de que as detetives balzaquianas treinadas na academia de polícia (o status original que tinham em "As panteras") fossem transformadas em atrizes desempregadas com pouco mais de 20 anos que por absoluta falta de opção se tornaram policiais e não têm a menor capacidade de fazer o seu trabalho a contento. Spelling,

que mais tarde negou ter exigido essas mudanças - "o que eu sei é que o roteiro não era bom" -, justificou da seguinte forma as alterações: "É isso que torna o seriado engraçado... o fato de terem que fazer algo que não sabem. Elas são incompetentes!"

Depois de vários atrasos e alterações de roteiros, "Angels 88" foi adiado e em seguida reformatado como um "telefilme", no qual, segundo Spelling, as mulheres tinham a idade de "colegiais". Nesse meio tempo, na virada de 1988 para 1989, Spelling aplicou o conceito de um seriado de amizade e companheirismo de mulheres jovens em "Nightingales", um seriado apresentado no horário nobre da NBC que tinha como protagonistas cinco saltitantes estudantes de enfermagem que se movimentam dentro do refeitório apenas com as roupas de baixo. Embora não fossem independentes, a chefe delas era uma mulher. Spelling diz orgulhosamente - como se uma enfermeira-chefe fosse uma personagem que fugisse dos padrões convencionais.

De qualquer forma, como Spelling disse no lançamento de "Angels", o seriado tinha mulheres como protagonistas. "Veja a TV hoje. Diga-me quantos programas são dominados por mulheres, exceto uma comédia ou outra. Você verá que são muito poucos."

É verdade. Na temporada 1987-1988, período que esse tipo de programa atingiu seu apogeu na televisão, apenas três dos 22 programas exibidos no horário nobre tinham mulheres nos papéis principais - e apenas duas delas eram adultas. Uma era estudante universitária e a outra era uma atraente detetive particular que passava a maior parte do tempo posando e discutindo sobre os seus encontros amorosos. (O título desse programa, "Leg Work", fala por si só.) Em um súbito declínio em relação às temporadas anteriores, 60% dos programas lançados como seriados nesta temporada não tinham personagens femininas fixas ou incluíam mulheres apenas como insignificantes figurantes; 20% não tinham nenhuma mulher. E mulheres a partir de uma certa idade eram particularmente difíceis de se ver.

As mulheres estavam perdendo terreno em um gênero televisivo no qual sempre tiveram papéis de destaque: a comédia de situação. Em um renascimento do velho formato "dupla do barulho", amigos solteiros dividiam casa sem mulheres adultas em uma a cada cinco novas comédias de situação, uma lista que incluía "Everything's Relative", "My Two Dads", "Trial and Error" e "Full House". Nas comédias de situação com pais solteiros que ocuparam o horário nobre ao longo desse ano, dois terços das crianças viviam com o pai ou um guardião - quando, na vida real, isso só ocorre em 11 % das situações. "Essa temporada mostra com especial clareza que os roteiristas de televisão não estão nem um pouco à vontade com mulheres trabalhadoras", observou o *New York Woman*. A revista publicou um teste no qual esse desconforto foi documentado: o quebra-cabeça "Mamãe no trabalho" convidou os leitores a apontar em cada um dos novos seriados exibidos no horário

Hobre a condição atual da mãe que trabalhasse fora: As respostas corretas: "A Year in the Life" - morta. "Full House" - morta. "I Married Dora" - morta. "My Two Dads" - morta. "Valerie's Family" - morta. "Thirtysomething", abandona o trabalho para se tornar dona-de-casa. "Everything's Relative" - seriado cancelado. "Mama's Boy" - seriado cancelado.

O desaparecimento das mulheres do horário nobre da televisão no fim da década de 1980 repete um padrão de programação do último contra-ataque, quando, no fim dos anos 50 e 60, pais solteiros ocuparam o poleiro da TV e as personagens femininas subitamente saíram de cena. Na temporada de 1960 apenas dois dos seriados mais populares tinham personagens femininas fixas - "Gunsmoke" e "Real McCoys" e, em 1962, a única mulher de "Real McCoys" também foi para o espaço. O processo de extinção atingiu também os dramas domésticos, onde pais solteiros cuidavam da família em "Bachelor Father", "My Three Sons", "Family Affair" e "The Andy Griffith Show".

Nos anos 80, as mulheres começaram a minguar e perder a importância na temporada de 1985-1986, quando uma leva de seriados de ação nos quais as mulheres só apareciam como mulheres vitimizadas tomou conta da programação. Nessa nova safra de programas, como registraram alguns dos críticos mais perspicazes da época, os ataques a personagens femininas jovens ocorreram em um número aproximado aos que se passavam nos filmes de violência. Em "Lady Blue", por exemplo, adolescentes armados com estiletes arrancaram as vísceras de sua presa feminina; em "Our Family Honor", uma garota de 17 anos é surrada até morrer. E nessa temporada, as personagens femininas que não estavam sendo atacadas só apareciam para fazer figuração: uma análise do horário nobre da TV feita em 1987 detectou que 66% das 882 personagens com fala eram homens - mais ou menos a mesma proporção da década de 1950.

Enquanto os novos vilões masculinos pulverizavam as mulheres, os heróis dos seriados no ar já há algum tempo se tornaram ainda mais durões. O "retorno dos machões", cunhou o crítico de televisão do *New York Times*,

Pat Boyer em um artigo que dedicou ao fenômeno. Em "St. Elsewhere", o afável Dr. Caldwell foi transformado em um odiável mulherengo. Em "A gata e o rato", o imaturo funcionário da elegante e segura Maddie Hayes agora obscureceu sua chefe - e a colocou em seu devido lugar. Os executivos da rede chegaram a dar instruções a Tom Selleck para deixar o "Magnum" mais masculino. E as redes continuaram a intensificar a produção de machos; dos dez novos dramas lançados no outono de 1989, cinco eram sobre tiras ou caubóis, com títulos explícitos como "Nasty Boys" e "Hardball". O episódio de abertura desse último deixou claro quem perderia esse jogo. Nele, uma policial homicida e diabólica é desmascarada e destruída pelo herói - uma cena que reproduz o confronto final de *Atração fatal*. (Ele mantém sua cabeça enterrada na água na banheira e tenta afogá-la.)

Se os programadores de TV tinham suas razões para investir no poder da masculinidade, a demanda popular não estava entre elas. Nas pesquisas de audiência, os telespectadores mostraram *menos* interesse em dramas policiais e filmes de caubóis. No entanto, Brandon Tartikoff, presidente de entretenimento da NBC, afirmou no *New York Times* que os homens da TV estavam se brutalizando porque "o público" estava cansado da "afetação" masculina e de "heróis sensíveis". Glenn Gordon Caron, produtor de "A gata e o rato", admitiu haver motivos mais pessoais em uma entrevista que concedeu ao *New York Times*: "Adoraria ver um *homem* na televisão." Ele reclamou que a última década de mudanças sociais tinha excluído seu sexo da tela. "Durante um longo tempo, os homens foram simplesmente descartados", protestou; a gente só podia perceber o sexo desses caras incompetentes "por causa de suas vozes mais grossas e seus peitos mais achatados". Glen Charles, co-produtor de "Cheers", foi ainda mais direto: ele transformou o *bartender* do seu seriado em um mulherengo chauvinista porque "ele é um porta-voz de um grande grupo de pessoas que julgava que [o movimento das mulheres] era um bando de babacas que olham com desdém para as pessoas que pensam de outra forma".

O contra-ataque antifeminista na televisão acompanhou as tendências da indústria cinematográfica. *Atração fatal* virou "Obsessive Love" na ABC um ano depois; *Baby Boom* (*Presente de grego*) tornou-se uma série televisiva com o mesmo nome; *Uma secretária de futuro*; *Parenthood* e *Olha só quem está falando* foram adaptados para seriados de televisão; o faroeste voltou para a telona e a telinha. (E voltando para o tema do pai solteiro, o caubói Ethan Allan, o herói do seriado televisivo "Paradise", assumiu a criação de quatro órfãos.) As mesmas tendências do contra-ataque foram recicladas: mulheres solteiras em pânico com a falta de homens atiram-se nos braços de um maníaco em "Addicted to His Love". (O telefilme exibido na ABC chegou a citar um estudo sobre o casamento realizado pelas universidades de Harvard e Yale, segundo o qual 20% das solteiras eram mulheres com formação universitária com mais de 30 anos.) Mulheres que tinham uma profissão sucumbiram à febre da maternidade e da esterilidade em programas como "Babies". ("Meu relógio biológico está começando a bater como o Big Ben!", grita uma das heroínas.) Até a "epidemia" de abuso sexual em creches foi usada para colocar lenha na fogueira: em "Do You Know the Muffin Man?", uma divorciada que trabalha fora descobre que seu filho de quatro anos foi estuprado e contraiu gonorréia no jardim-de-infância.

Mas o ataque da TV à liberação das mulheres não podia ser tão violento quanto o que foi promovido por Hollywood. As mulheres têm mais influência na frente dos seus aparelhos do que nos cinemas; as mulheres representam não apenas a maioria dos telespectadores, mas, mais importante, são os

telespectadores que os anunciantes mais desejam alcançar. Quando os programadores de TV tentaram impor seu elenco de sujeitos arrogantes e de garotas frágeis na temporada de 1987-1988, um significativo percentual do público feminino simplesmente desligou seus aparelhos. O único seriado, entre os 25 que estrearam no horário nobre, a entrar para a lista dos 20 programas de maior audiência foi "A Different World", que era um pastiche de "Cosby" (e um dos raros programas novos que tinha uma mulher como protagonista). Em dezembro, a audiência no horário nobre das redes tinha caído espetaculares nove pontos em relação ao ano anterior, o que significava uma perda média de 3,5 milhões de espectadores por noite e o íbope mais baixo desde que a televisão se firmara como indústria. Embora a queda pudesse ser parcialmente atribuída à criação de um novo e mais preciso método de medição de audiência, essa mudança tecnológica não explica por que a fuga de público foi tão desproporcionalmente feminina. Nem explica por que o êxodo feminino não foi interrompido nas subseqüentes temporadas do contra-ataque, quando esse novo método de pesquisa de audiência deixou de ser um problema. Além disso, esse método detectou um crescimento do público mais jovem. Mas embora do outono de 1986 para o outono de 1987 tivesse aumentado em mais de duas horas o tempo que os homens mais jovens passavam semanalmente diante da TV, *diminuiu* em quase uma hora o tempo que as mulheres mais jovens passavam diante da TV no mesmo período.

Na temporada seguinte, os programadores fizeram uma concessão e admitiram duas mulheres fortes à frente de programas exibidos no horário nobre: "Roseanne" e "Murphy Brown", ambos protagonizados por mulheres fortes - e ambos, não coincidentemente, criados por mulheres -, tornaram-se de imediato grande sucesso de público: "Roseanne" foi um dos seriados mais bem-sucedidos na história da televisão e se manteve no primeiro lugar de audiência durante anos a fio. Mas duas mulheres fortes foram vistas como um exagero. Mulheres independentes estavam "assumindo o controle do horário nobre", alertou a *Newsweek* em uma reportagem de capa de 1989. "O pêndulo do vídeo tinha se distanciado em excesso das alegres e caseiras supermãs que no passado animaram o coração eletrônico." Nos bastidores, a rede tentou fazer mudanças que visavam "baixar a bola de Murphy", observou Diane English, criadora do programa. A ferina Roseanne Barr atraiu parte significativa desse rancor. Embora sua propensão para desancar as pessoas e os símbolos nacionais não fizesse dela uma candidata a Miss Simpatia, o nível de bilis e histeria direcionado para essa comediante foi desproporcional a suas ofensas. A mídia declarou-a, como a amante de *Atração fatal*, "a mulher mais odiada dos Estados Unidos"; os executivos da televisão atacaram-na na imprensa; seu ex-produtor executivo chegou a publicar um anúncio de página inteira na *Daily Variety* para denegrir a comediante; e, apesar do sucesso de público e crítica, "Roseanne" jamais foi merecedora de um

prêmio Emmy. Fora do ambiente da televisão, um coro de vozes masculinas juntou-se à cruzada anti-Barr. Comentaristas esportivos, jogadores de beisebol e colunistas de fofoca chamavam-na de "vagabunda" e "cachorra". Até George Bush se sentiu na obrigação de fazer uma declaração na qual a condenava; ele a chamou de "desgraçada". (E mais tarde disse para as tropas no Oriente Médio que gostaria de torná-la uma arma secreta contra o Iraque.) O empresário James Rees, filho de um ex-congressista, lançou um "Clube Roseanne Barr", solicitando sócios nas seções de classificados da *Rolling Stone* e do *The National*. ("Você odeia a Roseanne Barr?" - o anúncio perguntava. "Entre para o nosso clube.") Em algumas semanas, ele tinha mais de 600 respostas, quase todas elas de homens que concordavam na íntegra com a declaração de Rees, segundo a qual ela não passava de uma "velha barrica de gordura".

Na temporada seguinte, o horário nobre reverteu para ícones femininos tradicionais, com novos seriados entupindo a tela com modelos adolescentes, donas-de-casa, uma freira e - esse peculiar protótipo do último contra-ataque da TV - uma bruxa boa e dona-de-casa de subúrbio. Uma versão atualizada do gênio domesticado de *"A feiticeira"* reapareceu no programa ironicamente chamado de "Free Spirit". Na temporada seguinte, as mulheres foram excluídas dos programas, o que chegou a ser motivo de piada da comediante Jay Leno na entrega dos Emmys. A crítica de TV Joyce Millman, observando que a nova programação estava "carregada de adolescentes e famílias sem mãe", perguntou: "O que teria acontecido com o 'Ano da Mulher' na TV?" Apenas dois dos 33 novos programas tinham como personagens mulheres com empregos; nos demais, elas eram donas-de-casa, crianças ou invisíveis.

O sutil ataque da televisão contra as mulheres independentes é o produto da relação profundamente ambivalente da própria indústria com seu público feminino. Os programadores do horário nobre da TV são mais dependentes da aprovação das mulheres do que os produtores de cinema e, por causa dessa dependência, mais ressentidos. Não foi com o objetivo de servir ao amo feminino que os homens da TV abandonaram Hollywood. (E a maioria é masculina; mais de 90% dos roteiristas de televisão, por exemplo, são homens.) Eles dizem que querem programas que atinjam um grande público, mas quando esses programas têm mulheres como protagonistas, tentam cancelá-los. "Designing Women" e "Kate and Allie", ambos seriados de grande popularidade, foram alvos de sucessivos ataques da rede que tinham como objetivo tirá-los do ar.

Os atuais programadores da rede se acham em uma situação razoavelmente parecida com a dos clérigos anglicanos do fim da era vitoriana. Como os líderes do contra-ataque do século passado, os executivos de TV ficam ansiosos quando a congregação feminina abandona os bancos da igreja -

durante o dia para o trabalho e à noite para outras formas de divertimento eletrônico que respeitam os seus desejos e lhes oferecem opções reais. As mulheres estão aderindo ao videocassete e à TV a cabo. Em 1987, à medida que caía significativamente o índice de audiência das redes, o público da TV a cabo cresceu em 35% durante o horário nobre e a proporção de donas-de-casa que possuíam videocassetes subiu de 19 para 60%. O índice de audiência caiu em mais de 25% ao longo da década - e as mulheres tiveram uma participação decisiva nessa queda. Em 1990, a Nielsen mostrou que o percentual de declínio do público feminino durante o horário nobre era de duas a três vezes maior do que o do masculino. A deserção das mulheres era mais que um insulto; representava uma grande perda financeira. (A perda de um simples ponto percentual nos índices de audiência durante o horário nobre corresponde a um prejuízo de US\$90 milhões na receita da rede em uma temporada.)

Não apenas os executivos de programação têm interesse pessoal em varrer as mulheres independentes do cenário americano; seus anunciantes, que ainda vêem a dona-de-casa como o seu consumidor ideal, exigem isso. Essa situação é um verdadeiro nó cego para os programadores de televisão: os anunciantes não querem que as redes incensem a imagem das mulheres modernas. O público feminino se interessa muito mais por personagens não-tradicionais, como líderes, heroínas e comediantes. Mas os maiores anunciantes da televisão, os fabricantes de produtos alimentícios e eletrodomésticos, querem os programas "família" tradicionais que os ajudaram a manter os níveis de vendas virtualmente inalterados ao longo de duas décadas. Os anunciantes preferem mostrar a espectadora dona-de-casa porque ela é vista como um consumidor mais passivo e disposto, pois provavelmente ela tem muitos filhos e porque elas se prestam a esse tipo de situação. Desde o seu lançamento, a televisão foi vendida como uma experiência aglutinadora da família - a lareira da atualidade -, em que as mensagens comerciais podiam atingir todo o clã de uma só vez.

Embora nos anos 80 o ataque da televisão contra as mulheres independentes continuasse de uma temporada para outra, alguns programas conseguiram sobreviver a seus surtos periódicos - "L. A. Law", "Designing Women" e "The Golden Girls" são alguns exemplos. Mas a grande vitória dessa campanha foi expulsar da TV mulheres independentes saudáveis e substituí-las por nostálgicos retratos de mulheres "família" apolíticas. Esse processo tomou conta da programação em duas etapas. No primeiro, no início da década de 1980, banuiu as discussões feministas. Em seguida, em meados da década, reconstruiu uma hierarquia feminina "tradicional", colocando as donas-de-casa suburbanas no topo, as mulheres que trabalham fora em escalões mais importantes e as solteiras no mais baixo nível da sociedade.

DA CONSCIENTIZAÇÃO AO ENTRETENIMENTO

Durante um curto período em meados da década de 1970, os seriados domésticos exibidos no horário nobre da televisão trataram de questões políticas - e com elas, toda uma série de assuntos feministas. Eles não estavam restritos a episódios isolados sobre uma questão; as discussões sobre os direitos da mulher eram costuradas na trama semanal do seriado. Os Bunker discutiam constantemente a liberação das mulheres em "All in the Family", Maude discutiu abertamente o aborto e, em "The Mary Tyler Moore Show", a esposa de Lou Grant, Edie, ia a reuniões feministas e terminou se separando do marido.

Em 1978, todos esses programas tinham sido cancelados; e os poucos programadores que tentaram vender programas com temas feministas encontraram forte resistência das redes. Em 1980, Esther Shapiro, vice-presidente do núcleo de minisséries da ABC (uma das poucas mulheres a galgar um posto desse nível), levou para seus colegas de trabalho um roteiro baseado no romance *The Women's Room*, de Marilyn French. O autor do roteiro chegou a Shapiro depois de ter o seu projeto recusado pela CBS. "Era maravilhoso", lembra Shapiro. "E eu pensei que aquele era uma projeto que valia a pena levar para a televisão." O projeto lhe parecia um sucesso garantido. O livro foi um grande *best-seller*, as mulheres amaram a história da dona-de-casa liberada que abandona o lar.

Mas a tentativa de convencer a rede transformou-se no que Shapiro chama de "a mais desgastante experiência" de sua carreira. Os homens eram monolíticos em sua oposição. Qualquer que fosse o argumento que usasse, "tudo o que ouvia era um sonoro não", afirmou ela. Além de se oporem à idéia, apostavam que nenhum anunciante patrocinaria um programa com tendências feministas. Shapiro lançou uma campanha em defesa do programa, enviando telegramas para a maioria dos obstinados executivos e colocando anúncios na porta do banheiro masculino para que eles lessem WOMEN'S ROOM. Mas os homens se limitavam a discutir a questão do ponto de vista da audiência: "Eles diziam que o programa não conseguiria mais do que 11 pontos", disse ela. "Para eles, seu público seria uma minoria, o que parecia estranho para mim. Quero dizer que as mulheres são 54% da população."

Finalmente, ela convenceu os executivos da rede a produzir "The Women's Room" em troca de outro programa no qual eles tinham um grande interesse de levar ao ar, um enlatado chamado *Dallas Cowboy Cheerleaders* marcado pelo apelo sexual. Os homens da rede concordaram, mas a instruíram a reduzir "The Women's Room" de uma minissérie a um especial. E o núcleo Padrões e Práticas da rede insistiu para que o programa fosse precedido de um aviso garantindo ao telespectador que o programa apresentava uma história do passado cuja discussão não era relevante para os dias

atuais. Quando grupos de extrema-direita, como a Federação Nacional em Defesa da Decência do reverendo Donald Wildmon, souberam que a ABC estava adaptando essa história de liberação feminina, inundaram a rede com ameaças de boicote e os anunciantes suspenderam 4 dos 14 minutos de propagandas reservadas para o horário. No entanto, "The Women's Room" finalmente foi levado ao ar, marcou 45 pontos de audiência (o mais alto índice dos telefilmes exibidos naquela semana), motivou um grande número de cartas elogiando a iniciativa da empresa e ganhou um Emmy.

As roteiristas feministas Barbara Corday e Barbara Avedon também foram apanhadas pelas primeiras ondas do contra-ataque. Elas perceberam que tinham um conceito original quando escreveram o piloto de "Cagney and Lacey": duas mulheres fortes, maduras e de boa formação, uma solteira e a outra casada, que são parceiras na polícia. "O roteiro original era uma comédia ultrajante e violenta; uma espécie de rede de garotos de programa", lembra-se Corday. "O que estávamos tentando fazer era colocar a história do ponto de vista feminista." Mas mesmo depois que Corday moderou o roteiro e levou para que o seu marido, o influente produtor Barney Rosenzweig, o vendesse, "Cagney and Lacey" precisou de seis anos para ir ao ar. O projeto foi recusado em todas as instâncias: estúdios de cinema, produtoras independentes, redes de televisão.

Rosenzweig lembra-se de ter ouvido a mesma desculpa em todos os lugares em que foi: "Essas mulheres não são delicadas. Não são femininas." Os executivos de Hollywood também ficaram incomodados com os palavrões que as mulheres usavam, muito embora não passassem de alguns "malditos" e "diabos". A cada novo não, lembra Rosenzweig, "[Barbara] Corday dizia que 'o movimento das mulheres não ia acabar [antes de o programa ser vendido]'. Ela não estava de todo errada.

Os executivos da CBS finalmente decidiram transformar "Cagney and Lacey" em um telefilme em 1981. A audiência chegou a 42 pontos e por essa razão a rede concordou em produzir o seriado. Rosenzweig contratou Meg Foster para interpretar a solteira. Depois de dois episódios, os executivos da CBS cancelaram o seriado, alegando que ele não pegara. Rosenzweig convenceu-os a darem uma nova chance ao seriado - mas eles argumentaram que as mulheres eram "muito duronas", especialmente Foster, que não era nada delicada e tinha que ser demitida. "Disse que não podia mudar o seriado antes de dar uma chance ao elenco", lembra-se Harvey Shephard, na época vice-presidente sênior de programação. "Meg Foster ganhou o papel por ser masculina", explicou depois Arnold Becker, vice-presidente da CBS. "Você há de concordar que elas eram policiais e que a noção de mulheres policiais não é facilmente aceitável." Rosenzweig colocou a loura Sharon Glass no seu lugar.

Ainda assim, os programadores da rede não ficaram satisfeitos. Os exe-

cutivos da CBS estavam obcecados com a personagem solteira, torando a paciência dos roteiristas com intermináveis exigências para tomá-la mais feminina, abrandar sua retórica e sua aparência, fazê-la mais respeitavelmente "classe alta". O orçamento foi aumentado em US\$15 mil para que fossem compradas "roupas mais classudas", seu feminismo foi mandado para as cueiás e uma doce formação em Westchester County foi acrescentada ao seu histórico familiar.

Os executivos da CBS estavam especialmente irritados com os íntimos encontros amorosos da personagem. "Os hábitos sexuais de Cagney estavam sob constante vigilância, não apenas pela rede mas pelo diretor de programação", disse Rosenzweig. "Eu dizia que 'eles não se preocupavam quando Magnum fazia sexo', e eles diziam 'que com ele era diferente'. Para eles, fato de Cagney dormir com alguém a vulgarizava." Shephard, o diretor da programação da CBS, disse que estava preocupado com a possibilidade de ela "ficar com a imagem de promiscua", o que seria um problema porque ela não seria "um modelo positivo". Becker, um executivo da CBS, explicou desta forma a ansiedade e a interferência com o comportamento de Cagney: "Bem, Lacey era casada e era possível mostrar sua vida afetiva e amorosa com o marido. Mas Cagney era solteira e era mais difícil retratá-la como sendo vulnerável." E por que ela tinha que ser retratada como vulnerável? "Porque é assim que a grande maioria dos americanos acham que a mulher deve ser... Eu me pergunto o número de homens nos Estados Unidos que sonham em se casar com uma policial linha-dura." Becker em seguida observava, com um quê de vergonha, que sua filha o mataria se o ouvisse falando dessa forma. Ela é uma advogada, diz ele, uma "feminista radical" que sempre o corrige quando se refere a mulheres adultas como "pequenas".

A rede de fato censurou alguns episódios centrados em questões feministas. Em um segmento sobre a ERA (Emenda da Igualdade de Direitos), Rosenzweig queria dar um pequeno papel à líder feminista Gloria Steinem. Assustadíssimos, os executivos do núcleo Padrões e Práticas proibiram sua aparição. Em seguida, diversas retransmissoras proibiram o episódio inteiro, algumas horas antes de ele entrar no ar, alegando que os chamados direitos da mulher ofenderiam o público feminino.

Um furor ainda maior surgiu em um episódio em que Cagney iria ficar grávida e analisar a possibilidade de fazer um aborto. Na cena final do roteiro, ela perderia o bebê naturalmente, mas ainda assim os diretores de programação não ficaram satisfeitos. Finalmente, os roteiristas refizeram a história de modo a deixar toda a trama de fora. Na versão final, intitulada "Choices", Cagney apenas acha que está grávida, o que no final termina se revelando apenas um atraso na menstruação. Lacey dá uma bronca nela, dizendo que tem que ser mais responsável - e diz que, se estivesse grávida, teria que se casar. O aborto nunca foi oferecido como uma escolha.

Em um episódio posterior, que tinha como tema o fechamento de uma clínica de aborto, os responsáveis pelos padrões de transmissão da rede enviaram a Rosenzweig um memorando de três páginas com uma série de advertências. Eles ficaram especialmente irritados com o fato de as duas protagonistas defenderem o direito ao aborto. Rosenzweig lembrou, não em proveito próprio, que o roteiro só estava mostrando o ponto de vista de mulheres que trabalham no mundo real, onde 70% são favoráveis ao aborto. Do lado de fora da rede, tão logo se tornou público o tema do próximo episódio, militantes antiaborto se mobilizaram e organizaram manifestações em frente das retransmissoras em todo o país. A controvérsia terminou ganhando espaço nos principais programas de entrevista no rádio e nas TVs do país.

Os executivos da rede disseram que só estavam interferindo no conteúdo do programa devido à preocupação que tinham com o seu público feminino, que deve se sentir "intimidado" com mulheres como Cagney e Lacey. Rosenzweig declarou: "Recebi cerca de 4 mil cartas de mulheres que não parecem intimidadas. Perguntei, portanto, em que pesquisa eles estavam se baseando. Eles não tinham nenhuma." Eram os programadores da CBS, não as telespectadoras, que não estavam se sentindo à vontade com as duas fortes mulheres de "Cagney and Lacey". Becker argumentou que, para a época, o programa era "altamente incendiário, agressivo e com pouco calor humano". Outro executivo da CBS disse ao *TV Guide* que as heroínas "eram excessiva e asperamente feministas... As mulheres de 'Cagney and Lacey' pareciam mais preocupadas em lutar contra o sistema do que em fazer o trabalho policial. Nós as víamos como sapatões".

No fim das contas, a equipe que trabalhava no programa tentou salvá-lo desmentindo o que pregava. Começaram a negar publicamente que o programa tivesse qualquer conteúdo feminista - muito embora o programa assumisse regularmente posições feministas no tocante à discriminação no trabalho, assédio sexual, violência doméstica, saúde da mulher e à prostituição. April Smith, produtora de "Cagney and Lacey", garantiu à imprensa que "Cagney and Lacey" não era um programa "feminista", pois o rótulo era "limitador". Quando uma estudiosa das questões femininas mandou-lhe algumas perguntas por escrito sobre a posição do programa em relação às mulheres, recebeu uma fria carta do diretor de avaliação do programa com o seguinte teor: "Nós não desejamos discutir nossos pontos de vista sobre o feminismo."

O recuo, no entanto, não foi suficiente para acalmar a rede. Em 1983, a CBS cancelou "Cagney and Lacey". Depois de dezenas de milhares de cartas de indignados telespectadores (uma avalanche dez vezes maior que a última grande campanha de fãs em defesa de um programa, no caso "Lou Grant"), depois que Tyne Daly (Lacey) ganhou o Emmy de melhor atriz dramática e depois que o programa tornou-se líder de audiência nas ocasiões em que foi *representado* na temporada de verão, a rede voltou atrás e colocou

o "Cagney and Lacey" no ar novamente. O programa ainda ganharia outros cinco Emmys, incluindo o de melhor seriado dramático. No entanto, no outono de 1987, a CBS tirou-o do horário nobre e passou a apresentá-lo em um horário em que os índices de audiência são baixíssimos. Na temporada seguinte, "Cagney and Lacey" saiu do ar.

PROCRIADORAS E PATRIARCAS

"A maternidade será um tema fundamental na nova programação da televisão", anunciou o *TV Guide* no início da temporada de outono de 1988, observando essa que se mostrou ser não de todo verdadeira. Nos seriados exibidos no horário nobre, de "Cheers" a "Beauty and the Beast", "Designing Women" a "Newhart", "L. A. Law" a "Night Court", dezenas de personagens femininas sucumbiram à "tentação da maternidade", freqüentando clínicas de fertilização artificial ou mesmo dando à luz no ar. Um a um, os programas foram sendo contaminados pela febre. "Thirtysomething" dedicou um episódio inteiro a um parto. Em seguida, na abertura da temporada de "L. A. Law", a mãe grávida discutiu a maternidade depois dos 30 anos na aula de Lamaze. Na mesma noite, em "Cheers", outra mãe entrou em trabalho de parto. E nessa mesma semana, em "Cosby", os homens imaginaram que *eles* tinham engravidado.

O festival de nascimentos até que era bom, apesar de um pouco monótono. Mas as redes não estavam apenas falando de crianças; estavam resgatando velhas fantasias sobre a maternidade e o casamento. Os programadores começaram a reciclar as lembranças que tinham dos programas que assistiam na televisão durante a infância, na década de 1950; logo depois, a "retroprogramação", como disseram, tomou conta das ondas de rádio. As redes fizeram uma volta no sentido mais literal da palavra à televisão produzida na década de 1950, uma avalanche de reapresentações e adaptações como "The New Leave It to Beaver", "The New Newlywed Game" e "The New Dating Game", nenhuma das quais oferecia uma visão da feminilidade que se pudesse chamar de avançada. Na mesma época, as redes reviveram os programas para família da década de 1950 de um modo mais sutil, dentro de uma estrutura mais moderna. Em alguns programas, as mães têm um emprego, mas a função que desempenham parece restrita ao título. A esposa de "Family Ties" tem uma "profissão", mas são poucos os telespectadores que o acompanham regularmente que podem dizer qual seja. (Ela é arquiteta.) A esposa em "Cosby" pode ser a primeira advogada a manter um emprego em tempo integral sem sair de casa; quando ela usa as ferramentas que aprendeu a dominar em seu trabalho é tão-somente para resolver disputas domésticas surgidas na sala de estar da família. Essas mulheres são as mesmas donas-de-casa que no passado apareciam nos programas de televisão, das quais dife-

um apenas pelo fato de não usarem mais roupão ou terem uma profissão, mas esse trabalho só aparece como uma concessão às profundas mudanças porque as mulheres passaram nos últimos anos.

"Cosby" pode mostrar uma família negra, mas, para os executivos da rede (e Ronald Reagan, um de seus fãs mais fiéis), o grande apelo do programa estava no seu núcleo familiar, não em seus aspectos raciais. "Bill Cosby trouxe a masculinidade de volta às comédias de situação", disse à imprensa Brandon Tartikoff, presidente do núcleo de entretenimento da NBC. A cada novo episódio, o Dr. Heathcliff Huxtable representado por Cosby - que não à toa é um obstetra - reafirma seu papel de chefe de família, usando sua voz genial porém autoritária para debelar todos os atos de insubordinação. As preocupações políticas estão ausentes; ensinar as crianças a obedecerem ao pai parece ser a principal missão do programa. Algumas "questões" típicas examinadas nesta família da alta classe média: a relutância de uma filha em tirar um vestido de festa e o atraso de cinco minutos de um garoto ao treino de basquetebol. "Acredito no controle", disse Cosby à *Time*. Ele também acreditava em uma divisão "tradicional" das responsabilidades domésticas, a se julgar pelo conselho que deu aos homens no *best-seller* que publicou nos anos 80, *Fatherhood*. "As mulheres pretendem passar para nós a tarefa de educar as crianças, mas no fundo não é esse o real desejo delas", garantiu Cosby a seus leitores homens.

Outros programas de televisão sequer se dão ao trabalho de fazer esse superficial reconhecimento de que as mulheres entraram no mercado de trabalho. Alguns dos programas exibidos em meados da década de 1980 tinham tantas mães da alta classe média cuja única preocupação era cuidar bem das suas crias que mais pareciam rerepresentações. "Estou virando June Cleaver", suspira uma mulher em "Full House", acertando na mosca. Alguns programas eram ambientados no passado, como "Os anos maravilhosos", onde não há o menor problema mostrar uma mãe escrava da cozinha porque, afinal de contas, as histórias ocorriam antes da revolução feminista da década de 1960.

Outros programas onde a maternidade era valorizada evitavam a questão da inserção da mulher no mercado de trabalho ao se concentrarem no interior do país. Em programas como "Blue Skies" e "Just the Ten of Us", o pai coloca a família na caminhonete e vai à procura de uma vida "melhor" no campo - onde a mãe pode ficar em casa cuidando dos filhotes e o pai pode reassumir o velho status de provedor da família. Mais de uma dessas famílias da TV se muda para o interior, onde as mulheres não trabalham fora. Aqui, as mulheres da terrível cidade aprendem os valores do "velho mundo". Em "Aaron's Way", por exemplo, um tio amish dá um sermão na sobrinha grávida sobre as virtudes do sacrifício da mulher; a relutante adolescente finalmente assume as suas "responsabilidades" e concorda em ter o filho. Os

homens nesse tipo de programa, por sua vez, recuperam o seu vigor: são mostrados cortando lenha, consertando velhos moinhos d'água e juntando-se a outros fortes caipiras para colher os produtos que plantaram à moda antiga.

O refúgio no campo pode ser interpretado como uma rebelião silenciosa contra a louca vida capitalista - embora as casas dessas personagens tenham o necessário número de bens de consumo para garantir aos anunciantes que a revolta não é tão séria assim. Mas a marcha para o interior é, na verdade, um repúdio contra a permanência das mulheres americanas no mercado de trabalho. Não é à toa o fato de nesses programas as donas-de-casa servirem como porta-voz para as periódicas tiradas contra a onda de profissionalismo das mulheres. Como os produtores de cinema do fim dos anos 80, os programadores do horário nobre ressuscitaram a polêmica. Em "Just the Ten of Us", a dona-de-casa insulta uma "agitadora feminista". Ela prova que é mais adequado a uma mulher ficar em casa, mesmo que isso implique o fato de seu marido, um professor ginasial de uma escola católica cujo salário é pequeno, ser a única fonte de renda para que a família supra as despesas domésticas. Um elogio semelhante às donas-de-casa à custa do sacrifício da afirmação profissional da mulher ocorre em "Family Man". Uma antipática advogada pergunta à dona-de-casa que protagoniza o programa como ela suporta ficar o dia todo em casa; à noite, deitada ao lado do marido, ela dramatiza o tipo de resposta que gostaria de dar àquela mulher metida. "Você é uma idiota! Uma boçal! Sua yuppie de meia-tigela!" Ela cai no choro e olha nos olhos do benevolente marido e pergunta: "Você se importa com o fato de eu ser apenas uma dona-de-casa?" Ele sorri para ela e diz: "Eu te amo."

Ao mesmo tempo que a televisão dos anos 80 estava preocupada em tecer loas aos anjos domésticos da TV da década de 1950, amaldiçoava as mães que se aventuravam a sair do círculo familiar. A procura da esposa liberada que deixa a casa em "Raising Miranda" é reduzida a uma piada patética. A mãe foge depois de um "seminário de auto-ajuda", choraminga a filha mais velha, que assume a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos. Suas grandes aptidões domésticas servem como uma não tão sutil crítica à delinqüente mãe que, diz-nos desabridamente Miranda, "não sabia nem como se coloca a roupa na máquina de lavar". Em "Blossom", outra filha abandonada nutre o mesmo tipo de desprezo pela sua indulgente mãe. "Ela devia estar na cozinha, me esperando chegar da escola", decreta ela, "não na estrada, satisfazendo suas necessidades." Os raros programas que tinham mulheres trabalhando fora tendiam a apresentá-las como incompetentes, infelizes ou negligentes. Em "Quem é o chefe?", a mãe está tão ocupada com as suas ambições profissionais que sequer tem tempo para cuidar dos filhos, que na prática vivem aos cuidados do másculo e musculoso empregado doméstico.

Mesmo os programas cuja missão era teoricamente mais suave não con-

seguiram resistir a uma crítica às mulheres que trabalham fora. Quando o produtor de televisão Gary David Goldberg lançou "Day by Day", um seriado sobre uma família que administra uma creche, disse que o programa oferecia uma raridade - uma visão positiva sobre uma creche durante o horário nobre. Ainda assim, o programa era invariavelmente crítico com as mães que trabalham fora. Neuróticas e ineptas, essas mães entram às pressas todo dia de manhã, colocando seus pirralhos nos braços dos abnegados diretores - um casal que se parabeniza a cada cinco minutos por ter sacrificado as carreiras em Wall Street para cuidar dos rebentos dessas negligentes mães.

O DESAPARECIMENTO DAS SOLTEIRAS

"A vida de uma mulher solteira não funciona em programas de uma hora na televisão", disse Scott Siegler, vice-presidente de desenvolvimento de histórias dramáticas da CBS, ao sociólogo Todd Gitlin no início da década de 1980. No fim da década, uma olhada na grade de programação das redes mostraria que elas não funcionam em hipótese alguma.

A expulsão das mulheres solteiras da televisão repete um padrão estabelecido no último backlash da televisão. No começo, a televisão de fato oferecia uma série de programas tendo mulheres solteiras como protagonistas, embora a maioria delas fossem professoras, empregadas domésticas e datilógrafas em programas como "Private Secretary", "Ella Miss", "My Friend Irma", "Our Miss Brooks" e "Meet Millie". Em meados da década de 1950, no entanto, todos os programas que tinham uma mulher solteira como protagonista foram tirados do ar. E a heroína solteira continuou sendo ignorada até meados da década de 1960, aparecendo apenas como uma personagem incidental, um lembrete para o público feminino das mazelas da vida fora do casamento. Em "The Dick Van Dyke", a solteira Sally Rogers serviu para que a Sra. Van Dyke, interpretada por Mary Tyler Moore, se sentisse abençoada pelos deuses e mais feminina. Nos numerosos programas baseados em hospitais da década de 1960, as solteiras apareciam apenas como pacientes cujas doenças em geral eram causadas por algum ato "egoísta" - fazendo um aborto, tendo um caso ou, mais comumente, desobedecendo a ordens médicas.

Mas em 1970 Mary Tyler Moore saiu da casa de boneca de Van Dyke e assumiu um apartamento e um programa só para si. A Mary Richards interpretada por Moore não apenas era solteira, como também tinha mais de 30 anos. O pânico do casamento não a afligia. Ela tinha amigos homens e mulheres, tinha uma saudável vida sexual, negava-se a sair com homens que não lhe parecessem atraentes e tomava pílulas anticoncepcionais - sem terminar em um leito de hospital na cena final. (No entanto, ela assumia ares de estudante bem-comportada quando estava diante do chefe; enquanto seus colegas de trabalho chamavam-no de "Lou", ela sempre se referia a ele como

"Sr. Grant".) O público feminino a adorava. O programa manteve altos índices de audiência enquanto esteve no ar, ganhou 25 prêmios Emmy e ~~g~~ ganhou duas bem-sucedidas comédias de situação que tinham como protagonistas mulheres independentes. Nesse interim, outros programadores captaram a mensagem e criaram seus próprios programas sobre mulheres descasadas fortes e independentes, do realista "One Day at a Time" ao super-humano "A mulher biônica".

Em 1986, uma década depois do seu triunfo anterior, as redes voltaram a colocar Mary Tyler Moore no horário nobre - como uma carrancuda e estressada divorciada cuja carreira é o único objeto de preocupação. Em "Mary", ela escreve uma coluna em defesa do consumidor para um tablóide sensacionalista. Ela não tem confidentes nem dentro nem fora do trabalho, um ~~f~~ fato que só faz aumentar uma existência já sofrida. Na porta ao lado, Rhoda, a sua melhor amiga, é substituída por uma narcisista e carreirista solteira, uma executiva do setor de marketing que está sempre ansiosa pelo telefonema de um homem. Em um episódio, a vizinha conhece um gângster - e anuncia o seu noivado no mesmo dia.

A vizinha de Moore não foi a única solteira do mundo televisivo disposta a rebaixar suas expectativas enquanto procura um homem para se casar. Pressionados pela rede, os criadores de "Kate and Allie" casaram a divorciada mãe Allie com um insípido pretendente que ela conhecera há pouco tempo. Pela mesma razão, em "A gata e o rato", uma grávida Maddie Hayes casou-se com um contador imbecil logo depois de terem se conhecido em um trem. Cybill Shepherd, que interpretava Maddie, opôs-se terminantemente a essa mudança na sua personagem e o público igualmente não aceitou essa virada. Na verdade, a produção do programa foi inundada com uma massa de cartas indignadas e os produtores se viram forçados a anular o casamento.

O casamento forjado de Maddie foi apenas o último episódio na campanha que de há muito vinha sendo orquestrada para domar essa mulher independente. David Addison, empregado solteirão de Maddie, recorre a métodos tradicionais para enfim subjugar a "abelha-rainha" para a qual trabalha; ele a insulta e ela se rende a seus avanços. Ainda não satisfeitos, os produtores da série posteriormente fizeram com que ela rastejasse diante do vaidoso David, ficando literalmente de joelhos. A humilhação de Maddie Hayes não foi um mero exercício de retórica. Ela refletiu uma campanha que vinha sendo urdida nos bastidores, liderada pelo produtor executivo Glenn Caron e o ator Bruce Willis (que interpretava David), para conter a personalidade "agressiva" da solteira Shepherd. Eles disseram à imprensa que não gostavam do modo como ela sempre gritava quando discordava com a direção do programa. A pedido de Caron, a rede enviou uma carta disciplinar para Shepherd. Conforme o memorando, o programa seria cancelado ou ela seria processada se não seguisse as ordens do diretor, não se submetesse aos inter-

valos determinados e não pedisse permissão para se ausentar do set de filmagens. "Me senti muito mal quando recebi a carta", disse Shepherd na época. "Era como se estivesse em uma escola reformatória."

Embora a TV geralmente apresentasse a revoadada das mulheres solteiras para o casamento como uma "escolha consciente" da parte delas, o desenrolar das histórias às vezes deixava bastante claro que com essa opção elas estavam optando por se tornarem servas de homens solteiros. O programa "Assassinato por escrito" (que não tinha mulheres trabalhando como roteiristas, produtoras ou diretoras em 1987, apesar do seu título em inglês "Murder, She Wrote") ofereceu uma dessas histórias transparentes em um episódio levado ao ar em 1988 sobre a rendição de uma mulher solteira que trabalhava fora à instituição matrimonial. Abandonado por uma mulher preocupada com a sua carreira, Grady, o namorado, vai para um bar. Bem, foi melhor assim, ele decide, pois "quer uma mulher tradicional". "Ela trabalha fora?", pergunta-lhe o seu companheiro de copo. Com o assentimento de Grady, ele olha com um ar de especialista. "É isso aí. Você dá uma pasta para elas e elas levam suas calças". No final do episódio, a mulher (uma contadora) volta atrás e procura Grady, pedindo para que lhe perdoe. "Não quero ser contadora", diz ela. "Só quero ser sua mulher." Satisfeito com o que ouve, Grady chega à seguinte conclusão: "Acho que tudo vai terminar bem."

O imperativo matrimonial não estava limitado apenas ao horário nobre; nas novelas exibidas à tarde, nas quais proliferam as cenas de casamento, a taxa de matrimônios cresceu ainda mais, ao contrário do número de divórcios, que diminuiu. "Há dez anos, nós os separaríamos", disse Mary Alice Dwyer-Dobbin, vice-presidente da programação vespertina, quando instada a falar sobre os conflitos matrimoniais existentes nas novelas. "Agora os roteiristas são orientados no sentido de criar histórias novas e inventivas que gerem conflitos, mas não separem os personagens." Por quê? "As mulheres estão voltando para casa", disse ela. "Está acabando o tempo da supermulher."

Como as pacientes solteiras dos programas que tinham hospitais como cenário na década de 1960, as mulheres das novelas dos anos 80 que resistissem ao casamento marchariam para as trevas da morte. Na vida real, 8% das vítimas de AIDS em 1988 eram mulheres. Na programação vespertina da televisão - 100%. Em "The Young and the Restless", a AIDS contaminou uma ex-prostituta que abandonou a filha para seguir sua "profissão" - o máximo do carreirismo. (Ela termina contaminando a filha também.) Em "All My Children", a AIDS atinge uma divorciada e, sua feminilidade aparentemente ressuscitada no leito de morte, ela decide se casar novamente. O sexo seguro é praticado no quarto nupcial? Essa novela "socialmente responsável" não diz.

Com a exceção de "Murphy Brown", a grade do horário nobre da década de 1980 praticamente não oferecia programas centrados em uma mulher

solteira no mundo profissional, muito menos que pudesse obter prazer ou se orgulhar de sua vocação. Os ocasionais seriados que tinham como protagonistas mulheres solteiras ativamente envolvidas em suas carreiras, como a advogada de "Sara", em geral não passavam nem mesmo uma temporada inteira no ar. As redes só pareciam dispostas a suportar mulheres solteiras quando as heroínas estavam confinadas ao lar em papéis dóceis em um mundo estritamente feminino - como as idosas viúvas em "The Golden Girls" ou as decoradoras de "Designing Women", cujo escritório funcionava na casa de uma delas.

A maioria das mulheres solteiras que sobreviveu a essa fase da televisão era de personagens secundárias e moralistas; como Sally Rogers em "The Dick Van Dyke Show", cujas sombrias circunstâncias apenas sublinharam a felicidade da esposa protagonista. Relegadas a papéis incidentais, as solteiras foram reduzidas a dois tipos básicos: a carreirista friamente calculista ou solteironas profundamente deprimidas. Ou elas não tinham emoções ou se sentia um verdadeiro lixo. A carreirista solteira pertencia à ordem inferior das fêmeas. Ela trocou sua humanidade por um contracheque, expurgando de sua vida tanto os homens como os filhos. A mera visão de um bebê podia fazer com que a temperatura já baixa de seus corpos caísse para um frio glacial. "Esses bebês", era o bordão da corretora solteira de "Day by Day" quando uma criança entrava em sua alça de mira. "Insossos e sem graça." A lacrimosa solteirona, por outro lado, desfrutava de um status um pouco melhor na hierarquia do contra-ataque da TV. Ela era menos intimidadora do que sua ambiciosa irmã, estando muito ocupada em enxugar suas lágrimas para tentar cavar essa promoção. Ela era digna de nossa pena, o programa sugeria - embora não de nosso respeito.

O colapso mental da mulher solteira foi uma preocupação até mesmo de programas de qualidade superior, como "The Days and Nights of Molly Dodd", onde a protagonista divorciada de 34 anos perdeu não apenas o marido, mas incontáveis oportunidades de emprego, namorados, amigas de infância e o próprio psicanalista. Bastaram apenas seis episódios para que tivesse uma crise nervosa.

O vice-presidente sênior da NBC Entertainment, Warren Littlefield, disse à imprensa que, com "Molly Dodd, o "objetivo" da rede era fazer um programa que "falasse da vida real de uma mulher solteira". Mas, na imaginação dos programadores do fim dos anos 80, a única solteira "real" é a que tem problemas. No caso de Molly, o desequilíbrio mental é sua personalidade. "Criei uma personagem neurótica", disse a produtora executiva Jay Tarses, "porque não queria que ela fosse meiga." Tarses poderia ter criado outros traços para dar sabor a sua personagem.

É claro que mulheres solteiras como Molly existem na vida real e sua personagem teria sido irrepreensível em um universo de personagens femi-

ninas mais saudáveis - dentro do qual houvesse mulheres solteiras com diferentes problemas e ao menos algumas cujos atributos admiráveis superassem os seus defeitos. Mas como uma das poucas mulheres solteiras a terem seu próprio programa no fim da década de 1980, a rabugenta Molly terminou servindo como um arquétipo - e endossando os estereótipos que os demais programas estavam inculcando. E talvez fosse essa a intenção de sua criadora: "Eu nunca entendi o objetivo do movimento das mulheres... Todos os movimentos que um homem fizesse poderiam ser questionados pelas feministas. Não vejo por que razão eu tinha que andar pisando em ovos. Ainda hoje não entendo qual é o 'x' da questão. Nenhuma porta parecia fechada para mim."

THIRTYSOMETHING: RUGAS E DESGASTES PROVOCADOS PELO ESTRESSE

Se todos os programas sobre as mulheres da década de 1980 fossem reunidos e colocados em uma máquina de roteiros de televisão, o resultado poderia ser "thirtysomething", o "realista drama contemporâneo" sobre a febre dos bebês que foi um estrondoso sucesso na ABC. As questões discutidas nesse programa exibido no horário nobre, lançado com grande estardalhaço no outono de 87, foram a gravidez, cursos para gestantes, falta de homens e relógio biológico. Um dos episódios, que tinha como tema o divórcio sem culpa, mais parece ter saído do livro *The Divorce Revolution*, de Lore Weitzman. Nele, uma advogada arrogante insiste para que o marido em processo de separação use a nova lei para vender a casa na qual moram a esposa e os seus filhos. A insensível advogada é, logicamente, uma mulher solteira para a qual existe apenas a sua carreira.

Os criadores de "thirtysomething" posicionaram o programa como uma série de TV de pessoas que pensam. Mas, como uma típica história alienada, os seus roteiros evitam qualquer análise social ou política e no lugar dela inculcam uma série de conceitos moralistas no seu público. As histórias exemplares eram, seguindo uma velha tradição da mídia, voltadas exclusivamente para o público feminino. A boa mãe, Hope Steadman, vivia dentro de uma aura de bondade e flutuava pela cozinha enquanto dava de mamar. Por outro lado, as carrancudas solteiras ligavam suas trompas estereis e giravam em torno da felicidade doméstica de Steadman; como as solteiras do artigo do *New York Times*, elas "se debatiam contra o vazio". Os roteiros conciliavam semões semanais com diálogos aparentemente progressistas porém vazios e uma postura irônica que negava a responsabilidade pela mensagem que veiculava. As personagens debochavam das imagens domésticas da televisão dos anos 50 para em seguida se renderem alegremente a elas.

Enquanto a imprensa recebia "Roseanne" com suspeita e piadas maldosas, estendeu um tapete vermelho para "thirtysomething". Os programas de

entrevistas convocaram Mel Harris, a atriz que interpretava a boa esposa Hope, para falar sobre maternidade para o público. Os psicanalistas sacudiram "thirtysomething" na mídia e inundaram as redes com pedidos de episódios gravados a fim de poderem "prescrevê-los" para os pacientes. O programa recebeu o prêmio anual da Associação Americana de Psicólogos por estimular "a noção de inconsciente". (A reação entusiasmada também estava eivada de interesses comerciais. Como relatou um professor em *Redbook*, uma pesquisa que ele realizou mostrou que, depois de verem "thirtysomething", os telespectadores se sentiam mais propensos "a fazer terapia".) Os pastores usaram o programa para aconselhar as solteiras nos sermões dominicais. As empresas especializadas em casamento ofereceram eventos baseados em episódios de "thirtysomething". Até mesmo George Bush se referiu ao programa em um discurso de campanha.

Apesar de toda essa excitação, o programa nunca ultrapassou a marca de 25 pontos nos índices de audiência - e foi caindo dia a dia já na sua primeira temporada. Mas esse foi um caso em que os anunciantes pouco se incomodaram com a queda do público. Eles estavam dispostos a ignorar esse esvaziamento porque, segundo entendiam, o programa obtinha altos índices de audiência no chamado "público A-B" - termo usado pelo setor de televisão para os telespectadores de alta renda e a estratégia que o setor empregava para alcançar uma pequena fatia de mercado. A maioria dos telespectadores de "thirtysomething" tinha uma renda anual de US\$60 mil - e, melhor ainda, mais da metade dele tinha um filho com menos de três anos. Logo, as empresas cuja imagem estava associada ao contra-ataque passaram a investir no seriado. Os criadores de um comercial da Canada Dry apresentando casais esperando um filho disseram que a mensagem fazia uma referência ao programa. Como a agência de propaganda detectou a "tendência" de volta para a casa do consumidor americano? "Vendo o programa 'thirtysomething', disse Marcia Grace, diretora de criação do anúncio em Wells Rich Greene. "Esse foi o nosso ponto de partida."

Em "thirtysomething", vê-se na tela um completo panteão das mulheres do contra-ataque - da bem-aventurada mãe dedicada aos afazeres domésticos à solteirona neurótica, passando pela mulher solteira que trabalha fora e vive deprimida. O programa bebe inclusive no movimento das mulheres: a personagem mais chata é uma feminista.

Quando os produtores Ed Zwick e Marshall Herskovitz criaram o programa piloto, traçaram pequenas biografias de cada personagem. Para os homens, eles escreveram objetivos profissionais, *hobbies* e convicções. Para Hope Steadman, escreveram o seguinte: "Hope é casada com Michael."

"Sinto-me culpada", suspira Hope para suas amigas solteiras, "por ter uma vida tão plena." Eis o seu maior problema: ela descobre que sua casa apresenta altos índices de contaminação de radônio. Seu momento mais tris-

te: Michael esquece de reservar a mesa para um jantar e o filme que queriam ver está com a lotação esgotada. "Michael", diz-lhe ela, "a noite passada foi o pior sábado da minha vida!"

Uma grande "empreendedora", segundo a sua biografia, Hope trocou as suas ambições profissionais por uma feliz vida familiar. Essa era a escolha certa, a série martela aos telespectadores episódio após episódio. Quando Michael, um executivo do ramo publicitário, se vê diante de pequenos problemas financeiros, Hope se pergunta se deve voltar ao trabalho. "A responsabilidade de ganhar dinheiro é minha agora", assegura-lhe o marido. De qualquer forma, o que seria de Janey, a filha de dois anos do casal? "Você a ama. Você não quer voltar a trabalhar agora." Aparentemente, não é possível trabalhar e amar os filhos ao mesmo tempo.

Hope reafirma a sua opção pela maternidade em um episódio-chave, "Weaning", no qual reassume o emprego em tempo integral no setor de pesquisas de uma revista. Ela se vê assoberbada com as enormes responsabilidades de confirmar a veracidade dos fatos sobre os quais os redatores escrevem; nós a vemos trabalhando até as três horas da madrugada noite após noite.

- Nós costumávamos estar fazendo sexo a essa hora - resmunga o marido.
- Não vai ser sempre assim - desculpa-se ela.
- Vai sim, se não piorar - diz-lhe ele.

Hope tem medo de que ele esteja com a razão. E faz a seguinte confidência a uma amiga:

- A única coisa que tenho certeza de que consegui foi ficar exausta.

No trabalho, Hope se encontra com uma ambiciosa mulher solteira cujo grande objetivo do momento é roubar o emprego de Hope. Hope pergunta se ela quer ter filhos.

- Não sei - responde bruscamente a mulher. - Primeiro eu gostaria de alcançar meus objetivos... Ou seja, nem tempo eu tenho para um relacionamento neste momento.

Foi o bastante. Hope sai correndo do escritório para os braços de Michael, seu marido. Chegou nos seus limites, diz-lhe ela entre lágrimas.

-Pensei que conseguiria fazer as duas coisas. Sempre me disseram que isso era possível.

Com um sorriso matreiro, Michael confessa que, embora soubesse que essa idéia era "careta", preferia que ela ficasse em casa. Permissão dada, Hope corre na direção de casa, coloca Janey no braço e rodopiam pelo quarto da criança. Van Morrison canta "She's an angel" enquanto os créditos são apresentados.

Liberty Godshall escreveu o episódio "Weaning"; ela é a mulher de um dos criadores do programa, Ed Zwick. Uma ex-atriz com discreta participa-

ção em programas de televisão, dentre os quais estava "As panteras" Godshall sentia-se cada vez mais frustrada com o fato de ter que sempre interpretar o papel de "loura burra" e enveredou para o jornalismo. Em seguida, teve um filho e, como Hope, parou de trabalhar.

Ao escrever "Weaning", Godshall diz que seu objetivo era aconselhar as mulheres a ficarem em casa enquanto seus filhos fossem pequenos. Na verdade, diz Godshall, o episódio terminou não deixando a sua tese tão clara quanto desejava. "Queria fazer uma celebração da vida doméstica." Um dia nos escritórios de produção de "thirtysomething" em Studio City, ela e o marido explicam o processo de criação desse episódio:

Godshall: "Queria dizer às mulheres que não façam essa experiência - a não ser que realmente precisem ou realmente, mas realmente desejem. Porque o sucesso pode ser alcançado, mas o fracasso e a culpa caminham lado a lado com ele."

Zwick: "O que eu adorei nesse episódio é que ele foi escrito com o fundo do coração... Com os hormônios. O que mais me agradou foi a verdade que ele tentara passar... Essa é uma geração de mulheres que, na adolescência, cruzou com Germaine Greer e Betty Friedan, de quem ouviram 'não, não, errado, errado. O caminho é este. Vire tudo de cabeça para baixo'. 'Tudo bem', elas disseram, e foram à luta. E o que elas descobriram no próprio exercício da maternidade é que existe uma forte ligação biológica, que, no entanto, não é apenas biológica, que vai muito além de qualquer política e qualquer retórica."

Godshall: "Não existe nada mais difícil no mundo do que educar uma criança."

Zwick: "Os dias que passei inteiros ao lado de meu filho..."

Godshall (olhando para ele): "Que não foram tantos assim."

Zwick: "Bem, era mais comum eu ficar com ele durante períodos de quatro horas para que ela pudesse dar uma espairecida."

Godshall: "Meio a meio, eu me lembro desse conceito. Acreditava nele antes de ter o meu filho. Mas não acho mais que ele seja viável..."

Para Melissa, a batalhadora fotógrafa free-lance solteira de "thirtysomething", não existem papéis instantâneos - apenas neurose e a constante lembrança de que, como ela diz, "meu relógio biológico [está] perto de pifar". Melissa é a versão melosa da solteirona da década de 1980 - mais digna de pena, e portanto mais merecedora de nosso afeto do que a sua irmã solteira carreirista.

Na maior parte do tempo, Melissa lamenta por seu útero não fecundado. "Eu quero este bebê", geme Melissa quando está na presença de Jaxy.

"Como é que eu posso ter um filho?" Logo depois, ela se apaixonou por um ginecologista, mas, como eleja tem um filho e não deseja ter outro, ela o dispensa. "Enquanto eu marco touca, os meus óvulos estão indo embora", diz ela. Mais tarde, ela chama o solteirão Gary para fazer um filho nela sem o menor compromisso, mas ele não aceita a proposta. Nesse meio tempo, ela tem um pesadelo no qual participa da gincana "relógio biológico", perdendo para um adversário que trapaceia.

Por incrível que pareça, os criadores do programa tinham sido ainda mais radicais ao conceber originalmente essa personagem. A atriz Melanie Mayron, que interpretava Melissa, lembra-se de que, durante o processo de testes para o papel, os produtores explicaram a personagem da seguinte maneira: "A única descrição que temos dela é de que está louca para arrumar um homem." Mayron perguntou qual o tipo de trabalho que a personagem tinha. "Ninguém sabia. Uma mulher solteira com trinta e tantos anos louca para arrumar um homem? Dá um tempo. Isso é coisa de menina de 20 anos. Quando chega aos 30, você já tem uma profissão, tem que pagar suas próprias contas; você tem mais coisas a fazer do que ler os anúncios amorosos todos os dias."

Mayron teve o saque da carreira de fotógrafa e insistiu para que a personagem tivesse mais realizações no campo pessoal e menos aflições mentais. "Sinto-me ofendida com a mensagem de que, só porque você é uma mulher solteira, deve ser uma pobre coitada", disse Mayron, ela própria uma solteira. "Não é assim que acontece comigo ou com minhas amigas."

Pelo menos Melissa se tornou merecedora de alguma simpatia. Esse não é o caso de Ellyn, a solteira para a qual só existe a carreira. Como a única preocupação que tem é o emprego que tem na prefeitura, ela simplesmente ignora a possibilidade de ter uma vida amorosa. Em sua biografia, os criadores do programa a descreveram como "uma mulher que trabalha fora e está ascendendo profissionalmente na mesma proporção que sua vida sexual está decaindo". Como Melissa, inicialmente ela não passava de uma caricatura, cujos traços só foram suavizados por causa dos insistentes apelos da atriz Polly Draper, que interpretou Ellyn. Draper se lembra de que durante o processo de testes para o papel, os produtores "descreveram [Ellyn] como o tipo de pessoa que é tão irritante que você seria capaz de sair da sala só porque ela entrou".

No programa, Ellyn leva o que a própria personagem descreve como "esta falsa existência alugada"; seu apartamento faz com que o bairro da mulher solteira de *Atração fatal* pareça um lugar onde só mora família.

-Tudo aqui é alugado - diz Ellyn a respeito do que a cerca. - Tudo mesmo. O sofá. Os artesanatos. Até o saleiro.

Sua profissão deixa-lhe um tempo muito pequeno para que vá às com-

pras - e nenhum para algum tipo de relacionamento. Ela está há 15 meses sem fazer sexo.

- Entre o trabalho... e essa ginástica - diz ela - não dá tempo para ter um relacionamento.

Quando aparece um homem interessado, ela mal suporta.

- Estou deixando o trabalho de lado - resmunga ela. Quando ele diz que a ama, ela responde rispidamente:

- Não sei lidar com isso.

Por outro lado, sua vida profissional não lhe parece das mais excitantes.

- Cara, estou cansada - diz Ellyn para Hope. - Todo santo dia fico no escritório até 10 da noite. Olha só as minhas olheiras.

- Como é que está o seu estômago? - pergunta a serena Hope enquanto balança o seu bebê.

- Terrível - murmura Ellyn. - Estresse. Estresse total.

Quando o filho de Hope começa a choramingar, Ellyn pergunta com o seu jeito nem um pouco maternal:

- Ela não vai parar de chorar?

Liberty Godshall pesou na mão ao criar a desagradável personalidade de Ellyn. "É isso mesmo, a Ellyn é uma mala", diz ela, rindo. "Na verdade, ela ia ser pior. Chegamos a cogitar a idéia de fazê-la uma drogada." Liberty pensou em "Addicted" como a música tema de Ellyn. Outro destino que ela e o marido analisaram com seriedade para a velha carreirista: uma crise nervosa. Finalmente, como explica Zwick, optaram por "um acontecimento muito mais sofisticado". Ellyn desenvolve uma úlcera, tem uma hemorragia e termina no hospital. O namorado dá-lhe um pé na bunda logo em seguida. "Você é uma egoísta autodestrutiva", diz ele. "Tenho pena de você." Na última cena, Ellyn está de volta para a casa da família, deitada na cama na qual dormiu durante a infância, cercada por bichinhos de pelúcia. Seu lado feminino desperta e ela toma a atitude cabível para uma "mulher": pega o telefone e liga para um psiquiatra.

É difícil imaginar um retrato menos dramático de uma mulher solteira, mas, no segundo ano, "thirtysomething" conseguiu ir ainda mais longe: Susannah, a feminista mal-humorada. Susannah é uma ativista social que trabalha no centro comunitário do gueto da cidade, atendendo homens sem-teto e esposas espancadas. Embora o seu trabalho não tenha nada de egoísta, o programa consegue fazer dela uma militante fria e rígida, que nem amigos é capaz de fazer. Nenhuma das pessoas que freqüenta os Steadman gosta dela. Elas fazem piada com sua independência "excessiva" e sua retrógrada militância política. Até a angelical Hope tira um sarro de Susannah.

Finalmente, a megera feminista é domesticada pelo solteirão do Gary. Quando ele a engravida, ela se vê disposta a fazer um aborto de qualquer maneira. Mas ao chegar na clínica toca o despertador do seu relógio biológi-

co. "Eu estou sempre adiando as coisas", confessa ela a Gary, entre lágrimas. "Não posso mais fazer planos para o futuro." Ele vence e ela tem o filho.

"Quando você olha para as personagens desse programa", observa Ann Hamilton, uma das redatoras de "thirtysomething", "tem a impressão de que todas as solteiras são infelizes. Você vê essas mulheres e roga a 'Deus para nunca ficar solteira'... Quando penso seriamente na seriedade com que as pessoas estão levando esse programa, fico assustada". Nas reuniões de planejamento de produção, Hamilton mostrou-se contrária ao episódio "Weaning". Grávida na época, ela não tinha a menor vontade de se afastar do trabalho depois do parto. "Me senti mal com a mensagem daquele episódio. Era como se eu estivesse assumindo que 'sou uma má mãe porque ia voltar para o trabalho'." Também deixou-a com raiva o fato de o subtexto do programa estar endossando a posição servil das esposas. "Tive a impressão de que Hope estava tomando a decisão que Michael queria que ela tomasse."

As atrizes de "thirtysomething" também se sentiam constrangidas com o tratamento que o programa dispensava às mães que trabalham fora. Afinal de contas, elas estavam colocando os seus pimpolhos na creche para poderem participar de um programa que exaltava as donas-de-casa. (A produtora do programa, como a maioria esmagadora dos estúdios de Hollywood, não tem creche.) Mel Harris, que interpretava Hope, estava voltando a trabalhar nove meses depois de ter um bebê. "Acho que sou uma mãe melhor e uma pessoa melhor porque trabalho", disse ela. Patricia Wettig, que interpretava Nancy, a outra mãe dona-de-casa do programa, tem uma profissão, um casamento e filhos. (Ela é casada com o ator que interpretava o marido de Hope, Michael.) "Do meu ponto de vista", diz ela, "as três coisas são extremamente importantes e não estou disposta a abdicar de nenhuma delas." No seriado, quando Nancy pensa em trabalhar como ilustradora de livros infantis, é castigada pelo destino com um câncer nos ovários - tornando-se, como colocou Wettig, "rainha por um dia".

Até mesmo as mulheres que assistiam ao programa se sentiam incomodadas com a sua atitude. Henry Schafer, vice-presidente de pesquisa de mercado da ABC, fez uma pesquisa com o público de "thirtysomething" que teve como "uma das descobertas-chave" que as mulheres que acompanhavam o seriado não queriam que Hope ficasse em casa. "Elas disseram que Hope devia sair de casa e entrar em outras arenas". Fizemos abordagens diferentes. Em uma delas, Hope fazia trabalho voluntário e, na outra, arrumava um emprego real. Ganhou o emprego."

As atrizes e os telespectadores do programa não queriam uma apologia à mãe em tempo integral, apenas os seus criadores, todos eles homens. Esses homens se sentiam ameaçados pelo movimento das mulheres e pelas consequências dele em suas vidas. "Acho que essa é uma época terrível para ser homem, talvez a pior época da história", disse Marshall Herskovitz, um dos

criadores de "thirtysomething", a uma revista masculina. "Os homens vêm ao mundo com alguns imperativos biológicos", disse ele, que achava não ter mais os "canais aceitáveis" para expressar essas necessidades. "A masculinidade foi desvalorizada nos últimos anos e hoje em dia não tem muito peso."

Com a capacidade de se sacrificar em nome do marido e dos filhos novamente em alta para as mulheres, seria apenas uma questão de tempo os produtores de TV ressuscitarem no sentido literal da frase "Queen for a Day". Esse famoso programa de perguntas e respostas da década de 1950, no qual as mulheres disputavam o título de a dona-de-casa que mais se dedicava à família, voltou a despertar o interesse da Fries Distribution, que anunciou o lançamento do programa "atualizado" em 1988. Como o retorno de "Angels" de Spelling, esse *revival* foi apresentado como um programa para as mulheres. O "All New Queen for a Day" será "um programa que mudou com o tempo", anunciou a divulgadora de Fries, Janet Katelman.

No formato da década de 1950 cada chorosa participante era uma santa, cada uma apresentava sua capacidade de abnegação e a platéia escolhia a história mais comovente. A feliz ganhadora levava um prêmio para casa - geralmente uma máquina de lavar ou um refrigerador. No piloto da década de 1980, as três participantes selecionadas para o novo programa tinham as seguintes características: uma é vítima de queimaduras, a outra tem uma filha que foi assassinada por uma gangue de rua e a terceira é uma mulher sem filhos que recorreu à adoção. E como no antigo programa, as mulheres desfiariam seu rosário de sofrimentos diante da platéia que escolheria a mais dramática delas. Como se pode dizer que o novo "Queen for a Day" "mudou com o tempo?" "Todas as mulheres ganharão um prêmio", explicou Katelman. "Dessa vez, não haverá perdedoras." Nenhuma, ou seja, desde que você exclua dessa contabilidade os milhares de telespectadoras - diante de outra imagem distorcida de si mesmas no espelho da TV do backlash.

Vestindo as bonecas: O backlash na moda

Dez dias depois da crise que no dia 19 de outubro de 1987 quase levou à bancarrota a bolsa de valores de Nova York, o estilista francês Christian Lacroix lançou a coleção "Luxe" em uma badalada festa em Wall Street. O cenário, adequado para um evento *pós-crash*, foi o andar térreo do World Financial Center. Quando os corretores subiram as escadas rolantes, rosadas modelos com cruzes em torno do pescoço desciam na direção da entrada do prédio, seus corpos em forma de cabide vergando sob o peso de quase 10 quilos de cinolina e tafetá. Os empertigados peitos de "Maria, Mounia, Verônica e Katoucha" ostentavam enormes rosas; abaixo da cintura, começava uma saia-balão cuja forma lembrava a de uma abóbora. Três camadas de anquinhas tornavam as suas nádegas maiores. Essas eram roupas, segundo Lacroix, para mulheres que gostam de se "vestir como meninas". O preço das peças de Lacroix, no entanto, não tinha nada de infantil; algumas delas chegavam a custar US\$45 mil - uma das roupas mais caras produzidas em Paris.

Quando as luzes finalmente foram acesas, os jornalistas que trabalham com moda levantaram-se de suas cadeiras para se deslumbrarem com o espetáculo a que foram apresentados. Aplausos ensurdecedores foram dirigidos para o "Messias" da costura, como a imprensa especializada o batizou no ano anterior, quando ele apresentou sua primeira linha "Baby-Doll" em Paris. Enquanto uma queima de fogos promovida pela Revlon saudava o salvador da moda, os endinheirados convidados tomaram a direção do átrio do Jardim de Inverno, onde fizeram uma refeição cuja taxa de adesão foi de US\$500. Lá, cercados por 3 mil velas, os grandes nomes da indústria da moda fizeram elogiosos comentários a uma estratégica distância dos editores: as visionárias saias de Lacroix tinham uma aura de "independência e sensibilidade"; era como estar em uma "sala repleta de Picassos", como disse um estilista para o *New York Times*.

As roupas da coleção foram expostas na Bergdorf Goodman e, com Lacroix à mão para dar autógrafos, 79 socialites correram para a loja, que faturou US\$330 mil em apenas dois dias. Pode-se atribuir ao Messias a criação do visual High Femininity - ou frufu, como observadores menos reverentes cunharam a súbita guinada do mundo *fashion* para os babados e as anáguas na primavera de 1987. Pelo menos o mercado se comportou como se essa

tendência fosse definitiva. Depois que a "moda fantasia" que Lacroix lançou em julho de 1986 em Paris recebeu rasgados elogios da *Women's Wear Daily*, 21 das 24 casas de moda se apressaram em criar sua própria versão da High Femininity; os estilistas começaram a promover "a idéia de mulheres vestidas como bonecas"; as lojas encomendaram grandes estoques de punês, minissaias, vestidos de festa e longos que estreitavam a cintura de modo significativo. E a mídia comprou a idéia, promovendo o "visual vamp" e declarando 1987 "o Ano do Vestido". Mas todo esse alarde de nada adiantou. Nessa primavera, as mulheres pararam de comprá-lo.

Na verdade, o apelo messiânico de Lacroix foi uma grande ameaça; no fim da década de 1980, só a intervenção divina seria capaz de ressuscitar o mercado da moda para as mulheres. A Segunda-feira Negra, que arrefeceu o entusiasmo de uma época marcada pela ostentação, foi apenas o golpe de misericórdia em uma indústria ameaçada pela competição externa, excesso de fusões de empresas endividadas, encarecimento da matéria-prima e pela queda da cotação do dólar no mercado internacional - e, para acabar de completar, a rejeição das mulheres americanas.

O chamado furor feminino para consumir roupas perdeu a força durante um tempo. Entre 1980 e 1986, período em que as mulheres estavam consumindo mais casas, carros, jantares em restaurantes e planos de saúde, elas compraram menos peças de roupa - de vestidos a lingerie. A instabilidade econômica teve a sua importância, mas a maioria das mulheres parecia não ter mais o antigo prazer de comprar roupas. Uma determinada pesquisa revelou que mais de 80% das entrevistadas disseram que odiavam tal hábito, o dobro da década anterior.

Ao longo de toda a década, o mercado da moda tentou fazer frente à redução do mercado consumidor inflacionando o preço das roupas. Mas quanto mais as lojas aumentavam os seus produtos, menos mulheres pareciam dispostas a enfrentar a fila da caixa registradora. Em 1987, no ano da High Femininity, os preços chegaram a subir 30%. As mulheres davam um olhar na conta bancária e outra nos salgados preços cobrados pelos vestidos - e fugiam das lojas. Nesse ano, mesmo com a alta dos preços compensando a queda nas vendas, o mercado de roupas femininas registrou a primeira queda de faturamento da década. No chamado Ano do Vestido, as vendas desse item do vestuário caíram 4%. Mesmo no pico das compras natalinas, o mercado de roupas registrou quedas; tal fato não ocorrera nem mesmo na recessão de 1982. E esse foi um fenômeno restrito ao sexo feminino. Na verdade, as vendas de roupas masculinas registraram um crescimento de 2,1% nesse mesmo ano.

A "revolta contra a moda" e a "rebelião contra a carestia", expressões cunhadas pela mídia para analisar o que as mulheres fizeram no ano de 1987, quase dizimaram a indústria da moda. E quanto mais os vendedores de ves-

tido tentavam impor babados a suas desconfiadas consumidoras, menores eram as margens de lucro. Na primavera de 1988, depois de outra temporada de grande agitação, as saias-balão e minis e outro aumento de 40%, as ações das lojas de roupas despencaram e o seu faturamento trimestral caiu de 50 a 75%. As lojas de departamentos - responsáveis por 75% das vendas de roupas - perderam milhares de dólares. No segundo trimestre de 1988, a indústria de roupas estava vendendo cerca de US\$4 bilhões a menos do que no período imediatamente anterior ao lançamento da High Femininity.

40 Talvez os estilistas já esperassem por isso. Eles estavam investindo em vestidos de "garotinhas" e "silhuetas esbeltas" em uma época em que a mulher americana média tinha 32 anos, pesava cerca de 65 quilos e usava manequim ou 42. Menos de um quarto das mulheres americanas tinha mais de 1,78m ou usava um modelo inferior a 44 - mas 95% das modas eram criadas com base nessas especificações. De todas as modas repletas de babados e com um visual "retro" lançadas em 1987, apenas uma realmente pegou: o peplo, uma camada de tecido extra que caía da cintura e deixava os quadris mais largos.

Como é que a indústria poderia cometer um erro dessa natureza? Um ano depois, o economista Joseph Ellis, analista de vendas da Goldman Sachs, escreveu, no artigo "Queda na venda de roupas femininas: Por quê?", que os dados demográficos "detectaram, há anos, um grande envelhecimento da população". No entanto, os estilistas, fabricantes e lojas caminharam "exatamente na direção contrária". Benevolente, Ellis concluiu que a indústria não fez as pesquisas referentes às tendências de consumo adequadas.

Mas o mundo da moda não precisava de um homem de marketing para saber que os filhos do *baby-boom* estavam envelhecendo. A explosão de babados em 1987 não resultou apenas de um erro de interpretação: ela foi uma deflagração de antigas frustrações e ressentimentos com os cada vez mais independentes hábitos de compra da mulher moderna. "Quem se importa com as mulheres americanas?", desdenhou um estilista francês enquanto conversava com John Molloy, autor de *Dress for Success*, durante sua peregrinação pelas casas de moda em meados da década de 1980. "Elas não fazem mais o que dizem para elas. A gente diz como devem se vestir, mas elas simplesmente não ouvem." Ou como se queixaria Lacroix: "Com o movimento de liberação das mulheres dos anos 60 e 70, as mulheres deixaram de dar importância à moda", e foram tantas as mulheres de posses que abandonaram a alta costura que "só restaram como clientes as princesas árabes e senhoras da nobreza européia". A High Femininity foi uma tentativa de conquistar a atenção das mulheres liberadas com um backlash. Como explicou Arnold Scaasi, um dos mentores da High Femininity, a nova tendência da moda "é uma reação ao movimento feminista, que foi uma espécie de guerra".

A missão de Lacroix e seus amigos estilistas era ganhar essa guerra, fazer com que as mulheres "ouvissem" e conquistá-las, às vezes literalmen-

te. Em um desfile de Lacroix, o estilista puxou uma modelo vestida de "vaqueira" pelo arceios. Não bastava que as mulheres comprassem mais roupas. Os estilistas queriam assumir o controle das "mulheres da moda", coral cunhou o Conselho de Estilistas de Moda dos Estados Unidos, na homenagem que fez a Lacroix em 1987.

O que aconteceu em 1987 aconteceu antes, de modo praticamente idêntico, na guerra da moda de 1947. As mulheres que tinham descoberto as calças, os sapatos de salto baixo e suéteres largos durante a Segunda Guerra Mundial não estavam dispostas a desistir desses trajes com a chegada da paz. A indústria da moda registrou uma "assustadora queda", como a *Time* descreveu na época, com as encomendas despencando cerca de 60%. E as mulheres chegaram a se rebelar quando o estilista francês Christian Dior lançou a coleção "New Look" - que na verdade não passava de uma volta ao visual que marcou a era vitoriana -, apresentando anáguas de crinolina estufando a parte de trás das saias, apertadas cintas e longas saias em forma de balão. Mais de 300 mil mulheres juntaram-se ao "Little Below the Knee Clubs" para protestar contra o New Look e, quando Neiman Marcus deu a Dior o seu prêmio anual, as mulheres se reuniram do lado de fora do prédio ostentando cartazes nos quais se liam os seguintes dizeres: ABAIXO O NEW LOOK e vaiaram os homens que acreditavam que cinturas com mais de 40cm era "repulsivo" em uma mulher. "Faça com que o *new look* de hoje se torne o *look* esquecido de amanhã", proclamou a advogada trabalhista Anna Rosenberg, cujos sentimentos eram compartilhados por um grande número de mulheres. Em uma pesquisa feita no verão daquele ano, a grande maioria das mulheres protestou contra o estilo Dior.

As declarações das mulheres, no entanto, apenas reforçaram o desejo do estilista de silenciá-las. "As mulheres que mais gritam", retaliou Dior, "são as que logo estarão usando os vestidos mais longos... Ninguém pode lutar contra a moda." No fim dos anos 40, depois de uma campanha promocional ao longo de dois anos junto às lojas e à imprensa especializada, Dior foi declarado vencedor da guerra. As mulheres tinham aderido ao New Look, que, no entanto, tinha sofrido algumas alterações. E elas estavam obedecendo à ordem de Dior, usando cintas capazes de diminuir sua cintura em cinco centímetros; na verdade, as vendas de cintas que estreitavam em até sete centímetros já estavam registrando um faturamento de US\$6 milhões.

Em todos os períodos de backlash, a indústria da moda contra-atacava produzindo roupas punitivamente restritivas e a imprensa ligada à moda exigia que as mulheres as usassem. "Se você quiser uma garota doce e com gestos e sentimentos femininos, aperte-a bem direitinho", aconselhava um dos muitos testemunhos masculinos para a cinta na rediviva imprensa vitoriana. Na última metade do século XIX, os fabricantes de roupa criaram vestidos cujos corpetes eram cada vez mais apertados, com enormes anquinhas. E

pela via da ridicularização a imprensa esmagou com eficácia uma campanha em prol de uma reforma nas roupas femininas no sentido de deixá-las mais confortáveis e esportivas. A influente *Godey's Ladys Book* desdenhou dessa "roupa larga e ridícula", chamando as pessoas que a defendiam de "deformadores" de roupa.

Quando a indústria da moda voltou a publicar ordens-unidas, seus divulgadores avançaram uma linha promocional que minimizou a importância do seu objetivo opressor e assumiu ares de estar defendendo as necessidades das mulheres. Como os outros colaboradores da cultura do contra-ataque, os vendedores de moda prenderam-se à idéia de que as mulheres contemporâneas padecem de um excesso de igualdade que estaria consumindo toda a sua feminilidade. Em termos de moda, o argumento do contra-ataque ganhou a seguinte configuração: a liberação das mulheres negou-lhes o "direito" a uma roupa feminina; os uniformes usados na década de 1970 roubaram o espírito feminino. "Muitas mulheres levaram esse visual às últimas conseqüências e deixaram de ser atraentes", disse o estilista Bob Mackie. "Provavelmente, pelo menos do ponto de vista psicológico, tal atitude comprometeu a feminilidade delas. Você vê um sem-número de mulheres assim em Nova York, andando pela Wall Street." As mulheres perceberam que estão "começando a perder alguns dos seus atributos femininos", disse o estilista Arnold Scaasi. "As mulheres agora estão batalhando por sua própria individualidade" - para terem o direito de "voltar para casa e se embonecar".

Em seu desespero, a indústria começou a entrar em contradição com as tradições consagradas pelo tempo. Os promotores da moda sempre cantaram em verso e prosa que a feminilidade é "eterna", faz parte da natureza da mulher; ao mesmo tempo, no entanto, eles estavam dizendo às mulheres que o simples uso de um determinado tipo de roupa poderia obliterar essa atemporal essência feminina. Essa se tornou a política, apregoada pelo mercado de roupas em geral, seja por quem estivesse vendendo pufes ou calças compridas. "Estávamos usando simples pedaços de pano, não sabíamos mais qual era a nossa identidade!", gritou Karen Bromley, porta-voz do Conselho de Moda íntima. "Estamos enfrentando uma crise de identidade e estamos nos vestindo como homens."

Mas a única "crise de identidade" com que as mulheres se defrontaram foi quando olharam para dentro dos seus armários e viram o que a indústria da moda tentou incutir-lhes ao longo dos anos 80. Os fabricantes de roupa tinham uma boa razão para tentar induzir essa ansiedade: a insegurança pessoal é a grande força motriz do consumo. Wells Rich Greene, que coordenou um dos maiores estudos sobre os hábitos de compra das mulheres no início da década de 1980, percebeu que quanto mais seguras e independentes eram as mulheres, menos propensas ao consumo elas se viam; e quanto mais elas

gostavam do trabalho que faziam, menos elas ligavam para as roupas que usavam. A agência detectou apenas três grupos de mulheres que eram leais seguidoras da moda: as muito jovens, as muito sociais e as muito ansiosas.

Embora o marketing da indústria da moda ajudasse a provocar e a agravar a ansiedade decorrente da chegada da maturidade nas filhas do *baby-boom* com sua incansável promoção de modas "jovens", os profissionais dessa área não estavam dispostos a assumir a responsabilidade pelo problema que estavam criando com a sua pregação. Em vez disso, eles acusaram o culpado de sempre - o feminismo. O movimento das mulheres, insistiram os jornalistas ligados à moda, gerou a "crise de identidade" no que diz respeito à roupa que elas passaram a usar - pois teria inventado a ideologia "vestida para o sucesso" e a teria imposto às mulheres. Essa foi uma acusação que se encaixou muito bem com as convenções criadas ao longo dessa década sobre as mulheres, que a imprensa se incumbiu alegremente de divulgar. Mas esse não passou de um outro mito criado pelo backlash, o contra-ataque antifeminista. Depois de queimarem os sutiãs em praça pública, as líderes feministas levaram a pecha de se vestirem com pedaços de pano.

DAS ROUPAS VELHAS USADAS PELAS DONAS-DE-CASA AOS TERNINHOS DE FLANELA CINZA

"Você deve se vestir como se estivesse trabalhando, não como se estivesse se divertindo", instruiu o presidente da Henri Bendel às suas leitoras em um artigo publicado em 1978 na *Harper's Bazaar* cujo título era "Roupa e autoconfiança", que, como era bastante comum na época, aconselhava as mulheres a se vestirem de modo a projetar "confiança" e "autoridade". "Vista-se para o trabalho que você deseja ter", aconselhou *Mademoiselle* a suas leitoras na edição de setembro de 1977. "A roupa, assim como as empresas, tem uma hierarquia." Na edição de setembro de 1979, a matéria de capa foi um "Guia de Como Vestir-se para o Sucesso", que promovia os terninhos de flanela cinza e blazers de tweed para a "mulher que está fazendo alguma coisa da vida". O terninho, que a mídia decretou como moda no fim da década de 1970, era a expressão ideal das mulheres que estavam em ascensão econômica ou que tivessem aspirações políticas.

As publicações dedicadas à moda assimilaram essas idéias não do movimento das mulheres, mas dos textos de um consultor de moda. *The Woman's Dress for Success Book*, de John T. Molloy, logo chegou às listas dos livros mais vendidos, lançado em 1977, nas quais permaneceu por mais de cinco meses. O livro oferecia dicas simples sobre moda para mulheres de negócios, trilhando o mesmo caminho do seu primeiro trabalho, *Dress for Success*, no qual deu dicas de roupa para os homens. O livro anterior, publicado em 1975, também foi um grande sucesso de vendas. Mas quando os

editores de moda se voltaram contra a ideologia do "vestida para o sucesso" na década seguinte, direcionaram sua verbosidade belicosa especificamente contra o livro dedicado às mulheres.

Ex-professor de inglês de uma escola preparatória, Molloy começou a se dedicar à moda que as mulheres de negócios deviam seguir, por uma questão exclusivamente econômica, em meados da década de 1970. Empresas como a AT&T e U.S. Steel, que estavam sendo pressionadas pelo governo federal para investir na contratação de mulheres, estavam financiando pesquisas e seminários que as transformassem em empregadoras que proporcionavam oportunidades iguais para todos. Ao contrário dos estilistas da High Femininity, que determinaram as tendências da moda com base na sua "sensibilidade", Molloy entrevistou centenas de pessoas que integravam a força de trabalho real. Ele chegou a mandar seus assistentes verem como se vestiam os homens e as mulheres que trabalhavam nas grandes empresas americanas e, depois de um estudo de quatro anos, convocou centenas de mulheres de negócios para acompanhar as mudanças no modo de vestir e nas carreiras que abraçaram.

Com base nos resultados da pesquisa, Molloy detectou um número significativo de mulheres que andavam de terninho e se sentiam tratadas como executivas e achavam que sua autoridade era menos contestada pelos homens. Por outro lado, a roupa mais sensual, tanto no homem como na mulher, diminuía o status de ambos dentro do ambiente de trabalho. "A roupa que se usa para obter sucesso nos negócios e a roupa que se usa para se tornar sexualmente atraente são quase que mutuamente excludentes."

Os motivos de Molloy eram basicamente comerciais, mas seu livro tinha um subtexto político, já que se tratava de uma cartilha para pessoas dos estratos sociais mais baixos ou que conheceram na própria pele a discriminação sexual. Ele mesmo uma criança de classe média baixa, Molloy escreveu tendo em vista leitores com a mesma origem social, os *self-made men* "cujos pais nunca freqüentaram uma universidade" e que estão lutando para "superar barreiras socioeconômicas no momento em que escolhem suas roupas". O autor também estava preocupado com as expectativas de ascensão social das mulheres - e insistiu para que elas acreditassem mais no cérebro do que no corpo para melhorar o seu padrão de vida. "Muitas mulheres", escreveu, "ainda se apegam à crença, consciente ou inconsciente, de que a única forma feminina de competição é se apresentar como um objeto sexual e que manter-se atualizada com as tendências da moda é um dos melhores meios de que dispõem para vencer. Não é."

Quando o livro para mulheres de Molloy se tornou um *best-seller* na década de 1970, os editores correram para publicar três desmentidos na imprensa. As grandes lojas invocaram o nome de Molloy e anunciaram, na maioria das vezes fazendo propaganda enganosa, que o guru da moda tinha selecionado

pessoalmente a sua linha feminina de roupas profissionais. A *Newsweek* declarou que a onda do "vestida para o sucesso" era uma tendência. E nos três anos seguintes, as revistas femininas reciclaram uma série de reportagens de moda que endossavam não apenas os terninhos, mas as ambições que elas representavam - com manchetes como O ARMÁRIO DO SUCESSO! e O QUE VESTIR QUANDO VOCÊ ESTÁ NO COMANDO DA REUNIÃO. A princípio, os criadores de moda também deram as boas-vindas à onda do "vestida para o sucesso". Eles publicaram novos anúncios fazendo loas às aspirações profissionais das mulheres - com a ressalva, é claro, de que elas só podiam alcançar esses objetivos em um terninho. Os fabricantes de roupa visualizaram a exploração de um novo mercado, até então virgem. "O sucesso dos terninhos deixou a indústria da moda em êxtase", observou a *Newsweek* em 1979. Eles tinham uma boa razão para pensar dessa forma: as vendas de terninhos para mulheres cresceram mais de 100% em apenas um ano.

Mas no seu entusiasmo a indústria da moda subestimou a conclusão do livro de Molloy: a onda do "vestida para o sucesso" poderia poupar dinheiro das mulheres e libertá-las do status de vítimas da moda. Os terninhos não estavam sujeitos a súbitas guinadas na moda e as mulheres poderiam usar (assim como os homens) o mesmo terninho vários dias seguidos, mudando apenas a blusa e os acessórios - o que seria mais econômico do que comprar um vestido para cada dia da semana. Uma vez que as mulheres fizessem o investimento inicial em alguns terninhos, poderiam dar um tempo das lojas.

Entre 1980 e 1987, as vendas anuais subiram 6 milhões de unidades, enquanto os vestidos caíram 29 milhões de unidades. O faturamento de US\$600 milhões com os terninhos nesses anos foi ótimo - mas jamais compensaria os bilhões de dólares que o setor poderia ter faturado com a venda de vestidos. As coisas ficaram ainda pior quando os fabricantes promoveram um aumento nos terninhos que produziam para compensar o prejuízo - e as mulheres começaram a comprar terninhos mais baratos de fabricantes estrangeiros. Entre 1981 e 1986, as importações de terninhos para mulheres praticamente triplicaram.

"Quando esse uniforme for aceito por um grande número de mulheres de negócios", previu o livro de Molloy, "ele será atacado ferozmente." A indústria da moda, alertou o consultor, pode sumir com os terninhos das prateleiras: "Eles verão essa roupa como uma ameaça ao domínio que exercem sobre as mulheres. E estarão com a razão."

RÉQUIEM PARA A PEQUENA GRAVATA-BORBOLETA

Em 1986, os fabricantes de roupa dos Estados Unidos reduziram a produção de terninhos para mulheres em 40%; no ano seguinte, a produção caiu mais 40%. Diversos grandes fabricantes de ternos chegaram a interromper as

suas linhas femininas. Essa súbita debacle não foi inspirada pela falta de demanda: em 1986, as compras de terninhos e blazers feitas por mulheres saltaram 5,3%. E essa redução não atingiu ambos os sexos. Nos mesmos dois anos, a produção de ternos masculinos permaneceu no mesmo patamar.

Em pouco tempo as lojas de departamentos começaram a desativar os setores de roupas para executivos que tinham aberto para as mulheres de negócios no fim da década de 1970. A Marshall's fechou o departamento batizado como Carcers; a Carson Pirie Scott fechou a divisão Corporate Leveí, especializada em moda feminina; Neiman Marcus retirou todos os terninhos de muitas de suas lojas. A Paul Harris Stores trocou a venda de roupas para mulheres executivas por minissaias (e teve uma perda imediata de US\$5,6 milhões). E a Alcott & Andrews, a loja que se autodenominou a Brooks Brothers das mulheres ao ser inaugurada em 1984, começou a oferecer vistosos vestidos. Quando Molloy visitou sua loja de Nova York em 1987, não encontrou um só terninho. (Dois anos mais tarde, a Alcott & Andrews abriu falência.)

Os editores de moda enterraram o conceito de "vestida para o sucesso" com o mesmo entusiasmo com que o haviam louvado. "Adeus às gravatas-borboletas", vaticinou *Mademoiselle* em um artigo de 1987 com o seguinte título: "A morte do vestida para o sucesso." Esse foi um dos numerosos obituários publicados na mídia, entre eles "A morte do estúpido terninho azul" e "Finalmente, o uniforme da submissão foi aposentado". Como sugere essa última manchete (do *Chicago Tribune*), esses artigos agora estavam propondo que os terninhos executivos, ao contrário do status de executivo, representavam a maior ameaça para as oportunidades reivindicadas pelas mulheres. Como explicou um consultor de moda em um artigo sobre o mesmo tema publicado no *Los Angeles Times*, "o terninho mostra que você não é bem-sucedido porque não tem a liberdade de se vestir, o que significa que não dispõe de poder algum". De acordo com a teoria da moda da década de 1980, a escravidão ocultava-se na gravata-borboleta - embora não nos apertados corpetes lançados logo a seguir.

Para ser completa, a cruzada contra a moda do "vestida para o sucesso" precisava de um vilão. John Molloy foi a escolha óbvia. As publicações dedicadas à moda logo aplicaram três penas a ele: ele foi acusado de promover "a pavorosa gravata-borboleta", impor "o tedioso terno azul da marinha" e fazer com que as mulheres parecessem "imitação de homens". Quando o seu livro foi lançado, Molloy tornou-se tão popular que os jornais disputaram aos tapas o direito de publicar a sua coluna, a "Making It". Mas com o nome de Molloy na lista negra da moda, os jornais cancelaram os contratos que mantinham com ele. Um grande jornal diário, o primeiro a sugerir a Molloy a publicação de uma coluna, deu a seguinte explicação para suspendê-la: "O pessoal da moda vai vetá-la."

As acusações contra Molloy foram forjadas. Na verdade, o livro de Molloy jamais mencionou a gravata-borboleta; quando o livro foi lançado, ela sequer estava disponível no mercado. Seu livro não sugeriu paletós da marinha; ele recomendou a cor cinza, que no seu entender transmitia mais autoridade. E uma seção inteira do livro foi especificamente dedicada a ensinar à mulher como *não* se vestir como uma "imitação de homem". *Dress for Success* sequer propôs o uso exclusivo de terninhos, como afirmaram muitas reportagens; ele sugeriu que as mulheres diversificassem as roupas que usavam no trabalho com blazers, saias justas e vestidos. Os editores de moda estavam atacando a própria versão que criaram para a onda do "vestida para o sucesso", não a de Molloy, bem menos rígida que a deles. Como o próprio Molloy afirmou, uma esperta indústria de roupas pode ter tirado partido de sua fórmula. "Meu livro recomendou uma grande variedade de estilos", disse ele. "Minha prescrição não tinha nada de estreita. Foi a indústria da moda que reduziu as escolhas das mulheres. Eles se tornaram seus próprios inimigos."

LACROIX: O BOBO DA CORTE QUE SE TORNARIA REI

Com os terninhos retirados das prateleiras e a deposição de Molloy, a indústria da moda articulou-se no sentido de empossar Lacroix como o "Rei da Alta Costura", um pretensioso título, compatível com as obsessões da moda em relação a classe. Enquanto Molloy falava para a classe média, Lacroix voltava-se apenas para a elite. Sua preocupação era com uma classe de pessoas que não tinha que se vestir para o sucesso. Sua clientela feminina, as ornamentais senhoras da alta sociedade americana, já desfrutava do status de classe superior - através de casamentos ou heranças, não de um contracheque semanal.

A preocupação de Lacroix com as pessoas da classe alta ajustava-se perfeitamente com a política de vendas das lojas da década. No equivalente da moda ao "público A" da televisão, inúmeras lojas voltaram suas costas para as mulheres de classe média e cortejaram apenas as clientes "privilegiadas", como eufemisticamente chamavam as pessoas ricas. Em vez de oferecer uma série de opções de roupas e preços competitivos, elas começaram a se preocupar apenas com os gostos e as rendas das mulheres mais afluentes. Em vez de atender às necessidades de muitas mulheres trabalhadoras, elas promoviam festas de gala e sofisticados chás e caríssimos tratamentos de beleza para umas poucas ~~dan-~~docas. "Há alguns anos, tomamos uma decisão consciente de transformar a nossa loja em um ponto de vendas de produtos de qualidade superior, direcionados para um público mais refinado", explicou Harold Nelson, gerente-geral da loja de Washington da Neiman Marcus, onde, em 1988, 90% das roupas eram produzidas por nomes ligados à alta costura. "Aos poucos, tiramos de nossas prateleiras todas as mercadorias de preços intermediários."

A moda de Lacroix atendia plenamente aos anseios da época. Ele procurou inspiração no passado - "amo muito mais o passado do que o futuro" - e principalmente nos guarda-roupas do período vitoriano e do pós-guerra. Em 1982, como estilista-chefe da Casa de Patou, ele já havia tentado reintroduzir, é verdade que sem sucesso, as anquinhas. ("As anquinhas realçam a silhueta de um modo que me agrada bastante", explicou depois.) Nos três anos subsequentes, fez cinco desfiles, todos eles com as mesmas inclinações "retro"; como diria mais tarde a respeito desse período, sofreu bastante "por ser considerado o bobo da corte da alta costura". No entanto, sua adesão a esses estilos mais "femininos" remonta a sua infância, quando, lembrou-se depois, contemplava admirado as revistas de moda do período vitoriano, onde as mulheres em seus corpetes faziam com que sonhasse ser o novo Dior do mundo, uma aspiração que em determinada noite ele anunciou na mesa de jantar da família. Quando finalmente chegasse à idade adulta, realizaria essa fantasia. Ele marcou a grande inauguração da Casa de Lacroix para o mesmo dia em que a Casa de Dior completava o seu quadragésimo aniversário.

Embora as publicações dedicadas à moda, é claro, declarem suas "tendências" bem antes de elas chegarem ao consumidor, no caso de Lacroix, o principal jornal dessa indústria, o *Women's Wear Daily*, levaria suas previsões a um novo paroxismo. Ele declarou que a primeira linha "baby-doll" de Lacroix faria sucesso dois dias *antes* de o estilista apresentá-la ao público, no desfile que promoveu em Paris em julho de 1986. Como ficou comprovado, o público feminino não ficou muito impressionado com a investida da "moda fantasia" na passarela por Lacroix e seus estilistas. Como observou o *Women's Wear Daily*, com mais irritação do que inspiração, a reação das mulheres na plateia "pareceu fria"; e mesmo quando um dos estilistas fez "um convite para uma forma menos pomposa de se vestir", as dondocas da primeira fila "não conseguiram dar a devida atenção". Mas a fria recepção das dondocas não desestimulou a revista, que no dia seguinte saudou Lacroix e a High Femininity com outra matéria de capa. MODA ENLOUQUECE, anunciava a capa da revista, com um fervor auto-induzido. Lacroix "devolveu à mulher o direito de se chocar, se divertir e ousar".

Mas Lacroix estava oferecendo às mulheres a possibilidade de se divertirem ou estava ele se divertindo à custa delas? Suas modelos foram para a passarela com orelhas de burro, com coleiras em volta do pescoço, cones de papelão fixados nos peitos, rosas posicionadas de modo a brotarem como um rizo e bandejas anexadas à cabeça - o último toque sugerindo exatamente o contrário, ou seja, cabeças de mulher servidas na bandeja. Em seguida, ele as expulsou ao som de músicas cujas letras eram mais ou menos assim: "Na estação / de manhã cedo / veja as gorduchas / todas na fila." O *Women's Wear Daily* não celebrou a High Femininity de Lacroix porque ela dava às mulheres o direito de se divertirem, mas porque as apresentava como saudáveis

jovens, prontas e dispostas a serem capturadas. John Fairchild, o editor da revista e o lendário "imperador da moda", disse que o que ele realmente adorava nos longos de Lacroix é que "você pode vê-los no meio de campos de alfazema vestidos por alegres virgens que não desejam ser virgens".

Com o respaldo de Fairchild, Lacroix tinha a certeza de que seria bajulado pelo restante do mundo da moda. Em julho do ano seguinte, três meses antes do *crash* da Bolsa de Nova York, ele mostrou a primeira coleção com a sua assinatura em um desfile em Paris, "aplaudido calorosamente" pelos jornalistas e vendedores de moda. Em seguida, os executivos das grandes lojas deram bombásticas declarações à imprensa. "Ela mudará todo o guarda-roupa da mulher", previu o presidente da Martha's. "Uma das mais brilhantes afirmações pessoais que já vi nas passarelas", afirmou o vice-presidente da Bloomingdale's. "Ele nos deu o que estávamos procurando", afirmou o presidente da Bergdorf Goodman, na mais cândida das declarações feitas à mídia. Munidos dessa forma, os mais influentes editores de moda correram para espalhar as "novas". Hebe Dorsey, do *International Herald Tribune*, correu para o telefone público mais próximo para dizer a seus editores que tinha nas mãos a matéria de capa da próxima edição. No dia seguinte, o colunista de moda do *New York Times*, Bernadine Morris, incluiu o nome de Lacroix no "hall da fama da moda", declarando que, "como Christian Dior há exatos 40 anos, ele fez renascer uma instituição falida".

O resto da imprensa não demorou a aderir à nova onda. *Time* e *Newsweek* produziram entusiasmadas reportagens de tendências. *People* celebrou as "folias" de Lacroix e o "fuzuê que ele causou". E a ênfase que os órgãos de comunicação de massa deram a Lacroix envolveu não apenas suas roupas hiperfemininas, mas o culto de sua personalidade masculina. Lacroix, cujo guarda-roupa é composto de roupas de Ralph Lauren, estava ansioso para criar uma imagem de homem forte: "Pessoas primitivas, sol e muito exercício", disse ele à imprensa, "é assim que vivo na minha vida real." As reportagens sobre Lacroix vinham embaladas com alusões positivas a suas másculas inclinações para vaqueiros e toureiros. A *Time* ofereceu seu tributo de um crítico da moda: "Ele parece com Brando; ele é felino, lembra uma pantera. Sua sensualidade parece inesgotável." Sua arrogância, e o entusiasmo com que a mídia a recebeu, confirmou a verdadeira "crise" por trás do contra-ataque - não a preocupação com o fato de o profissionalismo e a independência das mulheres estarem tirando a feminilidade delas, mas o medo com a perda da masculinidade dos homens. A preocupação com o eclipse do macho se fazia sentir de modo mais agudo no mundo da moda, onde na década de 1980 a percepção da contaminação da cultura gay na indústria colidiu com a homofobia e a crescente ansiedade provocada pela AIDS.

Com a coroação de Lacroix como o rei da alta costura, os estilistas rivais começaram uma feroz disputa para ascender ao trono. De Emanuel Ungaro a

Karl Lagerfeld, eles enfeitaram com um número cada vez maior de camadas de babado e rechearam as saias com anquinhas cada vez maiores. Se a High Femininity tinha a finalidade de acentuar as curvas femininas, suas frenéticas excrecências barrocas só conseguiram obscurecer a figura da mulher. Mal se podia ver a forma do corpo por trás dos babados e arranjos florais. As ombreiras presentes na moda "vestida para o sucesso" eram insignificantes apêndices quando comparadas às rosas de cetim que Ungaro anexou às ombreiras de seus vestidos de noite.

Embora algumas dezenas de milionárias americanas tivessem comprado os vestidos da coleção Luxe que Lacroix lançou em 1987, o estilista estava ansioso para lançar sua marca no mercado, muito maior, de roupas pré-fabricadas. O último esforço que fizera nesse sentido, em 1984, quando ainda trabalhava para a Patou, foi um verdadeiro fiasco, pois o custo dos seus projetos se mostrou muito alto para que a indústria pudesse levá-lo para uma linha de montagem. Dessa vez, ele usou uma estratégia mais eficaz para chegar ao mercado. Primeiro, na primavera de 1988, suas roupas fizeram uma "excursão" por três lojas de elite, a Martha's, Bergdorf Goodman e Saks Fifth Avenue. Em seguida, no outono desse mesmo ano, atormentando as mulheres com sua moda provocante, sua exposição percorreu todo o país.

Em maio de 1988, apareceram grandes anúncios no *Washington Post*, cortesia da Saks Fifth Avenue, dando as boas-vindas à chegada do desfile de Lacroix à cidade - e aconselhando as mulheres a correrem e fazerem suas encomendas antes do corre-corre.

Nesse outono, a coleção de roupas *prêt-à-porter* de Lacroix chegou na Saks. Um mês depois, etiquetas com descontos foram penduradas nas mangas das roupas. As lojas de departamentos, da Nordstrom à Dayton Hudson, baixavam os preços das roupas de Lacroix a cada nova temporada. "Precisamos escolher uma roupa mais adequada às mulheres norte-americanas", explicou um porta-voz da Nordstrom. E quando o *Women's Wear Daily* fez uma pesquisa junto às lojas de departamentos, Lacroix figurava entre as que menos venderam. Em 1989, a casa de Lacroix registrou um prejuízo de US\$3 milhões.

BABADOS NO TRABALHO

Talvez os pufes de Lacroix não tivessem seduzido as consumidoras de alto poder aquisitivo que freqüentam os desfiles da alta moda, mas o mercado de roupas (fabricantes e varejistas) ainda assim desejava atrair a mulher média com a moda da High Femininity. Com esse objetivo, a Bullock's converteu 60% de suas roupas femininas em um "visual anos 50" na primavera

de 1987. E mesmo os estilistas mais progressistas, como Donna Karan começaram a acompanhar a tendência retro imposta pela alta costura. "O mercado passou a dizer à mulher que não havia problema em mostrar o *tumbum*", disse ela ao *New York Times*.

Para que a High Femininity se impusesse no mercado de roupas *prêt-à-porter*, as mulheres trabalhadoras tinham que aceitar o visual - e usá-lo no escritório. Os fabricantes de roupa poderiam desenhar todos os vestidos de noite que desejassem; isso não alteraria o fato de que a vasta maioria de compras de roupas femininas tinha como finalidade vestir a mulher no trabalho. Em 1987, por exemplo, mais de 70% das saias compradas destinavam-se a guarda-roupas profissionais. A imposição do estilo "baby-doll" a mulheres profissionais também teria que ser uma manobra mais hábil do que vendê-las para socialites. Não apenas os estilistas tinham que convencer as mulheres de que os babados eram apropriados para o ambiente profissional, a persuasão tinha que ser mais sutil; imposições autoritárias não funcionariam nas mulheres profissionais, para as quais a moda não tinha a mesma importância. Os estilistas e os lojistas tinham que apresentar o novo visual como a "escolha" da mulher que trabalha fora.

"Isso não tem nada a ver com imposição de estilistas", proclamou Calvin Klein ao lançar outra coleção de minissaias. "Nós nos baseamos no desejo das mulheres. Elas estão prontas." "As mulheres mais velhas agora querem parecer mais sensuais no ambiente de trabalho", insistiu o chefe da Comptonix, um fabricante de roupas de Los Angeles. "Elas querem que os homens olhem para elas como mulheres. Veja primeiro as minhas pernas, não a minha competência." Uma a uma, as autoridades no mundo da moda se renderam a essa nova moda. "As mulheres gostam de mostrar as suas pernas", afirmou o estilista Bill Blass. "Elas querem ser mulheres novamente", entoa o estilista Dik Brandsma. A única voz discordante foi a do veterano estilista John Weitz, que disse que era o *Women's Wear Daily*, não as mulheres, que estava exigindo vestidos femininos. "As mulheres não mudam nada, apenas a imprensa", disse ele, chamando a High Femininity de "um descarrilamento temporário, baseado na insegurança generalizada". "Mais cedo ou mais tarde, ela acabará e as mulheres voltarão a se comportar como seres humanos decisivos, em vez de picolés." Na época, Weitz podia se dar ao luxo de ser franco, ele ganhava dinheiro desenhando roupas masculinas.

Baseando-se nos estilistas, os lojistas desfraldaram o mesmo argumento de vendas de "escolha" - e o associaram a argumentos, frases e imagens aparentemente feministas. Na verdade, essas roupas armadas e pouco confortáveis eram um sinal do avanço das mulheres. Como explicou um divulgador da Alcott & Andrews, "a mulher evoluiu a um ponto tal que pode usar qualquer coisa no escritório que afirme sua feminilidade".

A imprensa ligada à moda também entrou em cena e as mesmas publica-

ções que tinham obrigado as mulheres profissionais a vestir terninhos se quisessem ser levadas a sério agora começaram a estampar manchetes como estas: ROUPAS ATRAENTES À VISTA e O NOVO VISUAL DO SUCESSO: JOVEM E À VONTADE A *Savvy* afirmou que as mulheres trabalhadoras "vestidas para o poder" na década de 1980 significavam apenas "o poder da flor" - ornamente a cintura com imitações de camélia de US\$150 -, aconselhou a revista a suas leitoras, "se tiver a intenção de fazer uma declaração digna de um executivo". As mulheres poderiam vencer mais *rapidamente* se aparecessem no trabalho vestidas em anáguas de crinolina; INFORMALIDADE A SERVIÇO DO SUCESSO, foi assim que os editores de moda do *Los Angeles Times* chamaram essa moda. As publicações ligadas à moda recorreram a argumentos pseudofeministas para impor roupas pré-adolescentes: mulheres devem vestir babados infantilóides, diziam, como um emblema da liberação do longo - como uma espécie de insígnia da vitória feminista. Atirando para todos os lados, os editores de moda chegaram a invocar um estudo sobre o casamento de Harvard-Yale. "Falta de homens? Que falta de homens?" A *Mademoiselle* defendeu em seu editorial os pufes e as minissaias. "Você se manterá na moda até o próximo mês de julho se usar um desses decotes ultrasensuais."

Mas as mulheres não estavam comprando, independentemente do argumento usado pelos promotores da moda. Uma pesquisa realizada em 1988 pelo *New York Times/CBS News* detectou que apenas um quarto das mulheres adultas disse que tinha vestido uma saia acima do joelho e mesmo assim apenas uma vez no ano anterior. Algumas mulheres estavam se tornando tão exasperadas em sua resistência quanto as militantes anti-Dior da geração anterior. "Usarei saias-calças quando os homens forem de macacão para o trabalho", declarou a colunista Kathleen Fury na *Working Woman*. Nina Totenberg, repórter da editoria de justiça da National Public Radio, exortou as ouvintes: "Batam pé. Não comprem. E a mini morrerá."

Os lojistas, com milhões de dólares em minissaias encalhadas, estavam prestes a se render. A minissaia provocou uma grande "confusão" no mercado de roupas femininas, desabafou o porta-voz da Liz Claiborne Inc. "Não vemos nenhum sinal de que essa confusão vai passar logo." Mas os estilistas da alta costura - que fazem muito mais dinheiro licenciando seus nomes do que com as vendas reais das roupas que desenham - podiam se dar ao luxo de prosseguir a campanha. Foi assim que, quando os grandes compradores foram ver a moda que os estilistas estavam preparando para a temporada de 1988, surpreenderam-se ao descobrir uma nova leva de estilos cheios de babados e corpetes.

"Creio que de fato essa seja uma tendência", declarou Yvette Crosby, diretora de moda da California Mart, na Market Week de 1988 em Los Angeles, enquanto distribuía as cópias do "Relatório de tendências" da temporada. "É um visual mais romântico e vitoriano, e eu realmente acredito que seja adequado para essa temporada", acrescentou. Ela está usando um terninho.

Os editores e compradores superlotam o auditório da Mart para a apresentação da manhã, cujo título é "Thirty Something". As notas do programa advertem que essas roupas são desenhadas para "mulheres trabalhadoras contemporâneas" - um lembrete necessário, a propósito. Enquanto as modelos desfilam com até cinco rodas de babados, enormes fitas pendendo das ancas e dos ombros, é fácil esquecer que essa é uma roupa a ser usada no horário comercial. Para criar algo que lembrasse um ambiente de trabalho, um estilista municiou suas modelos com pastas. As empertigadas jovens desciam a passarela sobre sapatos de salto alto, as mãos protegidas em delicadas luvas brancas. As pastas são carregadas como se fossem cestas Easter, superleves; elas estão, afinal de contas, vazias.

Por fim, as modelos vão para os bastidores e os compradores das grandes lojas são conduzidos para o andar superior, onde estão montados os estandes de vendas. No *showroom* da Bob Mallard, o maior estande de vendas da feira, os vendedores aguardam com uma mistura de ansiedade e esperança. Mallard, que entrou no mercado na década de 1950 como um fabricante de roupas no Bronx, analisa os prospectos com determinada resignação: ele tem o rosto marcado de um caejado boxeador.

"No ano passado, a minissaia foi um desastre", disse ele. "O frufu também não caiu no gosto do público. As mulheres ainda querem vestir terninhos. Eles ainda são os puxadores de vendas." Mas ele sabe que suas observações não vão surtir o menor efeito nas casas de alta costura. "O estilista comum vai para a biblioteca e olha as fotos em um livro de ilustrações. Talvez a sua única preocupação seja se o vestido vai cair bem no manequim na vitrine. Não acredito que eles se dêem ao trabalho de conversar com uma mulher sobre o assunto. A mulher é a última a saber."

Nos desfiles realizados no verão de 1988 anunciando a moda do próximo outono, os estilistas fizeram poucas concessões - adicionando calças sociais e saias mais longas a suas coleções -, mas essas saias eram tão apertadas que as modelos mal podiam atravessar a passarela. Jean-Paul Gaultier mostrou calças e blazers - que no entanto eram *collants* de Lycra e uniformes colegiais. Pierre Cardin produziu agasalhos tipo capa tão justos que até a página de modas do *New York Times* o considerou "alarmante, pois as modelos mal podiam mexer os braços". As saias de Romeo Gigli eram maiores, mas muito apertadas e as modelos tiveram dificuldade de atravessar a

passarela com elas. Uma de suas modelos enfrentou também o constrangimento de ter sido presa a cordas de veludo, no estilo camisa-de-força.

Um ano depois, até as concessões foram para o belaléu - já que os estilistas voltaram a vestir as mulheres com minissaias curtíssimas, espartilhos sufocantes, enormes decotes e *chiffon* transparente. O característico bom "humor" de Lacroix retornou para as passarelas: as modelos usaram roupas modeladas com base nos ternos usados pelos palhaços, jaquetas de "bobo da corte", "peitorais" moldados e paletós de tira fina em tecido, com um braço e um ombro rasgado em tiras. Em 1990, Valentino estava impondo "baby-dolls", Gianni Versace estava lançando "saías que mal cobriam o bumbum" e a coleção de Lacroix estava oferecendo macacões de pára-quadristas com espartilhos com ouro incrustado.

Como os fabricantes de roupa não conseguiam fazer com que as mulheres se interessassem em usar pufes, tentaram impor outra moda, dessa vez com pretensões mais modestas. A questão era, mais do que o conteúdo do estilo, sua imposição. Havia uma razão para que os seus desenhos continuassem a explorar o infantilismo feminino, apesar dos inúmeros relatórios frisando a idade avançada das consumidoras desse mercado: a minimização da fama feminina pode ser um meio pelo qual os estilistas poderiam maximizar sua autoridade sobre ela. As mulheres que andam com passinhos miúdos levando consigo um ursinho de pelúcia - como muitas delas fizeram nas passarelas da década de 1980 - é uma criança que obedece a ordens. A mulher que atravessa a passarela ao som de "Father Figure", música de George Michael, a mais executada nas passarelas no ano de 1988, é uma filha que vive os pais mais velhos. As mulheres modernas dos Estados Unidos "não se basearão mais no que os outros lhe dizem", protestou o estilista a Molloy. Mas talvez elas o fizessem - desde que começassem a se ver como filhinhas do papai.

FEMINILIDADE, SEGREDO

"Alguma noite mágica, você verá um estranho..." A música ecoou no MK Club e os compradores e editores de moda, que estavam bebericando há mais de uma hora, se acalmaram quando luzes rosadas inundaram o palco. Entraram em cena seis modelos usando apenas calcinhas e sutiãs de seda, criando um clima onírico. Uma a uma, caíram no diva vitoriano colocado no centro do palco. As frágeis mulheres - "Sophia", "Desiree" e "Amapola" - escovavam languidamente suas tranças com antigas escovas de prata, parando de vez em quando para levar lassas mãos às sobrancelhas, como se essa pequena coqueteria desse um pouco de maturidade a suas delicadas constituições.

A nota para a imprensa apresentou o evento como o "lançamento da coleção" de lingerie de Bob Mackie. Na verdade, o estilista de Hollywood

(autor de *Dressing for Glamour*) lançara uma linha quase idêntica dez anos antes. Ela fracassou em poucas semanas - mas as mulheres do fim dos anos 80, acreditava Mackie, eram diferentes. "Eu percebo a mudança", afirma Mackie. "As mulheres agora querem lingerie muito feminina."

Mackie se inspirou não nas mulheres, mas na indústria de lingerie do fim da década, que dizia estar no meio de uma "explosão da moda íntima". Como sempre, isso era um slogan, não uma tendência social. Frustrado com as baixas vendas, o Conselho de Moda íntima - formado por homens fabricantes de roupa íntima - criou uma comissão especial de relações públicas em 1987. Sua missão: estimular a "excitação".

O conselho lançou uma nota para a imprensa anunciando a "volta do decote" e que de uma hora para outra o busto médio da mulher tinha crescido de tamanho. "Bustiês, espartilhos, corpetes, calçolas e anáguas" - afirmava a nota - não somente estavam sendo "aceitos" pelas mulheres, como também representam uma "declaração de estilo". Uma pesquisa, feita a um custo de US\$10 mil, levantou informações para o conselho sobre as preferências do mercado - fabricantes e compradores das grandes lojas. Nenhuma mulher foi consultada. "Não é que não estivéssemos interessados nelas", explicou Karen Bromley, porta-voz do conselho. "O problema é que tínhamos uma verba limitada para a nossa pesquisa."

Antecipando-se à Explosão da Moda Íntima, os fabricantes aumentaram a produção de roupas íntimas, colocando-a no patamar mais alto dos últimos anos. Em 1987, mesmo ano em que a indústria da moda reduziu drasticamente a produção de terninhos para mulheres, ela dobrou a produção de ligas. Mais uma vez, o mercado estava tentando conquistar a faixa mais privilegiada de consumidores; em um ano, a indústria praticamente triplicou o volume de encomendas de lingeries sensuais. Simultaneamente, a Du Pont, maior fabricante de tecidos para roupas íntimas, começou um "programa de treinamento" em escala nacional, que incluía "vídeos de treinamento" em lojas, cartazes exibidos em área de prova e etiquetas especiais nas roupas que ensinavam às mulheres as virtudes das cintas-ligas (ou "modeladores de corpo", como elas passaram a ser chamadas, roupas que dão às mulheres uma "sensação de controle"). Mais uma vez, a regressão da moda foi vendida como uma transgressão feminista. "As mulheres fizeram uma longa travessia desde a década de 1960", exultava o material de vendas da Du Pont. "Elas agora estão preocupadas com as roupas de baixo que usam."

As publicações voltadas para a moda, como sempre, foram cúmplices. "As vendas de sutiãs explodiram", anunciou o *New York Daily News*. Sua evidência: a nota divulgada à imprensa pelo Conselho de Moda íntima. Citando uma falsa tendência do contra-ataque para promover outra, o *New York Times* anunciou que as mulheres estavam comprando bustiês de US\$ 375 para usar "durante a gravidez". A matéria de capa de *Life* de junho de

1989 foi dedicada ao centésimo aniversário do sutiã, na qual se insistia, mais uma vez sem dados para provar, que as mulheres estavam investindo ansiosamente em espartilhos e sutiãs criados por estilistas. Em uma entrevista que deu posteriormente, a autora do artigo, Claudia Dowling, admite que ela mesma não tinha aderido à tendência; quando perguntada, ela sequer sabia dizer qual era a marca de sutiã que usava: "Um básico da Warner, eu imagino", disse ela.

Hollywood também correu em socorro da indústria de moda íntima, mostrando cintas-ligas em *Bull Durham*, sutiãs meia-taça em *Ligações perigosas* e um monte de regalias para alegrar a noite das viúvas em *Uma secretária de futuro*. A TV também fez a sua parte, criando personagens que usavam ousados bustiês em seriados como "The Young and the Restless" e "Dinastia".

As revistas de moda trataram a Explosão da Moda Íntima como um símbolo da nova liberdade sexual das mulheres modernas. "A revolução 'sexy' inflama a roupa íntima", anunciou *Body Fashions* na matéria de capa da edição de outubro de 1987. Mas a revista estava certa em colocar a palavra "sexy" entre aspas. A modelo mostrada na capa estava usando um corpete, e a lingerie que usava por baixo dele era típica da era vitoriana. A lingerie do fim da década de 1980 celebrou a repressão, não o florescimento, da sexualidade feminina. A senhora vitoriana ideal para a qual ela tinha sido originalmente criada não devia ter, afinal de contas, libido alguma.

Alguns anos antes da Explosão da Moda Íntima, a cantora pop Madonna ganhou notoriedade usando um bustiê preto como uma blusa. Em sua rebelde sátira ao comportamento feminino, ela ostentou sua sexualidade e transformou a "roupa íntima" em uma explícita afirmação de ironia. Esse não era, no entanto, o tipo de "revolução sexual" que os estilistas tinham em mente. "Essa Madonna parece vulgar", lamentou Bob Mackie. "Sua sexualidade também me parece exagerada. Você não consegue distinguir as prostitutas das colegas." A lingerie que ele sugeria tinha "uma atitude feminina mais recatada".

Os fabricantes de roupa do fim da era vitoriana foram os primeiros a produzir lingeries "femininas" em grande escala, transformando as cintas em "cintas-ligas" e sobrecarregando as mulheres com cerca de seis quilos de anquinhas e anáguas. Foi um sucesso; na virada do século, anunciaram "a grande época das roupas de baixo". Os divulgadores da lingerie dos anos 80 ofereceram várias razões sociológicas para o resgate das roupas de baixo vitorianas, do "retorno do casamento" ao "medo da AIDS" - embora nunca explicassem como as cintas-ligas evitavam a infecção. Mas a verdadeira razão para a renascença vitoriana foi estritamente comercial. "Sempre que o romântico humor vitoriano está na moda, nós melhoramos", explica Peter Velardi, presidente da gigante das lingeries Vanity Fair e membro do comitê executivo do Conselho de Moda íntima.

Na campanha em defesa das roupas de baixo dessa década, a indústria da moda íntima teve como seu principal promotor a Limited, a loja que transformou uma boutique especializada em lingerie da Califórnia chamada Victoria's Secret em uma cadeia nacional com 346 lojas em cinco anos.

Os estilistas da loja Victoria's Secret, uma versão glamourizada de um camarim feminino do século XIX, encheram os pontos de vendas com amálios "antigos" e fotos em tom sépia de noivas e mães. Esse projeto foi rapidamente copiado por outras lojas: "Amanda's Closet" da May, "AmehYs Boutique" da Marshall Field, "Marianne's Boutique" da Belk e "Le Boudoir" da Bullock. Até a Frederick's de Hollywood aderiu à estética vitoriana, substituindo horripilantes perucas por camisolas de renda, pintando suas paredes de rosa e malva e banindo o nu frontal de seus catálogos. "Agora você pode colocar o nosso catálogo na sua mesa de café", disse orgulhosamente George Townson, presidente da Frederick.

A Limited comprou a Victoria's Secret em 1982 do seu criador, Roy Raymond, que abriu a primeira loja em um shopping center de um subúrbio de Paio Alto, Califórnia. Ostentando um mestrado em administração de empresas pela Stanford e antigo homem de marketing da Vicks - onde desenvolveu produtos de pouco sucesso, como uma espuma pós-defecação para ser usada junto com o papel higiênico -, Raymond queria criar uma loja destinada às pessoas do seu sexo. "Parte do jogo era torná-la mais confortável para os homens", disse ele. "Na verdade, eu estava pensando em pessoas como eu." Mas Raymond não queria que suas clientes mulheres pensassem que um homem estava administrando a loja; achava ele que tal descoberta as afugentaria. Foi por essa razão que ele se deu ao trabalho de incluir nos catálogos da loja uma carta pessoal para os assinantes de "Victoria", a suposta proprietária da loja, na qual revelava suas preferências pessoais em relação a lingerie e convidava as leitoras a visitarem "minha boutique". Se as clientes perguntassem pela Sra. Victoria, os vendedores diriam que ela "estava viajando pela Europa". Foi por essa razão que, na mídia, só aparecia a esposa de Raymond.

Raymond optou pelo tema vitoriano tanto porque na época estava reformando a casa em estilo vitoriano que tinha em San Francisco como porque essa lhe parecia "uma época feliz e romântica".

Talvez a era vitoriana não tenha sido o melhor dos tempos para a população feminina, reconhece ele, mas ele criou uma estratégia de marketing para resolver esse problema: as mulheres agora são suficientemente "liberadas" para escolher cintas das quais elas gostem, não os homens.

Em um fim de tarde no verão de 1988, fileiras e mais fileiras de tangas de seda se amontoam, intocadas, na loja Victoria's Secret do Stanford Shopping Center, em Paio Alto. As prateleiras estão repletas de ursinhos de

pelúcia recendendo a flores em minúsculos vestidos de noiva. Com preços que variam de US\$18 a US\$34, essas desejáveis noivas não são exatamente grandes vendedoras; a poeira se acumula nos seus véus. Mas no balcão de ofertas, onde são vendidas as roupas de baixo básicas de algodão, "quatro por US\$16", parece que um ciclone passou por lá.

Perguntadas se estavam ali atrás da lingerie vitoriana, duas clientes dizem que não com a cabeça. Até a gerente Becky Johnson admite que só compra "as boas e velhas calcinhas e sutiãs básicos". Então, quem é que está comprando a porcaria vitoriana cheia de babados? "Os homens", respondeu Johnson.

Embora os homens representem de 30 a 40% dos clientes das lojas Victoria's Secret, são responsáveis por quase metade do volume do faturamento, estimam os gerentes da empresa. "Os homens são ótimos", suspira uma das vendedoras da loja de Stanford. "Não medem esforços para ter o que querem."

Um espécime dessa raça entra na loja justo nesse momento. Jim Draeger, um advogado de 35 anos, ignora o balcão de ofertas e vai diretamente para as prateleiras de bustiê. "Venho aqui desde 1980", diz ele, analisando um corpete de seda. "Esse tipo de roupa torna a mulher mais sensual. A suavidade dela, a qualidade de sua transparência. Só lamento é que a gente não possa comprar na loja a maior parte das peças que vê no catálogo." Ele se decide por uma calcinha altamente sugestiva.

A Explosão da Moda Íntima de 1987 nunca aconteceu. Na verdade, esse ano registrou uma queda de 31 % nas compras de corpetes para mulheres. As mulheres compraram 40 milhões de calcinhas a menos do que no ano anterior e 9 milhões a menos de sutiãs. Em dois anos, as vendas de camisola, combinação e corpetes caíram US\$ 4 milhões. "Para uma parte das mulheres que trabalham fora", diz John Tugman, vice-presidente e gerente-geral de artigos têxteis da MRCA, "as roupas íntimas estão se tornando cada vez mais um item funcional, não um item sexual. As mulheres estão preocupadas com conforto e praticidade."

Se os fabricantes de lingerie tivessem seguido essa tendência real, teriam ganho um bom dinheiro. Essa estratégia comercial ocorreu a uma empresa, a Jockey International, o mais antigo fabricante de roupas íntimas masculinas de qualidade. Em 1982, o novo presidente da Jockey reuniu os principais executivos da empresa e fez uma modesta proposta: e se começassem a vender roupas de baixo para as mulheres, com o mesmo conforto e qualidade das que produzem para os homens? Afinal de contas, frisou ele, durante anos a empresa recebeu numerosas cartas de mulheres fazendo esse tipo de solicitação.

Como lembra Howard Cooley, presidente da Jockey, os veteranos da empresa ficaram horrorizados, ele ia transformar a Jockey em uma "empresa de mulheres", protestaram com veemência. Os executivos da agência de

publicidade que atendia à empresa reagiram com a mesma consternação. "Você vai destruir a sua imagem masculina", disse um deles a Cooley. E quando o presidente da Jockey levou sua proposta para os varejistas, todos se opuseram a ela. As mulheres não comprarão roupa íntima que não seja de seda, disseram-lhe eles, e elas certamente não comprarão calcinhas com a "masculina" etiqueta Jockey na cintura.

Cooley decidiu fazer a experiência de qualquer maneira. Antes de lançar o produto, o departamento de pesquisa de mercado da empresa tomou uma medida realmente inédita - ele solicitou a opinião da própria mulher. Os pesquisadores da Jockey convidaram um grande número de mulheres para experimentar centenas de calcinhas e dizer de quais elas gostavam mais. Os resultados: as mulheres querem roupas de baixo que não saiam do lugar, que não estraguem à medida que são lavadas e que de fato tenham o tamanho prometido na etiqueta.

Em 1983, a empresa lançou a "Jockey for Her" - com uma campanha publicitária apresentando mulheres reais que de fato usavam e gostavam das roupas de baixo, mulheres de variadas profissões, idades e constituições. A marca tornou-se um sucesso imediato; em cinco anos, era a marca mais popular de roupa íntima para mulheres do país, que dominava 40% do mercado, o que é um feito extraordinário.

A Jockey for Her foi imitada por diversos grandes fabricantes de roupas de baixo para homens. Mas, de um modo geral, as empresas que trabalham com moda íntima feminina ignoraram o sucesso da empresa e seguiram em uma direção totalmente oposta. Em vez de confortáveis calcinhas que não saem do lugar, a indústria lançou uma nova roupa íntima - decotadas calcinhas de "couro". E nas raras ocasiões em que as mulheres tiveram uma oportunidade de dialogar com os fabricantes de lingerie, as empresas simplesmente não levaram em consideração os seus comentários. A agência de propaganda da Maidenform, a Levine Huntley Schmidt & Beaver, passou meses entrevistando grupos de mulheres sobre o tema lingerie. "As mulheres disseram que ninguém compreendia as suas necessidades", disse o diretor de criação Jay Taub. "Elas queriam ser tratadas como pessoas reais." Mas na nova campanha publicitária da Maidenform criada com base nessas pesquisas, as únicas "pessoas reais" apresentadas eram celebridades masculinas e as únicas "necessidades" com as quais eles estavam preocupados eram as suas. Como explicou Omar Sharif em um típico anúncio, ele gostava de lingerie porque "ela mostra o que você sente por mim".

GUESS E O ANO DO BUMBUM

Em geral, os esforços empreendidos pelos criadores de moda para recuperar o controle da consumidora feminina independente foram velados,

escondidos por trás de uma lisonjeira e silenciosa reverência a essa nova e feminina mulher da moda. Mas essa adoração estava reservada para as mulheres que respeitassem as regras do contra-ataque, aceitando o papel de garotas submissas ou virtuosas senhoras vitorianas. Para as mulheres menos flexíveis, outra mensagem da moda começou a emergir - anunciando os indícios de disciplina.

A mulher abatida, amarrada ou imobilizada tornou-se um lugar-comum dos anúncios de moda e fotos publicadas nas revistas de moda do fim dos anos 80. Nas vitrines das grandes lojas de departamentos, manequins femininos estavam sendo repentinamente apresentados como desfalecidas conquistas de homens vestidos de couro e como corpos amontoados em latas de lixo. Na *Vogue*, uma matéria cujo título era "Prazeres ocultos" apresentava um modelo com os olhos vendados e presa pela cinta-liga, outra mulher com pernas amarradas e uma terceira mulher com os braços e o torso nu envoltos em tiras de couro. Outra grande atração oferecida insistentemente pelas revistas de moda eram mulheres com camisas-de-força, puxadas pela gola e embrulhadas, nuas, em um saco de lixo de plástico. Anúncios de moda com o mesmo conteúdo perverso proliferaram: uma mulher deitada em uma mesa de passar ferro com um homem que engomava o seu entrepernas (Esprit); uma mulher em uma camisa-de-força (Seruchi); uma mulher pendurada pelas pernas, como se fosse uma galinha em um açougue (Cotler's - "para a posição certa", dizia o texto do anúncio); uma mulher nocauteada no chão, com a blusa aberta à força (Foxy Lady); e uma mulher em um caixão (Michael Mann).

A garota com o bumbum levantado para a câmara, como se estivesse pronta para levar uma palmada, era uma das imagens favoritas - como costumava acontecer no século anterior, na arte popular e nas caricaturas vitorianas. No fim da década de 1980, os anúncios mostrando a mulher de costas eram tão comuns que chegaram a merecer editoriais; um colunista chegou a se perguntar se 1987 devia ser chamado de "O ano do bumbum". Em dezenas de campanhas anunciando produtos da moda, dos vestidos Gitano aos jeans Driver, passando pelos sapatos Famolare, o foco principal estava na bunda. Em um anúncio da Jordache Basics, uma jovem aparecia com o rosto encostado a um muro pichado, as mãos apoiadas no concreto e seu traseiro para cima. Ao seu lado, havia um homem com uma possessiva mão segurando sua perna. Eis o título do anúncio: "Ele deixa que eu seja a única coisa que eu tenho que ser, eu."

No verão de 1987, dezenas de revistas americanas com alcance nacional publicaram outro traseiro, este associado a uma garota em um corpete, agachada diante das pernas cobertas por uma calça comprida de um homem mais velho. Olhava reverentemente para a braguilha dele. Nas páginas seguintes, essa mesma figura masculina impunha-se diante de outras garotas

submissas, seus lábios entreabertos por um sorriso de escárnio. O criador dos anúncios: o jeans Guess.

Seis anos antes, com a economia em plena recessão e o mercado de jeans atravessando o pior momento de sua história, o empresário marselhês Georges Marciano tinha chegado na Bloomingdale's com uma pilha de jeans justos e pré-lavados. Segundo se conta na empresa, o comprador sorriu para ele e disse: "Ninguém vai usar esse jeans. Eles não são confortáveis e parecem usados." Além disso, custavam US\$60, quase o dobro do preço de um par de jeans médio. Mas logo a Guess seria responsável, no dizer do *Women's Wear Daily*, por "um dos maiores estouros da história do brim".

Grandes atacadistas, Georges e seus irmãos, Armand, Maurice e Paul, abriram uma loja em Los Angeles com um investimento de apenas US\$100 mil e se reposicionaram no mercado, passando a se chamar de "estilistas" de jeans sofisticados; suas calças de elite só seriam vendidas em lojas voltadas para a classe A, decidiram. Um pouco depois de terem entrado no negócio, o pequeno investimento inicial tinha se multiplicado e estava gerando um faturamento anual de US\$250 milhões.

Enquanto Lacroix e sua High Femininity só estavam conseguindo acumular prateleiras com saias rendadas e pufes, a Guess encontrou um meio de usar o contra-ataque para vender roupas. Os jeans, ao contrário dos vestidos de festa, são produtos ao alcance do grande público, mesmo quando são vendidos a preços mais altos. E a maioria dos jeans são comprados por adolescentes, que são mais vulneráveis aos apelos da moda do que as mulheres da alta sociedade que Lacroix inicialmente pretendia atingir ou as mulheres que trabalham fora para as quais a indústria desejava vender as idéias de Lacroix.

Os jeans Guess não tinham nenhuma diferença em relação às outras marcas que inundaram o mercado nos anos 80 - exceto pelo marketing da empresa. Os irmãos Marciano gastaram US\$10 milhões de dólares por ano na campanha publicitária que promoveu as suas calças, mas, nela, jamais o produto foi mostrado. Os anúncios insistiam sempre no que a empresa chamava de "A mística da Guess": fotos granuladas de um Oeste americano habitado por caubóis altos sempre montados no lombo de um cavalo e assustadas mulheres no meio dos trigais; uma pequena cidade dos Estados Unidos da década de 1950 na qual os homens atravessam as empoeiradas estradas do país e as mulheres aguardam passivamente na lanchonete, bebericando milkshakes e balançando os pés vestidos com soquetes. Os anúncios da Guess foram criticados pelos meios de comunicação e pelo grande público, pois alguns dos filmes continham uma sensualidade "vulgar"; faltava-lhes "bom gosto". Mas ao atacar a questão da volúpia sexual, as críticas feitas à empresa não foram direto ao ponto; elas subestimaram a sua política sexual.

"Você devia ouvir as coisas que as pessoas dizem dos anúncios; pura histeria", disse Lisa Hickey, assistente pessoal de Paul Marciano. A esbelta jovem, vestida em uma saia pufê, entra no escritório principal da sede da Guess, em Los Angeles, um complexo cercado por arame farpado no meio de um gueto da cidade. Hickey, que estuda jornalismo, diz que estava pensando em fazer um mestrado, mas Paul Marciano convenceu-a a desistir de sua idéia.

Paul entra calmamente no escritório, casual em uma camiseta listrada, calças de algodão e chinelos. Embora os quatro irmãos administrem a empresa como uma equipe, o posto de Paul é o mais importante; ele é responsável pela publicidade. Paul senta-se em uma cadeira e manda Hickey catar o portfólio com as campanhas publicitárias já veiculadas pela empresa. "Quando eu cheguei aqui, me apaixonei pelo Oeste americano", diz ele, na época com 36 anos. "Uso o Oeste como cenário dos nossos anúncios porque você não vai perceber nenhuma mudança lá. Essa idéia me deixou fascinado." O que parecia mais atraente para ele nessa região é a sua mulher, que, acredita, não sofreu as influências do movimento feminista. No Oeste americano, como se pode ver no livro de fotos sobre o Texas na mesa de café da Guess, "as mulheres são tratadas com grande respeito, mas elas sabem o lugar delas, que é de apoio, e a função que desempenham, que em geral é decorativa".

Além do Oeste, diz Marciano, ele tem um outro fraco - os Estados Unidos dos anos 50 - e pela mesma razão. "Eu me sinto atraído pela feminilidade das mulheres daquela época. A feminilidade como você a vê nos desenhos de Vargas. É isso o que nós queremos resgatar, tudo o que foi perdido." Isso não é apenas o que ele deseja, Marciano é rápido em acrescentar. "As mulheres querem voltar a ser como eram nos anos 50". Elas se decepcionaram com a liberação. "A maioria não consegue se casar... A independência se tornou mais importante do que a vida privada, que ficou bastante comprometida. Elas já passaram dos 30 e ainda não se casaram e se sentem como se não tivessem se realizado como mulheres."

Hickey volta com o portfólio publicitário da Guess. Marciano abre um deles, a "Campanha da Louisiana", e folheia lentamente as fotografias preto-e-branco que ele contém. A campanha da Louisiana inspirou-se em um dos filmes americanos de que ele mais gosta, *Baby Doll* - uma história, lançada em 1956 por Elia Kazan, de uma jovem noiva que dorme em um presépio.

Já o portfólio da "campanha de Roma" apresenta o famoso bumbum. Ele explica que essa campanha teve como inspiração o filme *La Dolce Vita*, de Fellini. "Algumas pessoas protestaram contra essa campanha, dizendo que o homem é muito mais velho do que ela", Marciano suspira, apontando para o lascivo homem. "Para mim, ele tem cerca de 50 anos. Mas poderia ser apenas o pai da garota." Marciano não explica, no entanto, o que uma filha estaria fazendo *sem camisa* no colo do pai.

Marciano diz que se orgulha do fato de seus anúncios usarem homens reais - caubóis, rancheiros, motoristas de caminhão e até um toureiro, todos eles reais. "Meu campo é a rua e a sua vida cotidiana. Não quero criar imagens falsas." As mulheres, no entanto, são outros quinhentos: "Vamos sempre usar modelos. É difícil encontrar mulheres reais que se adaptem à mensagem que você está querendo passar. As mulheres reais não são tão cooperativas quanto os homens reais." Marciano também privilegia modelos relativamente desconhecidas, "sem identidade": "Dessa forma, podemos fazer com que a garota Guess tenha a aparência que realmente desejamos."

Para capturar sua identidade no filme, Marciano contratou o fotógrafo de moda Wayne Maser, que tinha feito fotos para a revista *Vogue* cujo tema era o sadomasoquismo. Maser também participou da venda de outro artefato do contra-ataque; ele desenhou o cartaz promocional de *Atração fatal*. O diretor do filme, Adrian Lyne, trabalhara com Maser em agências de propaganda. Em 1988, Maser concluiu o ciclo, adaptando para a publicidade o filme do ex-publicitário. Ao longo de quatro dias do mês de maio, Maser filmou a versão Guess de *Atração fatal* em duas casas com cerquinha branca em Bedford, Nova York, as mesmas casas que Lyne usara como cenário.

As pessoas da equipe de Maser não se cansam de fazer freqüentes alusões à virilidade dele. Ao contrário "de outros fotógrafos", os membros de sua equipe (todos machos) comentam que Maser é um "homem homem" e "heterossexual no sentido estrito da palavra".

Para fazer *Atração fatal*, Maser quebrou uma regra da Guess e contratou uma modelo famosa, Rosemary McGrotha. Ela relutou em trabalhar com Maser. "Tinha ouvido falar coisas terríveis a respeito dele", disse ela. Ela não foi a única. "Muitas modelos famosas jamais trabalharão com ele", disse o fotógrafo-assistente de Maser, Jeffrey Thurnher. E ele explica por quê: "Já vi Wayne pegar uma modelo que não estava cooperando, que não estava mostrando emoção alguma enquanto fazia o seu trabalho, e esfregar seu rosto contra a parede. Ou ele é capaz de mandá-la 'tirar a roupa' na frente dele e se ela não o fizer ele dirá para ela 'cair fora'. Ele não tem papas na língua."

As rancorosas feministas parecem nunca sair da cabeça de Maser; ele sempre volta ao assunto: "O problema da publicidade hoje é que todo mundo tem medo de peitar as mulheres. Tudo é feito para agradar às feministas, que ocupam cargos importantes no mundo da publicidade. Elas criaram mulheres meigas." Ele visualiza suas fotografias como um desafio à conspiração feminista. "Meu trabalho é uma reação contra a meiguice feminista", diz ele. Mas, ele quer deixar claro, não está tentando coibir as mulheres, apenas endossar suas novas opções. "Vivemos um período pós-feminista", explica. "As mulheres podem ser mulheres novamente. Todas as minhas garotas têm uma opção."

Tempos depois, os irmãos Marciano descartariam os anúncios baseados em *Atração fatal* - não porque tratassem as mulheres de modo aviltante ou violento, muito menos por serem hostis à "meiguice" feminista, mas por terem uma sexualidade muito explícita para serem veiculados nos principais órgãos de comunicação. Os retratos de mulheres humilhadas e maltratadas foram aprovados pelos censores de Marciano, mas a descrição de um adúltero pode perturbar a santidade da família. No lugar deles, a Guess colocou no ar uma campanha em que vaqueiras lambiam os próprios dedos. Elas olham para a câmara com olhos surpresos e vulneráveis, como se fossem Bambis diante de caçadores. Na verdade, a mensagem era igual à que continha a *Atração fatal* de Maser, transmitida com um pouco mais de discrição e conseqüentemente com mais eficácia. Na década de 1980 a publicidade ligada à moda deu a impressão de uma grande caçadora de mulheres em diversas ocasiões. E ao conseguirem camuflar o incômodo do homem, os irmãos Marciano descobriram, deram os seus tiros mais certos.

Com a ajuda de uma haste de metal, a primeira mulher da "Nova Geração" participa do seminário que Robert Filoso promove em Los Angeles, seus pés suspensos poucos centímetros acima do piso. Seus braços de barro estão enrolados com gaze e seu rosto está coberto por um saco plástico, preso na altura do pescoço para impedir a entrada de poeira. Uma simples mancha poderia deixar o material marcado para sempre.

"Não há imperfeições em meus modelos", explica o escultor de manequins de 38 anos. "Todas elas têm que ser eliminadas." O ambiente úmido dentro do saco plástico, no entanto, gerou suas próprias falhas. Entre os lábios semi-abertos da mulher, o limo está começando a se acumular.

Numa manhã de abril de 1988, Filoso trabalha no modelo que definirá o padrão do ano seguinte. Desde que introduziu o "novo realismo" aos manequins femininos - esculpindo detalhadamente as vértebras, os dedos dos pés e os bicos dos seios -, Filoso faturou US\$1,2 bilhão produzindo modelos para as grandes cadeias de lojas do seu país. Esse ano, ele está promovendo algumas grandes mudanças. Sua mulher da Nova Geração perdeu um pouco de altura, ganhou quase oito centímetros de busto, a cintura foi reduzida em quase três centímetros e suas pestanas ficaram mais visíveis. As novas medidas femininas de busto, cintura e quadris são excessivas para os padrões de um manequim, mas a era Lacroix, marcada por vestidos sem alças e corpetes justos, requer bustos maiores e cinturas de vespa. "A moda", diz Filoso, "determina a forma das minhas garotas."

O escultor retira cuidadosamente as faixas de roupa e as entrega para sua assistente e modelo, Laurie Rothery. "Parece que muitas mulheres estão colocando silicone nos seios", diz Rothery enquanto trabalha, e é óbvio que ela não está fazendo referência aos manequins. "Essa é a única maneira de se conseguir um trabalho, pois as agências só estão contratando modelos com grandes bustos..."

Filoso descreve sua visão da Nova Geração. Ele pinta uma Marilyn Monroe da alta sociedade em forma, uma mulher "magra porém com muitas curvas", que pode "se dar ao luxo de ir à Bergdorf Goodman's e comprar o que quiser". Suas poses, diz ele, também serão "mais femininas, mas contidas... Nos anos 70, os manequins estavam sempre tentando alcançar algo que

não estava ao alcance de suas mãos. Agora eles estão voltados para si". Para ele, o mesmo acontece com as mulheres dos anos 80 na vida real. "Agora você pode ser você mesma, pode ser uma mulher. Você não precisa ser a poderosa."

Na opinião de Filoso, esses desenvolvimentos representam um grande avanço em relação aos anos 70, quando as mulheres "não se preocupavam" com a aparência. "As lojas não queriam manequins bonitos, pois tinham medo de que as suas clientes olhassem para eles e dissessem para si mesmas que não conseguiriam ficar daquele jeito nem em um milhão de anos." Essa era, alega-se Filoso em registrar, passou. "Agora os manequins estão ganhando vida. Eles vão voltar a ser bonitos, como eram nas fotografias que agente vê nas velhas revistas dos anos 50." E qual das clientes poderia dizer, como ele frisou, que "não conseguiria ficar daquele jeito nem em um milhão de anos"? Essa é a grande novidade, diz Filoso. "Hoje, as mulheres podem ver um manequim bonito em uma loja e dizer que querem se parecer com ele, o que conseguem quando querem. Elas podem ir ao médico e pedir a ele que desejam ter os mamilos ou os seios de uma determinada forma."

Ele suspira. "Se eu fosse esperto teria sido cirurgião plástico."

Durante a década de 1980, os manequins definiram os padrões de beleza - e as mulheres reais tinham que segui-los. Os modelos estavam "ganhando vida" e as mulheres estavam tomando anestesia e entrando na faca. A indústria da beleza promoveu um "retorno à feminilidade" como se ele fosse um renascimento da natureza da mulher - o florescimento de todas as qualidades inerentes ao sexo feminino que as feministas dos anos 70 teriam suprimido. Ainda que as características "femininas" mais celebradas fossem grosseiramente artificiais - e obtidas graças a medidas cada vez mais cruéis, doentias e violentas.

A indústria da beleza, é claro, nunca compactuou com as aspirações feministas. Isso não significa dizer que seus promotores tenham um programa político contra os direitos das mulheres, apenas seguem uma política comercial cujo objetivo é aumentar os lucros. E a fórmula que a indústria vem seguindo há anos - agravar a baixa auto-estima das mulheres e aumentar a ansiedade em relação a uma aparência "feminina" - sempre foi de grande eficácia. (As mulheres americanas, segundo pesquisas feitas pelo Instituto Kinsey, são mais críticas em relação ao próprio corpo do que as mulheres de todas as outras culturas estudadas.) Os argumentos usados pelos fabricantes de produtos de beleza não chegam a ser consistentes ou profundos. Suas incessantes instruções para as mulheres são mais insensatas do que programáticas; seus frenéticos geradores de ruído criam mais estática do que substância. Mesmo assim, na década de 1980, a indústria de cosméticos tirou par-

tido da onda conservadora no campo da cultura criada pelos agentes do contra-ataque. Inevitavelmente, os publicitários das empresas de cosméticos também se apossariam dos sinais de alerta a respeito do possível prejuízo causado pela igualdade das mulheres - e os amplificariam em seu próprio benefício.

"Seu rosto está pagando o preço do sucesso?", preocupava-se um anúncio do creme Nívea veiculado em 1988, no qual uma mulher vestida como executiva corre para deixar o filho na creche - e dá uma olhada na vitrine, que reflete seu vincado rosto. Se ela não fosse tão bem-sucedida, teria uma aparência muito mais radiante. "O impacto do estresse do trabalho pode trazer sérios problemas a sua *cútis*", alertou a *Mademoiselle*; ele pode provocar "caspa", uma "perda de cabelo" e, o mais grave de todos os danos, ganho de peso. Os grupos de risco mais alto, preveniu a revista, são as "mulheres mais bem-sucedidas", cuja aparência pode ser destruída pelo "estresse inerente ao mundo dos negócios": A cada novo anúncio, a indústria de produtos de beleza martelava sua versão do contra-ataque: as conquistas profissionais das mulheres comprometeram a sua beleza; a igualdade criou rugas e celulites. Essa mensagem era praticamente igual à que foi veiculada pela imprensa no fim do período vitoriano, que na época alertou as mulheres que a sua inserção no mercado de trabalho e nas universidades estava causando "uma falta generalizada de atratividade" e "estragando a *cútis*".

Os vendedores de cosméticos semearam o medo com as conseqüências do sucesso nas mulheres porque na verdade estavam, eles sim, temendo que essas conquistas tivessem um grande custo para *elas* - diminuindo os seus lucros. Desde a ascensão do movimento feminista nos anos 70, as empresas de cosméticos e fragrâncias passaram uma década inteira registrando uma vertiginosa queda nas vendas, o mercado de produtos para cabelo entrou em uma prolongada crise e os cabeleireiros viram, impotentes, um grande número de mulheres, que estavam usando cortes simples e baratos, debandar para os salões unissex. Em 1981, o faturamento da Revlon caiu pela primeira vez desde 1968; no ano seguinte, os lucros da empresa registraram a maior queda da sua história: 40%. A indústria tentou recuperar sua própria saúde econômica persuadindo as mulheres que *elas* eram pacientes em estado grave - e a profissionalização delas era o responsável pelo seu adocimento. A beleza passou a ser um caso de saúde à medida que seu exército de jalecados promotores, juntamente com médicos de verdade, prescreveram fórmulas avalizadas por médicos, injeções para a pele, "tratamentos" químicos para o cabelo, bem como cirurgia plástica para virtualmente cada centímetro do corpo. (Um médico chegou a prometer a uma mulher que reduziria o tamanho dela, serrando-lhe as pernas.) Os médicos e os administradores de hospital, que também estavam enfrentando dificuldades financeiras, aliaram-se à indústria nessa campanha. Os dermatologistas, que estavam perdendo o

mercado adolescente, esqueceram as espinhas causadas pela puberdade e voltaram as suas baterias para "curar" as rugas das mulheres em idade mais avançada. Os ginecologistas e obstetras, frustrados com a baixa taxa de natalidade, trocaram o fórceps pelas cânulas da lipoaspiração. Os hospitais cujas receitas estavam caindo abriram setores especializados em tratamentos de beleza e desenvolveram caríssimos programas de regime alimentar baseados em proteínas líquidas.

A indústria de cosméticos pode parecer a mais superficial das instituições culturais que entraram no contra-ataque, mas seu impacto na mulher foi, em muitos sentidos, o que mais danos internos causou a ela - tanto ao corpo como à mente. Ao seguirem as ordens dos especialistas em beleza dos anos 80, muitas mulheres ficaram literalmente doentes. Tratamentos anti-rugas expuseram-nas a substâncias carcinógenas. O ácido usado no chamado *peeling* deixou a pele de muitas delas queimada. As injeções de silicone provocaram dolorosas deformidades. As "cosméticas" lipoaspirações provocaram graves complicações, infecções e até mesmo a morte. Internalizados, os ditames de beleza da década foram responsáveis pela exacerbação de um epidêmico distúrbio alimentar. E a indústria da beleza ajudou a aprofundar o isolamento psíquico que muitas mulheres sentiram na década, reforçando a representação de problemas das mulheres como doenças puramente pessoais, desvinculadas das pressões sociais e curáveis apenas quando elas conseguem se ajustar a um padrão universal - mudando fisicamente.

Os ideais estéticos vendidos nos anos 80 - fragilidade, palidez e puerilidade - foram todas as marcas de beleza herdadas de eras de contra-ataques anteriores. Historicamente, a Vênus do contra-ataque não passava de uma frágil inválida descansando na poltrona, uma mulher ornamental e refinada bebendo chá na sala de estar, uma noivinha protegendo-se do sol. No fim da era vitoriana, a indústria da beleza glorificou um culto da invalidez - e lucrava com ele ao promover poções quase tóxicas que deixavam o rosto branco a um ponto tal que ficava fantasmagórico. O visual frágil ajudou em parte a fomentar a primeira mania de dieta do país e o surgimento de um surto de anorexia nas mulheres mais jovens. Em épocas de backlash, a beleza padrão respalda a campanha social contra as mulheres obstinadas, aliando-se com a moralidade "tradicional"; um exterior frágil e impoluto se torna prova da pureza interna, da obediência e da prudência de uma mulher. A mulher bonita do contra-ataque é controlada em ambos os sentidos da palavra. Sua psique foi domesticada, sua aparência desbastada e manipulada como o solo de uma propriedade masculina.

Em contraposição ao vigor físico, a saúde e cores vividas são as propriedades definidoras da beleza feminina nos períodos em que a cultura é mais receptiva ao anseio de independência das mulheres. No fim da década de 1910 e no começo da década de 1920, as atletas começaram a ofuscar as

estrelas de cinema como os arquétipos de beleza do país; a tez bronzada de Coco Chanel tornou-se uma moda nacional, presente em outdoors cujas modelos tinham uma aparência saudável; e os cosméticos produzidos por Helena Rubinstein tornaram as cores vivas e berrantes aceitáveis. No fim dos anos 20 e ao longo dos anos 30, no entanto, a imprensa ligada à beleza denunciou as mulheres que bronzeavam artificialmente o rosto e as empresas demitiram as mulheres que se maquiavam com cores vibrantes que lhes davam um visual mais esportivo. Expressões saudáveis e bronzadas só voltariam a ser valorizadas durante a Segunda Guerra Mundial. A *Harper's Bazaar* descreveu "o Novo Look Americano de 1943": "Seu rosto está sempre alegre, assim como ela. Sua figura é graciosa e forte. Suas linhas são linhas de ação. A mulher glamourosa já era." Com o fim da guerra, no entanto, a indústria da beleza resgatou essa garota - encorajada por uma nova safra de consultores de pesquisa motivacional que aconselharam os fabricantes de cosméticos a pintarem imagens de feminilidade mais passivas. As revistas de beleza instruíram as mulheres a inflar os seios acolchoando-os com espuma ou silicone, a colocar tinturas carcinógenas no cabelo, a se tomarem mais pálidas clareando o rosto e os lábios com titânio - para imitar, em resumo, a mais artificial e produzida de todas as garotas glamourizadas, Marilyn Monroe.

Durante o backlash dos anos 80, o padrão se repetiria à medida que a "Beleza de Ação", como ela foi batizada e exaltada nas revistas femininas dos anos 70, abria caminho para uma estética doentia. Foi uma abrangente transformação levada a cabo em todos os níveis da cultura da beleza - dos aromas aplicados superficialmente às mais invasivas e perigosas operações.

DE CHARLIE A OFÉLIA

No inverno de 1973, Charles Revson convocou uma reunião com os principais executivos da Revlon. Ele tinha um conceito revolucionário a comunicar: uma fragrância que celebrava a liberação das mulheres. (Na verdade, não era nada de tão revolucionário: na década de 1910, fabricantes de perfume como a Shalimar trocaram as suaves lavandas pelo almiscar e lançaram-no para a liberada Nova Mulher.) A equipe da Revlon apelidou esse plano de "Cosmo" e durante meses promoveu almoços com grupos de mulheres para lhes perguntar o que queriam de um perfume.

As mulheres disseram aos pesquisadores da Revlon que estavam cansadas dessa história de que teriam suas personalidades definidas pelas fragrâncias que usavam; elas queriam um perfume que refletisse a nova autoimagem que tinham criado para si mesmas. Os pesquisadores de mercado da empresa analisaram esse conceito e desenvolveram uma fragrância chamada Charlie, que na propaganda foi associada à imagem de uma mulher indepen-

dente, autoconfiante e solteira, que assinava seus próprios cheques, que saía sozinha para as boates e chegava a tirar os homens para dançar. A Revlon lançou Charlie em 1973 - e esgotou o estoque em poucas semanas. Menos de um ano depois de chegar ao mercado, Charlie era a fragrância mais vendida nos Estados Unidos.

"Charlie simbolizou esse novo estilo de vida", lembra-se Lawrence Wechsler, vice-presidente executivo da Revlon, "que diz que você pode ser ou fazer o que quiser, sem ser criticada por causa disso. Se você quiser usar um terno em vez de uma saia no escritório, tudo bem." O sucesso da campanha publicitária de Charlie inspirou uma dezena de imitações, do Maxi da Max Factor ("Quando estou inspirada, ninguém me segura") ao Cristalle da Chanel ("Uma homenagem a você"), todas elas protagonizadas por heroínas impetuosas, independentes e sexualmente agressivas. Abundaram as superatletas, da campeã de esqui da Coty, Smitty, ao dinamo da patinação da Fabergé, Babe ("a fragrância para a fabulosa nova mulher que você está se tomando") - em homenagem à campeã olímpica, Babe Didrikson Zaharias.

Em 1982, a Revlon tirou repentinamente a campanha do velho Charlie e colocou em seu lugar uma mulher que estava à procura de um marido e uma família. A mudança não foi inspirada por uma queda nas vendas; os executivos da Revlon apenas "perceberam" que o tempo de Charlie já tinha passado. "Fomos um pouco longe demais com esse negócio de liberação da mulher", disse Wechsler. "E de qualquer forma esse assunto perdeu a atualidade. Agora há coisas mais importantes, como as drogas. E há também o relógio biológico. Chegou a hora de a mulher ser um pouco mais precavida, não usar tanto." Mas o cancelamento da campanha de Charlie, insiste ele, na verdade foi um sinal do "progresso" das mulheres. A mulher americana foi longe demais, diz ele, "não precisa mais ser agressiva. Ela pode ser mais feminina".

No entanto, o público feminino não se identificou com a nova campanha e Revlon a suspendeu em 1986. Dessa vez, a empresa sumiu com a personagem de Charlie e ofereceu um bando de mulheres anônimas que foram identificadas como tipos "parecidos com Charlie" (em uma campanha publicitária criada por Malcolm MacDougall, o mesmo executivo que produziu a Nova Mulher Tradicional da *Good Housekeeping*). De uma certa forma, a empresa concluiu o ciclo: mais uma vez, a fragrância estava definindo o padrão que as mulheres tinham que seguir.

Pelo menos as mulheres "tipo Charlie" ainda estavam andando e mostrando sinais de vida. Em meados da década de 1980, muitas das mulheres associadas a perfumes tinham se tornado verdadeiras estátuas. A indústria de perfumes decidiu vender fragrâncias mais fracas para mulheres mais fracas - e tanto o aroma como a pessoa a usá-lo foram suavizados. "Nos últimos anos, muitas mulheres usaram fragrâncias tão fortes quanto o impulso delas

para chegar a uma posição de vice-presidente", declarou à imprensa Jonathan King, diretor de marketing da Quest International, em 1987. Mas agora fragrâncias mais "relaxadas", com uma aura mais feminina e prudente, recuperaram o deteriorado "mistério" feminino. Uma série de fabricantes de perfumes chegou a produzir poções terapêuticas: "Aromaterapia", foi assim que eles denominaram as linhas de fragrância que criaram para induzir as ansiosas usuárias preocupadas em vencer na vida a um estado mental mais tranquilo. Esses odores podem "diminuir o estresse e a depressão sem o uso de remédios", anunciou alegremente Craig Warren, vice-presidente da International Flavors. Os profissionais de marketing da Avon chegaram a insistir que Tranquil Moments tinha um comprovado efeito sobre as ondas cerebrais da mulher. Mas não foram apenas os tranquilizantes odores que simbolizaram a mudança. Em uma nova leva de campanhas publicitárias de perfumes dos anos 80, as modelos exibidas deixaram de ser "ambiciosas", já que o mercado de fragrância redirecionou o seu marketing para atingir três tipos "femininos": a desocupada mulher da classe alta, a noiva e as adolescentes.

Na primeira metade da década, o mercado foi inundado por 500 marcas caras que diziam oferecer o perfume ideal para as mulheres da classe alta. (Para reforçar a imagem que pretendiam criar, pelo menos uma dezena de linhas adicionou partículas de ouro aos perfumes destinados ao público de alto poder aquisitivo.) Como os estilistas da alta-costura estavam atrás de lucrativos contratos de licenciamento, seus nomes começaram a aparecer nos vidros de perfume, não mais o de mulheres. Bill Blass substituiu Babe Didrikson. As mulheres que participavam de anúncios de perfume eram tipos sofisticados ou glamourosos, não mais independentes ou fortes. Para promover o Passion, a Parfums International contratou Elizabeth Taylor para representar o papel de uma senhora aristocrática; ela leu poemas nos anúncios veiculados na TV e promoveu chás para senhoras em lojas de departamentos. Até a popular Avon tentou reposicionar os seus produtos, comprando os direitos de usar nomes como Giorgio, Oscar de la Renta e Perry Ellis em seus perfumes, além de lançar o Deneuve, cujo frasco, com menos de 30 gramas, era vendido a US\$165.

Quando a indústria de fragrâncias adotou a sua segunda estratégia, na qual o casamento era valorizado, logo proliferaram noivas recatadas e impolutas no lugar da mulher solteira e autoconfiante que protagonizava as campanhas publicitárias de perfume. Em 1985, Estee Lauder lançou o Beautiful, a fragrância "para todos os seus momentos de beleza". Mas o único "momento" mostrado nos anúncios era o dia do casamento. (A campanha "Momentos de Beleza" para mulheres coincidiu com a campanha "Momentos Marcantes" para homens dos relógios Omega, criando um contraste casualmente ilustrativo em muitas revistas, onde apareciam em páginas

duplas: em uma página, ela baixava o véu; na outra, ele erguia o punho para celebrar "o puro prazer da vitória".) A mensagem pró-matrimônio da Bijan for Women não podia ser mais explícita: os anúncios do fabricante de perfumes veiculados em 1988 avisavam as mulheres que coabitar demonstrava "Mau gosto", casar e engravidar "Bom gosto" e "usar orgulhosamente a aliança" "excepcional Bom gosto".

As mulheres nos anúncios de fragrâncias que não tinham filhos em breve os teriam - já que as empresas pouco a pouco foram selecionando pré-adolescentes como o novo ícone da feminilidade. "O perfume é um dos grandes prazeres de ser mulher", dizia a legenda da foto de uma ninfeta tipo Lolita publicada pela *Vogue*, cujo rosto trazia uma pesada maquiagem e as fiças angelicais eram levemente encobertas por cachos louros. "Em homenagem à mulher", dizia o slogan do anúncio do perfume Krizia, lançado pela Lord & Taylor em 1989, muito embora a mulher homenageada no anúncio fosse uma garota em idade pré-escolar com roupas vitorianas, que acanhadamente olhava para o chão. "Você é uma mulher prudente desde o início", disse um anúncio de perfume protagonizado por uma garota de cinco anos travestida de senhora. Até uma das novas modelos "tipo Charlie" da Revlon tinha menos de 10 anos.

Mas nenhuma dessas estratégias de marketing funcionou. A maré de perfumes caros, na verdade, fez com que caíssem as vendas de fragrâncias no ano de 1986 - a primeira queda em anos. No setor mais privilegiado do mercado, as vendas de perfumes concentrados caíram mais de US\$20 milhões entre 1980 e 1985. Em 1988, a Avon teve que demitir um terço de suas gerentes de vendas, já que o seu faturamento trimestral estava caindo 57% e menos da metade dos seus lucros com produtos de beleza provinham das vendas realizadas nos Estados Unidos. Ao redirecionar o seu marketing para as "senhoras" afluentes, essa empresa ignorou seus consumidores mais leais e numerosos: as mulheres da classe trabalhadora. A Avon devia ter consultado sua própria pesquisa, que mostrava que seu consumidor típico era uma mulher com o segundo grau completo, trabalhadora no setor de produção com dois filhos e uma renda familiar anual de US\$25 mil. Como ela poderia comprar um frasco de perfume por US\$165?

Com o fracasso da estratégia de associar os perfumes à riqueza, ao casamento e à infância, os anúncios publicitários levaram a idealização da mulher frágil e submissa aos extremos - e começaram a explorar o corpo desfalecido da mulher. Nos anúncios do Opium, da Yves Saint Laurent, havia uma mulher deitada em um caixão, os olhos cerrados, com um arranjo de flores em torno de seu rosto pálido. Nos anúncios de Florais, da Jovan, uma moderna Ophelia mergulha no repouso supremo, seu corpo nu salpicado de orquí-

deas pretas e brancas. A mórbida cena continha o seguinte slogan: "Toda mulher tem direito a um pouco de indulgência."

MANTENDO UM DIÁRIO DO REJUVENESCIMENTO

No fim dos anos 80, a indústria de cosméticos adotou uma máxima vitoriana sobre as crianças como sendo a última palavra em termos de comportamento. "Comportamento adequado para o verão: seja vista, mas não ouvida", pregava a manchete de uma das publicações ligadas a esse mercado. A mulher bonita era silenciosa. As reportagens sobre cosméticos da *Mademoiselle* pregavam o visual "mudo", preveniam contra "uma boca que rosna" e lembravam às mulheres que "ser uma *lady* é melhor... melhor do que ter poder, melhor do que ter dinheiro". A *Vogue* colocou um dedo nos lábios da mulher e apelou para o silêncio: "Há um novo sentido de sedução em termos de comportamento e maquiagem... Nada de exageros." Há dez anos, a maquiagem, como a fragrância, vinha em cores "vivas" e "exuberantes", com "músculo". A mulher da Chanel usava cores nas unhas e nas faces tão agressivas quanto sua nova "confiança" e sua "espirituosa voz". Agora mal se percebiam os cosméticos na pele. Em parte, essa nova regra de beleza era apenas mais um reflexo da estratégia de vendas típica da época: criar demanda pela reversão do estilo em curso. Mas a seleção da mulher calada como o novo ideal também era reveladora, pois se tratava de uma imagem menos ameaçadora para o mercado de beleza, na época bastante nervoso com a deserção das mulheres do balcão de produtos cosméticos.

O marketing dos produtores de maquiagem também redirecionou os seus produtos para as sofisticadas mulheres de alto poder aquisitivo; como os vendedores de fragrância, eles tinham em mente faturar mais com menos mulheres exortando as filhas do *baby-boom* a comprarem produtos de beleza com uma aura aristocrática - com preços compatíveis com o poder aquisitivo da classe alta. Mas também nesse caso essa estratégia de marketing foi por água abaixo. As grandes usuárias de maquiagem são as adolescentes e as mulheres trabalhadoras - e os formidáveis preços contidos na etiqueta dessa nova maquiagem de "elite" simplesmente afastaram-nas do mercado. A tática das empresas de maquiagem fez com que os seus lucros caíssem vertiginosamente - em pouco tempo os principais analistas de mercado estavam aconselhando os investidores a evitarem as ações de empresas de cosméticos.

Finalmente, no entanto, essas empresas descobriram um meio mais lucrativo de vincular a estratégia do backlash a suas necessidades de venda. Muitas grandes empresas cosméticas começaram a vender caras poções, aparentemente respaldadas por pesquisas médicas, que teriam o poder de rejuvenescer a pele das mulheres e proteger a sua "sensível" *cútilis* contra a devastadora ação do ambiente natural e (especialmente) profissional. Ao

semear o universal medo da morte na grande e envelhecida geração do *baby-boom* - particularmente nas mulheres, é claro -, a indústria finalmente conseguiu melhorar sua situação financeira.

No fim dos anos 80, entrar em uma loja de cosméticos era como cair em um sanatório estilizado. As vendedoras se vestiam como enfermeiras e os tratamentos eram regimes caros e demorados com nomes de remédio e as embalagens vinham acompanhadas com textos produzidos por médicos. O "Biological Tightener", produzido pela Clarins e vendido a US\$92, era distribuído em uma grade cujas "ampolas", que tinham a forma de tubos de ensaio, eram usadas ao longo de um tratamento de 20 dias. Glycel, um creme "rejuvenescedor", tinha o respaldo do cirurgião Christiaan Barnard, famoso pelos transplantes de coração que fazia. La Prairie oferecia uma "terapia celular" de seu "mundialmente famoso centro de pesquisas médicas" com sede na Suíça - e os seus frascos, vendidos a US\$225, vinham cheios de "cápsulas" e eram acompanhados de pequenas colheres para a dosagem apropriada. A equipe da Clinique, "treinada por médicos", exigia que as mulheres fizessem uma esfoliação diária, fazendo um gráfico com o progresso da epidemia em uma "Pasta de Rejuvenescimento Diário" e monitorassem a saúde da pele no "computador" da empresa - uma prancheta de plástico com botões condizentes que se parecia com tudo, menos com um Macintosh.

Também eram inúmeras as referências à fertilidade da mulher no balcão de cosméticos, já que a indústria da beleza soube tirar proveito das preocupações com o "relógio biológico" tão alardeadas pela cultura popular. A bula de dezenas de tratamentos de beleza dizia ter ingredientes ginecológicos: "placentas de ovelha", "embriões bovinos" e até, por mais bizarro que pareça "proteína da placenta humana". Também eram vendidos, para atender à demanda da moda do contra-ataque dos anos 80, cremes e hidratantes para os seios que, por US\$ 50, eram capazes de aumentar o tamanho do sutiã usado pelas mulheres - produtos esses que não eram vistos em lojas de departamentos desde a década de 1950.

Para promover os seus "tratamentos" de pele, a indústria de cosméticos passou a utilizar tradicionais táticas de intimidação sobre o enfraquecimento da pele ("Envelhecimento prematuro: não deixe que isso aconteça com você", preveniam os anúncios da Ultima II - "o pior pesadelo da mulher preocupada com a pele pode virar realidade"), mas agora ela transmitia essas ameaçadoras mensagens com uma linguagem pseudofeminista. A agência de propaganda que criou a bem-sucedida campanha que a Oil of Olay colocou no ar nos anos 80 - que mudava o foco da empresa das mulheres com rugas reais para as mulheres da geração *baby-boom* com rugas imaginárias - recorreu ao que os seus executivos chamaram de "o conceito de controle". "Não vou envelhecer satisfeita... Vou lutar contra a chegada da idade a cada passo

do caminho", prometia solenemente a modelo, que, assustada com a passagem do tempo, queria controlá-la. Os anúncios da Chanel chegaram ao ponto de aconselhar o uso de creme anti-rugas para que as mulheres pudessem melhorar o status profissional de que desfrutavam; a luta contra as rugas, informavam, era "um inteligente investimento na própria carreira".

Embora a indústria de cosméticos usasse o vocabulário da liberação em fins comerciais, ela também dizia que os frutos dessa liberação estavam caindo a beleza da mulher. O "estresse" provocado pelo trabalho era o verdadeiro inimigo da beleza feminina, insistia a indústria de cosméticos. As lâmpadas fluorescentes usadas nos escritórios e até mesmo o deslocamento diário de casa para o trabalho representavam uma ameaça à pele da mulher maior do que a exposição ao sol, insistiam os anúncios da Ultima II. "Para os dermatologistas, você corre mais perigo indo e vindo de casa para o trabalho ao longo de um ano do que em duas semanas de excessiva exposição ao sol."

As empresas voltadas para a beleza fizeram muito mais sucesso atacando o mercado com fórmulas anti-rugas do que com os perfumes e cosméticos tradicionais, pois os apelos do contra-ataque nesse campo em particular tinham o poder de aliar o antigo e cultural medo da mulher de envelhecer com modernas realidades vividas pela madura mulher da geração *baby-boom*. Essa combinação foi muito mais eficaz. Em 1985, uma pesquisa realizada pela associação comercial de produtores de cosméticos detectou que 97% dos profissionais que trabalham com tratamentos de pele tinham percebido que seus clientes estavam visivelmente mais preocupadas com a possibilidade de ter rugas do que há alguns anos. Em 1986, as vendas anuais de creme para pele dobraram em relação a cinco anos antes, chegando ao faturamento de US\$1,9 bilhão. E pela primeira vez, muitos balcões de produtos domésticos das grandes lojas de departamentos estavam vendendo muito mais produtos de tratamento para pele do que maquiagem. Na I, Magnin, mais de 70% das vendas de cosméticos eram de tratamentos para pele.

A popularidade dos caros cremes anti-rugas não podia ser atribuída à eficácia das loções. A propaganda dos caros produtos que tinham a pretensão de retardar o envelhecimento era virtualmente enganosa e eram tão fraudulentas as promessas de "renovação celular", "reforma do DNA" e "reversão" do processo de envelhecimento que, mesmo em plena era Reagan, a FDA (órgão de vigilância de produtos alimentares e medicinais do governo federal norte-americano) notificou e puniu 23 empresas do setor. As garantias oferecidas às mulheres de que a proteção da pele contra a ação do sol impediria o adocimento delas também foram vistas como mentirosas. As empresas que trabalham com tratamento de pele obtiveram grandes lucros quando disseram ao mercado que tinham seus protetores solares cujo fator de proteção era 34; os pesquisadores e o FDA chegaram à conclusão de que o fator mais alto era 15. E embora fosse interessante acreditar que as empresas de

produtos de beleza só desejavam resguardar a pele das mulheres contra a ação de raios carcinógenos, elas não se mostraram tão preocupadas com o câncer ao lançarem no mercado uma das inovações no tratamento de pele que mais sucesso fez junto ao grande público: Retin-A.

No século anterior, as mulheres foram estimuladas a consumir a "Solução de Fowler", um creme contra acne diluído em arsênico, para revigorar a pele; esse produto adoeceu muitas delas, algumas fatalmente. Na década de 1980, os médicos especializados em estética prescreveram um unguento para acne que teria propriedades antienvelhecedoras. O Retin-A, no entanto, também causou câncer em ratos e uma versão oral da droga, Accutane, foi associada a algumas crianças nascidas com defeitos congênitos. Acima de tudo, o Retin-A parecia mais eficaz ao queimar o rosto das mulheres do que ao poli-lo. Em um estudo testando o efeito do creme sobre as rugas - patrocinado pelo próprio fabricante, o Ortho Pharmaceutical Corp. -, 73% dos participantes que tomaram Retin-A precisaram de esteróides tópicos para reduzir o doloroso tumor e 20% desenvolveram uma dermatite tão grave que tiveram que sair da pesquisa. (Por outro lado, o estudo mostrou que o Retin-A deu a *uma* das participantes uma aparência facial "muito melhor".)

O dermatologista que conduziu esse estudo, John Voorhees, aceitou o convite para divulgar o Retin-A para a Ortho. Não é preciso dizer que o chefe do departamento de dermatologia da Universidade de Michigan não alertou para os perigos do Retin-A na entrevista coletiva que deu no Rainbow Room, em Manhattan - um evento de tanta repercussão que as ações da Johnson & Johnson subiram oito pontos em apenas dois dias. A mídia chamou Voorhees de Ponce de Leon da década de 1980; o *USA Today* declarou "um milagre". Em um ano, as vendas do Retin-A cresceram 350%, chegando à marca de US\$67 milhões; as farmácias vendiam os frascos do produto a US\$225, as visitas aos consultórios de dermatologia aumentaram de maneira significativa e os médicos promoveram "clínicas" para divulgar o Retin-A que atraíram centenas de mulheres. A FDA ainda não tinha aprovado o uso do Retin-A no combate a rugas, mas os dermatologistas ignoraram a necessidade dessa autorização, alegando em suas receitas que suas pacientes de meia-idade estavam sendo vítimas de adolescentes irrupções de acne. Pelo menos no papel, os médicos conseguiram transformar mulheres crescidas em adolescentes preocupadas com as espinhas.

O RETORNO DA GAROTA BRECK

Os americanos ficaram muito tristes quando souberam que a Garota Breck ia se aposentar. Pelo menos foi isso o que disse o seu fabricante, a

American Cyanamid, quando tirou do mercado "uma força estável em nossa sociedade há mais de 40 anos".

Na verdade, aquele paradigma de lustrosos cabelos tinha sido mais que uma força intermitente, atacando com toda a força durante os anos do ~~contra~~ ataque. Essa promoção começou durante a Depressão e era restrita a um ~~ca~~ taz destinado a salões de beleza, no qual aparecia uma criança. Ela ~~grit~~ou os meios de comunicação de massa na era das mulheres fatais, ~~debutando~~ como uma loura celestial de 17 anos na contracapa de um *Ladies' Home Journal* de 1946. A cada ano, a empresa adotava uma nova modelo, ~~sempre~~ jovem. Com o tempo, ela se tornou uma loura com cerca de 20 anos, ~~então~~ freqüentemente aparecesse segurando uma boneca.

Nos anos 70, a Garota Breck começou a perder o prestígio. Primeiro, as mulheres aderiram a xampus com ervas e outros ingredientes naturais. Em seguida, o movimento das mulheres começou a criticar a empresa por ~~cusa~~ de sua visão cama-e-mesa da mulher. Para apascentar as críticas, a ~~empresa~~ começou a incluir minibiografias nos anúncios, para dar uma "personalidade" a cada garota. Mesmo assim, a popularidade da Garota Breck continuou a ~~cair~~ e a empresa finalmente resolveu tirá-la de circulação em 1978. "Nossos ~~executivos~~ perceberam que a Garota Breck tinha deixado de promover o ~~xampu~~ com eficácia", explica Gerard Matthews, gerente de produto da Breck.

Mas, com o backlash da década de 1980, a Garota Breck ressuscitou. Ela está de volta e mais "moderna" do que nunca, disse em 1987 o ~~relações~~ públicas da empresa ao revelar o seu novo slogan para os clientes: "A ~~gro~~ta Breck: uma mulher dos anos 80 com estilo próprio." A Breck contratou o ilustrador com o qual trabalhara nos anos 70, Robert Anderson, a quem ~~dele~~gou a responsabilidade de procurar a perfeita Garota Breck em todo o país.

Anderson ainda estava cuidando das feridas que arrumara no último ~~entrevero~~ com o movimento das mulheres. "Essas militantes feministas me procuraram perguntando qual o direito que tinha para decidir o que era ~~um~~ mulher bonita", lembra-se ele. Ele exerceu alegremente esse direito em 1987, quando começou a "Peregrinação" atrás da "personificação da ~~beleza~~ americana". "Eu soube quando a vi, eu a reconheci logo no primeiro ~~conta~~to", diz ele, lembrando a história do príncipe dos sapatinhos de cristal. A empresa lhe dera algumas orientações. "Não queríamos uma mulher ~~fôma~~da ou acima da média", lembra-se Gerard Matthews, gerente de produto da Breck. Anderson concordou. Como escreveu em "Minhas impressões da peregrinação", as mulheres poderiam achar as modelos bem-sucedidas ~~intimidantes~~ - "igualmente frustrantes", na verdade, como "infalíveis ~~modelos~~ de beleza". Ele decidiu agir com cautela; começou a procurar uma mulher que tivesse tomado apenas "algumas decisões" a respeito de sua vida e ~~que~~ "talvez fosse um pouco mais determinada do que alguma das Garotas Beck do passado".

"Estava trabalhando no computador e quando ele se aproximou eu apenas assenti, não tínhamos trocado nenhuma palavra", diz Cecília Gouge, lembrando do marcante dia de março em que a peregrinação de Anderson chegou à sua mesa. Com 28 anos, Gouge trabalhava como secretária no Marriott Marquis Hotel, em Atlanta, há apenas um mês, depois de "ficar realmente entediada" com a vida de dona-de-casa.

No dia seguinte, Gouge foi entrevistada por Anderson e uma assistente. Ela se lembra de uma série de perguntas "morais" que lhe fizeram. "Ele fez inúmeras perguntas sobre minha família, meus valores, o que achava de rainha família", diz Gouge. "Disse a eles que Joey [o marido] era pastor e que aos domingos eu dava aulas para as crianças pobres. Eles ficaram muito interessados com essa minha faceta. Eles perguntaram se tive dificuldade de voltar a trabalhar depois que Morgan [a filha] nasceu. Eu disse que, depois que tive Morgan, resolvi ficar em casa cuidando dela. Eles gostaram da atitude que tomei." Ela também tinham uma opinião bastante clara sobre os direitos da mulher. "Não tenho vocação para mulher maravilha. Não sou feminista. Lá em casa, Joey é o chefe da família."

Anderson deu a peregrinação por encerrada; a Garota Breck tinha sido "descoberta", como foi divulgado na nota à imprensa. "Cecília possui todas as qualidades que estávamos procurando para a nova Garota Breck", afirmou Anderson. "Ela não é apenas um rosto bonito." Suas outras qualidades, segundo o informe da empresa: ela "ama a cozinha caipira", "brinca com sua filha pequena" e "faz ela mesma as tarefas domésticas".

Breck não pagou nenhum cachê à nova Garota Breck. A única recompensa de Cecília Gouge foi uma viagem a Nova York com todas as despesas pagas e ingressos gratuitos para uma peça de Neil Simon na Broadway. Os representantes da empresa disseram que pagariam algumas centenas de dólares a cada nova aparição em público dela, mas eles só a chamaram uma vez - para o "Dia da Família" da empresa.

"Às vezes essa história me deixa chateada", diz Gouge, ao comentar esse acordo não remunerado. "Mas aí eu resolvo deixar para lá. Fiquei famosa nacionalmente com o prêmio. Tive a chance de me lançar como modelo." Mas sua carreira jamais se materializou.

"Cecília voltou de Boston (onde posou para a foto da Breck) nas férias", lembra-se Joey, o marido, um ano depois. Ele está sentado na mesa da cozinha na casa de Gouge em um subúrbio de Atlanta. Cecília, que acabou de voltar de mais um dia de trabalho no escritório onde tem um emprego burocrático de 40 horas semanais e passar na creche em que sua filha de dois anos fica, agora está diante do fogão, preparando uma *casserole*. Joey, aguardando o jantar ser servido, continua: "Quanto mais ela falava, mais desanimado eu ficava. Seus olhos brilhavam. Lembro que saímos para jantar e ela finalmente me olhou e disse que eu não parecia muito feliz com o que

estava acontecendo. Ai eu respondi que, para ser honesto, não. Achava que já tinha sido um grande transtorno a volta dela ao trabalho. Estava muito preocupado com as conseqüências dessa história."

Logo depois de ter recebido o título de Garota Breck, Cecilia contratou uma agente de modelo e assinou um contrato com os revendedores de barco da Marathon Company, pelo qual recebia US\$3 mil a cada um dos encontros mensais de que participava. Mas Joey cancelou o negócio alguns meses depois. "Minha maior preocupação era com as viagens que ela tinha que fazer sozinha a diferentes cidades. Gosto de ter tudo organizado e funcionando em casa, e ela estava ficando um pouco bagunçada." Depois de algum tempo, Cecilia passou a ter a mesma opinião. "A vida começou a ficar um pouco confusa, eu acho", diz ela agora, tirando a mesa da cozinha enquanto Joey vai ver TV na sala.

No ano seguinte, em 1987, as vendas unitárias do xampu da Breck registraram um aumento de 89%. Mas, como admitiu o gerente de produto da empresa, esse crescimento não tinha a menor relação com a volta da Garota Breck. O fator decisivo para esse sucesso foi uma redução de 22% no preço do produto promovida no início do ano.

O HOMEM DO PEITO DE SAN FRANCISCO

No fim de um almoço no Bohemian Club, um clube de San Francisco freqüentado apenas por homens, os empresários conversam sobre as suas esposas. "Minha mulher tem 40 anos, mas parece ter 30", diz o cirurgião plástico Robert Harvey. Até agora, tudo o que ele teve que fazer foi aplicar algumas injeções de colágeno para eliminar os pés-de-galinha que ela tinha. "Sei que não vai demorar o dia em que ela vai querer fazer uma plástica de barriga." Os homens assentem alegremente e comem um pouco da salada de lagosta. As poucas mulheres presentes - no almoço, o clube admite mulheres como "acompanhantes" - não dizem nada.

Neste banquete, o Dr. Robert Harvey é o badalado orador. Na verdade, essa é a sua segunda aparição. "O Homem do Peito de San Francisco", é assim que o chamam alguns colegas e membros da sua equipe, é tido como o responsável pelo maior número de implantes de silicone da cidade - nada mau para uma cidade que tem uma das taxas mais altas de cirurgia plástica do país.

Depois do almoço, o Homem do Peito abre um telão e apaga as luzes. O primeiro conjunto de slides é quase todo ele dedicado a mulheres asiáticas cujos traços foram ocidentalizados - o que, na opinião de Harvey, as tomou "mais femininas". Durante a projeção, Harvey conta a história de uma mulher que o procurou dizendo que não gostava da forma do seu nariz. Ela estava "em parte correta", diz ele; seu nariz "precisava" mudar, mas não da forma como ela havia imaginado.

Ao voltar para o escritório naquele dia, uma das "conselheiras" que trabalham para Harvey enumera uma longa lista de suas aparições públicas ou na imprensa: "*Good Housekeeping*, *Harper's Bazaar*, o 'Dean Edell Show'. Temos um vídeo com todo esse material, se você quiser ver..." Em seguida, há as palestras: "O Decathlon Club, o Rotary Club de San Francisco, o Rotary Club de Daly City, o Press Club..." A lista é surpreendentemente grande de associações masculinas. "Eles falam sobre o assunto com suas respectivas esposas", explica ela. "Os clubes masculinos dão um ótimo retorno."

A conselheira de Harvey era ela mesma uma grande divulgadora do médico. Quando possíveis clientes ligavam para ela, dizia-lhes para que fossem vê-la e lhes mostrava os próprios seios. Tinha aumentado o tamanho do busto há alguns anos. "Posso dizer que me sinto mais confiante", dizia ela para as mulheres. "Me sinto mais mulher." (No entanto, ela não tem a necessária confiança para revelar o seu nome; alguns dos homens mais próximos a ela, explica, não sabem que fez a operação.) Ela serviu como uma eficaz ferramenta de marketing, diz. "Elas se sentem seguras quando podem falar com uma mulher. Dessa forma, elas não sentem que um homem está tentando vender-lhes alguma coisa." Sua assistência era um grande trunfo, ajudando o comércio de implantes de Harvey a dobrar em três anos. Harvey gostava de chamá-la de "braço direito".

Para as pacientes que tinham a cirurgia, a conselheira de Harvey sugeria que começassem com uma injeção facial de colágeno. A US\$270 por cc, uma injeção de colágeno dura cerca de seis meses. "É uma boa forma de experimentar a temperatura da água. Ajuda na travessia da ponte para a cirurgia." Ela dava diversas injeções por dia - "sete é meu recorde": Em um ano, diz ela, esse procedimento quadruplicou o faturamento de Harvey. Ele não lhe pagava uma comissão pelos pacientes cirúrgicos que chegavam a ele por seu intermédio, mas ela diz que não se importa; sente-se "grata" por tê-la operado. De qualquer modo, Harvey recompensa suas funcionárias de outras formas: praticamente metade de sua equipe já ganhou uma cirurgia gratuita como presente de aniversário.

Inicialmente, Harvey tornou-se cirurgião plástico "por razões altruístas"; ele queria trabalhar com vítimas de queimadura. Mas logo se voltou para procedimentos cosméticos, que são "mais artísticos" - e de longe mais lucrativos. Sentado em um consultório mobiliado com antiguidades e livros sobre Leonardo da Vinci na mesa de café, Harvey explica: "É um trabalho muito individual. Somos escultores." Ele jamais fez uma cirurgia plástica. "Não acho meu nariz bonito, mas ele não me incomoda." Da gaveta de sua mesa ele tira amostras das diversas "opções" atualmente disponíveis para as mulheres interessadas em fazer implante de mama. Elas podem escolher entre o silicone, a água e o "ajustável". Este último vem com uma espécie de

canudo de plástico que se projeta a partir das axilas de uma mulher depois da operação. Se ela não gostar do tamanho, poderá adicionar ou subtrair o silicone a partir do canudo. "Dessa forma, a mulher sente que tem algum controle. Ela faz os ajustes."

A maioria das mulheres que desejam fazer implantes de mama o fazem por sua "própria vontade". Com isso, ele quer dizer que não estão aumentando os seios para agradar a um homem. "Elas pertencem à geração do eu. Elas estão fazendo isso por iniciativa própria. Na maioria das vezes, seus namorados ou maridos gostam delas da maneira como são." Apesar disso, sua agenda continua cheia de compromissos em clubes masculinos.

"Nunca vi nenhuma mulher que não tenha ficado emocionada depois da operação", diz a conselheira de Harvey, enquanto mostra uma lista de cinco clientes satisfeitas. "Os resultados são excelentes", diz Harvey. "Apenas cinco por cento removeram os implantes."

Mas a primeira mulher da lista pertence ao grupo dos cinco por cento. Um ano antes, Harvey tinha injetado implantes de gel de silicone, através das suas axilas, nos seios dessa mulher. Algumas semanas depois, seus seios começaram a incomodá-la. Em seguida, eles viraram verdadeiras "pedras". Posteriormente, o implante começou a crescer.

"As coisas foram piorando até que eu tive a impressão de que o implante estava nas minhas axilas", diz a mulher, uma engenheira que mora perto do Vale do Silício. "Não consegui movê-lo. Precisava usar os bíceps e os dois braços, o que só conseguia se pedia ajuda a meu namorado. Tentei enfiar o peito para mantê-lo na linha. Estava ficando com medo." Ela ligou para Harvey, que lhe disse para não se preocupar, pois ele logo "baixaria".

Em vez disso, os seios continuaram a crescer cada vez mais. Ela se dirigiu à biblioteca da faculdade de medicina e começou a ler sobre cirurgia de mamas. Os estudos que leu na literatura especializada deixaram-na a par de que 40% dos implantes de mama injetados através das axilas tinham fracassado, não apenas 5%. (Harvey diz que chegou a esse número com base no estudo, jamais publicado, que ele fez com 200 de suas pacientes.) Depois de um ano de angústia, Harvey finalmente removeu o implante. Ele inseriu um novo conjunto através dos bicos, procedimento esse que, embora deixe uma cicatriz, tem um índice de problemas inferior. Até agora, diz ela, parece que a solução proposta está funcionando. Para ela, o Dr. Harvey não agiu de má-fé.

Perguntado posteriormente sobre a experiência dessa mulher, Harvey culpou a paciente. "Provavelmente, ela não estava fazendo as massagens necessárias", disse ele.

OPERAÇÃO PLÁSTICA: CÂNCER E OUTRAS "VARIAÇÕES DO IDEAL"

A partir de 1983, a Sociedade Americana de Cirurgia Plástica e Reconstituidora lançou uma campanha de "fomento à prática", publicando um grande número de notas à imprensa, "fotos de pré e pós-operatório" e livros e fitas destinados a "treinar" a paciente. Para eles, a "escultura do corpo" era segura, eficaz e acessível - e mesmo essencial para a saúde da mulher. "Há um conjunto de informações médicas que provam que essas deformidades (seios pequenos) são realmente uma doença", afirmava uma das publicações da sociedade; não corrigida, ela provoca "uma total falta de bem-estar". Para combater essa grave ameaça à saúde mental, a sociedade logo estava oferecendo um plano de financiamento para as consumidoras - "sem entrada" e aprovação de crédito em apenas 24 horas.

A inspiração que motivou esse abrangente esforço de relações públicas foi a de sempre - um pequeno problema de oferta e demanda. Embora o número de cirurgiões plásticos tenha quintuplicado a partir da década de 1960, o entusiasmo das pacientes não acompanhou o ritmo. Em 1981, o casamento entre a medicina e a cosmética tornou-se uma atividade cada vez mais efervescente e havia necessidade de mais corpos. Os cirurgiões plásticos começaram a procurar publicidade de uma forma sistemática. Em meados da década de 1980, seus anúncios chegaram às revistas e aos jornais, oferecendo "suaves prestações mensais", convênio com todos os cartões de crédito e a conveniência de operações à noite ou no sábado. Uma única edição da revista *Los Angeles* continha quase 30 anúncios no gênero.

Os cirurgiões apresentavam os serviços que ofereciam como um aperfeiçoamento da auto-imagem das mulheres - que poderia ser usado como uma estratégia para aumentar as oportunidades delas. A operação plástica tem até o poder de ajudar as mulheres a "alcançar metas profissionais", prometia um anúncio publicado no *New York Times*. Com a lipoaspiração, "você pode se sentir mais confiante", dizia o Centro de Cirurgia Estética e Reconstituidora. "Mais importante", você pode exercer o seu "direito de escolha" - embora o anúncio recorresse a ele apenas para se referir à "escolha do médico de sua preferência".

Da *Vogue* a *Time*, a imprensa deu visibilidade aos médicos, produzindo dezenas de reportagens nas quais convocava as mulheres a "investir", como afirmou um artigo do *Wall Street Journal*, em implante de mama e em lipoaspiração. "Aumente suas curvas", exortou a *Mademoiselle*. "Seus seios mereçam ficar um pouco maiores"; é fácil e você pode "voltar ao trabalho em cinco dias e a fazer exercícios aeróbicos em seis semanas". "Atenção, mulheres!", alertou a revista novamente, três edições depois. "O busto grande está de volta" - e o implante de mama é o melhor caminho para "melhorar a

imagem". Uma edição do *Ladies' Home Journal* felicitou três gerações de mulheres de uma família que "tinha controlado" a aparência na mesa de operações: a avó fez uma plástica no rosto por US\$5 mil, a mãe, um implante de mamas por US\$3 mil (depois que o marido admitiu que a idéia de peitos grandes "era de fato excitante") e a filha refez o nariz por US\$4 mil. "Ter o corpo que desejo vale qualquer risco", explicou a mãe. Os *talk-shows* na TV organizaram gincanas cujo prêmio era uma operação plástica gratuita; as estações de rádio fizeram promoções de implantes de mama. Até a *Ms.* considerou a cirurgia plástica como uma forma de "se reinventar" - uma estratégia para as mulheres que "ousam assumir o controle de suas vidas".

Logo, o circuito da propaganda estava fechado: os cirurgiões plásticos recortavam esses artigos e os incluíam em seus currículos e anúncios, como se a aparição na mídia fosse uma prova da sua excelência profissional. "O Dr. Gaynor é frequentemente chamado de 'o rei da lipoaspiração', um anúncio para o dermatologista Dr. Alan Gaynor orgulhar-se. "Ele participou de dezenas de programas televisivos como um especialista em lipoaspiração, além de dar entrevistas para a revista *Time* e o *Wall Street Journal*, e uma série de jornais locais."

A campanha funcionou. Em 1988, a procura de cirurgias plásticas mais do que dobrou, chegando a cerca de 750 mil. E esse cálculo computava apenas os médicos cuja especialidade era cirurgia plástica; o número total de intervenções no gênero era estimado em mais de 1,5 milhão. Mais de 2 milhões de mulheres, ou uma a cada seis, traziam consigo implantes de mama cujos preços variavam de US\$2 mil a US\$4 mil dólares - o que tornou o silicone a operação plástica mais comum. Mais de 100 mil mulheres tinham se submetido a lipoaspirações que custavam mais de US\$4 mil, um procedimento que uma década antes simplesmente não existia. (Em 1987, um cirurgião plástico em média estava tendo lucros de US\$ 180 mil por ano.) Cerca de 85% dos pacientes eram mulheres - e elas não eram ricas e mimadas senhoras. Uma pesquisa realizada em 1987 por uma associação de cirurgiões plásticos descobriu que cerca de metade das pacientes ganhava menos de US\$25 mil por ano; essas mulheres contraíam empréstimos e hipotecavam a casa para pagar a conta da cirurgia.

A publicidade, não inovações tecnológicas no campo da medicina, fez toda a diferença. A cirurgia plástica continuava tão perigosa como no passado; na verdade, as operações se tornariam ainda mais arriscadas, já que os altos lucros atraíram centenas de profissionais de outras áreas, que não tinham o devido treinamento. Em 1988, uma investigação levada a cabo por congressistas revelou a existência de um grande número de charlatões, clínicas mal equipadas, bem como grandes danos físicos ou mesmo a morte decorrentes de operações malsucedidas. Outros estudos descobriram que pelo menos 15% das operações plásticas causaram hemorragias, comprome-

timento do nervo facial, problemas de cicatrização ou complicações decorrentes da anestesia. O registro de operações de correção preencheu dois volumes de um manual de referência com 1.134 páginas, *The Unfortunate Result in Plastic Surgery*. Os cirurgiões plásticos estavam dedicando cerca de um quarto de suas operações para corrigir erros cometidos por seus colegas de profissão.

No que diz respeito a implantes de mama, em pelo menos 20% dos casos havia a necessidade de uma nova cirurgia para reparar complicações pós-operatórias como dor, infecção, coagulação do sangue ou ruptura do implante. Um estudo publicado em 1987 nos *Annals of Plastic Surgery* relatou que os implantes foram malsucedidos em pelo menos 50% das situações e tiveram que ser removidos. Em 1988, os investigadores da divisão de Análise de produtos da FDA detectaram que a taxa de falha dos implantes de mama estava entre as mais altas em qualquer procedimento relacionado a cirurgia sob sua supervisão. Mas em vez de partir para a ação, a FDA parou de monitorar as taxas de falha - pois os médicos consultados não conseguiram definir o que constituía uma "falha".

Contratura do tecido da cicatriz em torno do implante, separação do tecido das mamas e endurecimento, seguido de dor, das mamas ocorreram em um terço das mulheres que fizeram a operação. A literatura médica relatou que 75% das mulheres tinham algum grau de contratura, 20% das quais graves. Os implantes também provocaram cicatrizes, infecção, necrose da pele e coagulação do sangue. E se os implantes rompiam, o vazamento podia causar toxicidade, lúpus, artrite reumática e doenças auto-imunes como a esclerodermia. Os implantes também podiam interferir na amamentação, na detecção precoce do câncer e na sensibilidade dos seios. Em 1989, uma mulher da Flórida morreu durante uma cirurgia de implante de mama. Embora a causa, uma overdose decorrente dos produtos usados na anestesia, estivesse apenas indiretamente relacionada ao procedimento, ainda assim seria justo descrevê-la como uma vítima do contra-ataque: modelo, mãe de dois filhos, ela fez a operação porque a agência para a qual trabalhava estava exigindo mulheres de seios grandes.

Em 1982, a FDA declarou os implantes de mama "um risco de lesão potencialmente irracional". Mesmo assim, o órgão do governo federal não deu prosseguimento às pesquisas. E quando um estudo realizado pela Dow Corning Corporation revelou que os implantes de silicone causaram câncer em mais de 23% dos ratos testados, a FDA minimizou as descobertas. "Os riscos para os humanos, se é que existem, seriam mínimos", disse o Dr. Frank Young, membro da FDA. Esse quadro começou a mudar em abril de 1991, depois da divulgação de uma série de outras pesquisas ligando os implantes de silicone ao câncer e da intervenção de uma subcomissão de congressistas, que levaram a FDA a finalmente voltar atrás e dar 90 dias aos

fabricantes de implante para demonstrar que seus dispositivos eram seguros ou retirá-los do mercado. A Bristol-Myers Squibb Co. não aguardou o prazo estipulado para retirar seus dois produtos das prateleiras.

A resposta da Sociedade Americana de Cirurgia Plástica e Reconstructora foi uma "nota de esclarecimento", escrita na forma de um desmentido à imprensa, "tranquilizando as quase 94 mil mulheres que anualmente se submetem ao implante de silicone". As mulheres com implantes de silicone "não tiveram aumentadas as suas chances de um diagnóstico de câncer retardado", afirmava a nota, muito embora não oferecesse nenhuma evidência médica em que pudesse basear a sua afirmação. No entanto, a instituição insinuou que as "verdadeiras causas de um diagnóstico tardio são a ignorância, a complacência, a negligência e a negação". Em outras palavras, culpa da mulher.

O desempenho da lipoaspiração, da raspagem e da sucção de depósitos de gordura não foi melhor. Entre 1984 e 1986, o número de lipoaspirações cresceu 78% - mas o procedimento funcionava mal e porocamente. A lipoaspiração removia apenas de meio a um quilo de gordura, não era capaz de mitigar a celulite e, além disso, freqüentemente só conseguia piorá-la. O procedimento também podia produzir flacidez permanente na pele e edema, para ficar apenas em duas das "variações do ideal" que a sociedade de cirurgia plástica catalogou em seu próprio relatório. Outra "variação" da lista: "dor".

Além disso, a pesquisa que a sociedade de cirurgia plástica fez com seus membros revelou uma série de outros incidentes desagradáveis. Uma paciente de lipoaspiração deitou-se na mesa de operação para remover a gordura acumulada no estômago e acordou com o intestino perfurado e matéria fecal escorrendo através da cavidade abdominal. Três pacientes desenvolveram infecções pulmonares e duas tiveram infecções generalizadas. Três foram vítimas de embolia pulmonar, uma situação que pode custar a vida da paciente, na qual a gordura pode se alojar no coração, nos pulmões e nos olhos. E "numerosas pacientes" precisaram, como a pesquisa eufemisticamente afirmou, de "transfusões não planejadas".

No dia 30 de março de 1987, Patsy Howell morreu de infecção generalizada três dias depois de uma lipoaspiração executada pelo Dr. Hugo Ramirez, um ginecologista que tinha uma clínica de cirurgia plástica em Pasadena, Texas. No mesmo dia em que Howell se operou, Ramirez ministrou uma lipoaspiração em Patrícia Rogers; ela também teve uma infecção generalizada, foi internada em estado grave e teve que remover toda a pele entre os seios e as coxas.

Howell, uma gerente de uma revendedora de flores de 39 anos e mãe de dois garotos, submeteu-se à lipoaspiração para remover uma pequena barriga em seu corpo de cerca de 1,80m. Pesava menos de 60 quilos. "A propaganda que ela recebeu em um shopping center dizia que o procedimento era

muito simples", disse a um repórter sua amiga Rheba Downey. "Por que não?", ela se perguntou. Ela tomou sua decisão depois de ler o anúncio que Ramirez publicou no jornal, chamando a cirurgia de "a revolucionária técnica de redução de gordura sem dieta". Ninguém avisou-a dos perigos. Ramirez operou mais de duas centenas de mulheres, provocando inúmeras lesões e duas mortes antes de ter a sua licença cassada.

Em 1987, apenas cinco anos depois de a técnica de raspagem de gordura sido introduzida nos Estados Unidos, a sociedade de cirurgia plástica já tinha contabilizado 11 mortes decorrentes da lipoaspiração. Uma subcomissão parlamentar formada em 1988 viu que esse número já tinha chegado a 20. E é provável que essas cifras sejam ainda mais altas, pois a família das pacientes em geral relutam em registrar que a *causa mortis* é este procedimento de " vaidade". Uma mulher em San Francisco, por exemplo, que não estava na lista da sociedade de cirurgia ou do Congresso, morreu em 1989 ao fazer uma lipoaspiração no estômago; a infecção atingiu o cérebro, os pulmões entraram em colapso e por fim a septicemia se instalou. Mas sua família ficou muito envergonhada com o procedimento e não o divulgou.

O relatório de 1987 da sociedade sobre lipoaspiração, no entanto, parecia menos preocupado com a segurança do que com "a reputação da lipectomia por sucção", que seus autores temiam ter sido "comprometida por mortes evitáveis e complicações que podiam ter sido prevenidas". Ele concluiu que todos os problemas com lipoaspiração poderiam ser resolvidos com diretrizes determinando quem pode realizar e divulgar procedimentos cirúrgicos". Em outras palavras, livrem-se dos ginecologistas e dermatologistas e deem a cirurgia para eles.

Ainda assim algumas pacientes de lipoaspiração morreram nas mãos de cirurgiões plásticos. E a *causa mortis* mais comum era a liberação de êmbolos de gordura para o coração, pulmões e cérebro - um risco sempre que as camadas internas da epiderme são raspadas, independente da eficiência do responsável por esse procedimento. Como reconheceu o mesmo relatório, a "lipoaspiração é por natureza um fenômeno que violenta o tecido. Por essa razão, a embolia de gordura é uma possibilidade real".

Os cirurgiões também propagandeavam a injeção de silicone líquido direto no rosto. A *Vogue* a descreveu desta forma: "A cirurgia plástica costumava ser um processo dramático, mas as novas técnicas agora permitem que os médicos façam mudanças faciais esculturais menores." Na verdade, essa "nova" técnica era uma antiga prática que tinha sido usada por médicos no último contra-ataque para aumentar os seios - e abandonada devido ao perigo que representava. Ela não melhorou em nada no segundo turno; milhares de mulheres que a experimentaram sofreram com dor no rosto, perda de sensibilidade, ulcerações e terríveis deformidades. Um cirurgião plástico de Los

Angeles, Dr. Jack Startz, destruiu o rosto de centenas das 2 mil mulheres às quais injetou o silicone líquido. Posteriormente, ele cometeria suicídio.

Em sua maioria, esses médicos não estavam operando mulheres que de fato podiam se beneficiar com a cirurgia plástica. Na verdade, o número de operações reconstrutoras para auxiliar vítimas de queimaduras e pacientes com câncer de mama caiu no fim da década de 1980. Para muitos cirurgiões plásticos, ajudar a melhorar a auto-estima das mulheres não era a principal missão de sua profissão. A despeito dos anúncios, os médicos estavam menos interessados em melhorar o senso de "controle" das pacientes do que em aumentar o próprio controle sobre as suas pacientes. "Para mim, a cirurgia é como estar na arena em que as decisões são tomadas e ninguém pode me dizer o que fazer. As mulheres durante a anestesia não têm opinião", disse o cirurgião plástico Kurt Wagner, que operou a própria mulher nove vezes.

A REMODELAÇÃO DA MULHER DE 5%

Diana Doe, uma mulher solteira e independente, tinha muito do que se orgulhar quando completou 35 anos. ("Diana Doe" é um pseudônimo. A mulher originalmente concordara em ter seu nome usado e propositalmente chamou a atenção da mídia. Sua história e nome foram publicados em outras reportagens e apareceram no noticiário televisivo. Mas essa publicidade suscitou uma série de acusações e piadas segundo as quais a mulher estava mostrando a sua vergonha em público. Ela pediu para que seu nome não fosse citado aqui.) Ela havia publicado três livros infantis; participava de diversos workshops para melhorar a expressão e a auto-estima da criança; tinha uma série de projetos de livros em andamento; e acabara de ser convidada para ensinar crianças excepcionais em uma grande universidade. Ainda assim, enquanto aguardava a sua vez de ser atendida pelo caixa do supermercado em um dia quente de junho de 1986, passando os olhos pela prateleira de revistas, sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Ela estava lendo a reportagem de capa da *Newsweek*, que a avisou que suas chances de casamento tinham caído para 5%. "Me senti mal. Mas resolvi relaxar. Afinal de contas, não era de desenvolver um câncer que eles estavam falando." Ela foi para casa e esqueceu aquelas estatísticas.

Algumas semanas depois, ela estava no telefone com um repórter de uma revista especializada em boa forma, discutindo um novo trabalho freelance. "Você viu aquela reportagem da *Newsweek*?, lembra ela de ele ter lhe perguntado. "O melhor é você esquecer; você nunca vai se casar." "Por quê?", perguntou ela. "As mulheres na casa dos 30 são fisicamente inferiores", disse ele. Ela disse que continuava pensando em se casar e, além do mais, "as mulheres balzaquianas têm muito mais a oferecer do que você imagina".

"Você realmente acredita no que está falando?", perguntou ele. "Se tem tanta certeza, que tal fazer uma aposta comigo?" Quando desligaram, Diana apostara cerca de US\$1 mil de que seria capaz de "superar o estigma dos 5%" e de que se casaria aos 40 anos. O jornalista também era solteiro e, embora tivesse 38 anos, não ocorreu a nenhum dos dois fazer uma aposta a respeito do futuro matrimonial dele.

Diana disse que aceitou a aposta porque queria lhe mostrar "o que uma mulher na minha idade é capaz de conquistar". "Realmente acredito que as mulheres balzaquianas estão evoluindo nos anos 80", disse ela. Mas logo ela estava desviando toda essa capacidade para a "evolução" da sua psique. Sua história é uma das ilustrações mais radicais de como o contra-ataque utilizou as conquistas feministas - de como destrutivas as conseqüências poderiam ser quando a retórica da liberação misturava, no inconsciente feminino, sinais culturais que tinham como objetivo minar, não melhorar, sua confiança e sua auto-estima.

Alta, com maçãs do rosto salientes e olhos grandes, Diana havia trabalhado por um breve período como modelo quando tinha cerca de 20 anos. Mas, seu corpo, acreditava ela, não resistira à passagem dos anos e estava precisando "passar por algumas melhorias"; suas deficiências físicas, convenceu-se, eram um sério empecilho em sua caminhada rumo ao altar. Sua ansiedade com a aparência só ficou mais intensa depois que ela consultou um especialista em beleza, que lhe disse que devia dividir o corpo em partes e analisar cada uma delas com uma lupa. "As partes que eu poderia melhorar, que eu fosse à luta para melhorá-las", lembra ela. "O resto eu devia manter longe dos olhos dos outros."

Depois de analisar cada parte do seu corpo, ela chegou à conclusão de que precisava de uma revisão completa. Tendo lido todas as reportagens sobre os milagres da cirurgia plástica, ela acreditou que seria a forma mais eficiente de executar a transformação ou "tirar partido das novas opções e oportunidades de que dispunham as mulheres dos anos 80", como ela mesma afirmou. Ela mesma escolheu as medidas de busto, cintura e quadris que teria. A única questão era como pagar. Uma profissional free-lance com uma assumida propensão para o risco, Diana sempre levantara os fundos necessários para os seus projetos profissionais; agora ela redirecionou o mesmo talento para dar uma guaribada no corpo. A estratégia de Diana pode lembrar a que foi usada pela vingativa dona-de-casa do popular romance que Fay Weldon publicou em 1983, *The Life and Loves of a She-Devil*. Mas a heroína de Weldon melhorou o seu corpo para triunfar sobre o mulherengo marido; Diana Doe estava mudando o corpo para atender aos desejos masculinos e agradar a um potencial macho.

Com um plano de marketing na cabeça, Diana procurou Patrick Netter, um personal trainer de Hollywood. Atrasar o relógio do corpo poderia ser

uma "grande notícia para a mídia", disse-lhe ele. "É a história de uma mulher despertando para seu próprio potencial. É a história da Cinderela dos anos 80." Ela contratou um professor de marketing para fazer uma análise de quanto lucraria com a história. (Ele calculou que a venda de sua metamorfose poderia gerar "algo entre US\$100 mil e 500 mil dólares".) Ela já tinha batizado a sua nova personagem: "a Mulher dos 5%". E Netter chegou a conceber uma estratégia de ação. Ele poderia ser seu agente, ela propôs, e localizar clínicas e empresas de cosméticos que estivessem interessadas em financiar sua transformação em troca de publicidade gratuita. "Achei que a idéia dela de promover sua transformação pudesse ser lucrativa do ponto de vista comercial", diria Netter mais tarde. "É um pouco triste que uma mulher tenha que chegar a esse ponto." Mas não triste ao ponto de impedi-lo de assinar um contrato - garantindo a ele 50% dos lucros.

Algumas semanas depois, "o projeto", como Diana o batizou, tinha sido oficialmente lançado. Um programa televisivo de Los Angeles, que misturava notícias com entretenimento, faria uma matéria sobre sua transformação. E Netter fechou um acordo com um cirurgião plástico, que concordou em fazer-lhe gratuitamente uma operação plástica completa, orçada em cerca de US\$20 mil: rosto, mamas e barriga, bem como um *peeling* e uma lipoaspiração. Em troca, ela mencionaria seu nome nos programas de rádio e televisão - com a garantia de que, como frisou Netter, a publicidade seria "favorável" e de "bom gosto". Diana fez acordos semelhantes com um dentista de Los Angeles, uma academia de ginástica, um spa e um consultor de moda. Ela também fechou com uma revista especializada em saúde e boa forma um pacote de dez artigos sobre a sua evolução. Mais tarde, ela contratou um agente literário para vender seu quarto livro, a história de sua renovação física, cujo título é *Create Yourself*.

Na primavera de 1987, ela procurou o cirurgião plástico para a primeira operação, que seria o implante de silicone nas mamas. Ela foi para a mesa de cirurgia e cobriram-lhe a boca e o nariz com a máscara de anestesia. Quando os seus olhos ficaram turvos, Diana afugentou o temor quanto ao efeito da operação sobre a sua saúde: "O que você deseja mais, ser bonita ou participar de uma maratona?" - ela lembra de ter se perguntado. "Ser bonita, é claro." Quando acordou, não tinha força nem para ficar de pé, muito menos para correr. Seu peito explodia de dor e os seus músculos estavam tão fracos que só podia se levantar da cama se contasse com a ajuda dos outros.

Quando estava suficientemente bem para retomar "o projeto", fez uma visita aos gerentes de marketing da Oil of Olay. Ela tinha visto a campanha publicitária com o novo "conceito de controle", convocando as mulheres a "lutarem" contra o envelhecimento; imaginou então que eles estariam interessados em sua história. Eles estavam - até tomarem conhecimento de que seu plano de auto-aperfeiçoamento envolvia uma cirurgia plástica. Disseram-lhe então que a operação representava um "conflito de interesse" com a imagem

da empresa deles, pois não era "natural". Durante seu primeiro programa de rádio, Diana recebeu uma saraivada de críticas semelhantes - dessa vez dos ouvintes. Eles perceberam sua " vaidade" e acusaram-na de estar manipulando seu corpo de forma "artificial". Primeiro, o repórter a criticara, dizendo que ela era "fisicamente inferior"; agora os homens a estavam criticando por estar tentando atender a requisitos criados pelo macho - que ela conquistara com seu próprio esforço. A luta em nome do "projeto" fez com que seu desejo de conquista e seu desejo de aceitação se confundissem. "Eles estavam me dizendo que eu não devia ir à luta pelo meu desejo. Estavam dizendo que não me cabia batalhar para ter a aparência que desejava", declarou ela.

Mais tarde, Netter ligou para ela e comunicou-lhe que conseguira marcar uma reunião com diversos produtores da Paramount, onde discutiriam um possível "Filme da Semana". Quando Diana entrou no atarefado escritório do estúdio, os produtores estavam sentados em torno de uma mesa de reunião, já planejando "sua história". Eles continuaram discutindo, ignorando a presença dela. "Eles diziam que a história era ótima, mas que precisava de um final", lembra Diana. "Devemos arrumar-lhe um casamento? Ou eu me daria mal e terminaria sozinha?" Eles estavam falando de mim como se estivessem me leiloando." Ela não queria que eles bolassem o seu final, ela queria criá-lo por si mesma.

Enquanto isso, a perspectiva de casamento não parecia nada animadora. Ela começara um "relacionamento por telefone" com um corretor de imóveis. Ele continuava querendo vê-la e ela se mantinha negando a vê-lo até "o projeto ser concluído". Ele lhe disse que estava "aquém da sua perfeição" e que ela não devia se preocupar com a aparência. Isso durou cinco meses até ela relutantemente concordar em viajar para passar o dia com ele.

Quando foi buscá-la no aeroporto, ela percebeu a decepção nos olhos dele. "Ele olhou para mim e eu vi que tudo tinha acabado." Passaram-se algumas semanas antes que voltassem a se falar. "Você não vai esperar chegar aonde quero, vai?", perguntou ela. "Não", disse ele. "Por quê?", perguntou ela, muito embora já imaginasse a resposta que ouviria. Depois de um momento de silêncio, ele finalmente disse: "Você parece muito velha." (Ele era dois anos mais velho do que ela.) Em seguida, apresentou "uma lista com todos os meus defeitos", lembra-se ela. "Começava no cabelo e terminava no dedo do pé. A lista tinha cerca de 10 itens que justificavam o pé na bunda." Todos eles estavam relacionados ao corpo. Meses depois, ela soube que ele se casara - com uma mulher 10 anos mais nova que ele.

Em agosto de 1988, quando "o projeto" já se aproximava do seu segundo ano, Diana ainda estava lutando para perder peso e poder se submeter à lipoaspiração.

A reversão do processo de envelhecimento é um antigo sonho do ser humano. Não é o tipo de desafio que uma mulher como Diana, cuja vida era

pautada pela praticidade e pelo profissionalismo, seria capaz de vencer. No fim da década de 1980, a redescoberta de rígidos padrões de beleza tinha deixado até mesmo mulheres inteligentes e empreendedoras como ela de sã justa. Parece ridícula a dedicação de Diana ao plano dos 5%. Mas talvez ela possa ser perdoada por ter ido atrás da fonte da juventude em detrimento da construção de uma vida devido às poderosas marés do tempo, pelas quais foi arrastada. Diana pertencia a uma cultura que mal reconhecia essas correntes e não tinha a menor preocupação em preparar as mulheres para desafiá-las; em vez disso, ela se limitava a armar as mulheres com unguentos e escalpos para lutar contra sua própria anatomia. Se Diana escolheu lutar contra a sua própria natureza, em vez de resistir às comparações com a Garota Breck e suas muitas irmãs comerciais, talvez tivesse suas razões. Diante de uma década solitária e ameaçadora para as mulheres que tentavam se opor às "tendências", podia ser simplesmente mais cômodo lutar contra a biologia do que triunfar sobre um ambiente cultural aparentemente muito mais sufocante.

PARTE 3

A REAÇÃO AO
BACKLASH

*A política do ressentimento: A guerra
da nova direita contra as mulheres*

A política do desespero na América sempre foi a política do contra-ataque.

SEYMOUR MARTIN LIPSET E EARL RAAB

"Tenho esperança pela primeira vez depois de muito tempo", declarou Paul Weyrich. O "pai da Nova Direita" olhou para a esquelética paisagem que se descortinava pela janela de seu escritório, em Washington. Famílias de sem-teto se apertando sob as marquises; a meia quadra da Fundação de Pesquisa e Educação para um Congresso Livre de Weyrich, ceoam sirenes e tiros de revólver se fazem ouvir.

O ânimo do líder da Nova Direita parecia tão inadequado para a época quanto para o seu local. Afinal de contas, o inverno de 1988 não era um pouco tarde para que o fundador da Heritage Foundation se sentisse tão bem em relação à América? A época de esperança da Nova Direita não tinha sido no início da década, quando seus líderes derrubaram os senadores liberais, reformularam o programa do Partido Republicano e marcharam triunfantemente para Washington? Desde então, o movimento não estava vindo ladeira abaixo?

Weyrich, que tinha acabado de viajar pelas universidades do país dando palestras, lê os sinais de modo diferente. "Vejo grande esperança porque pela primeira vez há uma nova receptividade. Há dez anos, quando eu discursava nas universidades sobre a mentira da liberação das mulheres, sobre a contenção da gratificação sexual, a reação era de total hostilidade. As pessoas protestavam e vaiavam. Agora eu vejo um grande interesse nessa tese. Na Kent State, uma menina de 19 anos me procurou com lágrimas nos olhos, me agradecendo emocionada."

Não apenas algumas garotas universitárias, mas a própria "mídia liberal" parece estar se identificando com o ponto de vista de Weyrich sobre as mulheres. Esse fato só faz encorajá-lo ainda mais: "Enfim, a mentira do feminismo está sendo compreendida. As mulheres estão descobrindo que não podem ter tudo. Elas estão percebendo que se têm profissões, seus filhos sofrerão, a vida da sua família será destruída. Antes, apenas nós tínhamos

coragem de dizer isso. Agora, leio isso em todos os lugares. Até na revista *Ms. Até na Ms.!*"

Embora o movimento da Nova Direita não tenha conseguido aprovar muitas das medidas legislativas específicas em sua lista, ele obteve grandes vitórias na esfera mais abrangente - e, nos anos Reagan e Bush, cada vez mais importante - das relações públicas. No fim da década de 1980, homens como Weyrich deixaram de parecer grandes idiotas no cenário político de Washington, mas aquele estava longe de ser o único lugar ao qual ele queria restringir o seu campo de ação. Como um pastor da Nova Direita pregou para seus seguidores em uma sessão de estratégia da Heritage Foundation: "Não estamos aqui para nos enfrontar na política. Estamos aqui para fazer com que o relógio deste país volte para 1954. E quando alcançarmos nosso objetivo, vamos nos livrar dessa fétida cidade." Nos últimos anos da década, quando homens como Weyrich abriam o jornal para ler, tinham a impressão de que, como seus sentimentos começavam a tomar conta da cultura oficial, as mãos do tempo estavam começando a girar os ponteiros do relógio no sentido anti-horário.

Se o backlash contemporâneo tinha uma terra natal, esta era aqui, no seio da Nova Direita, onde ele começou a tomar forma como um movimento com um claro compromisso ideológico. Os líderes da Nova Direita foram os primeiros a articular o argumento central do contra-ataque - o de que a igualdade das mulheres é responsável pela infelicidade delas. Eles também foram os primeiros a culpar o movimento das mulheres por dois dos seus pecados mais citados e contraditórios entre si: o de promover o materialismo em detrimento dos valores morais (ou seja, transformando as mulheres em ambiciosas *yuppies*) e o de dismantelar o tradicional sistema de apoio da família (ou seja, transformando as mulheres em mães do *welfare*). A cultura oficial rejeitaria sua retórica fervorosa e o seu imaginário apocalíptico, mas o cerne de sua mensagem política sobreviveu - o que a mídia transubstanciou em "tendências".

Os líderes da Nova Direita eram pastores fundamentalistas de origem rural cujas congregações estavam diminuindo e pastores eletrônicos cuja audiência estava declinando. No campo, a contínua migração dos evangélicos para os subúrbios e cidades e a indiferença de uma geração jovem estavam esvaziando seus templos. Entre 1977 e 1980, no nascedouro da "ascensão" da Nova Direita, os pastores eletrônicos perderam 1 milhão de espectadores. Em novembro de 1980, nove entre os 10 mais populares pastores eletrônicos tinham menos audiência do que em fevereiro do mesmo ano; Oral Roberts tinha perdido 22% de sua audiência na TV e o PTL Club tinha perdido 11%. Mesmo no auge da proeminência nacional da Moral Majority (grupo de religiosos e políticos de direita que apoiavam candidatos conservadores nas eleições) na mídia, menos de 7% dos americanos pesquisados disseram que a organização representava seus pontos de vista. Uma pesqui-

sa da Harris revelou que não mais de 14% do eleitorado seguiam os pastores eletrônicos - e metade dos fiéis disseram aos pesquisadores que estavam considerando a possibilidade de retirar o seu apoio.

"A política do backlash", observaram os cientistas políticos Seymour Martin Lipset e Earl Raab no estudo que dedicaram a esse periódico fenômeno da vida pública dos Estados Unidos, "pode ser definida como a reação dos grupos cuja importância, influência e poder estavam declinando a olhos vistos." Ao contrário dos conservadores clássicos, esses "pseudoconservadores" - como Theodore Adorno batizou os baluartes desses modernos movimentos de direita - se viam como párias sociais, não como guardiães do *status quo*. Menos do que defensores de uma ordem reinante, eles estavam resuscitando um modelo superado e fictício. "Grande parte da América tinha se afastado deles e das pessoas que comungavam tais ideais", escreveu o historiador Richard Hofstadter, "embora estivessem determinados a tentar reavê-la e impedir o ato de subversão destrutivo final." Como disse o próprio Weyrich em relação a seus adversários liberais, "eles já conseguiram o que queriam. Nós não estamos no poder. O poder é deles".

O movimento da Nova Direita tem suas contrapartes nos últimos períodos de backlash: a American Protective Association do fim do século XIX, a rediviva Ku Klux Klan e o movimento de extrema-direita do reverendo Coughlin nas décadas de 1920 e 1930, a campanha anticomunista da Sociedade John Birch durante o pós-guerra. Os baluartes dessas cruzadas eram fazendeiros falidos que não tinham mais como manter suas terras, trabalhadores da baixa classe média que não conseguiam sustentar as famílias que tinham constituído ou fundamentalistas rurais em uma nação urbana secular. Eles foram frustrados em suas aspirações humanas mais básicas - o ansio de serem reconhecidos e valorizados pela sociedade em que vivem, o desejo de encontrarem um solo firme em uma economia instável. Se não podiam atender a essas necessidades fundamentais, podiam ao menos procurar o amargo conforto da vingança. Como declarou Howard Phillips, líder conservador, "devemos provar nossa capacidade de nos vingar das pessoas que atentaram contra nós". Richard Viguerie, tesoureiro da Nova Direita, prometeu "infligir os mais severos castigos". Se eles não iam ser recompensados nesta vida, podiam ao menos punir as pessoas que acreditavam ter-lhes roubado o paraíso de que desfrutavam aqui na terra. Todos os contra-ataques sempre têm um bode expiatório: para a American Protective Association, os católicos pagaram a conta. Para o movimento de "justiça social" do reverendo Coughlin, os judeus. Para a Ku Klux Klan, é claro, os negros. E para a Nova Direita, o grande inimigo eram as feministas.

Em 1980, Weyrich estava entre os primeiros de muitos líderes da Nova Direita a identificar o culpado. Na *Conservative Digest*, ele alertou os seguidores para a ameaça feminista:

Há pessoas que desejam uma ordem política diferente, que não são necessariamente marxistas. Simbolizadas pelo movimento de liberação das mulheres, elas acreditam que o futuro do seu poder político está na reestruturação da família tradicional, e particularmente na degradação do papel do homem ou do pai na família tradicional.

Nesse mesmo ano, o reverendo Jerry Falwell, da Moral Majority, fez o mesmo alerta. "A Emenda da Igualdade de Direitos compromete as bases de nossa estrutura social", concluiu ele em *Listen, America!*, uma publicação cujas páginas são dedicadas à devastação que o movimento das mulheres teria provocado na sociedade. As feministas tinham lançado um "ataque satânico contra a família", disse Falwell. E sua principal prioridade era diminuir mulheres, começando com a eliminação da Emenda da Igualdade de Direitos. "Com todo o meu coração", prometeu ele, "quero enterrar essa emenda de uma vez e para sempre em uma cova profunda e escura."

Os grupos da Nova Direita foram um a um aderindo a essa proposta. A facção conservadora considerou a emenda um "dos documentos legislativos mais destrutivos já aprovados pelo Congresso" e, para determinar os candidatos que mereciam o seu apoio financeiro, o fator decisivo para o Comitê para a Sobrevivência de um Congresso Livre era a posição de cada político sobre a emenda. A descrição das feministas como espíritos malévolos capazes de terríveis maldades e de destruir o país era também um bordão. A abertura do boletim informativo da Causa Cristã Americana usava o seguinte apelo para levantar fundos: "Satã é o rei do movimento de 'liberação das mulheres' e nada o deterá." A *Christian Voice* afirmou que "a rápida decadência da América como uma potência mundial é um resultado direto" da campanha feminista pela igualdade de direitos e pela liberdade sexual. As feministas, segundo a *Voice*, são "pervertidas" e "inimigas de toda a sociedade decente". As feministas são uma força mortal, disseram os pastores do Clube 700, precisamente porque traziam consigo a ameaça de tirar o poder dos homens; elas "passariam o poder do país para as mulheres". A opinião que a Nova Direita tinha do feminismo, não do comunismo ou da raça, era um testemunho da força e da penetração social do movimento das mulheres na última década. Como observou a acadêmica Rosalind Pollack Petchesky, "o movimento de liberação das mulheres na década de 1970 tornou-se a força mais dinâmica para a mudança social do país, uma das ameaças mais diretas não apenas aos valores e interesses conservadores, mas também a importantes grupos cujo 'padrão de vida' é desafiado pelas idéias de liberação sexual". Não foi à toa que os principais grupos da Nova Direita começaram a surgir dois anos depois das duas maiores vitórias dos direitos das mulheres - a aprovação da Emenda da Igualdade de Direitos no Congresso em 1972 e a legalização do aborto na Suprema Corte dos Estados Unidos em 1973.

Para os pregadores da Nova Direita, a força das idéias feministas era também uma ameaça ao status profissional de que desfrutavam. Como os pastores do fim da era vitoriana, os clérigos da Nova Direita retiravam o seu sustento do fiel rebanho de mulheres - e este rebanho estava não apenas diminuindo como também se tornava cada vez mais desobediente. Em uma pesquisa feita em 1989 com cerca de 18 mil mulheres cristãs nos Estados Unidos, apenas 3% disseram que seguiam a orientação moral ministrada pelos seus pastores. Quando um pesquisador tentou realizar uma pesquisa com as mulheres evangélicas, os pastores se negaram a dar acesso a suas congregações femininas. Nos seus sermões, foi tão grande a insistência dos pastores da Nova Direita em invocar uma passagem da Bíblia, que até a imprensa percebeu: Efésios 5:22-24 - "O marido é o chefe da esposa, assim como Cristo é o chefe da Igreja" - tornou-se uma espécie de mantra entoado quase todas as semanas em muitos púlpitos. Na vida doméstica, muito embora os homens fundamentalistas tentassem manter as suas portas vedadas, as idéias feministas continuavam se imiscuindo pelas frestas. "As esposas estão sendo surradas como nunca porque os homens deixaram de ocupar o papel de chefe de família", disse um pastor evangélico a um sociólogo. "Eu digo para as mulheres que elas devem voltar para casa e ser mais submissas."

Para os ministros da Nova Direita, o feminismo e as grandes forças políticas com as quais se associaram pareciam deter um poder incontrolável, mas mulheres mais ligadas à vida doméstica eram maleáveis, mais dóceis e vulneráveis. Desapontados e amargurados pelo fato de a administração Carter ignorar as reivindicações que fizeram no sentido de tornar obrigatória a educação religiosa e uma série de outros objetivos que eles esperavam que um presidente batista apoiasse, os líderes fundamentalistas direcionaram todo o seu ódio para a irmã Ruth Carter Stapleton. Eles orquestraram uma campanha anti-Stapleton e nos vídeos, sermões radiofônicos e até em um livro que produziram, esses homens tentaram denegrir a mulher que chamavam de "Rainha das Bruxas". (Magia negra e igualdade sexual foram termos que jamais saíram da retórica da Nova Direita.) "Eles realmente me procuraram", lembra-se Stapleton. "Eles eram contrários a mulheres missionárias. Na verdade, eles eram contra qualquer mulher. Eles diziam que a mulher tinha que ser totalmente submissa ao homem."

Quando os homens da Nova Direita entraram na política, eles levaram consigo a retórica da caça às bruxas feministas. Howard Phillips disse que as feministas tinham controlado a capital e estavam por trás da "deliberada política do governo de libertar a esposa da liderança do marido". Jerry Falwell parecia ver estridentes feministas em todos os lugares para que olhava em Washington: até uma comissão federal de saúde e educação sobre as necessidades das mulheres era "composto de 12 autoproclamadas feministas, todas elas extremamente agressivas". "Preciso dizer que chegou a hora de os americanos de moral tomarem consciência e se envolverem na luta

para preservar os valores da família na nossa nação? Não podemos esperar. O crepúsculo da nossa nação está próximo." Não apenas o governo civil estava correndo perigo, Falwell alertou. As feministas estavam minando os militares e estavam avançando nas questões internacionais. Em *Listen, America!*, Falwell anunciou uma conspiração feminista global - uma sinistra teia feminina de organizações de vanguarda que estavam espalhando suas tentáculos pelo mundo livre. Mesmo o Ano Internacional da Criança (1979) teve o seu "lado mais obscuro", ele afirmou: o evento foi um trampolim pelo qual as ardilosas ativistas pelos direitos das mulheres, com uma nítida formação socialista, tiveram "acesso a uma rede de governos mundiais".

Mandate for Leadership, plano que em 1981 a Heritage Foundation preparou para a administração Reagan, alertou para o "crescente alavancamento político dos interesses feministas" e para a infiltração de uma "rede feminista" nos órgãos governamentais, e exigiu uma série de contramedidas para minimizar o poder feminista. *Mandate for Leadership II*, três anos depois, estava igualmente preocupado com o poder das feministas; seus autores afirmaram que a "luta contra a igualdade de direitos deve se tornar uma das prioridades da próxima administração". E o *Cultural Conservatism*, outro panfleto fundamental na biblioteca da Nova Direita, não perdeu tempo para acusar "formas radicais de feminismo" como a fonte de uma longa lista de problemas sociais, de jovens rebeldes a sentimentos antiamericanos. As voluntárias radicais feministas fizeram profundas incursões em nosso governo e em nossas escolas, alertou o *Cultural Conservatism*. "A gente não precisa ir até o Departamento de Estudos da Mulher" para cruzar com as "liberacionistas", observaram os autores do livro; agora essas perniciosas idéias estavam profundamente associadas aos departamentos de literatura das universidades, aos cursos de advocacia, aos *talk-shows* de TV e aos "clipes de rock". Mesmo quando a Nova Direita se voltou para o "humanismo secular", ela percebeu a presença do feminismo vagando entre as suas linhas. Os livros escolares que os deixaram mais inquietos foram os textos que apresentavam as mulheres em papéis independentes. A lista de publicações do Centro do Instituto Rockford para a Família na América, uma grande incubadora do pensamento da Nova Direita, uma página de impropérios contra as mulheres independentes, solteiras, profissionais e, é claro, feministas. Na verdade, apenas dois dos 21 títulos da lista de 1989 não falavam de crimes cometidos pelas mulheres. Algumas ofertas típicas: "Perigo paralelo: mulheres que trabalham, maridos suicidas", "Por que mais mulheres no mercado de trabalho significam salários mais baixos para os homens", "O assustador crescimento de famílias de mãe solteira" e "A ligação entre as famílias dominadas pela mãe e o uso de drogas".

"O feminismo tornou-se o foco de tudo", lembra-se Edmund Haislmaier, um pesquisador da Heritage Foundation. Como um conservador do ponto de

vista econômico, que não compartilha o desejo de seus companheiros por uma retrógrada revolução social, Haislmaier observa o furor antifeminista típico da instituição em que trabalha com uma inquietante indiferença.

Analisando a situação com os olhos de hoje, vejo que eles davam um peso excessivo à responsabilidade das feministas pelo que estava acontecendo no mundo. Na verdade, o movimento das mulheres não foi responsável pelas altas taxas de divórcio, que já eram grandes antes de começar o movimento de liberação das mulheres. Certamente, as feministas não tinham nada a ver com a desastrosa política econômica em vigor. Mas as feministas se tornaram um alvo facilmente identificável. Ellie Smeal [ex-presidente da Organização Nacional das Mulheres] era um alvo reconhecível, ao contrário do que ocorria com a hiperinflação e o aumento dos impostos.

DEFININDO A AGENDA ANTIFEMINISTA

Logo depois que a Nova Direita obteve suas primeiras e surpreendentes vitórias nas eleições parlamentares, um empolgado Paul Weyrich reuniu seus principais assessores na Heritage Foundation. Sua missão: formular um projeto de lei que pudessem usar como um esboço para o programa da Nova Direita. Seria sua primeira iniciativa legislativa e um emblema da causa que defendiam. Eles viriam a chamá-lo de Lei de Proteção à Família. Mas o projeto que levaram para o Congresso em 1981 não tinha a menor intenção de ajudar as donas-de-casa. Na verdade, tinha apenas um objetivo: revogar quase todas as conquistas legais do movimento das mulheres.

As propostas do projeto: eliminar as leis federais de apoio à igualdade na educação; proibir a "mistura dos sexos em qualquer esporte ou demais atividades escolares"; tornar obrigatório o ensino de que o casamento e a maternidade eram a carreira adequada para as meninas; negar financiamento do governo federal a qualquer escola que faça uso de livros didáticos onde as mulheres não apareçam desempenhando suas funções tradicionais; anular todas as leis federais que protegem mulheres violentadas pelos maridos; e banir ajuda legal financiada pelo governo federal a mulheres que estejam procurando orientação sobre aborto ou divórcio. Em grande parte, o texto usado é escrito na forma negativa; em sua longa lista de programas federais a serem suspensos, o projeto de lei propunha apenas uma novidade - novos incentivos fiscais para induzir as mulheres casadas a terem filhos e ficarem em casa. De acordo com esse projeto, um marido poderia fazer um fundo de aposentadoria dedutível no imposto de renda se sua mulher não ganhasse *nenhum* dinheiro ao longo de todo o ano. Evidentemente, mesmo uma vendadora de Tupperware era suspeita.

Outras propostas legislativas da Nova Direita para a "família" foram formuladas nos anos seguintes e virtualmente todas elas tinham como finalidade minar a independência da mulher onde quer que ela mostrasse sua face: a total proibição do aborto, mesmo nos casos em que a mulher corria risco de vida; censura a todas as informações referentes ao controle da natalidade até a mulher estar em idade de se casar; uma lei sobre a "castidade"; revogação da lei de paridade salarial e outras leis trabalhistas que garantiam a igualdade de condições entre os sexos; e, é claro, a anulação da Emenda da Igualdade de Direitos.

Na eleição de 1980, a oposição aos direitos da mulher foi praticamente o único tema que motivou a Nova Direita a participar da campanha presidencial. Na prática, o movimento conseguiu fazer com que os líderes do Partido Republicano formassem uma plataforma contrária à legalização do aborto e à Emenda da Igualdade de Direitos - a primeira vez desde 1940 que a emenda não contou com o apoio do Partido Republicano. A aprovação da convenção republicana da agenda antifeminista da Nova Direita veio a se tornar um divisor de águas entre os grandes partidos nacionais, cujas plataformas estavam se tornando cada vez mais parecidas em outros campos, da política externa à manutenção da lei e da ordem no plano interno. E o candidato para o principal cargo do país diferenciava-se claramente de seus antecessores pelas opiniões que tinha em relação aos direitos das mulheres: Reagan foi o primeiro presidente a se opor à Emenda da Igualdade de Direitos desde que o Congresso a aprovou - e o primeiro a dar apoio à "Emenda da Vida Humana", proibindo o aborto e alguns outros tipos de controle da natalidade.

Por mais estranho que possa parecer, a maioria dos cronistas da entrada da Nova Direita na capital - tanto dos seus militantes como de seus oponentes - caracterizou o feminismo como uma questão "secundária". As reportagens, tanto as publicadas em jornais liberais como de esquerda, geralmente apresentavam a oposição do movimento de extrema-direita ao aborto e à Emenda da Igualdade de Direitos como iscas secundárias para questões políticas mais suculentas e "importantes" - desregulamentação da economia, cortes orçamentários e corrida armamentista. A primeira leva de livros de história sobre o movimento não foi muito diferente. *God in the White House*, de Richard G. Hutheson Jr., uma típica narrativa da época, dedicou apenas duas páginas à Emenda e, à exceção do feminismo, explorou todas as possíveis causas para a mobilização da extrema-direita, de Watergate ao "novo narcisismo". "As questões sentimentais e domésticas" incluídas na agenda da Nova Direita, concluiu Alan Crawford em *Thunder on the Right*, eram, "se muito, questões secundárias sem a menor importância política".

Mas enquanto esses analistas tratavam o ataque da Nova Direita ao movimento das mulheres como uma "canja" para animar a platéia, os prota-

gonistas do drama fundamentalista da extrema-direita não deixavam por menos. Para eles, a punição pública das mulheres feministas independentes era não menos do que o show principal.

A GUERRA DE PALAVRAS

"Somos diferentes das gerações de conservadores que nos precederam", disse Weyrich em um discurso pronunciado em 1980. "Não estamos trabalhando para preservar o *status quo*. Somos radicais e estamos trabalhando para subverter a estrutura de poder do país." Eles também eram os "novos pastores machões", como logo foram chamados, pregando uma linha dura pela televisão. O reverendo James Robison, o "Colérico Homem de Deus", jactava-se de seu passado violento (incluindo a alegação de que "planejara curas"); o reverendo Tim LaHaye gostava de falar com a imprensa sobre a época em que era militar, quando ele "botava qualquer um para correr". Como enfatizavam repetidamente em seus textos e discursos, eram "guerreiros", marchando para o território inimigo empunhando a bandeira de Cristo. "Jesus não era um pacifista", gostava de dizer Falwell. "Ele não era um maricas."

No entanto, os soldados fundamentalistas marcharam para Washington precisamente porque temiam que os homens já tivessem se tornado o "sexo fraco" do qual em seus textos Falwell escarnecia repetida e ansiosamente. Embora os guerreiros da Nova Direita se autoproclamassem agentes livres e agressivos da mudança, todas as suas manobras eram reações contra o que no entender deles era o principal inimigo - os defensores dos direitos da mulher. A despeito de suas bravatas, a identidade da Nova Direita dependia totalmente de outro movimento. Essa é, certamente, a situação de qualquer grupo conservador que esteja tentando preservar ou ressuscitar um padrão de vida que se encontre ameaçado. "Paradoxalmente, o conservadorismo só encontra sentido se houver liberalismo", observou o cientista político Sidney Blumenthal em *The Rise of the Counter-Establishment*. "Embora os conservadores tenham um sentido de missão, eles têm dificuldade de superar o ponto de vista que combatem." Mas os homens da Nova Direita se viam em uma posição de dependência que fazia com que se sentissem duplamente inferiores: além de estarem reagindo em vez de agindo, estavam reagindo contra mulheres. Pelo menos os John Birchers da vida se viam como combatentes contra os avanços dos bandidos comunistas. Os pregadores da Nova Direita se viam diante da embaraçosa tarefa de opor resistência às mulheres.

O movimento do backlash parecia fadado a essa passividade. Mas os homens da Nova Direita finalmente encontraram uma alternativa. "Durante 20 anos, a batalha mais importante no campo dos direitos civis foi o controle da língua", afirmou *Mandate for Leadership II* - especialmente de palavras como *igualdade e oportunidade*. "O segredo da vitória, tanto nos tribu-

nais como na tribuna política, é controlar a definição desses termos." Ao criar um novo rótulo para os termos do debate sobre igualdade, descobriram, eles podiam polir verbalmente o caminho para o poder. Ao redirecionar as linhas de poder por meio de uma espécie de inversão semântica, podiam dar um golpe pelo eufemismo. E nesse caso, as palavras tinham mais poder do que as ações.

Seguindo essa estratégia lingüística, a Nova Direita rotulou sua resistência aos recém-adquiridos direitos de reprodução das mulheres como "luta pela vida"; sua oposição à recém-conquistada liberdade sexual das mulheres passou a ser chamada de "pró-castidade"; e sua hostilidade à entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho tornou-se "pró-maternidade". Finalmente, a Nova Direita criou um novo nome para si mesma - seu ponto de vista retrógrado e negativo contra o avanço dos direitos das mulheres tomou-se "pró-família". Antes, o grupo Eagle Forum (contrário à Emenda da Igualdade de Direitos) autoproclamara-se "uma alternativa para a liberação das mulheres". Mas depois das eleições de 1980, mudou seu slogan para "Liderando o movimento pró-família desde 1972". Antes, Weyrich não tinha alternativa senão descrever seu inimigo como a "liberação das mulheres". Mas agora Weyrich pôde chamar sua nêmesis de "movimento antifamília". Agora ele estava no ataque - e as feministas teriam que reagir ao *seu* programa.

Esse jogo de palavras orwelliano não apenas tirou os líderes da Nova Direita de seu canto passivo; ele serviu também para disfarçar a raiva que tinham da crescente independência das mulheres. Foi ainda uma bem-sucedida ferramenta de marketing, já que com ele conseguiram atrair a simpatia da imprensa e um maior número de adeptos quando marchavam sob a bandeira dos valores da família tradicional. Nos anos 20, a Ku Klux Klan ganhou muitas adesões com uma manobra retórica semelhante, minimizando a importância do seu racismo e dando-lhe o status de patriotismo; eles não estavam linchando negros, eram reformadores morais defendendo a bandeira.

A linguagem dos líderes da Nova Direita era, em muitos aspectos, tão vazia quanto a da Klan. Esses defensores da vida botaram fogo em clínicas de planejamento familiar vazias, pregaram a pena de morte e chamaram a bomba atômica de "uma maravilhosa dádiva dada ao nosso país por um Deus sábio". Esses cruzados da "pró-maternidade" fizeram campanha contra virtualmente todos os programas de assistência à mãe do governo federal, dos serviços pré-natais aos programas de alimentação à criança. Sob a bandeira dos "direitos da família", esses porta-vozes reivindicavam para o homem o poder supremo dentro de casa - para exercer o que Falwell chamava de a "responsabilidade de conduzir a família que Deus atribuíra ao marido".

tura de seus grupos "auxiliares" mais nas organizações que lutam pelos direitos das mulheres do que na hierarquia masculina da Nova Direita. E elas também se apropriaram das táticas e da retórica de eventos, discursos e literatura feministas. Foi em 1977, durante uma conferência realizada em Houston em homenagem ao Ano Internacional da Mulher, que endossou uma plataforma essencialmente feminista, que as mulheres da Nova Direita começaram a se manifestar e a se organizar. A partir da conferência, surgiram diversos grupos de mulheres da Nova Direita, que posteriormente se aglutinaram em torno da Coalizão Nacional Pró-família. A Conferência da Casa Branca sobre a Família, promovida em 1979 pelo presidente Carter, outra reunião de não inspiração feminista, serviu como plataforma de lançamento para a coalizão na política nacional. Dessa vez, como a agenda feminista dominou a conferência, as mulheres da Nova Direita organizaram um evento paralelo com um formato semelhante - e elas promoveram passeatas, formaram uma assembléia "alternativa" e discutiram sua própria agenda.

Para muitas dessas mulheres, a experiência foi um excitante primeiro contato com o ativismo político, uma descoberta transcendental de sua voz pública. "O Ano Internacional da Mulher foi nosso laboratório", disse orgulhosamente Rosemary Thomson, autora de *The Price of Liberty* e coordenadora do Eagle Fórum promovido durante a Conferência da Casa Branca sobre a Família, em entrevista que concedeu a um sociólogo depois do evento paralelo. "Agora nós estamos prontas para a ofensiva na luta por nossas famílias e nossa fé." Uma organizadora nacional do Eagle Fórum explicou que jamais tinha feito ou escrito um discurso, nunca dera seu testemunho em público, nem falara para o rádio ou na televisão. Ela admitiu que ganhara autoconfiança.

No entanto, a Nova Direita começou a usar a crescente confiança e as aspirações dessas mulheres em seu próprio benefício. O movimento precisava articular intelectuais para ocuparem o pódio e adestrar organizadoras para ocuparem cargos de liderança; as mulheres da Nova Direita tomaram ambas as providências. Duas mulheres em particular, Connaught "Connie" Marshner, a mulher mais importante da Heritage Foundation, e Beverly LaHaye, a diretora do Mulheres Preocupadas com a América, o maior grupo feminino da Nova Direita, assumiram a direção dessas respectivas missões.

A SUPERMULHER DA HERITAGE FOUNDATION

"A natureza de uma mulher é, simplesmente, orientada para o outro... A natureza da mulher faz com que ela dedique a sua vida a atender a necessidade dos outros."

CONNAUGHT C. MARSHNER, *The New Traditional Woman*, 1982

"Se entre 1979 e 1984 alguém me dissesse que devia passar mais tempo com os meus filhos, eu me sentiria profundamente ofendida."

CONNAUGHT C. MARSHNER, ENTREVISTA, 1988

"Ah, sim, a Lei de Proteção à Família", lembra-se Connie Marshner. "Fui eu quem a formulou. Eu a vendi. Tornei-me a sua principal divulgadora." Logo depois do jantar em uma noite na primavera de 1988, Marshner está sentada na sala de estar da sua casa em um subúrbio de Washington. Seu marido, Bill, tira a mesa e em seguida vai lavar os pratos na cozinha. Tivera um dia muito ocupado e, explica ela, como não sobrara tempo para cozinhar, lá estavam eles jantando comida chinesa mais uma vez. Enquanto nina seu filho recém-nascido em uma mão e manipula uma pilha de papéis com a outra, ela lembra os conturbados dias em que se sentou para redigir a Lei de Proteção à Família.

"Estava muito envolvida com a política. Na época, eu pertencia à creche da vizinhança, mas logo ficou claro que jamais conseguiria cumprir com a minha parte na cooperativa. Andava ocupada demais para isso. Por fim, as outras mães pediram que eu me afastasse."

A carreira política de Marshner começou em 1971, na Universidade da Carolina do Sul; a universitária Connie Coyne estava estudando letras, mas passava todo o seu tempo na Young Americans for Freedom, uma organização política conservadora. Logo depois da universidade, ela se tornou assistente do editor da revista da organização, a *New Guard*. Quando seu chefe foi transferido para o escritório da organização no Capitólio, chamou-a para ser sua secretária. Ela aceitou de imediato, mas não tinha a intenção de ficar fazendo serviços de escritório. Logo depois de sua chegada, o chefe lhe deu um documento, um ataque a um projeto de lei sobre creches, para digitar; ela levou para casa e escreveu, como se lembra, "a definitiva análise do que estava errado com ele". Seu texto "tornou-se a crítica conservadora do projeto de lei Desenvolvimento da Criança de Mondale, que mais tarde seria responsável por sua revogação".

De acordo com a análise da própria Connie Marshner, aspectos de sua juventude conservadora - como sua insistência em freqüentar a escola dominical de catecismo - começaram como uma "rebeldia infantil", um desejo de incomodar seus pais liberais, que se declaravam católicos porém não seguiam a religião. Mas ao mesmo tempo em que brigava com seus pais, não deixava de absorver os seus ensinamentos para fazer uso futuro deles. Sua mãe, uma frustrada dona-de-casa casada com um oficial da marinha, dizia para suas duas filhas para não seguirem seus passos. "Mamãe leu a *Mística feminina* assim que o livro de Friedan foi publicado. Lembro dela dizendo que só entenderia como a vida de casada é ruim depois de ler aquele livro. Mamãe me dizia para não me casar e arruinar minha vida. 'Seja independente', aconselhava-me ela."

Seu pai também induziu Connie e sua irmã mais velha, que viria a se tornar advogada, a entrarem na universidade e a ficarem longe de "empregos femininos" mal remunerados. "Meu pai era muito inteligente", lembra-se ela. "Ele me disse para não aprender taquígrafia." Os Coyne estimularam as filhas a apreciar o valor da auto-suficiência - lição de que Connie faria bastante uso na idade adulta. "Nunca me ocorreu depender dos outros. Acho que alguém que seja educado para depender dos outros deve se libertar. Mas eu não fui educada dessa forma."

Quando jovem, estava tão determinada a se manter independente que tinha certeza de que "jamais se casaria". Mas aí ela conheceu Bill Marshner em uma missa no início dos anos 70. Casaram-se em 1973. Nesse mesmo ano, a Heritage Foundation foi criada com a finalidade de se tornar a primeira incubadora do pensamento da Nova Direita. O ex-chefe de Connie Marshner na YAF, e um dos fundadores da Heritage, indicou seu nome para os organizadores da fundação. Ela aceitou sua proposta - um emprego como pesquisadora -, e ela e Bill se mudaram para um apartamento em Washington próximo ao escritório.

Mais uma vez, Connie Marshner não demorou a transformar um emprego modesto em uma posição mais influente. Quando seus superiores viram o seu "bom desempenho junto aos repórteres que ligavam para a instituição", resolveram promovê-la para o cargo de diretora de ensino, muito embora tivesse apenas 22 anos de idade. Ela começou a redigir um grande número de artigos e monografias em oposição aos subsídios do governo às creches, criticando a perniciosa influência do feminismo nos livros didáticos e exigindo políticas governamentais que desencorajassem as mulheres de procurar a realização pessoal fora do ambiente doméstico. Cerebral e pragmática, Marshner fundamentava seus textos com referências eruditas - entre elas, taxas de mortalidade infantil na Paris do século XVIII e os limites da teoria malthusiana - e em seguida usava uma lógica com a praticidade típica dos empresários para marcar ponto com os líderes das grandes corporações do seu país. O aborto, por exemplo, era ruim para o comércio, a perda de cinco bebês, disse ela a um grupo de executivos, faria com que vendessem "menos cinco coleções de jogos de *Guerra nas estrelas*".

No inverno de 1974, ela descobriu que estava grávida. "Pensei em largar tudo, mas estávamos muito duros e eu não pude sair do emprego." Bill estava na universidade e não tinha direito ao plano de saúde de auxílio à maternidade; o parto prematuro e uma temporada de sete dias no hospital consumiram toda a poupança do casal. Em 1976, ela engravidou novamente. Mas dessa vez ela tinha dois empregos - um como consultora de pesquisa da Heritage Foundation e outro como coordenadora de campo do Comitê para a Sobrevivência de um Congresso Livre. E ela tinha acabado de receber um adiantamento para escrever um livro sobre educação. Bill, enquanto isso,

tinha se matriculado em um mestrado em teologia no Texas. Em vez de se mudar para o Oeste e sacrificar seu trabalho, Marshner ficou em Washington e mandou seu filho de um ano para a casa da mãe, em Baltimore. Nos últimos meses de gravidez, ela reuniu a família no Texas, onde à noite o marido assumia o cuidado com as crianças e o trabalho na cozinha - "santa paciência, a de Bill" - enquanto ela terminava o livro. "Estava escrevendo o último rascunho quando entrei em trabalho de parto", lembra-se.

Quando Bill se formou, eles voltaram para Washington. Sua carreira estava prosperando. "O livro realmente mudou o meu status no movimento conservador", diz ela, e quando Weyrich decidiu, depois das eleições de 1978, promover uma grande conferência para os novos congressistas, delegou a ela o trabalho de organização. Na sessão de abertura, ela pronunciou um discurso que, nas suas palavras, tornou-se "profético". O título: "Por que as questões sociais vão ser importantes na década de 1980." Marshner ri quando se lembra daquele momento: "Foi a primeira vez que aquela platéia ouviu falar sobre o assunto que explanei."

Também tem um lugar de destaque em suas recordações da conferência um pequeno porém significativo incidente:

No lanche da conferência, estava sentada à mesa com Paul e outro congressista recém-eleito. E um deles pediu a opinião de todo mundo sobre um determinado assunto, mas me ignorou. Em seguida, ele pegou o cronograma e viu que a próxima palestra seria a minha e me olhou com estranheza e de repente eu entendi tudo, ele achou que eu era a secretária de Weyrich.

Uma década depois, esse momento permanece vivo em sua mente, embora ela diga que pouco se incomodou com o congressista. "Quer dizer, não fiquei chateada. O episódio me fez ver que, para os políticos, as mulheres só existem para receber ordens. Mas sou uma pessoa de cuca fresca. Espaço esse tipo de gente. Não sou de guardar ressentimento."

Marshner é capaz, se não exatamente de esquecer o insulto, de pelo menos não levá-lo para o plano pessoal - não se incluindo entre as "mulheres". Ela parece se ver sentada do outro lado do balcão, como um dos honrados homens que despacham "ordens" para as suas funcionárias. Está lá só por uma questão de talento. "Não me vi diante de nenhuma situação em que me sentisse discriminada no mercado de trabalho. Tudo o que consegui foi por meus próprios méritos." Ela é a "exceção" que prova a regra: a seu sexo falta capacidade, e não oportunidade, de se afirmar na vida pública.

As campanhas pelos direitos da mulher, por essa razão, são "doentias", diz ela, porque com o mérito elas podem vencer qualquer obstáculo. Se a maioria das mulheres não o conseguem, tal fato se deve a uma limitação

exclusivamente delas. A julgar pelos seus escritos e discursos, Marshner as vê com uma certa desilusão e um certo desdém, perspectiva essa que compartilha com Schlafly, que trata as donas-de-casa em seus livros como uma poderosa mãe superiora trata as suas noviças. Pare de se queixar e seja "espírita", mesmo que não seja assim que você se sente, ela ordena em *The Power of the Positive Woman*. Quando Marshner se refere às mulheres, usa uma distanciadora segunda ou terceira pessoa, como se não se incluísse em suas fileiras. "As mulheres precisam saber que alguém tem a autoridade e toma a decisão" - e seu "trabalho", ela instrui as mulheres, "é ser feliz ao lado dele".

Em 1979, Marshner tornou-se diretora da divisão "política familiar" da Fundação para um Congresso Livre e editora-executiva do *Family Protection Report*. Posteriormente, no ano da eleição do presidente Reagan, Weyrich indicou Marshner para a "equipe dos quatro", um grupo de elite que percorreu o país selecionando e treinando líderes regionais para animar comícios.

Nesse meio tempo, seu marido arrumou um trabalho em uma pequena universidade em Front Royal, Virgínia. Connie não queria se mudar para lá e por essa razão alugou um apartamento para si em Washington. Em seguida, convenceu uma tia da Califórnia a se mudar para Front Royal para ajudar Bill a cuidar das crianças. Ela os visitava nos fins de semana. "Bill via-os mais do que eu", diz ela. "Além de invertermos os papéis no casamento, ele assumiu os cuidados que naturalmente caberiam a uma mãe. E isso muito antes de essa troca entrar na moda! Acho que fui uma mulher à frente do meu tempo."

Depois da eleição de 1980, Marshner coordenou uma série de mesas-redondas, dirigiu uma equipe de cinco pessoas, deu palestras país afora e participou de debates com todo tipo de gente, da ativista feminista Kate Michelman ao ex-senador George McGovern. Em 1982, chegou a ser convidada para concorrer a uma vaga de vereadora na Virgínia.

Em 1981, com sua carreira se aproximando do ponto culminante, Marshner deu uma palestra no Fórum da Família em Washington. Seu assunto: "Quem é a nova mulher tradicional?" Sua resposta foi muito parecida com o anúncio da Nova Tradicionalista que a *Good Housekeeping* publicaria posteriormente: "Ela é nova", disse Marshner, discorrendo sobre esse ícone feminino, "pois vive no presente, com todas as suas pressões, pressas e rápidas mudanças. Ela é tradicional porque, diante da incessante mudança cultural, orienta-se com base nas eternas verdades da fé e da família." Marshner não associou os "novos" aspectos positivos da vida das mulheres e os frutos do feminismo. Na verdade, Marshner disse para seu público que o movimento pelos direitos da mulher era o inimigo da Nova Tradicionalista. Ele tinha criado "uma nova imagem de mulher: um feminismo másculo, sem encantos, no qual mulheres, cujos rostos eram marcados por uma expressão

séria, estavam dispostas e determinadas a conquistar um lugar no mundo, não importando os corpos nos quais tivessem que pisar ao longo do caminho". A feminista máscula arquetípica, disse ela, era a péssima mãe do filme *Kramer versus Kramer*, que delegou ao marido a função de criar o filho do casal e foi cuidar da própria vida. "O feminismo másculo descaracterizou as mulheres a partir do momento que as convenceu de que elas só seriam felizes se fossem tratadas como homens e na prática elas mesmas se trataram como homens."

Marshner fez o mesmo tipo de alerta para a família tradicional nos II e III Fóruns da Família, promovidos respectivamente em San Francisco e Dallas durante as primárias presidenciais realizadas nessas cidades. Em seguida, ela viajou para o escritório - para aceitar o título de vice-presidente-executiva da Fundação para o Congresso Livre, que a fez a mulher mais importante na hierarquia do *establishment* da Nova Direita de Washington.

O próprio interesse de Marshner nas responsabilidades da vida familiar e doméstica tradicional, como ela admite sem reservas, é dos mais limitados: "Não sei cuidar de criança pequena e sou uma péssima dona-de-casa. Para mim, esse é um trabalho que não vale a pena e não realiza. Por outro lado, o trabalho que estou fazendo em Washington tem ganhos e realizações tangíveis." No entanto, nem ela nem seu marido são de opinião que a sua opção faça dela uma "feminista máscula".

Em 1987, grávida do quarto filho, Marshner resolveu enfim seguir seus próprios conselhos: decidiu afastar-se dos políticos de Washington. Mais uma vez, Weyrich tentou dissuadi-la; naquele momento, a fundação dependia sobremaneira dos seus talentos literários e oratórios. Mas ela enfim declinou. A penosa morte de sua filha em 1984, que nascera com uma doença cardíaca congênita, deixara-a assustada. Ela queria estar em casa para receber seu novo bebê.

Marshner não se tornou uma dona-de-casa no sentido literal da palavra. Logo estava com um escritório montado em casa, a partir do qual passou a coordenar uma editora cristã, fazer inúmeros artigos que lhe encomendavam e a escrever seu quarto livro - contra as creches.

A mulher com a qual ela é mais dura e injusta é ela mesma; as idéias do contra-ataque que ela ajudou a divulgar ganharam raiz em sua própria psique. Ela se pergunta se sua preocupação com a carreira pode ter "causado" o problema cardíaco da sua filha. "Acredito que as crianças estão mais felizes em a minha presença em casa."

No entanto, as crianças, que estão ouvindo a conversa no sofá da sala, discordam. "Aqueles dias eram maravilhosos", suspira Mike, seu filho adolescente. "Eu gostava quando você trabalhava fora."

UMA MULHER CONTROLADA PELO ESPIRITO... OU UM ESPÍRITO À PROCURA DE CONTROLE?

"A mulher que tem uma vida espiritual plena vai querer ser totalmente submissa ao marido... Esta é a mulher realmente liberada. A submissão é o projeto de Deus para as mulheres."

BEVERLY LAHAYE, *The Spirit-Controlled Woman*

"Deus não quer que eu seja ninguém."

BEVERLY LAHAYE, entrevista concedida em 1988

Sempre que fala com a imprensa, a fundadora da organização Mulheres Preocupadas com a América conta a mesma história sobre o seu "despertar" antifeminista: uma noite de 1978, Beverly LaHaye estava aninhada ao lado do marido, Tim LaHaye, um dos fundadores da Moral Majority na sala de estar de sua casa em San Diego; eles estavam vendo o noticiário da noite. Barbara Walters estava entrevistando Betty Friedan, e quando a líder feminista sugeriu que representava muitas mulheres americanas, LaHaye deu um salto e declarou: "Betty Friedan não fala por mim e aposto que ela não fala pela maioria das mulheres deste país." Naquele momento, ela assumiu o compromisso de reunir as outras mulheres "submissas" que acreditavam, como ela, que "o movimento de liberação das mulheres estava destruindo a família e ameaçando a sobrevivência da nação".

Logo em seguida, ela organizou uma reunião com esse objetivo em uma igreja local. "Tinha medo de que não fosse ninguém", diz ela, "mas nada menos que 1.200 mulheres superlotaram o salão. Mal pude acreditar! A única coisa que pude explicar é que a maioria das mulheres presentes não concordava com Betty Friedan e a Emenda da Igualdade de Direitos." Havia, no entanto, uma explicação mais plausível para essa grande afluência de 1978: o nome Beverly LaHaye era famoso na comunidade evangélica - e não por causa de sua oposição ao feminismo.

O real despertar de Beverly LaHaye ocorreu bem antes desse encontro eletrônico com Betty Friedan, em um encontro, promovido em 1965, que reuniu os professores de catecismo de sua comunidade. Na época, LaHaye era uma "assustada e introvertida" dona-de-casa que vivia grudada no marido e era tão tímida que tinha "dificuldades para receber pessoas em casa", muito menos para se aventurar fora dela. Ela era a Mulher Submissa que mais tarde celebraria e não gostava dessa condição. "Eu recusava a maioria dos convites para falar nos grupos de mulheres, pois me sentia muito inadequada e tinha dúvidas se de fato tinha alguma coisa para dizer", escreveu ela em *The Spirit-Controlled Woman*, no capítulo "The Missing Dimension".

Sua conteúdo bem que podia pertencer ao famoso capítulo "O problema que não tem nome" do livro *Mística feminina*, de Friedan:

Uma bem-intencionada mulher me disse no início de nosso trabalho pastoral: "Sra. LaHaye, a esposa de nosso último pastor escrevia; e a senhora, o que faz?" Essa era uma pergunta difícil de ser respondida por uma assustada mulher de 27 anos. Sim, eu era uma boa mãe de meus quatro filhos, era uma razoável dona-de-casa e meu marido me adorava, mas o que eu poderia fazer que pudesse marcar a vida de outras mulheres? A resposta fez com que entrasse em contato com minha própria realidade. "Muito pouco!" Faltava alguma coisa em minha vida.

Da mesma forma, a análise que LaHaye fez sobre sua vida doméstica podia soar familiar para os leitores de *Ms*. Escreveu ela:

No meu caso, não eram os grandes problemas que me deixavam cansada; era o corrosivo ressentimento causado pelas intermináveis tarefas que tinham que ser repetidas milhares de vezes e pareciam sem importância alguma: recolher meias sujas, pendurar toalhas molhadas, fechar portas de armário esquecidas abertas e apagar luzes enquanto seguia a trilha de brinquedos espalhados pela casa.

Quando seu filho mais novo ainda usava fraldas LaHaye reassumiu seu emprego de operadora de teletipo na Merrill Lynch.

O trabalho no teletipo ajudou-a a tornar-se confiante, mas foram as mudanças provocadas pelo encontro realizado na igreja em 1965 que finalmente deram "a dimensão que faltava" em sua vida. O conferencista, o popular psicólogo cristão Henry Brandt, falou para os professores sobre as necessidades de auto-superação e expressão, que ele considerava básicas ao ser humano. As palavras acordaram paixões adormecidas dentro da jovem esposa do pastor. "No fundo do meu coração, senti que gostaria de levantar e me expressar", diria ela mais tarde. "E eu nunca pensei que fosse capaz de mudar."

As palavras do psicólogo fizeram com que ela tivesse coragem de enfrentar seus medos. Mais particularmente, uma passagem da Bíblia a que se referiu - uma citação a Timóteo na qual ele prometia ao Espírito Santo que pregaria não apenas o amor a seus discípulos, mas também o "poder". "E disso que eu preciso", disse LaHaye para si mesma, como escreveu posteriormente. Se tivesse "um novo poder interior", pensou, talvez pudesse lutar contra a sua timidez e desenvolver "confiança". *Nos meses que se seguiram*, [LaHaye começou a seguir um plano de auto-superação que em parte era psicologia popular e em parte era religião, que tinha como princípios o poder do pensamento positivo e o dogma cristão. Como ela posteriormente diagnosti-

cou o problema em um livro de auto-ajuda para mulheres cristãs, ela e muitas outras donas-de-casa sofriam de "péssima auto-imagem", "passividade" e "sensação de inferioridade". Ela queria se afirmar para si mesma e exercer "força", mas queria fazê-lo sem desafiar a Igreja ou ameaçar o marido. E ela descobriu que podia, se deixasse claro que só estava à procura de "poder espiritual". Era aceitável ansiar por autoridade emoldurando-a como um desejo de "acesso ao poder do Espírito Santo". Ninguém na comunidade evangélica poderia se contrapor a suas ambições, já que elas eram sagradas.

Embora LaHaye fosse rápida em rotular seus desejos de poder como uma "submissão espiritual a Deus", os passos que ela delineou em seus escritos a respeito deles eram estranhamente movidos à ação. Sua estratégia semântica era diametralmente oposta à que era formulada pelos seus conciliacionários da Nova Direita; embora conciliasse sua sensação de fragilidade com uma terminologia aparentemente ativa, LaHaye escondia seu novo e determinado eu por trás de uma tela de retórica aparentemente passiva. Os líderes da Nova Direita falsamente se acreditavam no comando; ela falsamente acreditava não ter interesse em tomar o poder.

Ao recorrer ao "poder espiritual", escreveu LaHaye em *The Spirit-Controlled Woman*, uma mulher fundamentalista poderia "ganhar confiança em si mesma", "superar a passividade" e tornar-se "uma pessoa capaz". Na versão de crescimento espiritual de LaHaye, a autoconfiança estava próxima à divindade e a timidez era uma mancha negra na alma. Uma mulher controlada pelo espírito deve "reconhecer seu medo como um pecado e lutar contra ele como quem está em busca da pureza". Por meio dessas inversões de doutrinas religiosas, ela pôde se aventurar em se concentrar na construção de auto-estima, uma identidade independente e uma voz pública - fazendo-o, no entanto, através do poder e para fortalecer Jesus.

A jornada de LaHaye na direção da liberação mediada espiritualmente começou no glorioso dia em que ela se obrigou a aceitar um convite para falar diante de um clube religioso feminino. Ela falou sobre as idéias de promover a autoconfiança e, para sua surpresa, as mulheres aplaudiram-na e cercaram-na depois da palestra, à procura de conselho. Ela concordou em falar para outros grupos de mulheres. Sua popularidade cresceu rapidamente no circuito de conferências cristãs. Com o marido, começou a organizar "Seminários da Vida em Família", apresentando um programa semanal na televisão a cabo e um outro no rádio no qual o tema era a vida em família. Logo um editor a procurou propondo-lhe escrever um livro de auto-ajuda para mulheres cristãs. *The Spirit-Controlled Woman*, publicado em 1976, vendeu mais de 500 mil cópias. Na década seguinte, LaHaye escreveu mais cinco livros para mulheres cristãs, panfletos pregando o autocrescimento com capítulos com títulos como "Você pode ajudar a si mesma" e "Pode uma mulher corajosa ser silenciada?"

Na mesma época em que estava ocupada escrevendo *The Spirit-Controlled Woman*, LaHaye estava terminando um projeto que há bastante tempo vinha desenvolvendo com o seu marido, Tim. Em 1976, contrariando a opinião de todos os seus conselheiros matrimoniais, o casal LaHaye publicou *The Act of Marriage*, um manual sobre sexo. O livro logo se tornou o equivalente evangélico de *The Joy of Sex*; foi lido por milhões de pessoas. *The Act of Marriage: The Beauty of Sexual Love* foi um documento revolucionário para os leitores evangélicos, tanto pela sua franqueza como pelo seu conteúdo gráfico (carinhos introdutórios, lubricidade e orgasmos múltiplos apresentados de um modo extremamente detalhado) e, por fim, pela sua perspectiva feminina sobre o prazer sexual. O livro não apenas ensinava os cristãos a deixarem suas mulheres realizadas na cama, como também lhes dizia de um modo claro que o orgasmo é um direito de todas as mulheres: "Modernas pesquisas têm deixado cristalinamente claro que todas as mulheres casadas são capazes de chegar ao êxtase orgástico. Nenhuma mulher cristã deve se contentar com menos." As observações do livro freqüentemente sugeriam que uma mão feminina estava empunhando a caneta autoral: "Lamentavelmente, há alguns maridos remanescentes da Idade Média, como o que disse para sua frustrada esposa que 'mulheres direitas não devem chegar ao clímax'. A esposa de hoje é mais consciente." O manual convocava as mulheres a esquecerem a submissão na porta do quarto: "Muitas mulheres são excessivamente passivas ao fazerem amor... O amor é um jogo de toques que exige duas pessoas ativas." O casal LaHaye chegou a declarar que o orgasmo vaginal era um mito, entoou loas à estimulação clitoriana - "o Pai celestial colocou (o clitóris) lá para o seu prazer" - e citou uma passagem bíblica para seus incrédulos leitores para justificar seu entusiasmo (Salmo de Salomão 26: "Deixe sua mão esquerda ficar sob minha cabeça e sua mão direita me abraçar"). Como se não bastasse, os autores chegaram a apoiar o controle da natalidade pela seguinte razão: aumentar o prazer sexual da mulher.

The Act of Marriage pode ser lido como se Beverly LaHaye estivesse prestes a uma conversão feminista, e uma conversão do porte da que foi feita por Germaine Greer. E de fato, também em outras arenas, ela parecia estar apoiando outros dogmas feministas. Ela se declarou a favor dos direitos iguais para as mulheres, mostrou-se "inteiramente de acordo" com salários iguais e disse ter uma firme convicção de que é "um direito da mulher estar livre do assédio sexual no trabalho". Ainda assim, ela nunca ousou dar os passos decisivos, que tinham o potencial de separá-la da sua Igreja, marido e universo social. Em vez disso, nos anos que se seguiram à publicação do livro, ela começou uma campanha contra o movimento das mulheres. Depois de introduzir direitos iguais no leito evangélico, ela passou a lutar em todos os outros campos. Tendo atraído um grande número de seguidoras dizendo

às mulheres para "serem autoconfiantes", ela agora mobilizou seu exército feminino para uma campanha no sentido de conduzi-las de volta para casa.

Ao convocar as mulheres para sua nova causa, LaHaye manipulou tanto os medos tradicionalistas como as aspirações feministas. Ela enfatizou como as mudanças no status das mulheres podem ameaçar seus casamentos tradicionais e deixá-las "desprotegidas". Na mesma época, ela deu a centenas de milhares de mulheres cristãs uma saída aceitável para a determinação que ela havia reconhecido como fundamental para o crescimento humano e que ela ajudara a fomentar. Trabalhando para a organização Mulheres Preocupadas com a América, as mulheres podiam usar sua própria voz e força - sem deixar seus parceiros e suas famílias alarmados. Afinal de contas, elas só estavam reivindicando seus direitos a um sexo de qualidade para ficarem tranqüilas em casa.

Depois de fundar as Mulheres Preocupadas com a América em 1979, LaHaye criou uma rede nacional capaz de mobilizar centenas de milhares de mulheres em um curto espaço de tempo. Ela organizou o que acreditava ser o maior grupo de mulheres do país (as estimativas variam de 150 mil a 500 mil membros) em 2 mil "capítulos de prece/ação" - com a tônica na ação. Mesmo as preces revelavam sentimentos claramente deste mundo. "Pai, oramos para que a verba analisada pelos congressistas não seja usada na gravidez de adolescentes", começava uma delas, apresentada em um encontro matinal promovido em um hotel de Maryland em 1986. "Rogamos para que o Senhor confunda os planos de nosso inimigo, particularmente nosso inimigo Planned Parenthood." LaHaye usou sua rede para inundar o Congresso com milhares de cartas e deslocar centenas de mulheres do país para protestos antiaborto "locais" realizados em todo o país. Em 1986, sua equipe de pronta resposta desembarcou em Vermont e, com uma ajuda de guerra no valor de US\$350 mil, conseguiu derrotar a Emenda da Igualdade de Direitos do estado.

Na imprensa, as Mulheres Preocupadas com a América costumavam ser apresentadas como um clube de senhoras da Moral Majority, uma espécie de Filhas da Revolução da Nova Direita. A caracterização não era de todo injusta. Essas mulheres certamente eram tratadas como auxiliares pela Nova Direita e a administração Reagan, que freqüentemente as usavam taticamente como soldados para levantar fundos e redigir cartas. Na verdade, os líderes da Nova Direita criaram as Mulheres Preocupadas com a América com a esperança de que a organização gerasse tropas de reforço. Tim LaHaye ofereceu a esposa como uma testa-de-ferro confiável; os membros da direção da Moral Majority colocaram suas esposas no comando da organização, que acreditavam eles, seguiriam as suas orientações.

Mas com o tempo as Mulheres Preocupadas com a América deixaram de ser uma sociedade de serviços nupciais e tornaram-se o feudo de uma mu-

lher. A incontestável autoridade de Beverly LaHaye tornou-se o objeto da cobiça de homens como Paul Weyrich. "As pessoas lhe eram leais ao ponto de ela poder", disse ele, "convocá-las e dizer-lhes que não fizessem uma determinada coisa, sabendo que sua indicação seria seguida ao pé da letra." Para ódio deles, os líderes da Nova Direita não contavam com esse tipo de obediência nem mesmo da própria LaHaye. Ela se negava a apoiar os candidatos que eles indicavam. Quando os grandes líderes da Nova Direita se engajaram na campanha de Bush, LaHaye rompeu com a frente unida e apoiou Jack Kemp. Mais tarde, ela se irritou com Kemp e retirou seu apoio de uma hora para outra. Sua ofensa: ter enviado uma carta para os membros das Mulheres Preocupadas com a América usando uma declaração na qual ela dizia que ele era o "único conservador de verdade" sem pedir o seu consentimento.

Em 1983, LaHaye mudou seu escritório de San Diego para Washington, onde montou uma equipe com 26 pessoas no Capitólio, criou uma assessoria jurídica com cinco advogados e administrou um orçamento anual de US\$6 milhões. Ela começou a percorrer o país e em seguida o mundo. Em apenas um ano, ela foi nove vezes para a Costa Rica. Na estrada, LaHaye despachava ordens pelo telefone do seu carro. E ela deixou claro que não teria sucessores; em 1987, ela se tornou presidente vitalícia.

"Acho que o movimento das mulheres as prejudicou porque lhes ensinou a colocar o valor na vida profissional, não na família", diz Beverly LaHaye. Ela está dando uma entrevista no seu escritório de Washington. É a sexta do dia, ela registra.

Como era de se esperar, os cartões de visita dessa expoente da feminilidade são cor-de-rosa. Também o são as suas unhas, as cadeiras em torno da mesa de reunião e a cortina com babados da janela. No entanto, ela veste um terno bem cortado. Na parede atrás dela, há uma foto sua apertando a mão de Ronald Reagan. Há alguns outros símbolos presidenciais decorando a sua sala de trabalho: a mesa oval e uma grande bandeira americana hasteada a seu lado. Na parede oposta a ela, há um espelho pendurado de um modo estranho - mas ele não é usado para que ela possa passar batom de sua mesa. "A Sra. LaHaye tem o espelho pendurado dessa forma", explica Rebecca Hagelin, porta-voz da organização, "para que possa ver o Capitólio da sua mesa."

"O feminismo realmente desfigurou a maternidade", afirma LaHaye por trás de sua mesa. "A família deve vir em primeiro lugar para uma mulher; qualquer outra via que ela tente seguir seria antinatural da parte dela." No fim dos anos 80, o contra-ataque tinha se difundido a um ponto tal que LaHaye podia se dar ao luxo de usar clichês da mídia com a mesma fluência com que recorria a citações bíblicas. (Seu último libelo antifeminista, *The*

Restless Woman, fez referências às populares tendências do "pós-feminismo" e do "boom de bebês" não mais citando panfletos produzidos pela Heritage Foundation, mas o *New York Times* e *Glamour*.) "As mulheres preocupadas com a carreira", continua ela seguindo pelo mesmo veio, "levantavam os olhos da mesa de trabalho e percebiam que não podiam ter tudo... É por essa razão que é cada vez maior a tendência de as mulheres saírem do mercado de trabalho." Quando pedem para que prove essa tendência, ela diz não dispor de dados estatísticos, mas que os jornais não falam de outra coisa. "Veja os filmes. Todos eles são sobre ter filhos. Esse é o caso de *Três solteirões e um bebê*."

LaHaye se desculpa: há uma "reunião administrativa" da qual tem que participar. Ela me autoriza a falar com algumas mulheres de sua equipe; nenhuma delas ousa falar sem o consentimento da líder. Elizabeth Kepler, diretora de assuntos legislativos, é uma das mulheres da lista aprovada, que acabou de voltar do Capitólio, onde passou toda a semana fazendo *lobby* contra o projeto de lei que obrigaria o governo federal a financiar creches.

"Adorei, adorei tudo o que fiz", diz Kepler, deixando-se cair pesadamente na cadeira. Enquanto fala, ela ajeita furtivamente as ombreiras. "Fiquei fascinada com a excitação de Washington. Você sabe, o poder. Como as pessoas lidam com o poder, o modo como o usam."

Como ela chegou na organização? "Para ser honesta, estava mais interessada no processo geral de organização política de Washington do que nessa organização." Ela se apressa em acrescentar que está em "total acordo" com as metas da organização de resgatar o papel tradicional das mulheres. Mas pessoalmente ela gostaria de voltar aos papéis aos quais as mulheres estavam limitadas na época da sua mãe? Ela balança a cabeça, negando. "Ficaria frustrada. Gosto de viver na época atual."

Aos 27 anos, Kepler é solteira e se descreve como uma pessoa "muito feliz" e "sem ansiedade" para se casar. Diferentemente de algumas das mulheres mais liberais que trabalham fora, ela acha "bastante doentia" essa história de falta de homem e relógio biológico. Não sabe se deixaria o trabalho se tivesse filhos. Embora tenha passado a semana fazendo *lobby* contra o aporte de verbas federais para financiar creches, ela diz que não se negaria a levar sua própria filha para uma dessas instituições, embora prefira um centro "baseado na família". Sua explicação contém alguns termos pseudofeministas: "Apenas acho que o governo federal não deve nos dizer qual é o tipo de creche que nossos filhos devem ter. Acredito que essa seja uma escolha das mulheres."

Na outra extremidade do corredor, Susan Larson, diretora administrativa, está analisando alguns relatórios. Recém-casada, ela defende uma volta ao casamento tradicional. Mas na prática aceitar o cargo nas Mulheres Preocupadas com a América levou-a a colocar a vida profissional num plano

superior ao seu marido; ele a seguiu para Washington - sem nenhum projeto profissional. E em sua casa, acrescenta, é ela quem troca o óleo do carro e o marido é que leva as roupas para a lavanderia.

Em outra sala, a diretora de publicidade Rebecca Hagelin conversa ao telefone com o marido: "É preciso passar o aspirador no carpete", instrui. "E se você puder, dê um jeito na sala de estar." São mais de seis horas da tarde e Hagelin ainda está no escritório. O marido está em casa fazendo o jantar, cuidando do bebê do casal e preparando a casa para os convidados que receberiam à noite. Os Hagelin parecem ter encontrado a fórmula ideal de relacionamento conjugal em um manual para casais liberados do início dos anos 70: dividem as tarefas domésticas e a educação das crianças.

De certa forma, as mulheres da Nova Direita eram diametralmente opostas às suas irmãs *yuppies*, cujas idéias progressistas eram tão combatidas pelo contra-ataque. Enquanto em geral as mulheres que trabalhavam fora defendiam princípios feministas e no fundo se debatiam com dúvidas e recriminações geradas pelo contra-ataque, as mulheres da Nova Direita defendiam um ponto de vista antifeminista - enquanto internalizavam a mensagem do movimento das mulheres e incorporavam sem maiores dramas suas doutrinas de autodeterminação, igualdade e liberdade de escolha na sua vida privada.

Se as ativistas de direita da organização Mulheres Preocupadas com a América pareciam menos ansiosas com o "preço" que teriam que pagar pela sua liberação do que as mulheres médias que trabalhavam fora, talvez isso se deva ao fato de que as primeiras estivessem, ironicamente, enfrentando menos resistência no mundo em que viviam. Como essas mulheres só erguiam suas vozes para defender a facção conservadora, como dividiam suas tarefas domésticas apenas para que tivessem mais tempo para combater a emenda da igualdade de direitos, os líderes da Nova Direita (e os maridos da Nova Direita) aplaudiam e estimulavam alegremente a simulação de "independência" das mulheres. As mulheres sempre se comportaram com base nas regras criadas pelos seus homens e por essa razão procuravam o reconhecimento e a bênção da subcultura deles. Por outro lado, as mulheres solteiras que trabalhavam fora e que eram mais autenticamente independentes não tinham essa claques a incensá-los; eram minadas diariamente pela cultura popular, que parodiava seu estilo de vida, lastimava e ridicularizava suas escolhas e condenava seus "erros" feministas.

As ativistas das Mulheres Preocupadas com a América podiam ir para o escritório vestidas em terninhos e redigir notas para a imprensa reivindicando a volta para a casa das mulheres, sem ver nenhuma contradição nesse tipo

de comportamento. Ao divorciar a liberação pessoal do discurso que defendiam sobre questões sexuais, elas podiam tirar partido do feminismo em sua vida privada enquanto condenavam publicamente sua influência. Na prática, elas podiam "ter tudo" - desde que trabalhassem para impedir que as outras mulheres tivessem a mesma oportunidade.

*A Sra. Smith abandona Washington:
O backlash na política nacional*

Tendo investido sua inteligência e capacidade de mobilização para instalar seu homem no poder, as mulheres da Nova Direita acreditavam que teriam mais espaço na Casa Branca na década de 1980. No entanto, com a eleição de Ronald Reagan, as mulheres começaram a desaparecer da Casa Branca.

As indicações de mulheres para as vagas surgidas nos tribunais federais, que no governo Carter correspondiam a 15% do total, caíram para 8%. O número de indicações de mulheres cujos nomes precisavam ser confirmados pelo Senado também despencou, o que fez de Reagan o primeiro presidente em mais de uma década a não melhorar o índice de seu antecessor. Na equipe da Casa Branca, o número de mulheres indicadas caiu de 123 em 1980 para 62 em 1981.

No início do segundo mandato de Reagan, sem as pressões da reeleição a inspirar o esforço de criação de oportunidades iguais, a administração rompeu imediatamente tanto a Coalizão para Indicação de Mulheres como o Grupo de Trabalho sobre a Mulher. O número de mulheres indicadas caiu cada vez mais e pela primeira vez desde 1977 não havia nenhuma mulher na equipe de assessores que se reuniam diariamente com o presidente ou que pudesse se reportar diretamente a ele. No Departamento de Justiça em 1986, Ed Meese, que já ocupava o cargo há dois anos, ainda não tinha contratado uma mulher para, como determina uma lei federal, participar de sua equipe de assessores. O Programa Federal da Mulher, criado em 1967 para recrutar mulheres para os órgãos do governo, foi praticamente desativado: seus coordenadores de recrutamento em diversos órgãos do governo receberam outras atribuições, sofreram cortes de verbas ou simplesmente foram dispensados. "A nossa verba cai a cada ano", explica Betty Fleming, a especialista em administração do pessoal que ocupava a segunda posição mais importante na hierarquia do Programa Federal da Mulher em 1991. Mas, como diz, não tinha do que reclamar: não precisavam de dinheiro, pois tudo o que faziam era se reunir e discutir. Por fim, como parte do decreto de desburocratização de Reagan, o governo federal também interrompeu a coleta de dados estatísticos sobre as mulheres. Agora o governo podia parar de procurar mulheres - e ninguém teria como comprovar.

As poucas mulheres que entraram nesse verdadeiro clube do bolinha não

se sentiam muito à vontade na Casa Branca. A embaixadora nas Nações Unidas, Jeane Kirkpatrick, teve uma revelação em um dia enquanto aguardava na Sala da Situação, cercada por um mar de rostos de homens brancos. Pelo canto do olho, ela viu um rato correndo pelo chão. "Pensei comigo mesma", diria ela mais tarde ao *Wall Street Journal*, "que aquele rato era uma criatura menos surpreendente de se ver na Casa Branca do que eu." Ela saiu do governo com esta conclusão: "O sexismo está vivo."

O cargo "mais alto" ocupado por uma mulher dentro da equipe de Reagan na Casa Branca era o de Faith Whittlesey: assistente do presidente para relações públicas, responsável pelas questões femininas e infantis. A administração Reagan, afirmou ela, ajudaria a mulher garantindo que os *homens* pudessem aumentar a renda "familiar" e assim "todas as mulheres pudessem voltar para casa e cuidar das crianças". No discurso que fez em 1984 sobre a condição da mulher, Whittlesey garantiu para a platéia que os direitos das mulheres estavam em boas mãos em Washington: "Sei que o presidente tem como uma de suas principais prioridades permitir que as mulheres tenham um maior leque de opções para fazer sua escolha." Mas trabalhando na Casa Branca, Whittlesey logo começou a duvidar das principais prioridades de Reagan - e essas dúvidas só fizeram crescer quando Don Regan tornou-se chefe do *staffe* e demitiu. Como Kirkpatrick, houve uma hora em que ela caiu em si. Enquanto caminhava para o estacionamento levando os seus pertences no último dia de trabalho, tudo o que viu foi "um mar de homens entrando e saindo em seus carros", lembra-se ela. "Comecei a pensar que talvez eles estivessem certos. As mulheres não são bem-vindas na Casa Branca."

As mulheres da Nova Direita que receberam indicações políticas ou eram designadas para cargos de títulos pomposos mas sem autoridade ou lhes era exigida a implementação de políticas antifeministas mais duras. Mulheres como Beverly LaHaye terminaram no primeiro grupo, sendo deslocadas para equipes meramente figurativas como o Comitê Consultivo da Família. Por outro lado, uma série de mulheres foi designada para o Escritório de Questões Populacionais para pressionar as mulheres e jovens emancipadas. Primeiro, a ativista antiaborto Marjory Mecklenburg assumiu a responsabilidade de promover "manifestações", uma proposta política de Reagan para obrigar as clínicas a pressionar as adolescentes que estavam à procura de métodos de controle da natalidade sem a permissão dos pais. Jo Ann Gasper, colunista da *Conservative Digest* e editora de *The Right Woman*, herdou a função de Mecklenburg. (Mecklenburg, ironicamente, foi afastada do governo depois dos rumores de que estaria tendo um caso extracônjugal com um membro da equipe.) Coube a Gasper a ingrata tarefa de desativar programas contra a violência doméstica. Por sua vez, ela foi substituída por Nabers Cabanniss - mais conhecida pelo fato de ser virgem aos

29 anos -, que recebeu a incumbência de promover um plano de Reagan de suspender as verbas federais para qualquer equipe médica que fizesse qualquer alusão à palavra aborto.

EXPULSAR AS FEMINISTAS

Se o governo Reagan era frio com as mulheres da Nova Direita, ele era implacável com as feministas: elas se tornaram alvo de um expurgo incitado pela Nova Direita. Em 1981, quando o *Mandate for Leadership* da Heritage Foundation apresentou os programas federais que ela desejava que sofressem cortes ou fossem eliminados, encabeçava a lista um órgão "dominado" pelas feministas. Das dezenas de órgãos governamentais na alça de mira da Heritage Foundation, o programa da Lei de Igualdade no Ensino das Mulheres, o WEEA, foi alvo de uma campanha feroz, pessoal e permanente. O *Mandate for Leadership* exigia o desmembramento do WEEA por uma única razão: como explicaram seus autores, o WEEA representava uma "importante fonte para a formulação e prática de políticas e campanhas feministas". Era um "item estratégico para a rede feminista" e promovia "ideologia feminista radical".

A diretora do WEEA, Leslie Wolfe, uma antiga militante pelos direitos civis e pioneira da luta pela criação de programas governamentais para promover a educação das mulheres, enfurecia a Nova Direita como nenhuma outra figura do governo. Ela foi uma das poucas diretoras de um programa federal cuja demissão foi explicitamente exigida pela Nova Direita. Em uma enxurrada de memorandos internos, artigos publicados em revistas e em programas de rádio, os líderes da Nova Direita denunciaram Wolfe como uma "feminista radical", divulgando histórias injuriosas sobre seu comportamento profissional e exigindo sua "imediata demissão".

O programa no centro de toda essa fúria era um minúsculo e pobre escritório no Departamento de Educação - o único programa federal a promover educação igual para as mulheres. O WEEA oferecia pequenos financiamentos para projetos educacionais mistos e de combate à discriminação sexual nas escolas. Ele chegou a ser saudado pela Associação das Universidades Americanas como "um dos programas federais mais eficazes do ponto de vista custo-benefício". A primeira mulher a afirmar que o WEEA não passava de um "bando de feministas radicais" da NOW foi Arlene Horwitz, que fazia serviços burocráticos no escritório de um dos congressistas e era uma mulher que sabia, por experiência própria (vivia de um magro salário), que as desigualdades educacionais podiam ter danosas conseqüências econômicas de longo prazo. Os projetos que a WEEA financiava estavam longe de ser radicais: um guia para ajudar adolescentes deficientes do sexo feminino; um curso de matemática para ajudar idosas pertencentes a minorias sociais a

retornarem para universidades comunitárias; um programa para garantir leis igualitárias de ensino em escolas dos distritos rurais.

No entanto, para os homens da Heritage Foundation o WEEA era "o ramal federal da rede feminista". Charles Heatherly, militante da Heritage Foundation e editor do *Mandate* que em agosto de 1983 fez essa acusação na Comissão de Educação e Trabalho, promovendo ataques ainda mais violentos contra Wolfe, admitiria mais tarde que jamais teve "um contato pessoal com ela". Mesmo assim, ele tinha uma opinião formada sobre a diretora do WEEA. "Para todos, ela era uma feminista radical", explica ele. E sua campanha contra Wolfe e o WEEA só se intensificou com a eleição de Reagan: o novo presidente indicou o deputado Heatherly para o cargo de subsecretário de administração do Departamento de Educação, o que na prática o tornou responsável pelo programa.

Heatherly recrutou colaboradores entre seus colegas da Nova Direita e em outros grupos conservadores, como o fundador do Conselho Conservador, Howard Phillips, para analisar o orçamento do programa. A missão: eliminar o WEEA. Eles descobriram um ouvido sensível à causa deles dentro da Casa Branca: logo depois da posse, Reagan propôs um corte de 25% no orçamento já aprovado e, para o ano seguinte, reduziu as suas verbas a zero. No Congresso, os membros favoráveis ao WEEA conseguiram derrubar o projeto. Liderado por Margaret Heckler, representante do Partido Republicano, o programa conseguiu se manter, mas não sem uma redução de 40% no orçamento.

Os líderes da Nova Direita não estavam dispostos a desistir no primeiro round. No inverno e na primavera de 1982, desencadearam uma grande campanha na mídia contra Wolfe. *Conservative Digest*, uma publicação do Conselho Conservador, atacou Wolfe pessoalmente em um artigo anônimo, assinado por um "preocupado funcionário do Departamento de Educação". Ela era culpada, afirmava o autor, de "conturbar o processo de aprovação de verbas", exercendo um "controle quase total" e usando o WEEA como uma fonte de financiamento para a NOW e "o braço financeiro para uma rede de grupos feministas assumidamente radicais". Leslie Wolfe era uma "monarca", que estava "protegendo imperiosamente seu feudo". Em um programa de entrevistas, Howard Phillips voltou a acusá-la de desviar verbas para as organizações que lutavam pelos direitos da mulher.

Uma semana depois das difamações publicadas na *Conservative Digest*, Wolfe foi demitida - por carta. A partir de então, o WEEA passou a ser administrado por um afilhado de Heatherly, e Wolfe passaria a integrar "um conselho consultor", informava o memorando. Wolfe retrucou, protestando contra a decisão. Ela não obteve resposta. Finalmente, três semanas depois, foi convocada pelo escritório de Jean Benish, secretária-adjunta - uma mulher escalada para dar as más notícias para uma feminista. "A partir de segunda-

feira, você vai ser deslocada para uma equipe sobre fraude, desperdício e abusos", diz Wolfé, lembrando-se das palavras que Benish lhe dissera. "Eu disse que não era a pessoa certa para esse tipo de trabalho. Minha formação é em educação, não em fraude." A secretária-adjunta lhe disse que não tinha escolha; tratava-se de uma emergência e o departamento precisava de uma "gerente de alto nível", com "grande capacidade administrativa" para levar adiante esse importante projeto.

Quando Wolfé assumiu sua nova função, no entanto, constatou que não havia nada de urgente e não se precisava de um gerente de alto nível. Sua nova chefe, no entanto, lhe disse que ela tivera sorte em cair ali; os homens de Heatherly tinham considerado a possibilidade de transferi-la para uma função ainda mais remota. Mais uma vez, os simpatizantes que o WEEA tinha no Congresso protestaram contra as táticas do governo. Finalmente, três meses depois, Wolfé soube que poderia voltar para seu antigo posto. Mas ao voltar encontrou as salas cheias de pessoas estranhas.

Todos os anos, o programa tinha que contratar 150 analistas de campo externos para analisar o destino das verbas - e de acordo com o WEEA, os analistas tinham que entender e apoiar as leis de igualdade no ensino e ter algum conhecimento no campo da pedagogia. Na ausência de Wolfé - na verdade, apenas um dia depois do seu afastamento -, Heatherly afastou os analistas ligados à feminista e colocou em seu lugar um grupo de pessoas de sua confiança: mulheres ligadas ao Eagle Fórum, de Phyllis Schlafly. "Havia uma sensação generalizada de que o lugar estava muito contaminado", explicou Heatherly depois da demissão coletiva. "Havia necessidade de novos rostos." Essas analistas não foram selecionadas por se identificarem com as metas do WEEA. Como uma delas explicou na época para o jornal de sua cidade natal, o *Tulsa World*, fora convocada para Washington a fim de ajudar a controlar um "órgão feminista" que Reagan queria abolir.

As novas analistas, em sua maioria, não entendiam nem apoiavam a igualdade no ensino. Uma delas, que teoricamente teria a incumbência de analisar as aplicações destinadas a ajudar mulheres com algum tipo de deficiência, chegou ao cúmulo de perguntar se ser uma nativa americana qualificava alguém como "incapacitada". A analista responsável pela aplicação de projetos de igualdade no ensino para mulheres pertencentes a minorias sociais viera da tristemente famosa Bob Jones University, conhecida pelos seus preconceitos. Elas rejeitaram propostas de financiamento para reduzir a discriminação sexual usando como argumento que essa discriminação jamais existira. "Não vejo a necessidade do projeto", escreveu uma analista em sua avaliação. Outra analista escreveu a respeito de uma proposta de projeto: "O título do programa me preocupa pois ele encoraja as mulheres a não permanecerem em trabalhos mal remunerados, indo à procura de ascensão social se assim o desejarem." Finalmente, o Tribunal de Contas investigou e

descobriu que 20% das analistas de projeto não atendiam a nenhuma das qualificações exigidas pelo cargo que exerciam no WEEA e a maioria delas não tinha a qualificação necessária. E o número de analistas de projeto ligados a minorias sociais, frisou o tribunal, tinha sofrido um corte de 75%. No entanto, as descobertas dos auditores não inibiram a campanha do governo federal contra o WEEA.

Um ano depois, Wolfe voltou a perder o cargo mais uma vez, que, como lhe disseram, tinha sido abolido e por essa razão teria que ser demitida caso não aceitasse uma nova função: datilógrafa da Secretaria de Ensino Compensatório. Wolfe renunciou. Todas as outras cinco mulheres da equipe do WEEA foram demitidas ou realocadas - enquanto os cinco funcionários homens foram mantidos.

... E COROAR OS PAIS

O Departamento de Educação, que liderara a campanha que culminou com a queda das feministas, depois concentrou seus esforços para coroar os pais. Se o movimento "pró-família" era "pró" alguma coisa, essa era o poder paterno.

A Casa Branca delegou sua "política familiar" ao Departamento de Educação, uma escolha bastante lógica para um governo que via a "política familiar" como uma série de palestras didáticas, não um programa que oferecesse assistência econômica, médica ou jurídica para a família. Como Gary Bauer, que veio a se tornar o czar da política familiar do departamento, disse aos líderes dos direitos civis: "Os valores ensinados no 'Cosby Show' ajudariam mais as crianças de famílias de baixa renda e pertencentes às minorias sociais do que um batalhão de novos programas federais... Diversas pesquisas indicam que os valores são muito mais importantes do que, digamos, o valor das pensões." Os valores que ele tinha em mente não eram simplesmente o amor e a compreensão da família. O que Bauer achava mais edificante em "Cosby" era sua descrição de uma casa na qual, como afirmou em uma entrevista que concedeu posteriormente, as "crianças respeitam os pais que têm".

Bauer estava tendo algum problema para ganhar o respeito da família governamental a que se juntara em 1981. Ele entrou para o serviço público como subsecretário de educação com o objetivo de lançar uma "revolução social" a partir da sua mesa. Mas foi ignorado pelos assessores de Reagan e mesmo sua equipe não o levava a sério; Bauer passou os dois primeiros anos tentando silenciar os moderados que continuavam no Departamento de Educação, que insistiam em falar com a imprensa sem o seu consentimento. Bauer tornou-se diretor da Secretaria de Desenvolvimento de Políticas, onde descobriu que o principal objetivo do órgão dizia respeito a relações públicas.

Quando o governo o remanejou para outro cargo meramente decorativo, o de presidente de uma equipe sobre a família em 1986, Bauer explodiu. Seu presunçoso relatório de 52 páginas era, como disse o senador Daniel P. Moynihan na época, "menos uma declaração política do que um acesso de fúria".

"A família: preservando o futuro da América" abre, de modo apropriado, com uma citação do campeão da masculinidade em vias de extinção do fim do período vitoriano, Teddy Roosevelt: "Se a mãe não cumprir o seu papel, não haverá uma próxima geração ou haverá uma próxima geração pior do que qualquer uma que a tenha precedido." O relatório de Bauer continua a condenar todos os tipos de mulheres independentes que não estejam cumprindo o seu papel: mulheres que trabalham, mulheres que recorrem a creches, mulheres que se divorciam, mulheres que têm filhos fora do casamento. No mundo segundo Bauer, as esposas estão abandonando seus casamentos e filhos para sempre, desfazendo-se de seus casamentos como "toalhas de papel". O relatório justifica essa posição não com dados estatísticos, mas com tirinhas publicadas em jornais, nas quais uma noiva diz o seguinte para o seu noivo: "Desculpe, Sam, mas acabei de ver o homem dos meus sonhos na fila dos cumprimentos." Até a pobreza da mulher é culpa dela: "mais e mais", escreve ele, problemas financeiros enfrentados pela mulher "resultam de escolhas pessoais" como a procura do divórcio ou a procriação de filhos ilegítimos. A única preocupação que Bauer tem com esses lares destruídos se deve ao destino dos filhos (típica fixação dos textos da Nova Direita sobre o assunto). Para ele, as conseqüências sobre os meninos são muito mais danosas do que nas meninas - como se o divórcio seria uma questão menos importante se fossem as meninas que sofressem mais.

As "recomendações" de Bauer para salvar a família mais se parecem a uma lista de castigos para as meninas e as mães: impedir mães jovens e solteiras de freqüentarem a noite; resgatar a antiga legislação sobre o divórcio para tornar mais difícil para as mulheres romper os laços matrimoniais; negar contraceptivos para mulheres jovens. Por outro lado, propõe prêmios para as mulheres que seguirem suas normas. As mães que ficam em casa, sugere ele, devem pagar menos impostos; quanto mais filhos, maior o crédito.

"Cada mulher deste país tem em média 1,8 filho", diz Bauer em um tom sombrio, em uma tarde de primavera no último ano do governo Reagan. Ele está sentado em sua pequena sala na ala oeste da Casa Branca. "Isso é abaixo do nível da reposição", alerta Bauer, ao falar da decrescente taxa de natalidade. "Haverá sérias conseqüências para a sociedade livre se essa tendência de queda for mantida." Quem é o culpado? "As militantes feministas que pareciam promover a instabilidade há cerca de 10 anos não podiam ajudar, mas têm uma negativa influência sobre a família."

Eis outro argumento de Bauer para provar que o feminismo destrói a família: "Veja os livros-texto", propõe. "Há 20 anos, as mulheres nos livros didáticos eram donas-de-casa e estavam sempre dentro do ambiente doméstico. Agora, você olha para um livro-texto e não vê nem sombra de mulheres no papel de educar a família. Agora nossas filhas aprendem que a vida não é plena se não forem acromoças, repórteres *etc.*"

Bauer afirma que "a maioria das mulheres" na América está começando a compartilhar seus pontos de vista; elas "estão descobrindo que não é possível ter tudo. Há alguma evidência estatística de que as mulheres que no início da vida priorizaram a carreira, e que agora estão se aproximando do fim do período em que poderiam começar uma família, se sentem frustradas. O relógio delas está chegando ao fim". Quando lhe pedem para mostrar as evidências "estatísticas", é lógico que Bauer diz que não as tem à mão.

Mesmo as mulheres trabalhadoras cujo relógio biológico ainda esteja funcionando a contento, diz Bauer, "estão percebendo que o seu lugar é em casa cuidando das crianças. A maioria das mulheres só trabalha porque precisa". As mães deviam estar em casa por causa das crianças, diz ele. As crianças na creche, para ele uma instituição "marxista", têm grandes problemas a longo prazo - segundo "muitos estudos", acrescenta. É surpreendente, portanto, saber que Bauer sujeitou seus próprios filhos a essa instituição esquerdista - durante *nove* anos.

Ele pode explicar, diz. Seu uso da creche foi "diferente" e "melhor" porque colocou as crianças em uma creche "baseada em uma casa", ou seja, um centro que funciona sem licença na sala de estar de uma mulher. (Não fica clara a razão para que essa opção seja melhor: uma pesquisa nacional sobre abuso de crianças em creches mostra que a maioria dos incidentes no gênero ocorreu em locais que funcionam sem licença.) De uma forma ou de outra, diz Bauer, um pouco defensivamente, importa é que seus filhos não saíram direto da maternidade para a creche. Sua esposa, Carol, aguardou "pelo menos três, quatro meses" antes de retornar para o trabalho. "Minha esposa demorou um pouco para concluir que não podia ter tudo."

Carol Bauer, no entanto, tem uma lembrança diferente dos eventos.

Quando sua filha Elyse nasceu, em 1977, explica Carol Bauer, ela era a principal assessora da congressista Margaret Heckler; simplesmente não podia largar o emprego de uma hora para outra. A ausência de um programa de assistência às mães do governo federal também pesou em sua decisão: "O Congresso não tem nenhum plano de licença", lembra. O aspecto financeiro também foi levado em consideração. "Tínhamos comprado uma casa e estávamos pagando a hipoteca." Mas havia uma outra razão igualmente relevante: "Não era apenas uma questão econômica. Gostava do estímulo intelectual do trabalho. Eu adorava trabalhar." Ela ri. "Saí do hospital e, no dia seguinte, eu estava trabalhando em casa."

MULHERES INSUFICIENTEMENTE BOAS

Gary Bauer nunca fez muitos progressos com seu programa legislativo para promover as atividades domésticas. A isenção de US\$5 mil em impostos pessoais que ele concebeu para famílias cujas mulheres assumissem a função de dona-de-casa levou o governo a deixar de arrecadar US\$20 bilhões/ano. Mas embora os homens da Nova Direita como Bauer estivessem perdendo muitas das suas batalhas burocráticas, o mesmo não aconteceu no que diz respeito à grande guerra pela agenda política nacional. Nesse embate, a eleição presidencial de 1984 desempenhou um papel fundamental - a última batalha do Partido Democrata pelos direitos das mulheres.

Ao indicar a deputada Geraldine Ferraro para o cargo de vice-presidente, os democratas deixaram bem claro para as mulheres as diferenças existentes entre os dois partidos. A medida não passou em branco; graças a ela, os democratas atraíram milhares de eleitoras que jamais tinham doado um volume de dinheiro tão grande para os cofres de um candidato como o fizeram para o fundo de campanha de Ferraro. Na verdade, era a primeira vez que um candidato à vice-presidência recebia tanta contribuição política quanto o caixa de chapa. O Comitê Nacional Democrático recebeu a adesão de 26 mil novos nomes, um crescimento jamais visto na história das eleições. E a presença de Ferraro levou outras mulheres a se candidatarem. Triplicou o número de mulheres disputando uma vaga no Senado e a Câmara de Deputados registrou um número recorde de candidaturas femininas.

A indicação de Ferraro também inspirou o contra-ataque instantâneo das raganetes da Nova Direita, que a atacaram não como política, mas como mulher - e mais especificamente como uma "feminista radical de esquerda". Diante das câmaras de TV, elas insistiam que o seu sexo a tornaria incapaz de defender a nação. Nos bastidores, espalharam diversos boatos, todos eles relacionados à sua sexualidade. "Houve rumores de que eu estaria envolvida com lesbianismo", lembra-se Ferraro, "de que eu tinha casos extraconjugais, de que fizera um aborto." Os líderes do movimento antiaborto foram particularmente implacáveis. Chegaram a segui-la com uma câmera.

Embora muitos candidatos na década de 1980 tivessem sido vítimas de ataques duros e de uma invasão em sua vida privada, o assédio a Ferraro foi sem precedentes: não era o seu comportamento que estava sendo julgado, mas o do marido John Zaccaro; ela estava prestes a ser punida por causa de alguns obscuros negócios imobiliários que fizera - na verdade, seu nome foi reprovado por 88% da associação dos corretores. Ela foi condenada por causa da relutância de seu marido em revelar a sua declaração de imposto de renda - embora ninguém incomodasse Bush pelo fato de ter nomeado procuradores para administrar o seu patrimônio, o que o dispensava da obrigação legal de revelar a sua declaração de renda. Rumores sobre as prevaricações

de Zaccaro surgiram na revista *Human Events*, da Nova Direita, e na Accuracy in Media, igualmente conhecida por suas posições conservadoras radicais. A imprensa de Washington investigou as práticas comerciais desse pequeno proprietário como se ele fosse administrar o orçamento da Casa Branca. E a perseverança com que os repórteres se aplicaram a essa tarefa não se fez notar quando estourou o escândalo Irã-Contras, no qual a participação de Bush parecia óbvia. Mesmo depois que Ferraro revelou a declaração do imposto de renda de sua família e analisou-a detalhadamente em um programa transmitido em cadeia nacional de televisão com uma hora e meia de duração, as investigações sobre as finanças "dela" prosseguiram, indo muito além de sua conta bancária. A imprensa chegou a levantar associações comerciais do pai de Ferraro (que morreu quando ela tinha oito anos) e do pai do marido de Ferraro. Como observou na época o colunista Richard Reeves, um dos poucos jornalistas a não participar da campanha de difamação: "Continua o apedrejamento de Geraldine Ferraro em praça pública e ninguém ousa ajudá-la ou protestar - nem mesmo as mulheres."

No fim, como demonstraram as diversas pesquisas pós-eleitorais, nem o escândalo decorrente dos negócios de Zaccaro nem a presença de Ferraro na chapa presidencial tiveram importância para a derrota dos democratas. Uma economia em recuperação manteve os republicanos na Casa Branca. Quase 80% dos eleitores consultados pela *Newsweek* disseram que os deslizos do marido de Ferraro não influenciaram o seu voto. Os eleitores não estavam rejeitando a possibilidade de uma mulher no comando do país. Na verdade, uma pesquisa nacional realizada depois da eleição de 1984 mostrou que, tendo visto o desempenho de Ferraro na campanha, um quarto do eleitorado admitiu estar *mais* propenso a votar em uma candidata. Além disso, as pesquisas realizadas entre os eleitores que definem seu voto com base na *segunda* pessoa da chapa, Ferraro tinha uma ligeira vantagem sobre o vice-presidente de Bush.

Nas entrevistas que deu à imprensa, Ferraro disse que se fosse ela a cabeça de chapa, o resultado das eleições teria sido outro. Aceitar a nomeação não seria "justo" para com o seu marido, disse ela. E desistiu da idéia de concorrer ao Senado em 1986.

"A derrota de uma mulher costuma ser vista como o julgamento de todas as mulheres", escreveu Ferraro em suas memórias. No fundo, os difíceis momentos que atravessou durante a campanha e o seu posterior arrependimento, divulgado igualmente com grande estardalhaço na mídia, tiveram grande influência sobre as mulheres americanas. Em 1984, 53% das mulheres em uma pesquisa realizada em escala nacional disseram acreditar que uma mulher presidiria o país até o ano 2000; em 1987, apenas 40% tinha esse tipo de esperança. O fracasso de Ferraro tirou o ânimo das mulheres que aspiravam a uma carreira na política. Em 1988, ambos os partidos tiveram

dificuldades de recrutar mulheres dispostas a concorrerem a um cargo público. O suprapartidário Fundo de Campanha das Mulheres teve problemas para distribuir a verba de que dispõe para financiar candidaturas femininas. Ruth Mandel, diretora do Centro da Mulher Americana e a Política, ouviu sempre a mesma justificativa das mulheres que declinavam o convite para entrar na vida pública: elas temiam "o fator Ferraro". A popular secretária de estado da Califórnia, March Fong Eu, não quis participar da chapa democrata para o Senado. Razão: seu marido não queria ter a sua vida financeira devassada, como ocorrera com o marido de Ferraro.

Nas eleições de 1988, apenas duas mulheres (ambas republicanas) estavam concorrendo a uma vaga no Senado contra 10 nas eleições de 1984. Na Câmara dos Deputados, o número de candidatas também caiu. O mesmo ocorreu nas disputas eleitorais realizadas em todos os estados do país - de governador a auditor, passando pelos cargos de vice-governador, secretário de estado e tesoureiro. Apenas duas mulheres concorreram ao governo do estado, enquanto dois anos antes havia oito. Esse número só cresceu na disputa pelas assembleias estaduais - e mesmo assim a taxa de crescimento foi muito menor do que nos anos anteriores.

Quando saiu o resultado das urnas, as duas mulheres que concorreram ao Senado tinham perdido e, com isso, o Senado manteve o tradicional número de duas mulheres. (A última vez que as mulheres venceram essa barreira foi em 1953 - quando o Senado contou com o fabuloso número de três representantes do sexo feminino.) Na Câmara dos Deputados, apenas duas novas mulheres foram eleitas em 1988, contra quatro em 1986. Acima de tudo, caiu o percentual de mulheres tanto no congresso como nas assembleias estaduais, indo de 12 para 15% em apenas um ano - a primeira queda em 11 anos.

Em uma gelada manhã de janeiro de 1988 em Des Moines, Iowa, mais de mil delegados se reuniram no centro de convenções da cidade para discutir a Agenda de Reivindicações das Mulheres. As mulheres presentes ao evento levaram seus desejos ao conhecimento dos candidatos. Mas eram poucas as candidatas. Nenhum dos seis republicanos nas primárias presidenciais compareceu ao principal evento da conferência, o Fórum Presidencial; e apenas dois deles se deram ao trabalho de declinar o convite. Também estiveram ausentes dois democratas: Gary Hart e Albert Gore. Esse não era um evento "feminista radical": a conferência suprapartidária era patrocinada pela Federação Nacional dos Clubes de Mulheres Empresárias e Profissionais, uma associação nacional com uma reputação de moderada e cujas sócias eram em sua maioria republicanas. O momento e o lugar também não eram inadequados: em janeiro, todos os candidatos estavam em Iowa por

causa das primárias, ansiosos por publicidade. Também não foi por falta de aviso: os convites tinham sido despachados em junho do ano anterior. Os candidatos não estavam com problema de agenda: um deles chegou a tirar o dia para pescar. Só havia uma explicação. Como relutantemente concluiu a diretora executiva da organização, a republicana Linda Dorian, "havia algo de extremamente preocupante no modo como os candidatos republicanos viam as mulheres".

Na verdade, os candidatos republicanos de 1988 preferiam ignorar solenemente a existência das mulheres. Elas representavam um crescente problema cujo diagnóstico os líderes do partido preferiam adiar. O "problema do sexo" apareceu na eleição de 1980, quando pela primeira vez os democratas tiveram mais eleitores do sexo feminino do que do sexo masculino (com uma margem de 5 a 7%) e as pesquisas do Gallup começaram a registrar que, no eleitorado feminino, o Partido Democrata estava tendo uma vantagem de 19%. Os homens e as mulheres chegaram ao dia das eleições majoritárias, disseram as pesquisas de boca-de-urna, pensando de modo diferente: a maioria dos homens (55%) votou em Reagan, contra uma minoria de mulheres (47%). Nunca na história das eleições presidenciais essa diferença tinha sido tão grande - e era suficientemente preocupante para fazer com que Reagan pedisse para que Richard Wirthlin, especialista em pesquisa de opinião pública, estudasse uma fórmula que pudesse evitar tal problema na eleição seguinte.

Nesse mesmo ano, em uma fissura sem precedente não percebida pela imprensa, surgiu também um problema feminista. Na verdade, os direitos das mulheres se tornaram a única questão em que Carter superou Reagan nas pesquisas. Surgiu o primeiro voto feminista substancial - e, como observou a cientista Ethel Klein em seu estudo sobre os padrões de voto nacional, foi um voto restrito ao eleitorado feminino. Foi "a primeira eleição", observou Klein, "com um grupo de eleitores com um candidato melhor no tocante aos direitos das mulheres que poderia ser mobilizado em torno de um voto feminista". Pesquisa feita em 1988 mostrou que 40% das mulheres partidárias da igualdade de direitos gostariam de ter um "partido feminista". O grande temor dos opositores do voto feminino de 60 anos atrás estava prestes a se tornar uma realidade: um significativo número de mulheres estava começando a constituir um bloco de eleitores cujos votos estavam sendo decididos independentemente dos homens.

Ao longo da década, o problema do sexo só fez aumentar - a diferença contra Reagan chegou a ser de 17% - e, com ele, o poder das mulheres para desequilibrar as eleições. Em 1984, o voto feminino foi mais decisivo para as eleições do que o masculino. Em 1986, esse voto deu o controle do Senado para os democratas: nas nove disputas senatoriais mais equilibradas, as mulheres apoiaram os democratas que ganharam e os homens votaram nos

republicanos que perderam. Em 1988, 40 eleições estaduais foram decididas pelo voto feminino. Em 1980, o eleitorado masculino superou o feminino em 5,5 milhões de votos; em 1984, havia um percentual maior de eleitores femininos do que masculinos; em 1988, a diferença era favorável às mulheres em 10 milhões de votos.

Em 1988, a tendência do voto dos homens e das mulheres era significativamente diferente na corrida presidencial, onde as pesquisas detectaram uma vantagem de 24% para Michael Dukakis, candidato democrata, no eleitorado feminino. Foram as mulheres solteiras, fossem elas separadas, divorciadas ou viúvas, que mais contribuíram para essa distância, juntamente com as mulheres operárias, as que têm alto nível de educação, as profissionais, as jovens e as negras. Em outras palavras, as partidárias de Dukakis que lhe davam uma margem tão grande junto ao eleitorado feminino eram as mulheres que defendiam uma agenda feminista de salários iguais, direitos sociais iguais e direitos de reprodução iguais.

Os líderes do Partido Republicano não ignoraram essa ameaça: o presidente do Partido Republicano, Frank Fahrenkopf Jr., fez o seguinte alerta para os seus correligionários durante a corrida eleitoral de 1988: "Estamos particularmente vulneráveis, se é que posso usar essa palavra, junto ao eleitorado composto de mulheres entre 18 e 35 anos, que trabalham fora e particularmente dentro desse subgrupo, composto por mulheres jovens que são mães solteiras." Essa tendência não tinha nada de surpreendente: as casas administradas por mulheres tinham sido brutalmente atingidas pela política doméstica do governo Reagan, que cortou bilhões de dólares nos programas de que mais precisavam, como o de creches, saúde, serviços legais, cestas básicas e moradia.

Para os republicanos conquistarem esse crescente eleitorado feminino, e feminista, uma solução seria, é claro, a implementação de políticas sociais progressistas - políticas que a maioria das mulheres americanas apoiava claramente. No entanto, a cúpula republicana ignorou as mulheres e concentrou todos os seus esforços para consolidar a sua força junto ao eleitorado masculino. Ninguém defendeu posições apoiadas pela maioria das mulheres - do direito ao aborto à Emenda da Igualdade de Direitos, passando pelas questões sociais que mais as afetavam. E aqueles que no passado o fizeram estavam fazendo questão de vir a público para renegar tais pontos de vista. Bush, Robert Dole e Pete Du Pont renegaram as posturas pró-feministas que tinham. Bush costumava defender a Emenda da Igualdade de Direitos, a legalização do aborto e serviços de controle da natalidade financiados pelo governo federal. Na verdade, o programa de distribuição de contraceptivos que ele atacaria na década de 1980 era o mesmo que ele ajudou a aprovar na década de 1970, quando era deputado e em seus discursos pronunciava-se da seguinte forma: "Não se pode ter mais pudor para se discutir o controle da

natalidade." Agora, no entanto, Bush e os demais representantes do Partido Republicano evitavam toda e qualquer expressão de apoio às mulheres, por mais simbólica e vazia que fosse. Na Convenção Nacional Republicana de 1988, os militantes do partido só fizeram um tipo de menção elogiosa às mulheres: distribuíram placas para quatro boas mães, dentre as quais estava Joanne, esposa do deputado Jack Kemp, que abdicaram de suas vidas profissionais quando tiveram filhos.

Em vez de tentarem atender às demandas das mulheres, os republicanos defenderam posições machistas com a esperança de sensibilizar o eleitorado masculino. Bush parecia especialmente interessado em provar suas posições pró-homens para a imprensa, que parecia tão obcecada com o "fator falta-de-pulso" quanto os políticos sobre os quais escrevia. "Fico com raiva", assegurou Bush aos jornalistas. "Dou bronca. Repreendo em tom duro. É claro que todo mundo corre para me atender." Chegou a prever, mais esperançoso do que convicto, que se tornaria um Teddy Roosevelt.

Durante a corrida presidencial, os coordenadores da campanha de Bush desfaziam as questões sobre os direitos da mulher; eram assuntos triviais e não mereciam ser discutidos, diziam eles. "Para nós, não existe a chamada pauta das mulheres", disse o secretário de imprensa de Bush ao *New York Times*, irritado. Quando Bush se reuniu com um grupo de deputados eleitos para falar-lhes sobre a campanha, só havia uma mulher. Quando o candidato disse que a oposição à legalização do aborto era a pedra fundamental da sua campanha, não estava levando em consideração o que as mulheres pensavam sobre o assunto. Quando lhe perguntaram em um debate na televisão se estava "preparado para tratar as mulheres que tomavam essa decisão como uma criminosa", disse que ainda não "tinha pensado nas punições". Durante a campanha, seu único gesto na direção das mulheres trabalhadoras foi uma insignificante proposta que daria uma isenção de impostos de US\$20 por semana para as famílias de trabalhadores mais pobres. Esse auxílio tinha como finalidade pagar os custos básicos com uma criança, que em média eram quatro vezes maiores. No fim, o único gesto real da campanha de Bush para com as mulheres foi, por incrível que pareça, a escolha de Dan Quayle. Seus cabelos louros e sua aparência jovial, disseram os líderes republicanos à imprensa, certamente cativariam o eleitorado feminino.

Os democratas pareciam ser os principais beneficiados com o crescente afastamento das mulheres do Partido Republicano. (Pesquisa eleitoral realizada pelo *Los Angeles Times Mirror* em 1988 mostrou que era bem maior o percentual de mulheres que se definiam como os democratas à moda da década de 1960, identificando-se com os movimentos pelos direitos civis e pela paz dos chamados anos loucos; já entre os homens era *bem menor* o percentual que se identificava com esse grupo.) Nas eleições de 1988, no entanto, os candidatos e líderes democratas estavam tão preocupados em mostrar

suas credenciais de macho e em adotar a sua estratégia "pró-família" que praticamente eliminaram os direitos da mulher da plataforma do partido. Paul Kirk, presidente do Comitê Nacional Democrático, anunciou que questões "estreitas" como a Emenda da Igualdade de Direitos e o direito ao aborto - apoiadas por uma grande maioria dos eleitores americanos - não tinham lugar na plataforma do partido. Posteriormente, tentou afastar as defensoras das mulheres do partido - mesmo tendo se comprometido explicitamente, durante a sua campanha para chegar à presidência do partido, que não o faria. Enquanto isso, o Conselho de Liderança Democrata omitiu sem muito estardalhaço o direito ao aborto de sua agenda.

Em 1984, quando as mulheres ainda estavam sendo cortejadas pelos democratas, o Comitê Nacional Democrático promoveu um jantar de gala em homenagem às mulheres do partido e todos os candidatos presidenciais discursaram diante das militantes feministas do partido. Em 1988, a festa para as mulheres democratas foi simplesmente esquecida. Além de não oferecerem um banquete para as mulheres, os candidatos presidenciais não deram o ar de sua graça durante os quatro dias em que as mulheres democratas se reuniram para discutir as suas questões. Dukakis se fez representar pela sua esposa; e seu oponente, o senador Lloyd Bentsen, foi a única figura de proa a discursar para as mulheres. No discurso que fez depois de ter o seu nome aprovado pela convenção democrata, Dukakis não fez uma única menção à liberdade de reprodução. Também não se posicionou a respeito da discriminação sexual, salários iguais e a Emenda da Igualdade de Direitos. Em momento algum, ele ofereceu sua solidariedade aos direitos da mulher. O máximo que fez foi uma alusão à importância das creches. Como os republicanos, seus olhos só enxergavam as mulheres como um ser mantenedor da unidade da família.

Mas ao dar as costas para as mulheres, Dukakis perdeu a sua maior fonte de apoio. Os 24% de vantagem que obtivera no verão foram caindo até chegar a menos de 8% no dia das eleições. Só depois que os votos tinham sido contados é que os homens de Bush falaram sobre a importância do eleitorado feminino - para afirmar que a vitória deles se deveu ao fato de Dukakis não ter explorado a tendência desse voto naturalmente oposicionista "O grande feito de Bush/Quayle foi estreitar essa margem", comemorou mais tarde Vince Breglio, responsável por pesquisas de opinião de Bush. "Isso foi fundamental para a vitória." Breglio disse que o Partido Republicano conquistou as mulheres com as suas propostas para a infância e uma agenda "mais doce, mais gentil". Mas as pesquisas de boca-de-urna mostram que essa vitória não teve nada de acachapante; Bush obteve entre 49 e 50% dos votos femininos, não uma maioria real, e a adesão das mulheres ao Partido Republicano na verdade caiu mais quatro pontos percentuais em 1988. (Apenas 26% das mulheres se consideravam republicanas nas pesqui-

sas feitas ao longo dessa campanha.) O partido só "ganhou" a batalha sobre a tendência naturalmente oposicionista das mulheres porque ninguém fez nada para tirar partido dela. Dukakis, apesar de sua aparência máscula, jamais teve coragem para atacar a fachada "família" de Bush. Donna Brazile, o único membro da equipe de campanha de Dukakis que ousou comentar público sobre a possível hipocrisia por trás da encenação "homem de família" de Bush, foi demitida por causa de sua franqueza - e um nervoso Dukakis apressou-se em pedir desculpas a Bush por causa da indiscrição de sua assessoria.

Longe de protestar contra a deserção do candidato natural da população feminina, a maioria das mulheres do Partido Democrata parecia estar sofrendo em silêncio. Quando algumas mulheres ligadas à causa feminista ousaram desafiar Bentsen por causa da sua timidez em relação às questões femininas, seus questionamentos foram imediatamente silenciados - por outras mulheres presentes na sala. Quando a escritora feminista Barbara Ehrenreich abordou uma proeminente política sobre o apoio a um projeto de lei defendendo os direitos econômicos, ouviu que seria melhor esquecer. "Nós deixamos de lado a 'pauta da mulher'", disse a assessora política para Ehrenreich, antes mesmo de lhe dar uma chance de falar da proposta que ela tinha em mente. "Nosso interesse agora é com a 'pauta da família'."

Esses tradicionais protestos "femininos" remontam à oposição feita às sufragistas de segunda geração no início do século XX. Elas também tentaram agir como senhoras respeitáveis; deixaram de falar da necessidade de igualdade e começaram a dizer que só queriam ser guardiãs da maternidade e da paz doméstica, as "donas-de-casa" da política nacional, o voto das mulheres tornou-se o voto de "proteção da família". Quase um século depois, suas contrapartes em Washington as embrulhariam uma vez mais na bandeira da família. Os grupos políticos de mulheres começaram a se apresentar, antes de mais nada e acima de tudo, como defensores da maternidade; eles iniciaram uma grande campanha em defesa da família americana e promoveram uma pesquisa, lançada nacionalmente em um especial de TV estrelado pela beldade maternal de "thirtysomething", Hope Steadman. Alguns dias antes das eleições, as organizações Conselho Político da Mulher e o Projeto de Voto Feminino mandaram pelo correio um grosso documento onde o foco era quase que exclusivamente a pauta da "família". As mulheres deviam ir para as urnas, instruíam o material impresso, porque as "famílias da América precisavam dos nossos votos". E do que as mulheres americanas precisavam? O documento não dizia.

Proteger os interesses de famílias e crianças, é claro, faz parte de qualquer concepção de bem-estar social abrangente. E os esforços dos grupos de mulheres para ajudar a família eram legítimos, necessários e de longe mais sinceros do que a cantilena repetida por maliciosos candidatos à presidência.

("Espero que possamos avançar para questões importantes e paremos de brincar com essa história de licença-maternidade e assistência à criança", protestou o líder republicano no senado, Bob Dole, no Congresso - no mesmo ano em que ele estava concorrendo à presidência sob a bandeira da família.) Mas ao se permitirem ficar restritas à agenda da família, as políticas terminaram cedendo e sendo atropeladas. Ao "escolher" priorizar a causa da família em detrimento das suas próprias questões, as políticas sucumbiram a mais um dos axiomas do "não-se-pode-ter-tudo" do contra-ataque. As mulheres só poderiam pedir licença-maternidade e assistência à criança se não reivindicassem oportunidades iguais na educação, salários iguais e liberdade de procriação. Não apenas essa era uma estratégia injusta - ela era ineficaz. Todos os projetos de assistência à criança e licença-maternidade votados naquele ano foram derrotados.

A medida que a ideologia "pró-família" expandia-se para o centro da política americana, ela marginalizou as mulheres. No fim da década, o processo de evaporação tornou-se tão aceito que já não chamava a atenção. Enquanto o status político da mulher foi intensamente discutido na imprensa nas eleições disputadas no início da década de 1980, o interesse da mídia simplesmente sumiu na corrida presidencial do fim da mesma década. No dia posterior à eleição, o *Washington Post* publicou um especial de 14 páginas inteiramente dedicado ao pleito; não havia uma linha sobre a mulher. Na semana que se seguiu às eleições de 1988, o *New York Times* dedicou mais de 30 páginas para noticiar e analisar os resultados eleitorais. Apenas dois parágrafos, na última coluna de uma matéria genérica sobre tendências políticas, faziam menção à tendência oposicionista do eleitorado feminino - muito embora ele tenha sido decisivo na eleição de pelo menos cinco senadores, tivesse afastado do cenário político diversos deputados republicanos e definido com clareza os padrões de voto nas eleições proporcionais (com a maioria das mulheres votando nos democratas e a maioria dos homens votando nos republicanos). Enquanto uma série de artigos analisava os resultados das eleições do ponto de vista dos mais diversos grupos de interesse, nenhuma matéria mostrou o destino das candidatas. Dessa forma, além de ter reduzido o número de mulheres eleitas, o público sequer tomou conhecimento do sério revés que elas sofreram na política americana.

Em janeiro de 1989, poucos dias depois da posse de Bush e exatamente um ano depois da conferência sobre a Agenda de Reivindicações das Mulheres, as políticas e ativistas feministas se reuniram para a segunda sessão da conferência. Muito embora Bush não tivesse dado o ar de sua graça no ano anterior, as delegadas ainda estavam esperançosas. Mulheres de destaque no universo político previram que Bush se despiria do oportunista discurso antifeminista com que se apresentou na campanha e se mostraria como sempre foi, um defensor da causa das mulheres. Mas Bush voltou a recusar

o convite para falar diante delas, mandando uma gravação em videocipe dessa vez. Nela, comprometeu-se em "manter o diálogo" com as mulheres. É claro que, na fita, ele jamais poderia ouvir as suas interlocutoras.

0 PARTIDO DO EU SOZINHO

No verão que se seguiu à eleição, a Organização Nacional da Mulher (NOW) se reuniu em Cincinnati apenas três semanas depois da famosa decisão *Webster* com que a Suprema Corte restringiu o direito das mulheres ao aborto, recebida com louvor pelo governo Bush. Algumas delegadas da NOW, cansadas com o que chamaram de interminável série de traições das mulheres de ambos os partidos políticos, propuseram que a convenção discutisse a formação de um terceiro partido, que, entre outras causas, se pautaria pela defesa dos direitos da mulher. A moção foi aprovada por unanimidade.

A imprensa, que em geral ignorava as convenções da NOW, reagiu em indignação, raiva e escárnio. "Agora é hora de consenso, não de conflito", afirmou Jodie Allen, editora de opinião do *Washington Post*. O humor dos outros numerosos editoriais foi um pouco diferente. Algumas manchetes: "NOW mostra sua pior face", "Fantasia da NOW" e "Flerte da NOW como suicídio". Para a *Newsweek*, as "esganiçadas vozes da NOW" poderiam destruir o movimento a favor do direito de escolha e citou uma participante anônima da conferência, que supostamente teria feito a seguinte afirmação: "Gostaria de sumir com essa Molly Yard." (Como a conferência foi unânime ao apoiar a criação de um terceiro partido, a identidade dessa dissidente éo mínimo suspeita.)

Em sua apaixonada resposta à proposta, a imprensa distorceu toda a história. Os jornais acusaram a presidente da NOW, Molly Yard, de impor a idéia de um terceiro partido às delegadas da convenção, mas foram militantes das bases que a apresentaram, discutiram e aprovaram sob os olhos surpresos da liderança da NOW. Na verdade, as líderes tinham proposto um plano de ação partidária muito mais modesto; Yard só tinha sugerido a paridade sexual nas chapas apresentadas por ambos os partidos. E essas delegadas estavam longe de ser as "fúrias radicais" que a mídia imaginou: como não era um ano eleitoral para a liderança da NOW, muitas das antigas ativistas e membros das costas Leste e Oeste, sabidamente mais liberais, tinham ficado em casa. As delegadas que dominaram essa convenção eram mulheres da classe média do Meio-oeste americano; na verdade, havia um grande percentual de mulheres que tinha se associado à NOW naquele ano. Além disso, a proposta aprovada não sugeria a criação de um novo partido - apenas a formação de "um grupo de estudo" para analisar tal possibilidade. E o partido que as delegadas desejavam considerar não era, como disse a imprensa, um

"partido da mulher"; as delegadas o definiram como um partido que lutaria pelos direitos humanos e combateria a discriminação racial, a pobreza, a poluição e o militarismo.

A reação fóbica da imprensa e do *establishment* político - que, do presidente do país ao presidente do Comitê Nacional Democrático, passando pelos governadores do Maine e de Michigan, ofereceram uma vasta gama de depoimentos condenadores - foi ainda mais absurdamente desproporcional se nos lembrarmos de que metade das últimas 49 eleições presidenciais tinham sido eleições tripartidárias e aparentemente não causaram nenhum dano ao processo político americano. (Vale a pena lembrar que, quando surgiu, o Partido Republicano era um partido alternativo e que a eleição de Lincoln se deu em um pleito do qual participaram quatro partidos.) O fato de uma proposta formulada de um modo tão tímido ter suscitado tanta polêmica deixou pasmas as líderes da NOW. "Normalmente, precisamos fazer uma enorme pressão para que a imprensa dê alguma atenção ao nosso trabalho!", diz uma perplexa Eleanor Smeal, ex-presidente da NOW. "Parece-nos absolutamente fantástico, inacreditável mesmo, que o presidente dos Estados Unidos faça menção à resolução da NOW (em uma entrevista na televisão)... A única coisa que posso concluir é que muitos poderosos estão preocupados."

O desdém com que foi recebida a proposta de criação de um novo partido atingiu seu objetivo: extinguiu a centelha de uma idéia antes que ela pudesse se alastrar. Uma a uma, as líderes de organizações feministas vieram a público para criticar o partido das mulheres - freqüentemente com um linguajar nada educado. Kate Michelman, diretora-executiva da Liga Nacional pela Legalização do Aborto, chegou a suspender as suas férias para convocar a imprensa e dizer que era contrária à idéia de um partido alternativo, pois não queria que muitas "amigas" dos partidos Republicano e Democrata "achassem que nós estávamos abandonando-as". Essa foi uma resposta bem diferente da que foi apresentada em 1980, quando as líderes feministas usaram a idéia de criação de um partido alternativo para forçar o Partido Democrata a apoiar uma pauta dos direitos femininos: na época, elas ameaçaram apoiar a candidatura independente de John Anderson se o Partido Democrata não colocasse a Emenda da Igualdade de Direitos, a legalização do aborto e a criação de creches na sua plataforma.

A intensa ridicularização de que foi alvo a idéia de um terceiro partido podia remeter para a insegurança igualmente intensa por trás desses insultos. Provavelmente, Smeal estava certa; os poderosos estavam preocupados. O *establishment* político tinha que escarnecer da proposta da NOW, chamando-a de "irreal" e "absurda", porque na verdade ela não era nem uma coisa nem outra - era factível e ameaçadora. Afinal de contas, os seus assessores trataram como o "grande feito" de sua campanha, entre todas as batalhas que Bush enfrentou ao longo da corrida presidencial, o fato de ele ter superado a

natural tendência do eleitorado feminino de votar na oposição. "Está tudo acabado para os homens brancos?", perguntou nervosamente no ar o veterano jornalista David Brinkley, enquanto ancorava a cobertura jornalística que a NBC fez da convenção nacional 1988 do Partido Democrata.

No fim da década, não era preciso muita imaginação para perceber a va e a alienação da maioria das mulheres americanas - inicialmente ludibriadas pelo governo Reagan, depois afastadas da campanha presidencial de 1988 e por fim desmoralizadas pela decisão *Webster* que restringia o aborto. A indignação das mulheres pôde ser aferida nas pesquisas nacionais feitas na ocasião. Em 1989, uma pesquisa da Yankelovich Clancy Shulman detectou que a maioria das mulheres acreditava que os partidos Democrata e Republicano "não representavam mais a mulher americana média". E quem elas acreditavam que as "representavam"? A maioria das mulheres citou os três seguintes grupos: NOW, as líderes do movimento pelos direitos da mulher e as feministas. Quando analisados pela idade, os resultados da pesquisa de Yankelovich mostraram um futuro sombrio para os partidos Democrata e Republicano: dentre os grupos etários, foram as mulheres mais jovens as que *menos* se identificavam com os partidos tradicionais e as que *mais* se identificavam com os grupos e as líderes feministas. Entre as mulheres na faixa de 22-29 anos, apenas 36% acreditavam que os republicanos representavam a mulher média; por outro lado, 73% dessas jovens disseram que a NOW representava os seus anseios. O grupo das mulheres mais jovens, entre 16 e 21 anos, apresentava números ainda mais acachapantes - 83% delas acreditavam que a NOW falava por elas.

No fim da década, as mulheres podiam ter constituído um enorme e poderoso bloco eleitoral - caso tivessem sido mobilizadas pelas líderes do movimento pelos direitos da mulher e outras organizações progressistas. Mas nos anos 80, o contra-ataque no Capitólio colocou em xeque essa histórica oportunidade política para as mulheres - com um permanente bombardeio de ostracismo e hostilidades. As mulheres mais desestimuladas com esse bombardeio, compreensivelmente, eram as mais combativas. Foi por essa razão que, enquanto as mulheres da classe média americana estavam na convenção do Meio-oeste da NOW prontas para entrar em ação, muitas líderes feministas não ousavam sair de Washington.

*O cérebro do backlash:
De neoconservadores a neofeministas*

Os líderes da Nova Direita jamais deixaram de pregar o contra-ataque. Seus panfletos antifeministas podem ter conquistado as listas de livros mais vendidos, mas as grandes editoras não se interessavam apenas por recordes de vendas. A admissão no fórum nacional era restrita a interlocutores mais sensatos, intermediários com refinamento adequado para falar na mídia e as credenciais acadêmicas necessárias para transformar os incendiários discursos contra a independência das mulheres em palavras agradáveis e em livros aclamados.

Os emissários do contra-ataque vinham de todas as áreas do conhecimento: eram filósofos invocando os clássicos, cientistas sociais brandindo dados estatísticos e antropólogos citando evidências aborígenes sobre o lugar adequado das mulheres. Mas eles não eram apenas autoridades acadêmicas. Também eram escritores e oradores populares; eram gurus que atuavam no movimento dos homens e das mulheres. Esses homens e mulheres não professavam nenhum tipo de ideologia; na verdade, suas opiniões ajudaram a difundir os sentimentos antifeministas dentro do espectro político. No início da década, os mais famosos dentre eles eram comentaristas neoconservadores; no fim da década, eram teóricos identificados com as causas liberais e esquerdistas que também aderiram à plataforma do contra-ataque. No início da década de 1990, George Gilder, um conservador de quatro costados, cedeu o posto para o intelectual de esquerda Christopher Lasch, que estava desancando as mulheres que defendiam o aborto e reivindicando uma revisão na lei do divórcio, proibindo os casais com filhos de se separarem.

Embora alguns desses pensadores fossem abertamente contrários às reivindicações das mulheres por igualdade de condições, a maioria professava neutralidade. Eles estavam engajados em um discurso filosófico, e não pessoal, sobre a independência das mulheres. Quando diziam que o feminismo tinha acabado com as mulheres, estavam falando como meros espectadores informados e preocupados, pesquisando a cena do crime feminista de uma distância objetiva. O público podia confiar no seu julgamento. Ao contrário da Nova Direita, não tinham nada contra o movimento feminista. Apenas queriam o melhor para as mulheres.

Na verdade, alguns dos cérebros do contra-ataque eram mulheres que se diziam feministas. Algumas se consideravam "neofeministas" de segunda geração, conclamando os "direitos das mães". Outras brandiam a cartilha de feminista dos primórdios do movimento; eram as escritoras feministas da década de 1970 que agora estavam publicando textos revisionistas. E ainda havia outras mensageiras que agiam sem saber contra a sua vontade - teóricas feministas que viam pasmas seus estudos sobre a diferença de sexos serem distorcidos pela florescente equipe de zelosos intérpretes.

Os especialistas que divulgavam o contra-ataque para o grande público eram um clã diversificado e sem a menor relação entre si, não se enquadrando em nenhuma generalização política ou social - mas todos eles traziam uma bagagem pessoal quando se aproximavam do microfone. Podiam ter um interesse genuíno na condição da mulher e uma ardente curiosidade intelectual sobre a questão. Mas também eram movidos por motivos e rancores e vaidades pessoais que dificilmente reconheciam ou compreendiam. Como os homens e as mulheres da Nova Direita e os seguidores de Reagan, suas vidas pessoal e profissional também tinham sido afetadas pelas grandes transformações sociais ocorridas nas duas últimas décadas. E, como parece inevitável nesses períodos de confronto entre os sexos, a ansiedade pessoal e a curiosidade intelectual se fundiram de modo a tornar as mulheres um "problema" que precisava de estudo fervoroso e detalhado, uma praga sobre a paisagem nacional merecedora de interminável análise e consideração. Em suas próprias vidas, as mulheres podem ter sido ou não uma fonte de problemas, mas, em seus textos e discursos, a "Mulher" torna-se a tela na qual uma série de apreensões e aparições pode ser projetada.

A pose acadêmica de muitos desses pensadores ocultava impulsos nada acadêmicos. Alguns deles eram professores que acreditavam que as feministas tinham lhes tirado uma promoção, um cargo ou título; achavam que a criação de estudos sobre a mulher era, não apenas profissional mas pessoalmente, perturbadora e invasiva, um intruso que acabou com a paz nos *campi*. Alguns eram escritores que acreditavam que as escritoras e as editoras feministas tinham ofuscado suas carreiras literárias ou monopolizado a indústria editorial. Outros eram teóricos tentando se vingar de mudanças nada teóricas ocorridas em seus lares e casamentos. Havia também estrategistas políticos que há mais de uma década vinham travando intermináveis batalhas contra as organizações que defendiam os direitos da mulher ou procurando deslizes reais ou imaginados das líderes feministas. E muitos outros só estavam atrás de publicidade, tentando recuperar a fama que tinham conquistado ao assumirem uma posição favorável aos direitos da mulher.

Não seria possível ou sensato tentar psicanalisar esses homens e mulheres. Também não seria justo; eles se ligaram ao movimento das mulheres por uma série de razões - dentre as quais estão as pessoais. A questão não é redu-

zir os teóricos do contra-ataque a casos psicológicos, mas alargar a consideração de suas idéias de modo a incluir alguns fatores menos reconhecidos - de ressentimentos profissionais a rusgas domésticas - que influenciaram o comportamento desses pensadores em relação ao feminismo.

As pequenas biografias apresentadas a seguir não têm a pretensão de ser um abrangente catálogo dos numerosos acadêmicos, escritores e oradores que ajudaram a difundir o backlash. São muitos os cozinheiros - de figurões a figurinhas da mídia - que ajudaram a tornar o contra-ataque palatável para consumo público. As próximas páginas oferecem uma pequena amostra dos principais porta-vozes dessa causa - pequenos históricos de alguns especialistas assustados ou confusos que preferiram blefar, ameaçar ou difamar ao longo de uma época de grandes e desafiadoras mudanças.

GEORGE GILDER: "O MAIOR ANTIFEMINISTA DA AMÉRICA"

Quando os Estados Unidos invadiram o Camboja em 1970, George Gilder, então com 29 anos e porta-voz do liberal senador republicano Charles McC. Mathias, se sentiu "pressionado" pelos manifestantes pacifistas que tentavam descobrir como o congressista poderia se opor à invasão e manter o apoio ao presidente ao mesmo tempo. Eles também ridicularizaram Gilder: "No ponto de vista deles, eu até posso ser contra a guerra", lembra-se, "mas continuo a participar do 'sistema'." Certa noite, depois de abrir passagem através de um mar de manifestantes irados, Gilder sentou-se em casa e começou a pensar. O "desconforto" que sentiu naquela noite, escreveria ele mais tarde, "ultrapassou os dilemas do trabalho" que fazia. Sua própria masculinidade estava em xeque.

Além do combate no Sudeste Asiático, eu estava totalmente comprometido com os eventos em Washington. Milhares de jovens marchariam no dia seguinte, cheios de paixão, enquanto eu teria que me preocupar com a violência e a afronta a poderosos senadores que podiam votar pela paz. De certa forma, sabia que meu compromisso era mais profundo, mais prático, mais profissional. Mas ele não permitia uma fusão de engajamento físico e emocional: uma entrega de todo o meu ser ao grupo e à causa.

Depois de uma longa análise das suas circunstâncias pessoais, ele chegou a uma conclusão enquanto caminhava. "Uma boa caminhada podia me dar uma sensação de masculinidade e auto-suficiência que costuma durar várias horas." Enquanto Gilder subia a montanha em direção ao monumento a Washington, caiu um objeto do céu e de repente ele foi "atirado ao chão e do ficou escuro, como se tivesse sido atingido por uma bala ou tivesse sido

laçado pelo pescoço". A polícia o havia confundido com um manifestante e lançou uma bomba de gás lacrimogêneo em sua direção. Na verdade, ele não foi atingido, mas não deixou de ser um "batismo de fogo". "Fiquei deitado ali na montanha... Não estava nem pensativo nem filosofando", escreve ele. "Fui surpreendido por uma súbita inspiração que me colocou na corrente dos acontecimentos. Vi que tinha sido uma das primeiras vítimas da manifestação. Talvez a primeira."

O batismo não converteu Gilder ao movimento pacifista, mas lhe deu uma "conexão imediata" e, em sua emoção, correu até quatro manifestantes parados do lado de fora do seu apartamento para lhes contar a sua "história". Os manifestantes - três homens e uma mulher - contaram-lhe a história *deles*: eles precisavam de um lugar para se esconder. "Na emoção do momento", Gilder escreve, "convidei-os para passarem a noite lá."

Os hóspedes masculinos não saíram de manhã - nem no dia seguinte. Dia após dia, Gilder ia para casa e lá encontrava os caras esparramados no sofá, a sala de estar cheia de baganas, a geladeira vazia. Quando Gilder polidamente introduziu o assunto de uma possível data de saída, o líder deles apontou um canivete para ele. Por fim, Gilder fez *suas* malas e caiu fora, refugiando-se temporariamente na casa de uma "garota". "De uma certa forma, eles me colocaram para fora", escreve ele.

Quando finalmente se aventurou a voltar uma semana depois, viu um alívio que os sem-teto tinham dado no pé - levando consigo o som, discos e comida. Mas deixaram para trás uma garota loura de 15 anos, dormindo na sua cama. Gilder se sentiu em condições de lutar contra essa solitária intrusa. Botou a loura para correr do seu quarto e "despachou sua mala".

No ano seguinte, Gilder voltou para Harvard com a esperança de começar uma carreira como um "famoso escritor", uma tradição da família - entre as mulheres, na verdade. Havia uma série de mulheres em sua família, observava ele, que tinham se tornado escritoras e roteiristas bem-sucedidas e mesmo brilhantes. (Gilder também havia sido criado pelos Rockefeller depois que seu pai, companheiro de quarto de David Rockefeller na universidade, morreu na Segunda Guerra Mundial - um ambiente que sem dúvida contribuiu para aumentar suas expectativas.) Segundo ele, ele pensava em se tornar o grande narrador da turbulenta cena nacional do período que estava vivendo - uma figura literária da linhagem de Joan Didion, seu paradigma de escritor. Nesse meio tempo, no entanto, ele estava editando o *Ripon Fórum*, o jornal da Sociedade Republicana Ripon, uma instituição conhecida pela sua defesa do liberalismo.

No escritório desse boletim informativo republicano, ele iria se deparar com outra ameaça de desapropriação, agora num sentido mais político, de sua própria seara. Depois de escrever um artigo elogiando o veto do presidente Nixon a um projeto de lei propondo a criação de creches, as "feminis-

lãs" do *Ripon Fórum* caíram no seu pescoço, e, segundo ele, passaram a exigir que fosse demitido. Para piorar a situação, elas foram para a mídia falar mal dele. "Várias delas foram para o programa 'Today', da Barbara Walters", lembra-se. "Não sei como as mulheres que trabalhavam em uma revista obscura, que quase não tinha assinantes, podiam chegar à TV, nada menos do que no programa 'Today', para protestar contra minhas opiniões."

Em seguida, ele descobriu que as apresentadoras de TV ficaram ainda mais interessadas em seu contra-ataque. "De repente, eu estava na TV, debatendo com congressistas, grandes intelectuais e feministas, só por causa de um artigo que escrevi." E ele também chamou a atenção dos telespectadores. "Depois do programa todas as mulheres se voltaram contra mim. Tinha passado anos procurando uma forma de despertar paixões nas mulheres e ficou claro que tinha encontrado o veio." Foi então que percebeu que podia se tornar uma celebridade nacional - como o "maior antifeminista da América".

Até então, Gilder se via como um feminista. Agora ele diz que não lhe restava alternativa; naquela época, as "defensoras da liberação das mulheres" obrigavam os homens a defender suas posições. "Em Cambridge, as feministas dominavam a cena", diz ele. "Realmente, todo mundo era feminista. Era um requisito retórico." Mas ao se tornar "o porco-chauvinista número um do país", outro título que, meio por pilhéria, atribuiu a si mesmo, descobriu uma saída para fugir desse domínio e construir uma carreira literária ao mesmo tempo. Imediatamente depois do entreencontro com as feministas da Ripon, Gilder largou o emprego de editor, mudou-se para Nova Orleans e começou a escrever *Sexual Suicide*. Foi o primeiro dos quatro livros de Gilder sobre o poder destrutivo do feminismo; vieram a seguir *Naked Nomads*, *Visible Man* e *Men and Marriage*. (O último, publicado em 1986, foi na verdade uma versão revisada de *Sexual Suicide*, relançado com o objetivo de tirar uma casquinha dos "sérios reveses" do feminismo, como disse o próprio Gilder, durante a década do contra-ataque.) Em cada um deles, ele escreveria que as mulheres estavam "ocupando o lugar dos homens no mercado de trabalho" e que os homens - inclusive "muitos conservadores" - não estavam "tendo coragem para contestar as feministas da classe alta". As feministas estavam recorrendo à "coerção" para abrir caminho, alertavam seus livros: nas empresas, elas "ameaçam não apenas os papéis sexuais sobre os quais se funda a família, como também as liberdades no cerne da livre empresa"; em Washington, elas estão tentando "derrubar a própria ordem política".

Os livros de Gilder lamentam a instabilidade emocional dos *homens* solteiros contemporâneos. "O homem solteiro está biologicamente arrasado e em um sonho sem esperança." Ao contrário de alguns escritores do contra-

ataque, ele ao menos é honesto em relação às vantagens que o casamento oferece para seu sexo e em relação à real proporção entre os homens e as mulheres solteiros. (Mesmo assim, quando publicou *Men and Marriage* na década de 1980, não resistiu à tentação de citar, na introdução, um estudo sobre o casamento feito em Harvard-Yale como uma prova das consequências nefastas do feminismo sobre as mulheres.) Sempre que a gente olha as mulheres solteiras estão em uma posição muito mais privilegiada do que os homens solteiros, afirma Gilder, citando um estudo que mostra que as mulheres solteiras têm o dobro de experiências sexuais do que os homens solteiros. "Como acontece com a pobreza, o crime, as doenças psíquicas, a depressão e a mortalidade", escreve, "as vítimas da Revolução Sexual são os homens solteiros." E ele afirma que os homens têm muito mais necessidade de se casar do que as mulheres: "Embora tentem dar outra impressão, as mulheres podem viver muito bem sem o casamento; as mulheres solteiras podem ao menos levar uma vida estável e produtiva até envelhecerem... Os homens sem mulheres tornam-se com frequência 'uma ovelha desgarrada' e estão fadados a uma vida solitária, pobre, triste, violenta e curta."

Um homem também deve se casar para poder constituir uma família - o grande teste da masculinidade. "A virilidade", escreve, "está reservada para o homem casado." E como um homem solteiro pode ter certeza de que é um "provedor", pergunta Gilder, "em uma sociedade onde não pode ganhar mais dinheiro do que as mulheres com as quais pode se casar"? Como os pesquisadores da Yankelovich, Gilder tropeçou em um pré-requisito para a masculinidade que ainda é mantido em grande parte da América: um homem de verdade paga as contas da família - de todos os seus membros. Gilder fez coro com os cientistas sociais, no entanto, para os quais essa definição econômica da masculinidade é decorrente da própria biologia humana.

A versão de Gilder de um homem jovem, solteiro e subempregado é sombria. Para Gilder, os solteiros costumam ser uma espécie insuportável, um "bando símio" de "nômades nus" propensos a se tornarem alcoólatras, dependentes químicos e jogadores compulsivos, eseroques e assassinos. "Quanto mais velho for o homem solteiro", escreve, "mais propenso ao suicídio ele se torna." Só uma aliança, alerta Gilder, pode "domesticar os bárbaros". Mas se o típico homem solteiro é esse ser tão desagradável, por que diabos uma mulher iria sair com ele e, pior, se casar? A resposta de Gilder para as mulheres: "Você não tem escolha - case-se ou prepare-se para morrer." E avisa ameaçadoramente: "Os solteiros podem comprar facas e armas, drogas e álcool e assim conquistar um domínio pequeno e predatório." Eles "curarão e saquearão, tornar-se-ão depravados e eseroques." Melhor marchar para o altar com eles - do que cruzar com eles em uma rua escura.

Os primeiros livros de Gilder fizeram dele um respeitado autor antifeminista, mas não lhe deram os leitores que desejava. As vendas foram caindo ao longo da década de 1970: *Sexual Suicide* vendeu 12 mil exemplares, *Naked Nomads*, 7 mil, e *Visible Man*, insignificantes 600 exemplares. (*Men and Marriage*, por outro lado, impresso durante o contra-ataque, vendeu mais de 30 mil exemplares - muito embora só fosse vendido por mala direta.)

Mas em 1981 Gilder finalmente tornou-se um sucesso literário ao atrelar sua carreira à de Ronald Reagan. Passando por cima de suas inclinações republicanas liberais com seu passado feminista, Gilder tornou-se o redator de Reagan, tendo ajudado este a escrever o discurso de posse e produzido o famoso livro com os planos econômicos e o esquema de corte de despesas do novo governo - um esquema que, vale lembrar, atingiu de modo desproporcional e devastador os lares chefiados por mulheres. Na época, *Wealth and Poverty* foi visto como um libelo contra os liberais e o seu legado, tendo passado praticamente despercebido o ataque do livro aos membros de outro grupo político: este trabalho de Gilder desferiu mais do que alguns chutes no traseiro das feministas e no trabalho realizado por elas.

Da noite para o dia, o pobre e insignificante escritor free-lance tornou-se o intelectual mais querido da administração - e foi da pobreza para a riqueza. Os homens de Reagan agiram como patronos incansáveis e agentes publicitários de *Wealth and Poverty*: o chefe de campanha de Reagan, William Casey, ofereceu apoio financeiro durante o processo de criação e o diretor de orçamento de Reagan, David Stockman, promoveu o livro e chegou a propor que os membros do governo posassem para fotos tendo o livro na mão. Todo esse esforço foi devidamente recompensado: *Wealth and Poverty* vendeu mais de um milhão de exemplares.

Embora os críticos literários tenham se atido apenas à mensagem econômica de *Wealth and Poverty*, Gilder continuou sua guerra contra as mulheres independentes em suas páginas. Na verdade, ele a ampliou. *Wealth and Poverty* culpa o movimento das mulheres não apenas pela dificuldade dos homens solteiros de arrumarem casamento, como também pela dificuldade dos homens casados de prosperarem. Quando as mulheres se lançam resolutamente para o trabalho, acusa o livro, reduzem seus maridos a estropiados inúteis: "O homem está perdendo pouco a pouco o seu papel de provedor, a definitiva atividade masculina desde a época em que a raça humana não passava de um bando de caçadores até a revolução industrial que, na vida moderna, lhe está sendo tirada." O movimento das mulheres, no dizer de Gilder, atingiu o provedor masculino duas vezes: primeiro, diretamente, ao encorajar as mulheres a trabalharem, e depois ao estimular a criação de programas sociais que permitem que as esposas sobrevivam sem os seus maridos. Primeiro as feministas puseram em questão o papel dos homens como

provedores, escreve ele, para depois tratarem os homens "como amantes dignos de compaixão".

Na mesma época em que Gilder lamentava a perda da masculinidade tradicional na sociedade como um todo, ele começou a enfrentar tal problema em sua vida pessoal. Enfim, ele entrou no jogo do casamento e encontrou uma esposa. Nini era, como ele a descreveu, uma mulher à moda antiga que ganhava menos do que ele, situação essa que Gilder pretendia manter intacta. Como disse em *Men and Marriage*, não queria que sua esposa se sentisse "menor do que eu por ganhar menos dinheiro ou do que a mulher profissional com a qual me relaciono no meu ambiente de trabalho". Vale lembrar, no entanto, que ela não gostou nem um pouco do ideal de seu prestativo marido. Quando se conheceram, admite ele depois, ela escrevia livros sobre história da arquitetura. E mesmo depois de se casarem, ela se manteve ativa, escrevendo diversos livros. Mas pode ser que esse idoso príncipe tivesse analisado *suas* chances matrimoniais - e descoberto que o melhor seria se se desse por satisfeito com o que tinha às suas mãos.

ALLAN BLOOM: UM EXILADO DA CAUSA FEMINISTA

Falando ostensivamente sobre a decadência do ensino nos Estados Unidos, o livro *The Closing of the American Mind*, de Allan Bloom, dedica páginas e mais páginas para atacar o movimento das mulheres. Seja para avacalhar o nível do ensino, as efeminadas tendências musicais ou as supérfluas relações entre os estudantes, a maligna influência que ele identifica é sempre a mesma: a transformação feminista da sociedade encheu as mulheres com demandas e desejos e consumiu a energia e o vigor dos homens. "O último inimigo da vitalidade dos textos clássicos é o feminismo", escreve ele; os ataques aos cânones literários promovidos pelos estudantes radicais e as minorias nos anos 60 seriam insignificantes, se comparados aos efeitos que no entender dele o movimento das mulheres teria causado. Mesmo a revolução sexual, outra besta-fera de Bloom, é vista como um mero exercício de aquecimento para a "sinistra" tirania feminista. "O 14 de Julho da revolução sexual", escreve, "na verdade não passou de um dia entre a demorada do Antigo Regime e a escalada do Terror."

Na verdade, Bloom dedica pouquíssimo espaço à decadência dos padrões de ensino; por outro lado, um enorme espaço é dedicado a uma interminável verborrêia contra a ascensão do Terror feminino. "O projeto feminista", alerta, lançou "uma multidão de censoras indignadas equipadas com alto-falantes e tribunais inquisitoriais" e "um homem paga um preço alto" se violar os seus éditos. "O feminismo triunfou sobre a família", levou "à supressão da modéstia", inverteu os papéis sexuais "usando a força", permitindo que uma mulher "possa satisfazer seus desejos sexuais sem investir

suas emoções em relacionamentos exclusivos" e permitindo que elas tenham filhos "com ou sem pais". Em resumo, o feminismo liberou as mulheres da ditadura masculina e assim elas "podem viver como bem quiserem" - uma evolução que no entender do acadêmico é um sério problema.

A obra de Bloom foi apenas a mais notória entre os diversos títulos sobre o "declínio da América" que chegaram às livrarias no fim da década de 1980. Como os produtores de uma leva semelhante no fim do século XIX, os doutos autores desses textos alarmistas escreveram de modo sombrio sobre a decadência na educação, a deterioração dos valores morais e a queda da pujança econômica da América - e por uma razão ou outra eles acharam por bem culpar o feminismo, pelo menos parcialmente, por essas atribulações nacionais. Em *The True and Only Heaven*, Christopher Lasch vê "a enfermidade... de nosso padrão de vida" refletida na insistência feminista sobre "a liberdade de escolha", o desafio feminista ao casamento tradicional e a "propaganda de aborto ilimitado". Em *Temured Radicals: How Politics Has Corrupted Our Higher Education*, Roger Kimball acusa o movimento das mulheres logo na primeira página. "O feminismo radical", alerta, é "o maior desafio aos cânones". Os estudos feministas se tornaram "a voz dominante nos departamentos de ciências humanas de muitas de nossas melhores faculdades e universidades", para o profundo pesar da vida intelectual americana. As acadêmicas feministas estão intimando as universidades a contratarem outras feministas e o "objeto delas é nada menos do que a destruição dos valores, métodos e objetivos do estudo humanista tradicional". Em 1991, na Califórnia, cerca de mil professores que compartilhavam esse ponto de vista fomaram a Associação de Acadêmicos da Califórnia; o grupo combateu os programas de estudos das mulheres, afirmando que o esforço para contratar mulheres e membros de minorias sociais estava destruindo os padrões acadêmicos e defendendo a tese do professor de antropologia da Universidade da Califórnia, Vincent Sarich, que havia atizado as mulheres e as minorias com suas denúncias de discriminação e sua especulação "acadêmica" de que as mulheres tinham cérebros menores que os homens.

Alguns anos depois da publicação de *The Closing of the American Mind*, de Bloom, o autor não apenas manteve sua acusação ao feminismo, como afirmou que o celebrado *best-seller* de 1987 "subestimou" o problema. O feminismo "tornou-se infinitamente mais poderoso", disse ele. E em lugar algum as feministas estariam exercendo sua autoridade com mais despotismo do que nas universidades americanas, onde seus pontos de vista se tornaram "realmente uma espécie de ortodoxia" e os que não se alinharem a ela estão sujeitos a "serem eliminados".

Professor na Universidade de Chicago, isolou-se numa espécie de clube do bolinha dos conservadores, o Comitê sobre o Pensamento Social (que só tem uma mulher em sua faculdade): "Estou protegido em minha torre de

marfim", diz. "É pior nos departamentos." Quando se aventura a sair da zona desmilitarizada do comitê, anda cautelosamente. "É difícil explicar para as pessoas que não estão nas universidades como tal perseguição é extraordinária", diz, comparando seu destino ao de um traumatizado exilado denunciando histórias de atrocidade: "Sou como um dos refugiados do Camboja."

Segundo o relato que Bloom faz da frente de batalha, as feministas invadiram todos os santuários acadêmicos - um ponto de vista compartilhado por diversos acadêmicos que vieram a público denunciar "coerção política" no início dos anos 90. "Nós as encontramos em todos os departamentos. Elas promoveram grandes mudanças nos cursos. Mais do que isso, nos antigos cursos estabelecidos com livros tradicionalistas, um grande número de professoras está ensinando a partir desse ponto de vista. Quando você começa a estudar a história dos Estados Unidos, tudo o que vê é a história da escravidão das mulheres! Não há o que questionar, pois isso se tornou a doutrina."

As feministas dominam porque elas detêm os números. "Esse fantástico ataque ao currículo é fundamentalmente feminista porque as feministas têm feito muito sucesso", diz Bloom. "Depois daquela grande mobilização para contratar mulheres para todas as áreas, elas aproveitaram bem as oportunidades que tiveram e se mantêm lá até hoje. E a questão nua e crua é que se trata de uma maioria que acha que todo mundo é incompetente e contrata apenas as pessoas que compartilham as opiniões do grupelho."

A convicção de Bloom de que a maioria dos empregos universitários e dos direitos de publicação está reservada para as feministas é compartilhada por muitos de seus colegas de ensino, sejam eles conservadores ou liberais. Mas trata-se de uma convicção baseada no temor, não em fatos. As mulheres, feministas ou não, ocupam tão-somente 10% dos cargos das instituições de ensino superior normais (e entre 3 e 4% nas faculdades de elite) - um crescimento de apenas 6% em relação à década de 1960. Há cinco vezes mais mulheres com doutorado desempregadas do que homens. Também não é verdade que cadeiras feministas se difundiram pelos *campi*: apenas 12 cadeiras dedicadas ao estudo das mulheres existem em escala nacional. Em relação ao domínio nas publicações acadêmicas, um censo feito nos cerca de 1.500 artigos publicados anualmente nos jornais de história, literatura, educação, filosofia e antropologia mostrou que apenas 7,4% deles diziam respeito às mulheres ou a questões relacionadas às mulheres, o que representou um pequeno aumento de 5% em relação à década de 1960. No campo de Bloom, a filosofia, a proporção de artigos relacionados às mulheres foi a menor de todas: 2,7% - e na verdade registrava um *declínio* do "pico" de 1974, quando tal proporção era de 5,4%. Se acadêmicos como Bloom estavam tendo menos oportunidades em suas respectivas áreas, tal fato se devia muito menos a estudos feministas do que a mudanças provocadas por razões financeiras nas prioridades da universidade. Na década de 1980, inúmeras

universidades cortaram as verbas das ciências humanas e desviaram esse dinheiro para financiar os dois setores cujos estudos mais cresceram ao longo desse período: as escolas de medicina e de administração.

O que preocupava Bloom não era exatamente o fato de o modo de pensar americano estar se fechando por causa da influência feminista - mas o fato de estar se fechando para ele. Na década de 1970, Bloom se sentira compelido a se transferir para o Canadá. "As armas em Cornell", como ele caracterizara o levante estudantil, botaram-no para correr. Embora apenas poucas armas estivessem nas mãos das mulheres, é delas que ele se lembra mais - e das quais mais se ressentiu. "Foi nessa época que comecei a me deparar com as feministas", é essa a lembrança que tem de Cornell, que foi uma das primeiras universidades a estabelecer um programa de estudos sobre as mulheres. "As feministas começaram a falar com muita virulência... Algumas delas eram estudantes que se tornaram muito famosas com o tempo. Em sua maioria, as mulheres que conseguiram chamar a atenção para si eram as estudantes de literatura comparada."

Enquanto essas mulheres estavam construindo suas carreiras e colecionando seus títulos, ele amargou 10 longos anos de exílio na Universidade de Toronto. "Estava perdido", diria a um repórter depois. Foi para o exterior, teve um enfarte com apenas 41 anos e, por fim, depois de dois anos de negociações, conseguiu uma vaga na Universidade de Chicago. Mas lá ele era, em suas próprias palavras, um "ninguém". Teve grande dificuldade para publicar *The Closing of the American Mind*. Foi obrigado a se contentar com um adiantamento de US\$10 mil.

Para Bloom, as feministas lhe roubaram o lugar de honra a que fazia jus. "Há um certo tipo de ostracismo se você não segue a doutrina" e, como ele ousara escrever que "o movimento das mulheres ia contra as leis da natureza", foi punido por isso. "É esta a razão para eu não ser convidado para um monte de lugares. Não posso ter nenhuma das tradicionais honras acadêmicas."

Nem mesmo suas alunas deixaram de persegui-lo. "Fui para uma turma de teologia em uma grande faculdade de teologia... Entrei na sala de aula para discutir essas questões e toda a classe, que tinha onze pessoas, nove das quais mulheres, começou a chamar o professor titular de mentiroso e desonesto por ter me levado." Para exemplificar, ele se lembra de uma palestra que deu em "uma universidade muito importante" e deixou as mulheres na platéia irritadíssimas por não ter permitido que nenhuma delas participasse do debate que se seguiu ao evento. Uma delas chegou a dizer que ele "excluía as mulheres".

Segundo Bloom, homens como ele é que foram excluídos. Em *The Closing of the American Mind*, sua queixa em relação à "decadência da família" assemelha-se às queixas da Nova Direita, que lamenta a perda da autoridade masculina tradicional em casa e na vida pública, autoridade essa que,

para ele, está sendo violentamente atacada. Ele escreve com saudade do tempo em que ainda se acreditava que "a família é uma espécie de miniaturado Estado, onde o desejo do marido é o desejo de todos". Demonstra preocupação com as esposas que abandonam tranqüilamente seus maridos em nome da liberal legislação do divórcio e com as filhas que têm "menos supervisão em suas relações com os meninos do que em qualquer outra época da história".

Às vezes, Bloom parece quase nostálgico da época em que os homens eram livres para fazer o que bem quisessem com as mulheres. Ele afirma que a história de violência contra as mulheres... é só história. "Dizem que as mulheres", escreve em *Commentary*, em um tom cético, "são estupradas pelos maridos e por estranhos, que são assediadas sexualmente por professores e patrões na escola e no trabalho." E as feministas, escreve ele em crescente irritação, querem que esses chamados crimes sejam "previstos em lei e tenham algum tipo de pena para eles". Há um lugar, pelo menos, em que o tradicional equilíbrio de poder entre os sexos foi preservado - as revistas pornográficas. As feministas são contrárias à pornografia, afirma ele, não porque esta apresenta as mulheres de modo humilhante e violento, mas tão-somente "porque é uma reminiscência do antigo relacionamento amoroso, que envolvia papéis sexuais diferenciados".

Ele próprio um solteirão, Bloom é ainda mais contundente em relação às mulheres que não conseguiram se casar; repetidamente ele enfatiza a "falta de harmonia" entre a "mulher que trabalha fora" e o casamento. Afirma que as mulheres são infelizes e "perseguidas pela dúvida" porque a sua liberação negou-lhes o amor e o casamento. É a paradoxal análise padrão do contra-ataque que ele está oferecendo, embora travestida de prosa erudita: todas as batalhas por que as mulheres jovens se bateram "foram vencidas", escreve; e delas emergiram perdedores insensíveis.

Mas embora Bloom afirme que o feminismo tenha ludibriado as mulheres, logo revela sua suspeita por trás de tudo isso - as maiores vítimas do movimento das mulheres são os homens. "E é aqui que a história fica desagradável", escreve, voltando-se para o que considera ser a demanda mais "tirânica" do feminismo: que os homens também devem mudar (ou, como Bloom descreve em seu livro, "a alma dos homens... deve ser desmantelada"). A consequência, relata, é a castração universal. Quando se debruça sobre o ambiente universitário atual, vê apenas jovens "com detumescência espiritual", que se tornaram "velhos bibliotecários". Quando contempla a sociedade moderna, vê apenas as ruínas de uma era dourada: "Não se vê mais nem sombra do respeito que se tinha pelo pai como o símbolo do poder divino na Terra, o inquestionável zelador da autoridade." Ele perscruta o decrepito castelo do homem e vê um garanhão manco até mesmo em seu santuário mais sagrado - o quarto conubial. Os homens modernos são questionados com "nervosismo sobre seu desempenho sexual", escreve. "No pas-

sado, um homem podia esperar ser admirado pelo que proporcionava." Mas agora "ele pode ter certeza de que está sendo comparado e julgado", uma situação "intimidatória que dificulta o seu desempenho".

O feminismo, afirma Bloom, não apenas negou a ereção masculina, ele dizimou sua identidade básica, desmontando os alicerces sobre os quais repousa essa identidade - a família tradicional. O espectro do "declínio da família" parece preocupar Bloom não porque deseja preservar os prazeres aconchegantes da vida em família, mas porque ele vê a família como fundamental para nortear a identidade masculina. "Um homem sem uma propriedade ou uma tradição familiar cuja continuidade dependa dele", escreve Bloom, invocando Tocqueville, é um homem que terá dificuldade para "ver a si mesmo como parte integrante de um passado e um futuro, e não como um anônimo átomo em um constante processo de mutação".

The Closing of the American Mind contém tantas alusões eruditas e clássicas que sua crítica ao feminismo parece estar fundamentada em Platão, não em um ressentimento pessoal. Mas ao capinarmos o jardim bloomiano, retirando suas cultivadas metáforas, seus polissilábicos floreios e suas profusas citações de filósofos gregos, Rousseau, Flaubert e Shakespeare, restará apenas um deserto acadêmico: não há pesquisa, não há provas, não há nem mesmo uma citação de um ser vivo para corroborar a análise que Bloom faz da situação atual entre os sexos. O mais próximo que ele chega é uma referência a diálogos entre casais que ouve em restaurantes. Se a academia de fato está em declínio, com certeza não será o trabalho de Bloom que vai salvá-la.

MICHAEL E MARGARITA LEVIN: MENINOS NÃO COZINHAM E MENINAS NÃO FAZEM CONTAS

No livro que publicou em 1988, *Feminism and Freedom*, o professor de filosofia Michael Levin caracteriza o feminismo como uma "ideologia anti-democrática, se não totalitária", sem dar-lhe nem um desconto: "Certamente, nenhum conjunto de idéias está errado em relação a tudo, como creio seja o caso do feminismo", escreve ele. "Embora o feminismo possa ter feito algumas benfeitorias acidentalmente, eu, da mesma forma que não louvaria a pontualidade dos trens durante o governo de Mussolini se estivesse discutindo o fascismo, não louvarei as vitórias em relação à violência sexual contra a mulher." As razões que o levaram a escrever este livro são as mais nobres possíveis, garante ele. "A consciência que tenho do feminismo me levou a apresentá-lo da forma como o vejo."

O trabalho de Levin apresenta os dogmas que caracterizaram a "produção acadêmica" alinhada ao contra-ataque da década de 1980. Ele baseia sua tese nos seguintes argumentos: (1) as mulheres bem-sucedidas profissionalmente sacrificam o casamento e a maternidade; (2) os papéis sexuais são ina-

tos: as mulheres naturalmente preferem cozinhar e cuidar da casa, ao contrário dos homens; (3) os homens são melhores em matemática.

Ele apoia essas proposições com passagens extensas, repletas de notas de rodapé, sobre crianças da tribo !Kung, hermafroditas, hipogonádicos (homens com testículos atrofiados) e macacos resos castrados. Por exemplo: "O estudo de Hier-Crowley, feito em 19 hipogonádicos idiopáticos homens, fornece novas evidências psicológicas da inata habilidade espacial dos machos." Ou: "Só os meninos !Kung brincam; os garotos passam muito mais tempo do que as meninas fazendo experiências tecnológicas (por exemplo, cavando ninhos de cupim com setas) e brincando de brigar."

Ao folhear as páginas do seu livro, só nos resta perguntar por que elas contêm tantos macacos eunucos e hipogonádicos idiopáticos - evitando homens e mulheres contemporâneos. Uma visita à casa de Levin esclarece o mistério.

"Se você quiser entrevistar Michael amanhã, não poderá", diz Margarita Levin, sua esposa, explicando pelo telefone, alguns dias antes da visita. "É que amanhã vou dar aula e ele tem que cuidar dos garotos." Essa não é uma situação episódica, como fico sabendo depois. Apesar da afirmação que fiz em *Feminism and Freedom*, dizendo que geneticamente as "mulheres têm mais aptidão para cuidar dos filhos do que os homens", na casa dos Levin, onde os dois trabalham, as responsabilidades com os filhos são divididas meio a meio. Margarita Levin tem uma carreira com que se preocupar. É professora na Yeshiva University, onde ensina filosofia - detalhe: sua especialidade é a filosofia da matemática.

"O carinho fica com minha esposa; eu sou bom para dar limite aos garotos", enfatiza Michael Levin alguns dias depois, andando pela sala de estar do apartamento da família em Manhattan. Ao longo do caminho, atravessa cuidadosamente a pilha de brinquedos dos garotos e se instala em uma poltrona. Sim, ele cuida das crianças quando a esposa não está em casa, diz ele, "mas há certas coisas que fogem à minha alçada... Faxina e comida são tarefas da minha esposa. Eu não gosto de cozinhar. Essa é a natureza dos homens". Os homens acreditam que perdem "muito do seu status se começam a fazer coisas que normalmente cabem às mulheres", explica. Na verdade, "sinto ter perdido um bocadinho de status só de falar sobre o assunto [feminismo]". Mas ele acredita que tem de fazê-lo - "para honrar minha genitália e a minha masculinidade".

Levin lembra-se de que a primeira vez que se posicionou contra o movimento das mulheres foi há muitos anos, quando algumas feministas que conhecia começaram a exigir que os homens adotassem um novo comportamento. "Não esquecerei" um incidente em particular, diz: a namorada libera-

da de um amigo estava conversando sobre os direitos das mulheres e o encanou dizendo: "Os homens terão que mudar." No seu entender, era muito totalitarismo. "Fiquei muito aflito com essa idéia."

Enquanto fala, o filho Mark passa correndo pela sala, trepa no joelho do pai e pede um "abraço". Levin atende ao seu pedido e em seguida, talvez preocupado com o fato de estar se contradizendo com a postura de durão sobre a qual acabara de falar, ordena que o filho vá procurar a mãe. Mas o garoto não obedece à ordem; durante a conversa, ele faz periódicas voltas pelo colo do pai.

Recentemente, o apresentador de televisão Geraldo Rivera pediu para Levin dar um depoimento sobre o fato de os homens preferirem mulheres inferiores social e profissionalmente. "Se um homem não se sente no poder, não se sentirá atraído sexualmente", Levin lembra-se de ter-lhes dito. "Se sentirá ameaçado em sua masculinidade. É por essa razão que estamos vendo o crescimento de casos de impotência entre homens mais jovens." Mas como ele sabe que há um "crescimento dos casos de impotência"? Levin dá de ombros complacentemente. "É apenas uma impressão." Faz uma pausa. "Suspeito." Outra pausa. "Creio ter lido um artigo em uma revista sobre o assunto."

O casamento de Michael Levin não condiz com o seu ideal de modelo doméstico. "Minha esposa é mais inteligente do que eu", diz insipidamente. Ela não é apenas uma professora de filosofia, mas uma inspirada matemática. Ela também é uma parceira intelectual em seus textos antifeministas. Mas Levin conseguiu reconceitualizar o relacionamento deles de um modo que ele, pelo menos no seu entender, restaurasse o equilíbrio tradicional entre marido e mulher. Ele acredita deter o poder, pois quando se conheceram ele era o professor e ela, a estudante. "Ela foi minha aluna e não me sinto ameaçado por isso", garante. Esse mito tutorial do casamento deles perdeu sua relevância e Levin o promove ativamente - como se devesse fazer todo o estardalhaço possível na capa dessa ficção matrimonial para diferenciá-la do seu conteúdo vazio.

Enquanto Levin está falando, seu outro filho, Eric, aparece na sala de estar, segurando uma panela. Ele quer saber se o pai vai ajudá-lo a cozinhar o arroz. Talvez depois, disse-lhe ele. Michael Levin confessa que cozinhar é uma das "atividades favoritas" do filho. Mark, nesse meio tempo, levou um tombo e está chorando, obrigando Michael a correr para a outra sala a fim de consolá-lo. Margarita senta-se na poltrona patriarcal - para contar como se tornou uma especialista em matemática.

Ela descobriu sua aptidão na escola primária no início da década de 1960 - quando em geral não se exigia que as meninas soubessem muita álgebra. No entanto, Margarita diz que teve a felicidade de cair nas mãos de alguns professores esclarecidos que perceberam sua vocação: "Ninguém me disse não

e eu fui em frente." Ela se formou em matemática no City College de Nova York, onde Michael ensina. Em seguida, fez sua pós-graduação na Universidade de Minnesota, onde se doutorou em filosofia da matemática. "Acho que sou melhor em matemática do que a maioria dos homens", diz ela.

Mas o exemplo de suas próprias habilidades intelectuais não levou Margarita a rejeitar o argumento biológico sobre os sexos defendido pelo marido - apenas para se definir, como Connie Marshner o fez, como "uma exceção". As ciências exatas, diz ela, têm "pouquíssimas mulheres de valor". Além de endossar os pontos de vista do marido sobre as mulheres, ela é, como frisa Michael, "ainda mais antifeminista". Ela diz que sua oposição ao movimento das mulheres começou na universidade, onde as mulheres estavam questionando a sua falta de representatividade em certos enclaves masculinos. "Foi o ataque das feministas à ciência que me deixou colérica", diz ela. "Odeio gente boba." Em um artigo publicado em 1988 na *American Scholar*, ela revidou, avisando que, se as feministas entrassem para os departamentos de ciências, com certeza surgiriam inúmeras reivindicações irracionais - tratamento preferencial para estudantes do sexo feminino ou mesmo espaço extra nos jornais científicos para textos "não-machistas". Talvez o que tenha deixado Margarita Levin "colérica" tenha sido a possibilidade de uma coluna feminista em uma revista acadêmica - mas pode ser que tanta irritação tenha como origem uma questão de foro íntimo. Se houvesse mais mulheres no departamento de matemática, suas conquistas deixariam de ser consideradas tão espetaculares. Se houvesse paridade para as mulheres na faculdade, provavelmente ela deixaria de ser uma das "pouquíssimas mulheres de valor". Ou talvez ela estivesse tentando se destacar de um modo não tão acadêmico: "Adoraria se nos tornássemos os mais famosos antifeministas", suspira. "Adoraria ser a capa do *New York Times Magazine*."

Margarita Levin logo expandiu sua cruzada antifeminista para além da ciência. Ela encontrou um receptivo fórum na *Newsweek*, que publicou seu ensaio deplorando os "excessos feministas" dos livros infantis que descrevem um mundo "unissex" de médicas, guardas de trânsito e mecânicas. Esses livros, argumentava seu artigo, "não condizem em hipótese alguma com a vida real". Se essas escritoras se mantiverem nessa trilha, "nossas crianças terminarão se deparando com uma Sininho e uma Wendy que lutam com o Capitão Gancho enquanto Peter Pan fica em casa cuidando dos garotos". Ou talvez, a comparação é inevitável, até uma professora de matemática chamada Margarita, que luta contra as feministas que estão invadindo as universidades enquanto o marido Mike fica em casa com as crianças.

Voltando para a entrevista, Michael Levin diz que, até recentemente, era-lhe difícil atrair a atenção da mídia. Ele vê sinais promissores, peço-lhe um exemplo e ele cita os anúncios do perfume Beautiful, que têm como tema o casamento - mas ainda assim, diz, é difícil combater as feministas. "Elas têm

uma barreira na mídia", diz ele e o tom de sua voz se torna subitamente rancoroso. "Elas controlam o meio publicitário. Elas assumiram o controle das universidades - que agora se tornaram uma capitania das feministas." Quando pega esse veio, ninguém mais pára Levin. O rosto do afável professor de repente fica vermelho. "Um homem faz um doutorado em filosofia", diz, "e mesmo que seja o melhor, ele deixará de ser contratado para que em seu lugar entre uma mulher. O quartel-general das feministas é o departamento de estudos sobre a mulher existente em todas as universidades. É a central de comando. E o que elas produzem não passa de matéria fecal. Talvez tenha um pouco de urina misturada nela, mas em sua esmagadora maioria é matéria fecal." Sua genialidade acadêmica sumiu, mas não o seu tom professoral.

Eric interrompe a entrevista. Ele ainda traz consigo a panela e mais uma vez pede ajuda ao pai. Levin, sua temperatura voltando ao normal, segue o filho até a cozinha. Inabalável na poltrona, Margarita continua a discorrer sobre a sua ascensão profissional. No fim da entrevista, Michael Levin emerge da cozinha para dizer até logo. Parece um pouco envergonhado - está usando avental.

WARREN FARRELL: A RENÚNCIA DO HOMEM LIBERADO

"Os homens estão sofrendo muito mais do que as mulheres, ou seja, os homens estão, de muitas formas, com muito menos poder do que as mulheres." Warren Farrell faz uma pausa para tomar um gole do café que a governanta, a dona-de-casa, acabou de lhe servir. Em outra sala, a secretária, também mulher, está digitando e organizando seus arquivos. "O movimento das mulheres mostrou ser não um movimento em prol da igualdade de condições, mas um movimento para ampliação de oportunidades das mulheres", diz.

Nessa manhã, Farrell vai dar uma aula de "problemas masculinos" na Escola de Medicina da Universidade da Califórnia, em San Diego. Tema: "impotência masculina". O texto que eles estarão usando: *Why Men Are the Way They Are*, o novo livro de Farrell, que, entre outras coisas, diz que o feminismo "culpa" os homens pela desigualdade e encoraja as mulheres a olharem em excesso para a própria independência. O feminismo pode ter melhorado a vida das mulheres, afirma ele, mas, para algumas mulheres, "quanto mais radical for o feminismo, mais próximas elas estarão dos homens". Até agora, diz Farrell, o livro vendeu mais de 100 mil exemplares. "Vivemos uma época em que os homens não se sentem compreendidos pelas mulheres", diz. A situação anda tão complicada que as mulheres de meia-idade que estão procurando marido podem tirar partido da escassez de mulheres jovens e sensíveis. "As mulheres mais velhas que estão querendo

se casar podem compensar o problema da aparência se compreenderem os homens."

Farrell pega a jaqueta de couro e anda até a sua Maserati cujos bancos são revestidos de couro. Y MEN R - via-se na placa do carro esportivo. Ele se instala no banco do motorista e liga o motor, os pneus guincham enquanto guia ousadamente pelas ruas suburbanas de Leucadia, Califórnia.

Em uma sala de aula da faculdade de medicina, ele se senta diante de 15 alunos. "Como discutimos na última semana, até os anos 60 as mulheres precisavam do casamento para ter segurança econômica. Durante o período em que essa instituição foi indissolúvel, o sistema funcionou. Foi assim em quase todas as sociedades... O sistema não era ruim. Durante milhares de anos, ele desempenhou um papel fundamental na sobrevivência dos povos. As mulheres se interessavam pelos homens que pudessem protegê-las e fossem bons caçadores, e os homens disputavam as mulheres mais bonitas."

Uma jovem levanta a mão. Em algumas sociedades, diz ela para o professor, "as mulheres eram responsáveis pela colheita e pela prole. A caça representava apenas uma pequena parte da dieta desses povos". Para Farrell, tal fato não passou de um "desvio dos papéis sexuais". Ela faz uma nova tentativa: "Não, a questão que estou tentando levantar é que em muitos casos esses homens não são exatamente 'os provedores', estando na verdade controlando o acesso das mulheres à comida e à terra." Ele franze o cenho. "Essa seria uma interpretação pejorativa", diz-lhe ele e logo em seguida adianta a lição de história para a década de 1970.

"Agora vamos analisar o momento em que o divórcio tornou esse sistema inseguro... E desde então, uma vez desencadeada, a raiva que a mulher trazia dentro de si afastou-a ainda mais do casamento", explica ele. "A raiva foi desviada para os homens."

Mais uma vez, uma mão se levanta. "Mas eu achava que a raiva das mulheres se devia à sensação de que o *antigo* sistema tinha sido criado para prejudicá-las", diz um estudante, parecendo confuso. Farrell balança a cabeça. "Não", corrige ele. "O sistema foi criado para beneficiar tanto os homens como as mulheres. Os homens eram escravos da força de trabalho e em alguns sentidos eles eram mais escravizados do que as mulheres."

Não foi exatamente a essa conclusão que Farrell chegara na década anterior. No início dos anos 70, na verdade, ele se sentiu atraído pelo movimento feminista exatamente porque estava preocupado com o efeito desse "sistema" em mulheres atraídas para claustrofóbicos ou destrutivos casamentos tradicionais. Em particular, ele testemunhou as consequências do sistema em uma mulher que conhecia bem - sua mãe. "Eu a vi entrando e saindo de crises depressivas", escreveria ele depois. "Deprimida quando não estava trabalhando, feliz quando estava trabalhando. Os empregos eram temporários, mas, com eles, não precisava pedir dinheiro a papai para fazer qualquer coi-

sa." Quando acabava o projeto no qual estava trabalhando, a melancolia voltava, cada vez mais profunda. Ela começou a tomar remédios para controlá-la, mas tudo que essas drogas conseguiam fazer era deixá-la tonta ao ponto de cair. Certo dia, ela caiu morta. Tinha apenas 49 anos. Farrell lembra-se muito bem.

Logo depois da morte de minha mãe, surgiu o movimento das mulheres. Talvez por causa da sua morte, percebi de imediato a sua importância. Não podia esquecer a mudança que se operava nela quando seu trabalho lhe proporcionava tanto uma renda como uma comunicação com o mundo adulto, dando-lhe também um objetivo na vida e a sensação de ter alguns direitos.

Na faculdade, que ele cursou em Nova York, Farrell ouvia os seus colegas debochando das metas do movimento das mulheres. "Ficava surpreso ao ver os homens desfazendo do objetivo em nome do qual as mulheres estavam tentando se articular. Não demorei para começar a ir às casas de amigas feministas emergentes em Manhattan com o objetivo de abordar os seus maridos e dizer a eles o que dizia a elas."

Mais tarde, a devoção de Farrell à causa expandiu-se para a vida profissional. Ele mudou sua dissertação para uma análise feminista da mudança dos papéis sexuais, deixou o emprego como assistente do reitor da Universidade de Nova York e começou a escrever o que se tornaria a obra mais cultuada escrita por um homem feminista, *The Liberated Man*. Ele organizou centenas de grupos de homens, contrapartidas para as sessões de conscientização das mulheres, nos quais os machos eram estimulados a "ouvir as mulheres em vez de dominá-las", a entender os meandros políticos por trás dos seus casamentos e relacionamentos e a analisar a relação entre machismo e violência. E encorajou os grupos de homens e mulheres a se encontrarem regularmente e a procurarem questões em comum. O feminismo, disse ele, também libertaria o homem: da obrigação econômica de sustentar sozinho a família e do desgaste físico e mental de estar sempre provando a sua masculinidade e de reprimir emoções "femininas". "Um garoto que não aprende a lutar para mostrar sua masculinidade é psicologicamente mais livre para evitar possíveis brigas", escreveu em um manifesto publicado no *New York Times* em 1971. "Da mesma forma que um adolescente é mais livre para dirigir seu carro com cuidado do que sair por aí a toda, mostrando como sua máquina é possante - como se assim estivesse provando como ele mesmo é forte."

Essa mensagem foi repetida em livros populares por autores feministas ao longo dos anos 70, em trabalhos que colocaram em questão os preceitos de masculinidade nos Estados Unidos. "A verdade é que os homens não estão muito felizes com o mundo que criaram", escreveu Michael Korda em

Male Chauvinism, publicado em 1973. Nem com os ganhos sexuais do ideal masculino tradicional de "competitividade absoluta" e "invulnerabilidade", propôs Marc Feigen Fasteau em *The Male Machine*, publicado em 1974; além de ser ruim para as mulheres, ela doentiamente restringe os homens a "um mínimo de contato humano". Dentro desse campo literário da liberação masculina, o grande e inquestionável expoente foi Farrell. Ele participou da Organização Nacional das Mulheres, foi eleito três vezes para a sua diretoria de Nova York e saudado no *Chicago Tribune* como "a Gloria Steinem da Liberação Masculina". A *People* publicou uma matéria de quatro páginas, ilustrada com fotos, mostrando Farrell e sua esposa, Ursie, uma matemática - um casal tipo *Love Story* jogando futebol no Central Park e preparando uma omelete no apartamento que dividiam no West Side. Ele conviveu com luminares da mídia como Barbara Walter, jantou com Gloria Steinem e jogou tênis com ícones masculinos do feminismo como Alan Alda e Phyllis Donahue.

Mas à medida que o feminismo deixou de interessar à mídia, o entusiasmo de Farrell também foi arrefecendo. Talvez tenham sido superficiais as mudanças que disse ter feito em sua própria vida, alguns retoques meramente cosméticos para aumentar a sua cotação no efêmero drama de liberação dos anos 70. Ou talvez o desafio à tradicional masculinidade, um projeto monumental na melhor das circunstâncias, parecia uma tarefa ingrata e impossível para Farrell depois que o apoio cultural a esse tipo de postura foi retirado. Como o próprio Farrell alertou no ensaio que publicou no *New York Times* em 1971, "a imagem de masculinidade é tão esmagadora" que "é mais fácil recorrer a uma operação" para mudar o sexo de um homem do que "desfazer o condicionamento social e cultural".

De uma forma ou de outra, ele decidiu, em meados dos anos 80, que era hora de começar a tomar o partido dos homens, os oprimidos do momento. As mulheres independentes estavam direcionando muita raiva para os homens; estavam criticando o comportamento dos homens apenas para "confirmar a posição de dominadoras que usufruíam", protesta ele em *Why Men Are the Way They Are*. Logo ele estaria dando seminários que enfatizavam a reeducação *feminina*, sessões de sensibilização para ensinar as mulheres a ouvir, e atender, as reclamações dos homens em relação a elas. Em *Why Men Are the Way They Are*, Farrell inverte o quadro feminista; ele descreve um mundo em que as mulheres exercem "enorme poder" sobre os homens escravizados, que foram reduzidos a "objetos de sucesso" por mulheres obcecadas com a realização. Agora são os homens que querem ser secretários, acusa ele, que enfrentam a discriminação dessas arrogantes profissionais, que saem à noite com seus digitadores e em seguida esnobam qualquer possibilidade de compromisso. No novo universo de opressores e oprimidos de Farrell, os dominadores são as mulheres independentes estabelecidas pro-

fissionalmente. "As mulheres executivas começaram a discriminar homens não-executivos", diz. "As mulheres bem-sucedidas costumam ser casadas com a própria carreira. Muitos homens não estão recebendo a devoção das mulheres."

Como vem crescendo o número de mulheres que trabalham fora, a situação só tem piorado para os homens, diz Farrell. Ao contrário de muitos neo-conservadores, ele ao menos não ousa dizer que tenham sido as mulheres as vítimas do profissionalismo que recentemente introduziram em suas vidas. Para Farrell, ser abandonado por uma mulher bem-sucedida também não é um assunto abstrato: ele foi abandonado por sua mulher, uma executiva formada em Harvard que ascendeu rapidamente dentro da IBM e depois se casou com um gerente da empresa. Farrell vê uma ligação direta entre seu sucesso profissional e o fim do casamento. "Minha ex-mulher é uma das vice-presidentes da IBM", diz o atualmente solteiro Farrell em uma de suas aulas. "Ela fatura US\$250 mil por ano. Uma mulher pode fazer sucesso ou não e manter o seu amor. Mas o que acontece com um homem que é apenas bonito e não consegue se afirmar profissionalmente?"

Em meados da década de 1980, os companheiros de luta pela liberação masculina de Farrell também o abandonaram. As partidas de tênis com Alda e Donahue terminaram. Quando o seu último livro foi publicado, suas amigas feministas também começaram a evitá-lo. Pior do que isso, muitas delas passaram a fazer de conta que ele não existia. "A reação básica da revista *Ms.* foi a de ignorar tanto o livro como a mim", diz. Atualmente, as gavetas do arquivo do escritório de Farrell estão repletas de cartas de homens agradecidos. São frequentes as ligações telefônicas que recebe com convites para que fale em clubes masculinos e em associações que defendem os direitos dos homens. Seu livro está vendendo bem e ele diz que já tem um contrato para escrever outros dois sobre o mesmo tema, *The Disposable Sex* e *The Myths of Male Equality*. Mas esses fãs antifeministas podem não ser o público que Farrell desejava atingir.

Depois de dar duas aulas sobre problemas masculinos, almoçar com um professor de estudos sobre o homem que compartilha suas idéias e de ver como estão as vendas de seu livro na livraria da universidade, Farrell vai para um bar na periferia de San Diego. Ele pede uma cerveja, mas mal toca nela. Ele contempla o copo com um ar grave. "Agora eu vejo que as ideólogas do movimento feminista não querem ouvir", diz ele, voltando a falar sobre a indiferença da *Ms.* em relação a seu livro. "Gloria Steinem nem retornou minhas ligações, o que ela costumava fazer no passado." Ele volta a estudar o copo e conclui: "Fiquei bastante magoado ao perceber que não era mais popular entre pessoas que já me viram como um ídolo. Sofri quando Gloria Steinem se distanciou de mim."

ROBERT BLY: DE "COMEDORES DE IOGURTE"
A "HOMENS SELVAGENS"

É uma massa compacta de homens, cinquenta homens sentados juntos em um hall ou sala superlotada levantando alguma coisa indistinta na direção da noite ressonante.

ROBERT BLY, "CINQUENTA HOMENS SENTADOS JUNTO"

"Todos os homens que vão para o fim de semana dos homens ~~arrã~~ devem se lembrar de trazer uma pedra grande." Shepherd Bliss, um ~~homem~~ de ar severo e ombros arredondados, está diante de uma sala superlotada no fundo da livraria Black Oak, em Berkeley. Vieram tantas pessoas para o evento da noite que muitas delas terão que ser dispensadas; essas ficam ali por perto, ouvindo pelos alto-falantes. Do lado de dentro, mais de 100 pessoas disputam ombro a ombro o melhor lugar para ver o palco, onde o poeta logo vai se apresentar, "saindo de um período de hibernação", como Bliss diz, para ler seus últimos trabalhos.

Bliss, cuja recente transformação inclui a mudança de seu nome de Walter para Shepherd, é um dos principais porta-vozes de Bly na comunidade masculinista New Age. Mas no momento ele está sendo um pouco reticente a respeito das pedras. Eles vão usá-las para construir um "monumento a Hermes", mas isso é tudo o que diz. Ele não quer ser mais específico porque nessa noite há mulheres na platéia.

De repente, os homens no palco começam a tocar congas. O urso, retornando de seu grande sono no "extremo norte" - Moose Lake, Minnesota, para ser exato -, rompe o seu isolamento. Recém-chegado à casa dos 60, Bly, com uma longa trança branca e uma barriga arredondada, lembra um padre cristão. É descendente de noruegueses, como dirá diversas vezes ao longo da noite para os seus ouvintes, e alguma coisa em sua postura - talvez a forma como mantém os pés sobre o chão, que dá a impressão de que está navegando em uma galera durante uma tempestade - sugere que deseje que a platéia o veja como um viking.

Deixamos de ter imagens de "homens reais", diz Bly, enquanto os homens continuam a tocar congas. Barbies estereotipadas substituíram os machos. "Woody Allen é tão ruim - um John Wayne às avessas", diz ele, anasalando sua voz de modo afetado. "Os homens criaram seus modelos de masculinidade em obras como a *Iliada* e a *Odisséia*, entre outras coisas." No fim de semana dos machos, promete, resgatará esses modelos de edificação do homem: "Uma das coisas que vamos fazer é voltar para histórias muito antigas, que se passam há cerca de 5 mil anos, onde a visão de um homem, do que um homem seja, é mais saudável."

Há duas décadas, Bly era um herói de Berkeley por outra razão: um pacifista típico dos anos 60, ganhou fama devido a sua poesia engajada, na qual

denunciava os horrores da guerra do Vietnã. Quando ganhou o prêmio National Book de 1967 com a coletânea "The Light Around the Body", doou o dinheiro a um grupo que lutava contra o serviço militar obrigatório e atacou a complacência literária na festa de cerimônia: "Como estamos assassinando uma cultura no Vietnã, que no mínimo é tão boa quanto a nossa, temos o direito de nos parabenizar pela nossa magnificência cultural?"

Na época, Bly exaltou as mulheres que estimularam os filhos convocados para o Exército a resistirem à guerra e a fugirem para o Canadá. Em nome da paz mundial, argumentou Bly, os homens e as mulheres deviam seguir o lado feminino deles: a natureza preservacionista, dizia, residia em ambos os sexos, mas era reprimida nos homens de um modo nada saudável. Nas conferências sobre a "Grande Mãe" que deu na década de 1970, abertas para ambos os sexos, Bly tentou fomentar o "feminino" espírito de paz e amor.

Mas o movimento pela paz e os anos se passaram e Bly deixou de comandar as multidões - como também deixou de receber prêmios nacionais para rejeitá-los. No início dos anos 80, ele começou a se sentir menos homem, como chegou a confessar. Não foi a perda de sua precoce proeminência, no entanto, que ele identificou como o problema. Foi a "ausência de contato com homens" e sua excessiva exposição a mulheres fortes e ressentidas, dentre as quais sua própria mãe, que estavam manifestando os maus-tratos que tiveram de suportar dos homens em suas vidas. (No caso da sua família, como lembra Bly, sua mãe estava reagindo a seu pai, um alcoólatra frio e distante.) Temia que ele e homens como ele fizessem alianças estreitas *demais* com esse tipo de mulher e conseqüentemente internalizassem uma "visão feminina" dos seus pais e de sua própria masculinidade. Percebeu então que suas primeiras recomendações tinham sido equivocadas: "Se alguém me diz que preciso ser mais feminino, digo que é justamente o contrário, que preciso ser masculino", disse Bly à revista *Whole Earth* em 1988. Preocupava-o o fato de ser um homem apenas "superficialmente" masculino. Os homens tinham despertado para o lado feminino só para serem consumidos por ele.

Para remediar esse desequilíbrio, Bly começou a promover seminários exclusivos para homens para fazer com que resgatassem a "verdadeira masculinidade". Logo estava organizando retiros durante fins de semana nos quais os homens usavam máscaras e roupas feitas a partir de pele animal, tocavam tambores e procuravam a "fera que morava dentro deles". Enquanto Warren Farrell e mesmo neoconservadores como George Gilder tentavam ao menos ser ouvidos pelas mulheres, Bly acreditava que o separatismo radical era a única salvação para os homens.

Em meados dos anos 80, Bly estava atraindo multidões mais uma vez; centenas de homens estavam pagando US\$55 para uma palestra e US\$300 por um retiro de dois dias. No fim da década, Bly também estava de volta ao

trono da mídia, merecendo um especial na televisão de 90 minutos com Bill Moyers, matéria de capa na *New York Times Magazine* e tributos de revistas masculinas tradicionais e periódicos da New Age. Foi endeusado tanto pela *Gentlemen Quarterly* como pelo *Yoga Journal*. A grande imprensa saudou-o como a "Figura paterna do novo homem". Em 1990, os panfletos sobre a crise da masculinidade que publicara de modo independente foram compilados e reeditados por uma grande editora - e o livro, *Iron John*, logo estava na lista dos mais vendidos do *New York Times*.

O sucesso de Bly inspirou uma série de imitadores: no fim dos anos 80, o movimento dos homens gerou um mercado bastante vigoroso, com uma série de palestras ("Masculinidade suada e rude, só para homens"), livros (*Phallos: Sacred Image of the Masculine*), boletins informativos (*New Warrior News*), fitas ("The Naive Male"), programas de rádio ("Man-to-Man with Jerry Johnson") e até alguns jogos ("A Game of Insights for Men Only"). Esse movimento dos homens não era uma nova curiosidade restrita à Califórnia: "Cabanas da fraternidade" surgiram em Tulsa, Oklahoma; Washington era sede de organizações masculinas que ofereciam rituais para "homens selvagens"; as "Reuniões dos selvagens", promovidas em Austin, no Texas, eram reservadas com meses de antecedência; e o Centro dos Homens de Minneapolis atraía tantos homens que se dava ao luxo de promover eventos diários. Em Nova York e em Oakland, na Califórnia, os seminários de fins de semana sobre "Homens, sexo e poder", promovidos a US\$400 pelo Sterling Institute of Relationships, ensinavam os "boiolas" a se tomarem "homens de verdade", vestindo-se como gorilas, batendo no próprio peito e lutando com os próprios punhos. Esses seminários atraíram mais de 10 mil homens ao longo dos anos 80. Os retiros promovidos por Bly reuniram 50 mil pessoas só na segunda metade da década de 1980. Vale a pena lembrar que esses eventos não atraíam pobres coitados marginalizados. Constavam da lista de Bly, advogados, juizes, médicos, contadores e grandes executivos; em uma experiência no deserto, o grupo incluía diversos vice-presidentes das empresas mais bem-sucedidas do país e dois proprietários de redes de televisão.

O movimento masculino da New Age não se considerava uma reação ao movimento das mulheres. Os dois movimentos estavam correndo em "trilhas paralelas", como gostavam de enfatizar os discípulos de Bly. Quando uma mulher pediu a opinião de Bly sobre o feminismo durante o recital de Black Oak, o poeta garantiu "apoiar totalmente o trabalho desse movimento". A única razão para ele não convidar mulheres para a maioria dos eventos, explicou, é que os homens "podem ser mais francos quando não há mulher por perto". Mas os textos e os discursos de Bly também sugerem outras razões para a fobia do poeta em relação às mulheres.

"Lembro-me de um pára-choque [que defendia o fim do serviço militar

obrigatório] que vi nos anos 60, no qual se lia a seguinte frase: As MULHERES DIZEM SIM PARA OS HOMENS QUE DIZEM NÃO", escreve em "The Pillow & the Key", seu manifesto do masculinismo New Age, publicado em 1987. "... As mulheres estavam dizendo que preferiam os homens mais suaves e receptivos e prometiam que dormiriam conosco se não fôssemos tão agressivos e machistas." Segundo Bly, esse foi o primeiro dos muitos golpes femininos que nocauteariam a psique masculina. "O desenvolvimento dos homens ficou bastante comprometido por causa desse tipo de bloqueio", escreve.

A irrupção do movimento das mulheres no início dos anos 70 aumentou o bloqueio. "What Men Really Want", um "diálogo" escrito entre Bly e Keith Thompson, outro adepto do masculinismo da New Age, resume o problema:

Bly: Vejo o fenômeno do que costumo chamar de o "homem delicado" em todo o país. Algumas vezes, quando observo as pessoas que vão a minhas palestras ou recitais, vejo que talvez a metade é composta do que chamo de homem delicado... Muitos desses homens são infelizes. Não têm muita energia. Respeitam as leis da natureza, mas não criam nada. É por essa razão que você vê com frequência esse tipo de homem ao lado de mulheres fortes, que transmitem energia positiva.

Thompson: Acho que isso começou nos anos 60, quando olhávamos para o movimento das mulheres atrás de referências sobre o comportamento que devíamos adotar, e a mensagem que recebíamos era de que a nova mulher *queria* homens delicados.

Bly: Concordo. Era assim mesmo que as coisas aconteciam.

Em resumo, a autoridade da Grande Mãe também cresceu. "As sociedades dos homens estão desaparecendo, particularmente por causa da má vontade das mulheres em relação a elas", escreve ele. Muitas mulheres estão "criando meninos sem homem dentro de casa". O filho de mãe solteira se tornou "um bom garoto que não apenas agrada à mãe, mas também à mulher jovem com a qual vive".

Para restaurar a identidade masculina do bom garoto, propõe Bly, ele deve deixar de seguir o conselho da mãe e "mergulhar na psique e aceitar o que se encontra oculto nela". Como um mapa para a viagem, Bly sugere "The Story of Iron John", baseada em uma das fábulas dos Irmãos Grimm. Na história, um "selvagem" cabeludo é trancafiado em uma jaula próxima ao castelo real; a chave da jaula está sob o travesseiro da rainha. Um dia, o jovem príncipe perde sua valiosa "bola de ouro" quando essa cai em um lago abandonado e ele só pode recuperá-la se roubar a chave da mãe e libertar o selvagem. O jovem, nas palavras de Keith Thompson, "tem que recuperar o poder que deu a sua mãe e sair do campo magnético da cama dela. Ele deve deixar de ter como prioridade agradar à mãe".

Nos fins de semana "mistopoéticos" que Bly promovia para os homens a melhoria das relações com as mulheres, seja na cama ou fora dela, é sobretudo ignorada. "Em dois dias inteiros, mal se fala em mulheres", escreve Trip Gabriel sobre uma "Reunião Selvagem" realizada no Texas. Os escritores Steve Chapple e David Talbot, que foram ao "Amor, sexo e relacionamentos íntimos", que Bly promoveu ao longo de um fim de semana na Califórnia, dizem que nenhum desses três tópicos fez parte da programação:

Jovens e velhos estão tocando tambores e se lamuriando de pais que nunca conheceram. Estão expondo suas vergonhas mais profundas e conseguindo falar mal das mulheres dominadoras existentes em sua vida. No entanto, é de se estranhar que não se fale de sexo nessas reuniões. O Novo Homem parece infinitamente mais fascinado consigo mesmo do que com as mulheres.

Quando pedem para que um dos homens desenhe seu "parceiro ideal", Chapple e Talbot observam, ele desenha a si mesmo em uma cama sozinho, "exausto", como diz.

Mas talvez a ausência de discussão sobre relacionamento não seja tão estranha assim. O verdadeiro assunto dos fins de semana de Bly, afinal de contas, não é o amor e o sexo, mas o poder - como usurpá-lo das mulheres e como usá-lo em benefício dos homens. Na verdade, o retiro de Bly a que Chapple e Talbot foram foi aberto com a apresentação de "objetos ligados ao poder", que cada homem trouxe de casa a pedido da organização. Nesse fim de semana, os troféus incluíam uma pistola automática calibre 380. Bly pode ser um defensor da paz mundial, mas como o general do movimento dos homens está supervisionando uma batalha no front doméstico - e ele não leva seus sentimentos pacifistas para o conflito dentro do círculo familiar. Em um seminário realizado em 1987, do qual participaram mil homens, um homem na platéia disse para Bly que, "quando revelamos nossos desejos para as mulheres, elas nos dizem que estamos errados". Ao que Bly respondeu: "Então, arrebente a boca dela." Depois que alguém lembrou que essa declaração parecia ser uma defesa da violência contra as mulheres, Bly corrigiu-se: "Sim, quero dizer, temos que maltratar verbalmente as mulheres!"

"O que é que há? Iogurte demais?" grita Bly. Ele está no meio de uma palestra de dois dias no Centro Jung em San Francisco - um dos raros eventos em que permite a presença de mulheres. Voltou a assumir a pose de comandante de navio, mãos nos quadris, olhando carrancudo para um público de mais de quatrocentas pessoas. "Há candura e passividade demais no homem americano de hoje", diz, enquanto começa a dar passadas pelo pai-

co. "Há uma doença correndo solta por aí, e as mulheres estão espalhando-a. A partir dos anos 60, as mulheres vêm invadindo áreas masculinas e tratando os homens como meninos."

Uma mulher pergunta se ele está querendo dizer que o movimento feminista é o culpado. "O movimento dos homens não é uma resposta ao movimento das mulheres", ele diz. Alguns momentos mais tarde, entretanto, lá vem ele de novo advertindo os homens no auditório para se cuidarem com "o campo de força das mulheres". Uma outra mulher na multidão salienta a contradição, ele fica furioso. Tira o microfone do suporte e avança para a criadora de casos, uma frágil anciã segurando uma colorida bolsa de compras. Estica o pescoço na cara dela e grita no microfone: "São mulheres como você que estão transformando os homens em comedores de iogurte." Sem jeito, a mulher tenta apaziguar o raivoso poeta; numa voz trêmula, pergunta se ele tem "alguma sugestão" para que ela possa melhorar o relacionamento com o marido emocionalmente distante. "Que tal você parar de fazer exigências e o deixar em paz", grita Bly. "Deixe-o em paz."

No segundo dia do fim de semana no Centro Jung, Bly anuncia que vai contar uma história da carochinha. Explica que muitas vezes recorre a velhos mitos pois eles são mais "avançados" do que a análise psicológica ou racional. "Ninguém está sendo culpado", ele diz. "No pensamento mitológico, antes de dizer 'Estou furioso com você', você diz, 'Há uma bruxa no quarto que está fazendo isto com a gente'. A bruxa é uma terceira parte no relacionamento." Mas invocar uma terceira parte "bruxa" acaba sendo, evidentemente, uma evasiva - uma maneira de apresentar o monstro feminista numa forma que o homem pode ultrajar sem dar desculpas.

A história de hoje é mais um conto dos Irmãos Grimm, "O corvo", onde o herói, enfraquecido por uma bruxa e uma variedade de mulheres dominadoras, precisa redescobrir a sua virilidade lutando contra gigantes para poder reclamar a princesa. Acabada a história, Bly pergunta aos ouvintes que parte da história mais se adapta à situação pessoal de cada um. Quando nenhum dos homens escolhe a parte em que o herói ataca impetuosamente a montanha de cristal, Bly fica nervoso. "Vocês estão todos muito femininos", resmunga. "Eu quero ver ação. Quero ver raiva. Vocês precisam se mexer e ir matar os gigantes." Bly incita os homens a "rosnar" e levanta os braços diante da tépida resposta "Vamos, vamos lá. Mostrem os dentes. Demonstrem alguma raiva."

Um jovem levanta a mão. "Mas, Robert, Gandhi não recorreu à violência para alcançar as suas metas." Bly bate o pé. "Vocês são todos tão ingênuos. Estão cheios de todos os tipos de idéias fracas que uns filósofos desmiolados, inclusive Gandhi, encorajaram."

Está na hora da pausa para o almoço. Enquanto o público se avoluma na saída, a mulher com a bolsa de compras colorida se aproxima de Bly e lhe entrega um bilhete. Ele o enfia no bolso da camisa, depois sai apressado, sem

dizer uma palavra, para uma sala nos fundos, onde duas mulheres *grisalhas* do Centro Jung estão preparando a sua refeição.

Durante meses, Bly recusou qualquer pedido de entrevista - as suas entrevistas na mídia são quase sempre com homens -, mas hoje permitiu uma breve conversa durante o almoço. Entre vigorosas mordidas no sanduíche, o poeta diz que barra as mulheres em quase todos os seus eventos porque os homens precisam de um santuário num mundo dominado pelas mulheres. "Não há lugar para um guerreiro neste país. As feministas *trancaram* conta de tudo." E este é apenas o começo da incursão feminina. "Estu vendo a coisa tornar-se cada vez pior. Os homens tornar-se-ão cada vez mais inseguros, mais distantes da sua própria masculinidade. Os homens ficarão mais parecidos com as mulheres, e as mulheres tentarão se parecer mais com os homens. Não é uma boa perspectiva."

Que provas ele tem de que tudo isto esteja acontecendo, de que o *feminismo* esteja realmente tornando os homens "delicados"? O venerável poeta estoura em repentina raiva. "Eu não preciso de provas. Eu tenho *cabeça*, é por isto que eu sei. Eu uso a cabeça." Recusa-se a responder a qualquer outra pergunta e vira a cadeira até ficar de frente para a parede lateral. Um desconfortável silêncio cai na sala; as duas mulheres do Centro Jung tentam *fazer* voltar o seu bom humor elogiando-o e oferecendo-lhe mais suco de maçã. Por algum tempo ele nada diz, depois, lembrando-se aparentemente da *outra* mulher que o enfureceu antes, procura dentro do bolso da camisa pelo *bilhete*. Sacode a cabeça, bufá, então começa a ler em voz alta: "Fiquei muito *santida* e zangada com a maneira com que você simplesmente dispensou o meu comentário e me agrediu." O que mais a feriu, ela escreveu, foi a *manciancia* com que ele a atacou quando ela disse que queria mais apoio emocional por parte do marido. Ela precisava deste apoio, explicou, porque estava *lutando* contra um câncer no ovário. Bly comentou sarcasticamente: "Quer dizer, então, que eu só posso entender um câncer no ovário depois de ter um?" Colocou novamente o bilhete no bolso e terminou de comer seu sanduíche.

SYLVIA ANN HEWLETT: UMA OBRA MENOR DO NEOFEMINISMO

"Eu descobri pouco a pouco por que Phyllis Schlafly atrai tanto interesse", diz Sylvia Ann Hewlett, membro do Conselho de Relações Exteriores e autora de *A Lesser Life: The Myth of Women's Liberation in America*. Sentada à mesa da diretoria do conselho nos escritórios localizados no Upper East Side, ela diz: "Percebi que a Emenda da Igualdade de Direitos, *embora* pudesse agradar às elites e às mulheres bem-sucedidas da NOW, poderia na verdade atrapalhar na hora de se ajudar a mulher comum."

310
☪

Hewlett explica como chegou a esta opinião revisionista do feminismo. "Costumava ser bastante atuante no movimento feminista", afirma. Lembra de que participou de um grupo de conscientização nos anos 70 e de ter divul-

gado a emenda. "Mas pouco a pouco percebi que os direitos iguais privariam a mulher de leis trabalhistas de proteção. Se a emenda estivesse em pauta neste momento, não votaria nela, pois o tiro poderia sair pela culatra." Afirma que quem a convenceu foram as mulheres comuns. Como escreve no seu livro: "Num sentido profundo, as feministas deixaram de relacionar-se com as necessidades e aspirações da mulher comum." Simplesmente não entenderam que "muitas donas-de-casa não queriam ser tratadas de forma igualitária". E, por fim, afirma: "Quando você acrescenta ao medo legítimo das operárias que elas podem perder os benefícios conseguidos com tanto esforço, você já tem um poderoso aliado contra a emenda."

Quando foi que Hewlett, que na época morava em Manhattan com o marido banqueiro de investimentos, entrou em contato com estas mulheres comuns? Em *A Lesser Life* ela dá alguns exemplos - muito poucos. Num destes casos, cita uma anônima operária de uma fábrica de tecidos em Atlanta que se diz contra a igualdade de direitos porque "nós mulheres temos direito a uma pausa extra no nosso turno". Hewlett declarou ter ficado tão chocada com a observação da mulher que nunca mais fez propaganda da emenda. Este caso curioso é muito estranho: no ano em que Hewlett afirma ter estado em Atlanta, todas as fábricas de tecidos da área haviam sido fechadas, menos uma, e esta mantinha um pessoal quase simbólico. Seja como for, nenhuma dava às mulheres uma "pausa extra". (Na verdade, como lembra a ex-operária Joyce Brookshire: "Quem acabava tendo uma pausa extra eram os homens, pois eles podiam ir fumar um cigarro na sala dos fumantes. As mulheres não tinham a permissão de usar a sala." Brookshire salienta que ela e todas as operárias da fábrica que conhecia apoiavam a Emenda da Igualdade de Direitos.)

Eis mais um exemplo de mulher "comum" que Hewlett menciona: uma mulher anônima, uma das "mulheres tradicionais de classe média", lamenta que "o feminismo quer que fiquemos livres justamente da instituição da qual mais precisamos para superar a atual crise social: a família". A nota ao pé da página atribui estas palavras a uma mulher citada em *Sexual Suicide*, de George Gilder. Mas se examinarmos a referência original, descobrimos que Hewlett alterou a frase - mudando os verbos aqui e ali, para que parecesse dita por uma mulher, quando na verdade as palavras são do próprio Gilder. A tal mulher "tradicional" resulta ser um homem antifeminista. Indagada a respeito mais tarde, Hewlett apenas disse: "Não entendo como isto pôde acontecer. Não sei explicar."

Baseada nestes encontros ilustrativos com a mulher comum, Hewlett concluiu que o feminismo trapaceou o seu próprio sexo. "O movimento feminista definiu o problema das mulheres como sendo o de adquirir todo um conjunto de direitos legais, políticos e econômicos, assim como de conseguir o controle do próprio corpo." Mas a maioria das mulheres, ela afirma, não quer igual-

dade, liberdade pessoal ou sexual; elas "querem fortalecer, e não enfraquecer a estrutura familiar tradicional". Concentrando os seus esforços na igualdade em vez de na maternidade, as feministas cometeram "um erro gigantesco". O feminismo criou de fato "uma vida menor" para as mulheres ao deixar de defender as necessidades das mães que trabalham e dos seus filhos.

Insistir neste "erro", principalmente com suas supostas credenciais "feministas", garantiu a Hewlett imediata atenção por parte da mídia do backlash. O projeto do livro de Hewlett disparou uma verdadeira guerra de ofertas entre onze ansiosas editoras que disputavam a publicação. Porém, os editores estavam errados quanto ao interesse das leitoras por este assunto. *Lesser Life* não chegou a vender tanto assim. Mas estavam certos ao preverem o imenso entusiasmo da imprensa por esta trilha revisionista; o livro tornou-se na mesma hora um acontecimento de mídia. Como festejou um crítico do *Washington Post*: "Finalmente alguém respeitável disse tudo num livro." Hewlett recebeu contínuos convites para programas de entrevistas na TV e tornou-se imediatamente uma autoridade em política familiar. "O senador Moynihan, o governador Cuomo e o deputado Oaker procuraram os meus conselhos", o governador de Arizona nomeou-a para um conselho de assistência familiar e o Clube Democrático de Mulheres cumprimentou-a pelo livro.

Dai em diante, por vários anos, centenas de jornalistas, columnistas e comentaristas invocariam o trabalho de Hewlett sempre que quisessem mostrar os trágicos estragos do feminismo. O seu ataque contra o movimento feminista fez com que ela aparecesse em todas as publicações, desde o *New York Times* até a *People*. Até a *National Enquirer* mostrou-se surpresa; o tablóide apresentava as incríveis descobertas do livro com a manchete "As mulheres estão sendo prejudicadas - e não ajudadas - pelo feminismo".

Hewlett põe o feminismo no banco dos réus por três motivos. As feministas falharam com as mulheres (1) ao promoverem a Emenda da Igualdade de Direitos, (2) ao apoiarem as novas leis de divórcio sem motivação e (3) ao ignorarem a maternidade.

"É animador dar-se conta de que a emenda foi derrotada não por Barry Goldwater, Jerry Falwell ou qualquer outra combinação de porcos charvatinistas, mas sim por mulheres que foram afastadas do movimento feminista cujos valores pareciam elitistas e sem relação com a vida das pessoas comuns", ela escreve. A maioria das mulheres se opõe à emenda, ela diz, porque ela eliminaria os direitos das donas-de-casa de serem sustentadas pelos maridos.

Para confirmar estas afirmações, Hewlett recorre quase exclusivamente a uma única fonte de referência: Phyllis Schlafly do Eagle Fórum, diretora do programa de combate à emenda. A única outra autoridade sobre a emenda citada por Hewlett é "um proeminente advogado trabalhista e de direitos

civis", nunca identificado, que assegura a Hewlett que a emenda é desnecessária. Hewlett não explica como veio a saber que a maioria das mulheres é, naquele momento, contra a emenda. Se tivesse dado uma olhada nas pesquisas nacionais, teria descoberto que quase 60% das mulheres eram a favor da igualdade de direitos. (E desde então a proporção não parou de crescer - sendo agora mais de 70%.) E as mulheres "comuns" não eram exatamente hostis à emenda. De acordo com uma pesquisa Gallup de 1982, as funcionárias de escritório e as balconistas tinham até um pouco mais de entusiasmo pela emenda do que as executivas - e as mulheres de baixa renda eram mais favoráveis à proporção do prazo para ratificar a emenda do que as de renda alta.

Hewlett diz que as mulheres se opunham à emenda porque sabiam que ela lhes custaria o sustento do marido e "benefícios das leis trabalhistas". Mas a emenda não teria nenhuma consequência sobre estes benefícios a não ser torná-los imparciais diante da diferença entre os sexos, o que de qualquer forma já havia sido estipulado por muitas leis estaduais. Metade dos estados não exigia que os maridos sustentassem as esposas - e, como qualquer mulher abandonada poderia ter contado a Hewlett, os estados que previam tal coisa mal se davam ao trabalho de fazer cumprir a lei. Quanto aos benefícios trabalhistas, os tribunais já se encarregaram de eliminá-los - por eles violarem os direitos civis das mulheres. Estas leis haviam historicamente servido para proteger não as mulheres mas sim os empregos dos homens, cortando as mulheres dos cargos de melhores salários. E haviam sido as mulheres operárias a pedirem que os tribunais revogassem tais "benefícios".

Finalmente, as pessoas que derrotaram a Emenda da Igualdade de Direitos não eram mulheres comuns mas sim um punhado de homens muito poderosos em três legislaturas estaduais fundamentais. Eram homens que se opunham à emenda não porque ela prejudicaria a proteção tradicional das mulheres mas sim porque desafiava a sua própria crença de que, nas palavras de um destes legisladores, "uma mulher deve servir ao marido".

O segundo motivo de Hewlett - de o feminismo prejudicar a dona-de-casa ao promover o divórcio sem motivação - fundamenta-se num mito do contra-ataque. A prova de Hewlett é tirada do enganoso *The Divorce Revolution* de Lenore Weitzman.

A última afirmação de Hewlett é a mais amplamente citada. O movimento feminista, ela acusa, "ultraja" e "vitupera" mães e crianças; as feministas dos anos 70 deram muito pouca importância à assistência à criança e até deixaram de levar adiante a causa da licença-maternidade. A posição contra as crianças e as mães, ela afirma, acabou desacreditando o feminismo junto à mulher comum. Ela compara esta negligência com as "feministas sociais" da Europa Ocidental, às quais ela credita a disponibilidade de creches financiadas pelo governo e os benefícios da licença-maternidade.

Mas, na verdade, as políticas européias que ela tanto elogia foram pro-

movidas, décadas antes, não pelas feministas sociais, mas sim por governos preocupados com os cada vez menores índices de nascimentos e que tentavam revigorar populações devastadas pela guerra. E nem se pode dizer que nos Estados Unidos a atuação das "feministas igualitárias" em termos de assistência infantil e maternidade tenha sido nula. Enquanto o movimento feminista certamente, e com toda a razão, criticava a sociedade americana por oferecer às mães sentimentos vazios em lugar de direitos legais e verdadeiro respeito, as suas líderes também pressionavam em busca de um amplo leque de direitos que beneficiariam as mães. No começo dos anos 70, as feministas defendiam cinco projetos de lei para a assistência infantil. Já em 1967, três dos oito itens da original "Lei dos Direitos da Mulher" da NOW lidavam especificamente com assistência infantil, licença-maternidade e outros benefícios. Nos anos seguintes, a NOW e outros grupos feministas repetidamente fizeram lobby no Congresso e promoveram ações judiciais para combater a discriminação contra as mulheres grávidas e as mães. E, um ponto-chave que Hewlett e os demais críticos com a mesma mentalidade esqueceram de observar, quando as feministas lutavam pelos direitos da mulher em outras áreas - iguais oportunidades de emprego, paridade salarial, direito de crédito, saúde -, as mães e as crianças também eram beneficiadas. Seja como for, Hewlett simplesmente erra quando diz que a maioria das mulheres comuns vê no feminismo um movimento "antifamília". Quando os pesquisadores de Yankelovich perguntaram especificamente em 1989, "O movimento feminista é antifamília?", a grande maioria das mulheres, de qualquer grupo etário, disse que não.

A última prova que Hewlett oferece para sustentar o caráter "antimaternidade" do movimento é estritamente pessoal. Ela insiste na história das suas próprias lutas para equilibrar os cuidados com os filhos e a carreira quando ensinava economia no Barnard College, uma luta solitária, ela conclui, que foi um dos prováveis fatores do seu insucesso em manter o emprego. As feministas na universidade, ela conta, não eram lá "muito entusiasmadas acerca das famílias", não manifestaram solidariedade alguma durante sua gravidez, "eram contrárias a qualquer política de maternidade" e desprezaram o comitê que ela dizia ter formado no colégio em prol da licença-maternidade, acusando-a nas reuniões do Centro das Mulheres de querer "uma corrida de graça". A diretora do Centro, conta, aproximou-se dela mais tarde e "explicou em tom de desculpa que a licença-maternidade era um assunto polêmico entre as feministas". Hewlett lembra que na época pensou: "Se este for o outro lado da moeda da liberação... que o céu proteja a mãe que trabalha. Estava claro que as nossas irmãs não o fariam."

Jane Gould, a diretora do Centro das Mulheres do Barnard College na época, ficou perplexa quando leu este trecho do livro de Hewlett. Hewlett,

Gould diz, não desempenhou um papel central na campanha das mulheres do Barnard para uma política de licença-maternidade e as poucas professoras contrárias à campanha nem eram feministas: "As feministas foram as que *organizaram* o comitê de licença-maternidade", afirma Gould. "Sylvia Hewlett nem chegou a botar os pés no centro das mulheres."

No front nacional, os verdadeiros cruzados contra a maternidade também eram feministas; eram os líderes da Nova Direita, políticos conservadores e altos executivos, que não só ignoravam os direitos das mães como também os combatiam. Afinal de contas, foi Phyllis Schlafly, e não Gloria Steinem, quem liderou por duas décadas a oposição à assistência infantil e à licença-maternidade. Foi a Câmara de Comércio, e não a Organização Nacional das Mulheres, a mais eficaz força unitária por trás da derrota, em 1988, do Projeto de Licença Médica. (A Câmara de Comércio triunfou principalmente ao declarar que a lei custaria, em perdas comerciais, pelo menos 24 bilhões de dólares por ano; o Tribunal de Contas estimaria mais tarde o custo em cerca de 500 milhões.)

A indiferença do governo e da indústria pelos direitos das mães que trabalham acabaria se tornando penosamente aparente para a própria Hewlett, quando ela tentou organizar uma comissão de política familiar no Conselho de Política Econômica, um importante centro de estudos de Nova York. Esperando congregar líderes do governo e do mundo dos negócios para delimitarem juntos um plano de benefícios para mães que trabalhavam fora, ela se aproximou de nomes famosos como o presidente da Atlantic Richfield, Robert Anderson, o presidente da Warner Communications, Steven Ross, e até o ex-presidente Gerald Ford. Mas descobriu que, ao se darem conta do assunto em questão, os homens logo se retraíam. "Tornou-se uma espécie de porta giratória", Hewlett lembra. "Foi uma verdadeira decepção." Eles participavam de uma reunião, irrequietos e de olho nos relógios, depois desapareciam. "Dava a impressão de que eles se sentiam contaminados, que as pessoas iriam considerá-los uns molengas", continua Hewlett. Alguns pediram transferência para outras comissões que não estivessem tratando de "coisa de mulher". "Poderia mandar a minha gerente de recursos humanos", disse a Hewlett um alto executivo quando ela o contactou. "Como mulher, ela ficaria interessada."

Apesar disto, Hewlett manteve a comissão funcionando, e o grupo finalmente redigiu uma série de recomendações, apresentadas com bastante espalhafato num jantar de gala no Capitólio. As recomendações em si, entretanto, não eram muito diferentes das contidas em dezenas de relatórios feministas das últimas duas décadas. O documento propunha as soluções de sempre para mães que trabalham: assistência infantil subvencionada pelo governo, licença-maternidade, assistência sanitária para a mãe e a criança e horários

de trabalho flexíveis. Os figurões da política receberam, leram e arquivaram como de praxe.

BETTY FRIEDAN: REVISIONISMO COMO INSTRUMENTO DE MARKETING

Quando Hewlett organizou a sua comissão de política familiar, ela incluiu duas mulheres do "establishment feminista", como ela o chama. Uma delas era Betty Friedan. Assim como alguns dos homens, Friedan participou de uma única reunião e depois desapareceu. Mais tarde ela criticou publicamente a obra de Hewlett como "um decepcionante livro de contra-ataque". A crítica surpreendeu Hewlett que, depois de ler os mais recentes trabalhos de Friedan, achava que elas fossem almas gêmeas. "Convidei Friedan a participar da comissão justamente porque ela parecia estar seguindo o mesmo raciocínio meu em seu novo livro, *The Second Stage*", afirmou Hewlett.

Com efeito, em *The Second Stage*, publicado em 1981, Friedan fez várias acusações parecidas ao movimento feminista. As suas líderes tinham se esquecido do apelo maternal: "O nosso fracasso foi a nossa cegueira em relação à família." E mais, afirmava o livro de Friedan, muitas vezes a campanha feminista se concentrava em táticas políticas "diretas" e "de confrontação" - táticas das quais ela mesma havia sido a pioneira mas que agora considerava "masculinas" demais -, quando teria sido melhor tentar o voluntarismo e uma atitude mais delicada.

Friedan não era a única feminista famosa a desfazer as malhas do seu próprio trabalho. Um bom número de escritores cujos livros de sucesso ajudaram a popularizar o movimento feminista nos anos 70 estava agora ocupadíssimo em dar marcha a ré. Para a Nova Direita, o novo discurso das feministas da velha guarda parecia até bom demais para ser verdade. "O feminismo, que uma vez ajudou a abrir as portas de inúmeras oportunidades para as mulheres, virou-se contra si mesmo", comentou alegremente o assistente de Reagan, Dinesh D'Souza, diretor administrativo do neoconservador *Policy Review*. Depois que o *New York Times Magazine* saiu com uma passagem de *The Second Stage* na capa, Phyllis Schlafly exultou no seu boletim informativo dizendo que Friedan "acabava de cravar mais um prego no caixão do feminismo".

Em meados dos anos 80, as vozes da retratação feminista já eram um estrondo, com a mídia registrando as palavras de algumas feministas simbolicamente importantes e as retransmitindo por toda a nação. Muitos destes novos livros pareciam longos e apressadamente redigidos, comunicados à imprensa. Na maioria dos casos, o momento de glória dessas "líderes" sob as

luzes das câmeras há muito havia passado; mas, como o feminista aposentado Warren Farrell, elas esperavam poder voltar a brilhar no palco.

Embora houvesse uma intimidade de intelectuais feministas - homens e mulheres, novos e antigos, famosos ou obscuros - continuando firmes em suas crenças políticas, eles simplesmente não eram vistos pelo delirante olho da mídia. A única nova teórica supostamente "feminista" que a imprensa se incomodou de tirar da obscuridade era de fato uma amargurada acadêmica antifeminista. A estudiosa de literatura Camille Paglia tornou-se uma celebridade da noite para o dia, matéria de capa da *New York* e da *Harper's* no mesmo mês, logo após lançar um virulento ataque contra as "chorosas" feministas no seu livro de 1990, *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson*. A imprensa reciclava assiduamente as suas críticas antifemininas e antifeministas ("Se a civilização tivesse ficado nas mãos das mulheres, ainda estaríamos vivendo em choças de sapê", e, "[As estudiosas feministas] não saberiam sair nem mesmo de uma sacola de papel molhada"); a *Newsday* deu-lhe a maior cobertura quando ela considerou o estupro como um disparate feminista; e os produtores de televisão vieram correndo para garantir os direitos do seu livro. E qual era o motivo de Paglia - abertamente declarado - para atacar as feministas? Mero ressentimento. Estudiosas de literatura rivais que eram feministas, ela se queixava, tinham ficado com todos os "elogios" e deixado de ter "consideração" pelos prodigiosos talentos dela, uma situação que a relegara à incômoda posição de docente não-contratada na não preclara Universidade de Artes da Filadélfia, permitindo que o seu livro fosse desprezado por sete editores. Foi então, como contou a um redator da *New York* mais tarde, que começou "a preparar a minha vingança" contra as acadêmicas feministas.

Em 1984, a feminista Germaine Greer deu seguimento a *The Female Eunuch*, a sua extremamente bem-sucedida consagração da independência feminina e da sexualidade, com o severo e determinista *Sex and Destiny*. Antiga favorita da mídia como aparatosa defensora da emancipação sexual - "uma saborosa feminista da qual até os homens gostam", dizia uma matéria de capa da *Life*, na época -, Greer defendia agora casamentos arranjados, castidade e recatados véus, e citava como seu novo modelo a mulher camponesa de antigamente, felizmente confinada na cozinha e no berçário e oculta embaixo de um *chador*. A própria Greer definiu o livro como "um ataque contra a ideologia da liberação sexual". Ironicamente, logo quando Beverly LaHaye, do Mulheres Preocupadas com a América, estava endossando o controle de natalidade, o sexo como diversão e o orgasmo clitoridiano, Greer se declarava contrária a todos eles. A melhor maneira para não ter filhos, afirmava, era a abstinência. Os orgasmos clitoridianos são "unidimensionais" e "masculinos" demais, escreveu.

Em 1986, os porta-vozes antifeministas também estavam fazendo muito

alarde com os comentários revisionistas da feminista atuante Susan Brownmiller, autora do verdadeiro marco editorial sobre estupro, *Against Our Will*, que declarava que o movimento feminista havia subestimado as "profundas diferenças biológicas e psicológicas" entre os sexos. Autora de uma metódica e documentada análise histórica da violência sexual, Brownmiller apresentava agora uma imagem confusa do comportamento feminino através dos tempos. *Femininity* ponderava assuntos tão profundos quanto o de se um pêlo no rosto de Brownmiller poderia ser o resultado de "impia ambição" - ou, quem sabe, de "alguma fonte latente de testosterona no meu sistema" - e se ela devia arrancá-lo. A resposta a esta última pergunta: sim.

Com o progredir da década, essas famosas feministas dos anos 70 iam produzir trabalhos cada vez mais retrógrados. Nas suas memórias de 1990 acerca do pai sem força de caráter, *Daddy, We Hardly Knew You*, Greer quase supera o "matriarcalismo" de Philip Wylie na sua satanização da mãe - "o cão raivoso na cozinha", como ela a chamava, uma verdadeira cadela que estava sempre "espumando pela boca" e desmasculinizando o marido. Enquanto isto, Brownmiller apontava os seus canhões literários para uma vítima da violência doméstica: numa carta aberta ao *New York Times* e em *Waverly Place*, uma apressada ficção baseada no famoso caso de Lisa Steinberg (a criança de Nova York que foi espancada até a morte pelo pai adotivo), Brownmiller reserva as palavras mais ásperas para as falhas da mulher surrada. (Ela terminou o livro antes mesmo de ser conhecido o veredicto da corte.) E a consagrada autora feminista Erica Jong juntou-se rapidamente aos retratadores. (O seu apoio ao feminismo sempre havia sido, aliás, um tanto duvidoso, apesar da reputação pública de "líder" feminista com que foi rotulada pela imprensa após o sucesso de *Medo de voar*.) Não só os seus personagens liberados engoliram suas próprias palavras, como também ela repudiou a causa em si - na *Ms.*, é claro. As mulheres da "minha geração", escreveu, "lembram com saudade o casamento dos seus pais e avós... Sozinhas em nossas famílias em que há só a genitora, ainda em busca do grande amor, estamos começando a cheirar mal".

Mas de todas as declarações de apostasia, *The Second Stage* tinha o potencial para ser a mais prejudicial à causa feminista. Para milhões de mulheres - e de homens - deste país, o nome Betty Friedan era o próprio sinônimo do movimento feminista. Ela era "a mãe do moderno movimento das mulheres", como centenas de artigos de jornais haviam-na chamado, desde que *A mística feminina*, o seu clássico de 1963, pela primeira vez mencionou o "problema que não tem nome" e serviu para catalisar o movimento para mudanças sociais. *A mística feminina* foi um trabalho de amor de Friedan; ela passou anos pesquisando e escrevendo num empoeirado anexo da Biblioteca Pública de Nova York. E mesmo assim, lá vinha ela, duas décadas mais tarde, atacando a "mística feminista" e acusando o feminismo de

"fazer surgir outro problema sem nome" - num livro fracamente documentado que amiúde soa como se tivesse sido ditado num gravador. O que havia acontecido?

A própria Friedan se encarrega de nos esclarecer. "Não uso a expressão 'mística feminista' no meu livro", ela diz numa entrevista, mostrando-se indignada. Ao ser lembrada de que, na verdade, usa a expressão *duas vezes* nas primeiras cinquenta páginas, ela responde: "Bem, havia algum extremismo nos anos 70. As feministas radicais começaram um feminismo reativo que era limitado, distorcido e equivocado." Qualquer um que discorde dela é simplesmente dispensado como uma daquelas feministas radicais que "ainda estão fechadas no pensamento da primeira fase" e "apavoradas com a minha tentativa de reconceituar o movimento".

De acordo com o livro de Friedan, as "feministas radicais" dos anos 70 cometeram vários e sérios erros estratégicos. As feministas, afirma, estavam tão empenhadas em buscar o acesso ao mundo dos homens que deixaram de "salientar as diferenças entre homens e mulheres" e de celebrar a "sensibilidade feminina pela vida". Não deveriam ter dedicado as suas energias ao protesto contra o estupro (o problema que 88% das mulheres citadas numa sondagem da Yankelovich de 1989 consideravam "o assunto mais importante para a mulher de hoje"); no entender dela, marchar contra a violência sexual é um tanto "como chafurdar na condição de vítima" que "desperdiça as nossas próprias fontes de energia geradora". (As suas palavras lembram as de George Gilder em *Men and Marriage*; ele também se queixa do "infinito palavrório" das feministas acerca do estupro.) As mulheres perderam a Emenda da Igualdade de Direitos porque se deixaram "absorver pelo poder político 'masculino'". Dedicaram-se demais a temas como o direito de aborto que "certamente", ela continua, "não é o maior problema do país no momento". Na verdade, a própria ênfase continua do movimento na questão dos direitos da mulher está equivocada. "Não acho", Friedan escreve, "que os direitos da mulher sejam atualmente a questão mais importante para as mulheres americanas."

Por que estaria Friedan renegando um movimento que ela se esforçou tanto para criar e liderar? Talvez morder o próprio rabo seja uma tendência inevitável em tempos de contra-ataque. Como a estudiosa feminista Judith Sraey escreve: "No clima direitista e 'pós-feminista' dos anos 80, envelhecer tem sido uma experiência traumática para muitas feministas de Segunda Geração, e não dispomos de bodes expiatórios convenientes para a nossa alívio... Talvez se deva a isto a qualidade estridente e gritante da retratação do novo feminismo pró-família." Mas no caso de Friedan também há outra possibilidade. Uma leitura mais atenta de *The Second Stage* sugere que o erro principal cometido pelas "feministas radicais" foi não terem seguido as ordens dela. Friedan pode dizer que "se relacionava facilmente" com as

organizações sem liderança, cooperativas e "relacionais", que o seu livro descreve. Mas o seu livro está cheio dos mal-humorados acessos de um líder caída que se mostra claramente aflita e zangada porque não ~~deixaram~~ que continuasse a ser a número um pelo tempo que bem quisesse.

Grande parte do livro é insistentemente auto-referencial, dedicado a esmiuçar lutas pelo poder que ela perdeu em reuniões feministas há ~~muito~~ esquecidas, contendo a republicação de seus antigos discursos e ~~queixas~~ sobre as demais feministas que continuavam ignorando as suas propostas. O pendor de Friedan por declarações majestosas e gestos teatrais já é notório. Em 1970, ela deixou a presidência da Organização Nacional das Mulheres com as seguintes palavras: "Levei vocês para a história. Deixo-as agora para fazer uma nova história."

A sua saída da NOW foi conturbada - Friedan *versus* "as feministas radicais" foi como definiu o episódio na época - e desde então todos os ~~sus~~ relatos sobre embates políticos têm sido marcados pela mesma ladainha: ~~da~~ foi injustamente cortada da estrutura de poder do feminismo. Enquanto o público em geral podia ter a impressão de ela ser a "mãe" do movimento, ~~da~~ achava que havia sido encostada cedo demais pela mídia, posta de lado em prol de líderes mais jovens e mais fotogênicas. Ela podia ter o apelido de "mãe" do feminismo, mas a mídia já elegera Gloria Steinem como a "mulher sensação" do movimento - e Friedan sabia muito bem qual dos dois títulos era mais apreciado no país.

Em vez de considerar a preferência da imprensa por jovens louras como uma tendência típica e natural da mídia, ela começou a desconfiar de que as próprias feministas estivessem tramando para depô-la. Embora certamente houvesse divergências filosóficas, às vezes até contundentes, dentro do movimento feminista (como acontece em qualquer movimento político), Friedan parecia acreditar que todos os debates internos se deviam, nas ~~sus~~ próprias palavras, a um "esquema", a uma conspiração para excluí-la. Em uma entrevista em 1972, ela acusou Steinem de estar - "esfacelando o movimento só para proveito pessoal" e advertindo que "ninguém deveria tomar [Steinem] por uma líder".

A "nova história" descrita no livro de Friedan é a "solução de segunda fase", o estabelecimento de uma nova ordem bastante indefinida e carregada de pesados floreios retóricos vitorianos. Nesta segunda fase, ela imagina que as mulheres voltarão a descobrir o círculo familiar "como base da sua identidade e controle humano". Como os defensores das esferas separadas do século XIX, Friedan propõe que as mulheres devem exercer sua influência desde a frente doméstica, o lar: "O poder de a 'esfera feminina' moldar a consciência política assim como pessoal tem sido claramente subestimado pelas feministas de hoje", afirma - uma declaração bastante estranha para uma mulher que se evadiu ansiosamente daquela esfera e desde então viveu

quase exclusivamente, cora o maior prazer, na esfera pública. Esta solução deixa todo o peso nos ombros das mulheres; a necessidade de os homens mudarem quase não aparece no novo plano de Friedan. Na verdade, ela alegremente passa por cima das observações das feministas segundo as quais os homens têm sido relutantes em compartilhar a sua parte das tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Se os homens não mudaram, ela escreve, "por que, então, em 1981 três de cada quatro jantares, desde a sopa até a sobremesa, foram preparados por homens?" De onde saiu esta "estatística"? Ela a inventou - baseando-se em comentários de "algumas das minhas colegas mulheres".

O livro também pega emprestados alguns dos pontos formais e programáticos de Reagan. Na "segunda fase", ela propõe, as feministas deveriam parar de pressionar a indústria, a legislatura e o "cansado sistema assistencial do estado" para expandir os direitos das mulheres - envolvendo-se em lugar disto em trabalhos voluntários e de boa vizinhança. Responsabilidade "individual" e "união voluntária dos recursos da comunidade", escreve, deveriam ser as palavras de ordem da segunda fase. Para se liberarem, propõe, as mulheres deveriam tornar-se líderes das bandeirantes ou juntar-se às ligas juvenis. Friedan está convencida de que o movimento feminista cometeu um grave erro ao ignorar o potencial destas instituições, que "podem ser tão importantes" quanto grupos de pressão política para promover os direitos das mulheres. Em uma das mais desconcertantes passagens do livro - o texto muitas vezes é confuso - Friedan ataca a NOW por encorajar as mulheres a "só serem voluntárias para grupos de reforma social e feministas, e não para serviços comunitários que exploravam o seu trabalho... Eu mesma nunca gostei desta posição acerca do voluntarismo - embora devêssemos de fato ter ficado contrárias à exploração das mulheres nos trabalhos voluntários assim como nos de casa e de escritório..."

A retórica da Nova Direita aparece retocada ao longo de todo o livro. As "feministas machonas", expressão criada por Connie Marshner para designar as mulheres que são profissionais ambiciosas, em Betty Friedan assume a fachada de "machismo feminino". E com efeito Friedan esboça um cenário bastante sombrio ao descrever o que aconteceria às jovens mulheres liberadas vencidas pelas "insaciáveis exigências do machismo feminino":

E se, em reação, ela se livrar de todas aquelas tarefas femininas desvalorizadas e não levadas em consideração - deixando de preparar biscoitos, cortando os seus cabelos como um monge, decidindo não ter filhos e instalando um terminal de computador no seu quarto? Acabaria tendo uma nova "crise de confiança". Não se sentiria com os pés firmes no chão. Ficaria trêmula por dentro. Seria esvaziada pelo machismo feminino.

Ao aceitar a linguagem da Nova Direita, Friedan acabou justamente se enredando na armadilha semântica "pró-família" da Nova Direita. Em vez de determinar a sua própria agenda, ela está reagindo ao contra-ataque, até definindo, agora, o movimento feminista como "a reação feminista".

No fim das contas, a linguagem e a lógica de *The Second Stage* são tão confusas que acaba sendo impossível dizer o que Friedan realmente pensa hoje em dia. Em certas partes do livro, ela parece estar recuando para um halo doméstico, mas em outros pontos apenas parece reafirmar fundamentais princípios feministas - como quando escreve que tudo aquilo que a "segunda fase" quer é "a reestruturação das nossas instituições no sentido de uma igualdade real entre homens e mulheres". Talvez Friedan realmente quisesse retratar muitos dos dogmas de *A mística feminina*. Ou talvez tenha apenas tropeçado em suas próprias palavras.

No fim, lamentavelmente, a amargura de Friedan em relação a sua autoridade perdida afastaria dela as próprias mulheres que mais a admiravam, as muitas mulheres que ainda viam nela a sua líder. As tiradas de Friedan contra qualquer um que não dedicasse a devida homenagem à sua herança são lendárias. No inverno de 1988, Friedan patrocinou uma reunião de mulheres para comemorar o vigésimo quinto aniversário da publicação de *A mística feminina*. Na hora do almoço, uma mulher idosa sentou-se quase em lágrimas na cantina da universidade. Um pouco antes, tinha encontrado Friedan no banheiro das mulheres e juntara bastante coragem para se apresentar ao seu ídolo. "Eu só queria dizer quanto estava agradecida pelo livro [*A mística feminina*], quanto ele tinha representado para mim. Estava realmente muito nervosa e acabei dizendo alguma coisa idiota como 'estou tão contente que a senhora esteja aqui nesta reunião', e ela quase mordeu o meu peçoço. Começou a gritar: 'Claro que estou aqui; é o meu congresso; eu organizei-o, organizei tudo isto.' Fiquei tão sem jeito. Tive vontade de desaparecer."

CAROL GILLIGAN: VOZES DIFERENTES OU ECOS VITORIANOS?

A valorização, por parte de Friedan, de um modelo de relacionamento mais submisso e de outros traços tipicamente "femininos" não aconteceu no vazio. Nos anos 80, livros populares elogiando "o jeito de ser das mulheres" e "a natureza especial da mulher" começaram a encher as estantes das livrarias do país, obras que iam de *Maternal Thinking*, de Sara Ruddick, até *The Female Advantage*, de Sally Helgesen. As autoras escreviam, às vezes com evidente admiração, sobre a natural tendência feminina para a bondade, o altruísmo e a cooperação. Não demorou para que o "cuidado maternal" se tornasse o polivalente rótulo que resumia toda a psique da mulher. E no fim da década, alguns dos autores deste gênero (mulheres, em sua maioria) às vezes pareciam estar ativamente do lado do contra-ataque. Suzanne Gordon,

em seu livro de 1990, *Prisoners of Men's Dreams: Striking Out for a New Feminine Future*, culpava as "feministas da igualdade de oportunidades" por quase tudo que houve de mau nos anos 80, porque elas encorajaram a mulher "a desvalorizar o trabalho amoroso, exacerbando uma crise geral de falta de cuidado na sociedade".

Enquanto tais obras repassavam para o público em geral estas idéias, as teorias nas quais elas se baseavam haviam nascido no mundo dos estudos feministas. No fim dos anos 70 surgiu uma nova escola de pensamento "relacionai" feminista, focalizando uma "cultura feminina" separada e a "diferença" especial da mulher. Nos anos 80, as conferências sobre estudos feministas já estariam navegando num mar de teses sobre as características especiais das mulheres: as suas "virtudes maternas", a sua "ética do carinho", o seu "pensamento contextual". Nesta década, assim como uma fascinação pelas diferenças entre os sexos havia florescido no fim do academismo vitoriano, a preocupação com a natureza distinta da mulher espalhou-se em quase todas as disciplinas.

A maioria das estudiosas começou inicialmente investigando a origem das diferenças entre homens e mulheres, sem a menor intenção de glorificá-las. Queriam desafiar a arraigada convenção de se considerar o comportamento masculino como norma e o feminismo como desvio. E esperavam encontrar nas "diferenças" femininas um modelo para a vida pública mais humanitário - que pudesse ser usado pelos homens assim como pelas mulheres. A obra clássica da psiquiatra Jean Baker Miller, *Toward a New Psychology of Women*, de 1976, é um dos primeiros exemplos neste sentido. "A tarefa", como escreveu mais tarde no prefácio da segunda edição em 1986, "era dar início a uma descrição dos pontos fortes das mulheres e explicar por que até então não haviam sido reconhecidos... A partir daí poderia surgir um novo quadro contextual para melhor entender as mulheres e os homens."

Mas nos anos 80, a tarefa de construir um novo contexto havia sido em grande parte abandonada; embora muitas estudiosas relacionais procurassem salientar o há muito merecido reconhecimento pelas tarefas femininas no lar, muitas vezes elas perdiam de vista o contexto mais amplo e em vez disto ofereciam lacrimosas imagens do confinamento doméstico da mulher. Como advertiu a estudiosa Ellen DuBois num ensaio numa publicação de estudos femininos: "A tendência geral dos estudos sobre a cultura da mulher não tem sido relacioná-la com o feminismo, mas sim examiná-la isoladamente e romantizar o seu significado para as mulheres." Às vezes os pesquisadores acadêmicos pareciam esquecer completamente da força da socialização e apresentavam o papel masculino e o feminino como biologicamente predeterminados e imutáveis. A eminente estudiosa feminista Alice Rossi chegou a afirmar que os homens poderiam recusar-se a cozinhar ou a tomar conta

das crianças em casa por meras razões anatômicas: eles simplesmente não têm a mesma destreza manual das mulheres de ossos finos, concluiu ela.

Examinar as diferenças entre os sexos pode ser uma oportunidade para investigar toda uma série de relações de poder, mas muitas vezes não passa de mais um convite para justificá-las. Toda vez que a "característica especial" das mulheres é exaltada (como aliás a de qualquer outro grupo social), o reconhecimento acaba sendo uma faca de dois gumes. As mulheres também a renunciar a alguns direitos iguais em troca de "direitos especiais" que convêm à sua condição especial como mães, argumenta Elizabeth Wolgast em *Equality and the Rights of Women*, de 1980; com efeito, ela diz, a igualdade pode de fato servir para discriminá-las pois não satisfaz as suas necessidades especiais. Rotular a mulher como "especial" degenera facilmente na marcação de limites para ela. "Especial" pode até parecer superior, mas também é um eufemismo para incapacitada.

Muitas estudiosas relacionais certamente acreditavam que poderiam trazer de volta o culto à domesticidade nos seus próprios termos. Esperavam conseguir "direitos especiais" para as mulheres sem arriscar as oportunidades e os direitos civis fundamentais. Mesmo assim, com a sua homenagem às "artes domésticas", com o seu tributo um tanto convencido à superioridade moral da mulher e a sua crítica da "igualdade simplória", corriam o risco de dar uma moderna roupagem acadêmica a velhos conceitos vitorianos. E no fim, os legisladores não se deixariam influenciar para conceder direitos "especiais" às mulheres. Longe disto, na era do backlash amplo e inestrito, na qual as estudiosas estavam escrevendo, as suas palavras acabariam sendo usadas e desvirtuadas por autores antifeministas e, pior, por advogados de grandes empresas que enfrentavam processos na justiça por discriminação sexual. As mulheres que iriam pagar pelo erro de cálculo das estudiosas relacionais, como veremos num capítulo posterior, eram mulheres trabalhadoras que nunca tinham ouvido falar nelas.

Em tempos de contra-ataque, as defensoras da "diferença" da mulher descobriram que podiam ser recompensadas com críticas elogiosas e espaço na mídia. A "diferença" tornou-se a nova palavra mágica usada para desarmar a campanha feminista pela igualdade. E qualquer autor que a ela recorresse, até mesmo autores que dificilmente poderiam ser considerados antifeministas, corria o risco de ver-se de repente a serviço do contra-ataque.

In a Different Voice, de Carol Gilligan, um dos mais citados e influentes livros feministas dos anos 80, tornou-se o mais famoso emblema erudito sobre a "diferença" da mulher. Como notou um comentarista: "O próprio nome de Gilligan tornou-se a coqueluche dos ambientes acadêmicos e feministas." O livro era mencionado em teses de psicologia, pareceres jurídicos e projetos de lei. Fora do ambiente acadêmico, a indústria do ensino transformou as idéias de Gilligan num instrumento de vendas para seminários com

temas do tipo "A realidade de homens e mulheres - fazendo valer a diferença". Escritores de auto-ajuda recorreram às idéias de Gilligan para produzir toda uma nova safra de manuais. Até a *Vogue* invocou o trabalho da estudiosa nas suas considerações sobre as roupas de Alta Feminilidade: Gilligan, ponderava a revista, "bem que pode ter antecipado as referências da moda da próxima estação". Na mídia, a *Ms.* elegeu Gilligan a "Mulher do Ano" e o *New York Times Magazine* dedicou-lhe uma capa.

O trabalho de Gilligan desenvolveu-se a partir da sua descoberta, como professora de desenvolvimento psicológico, de que quase todos os estudos, olhando as pesquisas, tratavam de grupos masculinos. "Parecia-me que todos os estudos haviam sido feitos por um calouro - omitindo metade da amostra!", lembra Gilligan.

No seu livro, Gilligan procura mostrar como o desenvolvimento moral das mulheres tem sido subestimado e mal representado pelos pesquisadores de psicologia, como a ética só tem sido definida em termos masculinos. Pelo menos desde os anos 50, observa Gilligan, os pesquisadores têm avaliado a capacidade de homens e mulheres fazerem julgamentos morais com base em um estudo exclusivamente masculino. O psicólogo Lawrence Kohlberg tinha recorrido a esse estudo para criar a sua amplamente usada escala de julgamentos morais, uma escala com seis níveis na qual ajudar a satisfazer os outros só ocupa o terceiro nível, enquanto a preferência por princípios abstratos de justiça, em detrimento de relacionamentos, fica em primeiro lugar. Gilligan afirma que as mulheres têm mais facilidade de fazer escolhas morais em um contexto de situações particulares e que envolvam preocupação por indivíduos específicos, em vez de se basearem em regras impessoais de justiça e correção. Isto não torna as mulheres moralmente "imaturas", ela diz - apenas diferentes.

No começo do livro ela também enfatiza que esta voz diferente não pertence naturalmente só às mulheres. "A voz diferente que descrevo é caracterizada não pelo sexo, mas sim pelo assunto... Os contrastes entre a voz masculina e a feminina são aqui apresentados para salientar uma distinção entre duas maneiras de pensar e focalizar um problema de interpretação e não para representar uma generalização acerca de qualquer um dos sexos", escreve. Ela tampouco atribui as diferenças apenas aos genes. "Obviamente, estas diferenças aparecem num contexto social", diz, no qual "fatores de status social e poder" também desempenham o seu papel.

Apesar destas declarações iniciais, entretanto, Gilligan pode ter deixado o flanco totalmente aberto para interpretações equivocadas - e desta forma, à possibilidade de os oponentes do feminismo usarem os argumentos dela para os seus próprios fins. Depois de repudiar as generalizações acerca de qualquer um dos sexos, ela mesma parece cair nelas nos três estudos principais que oferece como fundamento dos seus argumentos.

No primeiro estudo sobre "direitos e responsabilidades", ela focaliza quase exclusivamente um menino e uma menina de doze anos, aos quais chama de Jake e Amy. Os dois funcionam quase como arquétipos do comportamento de cada sexo - baseado em grande parte nas suas respostas a uma pergunta hipotética. O dilema moral que são chamados a resolver: um homem deve decidir se rouba ou não um remédio que não pode comprar, para com ele salvar a vida da mulher. Jake diz que deve roubar porque "uma vida humana vale mais do que o dinheiro". Amy fica tagarelando e se perguntando se não seria melhor o homem "pedir dinheiro emprestado ou conseguir no banco ou algo parecido" pois de outra forma poderia acabar na cadeia e o que seria da mulher, então, se tivesse uma recaída? A julgar pelas respostas, parece que a esposa doente teria mais chance de sobreviver aos cuidados de Jake do que aos de Amy, mas esta não é a questão que interessa a Gilligan. Jake, a autora escreve, está "construindo o dilema, assim como fizera Kohlberg, como um conflito entre os valores de propriedade e de vida". O raciocínio de Amy, por outro lado, se fundamenta numa visão de "um mundo formado de relacionamentos e não de pessoas que vivem sozinhas, um mundo que forma um todo através das relações humanas e não devido a um sistema de regras". Gilligan continua ampliando o estudo deste caso até transformá-lo em dois sistemas morais distintos, Jake representando o "ideal de perfeição" e Amy, o "ideal de proteção". A diferença entre as vozes destes dois clichês masculino e feminino é repetidamente salientada sem referência aos "fatores de status social e poder", os quais ela originalmente sugerira que deveriam ser levados em conta. Será que Jake está preocupado com a perfeição, pelo menos em parte, porque é assim que os meninos são criados? Será que Amy está mais interessada em relacionamentos porque, em parte, ensinam às meninas que os sucessos neste campo irão proporcionar-lhes os maiores elogios? Estas perguntas nem chegam a ser formuladas.

Nem podemos concluir que os "estudos" de Gilligan se baseiem em amostras demográficas ideais. O "estudo sobre os universitários" baseia-se em vinte e cinco alunos de Harvard que decidem ter uma aula sobre escolhas morais e políticas - uma fatia da sociedade americana que dificilmente poderíamos considerar representativa. E a prova que Gilligan fornece no "estudo sobre direitos e responsabilidades" - baseada numa amostra de oito rapazes e oito moças de grupos etários diferentes - se esvazia em anônimas citações de duas crianças de oito anos e mais duas de onze. O mais frustrante é o estudo final de *In a Different Voice*, que examina a maneira como as mulheres de vinte e nove anos decidem ter ou não ter um aborto. "Nenhum esforço foi feito para selecionar uma amostra representativa entre a população dos serviços médicos ou psicológicos", escreve Gilligan, mas o problema deste estudo particular é ainda mais profundo do que as suas falhas estatísticas. A escolha do assunto para o estudo já parece fadá-lo ao fracasso num livro que

supostamente examina as diferenças com que homens e mulheres encaram dilemas morais. Obviamente, para o aborto, não houve nenhum grupo de controle masculino. (Gilligan argumenta que neste caso um grupo de controle não era necessário; antes, o estudo sobre aborto ilustra como às vezes a percepção feminina das escolhas morais difere da dos homens simplesmente porque a situação da mulher é diferente.)

Justiça seja feita, Gilligan não pretende mostrar os seus estudos como um esforço de pesquisa científica. "Nunca pretendi dizer que este seja um grupo de pessoas abrangente", ela diz. "É um trabalho muito pequeno com três grupos-piloto muito reduzidos." Mais tarde, numa defesa por escrito do seu trabalho, ela sustenta a validade da sua abordagem dizendo que o seu argumento "não era estatístico" mas sim "interpretativo", e observando que "os dados sozinhos não dizem nada". Mesmo assim, porém, Gilligan não dá aos leitores os dados básicos de que eles precisam para avaliar os seus estudos: ela quase nada diz a respeito das experiências passadas, da educação ou do nível de renda das crianças entrevistadas. Nem leva em conta as diferenças entre o que as pessoas *dizem* do seu comportamento moral e o que elas realmente fazem. Embora as jovens por ela entrevistadas possam ter falado mais do que os homens acerca de compaixão e carinho, nos muitos estudos em que de fato os dois sexos foram chamados para ajudar alguém que precisava de auxílio, as mulheres não se mostraram mais altruístas do que os homens.

Todo o esforço de Gilligan para fugir das categorias morais de Kohlberg é bastante discutível. Numa crítica de *In a Different Voice*, Zella Luria, pesquisadora de psicologia na Tufts University, salienta que, ao derrubar a escala moral de cunho masculino de Kohlberg, Gilligan pode estar jogando ao chão um "espantalho". Em 1984, o pesquisador Lawrence Walker reexaminou dezenove estudos que tinham usado a medida de raciocínio moral de Kohlberg - e descobriu que, no conjunto, os seus dados não revelavam diferenças estatísticas significativas entre o raciocínio moral dos dois sexos. Ironicamente, um dos estudos que ele examinou tinha sido feito em parceria com Gilligan. Indagada sobre este ponto, Gilligan admitiu que algumas das suas próprias pesquisas não descobriram diferenças. Mas continuou afirmando que tais críticas não vêm ao caso porque "o que me interessava não era se as mulheres *poderiam* enquadrar-se na escala de Kohlberg, mas sim por que se ignorava ou se considerava problemático quando elas respondiam de forma diferente".

As diferenças de julgamento moral que os pesquisadores de ciências sociais de fato *puderam* encontrar na maioria dos casos não estão ligadas ao sexo mas sim ao nível de instrução e de renda - isto é, aquelas mesmas forças econômicas e sociais das quais as feministas relacionais, inclusive Gilligan, se mantiveram numa distância segura. "Se há uma coisa que deve ser declarada ao público para que não pare nenhuma dúvida", escreve Zella

Luria, "é que a coincidência nas respostas dos homens e das mulheres é sempre muito maior do que as diferenças entre as respostas, particularmente nas medições psicológicas. Não somos duas espécies, somos dois sexos."

A voz de Zella Luria, entretanto, não seria ouvida no estrondo de aclamações por *In a Different Voice*, que em 1989 já tinha vendido 360 mil exemplares. Em boa parte, a popularidade do livro de Gilligan se devia à sua prosa elegante e às muitas alusões literárias a Tchekhov, Tolstói e George Eliot. Talvez as suas estatísticas fossem duvidosas, mas o lirismo da escrita, coisa rara nos textos psicológicos, pareceu mais que compensador. Como observaram as pesquisadoras de psicologia de Stanford, Catherine Groen e Eleanor Maccoby, na sua análise do livro, "quase parece filisteu desafiar a natureza das suas provas".

Mas nos anos 80, *In a Different Voice* também tinha outro tipo de atrativo. Em tempo de contra-ataque, ficou fácil apropriar-se das teorias de Gilligan em nome de argumentos discriminatórios que realmente poderiam causar sérios prejuízos às mulheres. Para seu grande desgosto, Gilligan tornou-se a especialista que a mídia do contra-ataque mais gostava de mencionar. A *Newsweek* usou o livro de Gilligan para sustentar a sua afirmação de que as mulheres com uma carreira pagam "um preço psíquico" pelo sucesso profissional. Livros retrógrados de psicologia barata, inclusive *Smart Women/Foolish Choices* e *Being a Woman*, invocavam o trabalho de Gilligan para sustentar os seus argumentos de que a independência era uma condição inatural e prejudicial para as mulheres. Estudiosos antifeministas como Michael Levin abusaram da erudição de Gilligan ainda mais, caracterizando-a como mais uma afirmação da análise freudiana tradicional da psique feminina - e insistindo que Gilligan tinha dado uma volta completa para chegar àquilo que *eles* sempre tinham afirmado. Como o escritor antifeminista Nicholas Davidson disse de Gilligan no seu livro *The Failure of Feminism*, de 1988: "Era realmente necessário passar por toda a tempestade e o desgaste da Era Feminina para afinal chegarmos a idéias que já estavam disponíveis quarenta anos atrás?"

Gilligan podia, e de fato o fez, reagir contra essas interpretações do seu trabalho. "Sei perfeitamente que os relatórios sobre a diferença entre os sexos podem ser usados para racionalizar a opressão, e deploro qualquer uso do meu livro para tal fim", ela escreveria na publicação universitária feminista *Signs*. E, confidencialmente, ela declarou depois que, se tivesse que fazer tudo de novo, reformularia algumas das suas idéias de forma diferente; em particular, apuraria o seu argumento "para que Jake e Amy não fossem apresentados tão rigorosamente como 'macho' e 'fêmea'". Mas os seus pesares já não fazem diferença. O grande público não é assinante da *Signs*. E o estrago já havia sido feito.

PARTE 4

CONTRA-ATAQUES
ANTIFEMINISTAS:
OS EFEITOS NA MENTE, NO
TRABALHO E NO CORPO
DAS MULHERES

*Está tudo na sua cabeça: A psicologia
popular adere ao contra-ataque*

No Centro de Estudos do Relacionamento, um pequeno conjunto de consultórios perto de Hollywood, os famosos autores de manuais de auto-ajuda Melvyn Kinder e Connell Cowan estão organizando os trabalhos do dia. Primeiro item na agenda: negociações contratuais com a ABC para uma adaptação para a TV do livro *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas*. Em seguida, *talk-shows* de "Oprah" ou "Donahue"? ("Não dá para fazer os dois", suspira Kinder.) Agora, tempo para mais uma entrevista, mais uma oportunidade para divulgar a sua análise acerca dos males da mulher contemporânea.

Kinder: "O movimento feminista fez com que as mulheres deixassem de se importar com relacionamentos."

Cowan: "O movimento feminista buscava reprimir o interesse da mulher pelo relacionamento transferindo-o para a carreira."

Kinder: "Quanto mais inteligentes eram as mulheres, mais elas se deixavam levar por estas noções ilusórias. Achavam que podiam se virar. Conheço um montão de mulheres na casa dos trinta e dos quarenta que poderiam ter tido dezenas de maridos, de tantos homens que rejeitaram."

Os dois consultores especialistas nem precisavam explicar o seu diagnóstico à imprensa; por volta do fim dos anos 80, os seus manuais de orientação psicológica *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas* e *Women Men Love/Women Men Leave* haviam se tornado clássicos da mídia e recordistas de vendas. Ambos os livros chegavam à mesma conclusão: a independência das mulheres fizera com que elas se considerassem "inteligentes" demais para um homem qualquer - e por isto, elas acabaram se portando de forma muito "impensada", adiando o casamento por motivos pessoais, educacionais ou profissionais. O feminismo fez a cabeça das mulheres, tornando-a doente.

O mais curioso, porém, é que, com a aproximação dos anos 90, Kinder e Cowan passaram a vender um diagnóstico contraditório. O problema psicológico das mulheres, diziam depois, não resultava de as mulheres se importarem muito pouco com o relacionamento, mas sim de se importarem demais.

Cowan: "Há uma infinidade de mulheres, agora, obcecadas com o casamento."

Kinder: "Só ficam falando nisto! Quando você escancara as suas necessidades, acaba criando distúrbios de personalidade... e todas essas mulheres com mais de trinta anos, perto dos quarenta, estão ficando muito ansiosas, muito nervosas... Quer dizer, o livro que está vendendo mais no momento é *How to Marry the Man of Your Choice!*" [*Como casar com o homem dos seus sonhos!*], o livro de Margaret Kent que vem com garantia de reembolso para solteironas malsucedidas.]

Com efeito, esta recente neurose feminina tornou-se uma "tendência" tão marcante, comenta Kinder, que ele e o parceiro estão considerando a hipótese de escrever um terceiro livro a respeito.

Não seria possível, por acaso, que este novo "distúrbio" matrimonial estivesse relacionado com a prolongada censura das mulheres solteiras que o antecedeu - um castigo para o qual psicólogos populares como eles grandemente contribuíram? É claro que não, responderam logo os psicólogos de bolso. "Não as estamos incentivando", diz Kinder. "Só estamos dando informações." Quem provocou, então, esta última perturbação psíquica? "Se houver algum culpado pelo comportamento obsessivo das mulheres", Kinder sugere, "é o movimento feminista."

Mas nos anos 80, na verdade, psicólogos populares como Kinder e Cowan tiveram muito a ver com o desenvolvimento deste "comportamento obsessivo" - um comportamento instrumentalizado e, pelo menos para eles, bastante lucrativo. Com estes manuais populares, o contra-ataque insinuava-se na parte mais íntima da frente de batalha, marcando mais eficaz e destruidoramente os milhões de mulheres que buscavam ajuda nos livros de terapia e conselhos psicológicos com a sua mensagem desanimadora e moralista - mulheres que já estavam se sentindo inseguras e vulneráveis, que já se defendiam na solidão das suas trincheiras individuais.

Para o grande público de leitoras de manuais de auto-ajuda, o conselho dado pelos especialistas é como um golpe depois do outro. Primeiro eles derubaram a mulher liberada, ordenando que desistisse da sua independência "excessiva", uma atitude mental nada saudável que a tornara uma voraz narcisista, uma estéril debilóide. Depois que deixaram de joelhos as "vítimas" do feminismo, os psicólogos de auto-ajuda colheram os benefícios - cuidando das vítimas do contra-ataque. Na primeira metade da década de 1980, os especialistas conselheiros disseram às mulheres que elas sofriam de egos inflados e "medo de intimidade"; na segunda metade, disseram-lhes que o seu novo problema eram egos atrofiados e "dependência". Nesta guerra con-

tra mulheres, esses psicólogos populares ajudaram a atirar a primeira pedra, depois correram para o campo de batalha para cuidar das muitas feridas.

Nos passivos anos 80, os livros de auto-ajuda e a terapia de diva podiam ser as únicas fontes de alívio para mulheres desanimadas. Numa época em que se oferecia muito pouca esperança de reais mudanças políticas e sociais, a possibilidade de mudarem a si mesmas era o último recurso ainda ao alcance das mulheres. E *havia* muito que esses escritores e conselheiros poderiam ter feito, principalmente numa época de contra-ataque, para reanimar combalidos egos femininos e proporcionar alívio e consolo a mulheres que se sentiam cada vez mais solitárias e vencidas. Sem dúvida, muitos conselheiros dessa época proporcionaram ajuda e conforto. Mas os especialistas que mais apareciam na mídia não estavam entre eles. Estes representantes da profissão de psicólogo conseguiram exasperar muito mais do que aliviar a solidão feminina. Ajudaram a agravar a ansiedade que as mulheres já tinham em relação ao seu lugar e valor no mundo. Sob o disfarce de auto-ajuda, os especialistas só ditaram ordens e exigências acerca de como as mulheres deveriam portar-se para conseguir um homem, em vez de oferecer instrumentos terapêuticos e encorajamentos que elas poderiam ter usado para ajudar a si mesmas.

Em lugar de ajudar as mulheres a superar o contra-ataque, tais especialistas contribuíram para fomentá-lo no coração e na mente delas - solicitando que as mulheres interpretassem todas as pressões do contra-ataque como problemas *delas*. Embora, obviamente, muitos dos problemas psicológicos com os quais as mulheres (e os homens) lutam sejam altamente individualizados e idiossincrásicos - as pessoas procuram ajuda por muitas razões, das quais a socialização da mulher, obviamente, é só uma -, os psicólogos que dominaram as livrarias nos anos 80 não reconheceram *nenhum* fator externo na sua análise e tratamento das mulheres. A psicologia do contra-ataque fechou os olhos diante de todas as forças sociais que haviam convergido para a mulher na última década - todas as humilhações por parte da mídia e de Hollywood, todos os ataques verbais por parte de líderes políticos e religiosos, todos os assustadores relatórios de "peritos" e estudiosos, e toda a raiva que se abatera sobre elas, seja na forma de bombas incendiárias contra as clínicas de aborto, seja como assédio sexual e estupro. Estes psicólogos populares deixaram de considerar, e até de notar, o tipo de dano psíquico que um prolongado ataque cultural podia infligir aos seus alvos. E tampouco levaram em conta, nem é preciso dizer, as dificuldades psicológicas que o *outro* sexo poderia estar tendo na década, ao se adaptar às mudanças do papel da mulher. Os livros de aconselhamento dirigidos aos homens simplesmente não eram bastante vendáveis para tornar tal empreitada terapêutica válida.

Os abusos que as mulheres sofreram nos anos 80, decretaram os manuais no fim da década, devem ter sido infligidos por elas mesmas. Em lugar de perguntar por que tantas mulheres haviam se tornado objeto do crescente

furor masculino, concluíram que estas mulheres deviam estar simplesmente desejando algum tipo de punição. Numa monótona seqüência, todos estes livretos de psicologia popular revelavam uma versão atualizada da psique feminina masoquista - disfarçada, é claro, numa linguagem feminista. E embora muitos destes trabalhos fossem superficiais - fruto de tendências terapêuticas que aparecem e desaparecem como meros modismos -, a visão regressiva da mente feminina que estes livros endossavam acabaria vindo à tona num contexto muito mais perigoso, nos mais importantes livros de referência da psiquiatria profissional.

PRIMEIRA FASE: TERAPIA PARA DOMAR O FEMINISMO

Consiga o "poder" "rendendo-se" e "sujeitando-se" a qualquer desejo do seu homem, avisava um dos principais manuais de auto-ajuda dos anos 80, com uma típica retórica de tom feminista. Não retruque, pois um silêncio de dama "fortalecerá" a sua noção de "dignidade" e de "domínio". "Passe você a seduzir...", sugeria mais um livro popular. "Sugere os obstáculos", se quiser conseguir se casar. O título pseudofeminista de outro manual de 1989 apresentava o assunto ainda mais sucintamente: "Mulheres que se sujeitam no casamento e acabam ficando com tudo."

Embora os livros terapêuticos do contra-ataque possam até usar um discurso feminista, eles destroem o preceito mais básico da terapia feminista - que o crescimento pessoal e social são, ambos, importantes, necessários e reciprocamente corroborantes. Este era um ponto de vista sustentado, embora de forma um tanto empobrecida e comercializada, nos principais manuais dos anos 70; em 1975, *The New Assertive Woman* apresentou uma "Lei dos Direitos da Mulher" que proclamava o "direito da mulher de ser tratada com respeito" e o "direito de ser ouvida e levada a sério". Os autores dos anos 80, por sua vez, pareciam pegar outro caminho solicitando que as mulheres *parassem* de desafiar os constrangimentos sociais e guardassem para si os seus pensamentos - aprendendo a adaptar-se aos padrões, em vez de rompê-los.

Em nenhum outro grupo de mulheres a mensagem destes psicólogos de bolso deixou uma marca tão profunda quanto no das que não estavam usando uma aliança. Examinando bem, o diagnóstico era praticamente o mesmo do pós-guerra, quando o principal livro de conselhos da época - *Modern Women: The Lost Sex*, de Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg - declarava todas as mulheres solteiras neuróticas e sugeria terapia subsidiada para permitir que elas se casassem. Nos anos 80, até autores mais solidários com as solteiras e com as pressões por elas enfrentadas adotaram a mesma linha. No popular livro de 1988, *If I'm So Wonderful, Why Am I Still Single?*, a autora Susan Page reconhece na introdução que as mulheres não-casadas estão atualmente lutando contra um ambiente particularmente hostil; estão

sendo sobrecarregadas "pelos problemas específicos gerados pelo nosso tempo, como a misoginia". Mas ela não está interessada em ajudar as solteiras a desenvolver a autoconfiança e a força interior necessárias para que suportem tais condições antagonicas. E tampouco sugere que as solteiras questionem a ordem matrimonial vigente. "Eu quero aceitar certos fatores sociológicos e psicológicos como *dados* [grifos dela]... Neste livro não discutiremos *por que* [grifos dela] certas condições são como são nem as deploraremos." O que deveriam então fazer as mulheres sozinhas para aliviar o que Page chama de "Grande Depressão Emocional" que, segundo ela, tomou conta de milhões delas? Simplesmente mudem a sua condição de solteiras, da propõe. Ela oferece "estratégias" somente para tornar as mulheres mais vendáveis para o casamento.

Os terapeutas do contra-ataque dos anos 80 repudiam com firmeza outro fundamental princípio feminista - o de que o homem também pode, e deveria, mudar. "Parece que nestes últimos tempos há uma crescente onda de total frustração das mulheres em relação aos homens", observa o livro *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas*, e muitas mulheres "acabam sempre ficando decepcionadas com os homens". Cowan e Kinder, porém, nem chegam a considerar o que os homens poderiam estar fazendo de errado para gerar tamanha onda de frustração, nem como os homens poderiam mudar o seu comportamento para que as mulheres se sentissem melhor. Em lugar disso, os psicólogos concluem que não há nada de errado com os homens e que qualquer decepção das mulheres é totalmente gerada por elas. Não são os homens os "inadequados", escreve o autor; o fato é que as mulheres têm "expectativas distorcidas". As mulheres simplesmente são "hipercríticas" em relação aos homens. Tudo ficaria em paz se as mulheres aprendessem a "compreender realmente os homens" e as suas "necessidades de comando e sucesso na carreira". Para que as mulheres fossem felizes, bastaria que deixassem de "forçar" o sexo oposto a mudar e aprendessem a "transigir".

Alguns dos terapeutas mais violentamente contrários à liberação da mulher afirmam, com efeito, que eles mesmos são a favor da liberação. Como muitos terapeutas de olho na mídia descobriram nos anos 80, "feministas" combatendo feministas ficavam mais tempo na TV. Susan e Stephen Price, autores do popular *No More Lonely Nights: Overcoming the Hidden Fears That Keep You from Getting Married*, eram um destes casais de terapeutas "feministas" que conseguiram visibilidade na imprensa rotulando a moderna mulher solteira com este diagnóstico do contra-ataque: "androfobia". Este "problema sem nome", escreveram plagiando despididamente a frase de Friedan, era um "arraigado e intenso medo dos homens" compartilhado pela maioria das mulheres de mais de trinta anos, principalmente as mulheres com uma profissão. A causa: "Você foi profundamente influenciada pelo feminismo."

"Estes obsessivos temores androfóbicos são hoje um dos principais motivos da resistência das mulheres ao casamento", afirma Stephen Price no seu consultório em Manhattan. Depois ele hesita um pouco e diz: "Nós dois, é claro, somos inteiramente *a favor* dos ganhos do movimento feminista."

A sua mulher, Susan, sentada na outra poltrona do consultório, confirma vigorosamente. "Somos ambos feministas", diz. "Com efeito, foi justamente o fato de eu ser feminista que quase me impediu de reparar no desenvolvimento destes medos ocultos. Como analista, eu encorajava as mulheres a seguir uma carreira. Mas o que aconteceu é que elas se refugiavam na carreira e não investiam suas energias nos relacionamentos. A sua visão feminista tornou-se uma armadilha." Mas se a carreira prejudica psicologicamente as mulheres, como é então que as profissionais ficam praticamente nos primeiros lugares, como vimos, em quase todos os testes de saúde mental? Os Price não têm resposta para isto.

Apesar das suas afirmações pró-feministas, os Price parecem se opor a qualquer princípio feminista, desde independência econômica até liberdade sexual. Nos seus livros e nas suas consultas, aconselham as mulheres não só a reprimir seus impulsos sexuais como também a evitar qualquer relação sexual antes do casamento. "Se a mulher for sexualmente agressiva, o homem poderia colocá-la na categoria de alguém com quem ir para a cama, e é só", diz Susan Price. A prova? "*Atração fatal* pode ser de alguma forma um tanto exagerado, mas pode-se realmente ver como a coisa funciona, ali", diz.

Ao mesmo tempo que de fato não defendem uma visão feminista, os Price se apropriam com a maior naturalidade do discurso ativista do movimento para promoverem suas próprias idéias. Solicitam que as mulheres "assumam o controle" da sua vida amorosa redimensionando as suas aspirações profissionais e que "ganhem o poder" sobre os maridos em potencial permanecendo castas. "Casar só depende de você", avisa o manual, deixando bem claro que esta é, ao que parece, a única arena onde a mulher pode tomar a iniciativa.

A androfobia pode ter uma bela aparência científica, mas nada tem a ver com pesquisa científica - ou com qualquer outro tipo de pesquisa. "Simplesmente sabíamos que era uma fobia", diz laconicamente Stephen Price. Como? "Bem, porque há uma evitação." Pressionado a explicar o que isto significa, Stephen Price fica mudo. Finalmente diz: "Grande parte da dinâmica da fobia está oculta. E assim que sabemos tratar-se de uma fobia. Ela fica oculta."

Esta invisível fobia transformou os Price em muitos visíveis "gurus matrimoniais", como eles chamam a si mesmos. "Estamos atarefadíssimos", diz alegremente Susan Price. "Estamos fazendo três programas de rádio por

semana. As mulheres estão telefonando para saber qual é o nosso índice de sucesso [nos casamentos]. Estamos dando consultas pelo telefone. Temos mulheres que cruzam o país para nos consultar. E recebemos um montão de cartas de mulheres dizendo que leram o nosso livro e que se dão conta, agora, de como faziam aquilo a si mesmas. Elas estão agradecidas."

TONI GRANT: RENDA-SE PARA SER MULHER

A "psicóloga número um da mídia" tamborila impacientemente as unhas em cima de um balcão na estação de rádio KFI-AM, em Los Angeles: está no ar mais um "Programa da Dra. Toni Grant", o primeiro programa de terapia ao vivo do país, transmitido em rede nacional, com milhões de ouvintes. Nesta tarde de verão de 1988, a mulher que acabou de ligar está irritando Grant. Carol está falando do marido: ele anda gastando o dinheiro da família que, no entender dela, deveria ser investido nas duas filhinhas. Carol não parava de bater nesta tecla. Um grave erro, na opinião de Grant - desafiar o marido é o sinal certo de uma mulher "contagiada pelo feminismo".

Grant: Por que não pára com isto?

Carol: Porque me incomoda.

Grant: Bem, não é um bom motivo... Não vai conseguir nada desta forma. E vai entender isto quando ele começar a mentir e começar a ficar fora de casa, parar de dormir com você, parar de conversar... O que você precisa, principalmente quando o amor está em jogo, é aprender a ficar de boca fechada.

Carol promete que vai ficar de boca fechada. Nem todas as ouvintes de Grant precisam de censuras; muitas leram atentamente o seu livro de conselhos campeão de vendas, *Being a Woman: Fulfilling Your Femininity and Finding Love*, e aprenderam a lição de cor. Lee Ann é um caso destes. Com 57 anos, Lee Ann descreve a si mesma como "uma pessoa forte e independente", professora de desenho em tecidos que voltou a estudar para conseguir o diploma de professora depois que se divorciou. Ela diz a Grant que o atual homem em sua vida, exatamente como o ex-marido, espera que ela cuide de todas as tarefas domésticas. Depois de ouvir falar no livro de Grant, está agora se perguntando se, não agindo de forma suficientemente "feminina", deve culpar a si mesma pela falta de colaboração dele.

Isto mesmo, diz Grant: "Se você se mostrar competente demais ... [os homens] vão fazer de você o homem da casa." Um homem pode "admirar" a sua força, mas não vai ficar "inspirado" para "acalentá-la e adorá-la e fazer apaixonadamente amor com você". Grant aconselha que Lee Ann "olhe" para dentro de si mesma e procure a "frágil" garotinha feminina que ainda

existe nela e que a deixe aparecer. A sua fragilidade irá "excitá-lo" - ao que parece, para levar o lixo para fora.

Grant diz que a sua própria transformação ocorreu em 1981, quando começou a "pesquisar a condição da mulher sozinha", conforme a sua tirada publicitária. Sabia alguma coisa a respeito do assunto por experiência pessoal: havia se divorciado do marido sete anos antes e desde então ficara solteira. Tinha vários pretendentes em perspectiva, inclusive numerosos produtores e publicistas de Hollywood, que ela recusou. Grant parecia gostar do seu estilo de vida independente, e até de alardeá-lo. Em 1984, entrou triunfalmente numa festa do dia das bruxas, em Hollywood, fantasiada de Mulher Maravilha. Em 1985, disse a um repórter que gostava muito da sua condição de solteira. Em 1986, declarou ao *Los Angeles Herald Examiner* que, embora evitando o rótulo de "feminista", "gostaria de representar o melhor daquilo que as feministas querem para a mulher, direitos iguais e tudo mais". Quando o entrevistador perguntou, "Sempre sentiu-se mais realizada pela carreira do que pela família?", ela respondeu: "Claro." Muito depois da publicação do livro, ela continuava se definindo como uma "apaixonada defensora" dos direitos da mulher. "Claro, ora essa. Sou uma feminista", afirma. "Como é que poderia ser outra coisa?... Levei uma vida de realizações... Estudei até a idade de vinte e sete anos... Era o único animo para duas crianças, sustentava a casa, dois carros. Sou uma mulher independente com uma ótima educação. Se eu não sou feminista, quem mais é?"

O seu livro, entretanto, espelha mais os padrões éticos do contra-ataque do que a sua experiência pessoal. Como ela mesma fez questão de observar, o livro está vendendo bem porque "chegou na hora certa". "Ele combina perfeitamente com as tendências do momento." Trata-se então de conselhos baseados em pesquisa de mercado e não em pesquisa psicológica. "Você precisa escrever um livro que defenda uma posição", afirmou. "Você não pode escrever páginas e mais páginas só falando em como [ê] feminista."

Mesmo assim, Grant continua afirmando que foi a análise de textos de psicologia que a fez reavaliar o seu ponto de vista sobre as mulheres independentes com uma carreira. A sua pesquisa sobre mulheres sozinhas levou-a primeiro a Freud, cujas obras, escreve em *Being a Woman*, revelaram-lhe o conceito de que "A biologia é o destino". Foi aí que ela começou a criticar a mulher moderna que trabalha, a qual "está muitas vezes agindo contra a sua natureza" e contra "os seus ciclos menstruais". Em seguida ela estudou Jung, chegando então à conclusão de que a igualdade transforma a mulher numa amazona, "constantemente armada e pronta para a batalha", tornando-a "gravemente neurótica na sua negação do próprio relógio biológico". E também recorreu a autoras contemporâneas. O seu livro cita *In a Different Voice* de Carol Gilligan para fortalecer o argumento de que a análise dos papéis

sexuais feita por Simone de Beauvoir é "absurda" e que a "essência de ser mulher" é a busca do amor, e não de direitos iguais.

Todas as análises de Grant levam à seguinte conclusão: a nova mulher afirmativa é anormal justamente porque procura afirmar-se. Uma mulher "normal" deixa passivamente que o homem molde a experiência dela para o bem ou para o mal. "O que vem a ser, realmente, o 'masoquismo'?" Grant pergunta em *Being a Woman*. "A maioria das pessoas associa o masoquismo ao prazer e à dor, evocando imagens de prevaricado e prevaricador." Mas no entender dela, o masoquismo é apenas o "desejo" naturalmente feminino "de sujeitar-se à dor em lugar de infligi-la; de desistir do comando em lugar de exercê-lo". E ela conclui: "Neste sentido, muitas mulheres são sem dúvida masoquistas."

Em 1988, Grant emitiu o seu veredicto: o movimento feminista é na realidade um conjunto de "grandes mentiras" que tira da mulher o amor e a felicidade. E não é tudo. Como o livro afirma: "A mentira da igualdade sexual levou a uma promiscuidade generalizada entre as mulheres, desapego pelo corpo e, até, pela sua própria alma." As carreiristas já não são Mulheres-Maravilha. "Despidas de toda aparência virginal", Grant escreve, "sem o comedimento, a receptividade e a serenidade genuinamente femininos, estas mulheres evocam imagens e um monstro devorador e destruidor, de uma verdadeira Lady Macbeth completamente divorciada dos seus sentimentos femininos."

Mesmo assim, Grant afirma que *Being a Woman* "na verdade não trata de feminismo e nunca pretendeu ser um ataque contra as feministas. Com efeito, há nele uma página em que eu conto o que o movimento fez de bom para as mulheres". O seu livro reafirma toda a seqüência causai do contra-ataque: o feminismo leva ao profissionalismo que leva à psicose. Os médicos do fim do século XIX associavam de forma parecida o feminismo à neurastenia e à histeria; a agitação sufragista, acusava um típico moralista vitoriano, tinha espalhado na população feminista "uma aflição nervosa que já se tornou universal". Da mesma forma, a retórica de Grant também parece evocar antigos contra-ataques. Com efeito, já em 1947 *Modern Woman: The Lost Sex*, também considerava Lady Macbeth como símbolo da louca mulher liberada.

Para as suas leitoras e ouvintes, Grant oferecia uma saída da loucura feminista: "Renda-se para ser mulher." Para reforçar o esvaziado espírito feminino e recuperar a tranqüilidade mental, aconselhava, cultive a "receptividade passiva e o silêncio". Também na calorosamente recomendada lista de regimes restauradores de feminilidade de Grant: "calma meditação, longos passeios por campos e bosques, banhos quentes" e uma virgindade "espiritual", se não técnica. De forma bastante original, deu a esta estratégia o nome de desenvolvimento da "mística feminina". Se uma mulher sozinha

seguir estas instruções, prometia Grant, ela conseguirá o supremo troféu da boa saúde mental: um marido.

Enquanto definia as "regras para tornar-se uma mulher", Grant também estava aplicando-as a si mesma. Ela se dedicou a desenvolver um lado "mais espiritual", começou a usar roupas cheias de frescuras e aprendeu a "baixar a voz". Mesmo assim, depois de tantos fricotes, Grant continuava solteira quando o seu livro chegou às livrarias na primavera de 1988. A notícia não era animadora para o departamento de vendas da editora, nem para a própria Grant, que apareceria em várias cidades para lançar o livro e enfrentaria a inevitável pergunta da imprensa.

Exatamente nesta época, enquanto falava sobre "relacionamento" durante uma palestra para jovens presidentes de empresa, no Havai, Grant encontrou um conveniente celibatário. John Bell dirigia uma empresa de caixas de papelão no estado de Indiana, era divorciado e estava à cata de uma mulher. Grant começou então um verdadeiro carrossel amoroso. "Foram oito dias e oito noites cheios de romantismo e fascinação", como ela gostava de dizer durante a viagem promocional. Logo que deixaram a ilha, Grant começou a manobrar rumo ao anel. "Quais são as suas intenções, John?", ela perguntou algumas semanas depois da viagem. "Ele assegurou que eram decentes." Ela pressionou mais um pouco, e lá veio o pedido de casamento. Ela concordou imediatamente - e sugeriu casarem no domingo seguinte. Bell achou que seria "um tanto cedo", e marcaram a data para junho.

Com Bell já no papo, os publicistas de Grant cuidaram logo de avisar a mídia. "A Dra. Toni Grant vai se casar com o industrial John L. Bell", anunciava o apressado boletim para a imprensa. Uma festa promocional foi organizada num restaurante de Hollywood para espalhar a notícia do noivado. A noiva apareceu vestindo uma vaporosa saia bufante e chamativas luvas brancas - que ela usou por baixo do anel de noivado com um diamante em gota de cinco quilates. Pendurando-se graciosamente no braço do prometido, ela esvoaçava a sua mão esquerda em baixo do nariz de qualquer um que se aproximasse, exclamando: "Já viu o meu anel? Vou casar em junho!"

No outono seguinte, o pêndulo deu uma balançada ainda maior na vida de Toni Grant. Ela emitiu mais um comunicado para a imprensa: iria abandonar o seu programa de rádio e dedicar-se "a ser uma mulher, e a viver o livro que escrevi". Ao contrário de muitos outros autores do contra-ataque, ela tinha pelo menos decidido seguir os seus próprios conselhos. Comprou uma casa em Lake Tahoe, avisando que se tornaria a mulher perfeita de um industrial. Era uma retirada muito feminina - se não considerarmos o fato de ter sido financiada por sua carreira milionária de consultora.

Mas não era uma retirada por motivos femininos. Quando, mais tarde, foi indagada acerca da decisão, ela deu duas razões para abandonar o trabalho: "Senti que a psicologia pela mídia tinha chegado ao máximo" e "queria

viajar e ver o mundo". E nem mesmo era uma retirada. "Pessoas criativas", explica, "realmente precisam parar algum tempo para renovar a sua criatividade. Coco Chanel saiu de cena durante sete anos, e quando voltou criou o estilo Chanel graças ao qual se tornou famosa." Será que Grant tem um plano parecido? "Não, não creio que precisarei de sete anos", disse ela. Depois de um ano e meio de "retiro parcial", como ela mesma o chama, Grant já começou a aparecer, com a costureira romaria na mídia, *talk-shows*, conferências "nacionais e internacionais" e seminários sobre relacionamento. "Sinto falta do meu trabalho", disse. E já está planejando uma volta triunfal, num plano ainda mais ambicioso. "Estou mais inclinada a ver-me fazendo alguma coisa na televisão."

SEGUNDA FASE: TERAPIA PARA A MULHER EXCESSIVAMENTE FEMININA

Num dia de verão insolitamente ensolarado em San Francisco, sessenta mulheres estão apinhadas num mal iluminado galpão, sentadas em decrepitos sofás e poltronas. Velhas pinturas amareladas pendem enviesadas nas paredes, o pó e a sujeira se acumulam no chão. Numa tentativa de animar, alguém colocou uma rosa na lascada mesa do café, mas a flor solitária só realça a esqualidez.

Houve um tempo em que só os Alcoólicos Anônimos se reuniam nestes lugares aposentados. Mas em 1986, um grupo, tentando vencer mais um "vício", começou a se reunir todos os sábados. E não demorou para que cinquenta às vezes cem "mulheres que amam demais" se congregassem regularmente na sala. Como milhares de mulheres em reuniões idênticas por todo país, elas se juntavam para discutir os textos de Robin Norwood, terapeuta e autor de *Women Who Love Too Much: When You Keep Wishing and Hoping He'll Change* (Mulheres que amam demais: quando você deseja e espera que ele vá mudar).

Neste sábado de 1987, a líder do grupo se levanta e tranca a porta da sala dando umas violentas sacudidas na maçaneta. "Estamos aqui", ela diz "porque temos uma coisa em comum. Todas nós temos um relacionamento infeliz." Uma lista de "Características da mulher que ama demais", de Norwood passa de mão em mão, e cada mulher lê uma linha em voz alta. "Número um: você vem de um lar desequilibrado no qual as suas necessidades emocionais não foram satisfeitas." "Número onze: você ficou dependente do homem e do sofrimento emocional." "Número quatorze: você tem tendência a fases depressivas". As mulheres bebericam café sem cafeína; nestas reuniões não são permitidos estimulantes. Num sofá, elas se revezam embebedadas com um ursinho de pelúcia.

A líder do grupo lembra às participantes duas regras básicas das "Mulhe-

res que amam demais": nada de conselhos recíprocos, e nada de conversa sobre "ele". Não se esqueçam, ela enfatiza, o problema é *seu*, não dele.

Então têm início os depoimentos das participantes.

"Olá, eu me chamo Sandra [os nomes foram trocados] e sou uma Mulher Que Ama Demais. Casei-me com um homem que se tornou alcoólatra... O que há de errado comigo que pode atrair um homem doente, um viciado?"

"Olá, eu sou Nancy e sou uma Mulher Que Ama Demais. Estou envolvida com um homem que tem uma verdadeira aversão sexual por mim. Ado que me sinto atraída por ele quando me repele porque isto me deixa bancara ferida e zangada e corta as minhas asas."

A ladainha continua por uma hora e meia, com cada participante salientando os seus problemas e apontando um dedo acusador contra si mesma. Uma mulher conta que se sente "cansada o tempo todo" e não sabe por quê. Outra diz que chora sem motivo algum, em certos casos duas vezes por dia, espremida no *closet* do quarto de dormir. As confissões são feitas para um público meio apático. Uma vez que não é permitido comentar os problemas alheios, simplesmente não pode haver verdadeira "participação"; as mulheres acabam parecendo crianças que brincam numa caixa de areia, cada uma interessada em suas próprias ocupações.

Quando os relatos pessoais terminam, as mulheres concluem do mesmo jeito de sempre. Ficam de pé, formam um círculo de mãos dadas e entoam a Oração da Serenidade, pedindo a Deus que melhore o relacionamento delas com os seus homens. A líder abre então a porta e as mulheres começam a escoar uma depois da outra para fora, enfrentando sozinhas as ruas murchadas nos raios do sol.

Lançado em 1985, o livro sobre o "vício do relacionamento" feminino de Norwood tornou-se um verdadeiro guia espiritual para mais de vinte milhões de leitoras. Ocupando o primeiro lugar na lista dos mais vendidos do *New York Times* por mais de um ano, *Women Who Love Too Much (Mulheres que amam demais)* foi o *best-seller* absoluto em todo o país em 1986, o livro mais vendido na lista do *Times* de obras de auto-ajuda e o mais requisitado pelas duas maiores cadeias nacionais de livrarias, Waldenbooks e B. Dalton. Um ano e meio depois de sua publicação, cidades como Filadélfia, Atlanta e Los Angeles já contavam com dezenas de grupos de Mulheres Que Amam Demais. Em 1987, quando o *New York Daily News* apareceu com um pequeno parágrafo que simplesmente mencionava um grupo de Mulheres Que Amam Demais, as líderes do grupo receberam centenas de telefonemas antes de o dia findar.

Acontece que realmente havia um grande número de mulheres acen-tadas a um relacionamento destrutivo que precisavam desesperadamente de

ajuda. E certamente havia muitas que encontravam alívio no livro de Norwood e nas reuniões que o mesmo inspirava. A capa do livro, entretanto, prometia às mulheres muito mais ajuda prática do que na verdade proporcionava; a mensagem nas entrelinhas do *Mulheres Que Amam Demais* era um apelo quase místico que defendia mais uma aceitação infantil e passiva do que uma mudança adulta e consciente. A julgar pelas palavras da Oração da Serenidade, o texto de Norwood proporcionava mais serenidade para aceitar situações que não podiam mudar do que coragem para mudar o que poderia ser mudado.

Como muitos outros terapeutas da mesma década, Norwood pôde observar de perto a crescente violência emocional e sexual contra as mulheres. Ela ficou se perguntando por que motivo tantas mulheres se sujeitavam a evidentes abusos verbais e físicos por parte dos maridos ou dos namorados. Ainda assim, no fim ela acabou propondo uma explicação que ignorava completamente a dimensão social dos fatos. Atualmente, ela escreve, as mulheres estão literalmente "viciadas" em homens que as machucam. "Muitas de nós foram e continuam sendo verdadeiros 'sacos de pancadas' dos homens e, como qualquer outro viciado, precisamos entender claramente a gravidade do nosso problema." Embora muitas mulheres, sem dúvida, se encaixam nestes padrões autodestrutivos, a análise sem referências históricas de Norwood de nada adianta na tentativa de esclarecer por que este problema tornou-se atualmente tão agudo - ou por que a violência dirigida contra as mulheres está aumentando de forma tão dramática. E tampouco ela procura examinar o problema sob um novo enfoque: o seu livro pergunta por que tantas mulheres "escolhem" homens prevaricadores, mas nem chega a se perguntar por que há tantos homens prevaricadores entre os quais escolher.

O plano de auto-ajuda de Norwood, baseado no programa dos doze passos dos Alcoólicos Anônimos, aconselha às mulheres em busca do motivo do seu sofrimento que evitem expandir a sua procura fora de si mesmas, um hábito que ela chama de "culpabilidade". Em lugar de encorajar as mulheres a desenvolver um ego mais forte, desafiando os homens e forçando-os a mudar, Norwood aconselha que as leitoras "moldem a sua vontade para a rendição", se livrem dos "impulsos passionais" e "esqueçam a vontade própria". Somente "entrando em contato com as suas potencialidades mais altas" uma mulher viciosamente dependente do homem pode evitar o sofrimento emocional. "Os exercícios espirituais vão acalmá-la", ela escreve. Na verdade, isto não vai ajudá-la a mudar as circunstâncias nem a si própria, mas vai ajudá-la a "mudar seus pontos de vista fazendo com que, de vítima, passe a sentir-se mulher enaltecida"; simplesmente repetindo, silenciosamente e para si mesma, "já não sofro mais", uma mulher pode sentir-se aliviada. O plano de Norwood não prevê uma tomada de posição para a pessoa melhorar a sua própria situação. Ao contrário, ela aconselha a "desistir" da

determinação "de fazer com que as coisas aconteçam". Com efeito, as pessoas deveriam considerar a própria auto-afirmação uma "falha de caráter".

O verdadeiro crescimento pessoal e a saúde mental tampouco fazem parte do plano de Norwood. Não existem Mulheres Que Amam Demais curadas, ela avisa, mas sim apenas "recuperadas". Os "sacos de pancadas", assim como os alcoólatras, estão sempre sujeitos a uma recaída. As mulheres só serão capazes de "controlar" de alguma forma a doença, que continuará sempre correndo em suas veias. Para despistar o vício, ela só aconselha uma coisa: participar frequentemente dos "grupos de apoio" das Mulheres Que Amam Demais.

O próprio termo "vício" - "distúrbio que força a pessoa a sujeitar-se a um desejo" - combina aliás com a tradicional visão vitoriana da passividade feminina. A estratégia de tratamento do Mulheres Que Amam Demais apenas troca uma forma de passividade por outra, mais louvável, a entrega da mulher a "poderes mais elevados". As participantes do Mulheres Que Amam Demais não aprendem a dirigir suas vidas, mas apenas a depender de uma força misteriosa que as dirige por elas. Não aprendem a aprimorar sua força interior, mas a sujeitar-se a uma dádiva vinda de cima. De certa forma, a cura de Norwood é a imagem especular da visão neodireitista do Mulheres Preocupadas com a América de Beverly LaHaye. LaHaye ocultava o seu desejo de autodeterminação sob a aparência de "submissão espiritual"; Norwood tenta disfarçar uma verdadeira rendição inventando uma maneira ativa de alguém de fora assumir o controle da sua vida.

Norwood também quer apresentar a si mesma como mera intermediária, e não como atriz da sua própria vida. Até o seu livro, afirma, foi escrito por um "poder mais elevado", e não por ela. "Sinto que, francamente, fui guiada desde o começo." Até o título do livro foi "soprado" no seu ouvido enquanto ela dirigia numa rodovia. Ao definir a si mesma nestes termos, como receptáculo passivo de uma divina sabedoria, ela lembra a vitoriana Verena Tarrant em *The Bostonians*, de Henry James, a heroína meio infantil que explicava a sua fluência para falar em público dizendo: "Oh, não sou eu, vocês entendem; é alguma coisa fora de mim!... Acho que deve ser uma força."

No fim dos anos 80, com o aumento da "co-dependência", o modelo de doença mórbida da neurose feminina espalhou-se rapidamente entre outras formas de terapia. Ajudou a dobrar o número de membros de associações de auto-ajuda, gerando uma infinita variedade de grupos de "apoio" em prol de viciadas, desde o Mulheres pela Sobriedade até o Mulheres com Dependências Múltiplas. Até havia um grupo para Mães Desempregadas e Desocupadas (FEMALE, em inglês, Formerly Employed Mothers at Loose Ends). Ao que parecia, até o mercado de trabalho em crise era agora considerado algum tipo de psicose pessoal nascida na cabeça de cada mulher. As publicações médicas defendiam esta metáfora da doença, definindo a co-dependên-

cia como "uma disfunção do relacionamento" na qual o indivíduo *escolhe* um companheiro de vida quimicamente dependente ou de alguma forma não-funcional". (O indivíduo ao qual se referiam era quase sempre uma mulher; o mercado da co-dependência era 85% feminino; e a própria co-dependência era definida em termos femininos - sendo o seu modelo original a esposa alcoólatra.)

As líderes do movimento co-dependente exortavam as suas pacientes a se imaginarem, e até a tratarem a si mesmas, como menininhas. Uma estratégia curativa que estes gurus recomendavam em larga escala às pacientes: comprem uma boneca para acariciá-la e carreguem-na sempre consigo. "Trazer à tona a criança interior" era o mantra do movimento, e as iniciadas co-dependentes eram estimuladas a chamar a si mesmas de "crianças adultas". Embora este conceito possa perfeitamente ter começado com as melhores intenções - voltar ao local do crime da nossa infância atormentada para superar e transcender seus traumas -, na maioria dos casos a exumação da criança ferida transformava-se no devastador drama central, e a tentativa de rejeitar a condição de vítima para ingressar na maturidade acabava quase sempre se tornando mero acessório. Em inúmeros grupos de co-dependência, as mulheres chafurdavam pelo lamaçal da infância para "salvar" o seu pequeno ego de meninas machucadas - só conseguindo afundar cada vez mais na lama.

Apesar dos seus métodos infantilizantes e do seu repúdio da "vontade pessoal", as criadoras e as praticantes da co-dependência pretendiam ter um aspecto feminista. As diretoras do Centro Nacional de Auto-ajuda declararam: "O movimento co-dependente pode perfeitamente ser o braço psicológico do movimento feminista." A própria Norwood comparou os seus grupos de Mulheres Que Amam Demais com as sessões de conscientização do começo dos anos 70.

Mas ao confirmar as mulheres em salas de reunião mal iluminadas, trancadas e descafeinadas, ao exortá-las a trocar um posicionamento adulto por uma tranquilidade pueril, passiva e desapaixonada, o movimento de Norwood fica espiritualmente mais perto do "tratamento de repouso" do fim do século XIX do que das sessões-relâmpago feministas do começo dos anos 70. O tratamento de cem anos atrás, que também envolvia confinamento da autoafirmação, conseguia piorar o estado das pacientes em vez de curá-las. Como notoriamente observou a escritora feminista Charlotte Perkins Gilman ao comentar o tratamento ao qual se sujeitou em 1887, ela procurou seguir à risca as ordens do médico para deixar de lado a caneta e "viver uma vida a mais doméstica possível" - e "cheguei perigosamente perto de perder a cabeça".

Apesar de suas fraquezas, por sua vez, o movimento de conscientização dos anos 70 incitava as participantes a agir, falar claramente e crescer. As suas reuniões eram consideradas uma espécie de revisão semanal de uma

revolução social. Como o guia de *Ms.* para a conscientização explicava em 1972, os grupos tinham a finalidade de proporcionar um reabastecimento emocional e de criar companheirismo e autoconfiança, "quando nos sentimos abatidas e ridicularizadas por tentarmos mudar o mundo". A entrada era franca - para permitir a participação de mulheres de todas as classes - e não havia liderança - para que ninguém se tornasse o símbolo da autoridade e a fim de encorajar cada uma das mulheres a pensar e falar por si mesma.

As mulheres que nos anos 80 aderiram ao *Mulheres Que Amam Demais* também sentiam-se abatidas e ridicularizadas por tentar mudar o seu mundo. Mas se por acaso esperavam aprofundar tal mudança social, não tinham lá muita chance de encontrar encorajamento nas suas reuniões dirigidas. E mais, embora Norwood tivesse originalmente proposto que os grupos fossem sem fins lucrativos e sem liderança, no fim dos anos 80 algumas terapeutas mais empreendedoras apareceram nas fileiras do movimento ao descobrirem uma maneira bastante tentadora de levar vantagem. Não demorou para que em muitos dos grupos de *Mulheres Que Amam Demais* as monitoras começassem a ditar as regras do jogo - e não para melhor.

Na sessão regular das sextas do *Mulheres Que Amam Demais* no Instituto de Terapia Familiar da Califórnia, as mulheres sentam-se em círculo, entre cortinas fechadas na luz fraca da sala. Elas pagam à terapeuta líder do grupo de 30 a 40 dólares semanais - além dos 80 dólares que ela cobra para acompanhamento individual.

"Sou como uma mãe para elas todas", afirma a terapeuta, olhando para a sua ninhada de "crianças adultas". De si mesma, ela diz: "Sou definitivamente uma Mulher Que Ama Demais." Era uma dona-de-casa em tempo integral, ela conta, até que o marido fugiu com a sua melhor amiga depois de vinte e três anos de casados. Ai, com quarenta anos, voltou a estudar e tomou-se terapeuta. Agora está "em convalescença", tendo descoberto o que deu errado no seu casamento. "Fiquei descuidada. Não o culpo por isto. É um homem como qualquer outro. Se eu tivesse enfrentado isto tudo antes, talvez ele tivesse ficado comigo."

Cada uma das mulheres deste grupo tinha ótimos motivos para procurar ajuda quando as sessões começaram há dez meses. Uma mulher estava vivendo com um homem que mal falava com ela desde que ela decidira seguir uma carreira. Outra vivia com um homem que lhe telefonava aos berros, no trabalho, quando ela deixava de passar as suas camisas preferidas. O marido de outra mulher estava tendo um caso que, no entender dele, era "culpa dela".

Indagadas sobre os motivos que as levaram a participar, as mulheres dão respostas que são variações sobre o mesmo tema. "Queria ser mais decidida", diz uma. "Queria deixar de ser emocionalmente boboca", diz outra. "Queria ser forte", diz uma terceira. Mas ao serem indagadas sobre o que

aprenderam no grupo, as suas respostas são muito diferentes. "Descobri como era criança, lá no fundo", diz uma mulher de negócios de meia-idade. "Deixe-me contar de que sou uma menininha", diz uma professora de quarenta anos. "E aprendi a entrar em contato com aquela menininha." A pedido da terapeuta, ela comprou uma boneca que atualmente é a sua companheira constante; no carro, explica, sempre tem o cuidado de prendê-la com o cinto de segurança. "Você pode notar", afirma a terapeuta, "que no grupo a vozinha das minhas meninas torna-se cada vez mais fraca e baixinha."

Presumivelmente, a volta à condição infantil deveria servir como novo ponto de partida. Aqui, porém, as mulheres parecem regredir e ficar atoladas. Mais do que mudar as suas vidas, parece que na melhor das hipóteses elas aprendem a ajustar-se a situações intoleráveis. Uma das mulheres procurou o grupo porque precisava de ajuda, pois queria divorciar-se. As traições eram o de menos: "Se o peixe não estivesse fresco ou se eu dissesse que iam ter peixe e depois servisse carne, era uma cena e tanto. Ele tirava de mim todo o dinheiro e os meus cartões de crédito e me empurrava fora de casa dizendo que eu devia aprender a me virar sozinha." Depois de dez meses com o Mulheres Que Amam Demais, entretanto, ela decidiu voltar a morar com ele. "Entenda, o que aprendi com o grupo é que na verdade não era culpa dele. Eu deixei isto acontecer."

Durante um ano e meio depois da publicação do livro, Norwood contou a história da sua recuperação a milhares de mulheres numa maratona de intermináveis palestras que dava pela nação inteira. O seu cachê era de 2.500 dólares por apresentação; os ingressos custavam 40 dólares. Quando Norwood falou em San Francisco em 1987, os seus patrocinadores já tinham recebido mais de mil pedidos de inscrição só na primeira semana. A reunião acabou tendo que ser transferida para uma enorme igreja, e até estes aposentos revelaram-se insuficientes. As admiradoras de Norwood, como lembram os organizadores do evento, "estavam penduradas até na sacada do coro".

A palestra, que durava o dia todo, retratava a história da vida de Norwood mas era uma biografia oral que omitia todos os acontecimentos, exceto os detalhes de inúmeras relações sem saída. Ela relatou com microscópica meticulosidade todos os seus amores frustrados, começando pela história do menino que a menosprezou no jardim-de-infância. E encerrou cada relato com a mesma conclusão. "Durante muito tempo fiquei me perguntando porque todas estas coisas ruins aconteciam comigo. Descobri que era porque eu as escolhia. Somos nós a escolher alcoólatras. Somos nós a escolher homens incapazes de nos ser fiéis."

O seu segundo marido era um alcoólatra e suas periódicas fugas de casa afetavam influindo no trabalho dela - que na época trabalhava como assis-

tente social para alcoólatras num hospital. "Todas as manhãs eu aparecia no trabalho e depois de um pouco começava a chorar", ela lembra. "E aí um dia simplesmente não consegui parar de chorar... De forma que me pegaram pelo braço e disseram: 'Robin, por que você não larga o emprego e fica em casa?' E eu voltei para casa, fiquei sem emprego. Durante quase três meses."

Desempregada, as coisas foram logo piorando para Norwood. "Parte do tempo, eu simplesmente não funcionava. Tinha muita dificuldade para fazer. Não conseguia me mexer. Era como se estivesse mergulhada em cimento molhado. Vivía de robe. Comia comida de lanchonete quase todos os dias. Já era muito se conseguia ir até a caixa do correio e voltar. Este era o programão do dia." Finalmente, o marido reapareceu e jurou mudar, ele voltou a trabalhar e a depressão regrediu. Mas não demorou para ele voltar a beber e ela escorregou mais uma vez para o desespero. A sua pele começou a rachar e ela achou que fosse morrer.

Norwood acabou recorrendo aos Alcoólicos Anônimos. Foi ali, afirma, que ela descobriu os méritos da rendição. "Para mim, a recuperação significava apoiar-me em alguma coisa muito maior que eu mesma." "Entreguei tudo nas mãos de Deus" e "descobri-me rezando". Rezou em particular pedindo "um bom homem". As duas orações foram ouvidas; um poder divino, ela diz, fez com que ela encontrasse o terceiro marido. Ele era "um verdadeiro chato", confessa, mas agora que ela estava se recuperando, percebeu que a oração só podia ajudar. A paixão não passava de "sofrimento", uma droga que "mata".

As leitoras de *Women Who Love Too Much* que assistiram às palestras de Norwood talvez ficassem surpresas com a incrível semelhança entre a história dela e a dos casos das pacientes relatados no seu livro. Não era mera coincidência. Como a própria Norwood confidenciou a algumas colegas, muitas das suas "pacientes" no livro eram apenas ela mesma.

Indagada mais tarde sobre os motivos que a levaram a disfarçar-se de paciente no livro, Norwood explicou: "Eu nunca afirmei que aqueles são realmente casos clínicos. Alguns são pura ficção. O que interessa não é saber se se trata ou não de mim mesma." Infelizmente, porém, este detalhe é justamente o que mais interessa. Originalmente, Norwood afirmou querer despertar um "aumento de consciência" compartilhando várias experiências íntimas de mulheres: o seu livro trouxe leitoras ao seu consultório para ouvir, e com elas se inspirarem, as vozes de muitas mulheres. Dentro deste confessional, entretanto, só podiam ser ouvidos os queixumes de uma única mulher, uma figura atordoada e que somente conseguia ver o seu próprio reflexo na sua solitária sala de espelhos.

A própria "recuperação" de Norwood - através do casamento com a pessoa "certa" - acabou sendo apenas um fogo de palha. Na primavera de 1987, Norwood interrompeu repentinamente as suas palestras. Já não podia mais

vender a sua própria experiência como um bem-sucedido caso clínico: o casamento com o bom sujeito chatinho acabou se revelando não tão bom assim e não demorou para que ela pedisse o divórcio.

Logo após a ruptura matrimonial, Norwood escolheu um caminho que parecia muito mais aumentar do que amenizar o seu isolamento. Ela desistiu do trabalho, mudou-se para uma afastada casa de praia e isolou-se no seu canto. A sua vida diária ali, ela conta, não envolve "sociabilidade de espécie alguma". Ela já não lê e nem mesmo assiste à televisão. "Nunca pego num jornal." E, com efeito, ela não faz absolutamente nada. "Eu só fico parada." Não acha que o contato com os outros poderia de alguma forma ajudar? "Não quero envolver-me com a vida dos outros", ela diz. Será que pelo menos não fica se perguntando o que anda acontecendo pelo mundo? "Não quero saber", ela responde. "Só atrapalharia o contato que procuro manter comigo mesma."

O programa de auto-ajuda de Norwood nada tinha a ver com aumento de consciência; parecia mais um confinamento na solitária. Como escreve a historiadora Hester Eisenstein: "O âmago [do despertar da consciência] era descobrir que a gente não estava sozinha, que outras mulheres tinham experiências e sentimentos parecidos." Norwood, porém, estava completamente só - ainda mais sozinha, com efeito, do que quando começou o tratamento. Da mesma forma que também ficaram sozinhas algumas das mulheres "co-dependentes" sob tratamento que levaram para casa as suas bonecas e trancaram a porta atrás de si. Enquanto estas pacientes continuassem a acreditar que uma vida doméstica infeliz era um problema só delas, só poderiam todas acabar num quarto falando sozinhas. Acabariam como a própria Norwood, sentadas numa casa de praia, desligadas do barulho do mundo exterior e, como Verena Tarrant, de olhos fixos no céu.

MASOQUISMO FEMININO, NO ESTILO DOS ANOS 80

O primeiro diagnóstico psiquiátrico do masoquismo, formulado no fim da época vitoriana, descrevia como masoquistas indivíduos que encontram prazer sexual na dor. Não demorou, porém, para transformar-se numa espécie de clichê capaz de definir qualquer tipo de distúrbio psíquico feminino; as mulheres sofriam abusos porque elas mesmas preferiam assim - conforme pelo menos sob certos aspectos, as primeiras afirmações da tese de Robin Norwood.

Mas o masoquismo, como diagnóstico terapêutico, acabou sendo desacreditado. Como salientou nos anos 20 a psicanalista Karen Horney, o chamado masoquismo "natural" das mulheres era mais provavelmente o resultado inatural de um sistema social discriminatório de prêmio e castigo que levava muitas mulheres a assumir um comportamento submisso. Os colegas

freudianos de Horney não gostaram nem um pouco das observações dela - expulsaram-na da Sociedade Psicanalítica de Nova York. A maioria dos profissionais de saúde mental, entretanto, acabou tendo que concordar com os seus pontos de vista, e nos anos 70, a noção de um masoquismo feminino inato parecia mais uma bizarra relíquia do que uma defensável teoria psicanalítica.

Então, em 1985, alguns psicanalistas da Associação Psiquiátrica Americana acharam que já era tempo de o masoquismo fazer a sua volta triunfal, na condição de "nova" disfunção no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, ou *DSM*, a bíblia da psiquiatria americana. Não se tratava apenas de algum misterioso assunto de classificação. O *DSM* é o livro de referência padrão no qual os profissionais de saúde mental se basciam para diagnosticar os pacientes, que os pesquisadores usam para estudar as doenças mentais, e que as seguradoras públicas ou privadas exigem para determinar as indenizações, e para o qual os tribunais recorrem nos julgamentos de insanidade e nas decisões sobre custódia de menores.

Naquele ano, a Dra. Teresa Bernardez presidia o Comitê sobre a Mulher da APA, que supostamente deveria ser consultado toda vez que houvesse novos diagnósticos do DSM afetando as mulheres. Mas os médicos da APA responsáveis pelos novos diagnósticos nunca se deram ao trabalho de informar a Dra. Bernardez ou qualquer outro membro do comitê. Por mero acaso, quando a APA já estava prestes a votar o diagnóstico, Bernardez ficou sabendo que a mesa da APA planejava acrescentar não um, mas sim *três* diagnósticos que afetavam as mulheres, e todos de forma preocupante. "Distúrbios disfóricos pré-menstruais" era outro diagnóstico que ressuscitava a desde há muito desacreditada noção de a síndrome pré-menstrual ser uma doença mental antes que uma simples disfunção endocrinológica. O terceiro éramos "distúrbios parafilíacos de estupro", um diagnóstico que a APA tencionava aplicar a qualquer homem (ou, teoricamente, mulher) que apresentasse repetidas fantasias acerca de estupro e abusos sexuais e que "fosse levado continuamente a colocá-las em prática ou ficasse profundamente perturbado com elas". Se aprovada, esta nebulosa definição poderia tornar-se uma perigosa alegação de insanidade para qualquer estuprador ou molestador de crianças defendido por um advogado espertalhão. Isto pareceu bastante óbvio à Procuradoria-Geral da República que, uma vez alertada, decidiu emitir uma nota de objeção a respeito.

Dos três diagnósticos apresentados, o "distúrbio masoquista da personalidade" foi de alguma forma o mais retrógrado e estranho. Os médicos da APA tinham chegado a definir nove características do masoquismo - e elas eram francamente abrangentes demais. Incluía qualquer um que "recusa ajuda, presentes e favores por não querer ser um estorvo para os outros" ou que "se preocupa excessivamente" a fim de não atrapalhar os demais

ou 'reage ao sucesso e aos acontecimentos positivos achando que não os merece'. Incluído nesta lista havia até o caso do aluno que deixa de lado os seus deveres escolares a fim de ajudar os seus colegas. Nenhuma das nove características deste novo "masoquismo" mencionava o fato de sentir prazer com a dor. Em lugar disto, elas só descreviam o auto-sacrifício e a autodepreciação que supostamente exemplificam o comportamento típico da feminilidade ideal. A mesa da APA tinha identificado muito bem a socialização da mulher - e rotulara como uma disfunção psiquiátrica particular da mulher. Na verdade, a APA foi mais longe ainda, chamando o problema não só de desequilíbrio patológico, como também de "distúrbio da personalidade", uma categoria de doenças mentais que a psiquiatria considera entre as *menos* relacionadas com a condições sociais e mais arraigadas na estrutura subjacente da personalidade individual desde a primeira infância - e portanto, extremamente difíceis de se modificar.

E o pior, o diagnóstico ameaçava fazer com que se voltasse a tratar as mulheres espancadas como masoquistas que cortejavam a violência doméstica. A mesa da APA incluiu estes traços na sua definição dos novos masoquistas: "escolher" pessoas que os "decepcionam" ou "destratam" e cultivar "relacionamentos nos quais os outros exploram, abusam ou levam vantagem". A mesa ilustrava estes traços com um exemplo de masoquista que parecia mais o ponto de vista masculino do contra-ataque do que a descrição de uma doença mental: uma esposa que critica o companheiro de forma "a provocar uma reação irada".

Em tempos de contra-ataque, a atenção era mais uma vez desviada das causas daquela "reação": a raiva masculina devido às crescentes exigências das mulheres e o temor dos homens diante da cada vez maior autonomia feminina. Mais uma vez, cada alvo da fúria do contra-ataque era redefinido como sendo a própria e única ameaça para si mesmo. E enquanto os livros de psicologia popular que induziam as mulheres a culparem a si mesmas continuavam aparecendo e desaparecendo nas livrarias ao longo dos anos 80, o *DSM* representava um ponto de referência permanente. Se a APA conseguisse incluir esta definição do masoquismo nas suas páginas, isto institucionalizaria a mensagem psicológica do contra-ataque por anos.

Alarmada com a notícia do diagnóstico do masoquismo proposto, a Dra. Bernardz enviou uma carta especificando as suas preocupações ao Dr. Robert Spitzer, psiquiatra da Universidade de Colúmbia e presidente da comissão da APA encarregada da revisão do *DSM*. A comissão era dominada por psicanalistas, a subespecialidade mais parcial em relação à psiquiatria fixada tradicional e formada por um grupo de profissionais que ainda estavam se queixando da última revisão do *DSM*, cinco anos antes, quando

os vestígios da mais superada terminologia freudiana haviam finalmente sido removidos. Os defensores dos distúrbios masoquistas na APA também pareciam se ressentir com o fato de a psicologia estar cada vez mais "dominada por mulheres", as quais vinham abrindo caminho no campo da psiquiatria desde os anos 70 com seus tratamentos mais em conta e de menor duração. Como o vice-presidente da APA, Dr. Paul Fink, se queixou em 1987, alguns profissionais da psicologia "só vão se dar por satisfeitos quando não houver mais psicanálise".

No decorrer da batalha sobre o diagnóstico do masoquismo da APA, muitas destas acaloradas animosidades viriam à tona - chegando ao ponto de ebulição - quando as terapeutas se recusaram a apoiar e aceitar as regras dos psicanalistas. "A raiva que podíamos ver era algo inacreditável para mim", lembra Bernardez, uma emigrada argentina que já tinha tido a sua parte de sofrimento sob o regime repressivo de Perón.

No começo Bernardez não conseguiu nada ao protestar por conta própria, e a APA tampouco respondeu aos repetidos apelos de outras comissões femininas de psicólogas. Somente quando o Instituto de Terapia Feminista ameaçou recorrer à justiça, Spitzer e os demais participantes da APA - a única mulher nela era a esposa de Spitzer - ainda avisou com antecedência que só seis das participantes da comissão feminista teriam o direito de falar.

Na reunião, em novembro de 1985, Spitzer começou explicando a finalidade da revisão do *DSM*: para tornar os diagnósticos mais "científicos". Depois revelou os dados científicos: um estudo, dirigido por ele, com oito pacientes, todos clientes de psiquiatras no seu departamento na Universidade de Colúmbia. Somente dois dos pacientes eram homens. O estudo devia demonstrar que o masoquismo existia porque os psiquiatras tinham diagnosticado "independentemente" os oito pacientes como masoquistas. Tratava-se de uma "excelente" amostra, afirmou Spitzer, porque os pacientes haviam sido observados em sessões analíticas durante um longo período de tempo. Uma das terapeutas feministas presentes perguntou quantos destes pacientes "masoquistas" eram mulheres espancadas, ou vítimas de violência. Spitzer não soube responder; nenhum dos psiquiatras se incomodara em averiguar o fato - apesar de ter acompanhado as tais masoquistas por mais de um ano e meio.

Os "dados" da APA continuaram sendo desfiados com um histórico comentário, escrito pelo Dr. Richard Simons, presidente da Associação Psicanalítica Americana, o qual argumentava que o masoquismo devia ser um diagnóstico legítimo porque um psiquiatra europeu do anos 50 descrevia um distúrbio de personalidade depressiva "que tinha quase as mesmas características". Simons parecia acreditar que a psiquiatria, assim como a lei, era um campo em que alguém poderia depender apenas dos antecedentes. Spitzer também tinha os resultados de um questionário sobre masoquismo

que ele enviara a membros da APA interessados em distúrbios da personalidade. A pesquisa, entretanto, já tinha um cunho um tanto tendencioso em si mesma. A primeira questão perguntava ao leitor: Você concorda em incluir o distúrbio masoquista no *DSM*? Se a resposta fosse não, pedia-se para não continuar o preenchimento do questionário. Este método, admitiu Spitzer, conseguiu eliminar metade das pessoas consultadas.

Com os dados dos psicanalistas ficando em evidência, as seis terapeutas tiveram a chance de defender o seu lado. Argumentaram que o diagnóstico do masoquismo jogava toda a culpa nos pacientes, sem ao mesmo tempo levar em conta o condicionamento social e as circunstâncias da vida real. Demonstrações de submissão e martírio não são necessariamente provas de masoquismo, disseram as terapeutas; tal comportamento faz parte do tradicional rótulo cultural da honra feminina, se a mulher deseja aprovação social e amor.

Em seguida, a pesquisadora de psicologia Lenore Walker disse à mesa como a violência doméstica amiúde gera justamente aqueles traços comportamentais que a comissão tinha incluído na sua definição de masoquismo - abrindo o caminho para erros de diagnóstico e de tratamento de pacientes mulheres e para a possibilidade de maridos violentos, se julgados pela lei, definem os abusos contra as esposas como um problema da mulher. Na sua pesquisa sobre mulheres espancadas, Walker tinha descoberto que muitas vezes a vítima não reage - não porque gosta de ser espancada, mas porque aprendeu que reagir só exaspera a violência do agressor. Estas vítimas também quase sempre não abandonam os seus algozes, não porque gostam de sofrer, mas porque receiam um sofrimento ainda maior se decidirem ir embora; a maioria das mulheres espancadas foram mortas pelos seus carrascos *depois* que abandonaram o lar. Por fim, Walker apresentou a sua pesquisa sobre centenas de mulheres espancadas, na qual não se evidenciava conexão alguma entre distúrbios da personalidade desenvolvidos na infância e espancamentos na idade adulta. O verdadeiro problema, ela disse à mesa, consiste simplesmente no fato de a violência contra as mulheres ser tão amplamente comum. Chega a 50% o número de mulheres que relatam ter sido objeto de violência em certa altura da sua vida. É claro que nem todas elas devem ser masoquistas.

Como resposta, os membros da APA disseram às mulheres que eles nunca tinham sequer examinado qualquer um dos seus estudos - e que nem tentavam fazê-lo. "É irrelevante", comentaria mais tarde Spitzer referindo-se a todas as pesquisas sobre violência doméstica apresentadas. Ele escarnece das estatísticas. Diz que, pelo que pode lembrar, só tratou de duas mulheres que haviam sofrido abusos durante toda a sua carreira, e duvida muito que o índice de abusos chegue "sequer perto" de 50%.

A reunião fora marcada para durar o dia inteiro, mas ao meio-dia Spitzer comunicou que já tinham ouvido o suficiente das mulheres; naquela tarde a

mesa começaria a esboçar os diagnósticos e as mulheres deveriam sair. As terapeutas protestaram e por fim foram informadas de que poderiam permanecer no recinto, mas somente se concordassem em "não falar".

De tarde, as terapeutas feministas voltaram para assistir aos trabalhos da mesa e ficaram angustiadas ao repararem nos procedimentos. Embora os representantes da APA conversassem entre si em busca de uma definição do masoquismo, eles nem chegavam a mencionar pesquisas ou estudos clínicos. Eles apenas enumeravam novas "características" e uma digitadora as introduzia num computador. "A falta de rigor científico era chocante", comentaria mais tarde Renee Garfinkel, uma funcionária da APA que assistiu ao processo. "Os diagnósticos eram definidos por voto majoritário com os mesmos critérios que você usaria para escolher um restaurante. Um está a fim de comida italiana, outro, de chinesa, então vamos todos para uma lanchonete." A certa altura, lembra Lynne Rosewater, diretora do Instituto de Terapia Feminista, "estavam discutindo sobre um aspecto [do distúrbio da personalidade masoquista] e a mulher de Bob Spitzer [Janet Williams] disse: 'Às vezes eu também faço isto', e ele disse 'Muito bem, vamos esquecer o assunto'. Você vê uma coisa destas e fica pensando: 'Espere aí, quer dizer que não temos o direito de criticá-los porque isto aqui é ciência?' Era realmente espantoso. Porque se é assim que eles fazem ciência, então não dá para acreditar em diagnóstico algum".

Depois da reunião, uma chuva de cartas indignadas, um protesto formal da Associação Americana de Psicologia, petições assinadas por milhares de profissionais da saúde mental forçaram a APA a entrar num "acordo": eles mudariam os nomes de alguns dos polêmicos diagnósticos. "Distúrbio da personalidade masoquista", por exemplo, tornou-se "distúrbio da personalidade derrotista"; "distúrbio disfórico pré-menstrual" tornou-se "distúrbio disfórico do fim da fase luteal"; "distúrbio parafilíaco de estupro" tornou-se "distúrbio parafilíaco coercitivo". As definições, entretanto, continuaram as mesmas.

Em dezembro de 1985, uma comissão especial da diretoria da APA concordou em ter uma reunião definitiva sobre o diagnóstico masoquista/derrotista. Mais uma vez as terapeutas vieram protestar, e mais uma vez os psiquiatras mandaram as mulheres embora depois de algumas horas. Depois se trancaram na "Sala Freud" e votaram a favor do diagnóstico do masoquismo.

Naquela primavera, as oponentes feministas continuaram protestando e se organizando. Mas os esforços das mulheres só pareciam endurecer a decisão da comissão masculina. Como um membro da APA diria mais tarde, os membros da diretoria que queriam acabar com os novos distúrbios estavam sendo acusados de "entregar o jogo às mulheres". Quanto à Dra. Bernardez, ao findar o seu prazo no comitê da mulher da APA, ela não foi convidada a renovar. E ela não foi o único membro do comitê a ser punido por falar aber-

tarante contra os novos diagnósticos; um ano depois, o comitê da mulher havia sido purgado de todas as feministas.

No fim, a APA acabou aprovando os diagnósticos do masoquismo e da síndrome pré-menstrual. (O distúrbio parafilíaco de estupro foi temporariamente arquivado, à espera de novos estudos.) Diante dos inúmeros protestos levantados por estes dois diagnósticos, a diretoria da APA fez uma concessão: registrou ambos no apêndice do *DSM* - uma seção supostamente reservada a distúrbios temporários.

Mas até esta qualificação era um ardil. Via de regra, os distúrbios registrados no apêndice não têm os números de código que as empresas de seguro-saúde exigem para os reembolsos. A APA deixa-os sem código de propósito - a fim de desencorajar os profissionais da saúde mental a usar diagnósticos tão controversos na sua prática. Neste caso, entretanto, seguindo as recomendações do Dr. Spitzer, os representantes da APA fizeram uma exceção. Deram um número de código a ambos os diagnósticos. As novas doenças femininas já estavam nos livros.

*Backlash e salários: O preço a ser pago
à mulher que trabalha*

O contra-ataque aos direitos da mulher seria apenas uma entre muitas forças poderosas capazes de criar um clima difícil e doloroso para a mulher trabalhadora. As medidas econômicas de Reagan, a recessão e a expansão do mercado de trabalho de baixa remuneração também ajudaram, de forma bastante considerável, para frear e esvaziar o impulso das mulheres no mercado de trabalho.

Porém, o backlash fez mais do que apenas cercear as oportunidades de trabalho, de promoções e de melhores salários das mulheres. Os seus porta-vozes ocultaram das mulheres a notícia de muitos destes reveses. Não só o backlash provocou sérios prejuízos às trabalhadoras, como também o fez às escondidas. A administração Reagan minimizou ou simplesmente arquivou relatórios que revelavam a amplitude da decadência da condição da mulher que trabalha. As grandes empresas afirmavam que o número de mulheres e de suas promoções estava mais alto do que nunca. E a imprensa não se dava ao trabalho de averiguar. Quando, nos anos 80, a situação da mulher trabalhadora tornou-se cada vez mais perigosa, a mídia do contra-ataque divulgou notícias ainda mais manipuladas - assegurando que o único problema das mulheres que trabalhavam fora era que elas queriam ficar mais em casa.

Muitos mitos acerca das "cada vez melhores" condições da mulher que trabalha circularam com todo o estardalhaço nos anos 80 - enquanto algumas decepcionantes e *reais* tendências enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho mal conseguiam aparecer na imprensa. Aqui estão alguns exemplos.

Notícias veiculadas sobre a condição salarial da mulher:

A DEFASAGEM SALARIAL ENTRE OS SEXOS ESTÁ ACABANDO!

A diferença entre o salário médio de um homem e o de uma mulher, diziam-nos em 1986, havia repentinamente diminuído. Mulheres trabalhando em tempo integral estariam agora ganhando inusitados 70 centavos para cada dólar dos homens. Os editoriais dos jornais festejavam e pediam que as feministas tirassem os "obsoletos" distintivos de protesto contra o salário de 59 centavos para cada dólar dos homens.

A verdade que deveríamos ter visto veiculada:

NÃO ADIANTOU! ESTAMOS DE VOLTA À DEFAZAGEM DOS ANOS 50

A defasagem salarial *não* melhorou por 70 centavos de dólar em 1986. As mulheres que trabalhavam em horário integral só conseguiam 64 centavos para cada dólar dos homens naquele ano, uma situação na verdade um pouco *pior* do que no ano anterior - e exatamente a mesma defasagem que elas tinham enfrentado em 1955.

A imprensa tirou o número de 70 centavos de um único relatório do Censo que na verdade se baseava em dados de outro ano e se afastava dos padrões metodológicos costumeiros para o cálculo da defasagem. Este relatório inchava artificialmente os rendimentos das mulheres usando os salários semanais em lugar da renda anual - dilatando grosseiramente, portanto, o salário dos trabalhadores em regime de meio expediente, um grupo eminentemente feminino, que não trabalha o ano todo. Mais tarde, o Censo calculou a defasagem de 1986 usando a fórmula padronizada e chegou a 64 centavos. Este relatório, entretanto, conseguiu passar despercebido pela mídia.

Naquele ano, com efeito, a defasagem salarial só tinha "melhorado" para as mulheres menos de cinco pontos percentuais em relação a 1979. E quase a metade desta melhora devia-se à queda dos salários dos homens, e não ao aumento da renda das mulheres. Se deixarmos de considerar como fator de cálculo a redução dos vencimentos masculinos, a defasagem só tinha ganho 3 pontos percentuais.

Em 1988 as mulheres com diploma universitário ainda podiam usar o famoso distintivo dos 59 centavos. A defasagem salarial para elas, com efeito, estava um pouco pior do que cinco anos antes. As mulheres negras, que praticamente nada progrediram na década, também podiam continuar usando o distintivo dos 59 centavos. Mulheres idosas ou de origem hispânica já não podiam - mas só porque a sua defasagem salarial era pior ainda do que 59 centavos. As idosas estavam na verdade ganhando proporcionalmente menos do que em 1968, quando haviam conseguido 61 centavos por hora para cada dólar dos homens; em 1986, tinham caído para 58 centavos. E as hispânicas, em 1988, se viram numa situação ainda pior: estavam ganhando 54 centavos para cada dólar ganho por um homem branco.

Como salientou o Departamento de Trabalho, a defasagem salarial também estava piorando em muitas profissões liberais, desde roteiristas até corretoras de imóveis. Em 1989, a defasagem salarial de mulheres trabalhando em horário integral em cargos gerenciais estava novamente piorando; naquele ano, enquanto a média dos gerentes homens gozava de um aumento de 4% em seus rendimentos, a sua contraparte feminina não teve crescimento algum. E a defasagem crescia mais naqueles mesmos setores em que o emprego feminino mais havia desenvolvido, uma lista que inclui preparação de comida e supervisão de serviços. Nas relações públicas, onde as mulheres

havam dobrado de número na década, a defasagem salarial aumentou tanto que a professora de comunicação Elizabeth Lance Toth, que acompanha a condição da mulher nesta profissão, avisou: "Com quarenta anos de carreira, uma mulher terá perdido um milhão de dólares só por causa do seu sexo."

A notícia que todos nós lemos ao entrar no mercado de trabalho:

AS MULHERES INVADEM O MUNDO DOS HOMENS!

As mulheres entraram em massa em profissões tradicionalmente "masculinas". Uma onda de mulheres em seus terninhos e *tailleurs* de executiva abandonaram seus guetos cor-de-rosa e invadiram Wall Street, firmas de advocacia e os escritórios das grandes empresas. Outras mulheres afivelaram botas do exército, protegeram a cabeça com capacetes e se espalharam por fábricas tipicamente masculinas de militares e operários.

A notícia que deveríamos ter lido:

CADA VEZ MAIS MULHERES ATOLADAS EM EMPREGOS DE SECRETÁRIA.

Embora o nível de segregação sexual no emprego houvesse diminuído 9% nos anos 70 - a primeira vez que as coisas haviam melhorado neste século -, este progresso parou nos anos 80. O Departamento de Estatísticas Trabalhistas não demorou para apontar uma força de trabalho sexualmente mais discriminada. Esta era uma pílula econômica bastante amarga para as mulheres: a discriminação na força de trabalho chega a representar 45% da defasagem salarial entre os sexos. (Segundo uma estimativa, cada aumento de 10% no número de mulheres numa determinada atividade, equivale aproximadamente a uma queda de 700 dólares por ano nos salários das mulheres.) Uma força de trabalho novamente segregada foi uma das razões pelas quais os rendimentos das mulheres caíram nos anos 80; em 1986, o número de mulheres que levavam para casa salários no nível da pobreza era maior do que em 1973.

As mulheres estavam engrossando as fileiras de muitos guetos de trabalho mal remunerado. A já notável proporção de mulheres ocupando cargos subordinados em escritórios deu um salto de quase 40% no começo dos anos 80, mais alta do que havia sido em 1970. No fim dos anos 80, a proporção de mulheres confinadas a serviços tradicionalmente femininos também havia crescido na indústria. Uma longa lista de atividades tradicionalmente "femininas" tornou-se ainda *mais* dominada por mulheres, como por exemplo o ramo de vendas nas lojas, o serviço de limpeza, de preparação de comida, além dos cargos de recepcionista, secretária e auxiliar de escritório. A proporção de contadoras, por exemplo, subiu de 88 para 93% entre 1979 e 1986. As mulheres negras, em particular, eram mais uma vez segregadas para ocupações tradicionalmente femininas tais como babás, professoras, secreta-

nas e assistentes sociais. E o mesmo acontecia nos escritórios do maior empregador do país, o governo federal. Entre 1976 e 1986, o número de mulheres nos níveis mais baixos do funcionalismo público passou de 67 para 71%. (Ao mesmo tempo, no topo da pirâmide, a proporção de mulheres nos mais altos cargos executivos permanecia a mesma desde 1979 - continuava sendo míngua dos 8%. E a taxa de mulheres nomeadas para altos cargos havia caído tanto que, no começo dos anos 80, menos de um por cento dos funcionários de nível 13 e 14 eram mulheres.)

Nos poucos casos em que as mulheres realmente conseguiram avanços significativos nos domínios masculinos, elas só eram admitidas por falta da mão-de-obra masculina. Como demonstrou um estudo trabalhista da socióloga Barbara Reskin, nas dezenas de atividades onde as mulheres mais tinham feito progressos em setores antes masculinos - uma lista que abrangia desde composição gráfica até cálculo de seguros e produtos farmacêuticos - as mulheres só conseguiram alguma coisa porque o salário e o status destes empregos se haviam deteriorado drasticamente e os homens estavam caindo fora. O advento dos computadores, por exemplo, havia rebaixado os homens de compositores tipográficos para digitadores; as grandes redes de drogarias haviam transformado farmacêuticos independentes em meros balconistas mal remunerados. Outras pesquisas sobre os "avanços" das mulheres em gerência bancária descobriram que na maioria dos casos as mulheres estavam apenas herdando empregos que os homens já não queriam porque o seu salário, poder e prestígio haviam sido drasticamente reduzidos. E outra análise das mudanças no setor ocupacional concluiu que um terço do crescimento da mão-de-obra feminina nos transportes e metade do crescimento nos serviços financeiros simplesmente deviam-se à perda de prestígio dos empregos que as mulheres estavam conseguindo nestas duas profissões.

Em muitas das mais lucrativas atividades de colarinho-branco, onde o sucesso das mulheres foi mais ostensivamente enfatizado pela mídia, os índices de progresso estavam praticamente estagnados no fim da década. Na verdade, a proporção de mulheres em alguns dos setores mais elitistas ou sofisticados diminuiu ligeiramente na segunda metade dos anos 80. Atletas profissionais, roteiristas de cinema e TV, locutores de comerciais, produtores musicais e teatrais, economistas, geólogos, biólogos e naturalistas alinhavam agora *menos* mulheres em suas fileiras do que acontecia uma década antes.

Os esbaforidos relatos acerca de multidões de mulheres "carreiristas" invadindo profissões de elite tais como advocacia e medicina eram muito exagerados. Entre 1972 e 1988, as mulheres só aumentaram o seu quinhão nestas profissões numa proporção de 5%. De fato, de todas as mulheres que trabalhavam, só havia 2% a mais nestas especialidades profissionais em 1988 em relação a quinze anos antes - e este aumento devia-se principal-

mente aos progressos dos primeiros anos da década de 1980, pois em seguida tudo se estagnou.

Na prática não houve progresso algum nos mais altos níveis da hierarquia das grandes empresas. Na verdade, segundo inúmeras pesquisas isoladas, nos mais altos cargos de muitas empresas, desde agências publicitárias até cadeias de lojas, o já diminuto número de mulheres estava mais uma vez começando a encolher no fim da década. A taxa de crescimento da presença de mulheres nas 1.000 diretorias da revista *Fortune* começou a cair no fim dos anos 80, depois que o número delas nos cargos de diretoria só tinha alcançado 6,8%. Até os muitos relatos acerca do cada vez maior número de "empreendedoras" montando as suas próprias empresas disfarçavam a verdade feijão-com-arroz: a maioria dos negócios pertencentes a mulheres brancas tinha um faturamento inferior a 5 mil dólares por ano.

Com Reagan no governo, o progresso das mulheres no setor militar ficou logo sob fogo cerrado. Em meados dos anos 70, depois de o limite máximo permitido de recrutas mulheres ter sido dilatado e de terem sido reformuladas as especificações para combate, abrindo mais vagas para as mulheres, o número delas nas forças armadas dera um salto - um aumento de quase 800% até 1980. Mas logo após a eleição de Reagan, o novo chefe do estado-maior do Exército declarou: "Decidi sustar ulteriores aumentos do número de mulheres nas forças armadas" - e já em 1982 o Exército revisara as especificações para combate excluindo as mulheres de 23 tipos de atividades. Em todos os setores refrearam-se os esforços de recrutamento, diminuindo desta forma o crescimento do número de mulheres nas forças armadas ao longo dos anos 80.

O setor de produção tampouco dava notícias melhores. Depois de 1983, conforme relatou discretamente um estudo do Departamento do Trabalho, as mulheres não conseguiram progresso algum na sua tentativa de penetrar no setor melhor remunerado dos colarinhos-azuis. Em 1988, a diminuta proporção de mulheres que tinham conseguido entrar nestes ofícios já estava se encolhendo numa longa lista de categorias trabalhistas, desde eletricitas e encanadoras até operárias automobilísticas e operadoras de máquinas. As já reduzidas fileiras de carpinteiras, por exemplo, foram cortadas pela metade, caindo para 0,5%, entre 1979 e 1986. Mais acima na pirâmide, as mulheres com cargo de inspetoras de obra tiveram o seu número reduzido de 7 para 5,4% entre 1983 e 1988.

E onde houve algum progresso no setor de produção, os acréscimos foram praticamente irrelevantes para as mulheres. A proporção de mulheres na construção civil, por exemplo, aumentou de 1,1 para 1,4% entre 1978 e 1988. As mulheres que obtiveram os maiores progressos foram as motoristas de veículos - mais que dobrando o seu número entre 1972 e 1985 - mas isto só aconteceu porque elas estavam sendo contratadas para dirigir ônibus

escolares, um trabalho tipicamente de meio expediente com o pior salário e os piores benefícios de todo o setor de transportes.

A notícia que todos lemos acerca da igualdade de oportunidades:

DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO: UMA REALIDADE EM EXTINÇÃO!

As grandes empresas, éramos informados, estavam agora recebendo as mulheres de braços abertos. "Praticamente todos os grandes empregadores estão agora do lado [das mulheres]", assegurava às suas leitoras a *Working Woman* em 1986. A discriminação estava caindo, o tratamento desigual em relação às trabalhadoras estava desaparecendo - e qualquer informe dizendo o contrário era apenas "propaganda de partes interessadas", como chegou a afirmar a *Forbes* em 1989 - na sua matéria sobre a "diminuição" da discriminação sexual no trabalho.

A notícia que deveríamos ter lido:

AGORA MAIS DO QUE NUNCA: DESIGUALDADE E INTIMIDAÇÃO

Notícias de discriminação e assédio sexual alcançaram verdadeiros recordes na década - tanto no funcionalismo público quanto no setor privado. As queixas das mulheres quanto à discriminação sexual aumentaram, junto à Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego, de quase 25% durante a administração Reagan - e de 40%, somente na primeira metade da década entre as funcionárias públicas federais. As queixas de demissão, rebaixamento e remoção por motivos de sexo aumentaram 30%. Os maus-tratos generalizados, sem contarmos os casos de assédio sexual, aumentaram mais de 200%. E embora o escritório de relações públicas da Comissão emitisse boletins informando que a incidência de assédio sexual estava diminuindo nas empresas, os seus próprios dados mostravam que os processos judiciais por assédio sexual aumentaram 70% entre 1981 e 1989.

Ao longo de quase toda a década, as mulheres tiveram uma probabilidade muito maior de perder os empregos ou de ter os seus salários cortados, e as tentativas legais para remediar tal desequilíbrio não conseguiram nada nos tribunais. E apesar do que a imprensa pudesse dizer, as demissões em massa dos anos 80 exigiram da mulher trabalhadora no setor de serviços um preço muito maior do que o pago pelos homens empregados nas fábricas - o setor de serviços foi responsável por quase a metade das demissões ocorridas na década, quase 10% mais do que o de produção. E mesmo entre os trabalhadores de fábrica, as mulheres tiveram taxas de desemprego mais altas que os homens. Na "redução dos quadros" do funcionalismo público no começo dos anos 80, as mulheres que ocupavam os cargos mais remunerados também foram dispensadas numa proporção duas vezes maior em relação aos homens. Muito mais mulheres do que homens também eram forçadas a entrar no mercado de trabalho de meio expediente, onde as mulheres encara-

vam a excepcional defasagem salarial de 52 centavos para cada dólar dos homens, enfrentando condições de trabalho quase sem segurança, assistência social, benefícios ou plano de aposentadoria. Até entre trabalhadores afastados que conseguiam renegociar uma contratação, as mulheres levavam a pior. Mulheres recontratadas deviam sujeitar-se a cortes nos salários de 16%, quase o dobro da perda das suas contrapartes masculinas.

Se nos anos 80 ouvimos falar pouco de discriminação nos locais de trabalho, em parte isto foi porque o governo federal tinha silenciado, ou despedido, os seus investigadores da igualdade de condições. Ao mesmo tempo em que a Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego via seus arquivos enchendo-se de queixas sobre discriminação sexual, a administração Reagan cortava o orçamento da agência pela metade e arquivava os casos a serem examinados. No ano em que Reagan assumiu a presidência, a Comissão tinha em andamento 25 ações judiciais coletivas; no ano seguinte, não tinha nenhuma. A agência reduziu o número de causas trabalhistas por ela movidas em mais de 300%. Um relatório da Comissão Parlamentar de Educação e Trabalho descobriu que na primeira metade dos anos 80 o número de vítimas de discriminação sexual recebendo indenização caíra dois terços. Em 1987, um estudo do Tribunal de Contas averiguou que os escritórios distritais da Comissão e as agências estaduais para igualdade de oportunidades de emprego estavam arquivando de 40 a 80% dos casos sem a devida investigação ou sem nenhum tipo de exame.

O mesmo acontecia nos demais órgãos federais encarregados do cumprimento das normas de igualdade de oportunidade para mulheres e grupos minoritários. No departamento de execução de contratos federais, por exemplo, o pagamento de salários atrasados caiu de 9,3 milhões em 1980 para 600 mil dólares em 1983; o número de empreiteiras contratadas pelo governo que esta agência excluiu das obras federais devido à discriminação caiu de cinco no ano anterior à posse de Reagan para nenhuma no ano seguinte. Com efeito, numa pesquisa de 1982, todos os funcionários da Comissão entrevistados disseram *não* ter encontrado uma empresa sequer que não estivesse em conformidade com a lei. Isto não queria dizer que as empreiteiras americanas tivessem de repente mudado: a maioria das empresas pesquisadas simplesmente disse que já não estava sendo pressionada para o cumprimento das normas do governo.

Um estudo metódico dos padrões ocupacionais das mulheres nos anos 80 não estaria dentro das finalidades deste livro. Mas podemos contar a história de algumas mulheres que ocupavam posições-chave em seus setores - desde funcionárias na mídia até sofisticadas representantes de vendas e esforçadas operárias. São mulheres que, de alguma forma, se levantavam

contra as investidas do contra-ataque na força de trabalho, atacavam as barreiras construídas pelos empregadores, os colegas de trabalho, os juizes, os funcionários do governo e até as estudiosas "feministas". Mulheres que enfrentaram o ridículo, o ostracismo, as ameaças e até os ataques físicos - só porque tentavam apenas ganhar a vida.

MULHERES NA MÍDIA

A atividade das mulheres na imprensa escrita e falada merece especial atenção devido ao papel fundamental da mídia na propagação dos mitos do contra-ataque. Se os jornais, as revistas e as emissoras de televisão tivessem funcionários e dirigentes mais condizentes com a proporção de mulheres na população em geral, talvez tivessem divulgado todas as tendências do contra-ataque dos anos 80 exatamente da mesma forma. Mas talvez, quem sabe, poderiam ter contado uma outra história.

No inverno de 1988, algumas figuras proeminentes da mídia reuniram-se num palanque na Universidade da Califórnia do Sul para uma conferência de três dias intitulada "Mulheres, Homens e Mídia: Avanços e Recuos". Mas com o passar das horas e com cada orador dando o seu recado, tornou-se cada vez mais difícil perceber os avanços em meio a tantos recuos.

Quatro executivas da mídia haviam sido incluídas no grupo, um ano antes, para representarem as "Mulheres de Sucesso"; mas quando chegou a hora da conferência, três delas já não ocupavam mais os seus altos cargos. As mulheres do grupo disseram que não estavam nem um pouco surpresas. "As mulheres nem conseguiram chegar perto do poder e já são visíveis os sinais de recuo", disse à platéia a jornalista de televisão Marcia Brandwynne. Jennifer Siebens, uma locutora da CBS, classificou a situação no seu ramo de "extraordinariamente sombria" e advertiu as jovens presentes: "Qualquer uma que fique pensando na possibilidade de tornar-se uma séria comentarista nas grandes redes nacionais ou, o que é mais crítico, nas emissoras locais, pode esquecer." A ex-vice-presidente da ABC, Marlene Sanders, a primeira âncora de um noticiário surgida em 1964, informou que agora as mulheres estavam enfrentando na ABC o mesmo conjunto de dificuldades que "tentamos resolver dez anos atrás".

Os relatos fornecidos pelo público eram igualmente desanimadores: uma antiga produtora de noticiários locais contou o que aconteceu na sua estação quando a emissora decidiu "cortar os custos" no departamento de notícias - todas as mulheres da equipe foram demitidas. A repórter Catherine Cummings relatou: "Há menos oportunidades, agora... a coisa está pior do que há quinze anos, quando comecei. Está muito pior." Até no jornal da universidade, o *Daily Trojan*, uma estudante de jornalismo informou que a representa-

ção das mulheres estava minguando, só dois dos dezesseis editores sêniores eram mulheres.

Em outros tempos um tal desabafo por parte de mulheres trabalhadoras poderia ter provocado indignação, exigindo ação imediata. Mas de acordo com o tom resignado e mais "femininamente" decoroso que tantas vezes prevalece em épocas de contra-ataque, um bom número de oradoras desaconselhou processos judiciais ou confrontações, e as líderes da conferência só apoiaram a formação de uma comissão permanente que "monitoraria" os acontecimentos e reunir-se-ia uma vez por ano. Na hora de encontrar um culpado, algumas das oradoras simplesmente culpavam as mulheres - ou o movimento feminista. Linda Alvarez, uma das coordenadoras de um noticiário diário da KNBC em Burbank, declarou que as mulheres tinham infinitas oportunidades na sua emissora e que a única coisa que as mantinha por baixo no mundo das notícias era a "atitude" delas - algumas mulheres simplesmente não se esforçavam bastante. (Alvarez não mencionou que sua emissora estava sendo processada por discriminação sexual, acusada de promover repetidamente homens com pouca experiência em suas equipes, em detrimento de funcionárias veteranas.) A participante da mesa Anne Taylor Fleming, então colunista do *New York Times*, não fez nenhum comentário crítico acerca de seu empregador. Mas ficou contente em criticar o feminismo por piorar os problemas das mulheres. O movimento tirou a mulher do caminho certo, ela acusou, ao centralizar os seus esforços na obtenção de maior sucesso e poder para a mulher. "O poder é uma palavra masculina. Meu lado feminino se recusa a aceitá-la." Seu discurso foi muito aplaudido.

No começo dos anos 70, estimulada por uma constante pressão da Organização Nacional das Mulheres, a legislação federal culminou com a Lei da Igualdade de Oportunidades de Emprego de 1972. Esta lei foi a primeira a permitir o ingresso de mulheres nos jornais e nas emissoras em número significativo. Como resultado, um grupo de mulheres que acabariam se tornando as mais notáveis comentaristas daquela geração entrou nas emissoras mais ou menos ao mesmo tempo. Durante o governo Carter, a presença das mulheres na mídia continuou aumentando devido ao rigoroso cumprimento da lei imposto pela Comissão Federal de Comunicações (FCC, em inglês) assim como pelas numerosas ações legais promovidas pelas próprias jornalistas. Estas querelas levaram a uma série de regulamentações exigindo dos donos das redes medidas para contratar e promover as mulheres, assim como para igualar os salários.

Mas o novo chefe da FCC de Reagan, Mark Fowler, como tantos outros homens de Reagan, procurou logo abolir os regulamentos da sua própria agência. Durante a sua gerência, a FCC cortou drasticamente as informações

que compilava sobre empregados mulheres ou de grupos minoritários, tornando praticamente impossível documentar a discriminação nas salas dos tribunais.

Com o desaparecimento da pressão do governo, os pequenos progressos que as mulheres haviam conseguido nas redes de televisão começaram a desfazer-se. Antes, as emissoras em rede só haviam tido duas mulheres âncoras nos seus programas de notícias do horário nobre, Marlene Sanders e Barbara Walters; no fim dos anos 80 já não tinham nenhuma. A CBS forçou a saída de Sanders, uma comentarista apreciada e experiente, "transferindo-a" para um programa radiofônico da madrugada normalmente reservado a repórteres iniciantes. Charlayne Hunter-Gault, uma das primeiras mulheres negras a conduzir um informativo em rede nacional, foi deslocada para um programa secundário com as funções de âncora-assistente. A correspondente de "60 Minutes", Meredith Vieira, foi demitida porque estava grávida e queria temporariamente trabalhar em regime de meio expediente. Em 1990, até um dos chavões preferidos pelo contra-ataque - o inexorável relógio biológico - ajudou a tirar mais um familiar rosto feminino da telinha. Connie Chung, da CBS, anunciou que estava reduzindo drasticamente as suas atividades como âncora - e aceitando um corte de 800 mil dólares nos seus vencimentos - porque precisava "encarar agressivamente" a possibilidade de ficar grávida.

As redes de televisão decidiram dispensar as apresentadoras que estavam "envelhecendo", substituindo-as por homens muito mais velhos ou por mulheres muito mais jovens - pela metade do salário.

Este padrão tornava-se ainda mais evidente nas emissoras locais. "A maioria das duplas mistas de âncoras nas estações locais", observou Marlene Sanders, "se parece com o segundo casamento da maioria dos homens." Na mais comentada demissão de uma apresentadora de uma emissora local, Christine Craft, da KMBC-TV do Kansas, foi rebaixada a repórter em 1982, pois foi considerada "sem graça, velha demais e não suficientemente respeitosa em relação aos homens". Quando um júri, num processo posterior, decidiu em favor dela, o juiz simplesmente ignorou o veredicto dos jurados e repreendeu duramente Craft por sua "evidente indiferença com a aparência".

Conforme revelou a pesquisa nacional da Associação dos Diretores de Noticiários Rádio-Televisivos, em 1983 o número de apresentadoras estava diminuindo em todo o país. Em 1989, só oito mulheres estavam entre os cem correspondentes vistos com mais frequência - comparadas com quinze de apenas um ano antes. E os problemas enfrentados pelas apresentadoras refletiam-se em toda a gama dos empregos na TV: o número de comentaristas esportivas, por exemplo, caiu de 2 para 0,4% entre 1977 e 1987. E nos cargos mais altos das emissoras, o já reduzido número de mulheres com poder de decisão ficou igual ou diminuiu. Um estudo de 1987 descobriu que

as mulheres representavam cerca de 6% de todos os vice-presidentes, gerentes gerais e presidentes de emissora - praticamente os mesmos valores de 1978. Na CBS, o número de mulheres vice-presidentes tinha caído de quatro para uma; na NBC, de uma para nenhuma.

Enquanto isto, nos maiores jornais, as disposições transitórias negociadas nos tribunais estavam expirando em meados dos anos 80 - e com elas também desaparecia o entusiasmo da mídia pela igualdade de oportunidades. Depois de 1982, como provou uma pesquisa feita pela Universidade do Estado de Ohio, os progressos para melhorar a proporção entre os sexos nas salas de imprensa pararam. Conforme os resultados de um estudo sindical, a defasagem salarial entre os sexos no *Washington Post* se agravou depois de 1985 - o último ano de validade de um acordo feito pelo jornal a fim de resolver uma ação trabalhista por discriminação sexual. Sempre segundo uma pesquisa sindical, em 1987, as mulheres brancas no *Post* estavam ganhando em média 204 dólares a menos por semana do que os homens, e a defasagem das repórteres negras havia dobrado em cinco anos. Enquanto o acordo entre as partes se manteve válido, a defasagem salarial no *New York Times* fora lentamente amenizada - mas quando o acordo expirou, mais uma vez a diferença começou a aumentar. Em 1989, a representação das mulheres nos quadros do *New York Times* não tinha melhorado muito. O número total de mulheres empregadas como repórteres, comentaristas e correspondentes era de cinquenta e quatro, só quatorze a mais do que em 1972. O departamento de esporte do *New York Times* não tinha repórter alguma em 1972; em 1989, tinha uma.

Depois de 1982, também perdeu impulso o esforço para se promover mulheres aos cargos mais altos nos jornais. Depois de alcançar um "pico" de 2% em 1982, os progressos anuais feitos pelas mulheres que alcançavam cargos de direção reduziram-se a 0,5% em 1984, mantendo-se praticamente neste nível pelo resto da década. No fim dos anos 80, 76% dos jornais diários não tinham mulher alguma ocupando o cargo de diretor, diretor-executivo, diretor-administrativo, redator-chefe ou qualquer outro cargo com funções equivalentes, conforme um levantamento nacional feito pela Associação Americana de Redatores de Jornais. Apesar desses dados desanimadores num encontro promovido pela Associação sobre a situação das mulheres em 1988, o diretor-executivo do *Washington Post*, Ben Bradlee, afirmou com a maior seriedade que a presença da mulher nas diretorias da imprensa "tinha mudado drasticamente nos últimos dez anos".

O problema nada tinha a ver com a falta de candidatas. O desejo de empregar-se na mídia era, nas mulheres, mais forte do que nunca. O número de mulheres que freqüentavam faculdades de jornalismo havia dado um salto, e dois terços de todos os formados nestas faculdades ao longo da década eram mulheres. Um levantamento corporativo de 1989 descobriu que estas

jornalistas até tinham notas e ambições mais altas do que os seus colegas homens. Apesar disto, neste mesmo período, as salas de imprensa continuaram sendo 65% masculinas e continuava-se contratando mais homens que mulheres. Nos maiores jornais diários as mulheres representavam apenas um terço dos quadros. Com efeito, elas só eram maioria nos pequenos jornais periféricos com salários abaixo dos padrões.

Por incrível que pareça, logo quando as condições da mulher estavam piorando em todas as frentes, começaram a aparecer queixas nos jornais e nas emissoras de pessoas afirmando que o setor tinha "mulheres demais". O modo de que a profissão se "feminizasse" pode ter sido exacerbado pela tendência dos departamentos de pessoal da mídia usarem normalmente o argumento da paridade ao rejeitarem os candidatos homens e brancos. "Eu vi cartas de rejeição dizendo: 'Sinto muito, mas tivemos que contratar um negro ou uma mulher', quando o motivo real pelo qual não contrataram o sujeito era a sua falta de qualificações", diz um redator que assistiu pessoalmente a essas práticas no *New York Times*.

O verdadeiro problema dos homens da mídia não era que havia "mulheres demais" mas sim que havia menos empregos no jornalismo. Fusões corporativas, queda no volume de anúncios, redução da circulação, declínio dos jornais vespertinos e uma fatia de mercado cada vez menor para os noticiários de TV - foram todas forças que ajudaram a cortar empregos na imprensa escrita e a provocar, nas emissoras, as demissões em massa dos anos 80, demissões que, apesar das queixas masculinas, atingiram as mulheres muito mais do que os homens.

Diante do clima de recessão econômica, e influenciado pelo backlash, das salas de imprensa dos anos 80, as jornalistas começaram a se afastar das táticas mais agressivas que a geração anterior havia usado para reclamar os seus direitos. Hesitavam diante da possibilidade de ter o mesmo destino de antigas ativistas feministas. Na NBC, duas produtoras que haviam desempenhado um relevante papel numa ação contra a emissora por discriminação sexual foram demitidas e substituídas por dois homens brancos mais jovens -com o mesmo salário. No *New York Times*, todas as queixosas de uma ação por discriminação sexual sofreram graves retrocessos na carreira, e muitas tiveram que deixar o jornal. Estas histórias não inspiravam nem um pouco as que permaneciam na luta a seguir o mesmo caminho. "Ao que parece, estamos cheirando a dinamite, e isto deixa as mulheres mais jovens apavoradas", observou Betsy Wade, uma figura central da ação movida contra o *New York Times*, ela mesma deslocada para o horário da madrugada.

Não causa surpresa que as mulheres fiquem cada vez mais relutantes em agir coletivamente contra a discriminação como fizeram nos anos 70. Na reunião de 1986 da União Nacional de Escritores, uma jornalista salientou a erosão dos avanços das mulheres na mídia e propôs a formação de um con-

selho de mulheres. Como ela escreveria mais tarde: "A resposta do grupo foi informativa, embora deprimentemente presumível. Todas as mulheres que falaram depois de mim concordaram com a minha exposição da situação, e cada uma tinha uma história de discriminação sexual para contar. Ao mesmo tempo, todas elas fizeram questão de dizer que não eram feministas e que não tencionavam formar um conselho de mulheres."

Duas tentativas de organizar as mulheres nos anos 80, na NBC e na ABC, foram duramente reprimidas pela resistência das diretorias. Na NBC, as mulheres se organizaram num comitê e consideraram a possibilidade de desafio na justiça. Logo em seguida, em setembro de 1984, a emissora anunciou uma nova rodada de demissões que atingiu mais duramente as mulheres; quando, por exemplo, a NBC demitiu funcionários da sua unidade de documentários, nove dos dez despedidos eram mulheres. O comitê de mulheres logo abandonou as suas intenções litigiosas e começou a chamar as suas reuniões de meras "sessões de apoio".

Em meados dos anos 80, a ABC era lamentavelmente notória pelo seu fraco desempenho como empregadora de mulheres. Tinha os piores índices entre todas as emissoras na contratação e promoção de mulheres; em 1986, não tinha nenhuma produtora executiva e só tinha uma mulher como chefe de escritório. Naquele ano as mulheres só haviam sido responsáveis por 12% das matérias dos noticiários vespertinos. E a emissora apresentou um aumento da defasagem salarial de 30%, além de alguns eméritos casos de assédio sexual.

Em 1983, chegou aos escritórios da ABC em Washington, Rita Flynn, uma calejada profissional com dez anos de experiência jornalística na CBS. O seu novo empregador, entretanto, tratou a ela e às demais repórteres mulheres como novatas, recusando-se a dar-lhes matérias importantes e maior tempo no ar. Depois de algum tempo, as repórteres decidiram reunir-se num jantar para discutir a situação. "Nenhuma de nós jamais conseguira apresentar-se no horário nobre, portanto não havia problema para jantarmos juntas", Flynn comenta com amargura. Quando as mulheres compararam as suas histórias, chegaram à conclusão de que tinham condição para mover uma ação judicial por discriminação. Começaram a juntar dados estatísticos sobre emprego e salário de mulheres na emissora. Flynn encontrou-se com um advogado trabalhista.

Uma década antes, estas queixas logo teriam levado a emissora a oferecer um acordo para evitar um embaraçoso e prejudicial processo. Mas no ambiente dos anos 80, os executivos da companhia estavam mais dispostos a fincar o pé. Foram precisos meses de insistentes pedidos por parte das mulheres apenas para conseguir uma entrevista com o presidente do setor jornalístico da ABC, Boone Arledge. No encontro, a comissão de mulheres apresentou os seus dados e queixas; o executivo refutou tudo, e a entrevista

estava acabada. A diretoria da ABC só fez uma concessão: promoveu uma mulher, de confiança da empresa, para vice-presidente de relações públicas. Como defensora da emissora neste trabalho tradicionalmente feminino, ela apoiava os interesses da rede, e não os das mulheres, defendendo diante da imprensa o tratamento que a emissora dava às mulheres.

O desânimo veio então de um outro setor da ABC, quando o tratamento que uma mulher recebeu serviu de amarga lição para muitas outras. Cecily Coleman, diretora-executiva do Comitê Consultivo de Educação Eleitoral da ABC, tinha apresentado uma queixa confidencial de assédio sexual contra James Abernathy, vice-presidente administrativo da organização. Coleman dizia que ele a assediara repetidamente - encurralando-a no seu escritório para agarrá-la e acariciá-la, procurando entrar no quarto de hotel dela durante viagens de negócios e deixando entender que ela perderia o emprego se não se sujeitasse aos seus desejos. Em lugar de investigar a sua queixa, a emissora despediu-a no ato.

Como uma das mulheres da comissão comentaria mais tarde, as participantes da comissão "não demoraram em recuar" após a demissão de Cecily Coleman. "Era como se alguém tivesse jogado uma cobra num estábulo cheio de cavalos e todo mundo ficasse dando pinotes." O número de participantes da comissão caiu para meia dúzia e o grupo desistiu das suas exigências.

Rita Flynn, uma das mais decididas mulheres da comissão, descobriu de repente que a sua carreira tinha chegado num ponto morto. Primeiro ela fora destinada ao horário do fim de semana - com a desculpa de que era uma "promoção". Depois foi afastada da Casa Branca e transferida para locais onde só acontecem coisas sem importância. Pouco depois já não era mais convidada para os acontecimentos sociais do escritório e começou a ser evitada pelas nervosas colegas. Por ter consultado um advogado trabalhista e falado com a imprensa, "eu era realmente considerada a maçã podre".

Depois de algum tempo, a experiência deixou-a prostrada. Quando ofereceram ao seu marido um emprego num jornal de Portland, no Oregon, ela deixou a ABC e mudou-se com ele, confiando que iria encontrar um trabalho no Oeste mais esclarecido. Quando chegou ao Oregon, entretanto, descobriu que a sua reputação a antecederia. O gerente geral de uma das repetidoras da rede disse ter ouvido que ela era "uma criadora de casos feminista em tempo integral". Nenhuma estação de TV no Oregon queria ter contato com ela. Depois que o marido de Flynn a abandonou, ela teve que se contentar em trabalhar num banco e em arrumar esporádicos serviços de relações públicas como free-lance para o seu sustento.

Na fim, toda a experiência pela qual passou levou-a a uma única conclusão: "Estou mais convencida do que nunca de que estamos vivendo num mundo de homens."

Nem todas as mulheres americanas, obviamente, têm a sorte de arrumar

um emprego numa profissão de classe média como o jornalismo. E isto era ainda mais verdade nos anos 80, quando o aumento real das vagas só acontecia nos níveis mais baixos do setor de serviços. Só nos primeiros cinco anos da década, criaram-se quase 7 milhões de novos empregos nos setores, mal pagos e dominados pelas mulheres, de vendas e serviços. Enquanto no fim da década havia 146.000 mulheres redatoras e repórteres, o número de balconistas, uma das atividades de pior remuneração, era de 4,2 milhões.

As balconistas americanas sofrem de uma das maiores defasagens de salário feminino em qualquer setor e conseguem menos do que os homens em qualquer outra atividade, mesmo diarista. No comércio varejista, isto aconteceu principalmente porque a maioria das lojas de departamentos ainda funciona como um núcleo familiar tradicional, com as mulheres espanando os balcões de cosméticos e ajeitando as fileiras de roupas nos departamentos "femininos" de baixo salário, enquanto os homens ajustam televisores ou ligam complicados sistemas nos departamentos mais "lucrativos" - conseguindo boas comissões nestas vendas. Conforme os registros do Departamento do Trabalho, na década do contra-ataque as fileiras de mulheres relegadas aos balcões de venda engrossaram-se ainda mais - e a pequena proporção de mulheres em setores "masculinizados" tais como utensílios e ferramentas, material de construção, autopeças e móveis voltou a diminuir.

DIANE JOYCE: MULHERES NO MUNDO DOS COLARINHOS-AZUIS

Precisou de mais de dez anos de luta para Diane Joyce se tornar a primeira operária especializada na história do condado de Santa Clara. E levaria mais sete anos de disputas judiciais, percorrendo todo o caminho até a Suprema Corte, antes que ela pudesse de fato começar a trabalhar. E aí começaria a verdadeira briga.

Para as mulheres operárias, não havia nenhuma lua-de-mel no trabalho; o contra-ataque começou desde o primeiro dia em que elas se apresentaram no serviço - só tendendo a piorar à medida que a economia de Reagan deixava mais de um milhão de operários homens sem emprego, reduzia os salários e espalhava crescente ansiedade. Enquanto, nos anos 80, o mundo dos colarinhos-brancos parecia capaz de absorver inúmeros advogados e funcionários de bancos, o comércio e a indústria não tinham espaço para a expansão. "As mulheres são muito mais ameaçadoras, do ponto de vista econômico, no mundo operário, pois nele só há um número finito de empregos entre os quais escolher", observa Mary Ellen Boyd, diretora-executiva da Empregos Não-tradicionais para as Mulheres. "Um administrador de empresas pode fazer qualquer coisa, mas um encanador é só um encanador." Embora as mulheres nunca tenham representado mais de uns poucos pontos

percentuais na força de trabalho operária, diante desta situação explosiva bastavam uns poucos rostos femininos para provocar uma violenta reação.

Diane Joyce chegou à Califórnia em 1970, viúva de trinta e três anos com quatro filhos, nascida e crescida em Chicago. O seu pai era um fabricante de prensas e moldes, a mãe era encarregada das peças devolvidas num depósito da Walgreen. Aos 18 anos, ela se casou com Donald Joyce, aprendiz na fábrica do pai dela. Quinze anos mais tarde, depois de trabalhar com afinco durante anos para juntar os seus tostões, ele morreu repentinamente de uma forma bastante rara de câncer no fígado.

Após a morte do marido, Joyce aprendeu a dirigir e partiu com os filhos para San José na Califórnia, onde vivia um parente distante. Joyce era uma experiente contadora e não demorou para encontrar um emprego como funcionária da secretaria de educação do condado, ganhando 506 dólares por mês. No ano seguinte, soube que o departamento de transportes do condado tinha uma vaga para contador sênior pagando 50 dólares por mês a mais. Ela se candidatou em março de 1972.

"Entenda, nós queríamos um homem", foi logo dizendo o entrevistador quando ela se apresentou. Mas a função de contador tivera um recente corte salarial e só apareceram dezesseis candidatas e nenhum homem. De forma que ele a convocou para uma segunda entrevista. "O sujeito, então, foi um pouco mais educado", ela lembra. "Antes de dizer 'Entenda, nós queríamos um homem', teve a finura de dizer 'Lindo dia, não é?'. Eu tive vontade de dizer 'Isso mesmo, e cadê o homem? O homem, lá em casa, sou eu'. Mas eu tinha que pensar em alimentar os meus quatro filhos e a única coisa em que pensava era o cifrão dos dólares. Preferi portanto ficar calada."

Conseguiu o emprego. Três meses mais tarde Joyce viu um anúncio pedindo "um homem para a manutenção das estradas". Só requeria o primeiro grau e um ano de experiência, e o salário era de 723 dólares por mês. O seu trabalho atual requeria o secundário completo, queda para os números e quatro anos de experiência - e pagava 150 dólares a menos por mês. "Eu vi aquele folheto e disse para mim mesma, 'Ora essa, eu posso fazer aquilo.' Todo mundo no escritório riu. Acharam que era deboche... Esqueci a coisa."

Mais tarde naquele mesmo ano, porém, todos os funcionários do condado tiveram um aumento de 2 a 5% em seus vencimentos, menos as 70 contadoras mulheres. "Vamos lá, para que vocês, meninas, estariam precisando de um aumento?", disse a Joyce e a algumas outras mulheres queixosas o diretor de pessoal. "Tudo o que vocês fazem é gastar dinheiro em viagens à Europa." Joyce ficou chocada. "Todas as contadoras que eu conhecia estavam sustentando a família devido à morte do marido ou divórcio". Joyce decidiu então candidatar-se para o próximo emprego "masculino" que aparecesse. Enquanto isto, ela se tornava atuante no sindicato: competente com as palavras e uma das representantes sindicais de maior bagagem cultural,

Joyce acabou redigindo várias cláusulas de contratos para a classe e negociando o que veio a ser o mais poderoso acordo do condado para a proteção dos direitos de antiguidade.

Era 1974, um controlador de tráfego se aposentou, e tanto Joyce quanto um homem chamado Paul Johnson, um ex-servente de uma perfuradora petrolífera, candidataram-se ao cargo. O supervisor disse que Joyce não tinha experiência de rua e a dispensou. Johnson tampouco tinha experiência alguma, mas foi aceito.

Joyce procurou conseguir experiência. Quando preenchia o pedido para trabalhar com as turmas de rua, em 1975, o seu supervisor entrou, perguntou o que ela estava fazendo e vociferou: "Você está tirando o emprego de um homem!" Joyce ficou um minuto calada pensando. Ai disse: "Não, nada disto. Porque um homem pode perfeitamente ocupar o meu lugar aqui."

Todas as tardes ela fazia cursos de manutenção de estradas, manobras de caminhão e controle de equipamentos luminosos. Entre os 87 candidatos, ela ficou em terceiro lugar no teste prático; havia dez vagas na turma de rua e ela conseguiu uma.

Durante os quatro anos seguintes ela carregou baldes de alcatrão nos ombros, limpou pistas e dirigiu caminhões pelas montanhas para remover deslizamentos de terra.

Os homens da turma de rua não ficaram exatamente felizes com a sua chegada. Quando a treinaram para dirigir as jamantas, ela conta, viviam mudando as instruções; um deles deu-lhe dicas de direção que quase fundiram o motor. O seu supervisor se recusava a dar-lhe um par de macacões; ela teve que apresentar uma queixa formal para consegui-los. No departamento, os homens mantinham fechado o banheiro das mulheres e na estrada não paravam para que ela pudesse usar os banheiros. "Você quis um trabalho de homem, então aprenda a mijar como um homem", comentou o seu supervisor.

Frases obscenas sobre Joyce apareceram nas laterais dos caminhões. Os homens jogavam dardos nos boletins sindicais que ela prendia no quadro. Um dia, o responsável pelo almoxarifado, Tony Laramie, que gostava de chamá-la de "leitoazinha", convocou uma reunião geral na sala de instruções do departamento. "Odeio a sua presença aqui", Laramie foi logo gritando para Joyce enquanto os outros ficavam olhando, muitos concordando com a cabeça. "Não queremos você aqui. Você não faz parte do grupo. Por que não pega as suas coisas e vai para o diabo?"

A experiência de Joyce foi um exemplo típico e por vezes violento do contra-ataque antifeminista na força de trabalho de colarinho-azul, um ataque sem o disfarce de decorosas homenagens para a "diferença" das mulheres. Numa construção em Nova York, por exemplo, onde só algumas mulheres de capacete tinham encontrado trabalho, os homens pegaram as botas de trabalho de uma mulher e as cortaram em pedacinhos. Uma outra mulher

foi ferida por um colega de trabalho; ele a golpeou na cabeça com um pedaço de pau. No condado de Santa Clara, onde Joyce trabalhava, o escritório regional para igualdade de oportunidades encheu os seus arquivos de relatos sobre ostracismo, assédio sexual, ameaças, agressões verbais e morais. Um trabalhador da manutenção recebeu a primeira mulher no seu departamento com estas palavras: "Conheço alguém que por alguns trocados quebraria com prazer a sua perna ou o seu braço." Outra mulher recém-empregada recebeu a ordem de limpar o ônibus dos operários - só para descobrir, lá dentro, que os homens tinham deixado um pequeno presente para ela: os assentos estavam todos emporelhados de fezes.

Em 1980, apareceu outra vaga para controlador de tráfego. Joyce e Johnson foram mais uma vez os candidatos. Tiraram ambos notas altas no exame escrito. Joyce estava agora com quatro anos de experiência de trabalho na estrada; Paul Johnson só tinha um ano e meio. Os três entrevistadores, um dos quais mais tarde referiu-se a Joyce no tribunal chamando-a de "criada de casos" e dizendo "não é uma dama", deram o trabalho a Johnson. Joyce decidiu apresentar uma queixa formal às autoridades do condado.

A decisão coube a James Graebner, o novo diretor do departamento de transportes, um engenheiro que acreditava já ser tempo de contratar a primeira mulher para um dos 238 empregos de colarinho-azul do condado. Graebner enfrentou o diretor de trânsito, Ron Shields. "O que há de errado com a mulher?", perguntou Graebner. "Odeio-a", respondeu Shields, de acordo com outras pessoas na sala. "Eu disse apenas que achava Johnson mais qualificado", diria depois Shields. "Ela não tinha as especificações para trabalhar com equipamento pesado." Quanto a isto, diga-se de passagem, Johnson tampouco tinha. Mas não faz diferença: o trabalho de controlador não exige que se levante nada mais pesado do que um microfone.

Graebner disse que passaria por cima de Shields; Joyce conseguiu o emprego. Ela lembra que mais tarde, naquele mesmo dia, o seu supervisor a chamou ao seu escritório. "Parece que você ficou com o emprego", ele disse. "Mas não tem as qualificações necessárias." Alguns dias depois, Johnson contratou um advogado e moveu um processo de discriminação às avessas, alegando que o condado tinha dado o emprego a uma mulher "menos qualificada".

Em 1987, a Suprema Corte decidiu contra Johnson. A sentença foi aplaudida pelas feministas e defensoras dos direitos civis. Mas a vitória em Washington não era o mesmo que triunfar no departamento de transportes. Para Joyce e seus colegas homens, o contra-ataque só estava esquentando os motores. "Um dia desses, uma coisa como esta ainda vai me prejudicar", diz Gerald Pourroy, o chefe de escritório de Joyce, comentando a sentença do tribunal, num tom baixo e amargo.

No dia seguinte à decisão da Suprema Corte, uma mulher envia a Joyce

um ramallete de flores como parabéns, duas dúzias de cravos. Joyce amarrava as flores num vaso em cima da sua mesa. No dia seguinte elas tinham desaparecido. Depois de muito procurar, Joyce encontrou-as amassadas numa lata de lixo. Um chefe de turma fez questão de dizer: "Joguei-as para o outro lado do pátio."

Vários meses depois do veredicto do tribunal, numa tarde de verão, os caminhões do condado rosnam para dentro do pátio de estacionamento, levantando a poeira em lentas manobras. Os homens se apresentam, Joyce recebe as chaves e dá por encerrado o expediente deles. Quatro homens de óculos espelhados debruçam-se sobre sua mesa e dizem:

- Ora, ora, Diane. Como diabo está passando?
- Olá, querida, que merda de vida está levando?
- Não pergunte para ela. Ela não conhece estas coisas.
- É isso aí, Diane não sabe de nada.

Diane Joyce continua sorrindo enquanto recolhe as chaves. Alguns dos homens vão para a sala de instruções e ficam folheando velhos exemplares de revistas e dão pontapés numa máquina automática de petiscos que não quer cooperar. Quando questionados acerca de Diane Joyce, respondem com desdém e amargura.

- Ela se acha o máximo agora que conseguiu aparecer na TV - disse um dos homens. - Como se nós fôssemos lixo ou algo parecido.

- Agora é só uma garota dizer: "Epa, estão me discriminando", e da consegue o emprego. Diga-me como é que um homem vai conseguir uma promoção diante de uma situação dessas?

- Ela não é qualificada para a maior parte do que faz, fique sabendo. Aposto que a próxima vaga para chefe de turma vai ser dela, só porque é mulher. Sou operário de manutenção há dezesseis anos. Vai me dizer que é justo?

Depois da decisão da Suprema Corte, o número de mulheres com funções especializadas no condado de Santa Clara passou de duas para três por ano. No fim de 1988, embora o número total de vagas disponíveis no setor tivesse crescido de 238 para 468, o número de mulheres só subiu para 12. Isto não dependia do fato das mulheres terem perdido interesse por estes empregos. Naquela área, estavam como nunca participando de programas sindicais de aprendizagem. E uma pesquisa do condado acerca das suas próprias funcionárias (que em sua grande maioria ainda estavam relegadas a cargos de escritório) descobriu que 85% delas estavam interessadas em empregos "de homem", mais bem remunerados. Porém, 90% das mulheres entrevistadas disseram que sabiam por que não estavam conseguindo estas posições com melhor salário: discriminação.

LINHA DE MONTAGEM FEMININA E CONTROLE DE QUALIDADE MASCULINO

A Suprema Corte também acabaria anulando a vitória legal de Diane Joyce - e isto só dois anos depois que tinha "ganho" em Washington. Em dez dias de junho de 1989, a Suprema Corte dos Estados Unidos apagou duas décadas de decisivos marcos dos direitos civis em quatro sentenças separadas. O tribunal abriu caminho para que os homens desafiassem as ações judiciais trabalhistas, criou novas barreiras que tornaram muito mais difícil demonstrar a discriminação nos tribunais pelo uso dos dados estatísticos, e decidiu que uma lei de direitos civis de 1866 não protegia os trabalhadores da discriminação que acontece depois que eles são contratados.

Um dos quatro casos daquele verão, *Lorance* contra *AT&T Technologies*, desferiu um golpe particularmente duro nas mulheres trabalhadoras. O tribunal decidiu que as mulheres da fábrica eletrônica AT&T em Illinois não podem desafiar o critério de antigüidade de 1979 que o sindicato e os representantes da empresa tinham abertamente arquitetado para deixar de fora as mulheres. O motivo: as mulheres tinham passado do prazo federal de 180 dias para apresentar o seu processo contra práticas injustas no trabalho. O tribunal tomou esta decisão apesar de cinco decisões anteriores terem todas permitido que os funcionários apresentassem o seu processo depois deste prazo. E o mais curioso foi que naquele mesmo dia o tribunal decidiu que um grupo de bombeiros, todos homens e brancos, ainda tinha tempo de apresentar o processo *deles* contra discriminação às avessas - recorrendo contra a ação trabalhista julgada em 1974.

Na cidade economicamente fraca de Montgomery, em Illinois, a uns sessenta quilômetros de Chicago, quase todos os empregos pagam baixos salários - a não ser na fábrica da Western Electric, onde são montados e testados circuitos integrados para a AT&T. Sabe-se que a fábrica sempre manteve a rígida divisão entre os sexos: as mulheres ficavam com praticamente todos os trabalhos de linha de montagem (montando e conectando os sistemas à mão) e os homens ficavam com todos os trabalhos de "teste" (controlando os circuitos integrados), mais bem remunerados. Tinha sido assim até 1976, quando três mulheres decidiram, com apenas um empurrãozinho das defensoras das ações trabalhistas, superar a barreira dos sexos.

Pat Lorance foi uma das primeiras a atravessar a linha divisória. Ela começou a trabalhar na empresa em 1970 como montadora manual; depois de nove anos ela estava cansada com o trabalho monótono e ainda mais cansada com o baixo salário. Quando soube que a escola local ministrava curso para controladores de qualidade, Lorance decidiu fazer uma tentativa. Levou três dias colegas, ambas montadoras, com ela.

"No começo foi um tanto assustador, porque o professor, que era da

Western Electric, avisou logo: 'As mulheres normalmente não chegam até o fim.' Mas ao chegarmos à quarta série do curso, ganhamos a admiração dele." Ela acabou completando dezesseis séries, adquirindo conhecimentos de circuitos eletrônicos e programação de computador. Para concluir o curso, Lorance trabalhava nos turnos das cinco da manhã - e às vezes até nos das três da madrugada -, estudava de tarde e ficava no curso até as nove e meia da noite.

Os funcionários da Western Electric-AT&T ficavam acompanhando de perto, e com crescente inquietação, os esforços das mulheres. Na época, a Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego estava levando adiante a sua bastante visível rodada de processos trabalhistas contra empregadores da indústria, inclusive outras divisões da AT&T, e os diretores da empresa sabiam que se as mulheres comesçassem a levantar publicamente a questão da política discriminatória da companhia, eles bem que poderiam ser o alvo seguinte. Em 1976, como as funcionárias da época lembram, o departamento de pessoal começou a chamar de repente algumas das montadoras manuais, uma de cada vez, oferecendo um acordo. O gerente de pessoal informou que a empresa tinha "erroneamente" se esquecido das mulheres na questão das promoções. Elas poderiam receber agora um cheque de várias centenas de dólares como "compensação"; tudo o que tinham de fazer em troca era assinar uma declaração prometendo que nunca iriam processar a empresa por discriminação. As mulheres também foram avisadas de que não deviam discutir o assunto com as companheiras de trabalho. "Algumas das meninas queriam saber qual seria o novo trabalho", lembra uma mulher, uma montadora manual que, como as demais, pediu que o seu nome não fosse mencionado por medo de perder o emprego. "Algumas não quiseram pegar o dinheiro. Mas o acordo era 'pegue o dinheiro ou você está na rua'. Eu recebi mais de 600 dólares." (Os representantes da empresa dizem não ter registro algum destas entrevistas no departamento de pessoal. "Não encontramos fatos que possam sustentar estas alegações", diz o advogado da empresa, Charles Jackson.)

No outono de 1978, Lorance tinha todas as credenciais acadêmicas de que precisava e se candidatou para a primeira vaga que surgisse no controle de qualidade. Os seus superiores a aceitaram para o trabalho, porém uma semana mais tarde, disseram-lhe que a vaga havia sido cancelada. Ela soube então que a companhia tinha contratado três homens como controladores naquela mesma semana. Ela protestou junto ao sindicato e, depois de uma verdadeira luta, tornou-se finalmente a primeira controladora de qualidade da empresa.

Já no fim de 1978, cerca de quinze mulheres integravam o grupo de duzentos controladores. Para os homens da casa, quinze era demais. "Faziam comentários acerca de como as mulheres eram burras e não podiam dar con-

tado recado", lembra Lorance. "Eu tenho uma personalidade bastante tranquila e deixava passar, pensava que eles iriam esquecer a coisa." Mas quando o número de mulheres aumentava, o rancor dos homens também aumentava.

Alguns dos homens começaram a sabotar os conjuntos de testes das mulheres, conectando os fios de forma errada enquanto elas iam tomar café ou derramando tinta nos seus cadernos de anotações. Penduraram toda uma série de cartazes vexatórios dentro da fábrica. Um exemplo típico: a figura de uma mulher grotescamente gorda de pé em cima de uma mesa com as mãos caídas até a barriga da perna e dinheiro brotando dos seus sapatos. Os homens escreveram no quadro: "Ontem eu nem sabia escrever controlador. Agora nós é um controlador."

Os altos funcionários da empresa tampouco procuravam ajudar. Como a funcionária Jan King lembra: "A atitude geral dentro da companhia era, as mulheres não podem fazer isto. As mulheres não sabem fazer contas, as mulheres não entendem de eletrônica." Quando as mulheres começaram a se candidatar para o cargo de controladoras, a companhia estabeleceu de repente todo um novo conjunto de requisitos para treinamento e exame. Algumas das táticas eram bastante peculiares. Um dos membros da diretoria tentou exigir que as controladoras usassem bolsas transparentes, uma estratégia que supostamente deveria desencorajar os roubos.

Quando alguns dos controladores souberam que mais doze mulheres da linha de montagem se haviam inscrito nos cursos de treinamento da escola local, decidiram que as coisas haviam chegado longe demais. Os mais jovens eram os que mais se ressentiam; uma vez que os com menos tempo de serviço na empresa sabiam que as mulheres da linha de montagem que já vinham trabalhando há anos teriam prioridade na hora das promoções e corriam menos risco de demissão. No inverno de 1978 os homens organizaram uma reunião sindical secreta. Quando Lorance soube do fato, ela e uma colega de trabalho decidiram aparecer de repente.

"Não ficaram nem um pouco satisfeitos quando nos viram", ela lembra. Descobriu que eles estavam esboçando um novo sistema de antigüidade que evitaria que as mulheres contassem os anos como montadoras no cálculo do tempo de serviço na empresa. Se aprovado, significaria que as mulheres correriam o mesmo risco em qualquer onda de demissão no departamento de controle de qualidade. Lorance e a amiga saíram de lá e foram espalhar a novidade entre as colegas controladoras.

Na reunião sindical para votar o novo critério de antigüidade, noventa homens se juntaram de um lado da sala, e quinze mulheres do outro. Um depois do outro, os homens falaram em favor do novo plano de tempo de serviço: "Tenho uma família para sustentar. Vocês fazem idéia de quanto está custando o pão hoje em dia?" Depois foi a vez das mulheres afirmarem que muitas delas eram mães divorciadas, também com família para sustentar; os

seus ex-maridos não pagavam pensão alguma para as crianças. "Este é um trabalho de homem", gritou um dos homens. "Pode ser, mas esta é um fábrica de mulheres", rebateu uma das mulheres, salientando que havia mais mulheres do que homens na folha de pagamento da empresa, apesar de elas estarem relegadas às funções de salários mais baixos.

No fim, os homens ganharam a votação; pois afinal, pelo menos no mundo dos controladores, eles ainda tinham a vantagem numérica. A cúpula sindical prometeu então a Lorance e às outras mulheres que o plano de tempo de serviço não valeria para rebaixamentos e demissões, mas sim somente para promoções. Os representantes da empresa, que haviam ajudado a esboçar o novo sistema de antigüidade e que o aprovaram imediatamente, fizeram as mesmas promessas acerca das demissões. As mulheres aceitaram estas garantias - e não intentaram uma ação. Como Lorance salienta, ninguém foi despedido em 1978, então, "para que criar problemas quando não é necessário?" Nenhuma das mulheres queria arriscar o emprego pelo qual tanto tinham lutado.

Quando a recessão chegou em 1982, as mulheres descobriram que o sindicato e a empresa haviam mentido; o plano de tempo de serviço, com efeito, se aplicava nas demissões, e as mulheres foram as primeiras a serem postas na rua. Houve casos de mulheres com mais de vinte anos de tempo de serviço que perderam o emprego. Até mulheres que não foram despedidas foram rebaixadas e mandadas de volta às antigas linhas de montagem, um rebaixamento que a algumas delas custou mais de 10 mil dólares em salários anuais.

Lorance foi rebaixada de cargo imediatamente. Ela e mais três controladoras resolveram processar a companhia. Bridget Arimond, uma advogada de Chicago especializada em direito trabalhista nos casos de discriminação sexual, encarregou-se do caso, que foi logo desviado para um debate técnico no tribunal acerca do prazo para apresentação de práticas injustas no emprego. A companhia afirmava que o relógio havia começado a correr em 1978, quando entrou em vigor o novo plano de tempo de serviço, e que as queixas em questão já haviam "caducado". "As mulheres não exerceram os seus direitos legais no devido tempo", afirmou mais tarde Charles Jackson, o advogado da Western Electric no processo. "Foi realmente culpa delas." As mulheres continuavam afirmando que o relógio começara a marcar o tempo a partir do momento em que haviam sido despedidas; como poderiam elas saber, até então, que a política era injusta? "O mais curioso nisto tudo", comenta Arimond, "é que a briga toda no tribunal acabou se resumindo no fato de se saber se algumas mulheres sem conhecimento das leis estavam ou não dentro do prazo para intentar a sua ação. Mesmo assim, o juiz [de primeira instância] demorou mais de um ano para julgar a matéria."

Enquanto isto, Pat Lorance vivia sendo despedida e recontratada. Finalmente, em 31 de março de 1989, ela foi demitida de vez. Teve que arrumar um emprego num bar. Dois meses mais tarde, soube que tinha perdido o processo. "Fiquei muito decepcionada", ela conta. "Não creio que o tribunal se portou corretamente. Nenhuma de nós estava gritando. Só queríamos corrigir uma injustiça, apenas isto."

King não ficou surpresa com a sentença. "Dava para ver, pelo que aconteceu no tribunal, que não estávamos navegando em águas tranquilas." O julgamento foi um desastre financeiro para King. Precisando de trabalho para sustentar os dois filhos, pois a empresa a despedira, King fez faxina de casas, depois arrumou um emprego numa lanchonete. Perdeu todos os seus benefícios. "Hoje limpo venezianas lá onde trabalho", ela conta. "Ganho 2,01 dólares por hora, e é pegar ou largar. É aviltante, degradante. Faz com que você se sinta uma coisa inteiramente sem valor."

Naquele mesmo ano, na conferência da mídia sobre "Avanços e Recuos", na Califórnia, algumas das mais influentes jornalistas e líderes de movimentos feministas se ocupavam em recuar das frentes de batalha. Estavam se perguntando se as mulheres realmente queriam empregos "de homem" e poder "de homem". Jan King, que gosta de dizer, "Pode chamar-me de feminista mesmo, pois é isto que eu sou", sem dúvida acharia este procedimento estranho e decepcionante - até vergonhoso. King não perdeu de vista o que ela e muitas outras mulheres economicamente desfavorecidas querem, e continua querendo avançar contra as barreiras do contra-ataque para consegui-lo. "Não acho que se tenha que aceitar as coisas do jeito que são", ela diz. "Nunca vou mudar de idéia quanto a isto."

*Direito de reprodução no backlash:
A invasão do corpo das mulheres*

"Não me mate, mãezinha!" Um homem adulto segurando um crucifixo fica gritando estas palavras sem parar enquanto tenta sem sucesso forçar passagem na corrente de mulheres que cercam o Centro de Diagnóstico de Gravidez de Sacramento. Ele é mais um dos "Guerreiros" envolvidos no "Dia Nacional de Resgate II" da Operação Resgate - o nome que os grupos antiaborto escolheram para a sua ruidosa manifestação, um verdadeiro cerco das clínicas de planejamento familiar num dia de abril de 1989.

Mas os lanceiros ali presentes foram precedidos pelas feministas. A expedição norte-californiana que a Operação Resgate enviou para a clínica ao alvorecer acabou encontrando as portas fechadas e as defensoras do centro postadas em volta do edifício, de braços entrelaçados numa corrente humana. Frustrados, os homens da Operação Resgate apelam para a violência, torcendo pulsos e dando pontapés em canelas. Enquanto empurram, fazem orações para o Senhor mas também lançam pragas contra as mulheres; em meio a "améns", as palavras "sapatão" e "prostituta" podem ser ouvidas repetidas vezes.

Mais adiante no quarteirão, a "Coluna de Apoio Devocional" da Operação Resgate, um corpo auxiliar quase todo constituído de mulheres, está perfilada em compactas fileiras ao longo da calçada. As mulheres e as filhas dos "guerreiros" ficam perfeitamente imóveis, com seus lábios murmurando "Jesus ama as criancinhas", com as palmas das mãos erguidas para o céu. "Não temos permissão para falar", diz uma das mulheres quando requisitada para uma entrevista.

Do outro lado da rua, Russell Walden III dá um tempo para a escaramuça. Homem corpulento e de olhos tristes, coça a cabeça enquanto dá algumas informações pessoais. Walden I e II, diz, eram ambos assessores do Fisco, verdadeiros pilares da comunidade; ele é o primeiro a se afastar da tradição familiar. Chafurdando numa série de empregos um tanto estranhos, entre os quais assistente funerário e zelador de animais selvagens, Walden III juntou-se à Operação Resgate depois que conheceu alguns dos seus membros - numa cela da prisão do condado. Estavam ali por terem invadido uma clínica; o motivo dele era estar dirigindo embriagado. Quando lhe ofereceram algum trabalho paralegal, ele aceitou e aderiu à campanha.

"A minha mulher quase fez um aborto, há alguns anos, mas eu a dissuadi", ele conta. Já tinham quatro filhos e a mulher não queria ter mais um; quando ela foi, de qualquer maneira, até a clínica, ele entrou na sala de exames, onde ela estava deitada de camisola hospitalar. "Entrei, peguei-a pelo braço e disse: 'Vamos sair daqui. Agora!' Não vou deixá-la em lugar nenhum onde eu não esteja presente." Ela teve o bebê, mas em seguida abandonou o marido. Ao dizer isto os seus olhos se enchem de lágrimas. Ele enxuga o rosto com a mão e explica: "Estou chorando pelas crianças não nascidas."

Enquanto ele fala, Don Grundemann, um magro fisioterapeuta usando uma jaqueta militar, junta-se à conversa. A sua namorada fizera um aborto, de conta, sem nem mesmo avisá-lo. "Acho que ela não queria um filho parecido comigo." O aborto, diz Grundemann, é um jeito de a mulher dar o troco: "De forma subliminar, é uma vingança contra os homens. Os homens vêm tratando a mulher de forma mesquinha e agora o movimento feminista está se vingando, matando a torto e a direito."

Em 1986, Randall Terry, um vendedor de carros usados no norte do estado de Nova York, decidiu, aos 26 anos, lançar a Operação Resgate. A sua missão: fechar as portas das clínicas de planejamento familiar em todo o país. Assim como a cruzada contra o aborto e os anticoncepcionais do fim da época vitoriana - também liderada por um vendedor subempregado de Nova York, Anthony Comstock, que também investia contra as clínicas de mulheres -, a Operação Resgate atraiu milhares de homens jovens que, de uma forma ou de outra, sentiam-se eles mesmos cortados de um mundo que já não lhes parecia produtivo. Ao contrário da imagem popular do *lobby* antiaborto como um grupo formado por idosos cristãos, os homens da Operação Resgate (e a maioria era de fato formada por homens) eram jovens. Quase todos os líderes e cerca da metade dos participantes ativos da Operação Resgate tinham entre 20 e 35 anos, e a grande maioria pertencia às camadas mais baixas de renda. Eram homens nascidos *pós-baby-boom*, homens que não só tinham perdido o engajamento político dos anos 60, como também haviam sido excluídos das benesses daquela época de prosperidade. Eram filhos da depressão econômica, condenados pela economia dos anos 80 a ganhar menos do que os pais, incapazes de dar conta das inflacionadas hipotecas ou de botar comida na mesa sem a ajuda das mulheres.

A mídia definiria a luta pelo aborto como um debate moral e biológico - onde começa a vida? Certamente, para muitas pessoas pouco à vontade com o aborto, este era o tema central. Mas a animosidade particularmente feroz que Terry e o seus seguidores trouxeram para a luta sobre a liberdade de reprodução das mulheres era insuflada por paixões bem diferentes da filosofia e da ciência. Embora pudessem estar "chorando pelas crianças não nasci-

das", estes homens também estavam sofrendo devido às graves mudanças econômicas e sociais em suas vidas - mudanças das quais culpavam amide as cada vez mais numerosas mulheres independentes e profissionais. Enquanto eles perdiam poder econômico no trabalho e autoridade em casa, viam mulheres que ganhavam terreno no trabalho e desafiavam o seu controle sobre a família no lar, e que até tomavam a iniciativa na cama. Quando o rancor pelos crescentes níveis de sucesso profissional das mulheres misturou-se à ansiedade gerada pela liberdade sexual que a mulher começara a exercer, eles desenvolveram uma retórica de ultrajado puritanismo para castigar as suas oponentes.

Para quem quisesse escutar, o porta-voz do movimento antiaborto chamou as feministas de "assassinas de crianças" e culpou-as de desencadear "desastrosos" índices de aborto. Mais revelador, entretanto, era o que eles diziam bem baixinho: os seus murmúrios de "sapatão" e "prostituta" talvez fossem os epítetos que mais os denunciavam. O maior crime das feministas pode ter sido a independência sexual, e não o assassinato.

Para homens como John Willke, presidente do Comitê Nacional pelo Direito à Vida, o aborto legal não só atacava o feto, mas também a supremacia masculina no controle familiar. As mulheres a favor da liberdade de escolha, acusava, "estão violentando o casamento", porque "tiram o direito do marido de proteger a vida da criança que ele gerou no ventre da mulher". "Deus não criou as mulheres de forma independente", declarou o pastor Michael Carey, o principal orador do Dia Nacional do Resgate II, um ponto no qual iria insistir durante a sua pregação. O mais insuportável nestas ativistas do direito de aborto, ele disse, era a sua insistência em querer fazer as suas próprias escolhas reprodutivas sem consultar os maridos. Se estas mulheres "infectadas pelo feminismo" conseguirem o que querem, ele advertiu, os homens "já não poderão decidir sobre o aborto". No seu livro *Men and Marriage*, de 1986, George Gilder foi extremamente claro ao expressar o verdadeiro medo que se esconde sob a ansiedade pela liberdade reprodutiva das mulheres. A bem-sucedida campanha das feministas pelo controle da natalidade e pelo aborto, ele escreveu, "desloca o equilíbrio do poder sexual ainda mais para o lado das mulheres", esvazia a "potência" patriarcal do macho, e transforma o pênis num "mero brinquedo".

Na batalha dos anos 80 sobre "o direito à vida" do feto, quase sempre a eclipsada capacidade do patriarca de tomar as decisões da família figurou como uma amarga mensagem nas entrelinhas, como o não-dito mas urgente programa da campanha contra o aborto. O desejo de defender a tradicional autoridade paternal era visível em muitas causas judiciais pelos "direitos paternos" movidas para deter os abortos naquela década, onde os queixosos típicos eram maridos que lutavam com mulheres que não acatavam ou não escutavam as suas ordens, ou que acabavam de pedir o divórcio. No caso de

Eric Conn de Indiana, a sua mulher tinha dado entrada com o pedido de divórcio somente quatro horas antes de ele registrar a sua queixa em defesa do feto. "Eu simplesmente não gostava de ser ameaçado e de ouvir ordens sobre o que devia ou não devia fazer", declarou no tribunal David Ostreicher, um ortodontista de Levittown e mais um dos litigantes dos "direitos do pai". Não só a sua mulher tinha procurado abortar sem o seu consentimento, ele disse, como também desafiara o acordo pré-matrimonial que ele fizera questão que ela assinasse - um acordo que deixaria com ele quase todos os bens do casal.

Os homens do movimento antiaborto podem ter dito que só estavam tentando conter o crescente número de abortos no país, mas na verdade não havia escalada nestes índices. Com efeito, as mulheres americanas têm interrompido uma em cada três gestações durante pelo menos os últimos cem anos; a única verdadeira diferença era que agora as mulheres tinham a possibilidade de evitar uma gravidez indesejada legalmente - e sem riscos. E embora o número de abortos legítimos tenha realmente crescido entre 1973 e 1980, ele voltou logo a se nivelar e até diminuir no começo dos anos 80. Entre 1980 e 1987, o índice de abortos caiu 6%.

A verdadeira mudança era a nova possibilidade que as mulheres tinham de regular a sua fertilidade sem perigo nem temor - uma nova liberdade que por sua vez tinha contribuído para impressionantes mudanças não no índice de abortos mas sim no comportamento e nas atitudes sexuais da mulher. Ao assegurarem a disponibilidade maciça de anticoncepcionais e a possibilidade de abortar sem riscos à saúde, as mulheres estavam finalmente livres para ter uma vida sexual independente, como os homens. Como resultado, meio século depois que o controle da natalidade foi legalizado, as mulheres dobraram o seu índice de atividade sexual antes do casamento, quase alcançando os homens no fim dos anos 70. (Ao mesmo tempo, a atividade sexual dos homens antes do matrimônio aumentou muito mais devagar, numa progressão que era mais ou menos a metade das mulheres.) Em 1980, uma histórica pesquisa da *Cosmopolitan* entrevistando 106 mil mulheres descobriu que 41% delas tinham casos extraconjugais, comparados com os 8% de 1948. Com efeito, o comportamento e as atitudes sexuais das mulheres tinham mudado tanto que eram agora quase a imagem especular dos homens. "A mulher cujo perfil estamos traçando", observava *Cosmopolitan* na introdução à sua pesquisa, "é um ser humano extremamente livre do ponto de vista sexual", cujo novo quarto de dormir representa uma expressiva "ruptura com os antigos padrões."

| As mulheres também se tornaram muito mais independentes nas suas decisões acerca de quando ter filhos, em que circunstâncias matrimoniais, e sobre quando parar. Nestas decisões, o pai fisiológico tinha cada vez menos a última palavra - ou até qualquer palavra. O apoio das mulheres à materni-

dade fora do matrimônio cresceu de forma impressionante nos anos 80. A pesquisa *Women's View* de 1987 descobriu que 87% das não-casadas achavam perfeitamente aceitável que as mulheres gerassem e criassem filhos sem se casarem - 14% a mais do que quatro anos antes. Em 1990, quase 40% das mulheres do levantamento do Virgínia Slims disseram que na hora de decidir fazer ou não um aborto, o homem envolvido não deveria nem mesmo ser consultado. E aumentava o número de mulheres que tomavam decisões unilaterais, e irrevogáveis, acerca do tamanho da família. A esterilização tornou-se o principal meio de controle da natalidade dos anos 80, escolhido quase por uma em cada seis mulheres americanas. Mais uma vez, tratava-se de uma evolução de um só sexo. Nos anos 80, o índice de esterilização masculina só subiu um mísero 1%. Até 1973, homens e mulheres casados procuravam vasectomias e ligaduras de trompas na mesma proporção; na segunda metade da década de 1980, as mulheres já representavam quase dois terços de todas as esterilizações entre casados.

Para muitos homens do movimento antiaborto, a velocidade com que as mulheres aderiram à liberdade sexual e reprodutiva podia parecer aterrador. E ao contrário da crescente defasagem eleitoral entre os sexos ou do cada vez maior número de mulheres trabalhando, esta revolução no comportamento feminino invadia os seus mais íntimos domínios. "Os homens têm praticamente perdido qualquer controle na atividade reprodutiva", escreveu Calkin, ela "depende agora, em grau que não tem paralelos na história, do prazer ativo das mulheres". Não deve surpreender, ele observou, que tantos homens "sejam contrários ao aborto induzido". Os homens que acham estas mudanças frustrantes não poderiam dar um basta na progressiva liberação das mulheres na cama de uma forma direta, mas proibir o aborto poderia ser outra maneira de pisar no freio. Se não podem impedir que um número cada vez maior de mulheres ocupe o assento do motorista sexual, eles podem pelo menos tomar a corrida das mulheres mais perigosa - emperrando os controles reprodutivos.

A iconografia política do movimento antiaborto dos anos 80 tem todas as características da ideologia da Nova Direita que o antecedeu. No seu panorama psicológico de cunho bélico, o inimigo era o feminismo, a arma era uma retórica agressivamente moralista, e a estratégia para justificar a ofensiva era basicamente semântica. Assim como os homens da Nova Direita, os inimigos do aborto viam nas feministas figuras de aterrorizante tamanho e poder. O paladino antiaborto Tom Bethell chamava-as de "harpías" - mulheres que "uivavam" e "berravam com incrível ferocidade". Na sua obra contra o aborto de 1988, *Grand Illusions*, George Grant descreveu as mulheres favoráveis à liberdade de escolha como Fúrias "distorcidas e de olhos esbugalhados" defendendo o "Altar da Conveniência" com "frenética raiva".

A Planned Parenthood, ele dizia, é uma instituição que faz parecer o Pentágono um anãozinho; a sua força poderosa "conseguiu abrir caminho em praticamente todos os aspectos da vida moderna". Outro líder antiaborto, o pastor Norman Weslin, pensava exatamente o mesmo. Dizia ter servido como pára-quedista e "comandante encarregado de armas nucleares" no exército durante vinte anos, mas "aquilo era café pequeno", comparado com os perigos feministas que enfrentava agora.

Para reclamar a posição de comando, para se transformarem em verdadeiros ativistas, os homens antiaborto recorreram às táticas verbais inauguradas pela Nova Direita. Em *Closed: 99 Ways to Stop Abortion*, de Joseph Scheidler - um texto fundamental do movimento antiaborto -, o diretor da Liga de Ação Pró-Vida frisa a importância de "controlar" a linguagem sobre o aborto. Ao falar com a imprensa, instrua o seu manual, "procure não usar a palavra 'feto'. Use 'bebê' ou 'criança não nascida'... Não se renda ao vocabulário delas... Elas vão acabar se apropriando dos seus termos se você continuar a usá-los". O livro de Willke, *Abortion: Questions and Answers*, que se tomou uma verdadeira bíblia para as ativistas contra o aborto, insistia no mesmo ponto: "Sejamos positivos, se possível", salientava o livro. "Nós somos a favor da proteção do nascituro, da criança excepcional e do idoso. Se possível, não aceitem o rótulo negativo de 'antiaborto'."

Na sua batalha pelo controle verbal, os ativistas antiaborto também absorveram o vocabulário e as imagens do inimigo. O manual de Willke solicitava que seus seguidores tomassem emprestado o "credo feminista" do "direito ao seu próprio corpo" aplicando-o porém aos fetos femininos abortados. "A criança tem direito de escolha" tornou-se um dos refrãos preferidos nas manifestações antiaborto. As publicações antiaborto apresentavam os praticantes de abortos quase como estupradores que submetiam as jovens a indizíveis horrores para arrancar o dinheiro delas e viver uma vida de luxo. Identificando as mulheres como vítimas do seu próprio direito de abortar, o movimento antiaborto não se limitou a aviltar a retórica - procurou impor a tese do contra-ataque. A causa da liberdade da mulher era mais uma vez definida como causa do sofrimento da mulher. As mulheres infelizes, afirmavam os porta-vozes do movimento, estavam provavelmente sofrendo os efeitos residuais da "síndrome pós-abortiva", a nova praga que segundo o movimento estava afligindo a população feminina.

Os líderes do movimento negavam ser hostis aos direitos da mulher, mas os seus atos falavam mais alto. O líder do Comitê Nacional pelo Direito à Vida John Willke, dizia defender a igualdade - mas lutava ao mesmo tempo contra a Emenda da Igualdade de Direitos; não demorou, com efeito, para a diretoria do comitê mudar de sua posição antigamente neutra em relação à ~~causa~~ ^{causa}. Um dos seus diretores, Joseph Scheidler, afirmou: "Não tenho nada ~~contra~~ ^{contra} os direitos da mulher"; ele só queria tornar a vida das mulheres "me-

nos sofrida" poupando-lhes a agonia física e mental do aborto. Mesmo assim» numa conferência contra o aborto em 1986, ele ameaçou infligir um "ano de sofrimento e pavor" a qualquer mulher que não concordasse com ele.

A figura principal da cruzada da década contra o aborto, o fundador da Operação Resgate, Randall Terry, era igualmente cuidadoso em evitar o assunto da igualdade da mulher nos seus numerosos discursos públicos. Restringir a liberdade da mulher não fazia parte da sua plataforma, assegurava à imprensa; ele só estava tentando "salvar as mães e as suas crianças não nascidas". Mas a história da evolução política de Terry sugere um conjunto de motivos mais complexo e pessoal - no qual a campanha pelos direitos das mulheres desempenhava um papel preponderante.

RANDALL TERRY: A QUEM ELE QUERIA SALVAR?

"Fui concebido fora do vínculo matrimonial. Poderia ter sido abortado. Ado e espero que os meus pais não fariam tal coisa, mas fico realmente muito contente em saber que eles nem tiveram esta possibilidade."

RANDALL TERRY

Randall Terry foi criado nos subúrbios de Rochester, perto de Nova York, lugar de nascimento de Susan B. Anthony e plataforma inicial da primeira onda nacional de feminismo há 150 anos. Mas o seu relacionamento com a militância feminista envolveria mais do que uma coincidência geográfica e histórica. Terry era o filho mais velho de uma família que, do lado materno, havia produzido mulheres fortes e politicamente determinadas por três gerações. Desde o começo do século, quando a sua bisavó materna desentendeu-se com o pároco e abandonou a igreja católica, as mulheres DiPasquale haviam sido progressistas e feministas. "O contra-ataque de Terry contra os direitos da mulher pode ser algo muito mais íntimo do que as pessoas imaginam", diz Dawn Marvin, ex-diretora de comunicações da Planned Parenthood de Rochester - e tia de Randall Terry. "Ele foi criado segurando a barra das saias de feministas."

As três tias de Terry, Diane, Dawn e Dale, eram militantes dos direitos civis, da paz e, principalmente, da igualdade da mulher. Durante os anos 70, as irmãs do muito unido lado materno da família lançaram um programa voltado para os direitos e a saúde da mulher, o primeiro programa de estudos femininos na Universidade de Buffalo, uma exposição coletiva de mulheres artistas, um programa de entrevistas de mulheres, um grupo de conscientização feminino e uma clínica para mulheres. Mais do que qualquer outro lar feminista, entretanto, a sua causa era a liberdade de reprodução. Diane escreveu e falou nas universidades em prol do aborto legal e seguro. Dawn foi

para as ruas pedir assinaturas para uma petição a fim de legalizar o aborto no estado de Nova York. Dale fez campanha para o controle da natalidade.

O ativismo das irmãs baseava-se em dolorosas experiências pessoais. Cada uma delas tivera uma gestação não planejada na condição de adolescentes não-casadas na época em que o aborto era ilegal; Randall, com efeito, foi o produto de uma delas. Num dos casos, o preservativo falhou. Em outro, o parceiro disse que teria cuidado e não o fez. Qualquer que fosse o "engano", as mulheres tiveram de pagar. Dawn desistiu dos estudos e de uma carreira artística para casar-se com um homem que não amava e que quebrou o seu queixo durante a gravidez. Diane abandonou os planos de uma formação universitária e passou os últimos meses do seu curso secundário procurando por um aborto ilegal; já estava grávida de cinco meses quando encontrou um "médico" disposto que pediu 500 dólares, injetou-lhe uma solução salina e abandonou-a na casa de um estranho. Ela quase sangrou até morrer.

"As nossas inimigas mais tenazes são quase todas feministas", diz Terry. Com 29 anos, cara de garoto e um corpo todo desengonçado, ele fala conosco na sede da Operação Resgate em Binghamton, no estado de Nova York. Atrás dele está o "comando central", um bolorento conjunto de três salas com as paredes cobertas de infiltrações e fotografias de fetos sanguinolentos. Num dos armários envidraçados do escritório há um feto embalsamado que costuma acompanhar Terry nos seus contatos com a imprensa, todo enfaixado e acomodado num pequeno "caixão" do tamanho de uma caixa de sapatos.

"As feministas radicais levaram à matança de criancinhas", ele diz, "Foram elas que ficaram lá nas ruas clamando pelos seus direitos - com a Organização Nacional das Mulheres e os demais grupos militantes - com as suas mentiras e falsas propagandas que a mídia engolia passivamente e depois repassava bem mastigadinhas para o público americano. Tudo mentira" Mas o que você esperava, ele diz, se afinal a maioria dos repórteres também são "instrumentos da NOW". "O feminismo radical dedicou-se à destruição da unidade familiar tradicional, odeia a maternidade, quase sempre detesta as crianças, promove atividades lésbicas." Ele dá um exemplo: Margaret Sanger, pioneira do controle da natalidade e fundadora da instituição de planejamento familiar Planned Parenthood. Era uma "prostituta", ele afirma. "Uma adúltera, que ia para cama em qualquer lugar, em qualquer parte do mundo, com todo o tipo de gente." Não é só ao aborto que ele se opõe; Terry diz que gostaria de banir qualquer anticoncepcional - e, naturalmente, parar com qualquer tipo de sexo pré-matrimonial. Diz que tenciona entregar a sua própria filha no altar com a virgindade intacta.

A sua ascensão a "astro da mídia nacional", como ele mesmo diz, foi

meteórica. Terry lembra os acontecimentos fundamentais da sua jovem vida que o levaram à repentina fama.

Aos 16 anos, ele foi para a Califórnia para "encontrar" a si mesmo e tornar-se "um astro do rock". Pianista e guitarrista talentoso, aluno aplicado, decidiu abandonar tudo quando só faltavam quatro meses para a formatura e, no inverno de 1976, rumou para a Costa Oeste. "Era um jovem rebelde", ele lembra. "Tinha nascido na hora errada, ou quase", um "produto" dos anos 60.

Também fugia de um lar muito tenso. O seu pai, Michael Terry, era um professor insatisfeito, um cantor clássico talentoso cuja carreira evaporou depois que abandonou a escola de canto para se casar por obrigação com apenas vinte anos. O casamento não era fácil e Michael Terry desabafava o seu caráter violento no filho mais velho. Na noite anterior à sua fuga, Randall tinha levado uma surra do pai.

Terry nunca chegou à Califórnia e a viagem foi uma decepção; o ano de 1976 acabou se revelando um ano um tanto tardio para a quintessencial experiência de "pé na estrada". "Eu estava procurando por respostas", ele diz. Mas "nos anos 70 as pessoas só queriam saber de se drogarem". Chegou até Galveston, no Texas, onde acampou na praia, fumando maconha e tocando guitarra, até que um vagabundo roubou a sua sacola com tudo o que ele possuía. Voltou para casa, segurando uma bíblia que tinha comprado no caminho.

Mais uma vez nos subúrbios de Rochester, ficou com o único emprego que conseguiu encontrar, numa lanchonete local. Vez por outra, um pastor do Instituto Bíblico Elim parava ali para dar o seu testemunho sobre Cristo. Finalmente, uma noite, Terry se converteu. Decidido a se tornar um líder religioso, abandonou o emprego na lanchonete e se filiou ao Instituto Elim.

O seu diploma do Elim, uma escola não reconhecida, nem o ajudou, entretanto, a encontrar um trabalho decente. Durante a recessão, foi despedido duas vezes dos empregos que conseguiu arranjar. Já casado, nesta altura, não tinha recursos nem mesmo para arranjar uma moradia própria - ele e Cindy tiveram que morar num *trailer* da igreja. Quando precisava pagar contas médicas, e às vezes até do mercado, precisava pedir dinheiro emprestado com a sogra. Embora mais tarde Terry chegasse a culpar as mulheres que trabalham fora pela "destruição da unidade familiar tradicional", foi justamente o emprego de Cindy numa loja de flores que ajudou o jovem casal a superar essa fase difícil. Só depois de lançar a Operação Resgate, quando centenas de milhares de dólares começaram a chegar como doativos, Terry conseguiu ganhar a vida - e deixar a mulher em casa.

A "visão" da Operação Resgate, ele lembra, veio à sua mente durante uma reunião de culto no outono de 1983. Era um "plano de três pontos": bloquear as clínicas, aconselhar as mulheres contra o aborto e providenciar lares para mães solteiras. Ele comandou várias investidas contra as clínicas, mas a sua campanha passou despercebida pela mídia até julho de 1988, quando de

baixou em Atlanta e sobre um grupo de repórteres que lá estavam devido à convenção nacional do Partido Democrata. No cerco de uma semana que se seguiu, 134 manifestantes foram presos. Terry "chegara às grandes emissoras", e a sua condição de astro já estava garantida.

Cindy Dean, esposa de Terry, criou-se em Manchester, uma pequena cidade no norte do estado de Nova York. Trabalhou no restaurante e no bar do Hotel Sheraton local, mas sonhava com algo mais. "Não queria que a minha vida fosse um fracasso completo", ela diz. E assim, aos 23 anos inscreveu-se no Instituto Culinário da América, em Hyde Park, "uma das melhores escolas de culinária dos Estados Unidos", gosta de salientar. Era uma das poucas mulheres estudando para ser "mestre-cuca"; estava tentando entrar numa "profissão dominada pelos homens", diz com orgulho. "Eu me entreguei de corpo e alma àquilo. Tinha notas excelentes porque queria conseguir algo na vida." Começou a trabalhar num restaurante francês em Rochester, criando requintados pratos e depois dirigindo todo o pessoal da cozinha. Tempos depois conheceu um grupo de evangélicos e eles acabaram a convertendo e convencendo a abandonar o emprego.

Cindy confessou que quem primeiro pensou em fazer piquetes diante das clínicas de aborto foi ela. Ela tinha muita dificuldade para engravidar - levou cinco anos - e acabou ressentida com as mulheres que concebiam tão facilmente e mesmo assim abortavam. Sozinha, começou a marchar em frente da clínica de planeamento familiar de Binghamton. Com um cartaz nas mãos, ela se dirigia às mulheres: "Não matem a sua criança. Eu ficarei com ela. Eu não posso ter filhos." Alex Aitken, na época funcionário da clínica, lembra-se de Cindy: "No começo, ela demonstrou uma personalidade bastante forte. Ela se aproximava de qualquer um."

Um dia, entretanto, Randall apareceu ao lado dela. Não demorou, lembra Aitken, para Cindy "simplesmente desaparecer de cena". Em seu lugar, Terry patrulhava agora o pátio de estacionamento, jogando literalmente o peso do seu corpo contra as portas dos carros para evitar que as mulheres entrassem na clínica. Uma vez descobriu a identidade de uma paciente e invadiu a sala de espera, gritando o nome dela sem parar. Em outra ocasião, lembram os funcionários da clínica, ele bancou o "conselheiro" da clínica e levou uma mocinha de dezesseis anos para o que ele chamou de "o nosso outro escritório", na verdade o seu próprio conjunto de salas. Ali, ele mostrou à adolescente sangrentos filmes acerca das supostas conseqüências do aborto - infertilidade, loucura e morte - até que a garota, apavorada, fugiu.

Em 1985, Terry já havia organizado um grupo de partidários da igreja, e eles faziam visitas diárias à clínica. Passavam cola nas fechaduras das portas e seguiam os funcionários na ida ao trabalho e na volta para casa. Um dia, invadiram a clínica, quebraram os móveis, arrancaram os telefones e se tran-

caram lá dentro. A polícia teve que arrombar a porta com uma alavanca. Durante outro protesto, um dos jovens ativistas da Operação Resgate entrou por uma janela e deu um soco no estômago de uma mulher grávida de cinco meses. Ela foi levada ao hospital numa ambulância - e perdeu o filho três semanas mais tarde.

Terry nunca chegou muito longe nos outros dois itens do seu "plano de três pontos". Em 1989, a Operação Resgate só tinha conseguido montar um serviço de assessoramento para jovens mulheres grávidas e sem recursos, o Centro de Gravidez Crítica. Mostrava assustadores filmes contra o aborto para as adolescentes que iludia com anúncios nas páginas amarelas em que se prometia um teste gratuito de gravidez. No dia em que estive lá, o único serviço real que prestava às mães necessitadas eram uns poucos pacotes de comida para bebês e duas caminhas de lona. Quanto aos lares para mães solteiras, Terry só arrumou um, a House of Life, na Pensilvânia. Hospedou somente quatro jovens grávidas antes de fechar. A razão? O casal encarregado do lar declarou que estava atarefado demais preparando-se para o nascimento do seu próprio bebê.

O LEGADO DO MOVIMENTO ANTIABORTO

Os líderes antiaborto foram os mais rumorosos e violentos agentes do contra-ataque. A mando deles, entre 1977 e 1989, setenta e sete clínicas de planejamento familiar foram incendiadas ou bombardeadas (em pelo menos sete casos, durante o horário de trabalho, com funcionários e pacientes lá dentro), cento e dezessete foram alvo de tentativa de incêndio, duzentas e cinquenta foram ameaçadas com bombas, duzentas e trinta e uma foram invadidas e duzentas e vinte e quatro foram depredadas. Com o passar do tempo, os ataques se tornaram mais freqüentes. Em abril de 1991, os ataques com bombas explosivas incendiárias já superavam em número o total de 1990. As pacientes das clínicas foram perseguidas e até seqüestradas e os funcionários sofreram ameaças de morte em sessenta e sete centros de planejamento familiar. Os fanáticos contra o aborto cegaram um técnico com produtos químicos antes de incendiar a Concerned Women's Clinic em Cleveland, Ohio. Uma médica de outra clínica foi mutilada ao abrir o jomal que escondia uma carga explosiva. A diretora-executiva da Planned Parenthood de Minnesota foi alvo de repetidas agressões e quase morreu sufocada. Numa clínica de Youngstown, em Ohio, um funcionário sofreu uma concussão quando vinte e cinco manifestantes antiaborto invadiram o prédio. Os funcionários de outras clínicas foram surrados, presos como reféns, atropelados pelos carros dos militantes e, num caso, até o cachorro do diretor da clínica foi envenenado.

A história da campanha contra o aborto nos anos que se seguiram ao *Roe** é bastante conhecida: os mais de cinquenta projetos de lei apresentados só no primeiro ano após o *Roe* para restringir os seus efeitos; a tentativa de 1974 para votar uma emenda constitucional para acabar com ele; a bem-sucedida Emenda Hyde de 1976, cortando as verbas federais para o aborto; o cada vez mais decisivo papel desempenhado pelos presidentes republicanos nos anos 80; as subseqüentes centenas de manobras legislativas que levaram a regras proibitivas e a atravancados regulamentos burocráticos em mais de trinta estados; os inúmeros desafios legais contra o *Roe* que culminaram, em 1989, na decisão *Webster* da Suprema Corte dos Estados Unidos - ironicamente, na véspera do Dia da Independência - que manteve as restrições estaduais sobre o aborto. E finalmente, o parecer da Suprema Corte, de 1991, permitindo que o governo proibisse que as clínicas subvencionadas por verbas federais até *falassem* em aborto com pacientes grávidas.

Mas, apesar da sua imponente aparência, a campanha nunca se tornou um movimento de massa. As sucessivas pesquisas nacionais demonstraram claramente que a maioria dos americanos ainda apoiava a legalização do aborto. Na verdade, aliás, a decisão *Webster* só ajudou a aumentar a margem a favor da liberdade de escolha. As pessoas que apoiavam a legalização já eram maioria em qualquer região do país, em qualquer faixa etária, em ambos os partidos políticos e na Igreja católica. Só havia um grupo de americanos que se considerava maioria e queria ver a decisão judicial da legalização revogada: os seguidores brancos dos pastores evangélicos da TV.

O inabalável apoio do público à legalização só faz sentido num contexto mais amplo da história americana; esta decisão fundamental é apenas uma volta ao *status quo*. O direito de abortar - praticado de uma forma ou de outra desde os tempos coloniais - nunca havia sido limitado até a segunda metade do século XIX. E nunca, até então, abortar chegara a ter qualquer conotação moral (mesmo depois de vários meses de gestação). Como observa a historiadora de controle da natalidade Kristin Luker: "Ironicamente, então, a tão malfalada decisão da Suprema Corte sobre o aborto, no caso *Roe* contra *Wade*, que dividiu a regulamentação do aborto por trimestres, estava muito mais de acordo com o tratamento tradicional do aborto do que a maioria das pessoas quer admitir."

Em 1800, o aborto era legalizado em todos os estados e a opinião popular a respeito era em geral neutra. Só em meados do século XIX, com o surgimento dos grupos de defesa dos direitos da mulher, foi que o aborto se transformou num campo de batalha. Quando as mulheres pressionaram exigindo medidas de planejamento familiar tão simples quanto "maternidade

* *Roe versus Wade*: um histórico processo judicial que marcou um decisivo avanço para as defensoras da legalização do aborto. (N. do T.)

voluntária" - que propunha a liberdade das mulheres para recusar o sexo ocasionalmente por motivos de saúde -, os médicos, os legisladores, os jornalistas e os clérigos responderam com uma campanha muito mais radical contra qualquer tipo de controle da natalidade. Repentinamente, o *New York Times* começou a deplorar o aborto como "o mal da época". E a Associação Médica Americana (na época uma organização incipiente que tentava estabelecer as suas credenciais tirando do caminho as parteiras e as demais mulheres que executavam os abortos) lançou uma maciça campanha de relações públicas contra esta prática "criminosa" e "irresponsável", chegando até a oferecer um prêmio para o melhor livro do ano contra o aborto. Os clérigos começaram a declarar que o aborto era um pecado grave. E os cruzados da "pureza" passaram a atormentar as clínicas de aborto, arrastando os médicos, quase todos mulheres, para as barras dos tribunais. Lá pelo fim do século XIX, este contra-ataque visando os direitos de reprodução resultaria na proibição de qualquer meio de controle natal (mantida durante uma boa parte deste século) e na ilegalidade do aborto (exceto para salvar a vida da mulher) em todos os estados.

Talvez seja de fato inevitável que até o mais modesto esforço por parte das mulheres para controlar a fertilidade detone uma ruidosa oposição. Todas as aspirações das mulheres - seja na educação, no trabalho ou em qualquer outro campo da autodeterminação - baseiam-se afinal na possibilidade delas decidirem se e quando vão ter filhos. É por isto que a liberdade reprodutiva sempre foi o assunto mais popular em cada uma das sucessivas agendas feministas - e o alvo mais pesadamente visado por cada contra-ataque. Durante o ressurgimento feminista do começo do século XX, o movimento para o controle da natalidade lançado por Margaret Sanger gozou de muito mais popularidade do que qualquer outro tema na agenda de campanha para os direitos da mulher, passando por cima das diferenças de classe e de raça. Como a militante pacifista e pelos direitos da mulher Crystal Eastman escreveu em 1918 acerca das suas companheiras contemporâneas: "Ainda que sejamos seguidoras de Alice Paul, ou de Ruñ Law, ou de Ellen Key ou então de Olive Schreiner, nós todas precisamos ser seguidoras de Margaret Sanger."

Tal como a sua precursora do século XIX, a campanha antiaborto dos anos 80 mostrou sinais de excesso punitivo quando mais uma vez a obtenção de algumas modestas liberdades reprodutivas por parte das mulheres foi recebida com uma enormidade de medidas repressivas. Nas centenas de medidas legislativas de referendos que se seguiam, os adversários da liberdade reprodutiva das mulheres pareciam amiúde interessados em muito mais do que apenas a revogação da legalização. Alguns propuseram ilegalizar o aborto até nos casos em que a vida da mulher corresse perigo, uma posição extrema que nem mesmo constava nas leis restritivas que regulamentavam o

aborto antes do caso *Roe*. Outros exigiam que a mulher conseguisse a permissão do marido antes de tomar qualquer iniciativa. Outros também queriam que ela se sujeitasse a um sermão obrigatório do seu médico. Outras propostas incluíam a proibição de qualquer tipo de controle da natalidade que pudesse ter efeito após a fecundação, banindo qualquer informação sobre controle natal até das bibliotecas públicas, e permitindo que um completo desconhecido entrasse na justiça para proibir que uma mulher fizesse um aborto. Em Utah, os legisladores queriam condenar os praticantes de abortos a penas de até cinco anos de reclusão; na Louisiana chegou-se a propor uma pena de dez anos de trabalhos forçados; em Massachusetts, um projeto de lei exigia a cadeia elétrica.

Quando o contra-ataque exacerbou suas posições contra os direitos reprodutivos, jornalistas, advogados e líderes religiosos juntaram-se a ele. Só nos últimos dois anos da década de 1980 foram publicadas mais de 1.500 matérias sobre o aborto nos maiores jornais, e os semanários dedicaram ao assunto mais espaço do que para qualquer outro sobre política social. A Ordem dos Advogados americana decidiu rescindir a sua política em prol da liberdade de escolha em 1990, após sete meses de sua aprovação. Até grupos religiosos moderados - entre os quais as igrejas batista, presbiteriana, metodista e episcopal - abandonaram as antigas posições favoráveis à escolha. Os bispos católicos ultrapassaram todas as medidas, chegando a contratar a Hill & Knowlton, a maior firma de relações públicas do país, para lançar uma campanha de 5 milhões de dólares contra o aborto. A arquidiocese de Nova York propôs a criação de uma nova ordem de freiras, as Irmãs da Vida, que se dedicaria exclusivamente à luta contra o aborto. John O'Connor, o cardeal de Nova York, divulgou um boletim de advertência de doze páginas avisando os políticos católicos que se arriscariam à excomunhão caso apoiassem o direito de abortar das mulheres. O bispo de Nova Jersey, James McHugh, declarou que dali por diante, os políticos católicos que discordassem da posição da Igreja estariam proibidos de falar nos eventos e de assistir aos serviços da mesma. O arcebispo de Guam prometeu excomungar qualquer senador que se opusesse a um projeto de lei que tornaria ilegal praticamente todo tipo de aborto na ilha. O bispo Rene Gracida de Corpus Christi, no Texas, excomungou a diretora de um centro de planejamento local e prometeu fazer o mesmo com uma funcionária de outra clínica se ela não abandonasse o emprego.

No fim da década, a campanha contra o aborto não tinha revogado o *Roe*, a maioria das propostas legislativas draconianas havia sido derrotada ou anulada, e o apoio da opinião pública à legalização do aborto só aumentara. Mesmo assim, a incansável propaganda, os processos, as perseguições e a violência haviam chegado tão longe que na verdade o aborto se tornara praticamente uma impossibilidade para a maioria da população feminina.

O clima de medo desencorajava a já relutante classe médica a oferecer tal serviço. No fim de 1987, 85% dos condados do país já não tinham centros de aborto. De acordo com uma pesquisa nacional, o número de pessoas capacitadas para o serviço caiu, no interior, em mais de 5% entre 1977 e 1988 - e 20% desta queda aconteceu depois de 1985. E a fonte de médicos especializados na prática de abortos estava secando. Os estados de Dakota do Norte e do Sul só tinham uma pessoa capacitada cada, e em pelo menos uma dúzia de estados, desde o Mississippi até Maryland, as mulheres tinham de atravessar as fronteiras estaduais para conseguir um aborto. No Missouri, as mulheres tinham que viajar o dia inteiro para finalmente acampar no pátio de estacionamento da única clínica de planejamento familiar em Saint Louis. No Centro Médico Truman de Kansas City - antes mesmo que a decisão Webster banisse os abortos deste hospital público -, o número de intervenções abortivas caiu de 484, em 1986, para 49, em 1988. E a causa não era falta de demanda. O número caiu porque um dos dois médicos que executavam a intervenção no hospital foi tão perseguido que decidiu mudar-se para a Califórnia, e o outro foi impedido de trabalhar tantas vezes pelos piqueteiros que o seu contrato não foi renovado. Até as áreas metropolitanas mais importantes foram afetadas. O Hospital do Condado de Cook, o maior prestador de serviços médicos aos pobres de Chicago, recusou-se a fazer abortos, e em 1990 o novo presidente da câmara do condado, que prometera restaurar o serviço durante a sua campanha eleitoral, retratou-se devido à pressão dos vereadores contrários ao aborto. No mesmo mês, o Centro Médico Maçônico de Illinois, um dos poucos hospitais do estado que realizava abortos, cortou este serviço devido à pressão da Igreja católica, que ameaçou não vender mais ao hospital um lote de terra de que o mesmo precisava para se expandir, caso não se conformasse com as exigências da Igreja a respeito do aborto.

Para as dezenas de milhões de mulheres que dependiam de cuidados médicos financiados pela União, até as poucas clínicas ainda em funcionamento estavam fora de alcance. As subvenções federais já não estavam mais à disposição das mais de duzentas e cinquenta mil mulheres que cada ano procuravam o aborto através da Previdência Social. No fim da década, todos os estados, com exceção de 12, tinham fechado os seus cofres aos abortos com subvenção estadual. (E mais, no começo dos anos 80 oito estados promulgaram leis limitando até a cobertura dos seguros privados para abortos.) Em Michigan, o fim dos abortos a cargo da Previdência Social - que passou a vigorar em 1988 - provocou uma queda de 10.300 abortos, isto é, 23%, no ano seguinte.

As poucas instituições particulares que ofereciam algum tipo de subvenção para o aborto ficavam praticamente impotentes diante do imenso número de pedidos de mulheres desesperadas; o Fundo para o Aborto, de Chica-

go, tinha que recusar centenas de mulheres a cada ano. Inúmeras mulheres cruzavam a fronteira do México para encontrar serviços de aborto mais baratos. A operação muitas vezes tinha resultados fatais. Quando Spring Adams, uma despreocupada adolescente de 13 anos de Idaho, foi estuprada e fecundada pelo pai em 1989, sua mãe só conseguiu encontrar um único médico em todo o estado disposto a fazer o aborto já no sexto mês - e ele não abriu mão dos honorários. Incapaz de arcar com o custo (o estado abolira qualquer subvenção previdenciária para aborto a não ser que a vida da mãe estivesse ameaçada), a mãe de Spring começou uma busca desesperada por todo o país. Ela encontrou finalmente uma clínica em Portland, no Oregon, que concordou em aceitar o caso da filha e só pediu 200 dólares. Porém, dois dias antes de Spring subir no ônibus que a levaria a Portland, o seu pai - contrário ao aborto - matou-a com um tiro de um rifle do exército.

O movimento antiaborto também tornou mais difícil a obtenção de informações acerca das poucas clínicas ainda em funcionamento. Com a sua decisão de 1991, a Suprema Corte amordaçara os prestadores de serviços de saúde que recebiam subvenção federal. Os cursos de educação sexual subvencionados pelo governo escondiam dos alunos adolescentes qualquer informação sobre aborto e controle da natalidade. E ao mesmo tempo os administradores de escolas públicas, receando as ameaças dos grupos antiaborto, fecharam os cursos que de fato forneciam tais informações. Em 1989, menos da metade das escolas secundárias das cidades de Minnesota proporcionava algum tipo de educação sexual - uma resposta direta à pressão do poderoso *lobby* contra o aborto do estado. As camarilhas contra o aborto pressionaram a mídia para que não aceitasse anúncios de clínicas de planejamento familiar, assim como não transmitisse programas de interesse público sobre o aborto. Seja como resposta direta a estas pressões, seja apenas para ficarem fora da controvérsia, dezenas de jornais, emissoras de rádio e televisão, publicações escolares e acadêmicas, almanaques e até programas de jogos de futebol começaram a rejeitar ou a simplesmente banir qualquer menção ou anúncio de serviços sobre planejamento familiar, assim como qualquer informação oriunda de grupos a favor da liberdade de escolha.

Enquanto isto, a propaganda antiaborto *estava* perfeitamente à vista em caixas de pizza e até em vídeos esportivos. O dono dos New York Giants, Wellington Mara, produziu um vídeo, *Champions for Life* (*Campeões pela vida*), que distribuiu a crianças de escola através da American Life League. "Agora que os esquadrões da morte do aborto podem correr à solta pela nação", avisava aos jovens admiradores de Mark Bávoro (um dos seis astros do time que apareciam no filme), "fico me perguntando quantos futuros campeões serão mortos antes de verem a luz do dia."

Um anúncio da Organização Nacional das Mulheres, que simplesmente infomava a hora e o local de uma passeata nacional pelos direitos reprodu-

tivos, foi recusado como "polêmico demais" por vinte e seis emissoras de rádio em cinco dos maiores mercados nacionais da mídia. O *Los Angeles Times* e o *Washington Post* recusaram-se a publicar o anúncio de uma organização feminista para um filme pró-liberdade de escolha, *Abortion for Survival*. (E as mulheres que escreveram ao *Los Angeles Times* protestando contra a decisão receberam uma carta do departamento de publicidade, avisando-as de que eram apenas títeres de uma "orquestração" promovida por interesses feministas.) Por outro lado, o *USA Today* aceitou com prazer um grande anúncio da Liga Americana pela Vida (American Life League) que pedia às mulheres estupradas que desistissem do aborto. E as redes nacionais de TV não tiveram problemas para exibir segmentos do controverso, e enganoso, filme antiaborto, *The Silent Scream* (O grito silencioso), que mostrava um feto de doze semanas. Os grandes anunciantes da mídia, temendo as ameaças de boicote dos grupos antiaborto, tampouco facilitaram a apresentação de notícias sobre aborto por parte das emissoras. Um especial da ABC sobre aborto, conduzido por Barbara Walters, não encontrou um único patrocinador.

O movimento antiaborto também conseguiu provocar pesados cortes na ajuda e nas subvenções públicas e privadas para clínicas de controle da natalidade e os demais serviços de planejamento familiar. A ajuda federal e estadual para os serviços de planejamento familiar caiu em 50 milhões de dólares entre 1980 e 1987. O Vaticano ordenou que o sistema hospitalar das Irmãs de Caridade, o maior prestador não-governamental de serviços médicos do país, parasse com todas as esterilizações, o principal meio de controle da natalidade dos católicos. Forçadas pelos grupos de pressão do "direito à vida", inúmeras grandes empresas, entidades assistenciais e fundações também cortaram a sua ajuda financeira a qualquer tipo de planejamento familiar. Em 1988, a United Way parou de subvencionar a Planned Parenthood, e em 1990, pressionada pelo Conselho de Ação Cristã, a AT&T também cortou as suas contribuições (depois de vinte e cinco anos), afirmando que os acionistas não concordavam com as ligações da associação com o aborto - embora 94% dos acionistas tivessem votado a favor das subvenções para a organização.

Os cortes no financiamento para qualquer tipo de planejamento familiar, ironicamente, levaram ao aumento de abortos entre mulheres jovens e pobres, uma vez que esta falta de controle provocou cada vez mais gravidezes indesejadas, principalmente entre adolescentes. Em 1990, o Centro de Estatísticas de Saúde registrava um aumento de partos entre adolescentes, invertendo uma tendência que durava há dezoito anos. Na Califórnia, os profissionais da saúde estimaram que o corte de 24 milhões de dólares nas subvenções estaduais para o planejamento familiar - que provocou o fechamento de clínicas para adolescentes e reduziu o pessoal e o horário de trabalho de

muitos centros - traduziu-se em cerca de mil gestações e em quinhentos abortos adicionais por semana antes de as verbas voltarem a ser concedidas.

As leis de trinta e quatro estados que limitavam o acesso das jovens ao aborto exigindo a concordância ou a permissão dos pais não fizeram com que as jovens deixassem de fazer sexo; só conseguiram aumentar o trauma e a taxa de natalidade entre adolescentes - e forçar atrasos que acarretaram para as mulheres abortos no sexto mês, mais arriscados e mais caros. Depois que a lei de consentimento dos pais entrou em vigor em Minnesota, o índice de natalidade entre garotas de quinze até dezessete anos subiu quase 40%. Por sua vez, o índice entre as garotas de dezoito e dezenove anos, que não eram afetadas pela lei, só subiu 0,3% no mesmo período. A porcentagem das adolescentes de Minnesota que buscavam abortos no sexto mês depois da votação da lei subiu 27%. E a lei do consentimento dos pais só serviu para levar cada vez mais jovens amedrontadas a buscar abortos escusos, às vezes com conseqüências desastrosas. Becky Bell, uma garota de dezessete anos de Indianápolis, morreu durante um aborto ilegal em 1988 depois que lhe foi negada uma operação legal porque ela estava apavorada demais para pedir a permissão dos pais. Depois que a *Seventeen* publicou um artigo sobre Becky Bell em 1991, houve uma verdadeira avalanche de cartas de garotas com suas próprias histórias pavorosas para contar. Uma menina de doze anos escreveu acerca de uma amiga que tinha tido o mesmo fim de Bell. Uma adolescente de Wyoming contou que ela também tinha recorrido, no maior desespero, a um aborto ilegal. O médico "humilhou-a", ela lembrava, e "as condições sanitárias deviam ser muito precárias, pois eu continuei sangrando durante meses. Finalmente, uma amiga levou-me ao hospital e eu fui operada de urgência. Provavelmente, eles salvaram a minha vida".

A "opção" liminar que a lei do consentimento dos pais permitia - em lugar da permissão dos pais, uma adolescente podia requerer a aprovação de um juiz para a operação - mal podia ser considerada uma verdadeira opção. Para a maioria das jovens era complicada e cansativa demais. Este "recurso legal" quase sempre exigia que as jovens solicitassem um atestado médico oficial e aconselhamento jurídico, que contassem a sua história a até duas dúzias de desconhecidos, e que apresentassem o seu pedido num prazo máximo de até um mês, um desastre para muitas delas que estavam grávidas há bem mais tempo do que isto. E no fim destes demorados procedimentos, ainda continuavam à mercê dos caprichos do juiz. Enquanto alguns estados emitiam milhares de liminares deste tipo, num estado como Indiana, onde os sentimentos contra o aborto corriam soltos pelos tribunais, só de seis a oito liminares eram concedidas anualmente.

A maioria dos juizes nem mesmo se interessava por estes casos. Em Massachusetts, doze dos sessenta juizes do Tribunal Superior recusaram-se metodicamente a ouvir os apelos de jovens adolescentes para abortar; em

Minnesota, as liminares só podiam ser pedidas em dois lugares. Também eram violados os direitos de privacidade das jovens - em alguns casos suas apelações eram ouvidas em salas abertas e os seus nomes e endereços eram registrados, contrariando abertamente o estipulado pela própria lei do consentimento. Muitos juizes sujeitavam as jovens a interrogatórios demorados e ameaçadores ou a zangados sermões morais. Estava ela se dando conta de que estava matando uma "criança"? Sabia ela que o feto tinha "olhos"? Os juizes contrários ao aborto, em muitos casos, tinham farta literatura com fotos de sanguinolentos fetos bem à mostra em suas salas enquanto interrogavam as adolescentes. Ou tentavam afastar a possibilidade da operação adiando a sua decisão e forçando as jovens a entrar num adiantado estado da gravidez.

A cruzada contra o aborto também diminuiu as escolhas reprodutivas das mulheres no futuro, uma vez que interrompeu as pesquisas federais e particulares sobre controle da natalidade. No fim da década, só uma grande empresa continuava financiando as pesquisas, se compararmos com as 24 dos anos 60 e 70. As empresas de seguros também recuaram, e em 1990 nenhuma delas já queria cobrir os testes clínicos da maioria dos anticoncepcionais. Um levantamento do Instituto de Medicina descobriu que os Estados Unidos, que já haviam sido os líderes mundiais em pesquisa de anticoncepcionais, haviam ficado perigosamente para trás em comparação com outros países industrializados no desenvolvimento do controle da natalidade e estavam agora arriscando o futuro dos contraceptivos.

As ameaças contra o aborto também pararam as pesquisas sobre abortivos. A Sterling Drug, que em 1986 desenvolvia um abortivo, de repente esqueceu o projeto. A Upjohn Co. encerrou suas pesquisas com anticoncepcionais em 1985, depois que grupos pelo "direito à vida" lançaram um boicote. Foi também suspensa a pesquisa sobre a pilula anticoncepcional francesa RU-486. Em 1989, a FDA, órgão controlador de produtos alimentares e medicinais - proibiu a importação da RU-486 para uso particular, pressionado por adversários do aborto tais como os senadores Jesse Helms, Henry Hyde e Robert Dornan. Em 1990, o fabricante da pilula abortiva, Roussel-Uclaf, parou de fornecê-la à única equipe de pesquisa clínica nos Estados Unidos que a estava testando. E estes pesquisadores, da Universidade da Califórnia do Sul, também descobriram que já não tinham o apoio dos seus colegas; embora muitos dos médicos por eles contatados tivessem mostrado, no começo, interesse, logo em seguida voltaram atrás dizendo que a pesquisa era "controversa demais" para eles participarem. Enquanto isto, quando um acionista propôs que o gigante farmacêutico Eli Lilly and Co. simplesmente *estudasse* a possibilidade de produzir a RU-486, os executivos da empresa logo pediram que a Comissão de Valores e Bolsas retirasse a proposta dos relatórios da companhia. Conseguiram, e os acionistas nunca tive-

ram sequer a chance de votar o assunto. Só uma empresa americana, a pequena Gyno-Pharma de Nova Jersey, admitiu, por menos de vinte e quatro horas, que poderia estar considerando lançar a RU-486; mas depois das ameaças de boicotes por parte dos grupos de pressão antiaborto, os representantes da empresa desistiram imediatamente de todo o interesse pela droga.

DIREITOS DO FETO: MÃE *VERSUS* FETO

A iconografia antiaborto dos anos 80 sempre salientou o feto, não a mãe. Na literatura, fotos, filmes e demais propagandas do movimento, a "criança não nascida" flutua num útero que não pertence a um corpo. O feto é uma criaturazinha consciente, às vezes até exuberante, enquanto a mãe não passa de um "ambiente" passivo, amorfo e inanimado. O feto é o inquilino, a mãe, a sua momentânea morada. Uma comissão do direito à vida chegou a imaginar o "diário de uma criança não nascida", no qual um feto precoce anotava considerações acerca das flores e confessava: "Quero me chamar Kathy." O manual de Willke ensina os participantes do movimento a usar "termos humanizantes... tais como 'esta pequena criatura'", na hora de se referirem ao feto - e frases como "local de residência" quando estiverem falando da mãe. O Dr. Bernard Nathanson, criador de *The Silent Scream* - um filme em que o único personagem realmente silencioso é a mãe -, descreve o feto em *The Abortion Papers* como "o pequeno aquanauta", uma criança em "exílio intra-uterino" que está "encerrada atrás do que parece um impenetrável muro de carne, músculos, ossos e sangue". Afinal, a mulher grávida é apresentada apenas como uma casa em que alguém mora. A metáfora antiaborto para a mulher que interrompe a gravidez é uma concha que explodiu: "O seu corpo é uma casa mal-assombrada onde aconteceu a morte trágica de uma criança", escreve Joseph Scheidler.

No fim dos anos 80, o movimento antiaborto tinha conseguido com notável sucesso levar uma boa parte do *establishment* médico e legal à sua própria visão da mãe e do feto. O feto tornar-se-ia o paciente principal na sala operatória, o cidadão com plenos direitos nos livros jurídicos e o principal queixoso nas salas dos tribunais. Nesta época, com efeito, em certas áreas o feto tinha mais direitos do que uma criança nascida.

As primeiras linhas da declaração de independência do feto foram esboçadas pelos médicos. Em 1982, um grupo de estudiosos de obstetria e de genética reuniu-se na Califórnia e concordou que tinham feito avanços médicos suficientes na ainda experimental prática da cirurgia fetal para que o feto passasse a ser considerado um "paciente" independente. Ao mesmo tempo, no igualmente experimental campo da cura da infertilidade, os médicos também estavam tratando o feto como se fosse uma criança com uma existência separada da mãe. Nas salas de espera dos centros de inseminação *in vitro*,

muitos médicos penduravam fotos de embriões. "A nossa Katy", lia-se em uma entre as muitas ultra-sonografias penduradas nas paredes do Pacific Fertility Center, em San Francisco. Alguns especialistas em infertilidade até ofereciam fitas de vídeo com "as nossas crianças" - meras seqüências de ovos fertilizados - e comentavam com entusiasmo como "o espectador sonográfico, olhando para o feto ignaro, descobre que se trata de uma criaturazinha surpreendentemente ativa". Com efeito, alguns médicos especialistas em infertilidade estavam começando a se portar como se o feto fosse realmente a criança *deles*. No Instituto Jones de Medicina Reprodutiva, o Dr. Howard Jones reclamou a custódia do embrião da paciente; a mulher teve de processá-lo num tribunal federal para forçá-lo a devolver o embrião.

Para os especialistas em infertilidade, humanizar o embrião era apenas uma boa técnica comercial - ajudava-os a desviar a atenção do número extremamente baixo de sucessos que conseguiam com tais tratamentos. Como descobriu em 1988 uma pesquisa do Congresso, os centros de fertilização artificial tinham um índice de acertos de menos de dez por cento, e metade dos centros nunca tinha conseguido realizar um nascimento bem-sucedido. Mesmo assim, os médicos davam um jeito para tirar dezenas de milhares de dólares em média das suas pacientes - para tratamentos que na maioria dos casos não davam a menor garantia.

Os clínicos de infertilidade não estavam somente elevando à condição de criança o ovo fertilizado; eles também estavam reduzindo as pacientes a meros "receptáculos uterinos" ou, como estes especialistas às vezes gostam de dizer, a simples "incubadoras" - e tratando-as cada vez mais como cobaias. Exatamente como os médicos do fim da era vitoriana haviam transformado os úteros em "lojas de brinquedos chineses" (como disse um especialista naquela época) - enchendo-os de ferros quentes, agulhas de injeção e, principalmente, sanguessugas -, as mulheres que recorriam aos centros de infertilidade nos anos 80 recebiam doses de arriscadas drogas para a fertilidade que mal haviam sido testadas, eram inoculadas com sêmen não verificado e sujeitas a tratamentos sem regulamentação e até perigosos. Foram pelo menos dez as mulheres que morreram por complicações decorrentes de inseminações *in vitro*. O Instituto DiMiranda, uma fundação que controla os centros de infertilidade, já estava recebendo queixas diárias de mulheres no fim dos anos 80: mulheres cujos ovários tinham ficado do tamanho de laranjas devido ao popular remédio para a fertilidade Perganol, mulheres que pegaram doenças venéreas de esperma contaminado em laboratórios de inseminação artificial, mulheres que se internaram para pequenos tratamentos com laser e saíram com histerectomias. Gina DiMiranda, a diretora da fundação, fundou o instituto depois de ela mesma quase morrer quando um especialista em infertilidade prescreveu-lhe um regime à base de um esterói-

de ainda não testado. Ela acabou sendo hospitalizada em condições críticas com febre alta, septicemia e sangramento uterino e retal.

Os legisladores e os juizes também estavam se mexendo para dar plena cidadania ao feto. Pela primeira vez na história do país, a lei e os tribunais estaduais começaram a definir o feto como uma "pessoa" legalmente independente e não como uma entidade cujos interesses eram inseparáveis dos da mãe. Um tribunal de New Hampshire chegou a considerar o feto como um "inquilino" que poderia receber o seguro do dono da casa. Em meados dos anos 80, a maioria dos estados havia votado leis contra o "feticídio" que estendiam ao feto os estatutos de homicídio. Alguns estados foram ainda mais longe. Uma lei da Louisiana considerou os ovos fertilizados como seres humanos perfeitamente formados. E os tribunais também estavam ampliando o conceito de pessoa aos estágios embrionários. Num processo de divórcio de 1989, um juiz do Tennessee sentenciou que agregados pré-embriônicos de quatro a oito células congeladas de um casal eram legalmente os filhos e que não podiam ser destruídos.

Embora estas primeiras leis sobre feticídio visassem defender o feto de uma terceira parte transgressora - um motorista bêbado ou um assaltante que molestasse a mãe -, as leis e os pareceres judiciais que surgiram na segunda metade da década eram endereçados com cada vez maior exclusividade, e fúria, contra a própria mãe. Se as primeiras decisões legislativas e judiciais separavam a mãe e o feto, as mais recentes apresentavam a mãe e o feto um contra o outro.

No fim dos anos 80, os legisladores estaduais de todo o país queriam aplicar as leis contra o abuso de menores ao feto para protegê-lo dos abusos maternos. Em nível federal, o senador pela Califórnia Pete Wilson defendeu a Lei de Prevenção ao Abuso de Crianças Durante a Gestação. "O exemplo mais sórdido e aterrador é certamente o de cometer abuso contra a criança através do cordão umbilical", ele disse aos seus colegas congressistas. Enquanto isto, nos estados, uma saraivada de projetos contra a "negligência ao feto" surgiu com toda a força. As propostas pediam a punição das mulheres cujo comportamento durante a gravidez pudesse ser considerado negligente em relação ao feto - comportamento que incluía qualquer coisa, desde não observar as prescrições médicas até se alimentar inadequadamente ou parir em casa. Outras iniciativas legislativas procuravam criminalizar o uso do álcool por mulheres grávidas, sujeitando as criminosas renitentes a penas de até vinte e cinco anos de prisão. Em muitos estados, tornou-se rotineiro no juizado de menores exigir a "custódia" dos fetos de mulheres grávidas sem recursos, cujas práticas pré-natais pudessem ser consideradas prejudiciais; ao nascerem, tais crianças ficavam sob a guarda do estado e despachadas sem mais nem menos.

O público em geral acabou se juntando à campanha. Em 1988, metade das pessoas pesquisadas pelo Instituto Gallup concordou que as mulheres grávidas que fumassem, bebessem ou recusassem uma cirurgia obstétrica deveriam ser consideradas legalmente responsáveis. As lojas, os restaurantes e até o metrô afixaram cartazes acerca daquilo que podia ou não podia ser consumido pelas grávidas. Luminares de direito e de medicina propuseram testes obrigatórios de bafômetro para mulheres grávidas que parecessem um tanto alteradas, exames compulsórios do feto (com punições legais para as que se recusassem a fazê-lo) e detenção para as que não seguissem uma dieta nutritiva. Neste clima, pessoas perfeitamente desconhecidas sentiam-se à vontade para pedir satisfações a uma mulher grávida que comprasse uma meia dúzia de latas de cerveja ou pedisse uma única taça de vinho num restaurante. Em Seattle, em 1991, uma mulher grávida que pediu um drinque num bar recebeu um sermão de dois garçons que a seguraram tão vigorosamente que ela os processou. Um colunista do jornal local, entretanto, elogiou a vigilância dos garçons. No mesmo ano, uma academia de ginástica de Seattle mandou que se retirasse do banho de vapor uma motorista de ônibus grávida que tinha os músculos doloridos. Os funcionários da academia insistiram que ela precisava de uma autorização por escrito do médico. (Na verdade, a mulher já havia sido liberada pelo seu obstetra, que aprovou os banhos.)

Quanto mais aumentavam os direitos do feto, mais diminuíam os da mãe. As pobres mulheres grávidas eram arrastadas para os tribunais por querelantes homens, médicos e maridos. Sem o consentimento delas, o seu sangue era examinado para ver se continha vestígios de drogas, a sua privacidade era continuamente violada no afã de o estado abrir um processo contra elas e eram forçadas a cirurgias obstétricas para o "bem" do feto, mesmo que isto arriscasse a sua vida.

Aqui estão alguns dos muitos casos de gravidez que apareceram nos livros de ocorrências policiais e autos de processos judiciais durante a década de 1980:

- No Michigan, o juizado de menores ficou com a custódia de um recém-nascido porque a mãe havia tomado alguns comprimidos de Valium durante a gravidez para aliviar as dores decorrentes de um acidente de carro. Mãe de três filhos, o seu histórico não registrava uso de drogas nem negligência materna. Levou mais de um ano para conseguir o filho de volta.
- Na Califórnia, uma jovem foi acusada de negligenciar o feto em nome de uma lei que, ironicamente, devia servir para forçar os pais negligentes a pagar pelo sustento da criança. Os seus crimes incluíam não ter obedecido às ordens do médico (um médico que tinha deixado de acompanhar o seu tratamento), não chegar ao hospital com a devida

pressa e ter mantido relações sexuais com o marido. O marido, cujos maus-tratos à esposa já provocara mais de doze intervenções da polícia no seu apartamento em apenas um ano, não foi indiciado, nem mesmo investigado.

- Em Iowa, o estado tirou da mãe o recém-nascido - embora não houvesse evidência de prejuízo para a criança - porque, entre outras acusações, ela "não prestara a menor atenção ao valor nutritivo do alimento que ingerira durante a gravidez", como relatou mais tarde um relatório do juizado de menores. "Ela simplesmente escolhia a comida de que gostava."
- No Wyoming, uma mulher foi acusada de abuso de menores por ter supostamente bebido enquanto grávida. Mulher espancada pelo marido, ela havia sido presa por este crime depois que procurara a proteção da polícia contra o marido violento.
- Em Illinois, uma mulher foi intimidada a comparecer perante o tribunal depois que o marido acusou-a de ter danificado o intestino da filha num acidente de carro durante a gravidez. Ela nem mesmo estava dirigindo.
- Em Michigan, outro marido arrastou ao tribunal a mulher acusando-a de ter tomado tetraciclina durante a gravidez; o remédio, receitado pelo médico dela, teria supostamente escurecido os dentes do filho, ele acusava. O tribunal de recursos do estado sentenciou que o marido tinha de fato o direito de processar a mulher por esta "negligência pré-natal".
- Em Maryland, uma mulher perdeu a custódia do seu feto quando se recusou a transferir-se para um hospital de outra cidade, uma mudança que ela não queria porque acarretaria negligenciar seu outro filho de dezenove meses.
- Na Carolina do Sul, uma mulher grávida de dezoito anos foi presa antes mesmo de dar à luz, suspeita de ter consumido cocaína durante a gravidez. A acusação, baseada somente no teste de urina, não tinha fundamento; ela pariu uma criança saudável sem sinal de drogas na corrente sanguínea. Mesmo assim, e embora o Departamento de Serviços Sociais não encontrasse evidência alguma de abuso ou negligência, a promotoria do estado anunciou que pretendia dar andamento ao processo de qualquer maneira.
- Em Wisconsin, uma grávida de dezesseis anos foi detida devido a uma suposta "vadiagem" e por sua "falta de motivação" para procurar assistência pré-natal.

Não há dúvida de que a sociedade tem interesse em trazer ao mundo crianças saudáveis e tem a obrigação prática e moral de ajudar as mulheres a cuidarem de si mesmas quando estão grávidas. Mas o tratamento punitivo e vingativo que as mães estavam começando a receber de legisladores, polícia,

querelantes e juizes nos anos 80, sugere que aqui havia mais do que mero interesse pelo bem-estar da criança. A polícia lotava os seus carros-patrolhas com mulheres suspeitas que ainda sangravam após o parto; os promotores invadiam os dormitórios das maternidades para conduzir os seus interrogatórios. Os juizes jogavam mulheres grávidas com problemas de drogas na cadeia por meses, embora a assistência pré-natal para mulheres grávidas nas prisões americanas seja, como provaram o Tribunal de Contas do governo e outras agências investigadoras, escandalosamente deficiente ou inexistente (em muitas prisões nem mesmo há um ginecologista) - e isto fez com que várias mulheres encarceradas dessem à luz crianças gravemente doentes ou marcadas pelo resto da vida. A polícia estava ansiosa para jogar todo o peso da lei sobre mulheres grávidas que tivessem de alguma forma errado.

As afirmações dos legisladores de que eles só queriam melhorar as condições das futuras crianças soavam aqui particularmente falsas. Ao mesmo tempo em que acusavam mães de baixa renda por falharem no cuidado com os seus fetos, também davam devastadores cortes nos próprios serviços de que as mães pobres precisavam para se conformarem com as exigências da lei. Como é que uma mulher empobrecida podia dar à luz uma criança saudável se lhe eram negados alimentação, assistência pré-natal, ajuda previdenciária e um lugar próprio para morar? No distrito de Colúmbia, Marion Barry declarou que a saúde infantil era a prioridade máxima na sua campanha para prefeito - mas depois cortou as subvenções assistenciais, forçando as clínicas pré-natais a um redimensionamento drástico e à simples eliminação do atendimento noturno tão necessário para as muitas mulheres que trabalhavam. Os médicos criticavam cada vez mais as mães de baixa renda, mas também recusavam-se a cuidar delas. No fim da década, mais de um quarto de todos os condados do país estavam desprovidos de uma clínica qualquer onde as mulheres pobres pudessem conseguir assistência pré-natal, e um terço dos clínicos não queria tratar das mulheres que eram pacientes da Previdência Social. No estado de Nova York, uma pesquisa do departamento de saúde descobriu que sete dos condados do estado não dispunham de qualquer tipo de assistência pré-natal abrangente para mulheres pobres; vários destes condados, e isto não nos deve surpreender, tinham índices de mortalidade infantil que eram mais que o dobro em relação à média nacional. Em 1986, na Califórnia, doze condados não tinham um médico sequer disposto a aceitar pacientes da previdência estadual; com efeito, o Programa Nacional da Saúde concluiu que a situação na Califórnia era tão ruim que as mulheres grávidas de baixa renda estavam "basicamente cortadas de qualquer tipo de assistência".

Nos anos 80, de todas as discriminações sofridas pela mulher grávida e pobre, a mais popular foi o teste positivo de drogas. Quando o governo federal e a imprensa se tornaram obcecados com o vício do crack nos guetos, a histeria nacional logo se concentrou nas grávidas viciadas. O Congresso realizou sessões alarmistas. Os promotores usaram as leis mais duras contra estas mulheres - leis que se destinavam aos traficantes de drogas, e não aos viciados - e não só as acusaram de abuso de menores, como também de agressão à mão armada e homicídio. Os juizes propuseram "liberdade condicional por toda a vida" para os casos de contracepção forçada, testes de rotina com as viciadas grávidas e restrições permanentes que proibiam a mulher de até ver a criança. Os legisladores defenderam a esterilização compulsória. Os professores de medicina aconselharam revogar os benefícios de assistência social. Os comentaristas da mídia encontraram as suas próprias soluções. O colunista Charles Krauthammer sugeriu juntar todas as mulheres grávidas viciadas e confiná-las num "local seguro" - para deter o surto de uma "subclasse biológica". E nas páginas supostamente neutras das notícias, os repórteres também entraram na dança com inúmeras matérias didáticas sobre mães viciadas em crack, quase todas tendo como alvo as mulheres negras. Afiravam que as mulheres eram as principais culpadas do caos dos guetos das cidades e da crise nacional de mortalidade dos recém-nascidos. "Filhos do crack: a pior ameaça é a própria mãe", decretava um título do *Washington Post*. "O uso de drogas por mulheres grávidas", acusava a *Newsweek* em 1989, num sentimento amplamente correspondido pela imprensa em geral, "está puxando para cima os índices de mortalidade infantil."

Na verdade, a taxa de mortalidade infantil não estava subindo. Os progressos em baixar a desastrosa taxa de mortalidade infantil da nação - uma das piores do mundo desenvolvido - de fato tornaram-se muito mais lentos. Mas este desaquecimento antecedeu a epidemia de crack da última metade dos anos 80; foi provocado principalmente pela crise dos seguros-saúde e pela falta de disponibilidade de cuidados médicos acessíveis no começo dos anos 80. Em 1983, o número de pessoas sem seguro-saúde subiu 20% em relação ao fim da década anterior. Por volta de 1985, quase 40% das mulheres pobres não tinham seguro. Ao mesmo tempo, o orçamento federal de 1981, com os seus cortes para a previdência e a assistência social dos núcleos familiares chefiados por mulheres, tirara os benefícios médicos de mais de um milhão de mães e crianças. Em razão disto, a proporção de bebês nascidos de mães com assistência pré-natal precária ou nula subiu 20% nos primeiros sete anos da década de 1980. As mulheres negras foram as mais castigadas por estas tendências; já em 1985, uma em cada duas mulheres negras não tinha uma assistência pré-natal insatisfatória.

Foi por isto, muito mais do que pelo vício do crack, que os progressos para baixar a mortalidade infantil no país ficaram mais lentos, provocando inclusi-

ve um aumento no índice de crianças nascidas com peso insuficiente - após uma década de índices favoráveis. As causas principais de morte nos primeiros meses de vida não estavam relacionadas com o uso de drogas: eram doenças tais como gripe, infecções e pneumonia, todas elas facilmente evitadas ou tratadas com cuidados médicos básicos. Mais uma vez, o golpe mais duro recaiu sobre as mães negras; as suas taxas de mortalidade infantil começaram a piorar em 1984 (antes da epidemia do crack) e já em 1987 a defasagem de mortalidade infantil entre brancos e negros era maior do que havia sido desde que o governo começou a coletar tais informações em 1940. (De qualquer maneira, durante a cruzada contra o vício, as mulheres negras recebiam um tratamento injusto tanto nos tribunais quanto na imprensa: na verdade, como demonstrou uma pesquisa, a porcentagem de mulheres brancas e negras usuárias de álcool e drogas nos anos 80 era a mesma; só que as negras tinham uma probabilidade dez vezes maior de serem detidas do que as brancas.)

Uma equipe de pesquisa da Universidade da Califórnia examinou, em 1989, os registros de mais de 146 mil nascimentos entre 1982 e 1986 na Califórnia e descobriu que as crianças nascidas de pais sem seguro-saúde - um grupo cujo número aumentara 45% naqueles mesmos anos - tinham 30% mais probabilidade de morrer, de apresentar doenças graves ao nascer e ter peso abaixo da média; as mulheres negras não seguradas tinham o dobro de chance de ter filhos doentes do que as negras com seguro-saúde. Um relatório similar na Flórida, em 1985, ao avaliar os efeitos desastrosos da perda de assistência pré-natal, concluiu: "No fim das contas, é mais seguro que a criança nasça de uma mãe viciada, anêmica ou diabética que vai ao médico durante toda a gravidez do que de uma mulher normal que não tem acompanhamento médico."

Os defensores de uma ação punitiva contra as mulheres grávidas usuárias de drogas argumentavam que elas podiam evitar o processo simplesmente procurando ajuda para se curar do vício. O tratamento para viciadas grávidas, entretanto, era praticamente inexistente. E o acompanhamento médico era fundamental para estas mulheres; o corte repentino e sem controle clínico de drogas como a heroína, por exemplo, pode causar a morte da mãe e do feto. Ao mesmo tempo em que a perseguição governamental contra as viciadas se tornava mais dura, as mulheres grávidas de baixa renda que de fato queriam livrar-se das drogas tinham cada vez mais dificuldades para encontrar ajuda, pois nos anos 80 ficou cada vez maior a lista de espera para programas de reabilitação antidroga, e muitos deles fecharam as suas portas para as mulheres grávidas a fim de evitar potenciais processos de responsabilidade por defeitos de nascença relacionados com drogas. Menos de 1% de todo o dinheiro gasto no combate às drogas pelo governo federal destinava-se ao tratamento das mulheres - e menos ainda para as mulheres grávidas. Um levantamento de setenta e oito programas de tratamento antidrogas na

cidade de Nova York descobriu que a grande maioria deles recusava os seus serviços a viciadas grávidas e sem recursos; 87% não aceitavam mulheres grávidas viciadas em crack com assistência previdenciária. Por todo o país, dois terços dos hospitais afirmavam não ter lugar para tratar mulheres grávidas dependentes de drogas.

Mesmo assim, os agentes da lei estavam ansiosos para entrar em ação. A Associação Nacional de Promotores Distritais até promoveu um workshop de dois dias para encorajar a guerra legal contra as mulheres grávidas usuárias de drogas. Em 1988, no condado de Butte, na Califórnia, um promotor distrital particularmente belicoso, Michael Ramsey, anunciou que iria processar qualquer mãe cujo bebê apresentasse resultados positivos nos testes de cocaína, anfetaminas ou heroína, com base em um estatuto que previa noventa dias de reclusão obrigatória.

Se a finalidade desta política persecutória era amedrontar as viciadas para forçá-las a pedir ajuda durante a gravidez, o tiro acabou saindo pela culatra. No condado de Butte, as mulheres indigentes usuárias de drogas simplesmente passaram a evitar por completo os hospitais - com medo de acabar sendo presas.

BISTURIS E CESARIANAS: INVASORES NO ÚTERO

Os médicos, que já haviam definido o feto como um paciente independente com direito a tratamento, começaram então a definir a mulher grávida como parte acessória sem direitos para recusar o tratamento. Primeiro os clínicos tinham preparado uma lista de proibições, estabelecendo o que elas não podiam fazer com os seus próprios corpos. Em seguida passaram à ofensiva, dizendo às mulheres grávidas que agora os médicos tinham plena liberdade de operar os seus corpos - com ou sem o consentimento delas. Numa pesquisa de âmbito nacional de 1986 entre diretores de programas de obstetria, quase a metade dos clínicos apoiou as ordens judiciais que forçavam as grávidas a se submeterem a cirurgias obstétricas - e mostrou-se favorável à detenção compulsória daquelas cuja renitência a sujeitar-se à intervenção pudesse, no entender deles, representar algum risco para o feto. Menos de um quarto defendeu abertamente o direito de uma mulher grávida em seu pleno juízo recusar as ordens do médico. Nas publicações médicas, os clínicos e os professores de medicina propunham métodos duros e punitivos para lidar com mulheres grávidas que não cumprissem as ordens dos seus obstetris. Suas recomendações incluíam a detenção de mulheres que "se recusassem a aceitar aconselhamento genético" ou que escolhessem parir com a ajuda de uma parteira contrariando as recomendações do médico.

Os juizes apoiaram os médicos. Quando estes últimos pediam a ajuda judicial para fazer cumprir as suas ordens, os tribunais quase sempre

proporcionaram-na. E também os homens da lei, em sua luta pelos direitos do feto, muitas vezes pareciam ter dificuldades para ver a mulher como uma pessoa inteira e viva. Um juiz do Tribunal Superior de Washington ordenou uma operação cesariana contra a vontade de uma mulher grávida de 19 anos, Ayesha Madyun, com o seguinte comentário: "Tudo aquilo que separava o feto Madyun de uma existência independente, autônoma da mãe, era, em resumo, o bisturi de um cirurgião."

Um levantamento de institutos médicos em dezoito estados entre 1981 e 1986 identificou trinta e seis casos em que os médicos tinham recorrido aos tribunais para forçar mulheres que não queriam submeter-se a intervenções obstétricas - na maioria dos casos, vinte e quatro horas após saberem da recusa da mulher. Os desejos das mulheres eram ignorados, mesmo quando ficava evidenciado que elas não eram mentalmente incapazes.

Numa época em que o direito do paciente de recusar um tratamento estava legalmente ganhando terreno, as mulheres grávidas começaram a se ver impossibilitadas de exercer o seu direito de recusa nos consultórios obstétricos. Os médicos, os hospitais e os tribunais envolvidos nestas cirurgias obstétricas forçadas pareciam muitas vezes desprezar os direitos da mulher grávida. Em Chicago, uma mulher grávida de trigêmeos ficou presa à cama do hospital com algemas nos pulsos e nos tornozelos depois que se recusou a aceitar uma cesariana antes do tempo. Em lugar de lhe permitir procurar ajuda em outro lugar, o hospital obteve a custódia dos trigêmeos não nascidos e conseguiu um mandado judicial para forçá-la e se submeter à operação. Num caso ocorrido em 1982, em Michigan, o juiz não só ordenou que uma mulher se submetesse a um cesariana contra a sua vontade, como reiterou que se ela não se conformasse, ele mandaria a polícia até a sua casa para arrastá-la ao hospital. (Ela fugiu e deu à luz um bebê saudável.)

Ao ordenarem estas intervenções, os juizes extrapolaram os limites das leis sobre deveres dos pais para com os filhos. Desde há muito os tribunais afirmam que os pais não podem ser forçados a agir em benefício da saúde dos filhos. Em dois casos sintomáticos, os tribunais se recusaram a forçar o pai a doar um rim ao filho moribundo e até desistiram de mandar os pais morar em outro lugar onde o clima ajudaria a criança convalescente. "Forçar o acusado a se submeter a uma violação do seu corpo mudaria qualquer conceito e princípio nos quais se baseia a nossa sociedade", escreveu o juiz numa destas decisões. Parece que os mesmos conceitos e as mesmas medidas não se aplicavam à invasão do corpo de uma mulher grávida.

Os defensores das cirurgias obstétricas forçadas argumentavam que a proteção do feto não interferia seriamente com nenhum direito das mulheres grávidas; ainda que a mãe não quisesse a cesariana, a operação dificilmente iria prejudicá-la. Mas quando se chegou à escolha entre a saúde da mãe e os direitos do feto, o feto começou a levar vantagem. Esta diferença entre os

direitos da mãe e os do feto nunca ficou tão brutalmente aparente como no caso de "A. C." - a definição impessoal que o tribunal daria a Angela Carder nos seus últimos dias de sofrimento.

Num dia de junho de 1987, Angela Carder jazia numa cama do Hospital da Universidade George Washington, na capital federal. Secretária de 28 anos, grávida há vinte e seis semanas, faltava-lhe uma perna perdida na sua contínua luta contra um câncer ósseo. Os médicos já a haviam desenganado duas vezes. Em ambas eles erraram. Ela fora, com efeito, uma das primeiras crianças a sobreviver ao sarcoma de Ewing, um câncer do tecido conectivo.

Em 1984, Carder se casou e decidiu que queria ter um filho. Ela pediu a opinião do médico. O seu câncer permanecia estável há vários anos e o obstetra concordou com a gravidez. Durante a gravidez, entretanto, a doença voltou a se manifestar. No sexto mês, um câncer inoperável invadiu o seu pulmão. Ela foi hospitalizada no George Washington onde os médicos diagnosticaram fase terminal. O oncologista dela, que já havia presenciado outras crises superadas por Carder e não a considerava um caso terminal, recomendou radiação e quimioterapia - tratamento que Carder também queria. "Desde o começo ela disse ao médico que a sua saúde deveria ficar em primeiro lugar", lembra a mãe Nettie Stoner. "Angela tinha passado tempo demais lutando pela sobrevivência para desistir da vida."

Mas os médicos do hospital, que acabavam de assumir o caso e só davam a Carder uns poucos dias de vida, não quiseram prescrever a quimioterapia pois temiam que o tratamento arriscasse a vida do feto. Com vinte e seis semanas, era improvável que ele sobrevivesse, mas se eles pudessem prolongar a vida de Carder por mais umas duas semanas - em lugar de tentar salvá-la - o feto teria mais chance. E assim, em vez de tratar o câncer, eles a intubaram e encheram-na de sedativos, uma estratégia para adiar a hora da morte. Carder protestou contra este "tratamento", diz a mãe, lembrando de como ela se debatia na cama, procurando livrar-se dos médicos. "Ela dizia: 'Não, não, não. Não façam isto comigo.'" Mas Carder perdeu a luta e foi, literalmente, silenciada. Com o tubo na garganta, não podia falar.

Os rumores sobre o caso Carder logo chegaram à diretoria e ao departamento jurídico do hospital. Os advogados do Hospital George Washington estavam bem cientes do clima que girava em torno dos direitos do feto. Tinham visto outros hospitais serem processados pelos grupos antiaborto por terem deixado de tomar medidas heróicas para salvar fetos seriamente comprometidos. Começaram a ficar preocupados: E se o feto fosse "viável"? O hospital poderia ser considerado responsável pela sua morte. A administração decidiu que os médicos deveriam tentar salvar o feto com uma cirurgia imediata - uma cesariana.

No estado de fragilidade em que Carder se encontrava, uma cirurgia como aquela iria provavelmente matá-la. Até os clínicos do hospital, que queriam salvar o feto, se opuseram. Quanto à opinião da própria paciente, disseram que ela estava "inconsciente" devido aos sedativos e não disponível para opinar. Em lugar de esperar algumas horas até o efeito dos sedativos passar para pedir a permissão de Carder - e sem nem mesmo falar com a família dela -, a administração do hospital recorreu a um juiz.

O juiz do Tribunal Superior, Emmet Sullivan, apareceu naquela mesma tarde e transformou uma das salas de reuniões do hospital em corte de justiça. De um lado: a equipe jurídica do hospital, dois procuradores da cidade e o advogado para o feto. Do outro: um único advogado nomeado pelo tribunal meia hora antes para representar Carder.

Os pais de Carder foram convidados a assistir, mas ninguém os informou de antemão de que se tratava de um sessão para decidir o destino da filha. Enquanto visitava a filha na unidade de tratamento intensivo mais cedo naquele mesmo dia, Nettie Stoner lembra que uma assistente social se aproximou dela simplesmente dizendo que pediam a sua presença para "uma rápida reunião". "Ninguém me disse o que havia de errado", afirma Stoner, e o ambiente na sala de reuniões só serviu para confundi-la mais ainda. "Eu entrei e eles estavam comendo como numa festa. Diziam: 'Pegue um sanduíche! Pegue um refrigerante!'"

O juiz pediu a opinião médica. Cada um dos clínicos do departamento de obstetria do hospital se opôs à cirurgia. Em seguida, a advogada do feto, Barbara Mishkin, falou. "Bem, acho que isto irá apressar a morte dela", ela disse, mas Carder iria provavelmente morrer dentro de algumas horas de qualquer maneira. Os direitos dela não deveriam ser levados em consideração. Para fortalecer o seu argumento, Mishkin contou um fato que outra pessoa lhe relatara. Pelo que ela soube, ela disse à corte, no dia anterior Carder dissera que "já tinha sofrido o bastante". Mishkin concluiu que esta prova indireta indicava que talvez Carder já não quisesse viver, de forma que os interesses do feto deveriam prevalecer.

As perguntas do juiz a Mishkin e aos demais centralizaram-se quase exclusivamente no feto. Quis saber como uma cesariana poderia afetar a saúde do feto - mas não como afetaria a de Carder. Ele defendeu o direito do feto à vida - mas considerou a luta de Carder para sobreviver como sendo quase uma preocupação egoísta "com o seu próprio conforto". Nem uma única vez o juiz levou em conta o fato de Carder ainda estar viva. O oncologista da paciente nem foi convidado para a sessão. Quando o advogado de Carder salientou que a operação cesariana "significaria de fato acabar com a vida dela", foi interrompido no meio da frase pelo juiz que disse: "Ela vai morrer." Ao ouvir isto, o angustiado pai de Carder gritou: "E quem disse que ela vai morrer?" A sua pergunta foi ignorada.

Houve um breve recesso e logo depois a sessão recomeçou. "Houve alguns testemunhos indicando que uma incisão cesariana pode muito bem precipitar a morte de Angela", disse o juiz. "Também houve testemunhos indicando que um atraso na execução da operação aumenta grandemente o risco para o feto... Sendo estas as escolhas, a corte é da opinião que o feto deve ter uma chance de viver." E o juiz sentenciou que os médicos deveriam executar a cirurgia imediatamente.

O Dr. Louis Hamner, da unidade de obstetria, voltou para o quarto de Carder para dar-lhe a notícia. Os sedativos estavam começando a perder o efeito e Carder permanecia um tanto aérea. Ele perguntou se ela queria a operação e ela resmungou a palavra "sim". Meia hora depois, ele voltou ao quarto de Angela. Desta vez, ela disse: "Não quero que façam, não quero que façam"- sem sombra de dúvida e repetidamente. Foi, disse Hamner, "bastando claro para mim".

Mas quando o médico voltou correndo para avisar os outros, ainda reunidos no improvisado tribunal, estes ficaram em dúvida. O juiz disse: "A corte continua sem entender direito o que ela quer dizer com isto." E um dos procuradores, Richard Love, admitiu que, afinal de contas, a opinião de Carder não interessava, pois o tribunal tinha decidido assumir que iria ser uma operação sem o consentimento dela. O juiz concordou e, mais uma vez, mandou os médicos executarem a cirurgia.

Numa última tentativa desesperada, o defensor público de Carder, Robert Sylvester, convocou o Projeto de Liberdade Reprodutiva da União Americana de Direitos Civis; os advogados da entidade entraram com um recurso de emergência pedindo a suspensão da sentença. Uma hora depois, o caso estava sendo examinado numa conferência via telefone por uma mesa de três juizes do tribunal de recursos reunidos às pressas. Os juizes disseram que a operação devia ser iniciada imediatamente, concordaram em ouvir todas as provas e em dar um veredicto em "dezesesseis minutos".

Quase imediatamente foram levantadas dúvidas acerca da capacidade de Carder para tomar uma decisão. Estaria a sua "capacidade de raciocínio" debilitada?, queriam saber os juizes. "Esta mulher está parecendo ambivalente?", quis saber o juiz Frank Nebecker. "Mudou de opinião pelo menos duas vezes, não é?" A defensora do feto, Barbara Mishkin, argumentou com os juizes que a ameaça da operação para a vida de Carder era "insignificante" porque ela era uma paciente de câncer em fase terminal. Não se tratava de "escolher entre a vida da mãe e a vida do feto pois a mãe nunca poderia voltar a ter uma normal expectativa de vida". O "direito do feto" à vida, ela disse, neste caso "supera qualquer interesse para se prolongar a curta vida da mãe".

Uma vez que os advogados haviam sido todos nomeados em cima da hora, nenhum deles estava realmente a par da lei sobre direitos reprodutivos. A única participante desta conferência por telefone familiarizada com a

jurisprudência do caso em questão era Elizabeth Symonds, a advogada do Projeto de Liberdade Reprodutiva. A lei "é muito clara", ela disse aos juizes. "A Suprema Corte determinou inequivocadamente que a vida e a saúde de uma mulher devem sempre prevalecer sobre a vida e a saúde do feto, conforme citações diretas dos textos 439 U.S. 379, 400." O juiz Nebecker redarguiu que "A falta de tempo não nos permite leituras". E assim, ao cabo de dezesseis minutos, os juizes ordenaram que o hospital prosseguisse com a operação.

Algum tempo depois os médicos fizeram o parto de uma menina. Disseram que ela "viveu" só duas horas, embora não tenha ficado claro como tudo aconteceu: repetidos esforços para encher os seus pulmões com um respirador foram inúteis. Era "como tentar oxigenar uma pedra", diria mais tarde a um repórter do *Washington Post* o Dr. Hamner. Nettie Stoner teve permissão para ver a criança. Lembra que a equipe do hospital lhe entregou um pequenino cadáver rígido vestindo uma fralda, uma camiseta e um boné. Uma enfermeira disse que a criancinha tinha vivido por algum tempo, mas Stoner não acreditou nela. "Eles queriam um resultado vivo", ela diz com amargura. "Queriam algo vivo para justificar o que tinham feito."

Carder acordou algumas horas mais tarde. Quando lhe disseram que a criança tinha morrido, ela chorou. A mãe segurou-lhe a mão e disse-lhe que tudo iria ficar bem, que todos a amavam e que talvez um dia ela pudesse ter outro filho. Logo a seguir Carder entrou em coma. Dois dias depois, faleceu. O laudo da autópsia determinou que a cirurgia foi uma das causas que contribuíram para a sua morte.

Cinco meses depois, o Tribunal de Recursos emitiu afinal o seu parecer por escrito justificando a sua decisão de dezesseis minutos. "Estamos cientes", dizia o apologético parecer, "de que podemos ter abreviado a vida de A. C." Os pais de Carder recorreram da decisão, devido ao fato de a filha não ter permitido a operação e de a cirurgia ter violado o seu direito à vida. Três anos depois, o Tribunal de Recursos da capital finalmente concordou e considerou errada a decisão judicial. Porém era tarde demais para que Angela Carder se importasse.

Quando a história de Carder chegou aos jornais, começou a fazer parte da cultura popular e não demorou para tornar-se tema de um episódio do seriado "L. A. Law". Na versão da TV, entretanto, o juiz faz a escolha "errada". Os direitos do feto são confirmados: a mãe morre mas a criança sobrevive. Para a mãe de Carder, o episódio foi o ultraje final. Primeiro o hospital invadiu o corpo da filha sem o consentimento dela. Depois o tribunal conscientemente abreviou sua morte. E agora Hollywood ia encobrir todo este crime. Quando a NBC transmitiu o episódio, conta Stoner: "Eles tiraram de Angela a sua própria história."

NO TRABALHO: O CRESCIMENTO DA PROTEÇÃO AO FETO

Nos processos por "negligência ao feto" que chegavam aos tribunais nos anos 80, os médicos e os juizes estavam pelo menos lidando com fetos *reais*. Quando o mundo dos negócios, entretanto, começou a defender os direitos do feto, as "crianças não nascidas" que eles queriam salvar nem mesmo tinham sido concebidas.

A partir do fim dos anos 70, e com progressão cada vez mais acelerada nos anos 80, pelo menos quinze das maiores empresas do país, desde a Du Pont, a Dow e a General Motors, começaram a esboçar "políticas de proteção ao feto" que limitavam as mulheres ou as afastavam completamente dos bem remunerados empregos tradicionalmente "masculinos" que envolviam exposição a produtos químicos ou a radiação - exposição que segundo as empresas poderia provocar defeitos de nascença. Em meados da década, centenas de milhares de oportunidades de emprego haviam sido tiradas das mulheres desta forma. E uma pesquisa na indústria química descobriu apoio unânime para a exclusão das mulheres destes locais de trabalho.

Na aparência, estas políticas pareciam uma esclarecida preocupação do empresariado pelos trabalhadores. Mas na verdade eram motivadas pelo medo de responsabilidade, e não por compaixão. E sempre eram elaboradas por empresas cuja história sugeria que iriam aceitar com prazer qualquer desculpa para excluir as mulheres. Apresentadas como medidas progressistas por parte de empresas preocupadas com saúde, as políticas de proteção ao feto tinham na verdade muito mais a ver com as retrógradas "políticas de proteção no trabalho" que proliferaram na virada do século, políticas que reduziram o horário, o salário e os tipos de trabalho que as mulheres podiam fazer - e que custaram às mulheres pelo menos sessenta mil empregos. Os defensores destas políticas também professavam um benévolo interesse pelos futuros filhos das mulheres, mas muitos destes defensores eram líderes de sindicatos masculinos ou políticos com base eleitoral inteiramente masculina. Como a Cigarmakers International afirmou claramente no seu relatório anual de 1879: "Não podemos excluir as mulheres do ofício, mas podemos restringir o seu quinhão diário através de regulamentos de fábrica."

Nos anos 80, nem a indústria americana nem o governo federal consideravam realmente a segurança reprodutiva uma prioridade nacional. Com efeito, o desejo das empresas de proteger a fertilidade feminina desaparecia misteriosamente em relação às mulheres que não trabalhavam no círculo mais bem pago das atividades "masculinas". As mulheres trabalhadoras estavam expostas a comprovados riscos à reprodução e a muitos dos mesmos produtos químicos e radiações nas pequenas fábricas de roupa, nos hospitais, nos consultórios dentários, nas tinturarias e nos salões de beleza, mas ninguém clamava pela proteção delas. (As esteticistas grávidas têm índices aci-

ma da média de toxemia, aborto espontâneo e parto prematuro; as enfermeiras grávidas e as assistentes hospitalares ficam expostas a gases anestésicos, que demonstraram provocar abortos espontâneos.) Estas companhias baniaram as mulheres das suas linhas de produção, mas não dos trabalhos de escritório - embora a exposição às telas dos terminais de vídeo fosse supostamente responsável, na época, por abortos espontâneos, defeitos de nascença e outros problemas de fertilidade. A administração Reagan também demonstrou a mesma duplicidade de padrões quanto às ameaças reprodutivas no trabalho. Embora encorajasse política de proteção ao feto para um milhão e quatrocentas mil mulheres que trabalhavam em empresas tradicionalmente "de homens", a Casa Branca atravancava as investigações sobre a ameaça que o trabalho com terminais de vídeo representava para 11 milhões de mulheres. Quando o Instituto Nacional de Segurança e Saúde Ocupacional tentou descobrir a causa dos anormais índices de problemas de fertilidade entre as operadoras de vídeo da Southern Bell, a Secretaria de Administração e Orçamento pediu que o instituto desistisse da pesquisa sobre fertilidade e estresse - afirmando que tais investigações "não tinham utilidade prática".

As companhias que adotaram políticas de proteção ao feto nos anos 80 pertenciam quase todas a setores marcadamente masculinos que haviam enfrentado uma grande pressão federal para contratar mulheres uma década antes. A AT&T, por exemplo, que em 1986 afastou as mulheres da linha de produção de chips para computadores, foi um dos principais alvos da Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego nos anos 70. Os executivos da AUied Chemical ainda estavam remoendo as leis que "nos mandam empregar mulheres" quando decidiram despedir algumas empacotadoras da fábrica - alegando que estas mulheres precisavam de proteção contra o fluorcarbono 22. Depois que duas das mulheres se fizeram esterilizar para continuar no trabalho, os diretores da Allied admitiram que afinal de contas o fluorcarbono não era realmente um perigo para o feto. E estas empresas estavam ansiosas para afastar as mulheres de muitas outras funções do que apenas as que envolviam exposição a produtos químicos. A Johnson Controls, a maior fabricante nacional de baterias automobilísticas, baniou as mulheres até das carreiras que *levavam* a posições com maiores salários. Qualquer função que de alguma forma, através de promoção ou transferência, pudesse um dia levar o trabalhador a uma atividade exposta ao chumbo, ficou fora do alcance das mulheres que trabalhavam na empresa.

Ao defenderem a proteção ao feto, as empresas reafirmaram os pontos de vista do movimento antiaborto: os fetos eram seres independentes, as mulheres não passavam de unidades receptoras. Numa pesquisa federal sobre as atitudes da indústria em relação aos riscos à reprodução, as diretorias e os grupos de pressão das grandes empresas descreveram o feto como a "visita inesperada" que precisava de proteção - e a mulher como a "casa e

comida" que precisava manter um "ambiente seguro e saudável" para o seu feto. Um grupo empresarial descreveu "a criança não nascida" como "membro do público involuntariamente trazido para áreas sob controle".

As empresas também reiteravam as prioridades judiciais sobre direitos da mulher dos anos 80 - primeiro o feto, depois a mãe. Na pesquisa federal sobre políticas de proteção ao feto, os porta-vozes das companhias afirmaram repetidamente que para eles os direitos do possível feto deveriam ter prioridade sobre os direitos trabalhistas das mulheres. Para a Associação de Fabricantes de Produtos Químicos e Orgânicos Sintéticos, a exclusão das mulheres era apenas um inconveniente secundário, "um pequeno preço a ser pago pelas mães, pelas mães potenciais e pela sociedade".

As mesmas empresas, entretanto, não pareciam importar-se com as crianças não nascidas a ponto de eventualmente despedir os pais - apesar de haver claras evidências ligando os defeitos de nascença ao contato dos homens com as toxinas industriais. Um estudo do Instituto de Segurança e Saúde Ocupacional descobriu que vinte e um dos vinte e seis produtos químicos cobertos pelas políticas de proteção ao feto também provocavam esterilidade masculina e danos genéticos. A Johnson Controls banuiu as mulheres das suas fábricas de baterias devido ao perigo de exposição ao chumbo, mas nem pensou em banir os homens - embora o chumbo seja reconhecidamente perigoso para a fertilidade de ambos os sexos. Um levantamento de 1989 entre 198 grandes empresas químicas e eletrônicas de Massachusetts descobriu que 20% tinham políticas de proteção ao feto limitando o emprego das mulheres; nenhuma delas limitava o dos homens - apesar de quase todas estas empresas representarem um risco à fertilidade masculina também.

E nem se pode dizer que o repentino surto de interesse pela saúde reprodutiva da mulher fosse o resultado de novas pesquisas. Nos raros casos em que as empresas se davam ao luxo de apresentar dados para justificar as medidas de proteção ao feto, quase sempre se baseavam em raros e superados estudos. A Du Pont baseou a sua política de proteção ao feto no estudo de um único animal, desmentido mais tarde. Na maioria dos casos, a "pesquisa" não existia. Das dezenas de milhares de produtos químicos em uso, somente cerca de 6% foram submetidos a exames científicos para finalidade reprodutiva. E os defensores dos fetos, tanto públicos quanto privados, não tinham pressa alguma para financiar novas pesquisas. Com efeito, o governo Reagan cortou amplamente as verbas federais para a pesquisa dos riscos ocupacionais e à fertilidade.

As trabalhadoras processaram a Johnson Controls por sua política radical de proteção ao feto adotada pela primeira vez em 1982. O caso se arrastou por todo o sistema judiciário. Um tribunal de recursos federal manteve a política da empresa. A administração Bush juntou-se aos interesses da companhia, argumentando que estas proibições para as mulheres eram perfeita-

mente aceitáveis desde que o empregador demonstrasse que eram necessárias. Finalmente, em 1991, as funcionárias da Johnson Controls triunfaram na Suprema Corte; a justiça achou que a política de proteção ao feto da empresa violava a Lei de Discriminação à Gravidez de 1978. O tribunal não podia, entretanto, indenizar estas mulheres por nove anos de salários defasados e de oportunidades perdidas. E nem podemos dizer que as empresas defensoras da proteção ao feto perderam o alento depois disso, elas simplesmente passaram para táticas mais sutis e sofisticadas, "encaminhando" as mulheres para novas e obrigatórias sessões de treinamento sobre as ameaças para o feto no trabalho, pedindo que elas trouxessem cartas dos seus médicos concordando com o trabalho ou exigindo que assinassem termos de responsabilidade.

Quase da mesma forma com que os antigos manuais vitorianos tinham classificado as mulheres como "mentais" ou "uterinas", as políticas de proteção ao feto da indústria dos anos 80 dividiram as mulheres em duas categorias opostas. Segundo estas empresas, a mulher podia optar por ser proprietária e ficar em casa ou trabalhadora e ficar estéril. A escolha é sua, elas diziam à sua força de trabalho feminina. Perca a sua estabilidade ou perca a sua fertilidade.

No caso da empresa American Cyanamid, algumas mulheres acabariam perdendo as duas coisas.

Desde os anos 40, a American Cyanamid vinha operando uma enorme fábrica de produtos químicos no condado de Pleasant até transformá-la num descampado de terra poluída ao longo do rio Ohio. A fábrica de Willow Island, na Virgínia, era (e ainda é) a única atração da cidade, com seus galpões sendo a única fonte de renda disponível nas redondezas. Cravada no coração do estado com os mais altos índices de desemprego do país, a fábrica podia dispor de uma das forças de trabalho mais desesperadas de toda a nação. Poucos moradores de lá, homens ou mulheres, teriam deixado escapar a oportunidade de trabalhar na American Cyanamid.

Mesmo assim, quando os investigadores federais visitaram Willow Island em 1973, descobriram que a companhia nunca tinha contratado mulheres para trabalhar em suas linhas de produção. O governo federal não demorou para alertar a American Cyanamid: se ela não abrisse as portas às mulheres iria ter de enfrentar os rigores da lei. Em 1974, o diretor da fábrica de Willow Island foi instruído pela sede em Nova Jersey para começar a procurar mão-de-obra feminina. Alguns dias depois que a notícia chegou ao condado de Pleasant, as mulheres já estavam fazendo fila no departamento de pessoal da fábrica.

Na época, Betty Riggs era uma jovem mãe trabalhando como garçonete

numa lanchonete na vizinha cidade de Belmont. Num dia de 1974, alguns dos homens da fábrica pararam na loja para um lanche. Eles estavam se queixando, ela ouviu, porque a fábrica poderia começar a contratar mulheres. Quando Riggs quis saber dos detalhes, eles disseram que a fábrica era "trabalho pesado" e "não era lugar para uma mulher".

Quando Riggs confirmou que a American Cyanamid estava contratando mulheres, foi correndo se candidatar. Não obtendo resposta, ela continuava aparecendo no departamento de pessoal da empresa. Mesmo tendo que contratar mulheres, os encarregados da empresa continuavam se mostrando relutantes diante da igualdade de oportunidades. Como muitas candidatas revelaram mais tarde, os funcionários do departamento pessoal ou lhes diziam que eram femininas demais para uma fábrica de homens ou que não eram o bastante. A algumas disseram que eram "bonitinhas demais" para trabalhar numa fábrica; outras foram informadas de que eram "gordas demais". Riggs lembra que o gerente de pessoal disse que não a contrataria, pois a achava pesada demais e ele não estava "dirigindo uma clínica de emagrecimento". Riggs perdeu os quilos a mais e tentou novamente. Mesmo assim ele não a contratou.

Depois de um ano de romarias quase diárias, Riggs conseguiu finalmente uma oferta de trabalho - mas era um cargo para trabalhar na lanchonete da empresa, pagando o mesmo salário que ela recebia no atual emprego. Ela recusou e continuou se candidatando para trabalhar na fábrica. Afinal, em dezembro de 1975, a American Cyanamid a contratou para trabalhar com as equipes de limpeza. Alguns meses mais tarde, ela conseguiu uma transferência para o departamento de pigmentos de chumbo - onde o salário era seis vezes o que ela ganhava na lanchonete.

No departamento de pigmentos, Riggs trabalhava o dia todo içando de um forno industrial panelões de vinte e cinco quilos de tinta sólida, empurrava os blocos de tinta para uma pulverizadora para em seguida ensacar o pó azulado. "Gostava muito do trabalho", ela lembra. "Não era moleza, um exercício e tanto." No decorrer do ano, várias outras mulheres juntaram-se a Riggs no departamento.

Trinta e seis mulheres foram contratadas para a linha de produção entre 1974 e 1976. No primeiro ano em que as mulheres apareceram, a produtividade e a qualidade do departamento de pigmentos melhoraram de forma surpreendente - um fato salientado com relutância no banquete anual da empresa naquele ano. Riggs não estava surpresa com a melhoria na produção. Ela tinha levado a sério a cota exigida pela empresa de doze "suprimentos completos" por noite, deixando bastante irritado o seu colega homem, que se acostumara ao ritmo mais lento de dez.

O colega de Riggs não foi o único homem no departamento de pigmen-

tos a se queixar da invasão feminina. "As mulheres não deveriam estar aqui, tirando os empregos dos homens", era o refrão que mais se ouvia. O chefe da equipe também vivia preocupado com outro "problema" que a presença das mulheres fazia surgir. Ele se queixava de que elas representavam um risco para a segurança porque "podiam prender uma teta na processadora" ou "ficar com o seio preso no panelão".

Com o aumentar do número de funcionárias, também as represálias aumentaram. Um dia, as mulheres chegaram ao trabalho e encontraram uma folha mimeografada com estas boas-vindas: ATIRE NUMA MULHER, SALVE UM EMPREGO. Em outra ocasião, as mulheres encontraram papéis grudados nos seus armários em que eram chamadas de "putas". Riggs achou fotos de uma revista pornográfica colocadas dentro do seu armário; uma nota explicativa dizia: "Isto é o que eu gostaria de fazer com você." Em dois incidentes separados, as mulheres tiveram de rechaçar agressões sexuais no vestiário feminino e nos chuveiros.

As mulheres da fábrica de Willow Island estavam determinadas a ficar, não importava o que os homens fizessem. Mas a partir do fim dos anos 70, começou a esboçar-se um adversário bem mais difícil do que os colegas operários: a alta gerência da própria empresa. Em 1976 a companhia parou repentinamente de contratar mulheres. Naquele mesmo ano os executivos decidiram desenvolver uma política de proteção ao feto. A American Cyanamid nunca havia demonstrado muito interesse em proteger os seus funcionários - os operários da potencialmente insegura fábrica de Willow Island trabalhavam há anos em condições insalubres e arriscadas. De repente, entretanto, a diretoria mostrou-se preocupada com os riscos à fertilidade na fábrica. O diretor do departamento médico da American Cyanamid, Dr. Robert Clyne, esboçou rapidamente uma política que proibiria a qualquer mulher em idade reprodutiva trabalhar em cargos de produção expostos a qualquer um dos vinte e nove produtos químicos.

O plano de proteção não era uma resposta a queixas da força de trabalho feminina; como o próprio Clyne admitiu, não havia nenhuma de que ele estivesse a par, e de qualquer maneira ele nunca pedira que os médicos da empresa examinassem os funcionários por possíveis problemas reprodutivos. E a novidade tampouco era motivada por razões científicas. O departamento médico da empresa não só não consultou a literatura especializada existente, como tampouco levou adiante qualquer tipo de pesquisa independente sobre os riscos à fertilidade causados pelos produtos químicos que apareciam na lista. Como Clyne explicaria mais tarde, os vinte e nove produtos haviam sido "compilados depois de uma rápida verificação dos formulários do computador". Com efeito, só uma das toxinas selecionadas, o chumbo, era reconhecidamente causadora de distúrbios no sistema reprodutivo. E embora o chumbo seja um risco para ambos os sexos, Clyne não levou em conta

os perigos à fertilidade masculina. "Simplesmente não possuíamos bastantes informações a respeito na época", ele afirmaria mais tarde ao depor no tribunal. Numa entrevista radiofônica, ele disse que se tivesse ficado claro que a capacidade reprodutiva dos homens estava sendo ameaçada pelas condições da fábrica, ele não pediria a demissão dos homens: "Outras medidas seriam tomadas para proteger os homens; talvez a possível suspensão no fabrico do produto ou o uso de trajes especiais de proteção com máscaras providas de filtros." A empresa tampouco cogitou outra solução - reduzir o nível de toxicidade no local de trabalho em vez de demitir as mulheres. Mais tarde a companhia declararia que "não havia tecnologia disponível" para resolver o problema. Uma inspeção governamental, entretanto, tinha descoberto que algumas modificações nos controles das instalações poderiam ter baixado os níveis de exposição para ambos os sexos. Mas ao que parece o preço para isso - 700 mil dólares - não agradou à diretoria da Cyanamid.

Em 1978, a companhia revelou o primeiro esboço da sua política de proteção ao feto. "Reconhecemos que isto pode restringir o campo de disponibilidade de trabalho da mulher", afirmou o comitê executivo da empresa num memorando interno, "mas no nosso entender este é o menor dos dois males."

A política ainda não era oficial, mas os diretores de Willow Island decidiram fazê-la cumprir imediatamente. Numa série de reuniões em janeiro e fevereiro de 1978, o diretor de relações industriais, Glenn Mercer, convocou as funcionárias ao consultório médico da empresa para informá-las das novas regras da casa. A partir de 1º de maio, ele disse, nenhuma mulher fértil com menos de cinquenta anos poderia trabalhar em oito dos dez departamentos - um regulamento que só deixaria disponíveis sete funções para as mulheres - a não ser que ela se submetesse a uma esterilização cirúrgica. Conforme Mercer disse às funcionárias, a companhia "estava se adiantando à lei de segurança e saúde ocupacional", que, ele assegurou, iria votar regulamentações similares a qualquer momento. Riggs lembra: "Ele disse que ia ser daquele jeito no mundo todo. Ele contou que no futuro nenhuma mulher trabalharia em fábricas de produtos químicos a não ser que fosse estéril."

As mulheres começaram a fazer perguntas. Iria ele dispensar os homens recentemente contratados para abrir vagas para mulheres transferidas com maior tempo de serviço? Não, ele respondeu, só mulheres. E que tal se elas tomassem pílulas anticoncepcionais? Não era o suficiente, disse Mercer, pois elas poderiam "esquecer". E se elas concordassem em fazer testes mensais de gravidez? Mercer sacudiu mais uma vez a cabeça. Que tal se os maridos já tivessem feito vasectomia? Não, disse Mercer. As mulheres é que deveriam se submeter à operação.

As mulheres pediram então uma lista dos produtos químicos em questão. Mercer disse que não a tinha à mão mas que havia "centenas deles" com mais sendo acrescentados "quase diariamente". Em seguida um médico e

uma enfermeira da companhia se adiantaram para explicar às mulheres que a esterilização era uma cirurgia simples e podia ser feita por qualquer médico local. Isto encerrou a reunião e as mulheres se retiraram, quase todas perturbadas demais para falar.

A funcionária Donna Martin ouviu as palavras de Mercer com crescente horror. Ela sabia que não tinha tempo de serviço suficiente para conseguir um dos sete cargos restantes. Como é que ela iria sustentar os seus cinco filhos? O seu marido estava desempregado, e eles já estavam passando por apertos financeiros. Ela se angustiou durante semanas, e quanto mais pensava no assunto, mais ficava deprimida. "Mentalmente, não conseguia agüentar a pressão de ter que escolher entre perder o emprego e nunca mais ter filhos."

Por fim decidiu submeter-se à cirurgia "para deixar de me preocupar com a perda do emprego". Ela foi consultar o Dr. George Gevas, um obstetra local, assinou um termo de responsabilidade para a operação naquele mesmo dia e marcou a intervenção para a semana seguinte - pois queria ter certeza de cumprir o prazo final para esterilização exigido pela empresa. Em seguida, receando perder o emprego se ficasse ausente por muito tempo, Martin só se permitiu três semanas de convalescença - "este era o prazo de recuperação mínimo com que o médico podia concordar", ela disse.

Quando Martin voltou ao trabalho, descobriu que a gerência da fábrica tinha adiado o prazo para a cirurgia enquanto ela não estava; o departamento médico da companhia estava reestruturando a política de proteção ao feto. Tais prazos foram estabelecidos, e depois adiados, durante todo o verão. Finalmente, em setembro, os gerentes da fábrica fizeram a declaração final: a lista de produtos químicos havia sido reduzida de vinte nove para um só, o chumbo, e somente as mulheres que trabalhassem no departamento de pigmentos de chumbo seriam afetadas. Estas mulheres, disseram, teriam até 2 de outubro para escolher entre a esterilização e a saída do emprego.

Barbara Christman, outra funcionária, queria ter mais filhos, mas ela também precisava desesperadamente do emprego. Como Martin, quanto mais ela ponderava as alternativas, mais ficava confusa. Finalmente, ela também foi ver o Dr. Gevas. Ele marcou a cirurgia para o dia seguinte. Quando Christman despertou da anestesia, descobriu estar num lugar inapropriado. O hospital a instalara na ala da maternidade.

Betty Riggs e Lola Rymer também marcaram consultas com o Dr. Gevas. O médico, lembra Rymer, fez um sermão; disse que era "um jeito miserável de manter um emprego" mas "se é assim que vocês querem, eu o farei". Ele marcou a operação para o mesmo dia. Como Riggs comentaria mais tarde, ela não via outra solução: "Fiz o que fiz porque eu era praticamente o único arrimo para um monte de gente que dependia de mim. Não podia deixar todo mundo a ver navios."

No fim, cinco das sete funcionárias do departamento de pigmentos foram esterilizadas. A empresa deslocou as outras duas para a seção de limpeza.

Enquanto isto, na sede da organização, a notícia das esterilizações acabou chegando aos ouvidos do médico que esboçara a política de proteção ao feto. O Dr. Clyne não pareceu perturbar-se - ou até mesmo interessar-se pelo fato.

Riggs voltou ao trabalho deprimida - e amedrontada. "Ficava me perguntando... Se não conseguiram se livrar da gente deste jeito, o que fariam depois?" Na sua primeira semana de volta ao trabalho, Mercer chamou-a ao seu escritório e propôs que, mesmo ela tendo sido esterilizada, talvez ainda preferisse ser transferida do departamento de pigmentos. Ele advertiu que se ela ficasse, seria "marcada" pelos homens. Ela respondeu: "Nunca fiz nada que me possa envergonhar." Mercer teve outra conversa parecida com Christman, que lhe pediu tempo para pensar no assunto.

Ambas as mulheres decidiram ficar no departamento de pigmentos. Não foi o caminho mais fácil; como Mercer avisara, elas ficaram marcadas. Logo depois que Donna Martin voltou da cirurgia, um dos guardas entregou-lhe um folheto sobre seguro-maternidade. Os homens no departamento escarneram as mulheres dizendo que haviam sido "castradas". "Você é um dos meninos, agora" e "O veterinário já vai atendê-la" eram duas das piadinhas favoritas. A atitude da gerência não foi muito melhor: toda vez que referiam-se a elas, chamavam-nas de "as neutras".

No começo de 1979, o Instituto de Segurança e Saúde Ocupacional fez uma inspeção na fábrica de Willow Island. Quando a notícia da investigação se espalhou, juntamente com os boatos de a companhia estar pensando em demissões e cortes no departamento de pigmentos, a situação ficou ainda mais tensa. "Vocês, mulheres, vão acabar conseguindo fechar este lugar", começaram a gritar os homens do departamento de pigmentos. "Foram vocês que nos meteram nesta enrascada toda." Naquele ano, o instituto decidiu que a American Cyanamid tinha violado a lei de segurança e saúde ocupacional e multou a empresa em 10 mil dólares. O instituto achou que a política constituía um "risco" de trabalho, pois tinha basicamente forçado as mulheres à esterilização. Além disto, salientou que a exposição ao chumbo era igualmente perigosa para os homens e deveria ser de alguma forma resolvida. Como resposta, a American Cyanamid fechou o departamento de pigmentos. Os empregos para os quais as mulheres tinham sacrificado os seus úteros já não existiam.

Em 1980, a American Cyanamid contestou a decisão do governo e uma comissão revisora do instituto concordou em retirar a denúncia, por achar que a violação não estava no âmbito da lei de segurança e saúde ocupacional uma vez que o risco por ela representada não "incidia diretamente sobre os funcionários". O Departamento do Trabalho preparou um recurso contra esta

decisão, mas justamente naquela época a administração Reagan assumiu e o recurso foi esquecido.

Enquanto isto, as mulheres procuravam por algum amparo legal por conta própria, primeiro com a comissão estadual de direitos civis, depois com o escritório local da Comissão de Igualdade de Oportunidades de Emprego. Depois que os funcionários de ambas as instituições deixaram bem claro que levaria anos até que o governo desse um parecer, as mulheres recorreram a serviços legais e aos sindicatos. A Internacional dos Trabalhadores Petrolíferos, Químicos e Atômicos concordou em levar adiante o recurso legal que o Departamento do Trabalho tinha deixado de lado. E numa ação separada, treze mulheres da fábrica também entraram na justiça contra a companhia, acusando-a de violar a lei federal de direitos civis.

O recurso do sindicato acabou ficando a cargo do juiz Robert Bork, e em 1984, ele decidiu em favor da companhia. A política de proteção ao feto não apresentava riscos, ele escreveu, uma vez que as mulheres tinham "a opção" da esterilização cirúrgica: "A companhia só foi acusada porque ofereceu uma opção às mulheres." A ação de direitos civis das funcionárias acabaria não dando em nada depois de três anos e meio de manobras pré-processuais. A companhia gastou milhões de dólares a mais do que elas. Em 1983, as mulheres aceitaram a modesta proposta de acordo - 200 mil dólares a serem divididos entre as restantes onze queixosas.

As funcionárias que processaram a empresa iriam ser as primeiras a ser despedidas nos anos 80. E quando foram procurar emprego em outro lugar descobriram que a sua reputação de criadoras de casos já estava feita. Betty Riggs, a mais decidida, foi quem sofreu mais. Acabou tendo que conformar-se com um emprego de baixa remuneração num parque estadual - como empregada. Estava de volta ao trabalho de mulher.

No fim da década, a deturpação dos fatos já tinha percorrido todo o circuito do contra-ataque, desde os registros dos tribunais até os informes da imprensa, voltando finalmente para o condado de Pleasant, no oeste da Virgínia, onde seria repetidamente invocada para rebaixar a condição da mulher.

Em 1988, Steve Tice e um amigo, ambos ex-funcionários da American Cyanamid, ao serem indagados sobre o caso das mulheres de Willow Island, comentaram: "Todo mundo tinha uma escolha. Elas não deviam ter feito aquilo [a esterilização] e aí botarem a boca no mundo. Ficou fácil demais para as mulheres se queixarem de qualquer coisinha."

Na vizinha Parkersburg, numa alameda da cidade velha, o Dr. Gevas mantém uma próspera clínica particular. A sua opinião é similar. "Acho que estas mulheres tiveram uma opção", ele diz. "Se estivessem com uma corda em volta do pescoço ou com um revólver apontado na cabeça, então até que podiam ter as suas razões. Mas elas puderam escolher."

O diretor de relações industriais da companhia, Glenn Mecer, também não surpreendeu com suas declarações. "Prefiro não falar no assunto", é a

única resposta que dá às perguntas que lhe são feitas. Finalmente, indagado se tem algum arrependimento pelas instruções que deu às mulheres, ele diz: "Nenhum. Só digo isto. Não tenho arrependimentos."

Com todos os caminhos para uma reparação pública fechados, a angústia das mulheres virou-se contra elas mesmas. Nos anos que se seguiram à cirurgia, cada uma das cinco mulheres esterilizadas da Cyanamid chegou a se considerar "incompleta" e "não-feminina". Algumas dizem que deixaram de dormir com os maridos - não se sentem "mulher o bastante". Todas sofreram aflitivas crises de depressão. E quando procuraram ajuda, de médicos ou terapeutas, a sua angústia só foi mitigada, ou em alguns casos aprofundada, com receitas de remédios para embotar a mente, tais como tranqüilizantes, antidepressivos e lítio.

As mulheres da American Cyanamid, como aliás as mulheres de qualquer setor, classe ou ocupação em todo o país nos anos 80, haviam sido o alvo de um impiedoso bombardeio cultural. Diziam-lhes que podiam restaurar a sua feminilidade desistindo dos empregos. Diziam-lhes que só poderiam progredir econômica e socialmente deixando de buscar a felicidade doméstica e privada.

A "escolha" que a American Cyanamid deu a estas funcionárias, assim como tantas outras opções que o contra-ataque graciosamente concedeu às mulheres, era apresentada como uma clara e significativa evolução - representava um progresso para as mulheres. O feminismo tinha aberto o caminho para que as mulheres escolhessem, e as grandes empresas, os tribunais e o resto da sociedade diziam estar fazendo a mesma coisa agora. O caso da American Cyanamid demonstra, pelo próprio excesso e horror do que aconteceu com as mulheres envolvidas, a absurda mentira que a tal "escolha" do contra-ataque era na realidade. Nunca houve nada de transparente, proveitoso ou esclarecedor na opção apresentada às mulheres da Cyanamid. As alternativas eram, na verdade, paradoxais, danosas e retrógradas - e armadas contra elas desde o começo.

Eram mulheres que não tinham escolha alguma no que dizia respeito ao seu trabalho: tratava-se ao mesmo tempo de necessidade, imposta pelo sistema econômico em que viviam, e de uma fonte fundamental de auto-suficiência e respeito próprio. Elas precisavam trabalhar e queriam trabalhar; mas ninguém mais queria que trabalhassem, nem os empregadores, nem os colegas de trabalho, nem os homens com os quais partilhavam a cama. Quando insistiam na idéia, eram quase sempre humilhadas no emprego, assediadas nos chuveiros e surradas em casa; e quando tentavam obedecer às regras sociais, voltando para casa, corriam o risco de morrer de fome.

Eram estas as "opções" que as mulheres já enfrentavam quando a American Cyanamid lhes deu o ultimato embutido na política de proteção ao

feto. Agora elas podiam escolher entre desistir do emprego do qual precisavam para sobreviver e se tornarem estéreis, desistindo daquilo que lhes contaram ser a sua mais gloriosa razão para viver. O contra-ataque disse às mulheres que elas precisavam escolher entre uma existência feminina e uma vida independente, e fez a escolha por elas; disse às mulheres que se elas desistissem da luta inatural pela autodeterminação, elas ganhariam de volta sua feminilidade natural. Mas às funcionárias da Cyanamid nem foi dada esta opção predeterminada. A política de proteção ao feto da companhia definiu as mulheres pelo útero, depois forçou-as a tomarem elas mesmas a decisão de tirar o útero e, finalmente, depois de forçar a opção, a empresa revogou qualquer escolha - as mulheres foram mandadas de volta para casa de qualquer maneira, sem o útero.

O desespero que estas mulheres sentiram foi, em grande parte, o resultado dos sinais que elas percebiam na cultura e da maneira com que estes sinais se chocavam com as circunstâncias reais de suas vidas. Era um dilema que, em maior ou menor medida, todas as mulheres do país tiveram de enfrentar nos anos 80. A terrível tragédia das funcionárias da Cyanamid foi que os sinais conflitantes as forçaram a "escolhas" de forma particularmente irrevogável, severa e física.

O contra-ataque nunca poderia moldar a nação conforme a fantasia retrógrada, centralizada no pai e na família nuclear, que promovia. Mas podia marcar com esta imagem a mente de muitas mulheres deixando no ar uma incômoda e até aflitiva dissonância. Se as mulheres eram infelizes nos anos 80 - e sem dúvida muitas o eram de fato, ainda mais quando o contra-ataque se tornou mais violento - não foi pelos motivos que normalmente eram apresentados. Afinal de contas, o feminismo e as liberdades que vieram com ele pouco tiveram a ver com a infelicidade das mulheres. O motivo era que o desejo de igualdade por parte das mulheres, um impulso que se recusou a desaparecer ao longo da década, ficava esbarrando com a agenda do contra-ataque, estimulando as mulheres a se debaterem entre os muros da dúvida, da falta de confiança e da recriminação que o próprio contra-ataque ajudara a construir.

O backlash deu às mulheres uma receita de felicidade que não iria nem poderia funcionar. Dividiu a vida das mulheres em dois: trabalho e lar, e então rotulou este último como uma existência completa e plenamente satisfatória. Quando as mulheres resistiam à receita, a infelicidade vinha-lhes através de punições psicológicas e materiais; quando tentavam seguir a prescrição, descobriam que o tratamento era falho - meio fantasia, meio punição -, que não tinha lugar na vida real contemporânea. Na verdade, nunca havia sido eficaz; nunca passara de mero paliativo. Nunca poderia satisfazer as necessidades humanas básicas e os desejos que as mulheres trazem consigo ao longo dos séculos - e que a sociedade sempre procurou abafar.

Epílogo

A década do backlash gerou uma dolorosa, longa e impiedosa campanha para frustrar o avanço nos direitos da mulher. E mesmo assim, apesar de todas as forças que o contra-ataque antifeminista reuniu - as empoladas denúncias da Nova Direita, as derrotas judiciais durante o governo Reagan, a poderosa resistência das grandes empresas, as eternas máquinas de mitos da mídia e de Hollywood, a guinada "neotradicionalista" do marketing da Madison Avenue -, as mulheres nunca se renderam realmente. O governo federal pode ter falhado no cumprimento da lei de igualdade de oportunidades e os tribunais podem ter minado vinte e cinco anos de leis antidiscriminatórias - e mesmo assim as mulheres continuam entrando no mercado de trabalho em número cada vez maior todos os anos. A imprensa e a televisão podem ter sido invadidas por aterradoras informações enganosas acerca da proliferação de solteironas, diminuição do número de nascimentos e perigosas creches - e mesmo assim as mulheres continuaram a adiar o dia do casamento, a limitar o tamanho da sua família e a ajustar a carreira com o nascimento dos filhos. As telas e as telinhas podem ter apresentado um sem-número de exemplos de boas esposas dedicadas exclusivamente ao lar, mas as espectadoras continuaram dando os maiores índices de audiência a programas com heroínas determinadas e independentes. Os estilistas do contra-ataque nem conseguiram forçar as mulheres a seguir os mais triviais ditames da moda; embora as lojas abarrotassem suas prateleiras com corpetes e combinações, as mulheres continuaram tranqüilamente comprando roupas íntimas simples e confortáveis.

Não importava o quão doloroso e desanimador fosse o choque contra o muro do contra-ataque, cada mulher continuou do seu próprio jeito a lutar contra ele. A silenciosa resistência feminina foi o tácito contraponto da campanha antifeminista dos anos 80, um traço em comum na vida de tantas mulheres, independente do espectro ideológico ou social. Até as mulheres que ajudaram a construir as barreiras do contra-ataque tentavam ao mesmo tempo elevar-se acima delas - seja no caso de Connie Marshner da Heritage Foundation, que elaborava seu tratado direitista quando começou a sentir as contrações do parto, seja no da especialista em marketing Faith Popcorn, que apregoava a tendência de "volta ao lar" enquanto administrava o seu próprio negócio e mantinha o seu estilo de vida independente. A presidente do

Mulheres Preocupadas com a América, Beverly LaHaye, pode ter declarado que lutava pelo ressurgimento de um estilo de vida "tradicional", mas também por outro lado exigia igualdade de condições no casamento. A psicóloga popular Toni Grant pode ter acreditado que a ambição não faz parte da natureza da mulher, mas ela própria viu no seu casamento uma oportunidade promocional para aumentar as vendas do seu livro.

O backlash conseguiu de fato infiltrar-se no pensamento da mulher, transmitindo nestes canais privados as suas ondas sonoras de vergonha e repreensão. Mas nunca conseguiu realmente silenciar o murmúrio de autodestruição que faiscava dentro de tantas mulheres quase derrotadas. Não importa quantas vezes as mulheres tenham sido obrigadas a se calarem, elas sempre lutaram para se erguer. Não importa quantas vezes tenham ouvido dizer que seriam muito mais felizes ficando na sombra, elas continuaram buscando um lugar ao sol, onde o seu desempenho seria valorizado.

Há muitas maneiras de se rebelar que na verdade não representam nenhuma ameaça real ao sistema - como o proverbial trabalhador explorado que aperta os parafusos para o lado errado ou a filha submissa que sempre chega atrasada nos almoços de domingo. Algumas mulheres tentaram passar pelas barreiras de controle do contra-ataque levando adiante as palavras de ordem do próprio contra-ataque ou tentando adaptar a agenda "pró-família" aos seus próprios fins ou insistindo que *elas* certamente não eram feministas. Outras recorreram à velha estratégia "feminina": seja boazinha e paciente; talvez um dia o mundo se apiede das mulheres que sabem esperar.

Embora os anos 80 tenham sido uma época em que se apregoava o lema de que "uma pessoa pode fazer a diferença", esta estratégia se revelou um beco sem saída no caminho da igualdade de direitos. Para destruir o muro do contra-ataque, em lugar de continuar inutilmente se arremessando contra ele, as mulheres teriam precisado estar armadas com algo mais do que apenas os seus queixumes e metas particulares. Na verdade, instruir cada mulher para que lutasse sozinha era de fato prepará-la para a derrota.

As mulheres já demonstraram, no passado, que podem resistir de forma significativa, desde que disponham de uma agenda clara, sem meios-termos, de uma massa organizada e combativa e de uma convicção firme e inabalável. Nas raras ocasiões em que estes três elementos apareceram juntos nos últimos dois séculos, as mulheres venceram as suas batalhas. A campanha pelo sufrágio vacilou quando as suas líderes recorreram ao conformismo e à decepção ao afirmarem com melindres que só encaravam o voto como uma forma "mais ampla de cuidar do lar". No fim das contas, foi a combinação de uma agenda franca, de mobilização em massa e de pura resistência física que ganhou a luta. As sufragistas organizaram uma multidão de mulheres, enviaram 480 recursos às legislaturas estaduais, lançaram cinquenta e seis tentativas de referendo e fizeram quarenta e sete campanhas durante as convenções

constitucionais estaduais. Mesmo assim, só quando as ativistas do Partido Nacional da Mulher começaram a fazer piquetes no Capitólio, acorrentando-se às grades da Casa Branca e enfrentando a prisão, foi que metade da população finalmente conseguiu o direito de voto.

Da mesma forma, o movimento de liberação da mulher deu várias saídas em falso. Como observou a cientista política Ethel Klein, apesar dos repetidos esforços de mulheres isoladas, só 10% dos 884 projetos de lei sobre direitos da mulher apresentados no Congresso nos anos 60 foram aprovados. Foi necessária uma demonstração de força numérica e de determinação para que o movimento feminista conseguisse penetrar na consciência do público. A Greve das Mulheres pela Igualdade, em 1970, até então a maior demonstração na história a favor dos direitos femininos, virou a maré - inspirando um notável crescimento da filiação em organizações feministas e uma sucessão de vitórias judiciais. Depois disto, setenta e um projetos de direitos femininos foram aprovados num curto espaço de tempo - quase 40% de toda a legislação sobre direitos da mulher votada neste século.

Foi neste período que as atitudes favoráveis aos direitos da mulher tiveram a sua maior popularidade também entre os homens. Enquanto muitas mulheres em tempos de contra-ataque receiam "ofender os homens" com exigências femininas, as mulheres agressivas e persistentes dos anos 70 descobriram que podiam começar a mudar a visão dos homens. Desafiando vigorosamente a definição convencional de masculinidade, estas mulheres fizeram com que os próprios homens também passassem a questioná-la. Afinal de contas, se tantos homens continuam vendo como prova de virilidade a sua condição de únicos provedores do lar, até certo ponto isto se deve ao fato de tantas mulheres esperarem tal condição deles. Por mais que os homens lutassem contra o desafio feminino nos anos 70, eles também o absorviam e incorporavam nas suas experiências pessoais; e quando viram que as mulheres não iam arredar pé, muitos deles começaram a procurar um acordo para continuar com a mulher que amavam. Até renomados antifeministas como Michael Levin, embora condenassem a campanha pela igualdade de direitos, silenciosamente costuravam acordos domésticos com suas mulheres. Pois o que tem sido amplamente esquecido em tempos de contra-ataque - quando as mulheres são encorajadas a agradar aos homens com as atitudes e a aparência em lugar de persuadi-los com a força dos seus argumentos - é que nem todas as cartas emocionais estão na mão do homem. Os homens precisam das mulheres da mesma forma que as mulheres precisam dos homens. Os vínculos entre os sexos podem atritar-se, e podem ser usados, como foram, para sujeitar a mulher. Mas também podem gerar crescimento e mudança mutuamente proveitosos.

Durante o contra-ataque dos anos 80, nas raras ocasiões em que as

mulheres tentaram esta estratégia franca e sem apologia, elas *conseguiram* mudar a opinião pública e a visão de muitos homens. A espetacular reviravolta da política sobre o aborto, provocada pelo reaquecimento do movimento em prol da liberdade de escolha em 1989, está aí para demonstrar este ponto. Aconteceu quando as mulheres que acreditavam no direito de controlar os seus próprios corpos decidiram finalmente dar uma imponente prova de força em 1989 - meio milhão delas marcharam na frente do Capitólio, a maior passeata de todos os tempos em Washington - e enfrentaram os manifestantes antiaborto nas portas das clínicas. Entre as estudantes, também, os protestos pela liberdade de escolha juntaram mais alunas do que as passeatas contra a guerra tinham feito nos anos 60. Estes marcantes fatos atropelaram e enfraqueceram uma cruzada contra o aborto que antes parecia estar a ponto de tirar do mapa os direitos reprodutivos das mulheres. A mobilização em massa da coalizão em favor do aborto desarmou quase todos os projetos contra a liberdade de escolha introduzidos nas legislaturas estaduais em 1989, levou ao governo estadual e ao senado vários candidatos que apoiavam a liberdade de escolha e até amedrontou o presidente do Comitê Republicano, Lee Atwater. Em 1990, em Idaho, um dos mais restritivos projetos de lei sobre o aborto foi vetado por Cecil Andrus, o governador "provida" do estado, depois que as mulheres a favor da liberdade de escolha decidiram boicotar as batatas de Idaho. Algumas líderes feministas desaprovaram o boicote. "Vamos deixar o governador tomar a sua decisão baseando-se na seriedade da matéria e na Constituição, e não em batatas", pediu Kate Michelman, diretora-executiva da Liga Nacional de Ação pelos Direitos do Aborto. Mas o que funcionou mesmo foi o boicote. "Toda vez que alguém ameaça uma de nossas maiores fontes de renda", explicou o governador Andrus, "isto se torna importante."

Durante a maior parte da década, entretanto, a municada fortaleza da cultura antifeminista assustou as mulheres muito mais do que as estimulou. As mulheres nos anos 80 eram a maioria da população em geral, nas universidades, nas cabines eleitorais, nas livrarias, nas bancas de jornais e diante dos aparelhos de TV. Elas representavam quase a metade dos funcionários de escritório e eram responsáveis por quase 80% do dinheiro gasto pelos consumidores nas lojas. Estavam gozando de uma inusitada e crescente vantagem tanto nas eleições regionais quanto nas nacionais - no fim dos anos 80, um candidato democrata podia ter um aumento instantâneo de 12 a 20 pontos percentuais graças aos votos femininos simplesmente declarando-se a favor da liberdade de escolha. Mesmo assim, como já aconteceu tantas vezes, as mulheres pareciam não dar-se conta do peso e do dinamismo de sua formidável presença.

"As mulheres não estão aproveitando o poder de que já dispõem" disse numa conferência sobre os direitos da mulher em 1988, a editora de *Working Woman*, Kate Rand Lloyd. "Grande parte dos homens já sabe que eles foram

encostados na parede... O que me parece lastimável e que não conseguimos ver o que já fizemos e o quanto precisam de nós, como realmente temos nas mãos os meios para mudar o nosso próprio destino."

O fato de as mulheres possuírem uma grande reserva de intocada vitalidade explica um dos mais surpreendentes fenômenos do contra-ataque - a aparentemente "exagerada reação" com que alguns homens saudaram até os mais modestos passos nos progressos da mulher. Talvez estes homens, afinal de contas, não estivessem exagerando. Nos anos 80, os políticos assistiram ao aumento da defasagem entre os sexos. Os legisladores viram as pesquisas indicando uma cada vez mais vultosa maioria de mulheres pedindo igualdade econômica, liberdade reprodutiva, uma atuação realmente participante no processo político, assim como investimentos reais do governo em serviços sociais e reais compromissos para com a paz. (A divergência de opinião entre os sexos chegou ao máximo em 1991, durante a guerra do Golfo; na véspera da batalha, a maioria das mulheres era contrária à intervenção militar, enquanto a maioria dos homens apoiava a medida.) Os homens no comando das grandes empresas viram o maciço consenso das mulheres em relação às políticas de assistência à criança e licenças-maternidade, e o grande ressentimento feminino devido às injustiças salariais e à dificuldade nas promoções. Os líderes evangélicos viram o imenso número de esposas "tradicionais" que ignoravam os seus ensinamentos ou que trocavam o lar pelo escritório. Todos estes homens sabiam a profunda força que um movimento nacional de mulheres poderia exercer se tivesse o mínimo de chance. Eram as mulheres, infelizmente, que ainda não entendiam isto.

"O motivo pelo qual os homens reagem de "forma tão agressiva" é porque *elas sabem*", diz Eleanor Smeal, criadora do Fundo para a Maioria Feminista. "Se todas as mulheres se unissem, nós ficaríamos por cima." Este dia poderia ter sido qualquer um dos 3.650 dias da década do último backlash. Mas as mulheres nunca souberam aproveitar a vantagem histórica de que desfrutavam; e enquanto o ataque contra a igualdade de direitos ganhava impulso, as energias das mulheres eram desviadas e por fim aniquiladas pela constante necessidade de escapar aos golpes punitivos do antifeminismo. E os anos 80 poderiam ter sido o grande passo à frente para as mulheres americanas.

No começo dos anos 90, alguns amantes das previsões - quase todos publicitários e propagandistas políticos - começaram a dizer que os próximos dez anos seriam "a Década da Mulher". O que eles quiseram dizer com este prognóstico não ficou muito claro. Estariam eles prevendo um fenômeno real ou apenas formulando mais uma "tendência"? Estariam eles sugerindo que as mulheres exerceriam maior autoridade nos anos 90 ou apenas vislumbrando uma época nostálgica em que as mulheres adorariam uma atitude mais delicada e "feminina"?

Seja como for, já faz muito tempo que a hora de a mulher entrar em cena chegou. Pois, apesar de qualquer obstáculo armado contra a marcha para a igualdade, apesar dos novos mitos inventados, das penalidades impostas, das oportunidades cortadas ou dos embargos criados, ninguém poderá jamais tirar da mulher a justiça de sua causa.

Referências bibliográficas*

Capítulo 1 — Introdução: Tudo por culpa do feminismo

- Nancy Gibbs, "The Dreams of Youth", *Time*, edição especial: "Women: The Road Ahead", outono de 1990, p. 12.
- Eleanor Smeal, *Why and How Women Will Elect the Next President* (Nova York: Harper & Row, 1984), p. 56.
- Georgia Dullea, "Women Reconsider Childbearing Over 30", *New York Times*, 25/2/1982, p. C1.
- Eloise Salholz, "The Marriage Crunch", *Newsweek*, 2/6/1986, p. 55.
- Herbert J. Freudenberger e Gail North, *Women's Burnout* (Nova York: Viking Penguin, 1985). Marjorie Hansen Shaevitz, *The Superwoman Syndrome* (Nova York: Warner Books, 1984). Harriet Braiker, *The Type E Woman* (Nova York: Dodd, Mead, 1986). Donald Morse e M. Lawrence Furst, *Women Under Stress* (Nova York: Van Nostrand Reinhold Co., 1982). Georgia Witkin-Lanoil, *The Female Stress Syndrome* (Nova York: Newmarket Press, 1984).
- Stephen e Susan Price, *No More Lonely Nights: Overcoming the Hidden Fears That Keep You from Getting Married* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1988), p. 19.
- Betty Friedan, *The Second Stage* (Nova York: Summit Books, 1981), p. 9.
- Mona Charen, "The Feminist Mistake", *National Review*, 23/3/1984, p. 24.
- Claudia Wallis, "Women Face the '90s", *Time*, 4/12/1989, p. 82.
- Kay Ebeling, "The Failure of Feminism", *Newsweek*, 19/11/1990, p. 9.
- Marilyn Webb, "His Fault Divorce", *Harper's Bazaar*, agosto de 1988, p. 156.
- Mary Anne Dolan, "When Feminism Failed", *The New York Times Magazine*, 26/6/1988, p. 21.
- Erica Jong, "The Awful Truth About Women's Liberation", *Vanity Fair*, abril de 1986, p. 92.
- Jane Birnbaum, "The Dark Side of Women's Liberation", *Los Angeles Herald Examiner*, 24/5/1986.
- Robert J. Hooper, "Slasher Movies Owe Success to Abortion" *Minneapolis Star Tribune*, 1º de fev. de 1990, p. 17A.
- Gail Parent, *A Sign of the Eighties* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1987).
- Stephen King, *Misery* (Nova York: Viking, 1987).
- Freda Bright, *Singular Women* (Nova York: Bantam Books, 1988), p. 12.
- Erica Jong, *Any Woman's Blues* (Nova York: Harper & Row, 1989), pp. 2-3.

* As referências não estão em ordem alfabética e sim pela ordem de entrada no texto. (N. do E.)

- Toni Grant, *Being a Woman: Fulfilling Your Femininity and Finding Love* (Nova York: Random House, 1988), p. 25.
- Connell Cowan e Melvyn Kinder, *Smart Women Foolish Choices* (Nova York: New American Library, 1985), p. 16.
- Faith Whittlesey, "Radical feminism in Retreat, 8/12/1984, p. 7.
- Don Martinez, "More Women Ending Up in Prisons", *San Francisco Examiner*, 4/9/1990, p. A1.
- Sylvia Ann Hewlett, *A Lesser Life: The Myth of Women's Liberation in America* (Nova York, William Morrow, 1986).
- Mary Ann Mason, *The Equality Trap* (Nova York: Simon and Schuster, 1988).
- James P. Smith e Michael Ward, "Women in the Labor Market and in the Family", *The Journal of Economic Perspectives*, inverno de 1989, 3, 1:9-23.
- Megan Marshall, *The Cost of Loving: Women and the New Fear of Intimacy* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1984), p. 218.
- Hilary Cosell, *Woman on a Seesaw: The Ups and Downs of Making It* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1985). Deborah Fallows, *A Mother's Work* (Boston: Houghton Mifflin, 1985). Carol Orsbom, *Enough is Enough* (Nova York: Pocket Books, 1986). Susan Bakos, *This Wasn't Supposed to Happen* (Nova York: Continuum, 1985).
- Margaret W. Newton, "Women and Pension Coverage", *The American Woman 1988-89: A Status Report* (Nova York: W. W. Norton & Co., 1989), p. 268.
- Cushing N. Dolbeare e Anne J. Stone, "Women and Affordable Housing", *The American Woman 1990-91: A Status Report* (W. W. Norton & Co., 1990), p. 106.
- Deborah L. Rhode, "Perspectives on Professional Women", *Stanford Law Review*, 40, n? 5 (maio 1988), 1178-79. Anne Jardim e Margaret Hennig, "The Last Barrier", *Working Woman*, nov. de 1990, p. 130. Jaclyn Fierman, "Why Women Still Don't Hit the Top", *Fortune*, 30/07/1990, p. 40.
- Arlic Hochschild, *The Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home* (Nova York: Viking, 1989), p. 227.
- Cynthia Diehm e Margo Ross, "Battered Women", *The American Woman 1988-89*, p. 292.
- Katha Pollitt, "Georgie Porgie Is a Bully", *Time*, outono de 1990, edicao especial, p. 24.
- E. J. Dionne Jr., "Struggle for Work and Family Fueling Women's Movement", *New York Times*, 22/08/1989, p. A1.
- Warren T. Brookes, "Day Care: Is It a Real Crisis or a War Over Political Turf?" *San Francisco Chronicle*, 27/4/1988, p. 6. Louis Harris, *Inside America* (Nova York: Vintage Books, 1987), p. 96.
- Bickley Townsend e Kathleen O'Neil, "American Women Get Mad", *American Demographics*, agosto de 1990, p. 26.
- Larry Campbell, "Sexually Abusive Juveniles", *Anchorage Daily News*, 9/1/1981, p. 1.
- Lisa Belkin, "Bars to Equality of Sexes Seen as Eroding, Slowly", *New York Times*, 20/8/1989, p. 16.
- Jean Baker Miller, *Toward a New Psychology of Women* (Boston: Beacon Press, 1976), pp. xv-xvi.
- Cheryl Russell, *100 Predictions for the Baby Boom* (Nova York: Plenum Press, 1987), p. 64.
- Barbara Hetzer, "Superwoman Goes Home", *Fortune*, 18/8/1986, p. 20.

- Tony Freemantle, "Weary Strikers Hold Out in Battle of Pay Principle", *Houston Chronicle*, 2/12/1990, p. 1A. Peter T. Kilborn, "Labor Fight on a Catfish Plantation", *The News and Observer*, 16/12/1990, p. J2.
- Barbara Ehrenreich, "The Next Wave", *Ms.*, julho/agosto de 1987, p. 166. Sarah Harder, "Flourishing in the Mainstream: The U.S. Women's Movement Today", *The American Woman 1990-91*, p. 281.
- Alice Kahn, "Macho - the Second Wave", *San Francisco Chronicle*, 16/9/1990, caderno Sunday Punch, p. 2.
- Ellen Wojahn, "Who's Minding the Kids?" *Savvy*, outubro de 1987, p. 16.
- Rebecca West, *The Clarion*, 14/11/1913, citado em *A Feminist Dictionary* de Cherie Kramarae e Paula A. Treichler (Londres: Pandora Press, 1985), p. 160.
- The Feminist Papers: From Adams to de Beauvoir*, org. de Alice S. Rossi (Nova York: Bantam Books, 1973) p. xiii. Karen Offen, "Defining Feminism: A Comparative Historical Approach", em *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 1988, 14, n.º 1, pp. 119-157.
- Carol Hymowitz e Michael Weissman, *A History of Women in America* (Nova York: Bantam Books, 1978), p. 341.

Capítulo 2 — Falta de homens e úteros esteréis

- "Men Aren't Her Only Problem", *Newsweek*, 23/11/1987, p. 76.
- Women and Love: A Cultural Revolution in Progress* (Nova York: Knopf, 1987), pp. 41-42.
- Claudia Wallis, "Back Off, Buddy", *Time*, 12/10/1987, p. 68.
- Dan Collins, "Is He Handing Readers a Line?" *New York Daily News*, 19/7/1987, p. 4.
- Srully Blotnick, *Otherwise Engaged: The Private Lives of Successful Career Women* (Nova York: Penguin Books, 1985), p. 316.
- Marilyn Power, "Women, the State and the Family in the U.S.: Reaganomics and the Experience of Women", em *Women and Recession* (Nova York: Routledge & KeganPaul, 1988), p. 153.
- Michael Specter, "Panel Claims Censorship on Abortion", *San Francisco Chronicle*, 11/12/1989, p. A1.
- Kingsley Davis, *Human Society* (Nova York: The Memillan Co., 1961), p. 393.
- Lisa Marie Petersen, "They're Falling in Love Again, Say Marriage Counselors", *Stanford Advocate*, 14/2/1986, p. A1.
- Robert Schoen e John Baj, "Impact of the Marriage Squeeze in Five Western Countries", *Sociology and Social Research*, out. de 1985, 70: n.º 1, pp. 8-19.
- Neil G. Bennett e David E. Bloom, "Why Fewer Women Marry", *Advertising Age*, 12/1/1987, p. 18.
- Felicy Barringer, "Study on Marriage Patterns Revised, Omitting Impact on Women's Careers", *New York Times*, 11/11/1989, p. 9.
- The Cosmopolitan Report: The Changing Life Course of American Women*, Battelle Memorial Institute (Seattle: The Hearst Corporation, 1986).
- Pamela Redmond Satran, "Forever Single?" *Glamour*, fev. de 1986, p. 336.
- Louis Harris, "Mad Housewives' No Longer", *San Jose Mercury News*, 10/2/1989, p. C5.
- Norval D. Glenn e Charles N. Weaver, "The Changing Relationship of Marital Status to

- Reported Happiness", *Journal of Marriage and the Family*, 50 (maio de 1988): 317-324.
- Martha Weinman Lear, "The Woman's Day Survey: How Many Choices Do Women Really Have?" *Woman's Day*, 11/11/1986, p. 109.
- Martha Farnsworth Riche, "The Postmarital Society", *American Demographics*, nov. de 1988, p. 23.
- Arland Thornton e Deborah Freedman, "The Changing American Family", *Population Bulletin*, Population Reference Bureau Inc., 38, n° 4 (outubro de 1983): 12.
- Jacqueline Simenauer e David Carroll, *Singles: The New Americans* (Nova York: Simon & Schuster, 1982), p. 15.
- Alan T. Otten, "Deceptive Picture: If You See Families Staging a Comeback, It's Probably a Mirage", *The Wall Street Journal*, 25/9/1986, p. 1.
- Keay Davidson, "Sexual Freedom Will Survive Bush, Researchers Say", *San Francisco Examiner*, 13/11/1988, p. A2.
- Jessie Bernard, *The Future of Marriage* (New Haven: Yale University Press, edicao de 1982), p. 25.
- Joseph Veroff, Richard A. Kulka e Elizabeth Douvan, *The Inner American: A Self-Portrait from 1957 to 1976* (Nova York: Basic Books, 1981). Walter R. Gove, "The Relationship Between Sex Roles, Marital Status, and Mental Illness", *Social Forces*, 51 (set. de 1972):34-44. Walter R. Gove, "Sex, Marital Status and Psychiatric Treatment: A Research Note", *Social Forces*, 58 (set. de 1979): 89-93. Ronald C. Kessler, R. L. Brown, e C. L. Broman, "Sex Differences in Psychiatric Help-Seeking: Evidence from Four Large-scale Surveys", *Journal of Health and Social Behavior*, 22 (mar. de 1981): 49-63. Kay F. Schaffer, *Sex-Role Issues in Mental Health* (Reading, Mass.: Addison-Wesley Publishing Co., 1980) pp. 132-59.
- Blayne Cutler, "Bachelor Party", *American Demographics*, fev. de 1989, pp. 22-26.
- Joann S. Lublin, "Staying Single: Rise in Never-Marrieds Affects Social Customs and Buying Patterns", *The Wall Street Journal*, 28/5/1986, p. 1.
- Karen S. Peterson, "Stop Asking Why I'm Not Married", *USA Today*, 9/7/1986, p. D4.
- Elizabeth Mehren, "Frustrated by the Odds, Single Women Over 30 Seek Answers in Therapy", *Los Angeles Times*, 30/11/1986, Part VI, p. 1.
- Judith Waldrop, "The Fashionable Family", *American Demographics*, marco de 1988, pp. 23-26.
- Jib Fowles, "Coming Soon: More Men than Women", *New York Times*, 5/6/1988, III, p. 3.
- Marcia Cohen, *The Sisterhood: The True Story of the Women Who Changed the World* (Nova York: Simon & Schuster, 1988), p. 365.
- Lenore J. Weitzman, *The Divorce Revolution: The Unexpected Social and Economic Consequences for Women and Children in America* (Nova York: The Free Press, 1985), p. 362.
- Greg J. Duncan e Saul D. Hoffman, "Economic Consequences of Marital Instability", *Horizontal Equity, Uncertainty and Economic Well-Being* (Chicago: University of Chicago Press, 1985), pp. 427-471.
- Greg J. Duncan e Saul D. Hoffman, "A Reconsideration of the Economic Consequences of Marital Dissolution", *Demography*, 22 (1985), 485.
- Alan J. Otten, "People Patterns", *Wall Street Journal*, 12/12/1988, p. B1.

- Arland Thornton, "The Fragile Family", *Family Planning Perspectives*, 18, n° 5 (set./out. de 1986), 244.
- David L. Kirp, "Divorce, California-Style", *San Francisco Examiner*, 12/12/1990, p. A19.
- Pat Wingert, "And What of Deadbeat Dads?" *Newsweek*, 19/12/1988, p. 66.
- Ronald C. Kessler e James A. McRae Jr., "Note on the Relationship of Sex and Marital Status to Psychological Distress", *Research in Community and Mental Health* (Greenwich, Conn.: JAI Press, 1984), pp. 109-130.
- Judith S. Wallerstein e Sandra Blakeslee, *Second Chances: Men, Women and Children a Decade After Divorce* (Nova York: Ticknor & Fields, 1989), p. 39.
- Judith S. Wallerstein, "Children After Divorce: Wounds That Don't Heal", *The New York Times Magazine*, 22/1/1989, p. 18.
- Arland Thornton, "Changing Attitudes Toward Separation and Divorce: Causes and Consequences", *American Journal of Sociology*, 90, n° 4:857.
- Federation des Centres d'Etude et de Conservation du Sperme Humain, D. Schwartz e M. J. Mayaux, "Female Fecundity as a Function of Age", *The New England Journal of Medicine*, 306, n° 7 (18/2/1982): 404-6.
- Alan H. DeChemey e Gertrud S. Berkowitz, "Female Fecundity and Age", *The New England Journal of Medicine*, 306, n° 7, (18/2/1982): 424-26.
- Bayard Webster, "Study Shows Female Fertility Drops Sharply After Age of 30", *New York Times*, 18/2/1982, p. A1.
- Jane Menken, James Trussell e Ulla Larsen, "Age and Infertility", *Science*, 26/9/1986, pp. 1389-94; John Bongaarts, "Infertility After Age 30: A False Alarm", *Family Planning Perspectives*, 14, n° 2 (março/abril de 1982), 75.
- W. D. Mosher, "Infertility: Why Business is Booming", *American Demographics*, Jul. de 1987, pp. 42-43.
- Anne Taylor Fleming, "The Infertile Sisterhood: When the Last Hope Fails", *New York Times*, 15/3/1988, p. B1.
- Molly McKaughan, *The Biological Clock* (Nova York: Doubleday, 1987), pp. 123, 4, 6.
- Christopher Norwood, "The Baby Blues: How Late Should You Wait to Have a Child?" *Mademoiselle*, out. de 1985, p. 236.
- Carol J. Rowland Hogue, Willard Cates Jr. e Christopher Tietze, "Impact of Vacuum Aspiration Abortion on Future Childbearing: A Review", *Family Planning Perspectives*, 15, n° 3 (maio-junho de 1983): 119-125. Carol J. Rowland Hogue, Willard Cates jr. e Christopher Tietze, "The Effects of Induced Abortion on Subsequent Reproduction", *Epidemiologic Review*, 4 (1982), 66.
- Sevgi O. Aral e Willard Cates Jr., "The Increasing Concern with Infertility: Why Now?" *Journal of American Medical Association*, 250, n° 17 (1983), 2327; William D. Mosher, "Fertility and Family Planning in the United States", *Family Planning Perspectives*, 20, n° 5 (set./out. de 1988), pp. 207-217. Charles F. Westoff, "Fertility in the United States", *Science*, 234 (31/10/1986), 554-59.
- Julius Schachter, "Why We Need a Program for the Control of Chlamydia Trachomatis", *The New England Journal of Medicine*, 320, n° 12 (21/3/1989), 802-3.
- Amy Linn, "Male Infertility: From Taboo to Treatment", *Philadelphia Inquirer*, 31/5/1987, p. A1.
- Richard J. Herrnstein, "IQ and Falling Birth Rates", *The Atlantic*, maio de 1989, p. 73; "A Confederacy of Dunces", *Newsweek*, 22/5/1989, pp. 80-81.

- Ben J. Wattenberg, *The Real America: A Surprising Examination of the State of the Union* (Garden City, N. Y.: Doubleday & Co., 1974), pp. 152, 168-71.
- Frank Furstenberg, "The State of Marriage", *Science*, 239 (março de 1988), 1434.
- Elizabeth Mehren, "Frustrated by the Odds, Single Women Over 30 Seeking Answers in Therapy", *Los Angeles Times*, 30/11/1986, VI, p. 1.
- Lynn L. Gigy, "Self-Concept of Single Women", *Psychology of Women Quarterly*, 5, n.º 2 (inverno de 1980), 321-340.
- Elaine Showalter, *The Female Malady: Women, Madness and English Culture, 1830-1980* (Nova York: Penguin Books, 1985), pp. 61, 134.
- Grace Baruch, Rosalind Barnett, e Caryl Rivers, *Lifeprints: New Patterns of Love and Work for Today's Women* (Nova York: Signet Books, 1983), pp. 261, 279.
- Lois M. Verbrugge e Jennifer H. Madans, "Women's Roles and Health", *American Demographics*, março de 1985, p. 36.
- Carol Tavris e Carole Offir, *The Longest Ward: Sex Differences in Perspective* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1977), p. 221.
- Walter R. Gove, "Sex Differences in Mental Illness Among Adult Men and Women", *Social Science and Medicine*, 12B (1978), pp. 187-198; Mary Roth Walsh, *The Psychology of Women: Ongoing Debates* (New Haven: Yale University Press, 1987), p. 111.
- Judith Birbaum, "Life Patterns and Self-Esteem in Gifted Family-Oriented and Career-Committed Women" (1975), em *Women and Achievement: Social and Motivational Analyses*, ed. por M. Mednick, S. Tangri e L. Hoffman (Nova York: Halsted Press, 1975), pp. 396-419.
- Scott Winokur, "Women Pay a Price", *San Francisco Examiner*, 16/12/1990, p. E1.
- Linda Wolfe, "The Sexual Profile of the Cosmopolitan Girl", *Cosmopolitan*, set. de 1990, p. 254.
- Walter R. Gove, "Mental Illness and Psychiatric Treatment", em *The Psychology of Women*, ed. por Mary Roth Walsh (New Haven: Yale University Press, 1987), p. 11.
- S. Haynes e M. Feinleib, "Women, Work and Coronary Heart Disease: Prospective Findings from the Framingham Heart Study", *American Journal of Public Health*, 1980, pp. 133-141; Lois Wladis Hoffman, "Effects of Maternal Employment in the Two-Parent Family", *American Psychologist*, fev. de 1989, pp. 283-292.
- Ruth Cooperstock, "A Review of Women's Psychotropic Drug Use", em *Women and Mental Health*, p. 135.
- David Alexander Leaf, "A Woman's Heart: An Update of Coronary Artery Disease Risk in Women", *Western Journal of Medicine*, 149 (dez. de 1988), 751-57; Bonnie R. Strickland, "Sex-Related Differences in Health and Illness", *Psychology of Women Quarterly*, 12 (1988), 381-399.
- William H. Clafe, *The American Woman: Her Changing Social, Economic and Political Roles, 1920-1970* (Nova York: Oxford University Press, 1972), p. 220.
- Lois Verbrugge, "A Life and Death Paradox", *American Demographics*, julho de 1988, pp. 34-37.
- Ronald C. Kessler e James A. McRae Jr., "Trends in the Relationship Between Sex and Psychological Distress: 1957-1976", *American Sociological Review*, 46 (ago. de 1981), 443-452. J. M. Murphy, "Trends in Depression and Anxiety: Men and Women", *Acta Psychiatr. Scand.*, 1986, 73, pp. 113-127. Leo Srole, "The Midtown Manhattan Longitudinal Study vs. 'The Mental Paradise Lost' Doctrine", *Archives*

- of *General Psychiatry*, 37 (fev. de 1980), 220. Jane M. Murphy, Richard R. Monson, Donald C. Olivier, Arthur M. Sobol e Alexander H. Leighton, "Affective Disorders and Mortality", *Archives of General Psychiatry*, 44 (maio de 1987): 473-480. Jane M. Murphy, Arthur M. Sobol, Raymond K. Neff, Donald C. Olivier e Alexander H. Leighton, "Stability of Prevalence: Depression and Anxiety Disorders", *Archives of General Psychiatry*, 41 (out. de 1984), 990-997.
- Mýma M. Weissman, "The Epidemiology of Suicide Attempts, 1960-1971", *Archives of General Psychiatry*, 30 (1974), 727-746.
- S. Rosenfield, "Sex Differences in Depression: Do Women Always Have Higher Rates?", *Journal of Health and Social Behavior*, 21 (1980), 33-42.
- Ronald C. Kessler, James A. McRae Jr., "The Effect of Wives' Employment on the Mental Health of Married Men and Women", *American Sociological Review*, 47 (1982), 216-227.
- Sandra C. Stanley, Janet G. Hunt e Larry L. Hunt, "The Relative Deprivation of Husbands in Dual-Earner Households", *Journal of Family Issues*, 7 (margo de 1986), *xf*, 1, 3-20.
- G. L. Staines, K. J. Pottick e D.A. Fudge, "Wives' Employment and Husbands' Attitudes Toward Work and Life", *Journal of Applied Psychology*, 71 (1986), n° 1: 118-128; P. J. Stein, "Men in Families", *Marriage and Family Review*, 7 (1984), n° 3/4: 143-159.
- David Gelman, "Depression", *Newsweek*, 4/5/1987, p. 48.
- Deborah Fallows, "Mommy Don't Leave Me Here! The Day Care Parents Don't See", *Redbook*, out. de 1985, p. 160; J. L. Dautremont Jr., "Day Care Can Be Dangerous to Your Child's Health", *San Francisco Examiner*, 20/1/1990, p. A25.
- Melinda Beck, "As Epidemic of Child Abuse", *Newsweek*, 29/8/1984, p. 44.
- Pat Wingert e Barbara Kantrowitz, "The Day Care Generation", *Newsweek*, edigao especial, inverno-primavera de 1990, pp. 86-92.
- Warren E. Leary, "Risk of Sex Abuse in Day Care Seen as Lower Than at Home", *New York Times*, 28/3/1988, p. A20.
- Lois Wladis Hoffman, "Effects of Maternal Employment in the Two-Parent Family", *American Psychologist*, fev. de 1989, pp. 283-292. Kathleen McCartney, Sandra Scarr, Deborah Phillips, Susan Grajek e J. Conrad Schwarz, "Environmental Differences Among Day Care Centers and Their Effects on Children's Development", *Day Care: Scientific and Social Policy Issues*, ed. por E. Zigler e E. Gordon (Boston: Auburn House, 1982), pp. 126-151. Barbara J. Berg, *The Crisis of the Working Mother* (Nova York: Summit Books, 1986), pp. 58-60.
- Carolyn Jabs, "Reassuring Answers to 10 Myths About Day Care", *Child-Care Referral & Education*, julho-agosto de 1985, p. 2.
- Sandra Scarr, *Mother Care/Other Care* (Nova York: Basic Books, 1984), pp. 100-104.
- Michael Rutter, "Social-Emotional Consequences of Day Care for Preschool Children", *Day Care Scientific and Social Policy Issues*, pp. 5-9.
- Michael Rutter, *Maternal Deprivation Reassessed* (Middlesex, Inglaterra: Penguin Books, 1972), pp. 36-37.
- Jay Belsky, "Infant Day Care: A Cause for Concern?" *Zero to Three*, 6, n° 5 (set. 1986), 1-7.
- Judith Rubenstein, Carolee Howes, "Adaptation to Infant Day Care", em *Advances in Early Education and Day Care*, ed. por S. Kilmer (Greenwich, Conn.: JAI Press, 1983), pp. 41-42.

Ann C. Crouter, Maureen Perry-Jenkins, Ted L. Huston e Susan M. McHale, "Processes Underlying Father Involvement in Dual-Earner and Single-Earner Families", *Developmental Psychology*, 23, 431-440.

Capítulo 3 — Os reflexos de ontem e de hoje

Ann Douglas, *The Feminization of American Culture* (Nova York: Avon Books, 1977), p. 199.

Deirdre English, "What Do Which Women Really Want", *The New York Times Book Review*, 4/9/1988, p. 20; Ethel Klein, *Gender Politics* (Cambridge, Ma.: Harvard University Press, 1984), p. 9; Juliet Mitchell, "Reflections on Twenty Years of Feminism", em *What Is Feminism? A Re-Examination*, ed. por Juliet Mitchell e Ann Oakley (Nova York: Pantheon Books, 1986), p. 36.

Adrienne Rich, *On Lies, Secrets and Silence* (Nova York: W. W. Norton & Co., 1979) pp. 9-10.

Lois W. Banner, *Women in Modern America: A Brief History*, 2ª ed. (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1984), p. 1.

Nancy F. Cott, *The Grounding of Modern Feminism* (New Haven: Yale University Press, 1987), p. 39.

Vern L. Bullough, Brenda Shelton e Sarah Slavin, *The Subordinated Sex: A History of Attitudes Toward Women* (Athens, Ga.: The University of Georgia Press, 1988), pp. 73-82; Mary R. Beard, *Women as Force in History: A Study in Traditions and Realities* (Nova York: Octagon Books, 1976); Elaine Pagels, *The Gnostic Gospels* (Nova York: Random House, 1979) e *Adam, Eve and the Serpent* (Nova York: Random House, 1988); Barbara Ehrenreich e Deirdre English, *Witches, Midwives and Nurses: A History of Women Healers* (Nova York: The Feminist Press, 1973); Simone de Beauvoir, *The Second Sex* (Nova York: Bantam Books, 1961), p. xxii.

Eleanor Flexner, *Century of Struggle: The Woman's Rights Movement in the United States* (Nova York: Atheneum, 1974), p. 1.

Page Smith, *Daughters of the Promised Land: Women in American History* (Boston: Little Brown & Co., 1970), p. 91.

Cynthia D. Kinnard, *Antifeminism in American Thought: An Annotated Bibliography* (Boston: G.K. Hall & Co., 1986), p. XV.

Barbara Ehrenreich e Deirdre English, *For Her Own Good: 150 Years of the Experts' Advice to Women* (Garden City, Nova York: Anchor Books, 1978), p. 128; Lee Virginia Chambers-Schiller, *Liberty, A Better Husband: Single Women in America - The Generation of 1780-1840* (New Haven: Yale University Press), pp. 32-33.

Nancy Sahli, "Smashing: Women's Relationships Before the Fall", *Chrysalis*, n.º 8 (versão de 1979): 17-27.

Linda Gordon, *Woman's Body, Woman's Right: Birth Control in America* (Nova York: Penguin Books, 1977), pp. 137, 138-142.

William L. O'Neill, *Divorce in the Progressive Era* (New Haven: Yale University Press, 1967), pp. 33-56; Elaine Tyler May, *Great Expectations: Marriage and Divorce in Post-Victorian America* (Chicago: University of Chicago Press, 1980), p. 4.

Nancy F. Cott, *The Grounding of Modern Feminism* (New Haven: Yale University Press, 1987), p. 13.

- Carol Hymowitz e Michaela Weissman, *A History of Women in America* (Nova York: Bantam Books, 1978), p. 233.
- Jessie Bernard, *The Female World* (Nova York: The Free Press, 1981), p. 146.
- Alice Kessler-Harris, *Out to Work: A History of Wage-Earning Women in the United States* (Nova York: Oxford University Press, 1982), pp. 204-214.
- Carl N. Degler, *At Odds: Women and Family in America from the Revolution to the Present* (Nova York: Oxford University Press, 1980), p. 420.
- Cynthia Harrison, *On Account of Sex: The Politics of Women's Issues, 1945-1968* (Berkeley: University of California Press, 1988), pp. 15-16, 19, 21.
- Marynia Farnham e Ferdinand Lundberg, *Modern Woman: The Lost Sex* (Nova York: Harper & Row, 1947), citado por Betty Friedan em *The Feminine Mystique* (Nova York: A Laurel Book/Dell, 1983), pp. 119-120.
- Maureen Honey, *Creating Rosie the Riveter: Class, Gender, and Propaganda During World War II* (Amherst, Mass.: University of Massachusetts Press, 1984), p. 122.
- Susan M. Hartmann, *The Home Front and Beyond: American Women in the 1940s* (Boston: Twayne Publishers, 1982), p. 200.
- Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, *No Man's Land: The Place of the Woman Writer in the Twentieth Century*, vol. 1: *The War of the Words* (New Haven: Yale University Press, 1988), p. 47.
- Sara M. Evans e Barbara J. Nelson, *Wage Justice* (Chicago: University of Chicago Press, 1989), p. 23.
- Dean D. Knudsen, "The Declining Status of Women: Popular Myths and the Failure of Functionalist Thought", em *The Other Half: Roads to Women's Equality* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall Inc., 1971), pp. 98-108.
- M. P. Ryan, *Womanhood in America: From Colonial Times to the Present* (Nova York: Franklin Watts, 1983), p. 281.
- William L. O'Neill, "The Fight for Suffrage", *The Wilson Quarterly*, X, nº 4 (outono de 1986): 104; *Sisterhood Is Powerful*, ed. por Robin Morgan (Nova York: Vintage Books, 1970), p. 21.
- Michael de Courey Hinds, "Feminist Businesses See the Future", *New York Times*, 12/11/1988, p. 16.
- Susan Griffin, "The Way of All Ideology", em *Feminist Theory: A Critique of Ideology* (Chicago: University of Chicago Press, 1982), p. 279.
- Anthony Astrachan, *How Men Feel: Their Response to Women's Demands for Equality and Power* (Garden City, N. Y.: Anchor Books, 1986), p. 402.
- Andrew Cherlin e Pamela Barnhouse Walters, "Trends in United States Men's and Women's Sex Roles Attitudes: 1972 to 1978", *American Sociological Review*, 46 (1981): 453-460; Richard G. Niemi, John Mueller e Tom W. Smith, *Trends in Public Opinion: A Compendium of Survey Data* (Nova York: Greenwood Press, 1989).
- Doris L. Walsh, "What Women Want", *American Demographics*, junho de 1986, p. 60.
- Joseph H. Pleck, *The Myth of Masculinity* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1981), p. 9.
- Margaret Mead, *Male and Female* (Nova York: William & Morrow, 1949), p. 318.
- Theodore Roszak, "The Hard and the Soft: The Force of Feminism in Modern Times", 1 em *Masculine/Feminine: Readings in Sexual Mythology and the Liberation of Women*, ed. por Betty e Theodore Roszak (Nova York: Harper & Row, 1969), pp.

- 87-104; Joe L. Dubbert, "Progressivism and the Masculinity Crisis", *The American Man* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall Inc., 1980), pp. 303-319.
- Henry James, *The Bostonians* (Middlesex, Inglaterra: Penguin Books [1886], edicao de 1979), p. 290.
- Michael S. Kimmel, "Men's Responses to Feminism at the Turn of the Century", *Gender & Society*, 1, n.º. 3 (set. de 1987): 269-270; Allen Warren, "Pop Manliness: Baden Powell, Scouting and the Development of Manly Character", em *Manliness and Morality: Middle-Class Masculinity in Britain and America, 1800-1940* (Manchester: Manchester University Press, 1987) pp. 200-204.
- Jeffrey P. Hantover, "The Boy Scouts and the Validation of Masculinity", em *The American Man* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall Inc., 1980), p. 294.
- Philip Wylie, "Common Women", em *Women's Liberation in the Twentieth Century* (Nova York: John Wiley & Sons Inc., 1975), p. 60.
- Barbara Ehrenreich, *The Hearts of Men: American Dreams and the Flight from Commitment* (Garden City, N. Y.: Anchor Books, 1983), p. 37.
- Doyle McManus e Bob Drogin, "Democrats and Foreign Policy: Test of Toughness", *Los Angeles Times*, 28/2/1988, I, p. 1.
- Carolyn Heilbrun, *Reinventing Womanhood* (Nova York: W. W. Norton, 1979), p. 203.
- Jerry Falwell, *Listen America!* (Garden City, N. Y.: Doubleday-Galilee, 1980), pp. 158-59.
- Kevin Phillips, *The Politics of Rich and Poor* (Nova York: Random House, 1990), p. 18.
- Louis Richman, "Are You Better Off Than in 1980?", *Fortune*, 10/10/1988, p. 38.
- Louis Harris, *Inside America* (Nova York: Vintage Books, 1987), pp. 33-37.
- Fox Butterfield, "Suspicious Came Too Late in Boston", *New York Times*, 21/1/1990, p. 17; Richard Lingeman, "Another American Tragedy", *New York Times*, 22/1/1990, p. A19.
- Joan Didion, "New York: Sentimental Journeys", *The New York Review of Books*, 17/1/1991, p. 45.
- Elizabeth Kastor, "When Shooting Stopped, Canada Had Changed", *Washington Post*, 10/12/1989, p. A3.
- William B. Johnston e Arnold H. Packer, *Workforce 2000: Work and Workers for the 21st Century* (Indianapolis, Ind.: Hudson Institute, junho de 1987), p. 85.
- Lawrence Mishel e David M. Frankel, *The State of Working America* (Armonk, N. Y.: M. E. Sharpe Inc., 1991), pp. 83-85, 105.
- Brian Mitchell, *The Weak Link: The Feminization of the American Military* (Washington, D. C.: Regnery Gateway, 1989).
- Alan Murray e David Wessel, "Modest Proposals: Faced with Gulf War, Bush's Budget Avoids Bold Moves at Home", *The Wall Street Journal*, 5/2/1991, p. A1.
- Christopher Lasch, *The Culture of Narcissism* (Nova York: W. W. Norton, 1979), pp. 139-140.

Capítulo 4 — As "tendências" do antifeminismo

- Jo Freeman, *The Politics of Women's Liberation: A Case Study of an Emerging Social Movement and Its Relation to the Policy Process* (Nova York: David McKay, 1975), p. 148. Edith Hoshino Altbach, *Women in America* (Lexington, Mass.: D. C. Heath and Co., 1974), pp. 157-158.

- Judy Klemesrud, "In Small Town USA, Women's Liberation Is Either a Joke or a Bore", *New York Times*, 22/3/1972, p. 54.
- Veronica Geng, "Requiem for the Women's Movement", *Harper's*, nov. de 1976, p. 49.
- Sally Ogle Davis, "Is Feminism Dead?", *Los Angeles*, fev. de 1989, p. 114.
- Betty Friedan, "Feminism's Next Step", *The New York Times Magazine*, 5/7/1981, p. 14.
- Susan Bolotin, "Voices from the Post-Feminist Generation", *The New York Times Magazine*, 17/10/1982, p. 29.
- Eloise Salholz, "Feminism's Identity Crisis", *Newsweek*, 31/3/1986, p. 58.
- Ben H. Bagdikian, *The Media Monopoly* (Boston: Beacon Press, 1990), pp. xix, 3-4; *Media Report to Women*, setembro de 1987, p. 4.
- Alex S. Jones, "Rethinking Newspapers", *New York Times*, 6/1/1991, III, p. 1; "Marketing Newspapers to Women", *Women Scope Surveys of Women*, 2, n° 7 (abril de 1989): 1-2.
- Bill Kovach, "Too Much Opinion, at the Expense of Fact", *New York Times*, 13/9/1989, p. A31.
- Amy Saltzman, "Trouble at the Top", *U.S. News & World Report*, 17/6/1991, p. 40.
- Carol Pogash, "The Undeclared War", *San Francisco Examiner*, 5/2/1989, p. E1.
- Sue Woodman, "The Mommy Wars", *Child set/out*, de 1989, p. 139. Barbara J. Berg, "Women at Odds", *Savvy*, dez. de 1985, p. 24.
- Dena Kleinman, "Many Young Women Now Say They'd Pick Family Over Career", *New York Times*, 28/12/1980, p. 1.
- Tim Golden, "In, Out and Over: Looking Back at the 90's", *New York Times*, 16/1/1990, p. B1.
- Gary Hanauer, "Faith Popcorn: Kernels of Truth", *American Way*, 1° de julho de 1987.
- Elizabeth Mehren, "Life Style in the '90s, According to Popcorn", *Los Angeles Times*, 16/1/1987, p. 1.
- William E. Geist, "One Step Ahead of Us: Trend Expert's View", *New York Times*, 15/10/1986, p. B4.
- Alex Taylor III, "Why Women Are Bailing Out", *Fortune*, 18/8/1986, p. 16.
- Laurie Baum, "For Women, the Bloom Might Be Off the MBA", *Business Week*, 14/3/1988, p. 30.
- Stratford P. Sherman, "The Party May Be Ending", *Fortune*, 24/11/1986, p. 29.
- F. S. Chapman, "Executive Guilt: Who's Taking Care of the Children?", *Fortune*, 16/2/1987.
- Mary Anne Devanna, "Women in Management: Progress and Promise", *Human Resource Management*, 26, n° 4 (inverno de 1987): 469.
- Carol Sonenklar, "Women and Their Magazines", *American Demographics*, junho de 1986, p. 44.
- Margaret King, "An Alumni Survey Dispels Some Popular Myths About MBA Graduates", *Stanford Business School Magazine*, março de 1989, p. 23.
- Julie Connelly, "The CEO's Second Wife", *Fortune*, 28/8/1989, p. 52.
- Barbara Kantrowitz, "Moms Move To Part-time Careers", *Newsweek*, 15/8/1988, p. 64.
- Felice N. Schwartz, "Management Women and the New Facts of Life", *Harvard Business Review*, janeiro-fevereiro de 1989, pp. 65-76.
- Elizabeth Ehrlich, "The Mommy Track", *Business Week*, 20/3/1989, p. 126.
- Alan M. Webber, "Is the American Way of Life Over?" *New York Times*, 9/4/1989, p. 25.

- Patricia Leigh Brown, "The First Lady-Elect: What She Is and Isn't", *New York Times*, 11/12/1988, p. 22.
- Carla Marinucci, "The New Woman", *San Francisco Examiner*, 4/12/1988, p. D1.
- Patrick Reilly, "Service Magazines Adapt to Market", *Advertising Age*, 7/3/1988, p. S6.
- Philip H. Dougherty, "Women's Self-Esteem Up", *New York Times*, 15/5/1974, p. 71.
- Susan Jacoby, "49 Million Singles Can't All Be Right", *The New York Times Magazine*, 17/2/1974, p. 12.
- Enid Nemy, "Dropout Wives - Their Number Is Growing", *New York Times*, 16/2/1973, p. 44.
- Eloise Salholz, "The Marriage Crunch: If You're a Single Woman, Here Are Your Chances of Getting Married" *Newsweek*, p. 54. Jane Gross, "Single Women: Coping With a Void", *New York Times*, 28/4/1987, p. 1.
- Patricia Morrisroe, "Born Too Late? Expect Too Much? You May Be Forever Single", *New York*, 20/8/1984, p. 24.
- Tricia Crane, "Are You Turning Men Off? Desperate and Demanding", *Harper's Bazaar*, set. de 1987, p. 300.
- Kiki Olson, "Sex and the Terminally Single Woman (There Just Aren't Any Good Men Around)", *Philadelphia Magazine*, abril de 1984, p. 122.
- Peter Filichia, "The Lois Lane Syndrome: Waiting for Superman", *McCall's*, agosto de 1985, p. 55.
- Billie Samkoff, "How to Attract Men Like Crazy", *Cosmopolitan*, fev. de 1989, p. 168.
- David Gates, "Second Opinion", *Newsweek*, 13/10/1986, p. 10.
- William R. Greer, "The Changing Women's Marriage Market", *New York Times*, 22/2/1986, p. 48.
- Trip Gabriel, "Why Wed?: The Ambivalent American Bachelor", *The New York Times Magazine*, 15/11/1987, p. 24.
- Brenda Lane Richardson, "Dreaming Someone Else's Dreams", *The New York Times Magazine*, 28/1/1990, p. 14.
- Ruthe Stein, "New Strategies for Singles", *San Francisco Chronicle*, 29/3/1988, p. B1.
- Gerald Nachman, "Going Out for Business Sale on Singles", *San Francisco Chronicle*, 1º de dezembro de 1987, p. B3.
- Barbara Lovenheim, "Brides at Last: Women Over 40 Who Beat the Odds", *New York*, 3/8/1987, p. 20.
- Jeffrey Kluger, "Dangerous Delusions About Divorce:", *Cosmopolitan*, set. de 1984, p. 291.
- Sue Adolphson, "Marriage Encounter, Tube Style", *San Francisco Chronicle*, Datebook, 22/1/1989, p. 47.
- Barbara Kantrowitz, "How To Stay Married", *Newsweek*, 24/8/1987, p. 52.
- Mary C. Hickey, "The Quiet Pain of Infertility: For the Success-Oriented, It's a Bitter Pill", *Washington Post*, 28/4/1987, p. D05.
- Matt Clark, "Infertility", *Newsweek*, 6/12/1982, p. 102. Barbara Kantrowitz, "No Baby on Board", *Newsweek*, 1/9/1986, p. 68.
- Anna Quindlen, "Special Report: Baby Craving: Facing Widespread Infertility, A Generation Presses the Limits of Medicine and Morality", *Life*, junho de 1987, p. 23.
- Laura Flynn McCarthy, "Caution: You Are Now Entering the Age of Infertility", *Mademoiselle*, maio de 1988, p. 230.

- Georgia Dullea, "Women Reconsider Childbearing Over 30", *New York Times*, 25/2/1982, p. C1.
- Claudia Wallis, "The Medical Risks of Waiting", *Time*, 22/2/1982, p. 58.
- Roger Munns, "Couples Race to Get Pregnant", *San Francisco Examiner*, 19/11/1990, p. B5.
- Kim C. Flodin, "Motherhood's Better Before 30", *New York Times*, 2/11/1989, p. A31.
- Renee Bacher, "The Ring Cycle", *The New York Times Magazine*, 31/8/1989, p. 20.
- Dava Sobel, "Face to Face With the New Me", *The New York Times Magazine*, 9/4/1989, p. 26.
- Carolyn Swartz, "All That Glitters Is the Tub", *The New York Times Magazine*, 5/11/1989, p. 36.
- Julie Pechilis, "What Happened to the Women's Press? No Newspaper of Her Own", *Mediafile*, fev/mar. de 1989, p. 1.
- Susan Milligan, "Has Ms. Undergone a Sex Change?", *Washington Monthly*, out. de 1986, p. 17.
- Patrick M. Reilly, "New Magazines Offer 'Real' Guy Stuff", *The Wall Street Journal*, 29/8/1990, p. B4.
- Deirdre Carmody, "Magazine Market Targets the Men", *San Francisco Chronicle*, 23/6/1990, p. C4.

Capitulo 5 — Visoes fatais e fetais

- Marjorie Rosen, *Popcorn Venus: Women, Movies and the American Dream* (Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1973) p. 151.
- Molly Haskell, *From Reverence to Rape: The Treatment of Women in the Movies* (Chicago: University of Chicago Press, 1973), pp. 117-118.
- Julie Burchill, *Girls on Film* (Nova York: Pantheon Books, 1986), pp. 24-25.
- Kathryn Weibel, *Mirror Mirror: Images of Women Reflected in Popular Culture* (Garden City, N. Y: Anchor Books, 1977), p. 233.
- Danelle Morton, "Shirley Temple Black", *West Magazine*, *San Jose Mercury News*, 8/1/1989, p. 5.
- Merilyn Beck, "She Did Her Best Work Up Real Close", *San Jose Mercury News*, 11/9/1987, p. F6.
- Richard Corliss, "Killer!", *Time*, 16/11/1987, p. 72.
- James S. Kuncen, "Real Life Fatal Attractions", *People*, 26/10/1987, p. 88.
- Nina Darnton, "How 9 1/2 Weeks Pushed an Actress to the Edge", *New York Times*, 9/3/1986, p. C1.
- Joan Smith, *Misogynies: Reflections on Myths and Malice* (Nova York: Fawcett Columbine, 1989), pp. 31-32.
- Aljean Harmetz, "Fatal Attraction Director Analyzes the Success of His Movie, and Rejoices", *New York Times*, 5/10/1987, p. C17.
- Kay Sloan, "Sexual Warfare in the Silent Cinema: Comedies and Melodramas of Woman Suffragism", *American Quarterly*, outono de 1981, pp. 412-436.
- Pauline Kael, *Reeling* (Boston: Little, Brown & Co., 1976), p. 430.
- Andree Aelion Brooks, "When Fast Trackers Have Kids: Can a Baby Mix With Business", *Child*, set-out. de 1989, p. 88.
- Bob Strauss, "Hollywood's 'Has-It-All' Woman", *San Francisco Examiner*, 14/10/1988, p. C6.

Capítulo 6 — Anjos adolescentes e bruxas solteiras

- D. Keith Mano, "So You Want to Be an Angel", *Life*, maio de 1988, p. 145. Lisa Wren, "Hundreds Wing It for a Chance to Be Angels", *Fort Worth Star Telegram*, 5/3/1988, p. 1. Zay N. Smith, "Angels Tryout Not So Divine", *Chicago Sun-Times*, 5/3/1988, p. 3. Bill Givens, "Fox Hunt for Charlie's Angels of the Eighties", *Star*, 22/3/1988, p. 2.
- Diana M. Meehan, *Ladies of the Evening: Women Characters of Prime-Time Television* (Metuchen, N. J.: The Scarecrow Press, 1983), pp. 42, 109-110.
- Donald M. Davis, "Portrayals of Women in Prime-Time Network Television: Some Demographic Characteristics", *Sex Roles*, 23, n.º 5 e n.º 6 (1990): 325-330.
- Peter J. Boyer, "Television Returns to the Hard Boiled Male", *New York Times*, 16/2/1986, II, p. 1.
- Michael A. Lipton, "What You Want to See in the New Decade", *TV Guide*, 20/1/1990, p. 11.
- Peggy Ziegler, "Where Have All the Viewers Gone?", *Los Angeles Times*, 17 de maio de 1988, p. 6.
- Harry F. Waters, "Networking Women", *Newsweek*, 13/3/1989, p. 48.
- Joyce Millman, "Prime Time: Where the Boys Are", *San Francisco Examiner*, 9/9/1990, p. F1.
- Todd Gitlin, *Inside Prime Time* (Nova York: Pantheon Books, 1985), p. 251.
- Bill Cosby, *Fatherhood* (Nova York: A Dolphin Book/Doubleday, 1986), p. 49.
- Joyce Millman, "What Are Big Girls Made Of?", *Boston Phoenix*, 14/1/1986, p. 5.
- Mark Christensen, "Even Career Girls Get the Blues", *Rolling Stone*, 21/5/1987, p. 66.

Capítulo 7 — Vestindo as bonecas

- Julie Baumgold, "Dancing on the Lip of the Volcano", *New York*, 30/11/1987, p. 36.
- Jennet Conant, "Oh La La, Lacroix", *Newsweek*, 9/11/1987, p. 60.
- Bernadine Morris, "Lacroix Fever Spreads to New York", *New York Times*, 30/10/1987, p. A16.
- Martha Duffy, "Fantasy Comes Alice", *Time*, 8/2/1988.
- Kathleen Beckett, "The Frill of It AH", *Vogue*, abril de 1987, p. 178.
- Trish Hall, "Changing U.S. Values, Tinged with Caution, Show Up in Spending", *New York Times*, 26/10/1988, p. B1.
- Martha Thomases, "Why I Don't Shop", *The Village Voice*, 27/12/1988, p. 37.
- "Gloomy Fashion Forecast", *San Francisco Chronicle*, 23/3/1988, p. B3.
- Woody Hochswender, "Where Have All the Shoppers Gone?", *New York Times*, 31/5/1988.
- Aimee Stern, "Miniskirt Movement Comes Up Short", *Adweek's Marketing Week*, 28/3/1988, p. 2.
- Jennet Conant, "The High-Priced Call of the Wild", *Newsweek*, 17 de fev. de 1988, p. 56.
- Susan Caminiti, "What Ails Retailing: Merchants Have Lost Touch With Older Customers", *Fortune*, 30/1/1989, p. 61.
- Jolie Solomon, "Fashion Industry Courting Large Women", *The Wall Street Journal*, 27/9/1985.

- Jeanne Perkins, "Dior", *Life V*, de marco de 1948, p. 84.
- Valerie Steele, *Fashion and Eroticism: Ideals of Feminine Beauty from the Victorian Era to the Jazz Age* (Nova York: Oxford University Press, 1985), p. 182.
- Robert E. Riegel, "Women's Clothes and Women's Rights", *American Quarterly*, XV, nº 3 (out. de 1963), 390-401. Elizabeth Ewins, *Dress and Undress* (Nova York: Drama Books Specialists, 1978), p. 89.
- Bernadine Morris, "The Sexy Look: Why Now?" *New York Times*, 17/11/1987, p. 20.
- Any Gross e Nancy Axelrad Comer, "Power Dressing", *Mademoiselle*, set. de 1977, p. 188.
- John T. Molloy, *Dress for Success* (Nova York: Warner Books, 1975).
- John T. Molloy, *The Woman's Dress for Success Book* (Nova York: Warner Books, 1977), pp. 23-26.
- Susan Cheever Cowley, "Dress for the Trip to the Top", *Newsweek*, 26/9/1977, p. 76.
- Terri Minsky, "The Death of Dress for Success", *Mademoiselle*, set. de 1987, p. 308.
- Patricia McLaughlin, "The Death of the Dumb Blue Suit", *Philadelphia Inquirer*, 7/2/1988, p. 35.
- Betty Goodwin, "Fashion 88: Dressing Down for Success", *Los Angeles Times*, 15/4/1988, V, p. 1.
- Christa Worthington, "Fantasy Fashion Rebounds in Paris", *Women's Wear Daily*, 29/7/1986, p. 1.
- Bernadine Morris, "For Lacroix, a Triumph; For Couture, a Future", *New York Times*, 27/7/1987, p. C14.
- Nina Hyde, "The Real Lacroix", *Washington Post*, 17/3/1988, p.1.
- Lisa Lapin, "Jeepers! Cool Is Hot, Ralph Kramden Is a Folk Hero and Business Discovers There's Money To Be Made From Reviving the '50s", *Los Angeles Times*, 4/1/1987, IV, p.1.
- Maureen Dowd, "The New Exec", *The New York Times Magazine*, 24/8/1986, p. 145.
- Trish Hall, "No Surprise Here: Men Prefer the Mini", *New York Times*, 31/3/1988, p. C1.
- Kathleen Fury, "Why I'm Not Wearing Miniskirts, I Think", *Working Woman*, nov. de 1987, p. 184.
- Marylou Luther, "Young and Restless: Haute Couture Sports a New Attitude for the '90s", *Chicago Sun-Times*, 1º de agosto de 1990, II, p. 25.
- Jane Ellis, "Bra at 100: Big Biz", *New York Daily News*, 15/6/1989.
- Claudia Dowling, "Hurrah for the Bra", *Life*, junho de 1989, p. 88.
- Stephanie Salter, "Short Skirts, Long Battles", *San Francisco Examiner*, 20/10/1989, p. A25. Jean Kilbourne, "Still Killing Us Softly: Advertising's Image of Women", 1987, Cambridge Documentary Films.

Capítulo 8 — A beleza e o backlash

- Jeanne M. Toal, "Stress and the Single Girl", *Mademoiselle*, set. de 1987, p. 293.
- Maggie Angeloglou, *A History of Makeup* (Londres: The Macmillan Co., 1970), p. 103.
- Ann Louise Bardach, "The Dark Side of Cosmetic Surgery", *The Good Health Magazine*, *New York Times*, 17/4/1988, p. 24.
- Molly O'Neill, "Dieters, Craving Balance, Are Battling Fears of Food", *New York Times*, 1º de abril de 1990, p. 1.

- Bram Dijkstra, *Idols of Perversity: Fantasies of Feminine Evil in Fin de Siecle Culture* (Nova York: Oxford University Press, 1986), pp. 25-29.
- Joan Jacobs Brumberg, *Fasting Girls: The Emergence of Anorexia Nervosa as a Modern Disease* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988), pp. 101-140.
- Ronald Alsop, "Firms Push 'Aroma Therapy' to Treat Flat Fragrance Sales", *The Wall Street Journal*, 20/3/1986, p. 31.
- Woody Hochswender, "Men's Fragrance: The Scent of Money Has Attracted a Striking Number of New Products", *New York Times*, 4/10/1988.
- Lisa Belkin, "Cosmetics Go on Gold Standard", *New York Times*, 11/10/1986, p. 52.
- Walecia Konrad, "The Problems at Avon Are More Than Skin Deep", *Business Week*, 20/6/1988, p. 49. Denise M. Topolnicki, "Avon's Corporate Makeover", *Working Woman*, fev. de 1988, p. 57.
- Laura Sachar, "Forecast: Industry Analysis - Cosmetics", *Financial World*, 5/1/1988, p. 21.
- Barbara Kallen, "Facing Facts", *Forbes*, 19/5/1986, p. 178.
- Kathleen Deveny e Alecia Swasy, "In Cosmetics, Marketing Cultures Clash", *The Wall Street Journal*, 30/10/1989, p. B1.
- Ronald Alsop, "Chanel Plans to Run Ads in Magazines with Less Cachet", *The Wall Street Journal*, 27/1/1988, p. 30.
- Cynthia Robins, "The Quest for Flawless Skin", *San Francisco Examiner*, 27/7/1986, p. A19.
- Kathy Holub, "Does Retin-A Really Work?", *West Magazine*, *San Jose Mercury News*, 15/5/1988, p. 14. Marilyn Chase, "Looking for Miracles, Young and Old Flock to Purchase Retin-A", *The Wall Street Journal*, 12/2/1988, p. 1.
- Susan Duffy Benway, "Youth for Sale: Anti-Aging Is the Hottest Thing in Cosmetics", *Barron's*, 22/12/1986, p. 24.
- Lisa M. Krieger, "New Face of Plastic Surgery", *San Francisco Examiner*, 1º de Jan. de 1989, p. A1.
- Wendy Kaminer, "Of Face Lifts and Feminism", *New York Times*, 6/9/1988, p. A23.
- Steven Findlay, "Buying the Perfect Body", *U.S. News and World Report*, 1º de maio de 1989, p. 68. Susan Jacoby, "Appearance Anxiety", *The New York Times Magazine*, 28/8/1988, p. 26.
- Rita Freedman, *Beauty Bound* (Lexington, Mass.: Lexington Books, 1986), p. 213.
- Elizabeth Bennett, "Choice of Doctors May Determine Success in Quest for Youth and Beauty", *Houston Post*, 29/5/1987, p. G1.
- Sandra Blakeslee, "Breast Implant Surgery: More Facts Are Sought in the Battle Over Safety", *New York Times*, 28/12/1989, p. B6.
- John B. McCraw, Charles E. Horton, John A. I. Grossman, Ivor Kaplan e Ann McMeliin, "An Early Appraisal of the Methods of Tissue Expansion and the Transverse Rectus Abdominis Musculocutaneous Flap in Reconstruction of the Breast Following Mastectomy", *Annals of Plastic Surgery*, 18, nº 2 (fev. de 1987), 93-113.
- Warren E. Leary, "Silicone Implants Tied to Cancer in Test Rats", *New York Times*, 10/11/1988, p. A8.
- Jean Seligmann, "The Hazards of Silicone", *Newsweek*, 29/4/1991, p. 56.
- Carrie Dolan, "Fat-cutting Gains Wide Popularity But Can Be Dangerous", *The Wall Street Journal*, 26/6/1987, p. A1.

Janice Kaplan, "Fix vs. Lift?", *Vogue*, Jan. de 1985, p. 205.
Rodney Tyler, "Doctor Vanity", *Special Report*, nov. 1989-jan. 1990, p. 20.

Capítulo 9 — A política do ressentimento

- Seymour Martin Lipset e Earl Raab, *The Politics of Unreason: Right-Wing Extremism in America, 1790-1970* (Nova York: Harper and Row, 1970), p. 3.
- John L. Kater Jr., *Christians on the Right* (Nova York: The Seabury Press), p. 18.
- William Martin, "The Birth of a Media Myth", *Atlantic*, jun. de 1981, p. 9.
- Flo Conway e Jim Siegelman, *Holy Terror: The Fundamentalist War on America's Freedoms in Religion, Politics and Our Private Lives* (Nova York: A Delta Book, 1984), p. 83.
- Richard Hofstadter, *The Paranoid Style in American Politics* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1965), pp. 23, 43.
- Thomas J. McIntyre e John C. Obert, *The Fear Brokers* (Filadélfia: The Pilgrim Press, 1979), p. 156.
- Rosalind Pollack Petchesky "Antiabortion, Antifeminism, and the Rise of the New Right", *Feminist Studies*, 7, n.º 2 (verão de 1981), 232.
- Jerry Falwell, *Listen, America!* (Garden City, N. Y.: Doubleday-Galilee, 1980), p. 151.
- Charlene Spretnak, "The Christian Right's 'Holy War' Against Feminism", *The Politics of Women's Spirituality* (Nova York: Anchor/Doubleday, 1982), pp. 470-496.
- Carol Virginia Pohli, "Church Closets and Back Doors: A Feminist View of Moral Majority Women", *Feminist Studies*, 9, n.º 3 (out. de 1983), 542.
- Dan Morgan, "Evangelicals: A Force Divided, Political Involvement, Sophistication Growing", *Washington Post*, 8/3/1988, p. A1. Janet E. Burks, "Changing Roles of Women: Two Views, the Religious Right Moves Backward into History", *Sequoia*, julho-agosto de 1986, p. 9.
- Barbara Ehrenreich, Elizabeth Hess e Gloria Jacobs, *Re-making Love: The Feminization of Sex* (Garden City, N. Y.: Anchor Books, 1987), pp. 155-156.
- Stuart M. Butler, Michael Sanera e W. Bruce Weinrod, *Mandate for Leadership II: Continuing the Conservative Revolution* (Washington D. C: Heritage Foundation, 1984), p. 157.
- Zillah Eisenstein, "Antifeminism in the Politics and Election of 1980", *Feminist Studies*, 7, n.º 2 (verão de 1981), 187.
- Richard G. Hitchenson Jr., *God in the White House* (Nova York: Macmillan, 1988).
- Samuel S. Hill e Dennis E. Owen, *The New Religious Political Right in America* (Nashville, Tenn.: Abindon, 1982).
- Alan Crawford, *Thunder on the Right: The "New Right" and the Politics of Resentment* (Nova York: Pantheon, 1980), p. 149.
- Sidney Blumenthal, *The Rise of the Counter-Establishment: From Conservative Ideology to Political Power* (Nova York: Harper & Row, 1988), p. 6.
- Barbara Bergmann, *The Economic Emergence of Women* (Nova York: Basic Books, 1986), p. 206.
- Phyllis Schlafly, *The Power of the Positive Woman* (Nova York: Jove/Harcourt Brace Jovanovich, 1977), p. 72.
- Beverly LaHaye, *The Restless Woman* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House 1984), p. 54.

- Rebecca E. Klatch, *Women of the New Right* (Filadelfia: Temple University Press, 1987), p. 123.
- Beverly LaHaye, *Who But a Woman?* (Nova York: Thomas Nelson Publishers, 1984), pp. 25, 29, 43, 49.
- Connaught C. Marshner, *The New Traditional Woman* (Washington, D. C: Free Congress Research and Education Foundation, 1982), p. 12.
- Beverly LaHaye, *The Spirit-Controlled Woman* (Eugene, Ore.: Harvest House Publishers, 1976), p. 71.
- Tim e Beverly LaHaye, *The Act of Marriage: The Beauty of Sexual Love* (Grand Rapids, Mich: Zondervan Publishing, 1976), p. 109.
- Mary Schmich, "A Spokeslady of the Right", *Chicago Tribune*, 23/3/1986, p. 1.

Capítulo 10 —A Sra. Smith abandona Washington

- Jane Mayer, "Unfair Shake? Women Charge They Don't Get Their Share of White House Jobs", *The Wall Street Journal*, 10/9/1985, p. 1.
- Barbara Gamarekian, "Women Are Liberating a Citadel of Male Power", *New York Times*, 18/5/1988, p. 24.
- Howard Kurtz, "Affirmative Action: A Vacuum at Justice? Meese Puts No Blacks or Women in Top Jobs", *Washington Post*, 26/11/1986, p. A19.
- Steve Chappie e David Talbot, *Burning Desires: Sex in America* (Nova York: Doubleday, 1989), pp. 77-88.
- Judith Peterson, "Equity in Exile", *Ms.*, nov. de 1984, p. 18.
- Deborah R. Eisenberg, "Evaluating the Department of Education's Field Readers", *GAO Review*, outono de 1984, pp. 32-35.
- Julie Johnson, "Fanning the Flames for Conservatives", *New York Times*, 12/10/1988, p. A15.
- Sara Diamond, "Women on the Radical Right: Meeting Our Needs?", *Plexus*, nov. de 1984, p. 4.
- Peggy Simpson, "Myths and Realities: Did Ferraro Attract Voters?", *Working Woman*, fev. de 1985, p. 54.
- Peggy Simpson, "What Happened in '84: Did Women Make a Difference?", *Working Woman*, fev. de 1985, p. 52. Robin Toner, "Democrats and Women: Party Shifts Approach", *New York Times*, 11/7/1987, p. 10.
- Nicholas Davidson, *The Failure of Feminism* (Buffalo, N. Y.: Prometheus Books, 1988), p. 149.
- Thomas G. Exter, "What Men and Women Think", *American Demographics*, agosto de 1987, p. 34.
- Eleanor Smeal, *Why and How Women Will Elect the Next President* (Nova York: Harper & Row, 1984), p. 3.
- R. W. Apple Jr., "Bush's Growing Appeal Fails to Include Women", *New York Times*, 27/10/1988, p. B15.
- David Hoffman, "Reagan Coalition's Not Yet Bush's: Women, Blue Collars May Be Drifting from GOP, Polls Show", *The Washington Post*, 11/5/1988, p. 1A.
- Kenneth H. Bacon, "Bush Backs Away From Birth-Control Program As Congress Braces for a Tough Fight on Issue", *The Wall Street Journal*, 2/2/1990, p. A12.

- Sara Rimer, "For Women, Taking on One Role at a Time", *New York Times*, 23/9/1988, p. B1.
- George Will, "The Pastel President", *Newsweek*, 24/4/1989, p. 86.
- E. J. Dionne Jr., "Why Bush Faces a Problem Winning Women's Support", *New York Times*, 19/6/1988, p. A1.
- Peggy Simpson, "Games Republicans Play", *Ms.*, julho de 1988, p. 42.
- Ellen Goodman, "Envelope, Please, for Equal Rights Winners", *Boston Globe*, 23/8/1988, p. A19.
- Elizabeth Drew, "Letter from Washington", *New Yorker*, 15/8/1988, p. 65.
- Peggy Simpson, "Child Care: AH Talk, No Action", *Ms.*, dez. de 1988, p. 81.
- Nadine Brozan, "Women Meet, Ideology in Back Row", *New York Times*, 9/1/1989, p. A10.
- Jodie T. Allen, "Not NOW - It's Time for Consensus, Not Conflict", *Washington Post*, 30/7/1989, p. C1.
- Judy Mann, "NOW's Flirtation With Suicide", *Washington Post*, 26/7/1989, p. B3.
- Eleanor Clift, "Taking Issue with NOW", *Newsweek*, 14/8/1989, p. 21.
- Eleanor Smeal, "Why I Support a New Party", *Ms.*, jan./fev. de 1991, p. 72.

Capítulo 11 — O cérebro do backlash

- Judith Stacey, "The New Conservative Feminism", *Feminist Studies*, 9, nº 3 (outono de 1983), 559.
- Arlie Hochschild, "Is the Left Sick of Feminism?", *Mother Jones*, junho de 1983, p. 56.
- George Gilder, *Naked Nomads: Unmarried Men in America* (Nova York: Quadrangle/The New York Times Book Co., 1974), pp. 106-107.
- George Gilder, *Men and Marriage* (Gretna, La.: Pelican Publishing Co., 1986), pp. 108, 139.
- George Gilder, *Wealth and Poverty* (Nova York: Basic Books Inc., 1981), p. 115.
- Allan Bloom, *The Closing of the American Mind* (Nova York: Simon & Schuster, 1987), pp. 65-66, 74-76, 79, 80, 100-101.
- Christopher Lasch, *The True and Only Heaven* (Nova York: W. W. Norton & Co., 1991), pp. 33-34.
- Roger Kimball, *Tenured Radicals: How Politics Has Corrupted Our Higher Education* (Nova York: Harper & Row, 1990), pp. xi, xvii, 15.
- Stephen Schwartz, "Challenge to Campus Policies", *San Francisco Chronicle*, 5/1/1991, p. A4.
- Deborah L. Rhode, "Perspectives on Professional Women", *Stanford Law Review*, 40, nº. 5 (maio de 1988), 1175, 1179-1180.
- Marian Chamberlain, "The Emergence and Growth of Women's Studies Programs", *The American Woman: 1990-91*, p. 318.
- Ellen Carol DuBois, Gail Paradise Kelly, Elizabeth Lapovsky Kennedy, Carolyn W. Korsmeyer e Lillian S. Robinson, *Feminist Scholarship: Kindling in the Groves of Academe* (Chicago: University of Illinois, 1987), pp. 165, 168-169.
- Anne Matthews, "Deciphering Victorian Underwear and Other Seminars", *The New York Times Magazine*, 10/2/1991, p. 42.
- Michael Levin, *Feminism and Freedom* (New Brunswick, N. J.: Transaction Books, 1987), pp. 3, ix.

- Margarita Levin, "Caring New World: Feminism and Science", *The American Scholar*, inverno de 1988, p. 100.
- Keay Davidson, "Nature vs. Nurture", *San Francisco Chronicle and Examiner, Image*, 20/1/1991, p. 1-11.
- Warren Farrell, *Why Men Are the Way They Are* (Nova York: McGraw-Hill, 1986), p. xxi.
- Michael Korda, *Male Chauvinism* (Nova York: Random House, 1973) p. 160. Marc Feigen Fasteau, *The Male Machine* (Nova York: McGraw-Hill, 1974), pp. 5, 11.
- Robert Bly, "Fifty Males Sitting Together", em *Loving a Woman in Two Worlds* (Nova York: Harper & Row, 1985), p. 3.
- Robert Bly, *The Pillow & the Key* (St. Paul, Minn.: Ally Press, 1987), p. 19.
- Jerry Carroll, "Father Figure of the New, New Man", *San Francisco Chronicle*, 19/3/1986, p. 36.
- Robert Bly, *Iron John: A Book About Men* (Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1990).
- Phil McCombs, "Men's Movement Stalks the Wild Side: Lessons in Primitivism", *The Washington Post*, 3/2/1991, p. F1.
- Robert Bly e Keith Thompson, "What Men Really Want: A New Age Interview with Robert Bly", *New Age*, maio de 1982, p. 30.
- Jon Tevlin, "Of Hawks and Men: A Weekend in the Male Wilderness", *Utne Reader*, nov.-dez. de 1989, p. 50.
- Sylvia Ann Hewlett, *A Lesser Life: The Myth of Women's Liberation in America* (Nova York: Warner Books, 1986), pp. 208, 216.
- George Gilder, *Sexual Suicide* (Nova York: The New York Times Book Co., 1973), p. 6.
- Arline e Harold Brecher, "Gals Are Being HURT - Not Helped - by Women's Lib", *National Enquirer*, 22/7/1986, p. 32.
- Deborah L. Rhode, "Equal Rights in Retrospect", *Law & Inequality: A Journal of Theory and Practice*, 1, n° 1 (junho de 1983), 19-21. Wendy Kaminer, *A Fearful Freedom: Women's Flight from Equality* (Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1990), p. 80.
- Barbara R. Bergmann, *The Economic Emergence of Women* (Nova York: Basic Books, 1986), p. 153.
- Alice H. Cook, "Public Policies to Help Dual-Earner Families Meet the Demands of the Work World", *Industrial and Labor Relations Review*, jan. de 1989, pp. 201-215.
- Betty Friedan, *The Second Stage* (Nova York: Summit Books, 1981), p. 203.
- Dinesh D'Souza, "The New Feminist Revolt: This Time It's Against Feminism", *Policy Review*, n° 35 (inverno de 1986), 46.
- Phyllis Schlafly, "Betty Friedan and the Feminist Mystique", *Phyllis Schlafly Report*, 19, n° 8 (março de 1988), 3.
- Camille Paglia, *Sexual Personae: Art and Decadence from Nefertiti to Emily Dickinson* (New Haven: Yale University Press, 1990). Francesca Stanfill, "Woman Warrior", *New York*, 4/3/1991, p. 22. Camille Paglia e Neil Postman, "She Wants Her TV! He Wants His Book", *Harper's*, março de 1991, p. 44. "A Scholar and a Not-so-Gentle Woman", *Image, San Francisco Examiner*, 7/7/1991, p. 7.
- Germaine Greer, *The Female Eunuch* (Nova York: Bantam Books, 1972), frontispício.
- Germaine Greer, *Sex and Destiny: The Politics of Human Fertility* (Nova York: Harper & Row), pp. 94, 104-105, 243, 257.
- Susan Brownmiller, *Femininity* (Nova York: Fawcett Columbine, 1984), p. 129.
- Germaine Greer, *Daddy, We Hardly Knew You* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1990), p. 12.

- Susan Brownmiller, *Waverly Place* (Nova York: Grove Press, 1989). Stefan Kanfer, "Out to Make Killings: Crime Pays, At Least for Many Authors Who Write About It", *Time*, 20/2/1989, p. 98.
- Erica Jong, "Ziplash: A Sexual Libertine Recants". *Ms.*, maio de 1989, p. 49.
- Judith Stacey, "Are Feminists Afraid to Leave Home? The Challenge of Conservative Pro-family Feminism", em *What Is Feminism? A Re-Examination* (Nova York: Pantheon Books, 1986), p. 229.
- Marcia Cohen, *The Sisterhood* (Nova York: Simon and Schuster, 1988), pp. 273, 317, 336-337, 351.
- Sally Helgesen, *The Female Advantage: Women's Ways of Leadership* (Nova York: Currency/Doubleday, 1990). Sara Ruddick, *Maternal Thinking: Toward a Politics of Peace* (Boston: Beacon Press, 1989).
- Suzanne Gordon, *Prisoners of Men's Dreams: Striking Out for a New Feminine Future* (Boston: Little, Brown and Co., 1991), pp. 12, 14.
- Joan C. Williams, "Deconstructing Gender", *Michigan Law Review*, 87 (fev. de 1989), 797. Hester Eisenstein, *Contemporary Feminist Thought* (Boston: G. K. Hall & Co., 1983), pp. xii, xviii-xix. Ellen DuBois, "Politics and Culture in Women's History", *Feminist Studies*, 6, n° 1 (primavera de 1980), 28. Wini Breines, Margaret Cerullo e Judith Stacey, "Social Biology, Family Studies and Antifeminist Backlash", *Feminist Studies*, 4 (fev. de 1978), 43.
- Merril McLoughlin, "The New Debate Over Sex Differences: Men Vs. Women", *U.S. News and World Report*, 8/8/1988, p. 50. Ethel S. Person, "Some Differences Between Men and Women", *The Atlantic Monthly*, março de 1988, p. 71. Laura Shapiro, "Guns and Dolls: Scientists Explore the Differences Between Girls and Boys", *Newsweek*, 28/5/1990, p. 56.
- Barbara Reskin, "Bringing the Men Back In", *Gender & Society*, 2, n° 1 (março de 1988), 76.
- Elizabeth Wolgast, *Equality and the Rights of Women* (Ithaca: Cornell University Press, 1980).
- Kathleen Madden, "Femininity: Do You Buy It?", *Vogue*, março de 1987, p. 445.
- Francine Prose, "Confident at 11, Confused at 16", *The New York Times Magazine*, 7/1/1990, p. 23.
- Heather R. McLeod, "The Radcliffe Conferences: Women in the 21st Century", *Radcliffe Quarterly*, set. de 1989, p. 11.
- Carol Gilligan, *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982), p. 18.
- Carol Gilligan, "Reply by Carol Gilligan", de "On In a Different Voice: An Interdisciplinary Forum", *Signs*, 11, n° 21 (inverno de 1986), 326, 328.
- Catherine G. Greeno e Eleanor E. Maccoby, "How Different Is the 'Different Voice'?", *Signs*, 11, n° 21 (inverno de 1986), 313-314.

Capítulo 12 — Está tudo na sua cabeça

- Margaret Kent, *How to Marry the Man of Your Choice* (Nova York: Warner Books, 1988).
- Toni Grant, *Being a Woman: Fulfilling Your Femininity and Finding Love* (Nova York: Random House, 1988), pp. 16, 146, 157.

- Stephen e Susan Price, *No More Lonely Nights* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1988), pp. 68, 221.
- Lynn Z. Bloom, Karen Coburn e Joan Pearlman, *The New Assertive Woman* (Nova York: Delacorte Press, 1975), pp. 23-42.
- Susan Page, *If I'm So Wonderful, Why Am I Still Single?* (Nova York: Viking, 1988), p. 8.
- Connell Cowen e Melvyn Kinder, *Smart Women/ Foolish Choices*, (Nova York: Signet, 1985), p. 6.
- Connell Cowen e Melvyn Kinder, *Women Men Love/Women Men Leave* (Nova York: Clarkson N. Potter, 1987), p. 165.
- James Brown, "Portrait of a Professional", *Let's Talk*, maio-junho de 1985, p. 24.
- Ray Richmond, "My Style: Toni Grant in Conversation with Ray Richmond", *Los Angeles Herald Examiner*, 21/4/1986, p. B5.
- Robin Norwood, *Women Who Love Too Much: When You Keep Wishing and Hoping He'll Change* (Nova York: Pocket Books, 1985), p. xiv.
- Kathleen Bell Unger, "Chemical Dependency in Women", *The Western Journal of Medicine*, dez. de 1988, p. 747.
- Wendy Kaminer, "Chances Are You're Co-Dependent Too", *The New York Times Book Review*, 11/2/1990, p. 1.
- Ann J. Lane, *To Herland and Beyond: The Life and Work of Charlotte Perkins Oilman* (Nova York: Pantheon Books, 1990), p. 121.
- Hester Eisenstein, *Contemporary Feminist Thought* (Boston: G. K. Hall & Co., 1983), p. 37.
- Susan Quinn, *A Mind of Her Own: The Life of Karen Homey* (Nova York: Addison-Wesley Publishing, 1988), p. 14.
- Constance Holden, "Proposed New Psychiatric Diagnoses Raise Charges of Gender Bias", *Science*, 24/1/1986, p. 327.
- Herb Kutchins e Stuart A. Kirk, "The Future of DSM: Scientific and Professional Issues", *The Harvard Mental Health Letter*, set. de 1988, pp. 4-6.
- Frederic Kass, "Self-Defeating Personality Disorder: An Empirical Study", *Journal of Personality Disorders*, 1, n° 2 (verao de 1987), 168-173.
- Thomas A. Widiger, "The Self-Defeating Personality Disorder", *Journal of Personality Disorders*, 1, n° 2 (verao de 1987), 157-159.
- Bruce Bower, "The Diagnostic Dilemma", *Science News*, 135 (25/2/1989), 120.
- Deborah Franklin, "The Politics of Masochism", *Psychology Today*, Jan. de 1987, p. 53.
- Paula J. Caplan, *The Myth of Women's Masochism* (Nova York: Signet, 1985), p. 257.
- F. Kass, R. A. MacKinnon e R. L. Spitzer, "Masochistic Personality: An Empirical Study", *American Journal of Psychiatry*, 143, n° 2 (1986), 216-218.
- Richard C. Simons, "Self-Defeating and Sadistic Personality Disorders: Needed Additions to the Diagnostic Nomenclature", *Journal of Personality Disorders*, 1, n° 2 (1987), 161-167.
- Paula J. Caplan, "The Psychiatric Association's Failure to Meet Its Own Standards", *Journal of Personality Disorders*, n° 2 (verao de 1987), 178.
- Lenore E. A. Walker, "Inadequacies of the Masochistic Personality Disorder Diagnosis for Women", *Journal of Personality Disorders*, 1, n° 2 (verao de 1987), 183.
- Robert Spitzer e Janet Williams, *A Guide to DSM-III-R* (Washington, D. C: American Psychiatric Association, 1987), p. 15.

- James P. Smith e Michael Ward, "Women in the Labor Market and in the Family", *Journal of Economic Perspectives*, 3, nº 1 (inverno de 1989), 10.
- William T. Bielby e Denise D. Bielby, "The 1987 Hollywood Writers' Report: A Survey of Ethnic, Gender and Age Employment Practices", Hollywood, Calif., 1987.
- Bennett Harrison e Barry Bluestone, *The Great U-Turn* (Nova York: Basic Books, 1988), Quadro A.2, p. 199.
- Nancy Barrett, "Women and the Economy", *American Woman 1987-88*, p. 119.
- Barbara Reskin, "Occupational Resegregation", em *American Woman 1988-89*, pp. 258-263.
- Myra H. Strober e Carolyn L. Arnold, "The Dynamics of Occupational Segregation Among Bank Tellers", *Gender in the Workplace* (Washington D. C: The Brookings Institution, 1987), pp. 107-157.
- Alison Leigh Cowan, "The New Wave Director", *The New York Times Magazine*, 1? de abril de 1990, p. 58.
- Peggy Simpson, "Why the Backlash is a Big Bust", *Working Woman*, nov. de 1986, p. 164.
- Gretchen Morgenson, "Watch That Leer, Stifle That Joke", *Forbes*, 15/5/1989, p. 69.
- Janice Castro, "Women in Television: An Uphill Battle", *Channels*, Jan. de 1988, p. 42.
- Vernon A. Stone, "Trends in the Status of Minorities and Women in Broadcast News", *Journalism Quarterly*, 65, nº. 2 (verão de 1988), 288.
- Edwin Diamond, "New-Girl Network", *New York*, 10/6/1991, p. 20.
- Megan Rosenfeld, "A Pregnant Pause for Chung?", *Washington Post*, 31/7/1990, p. D1.
- Harry F. Waters, "If It Ain't Broke, Break It", *Newsweek*, 26/3/1990, p. 58.
- Jennet Conant, "Broadcast Networking", *Working Woman*, agosto de 1989, p. 58.
- Marlene Sanders e Marcia Rock, *Waiting for Prime-Time* (Urbana: University of Illinois Press, 1989), p. 146. Christine Craft, *Too Old, Too Ugly and Not Deferential to Men* (Rocklin, Calif.: Prima Publishing, 1988).
- Vernon A. Stone, "Newswomen's Numbers Level Off", *RTNDA Communicator*, julho de 1984, p. 122. *Media Report to Women*, maio-junho de 1988, p. 5. Terri Schultz-Brooks, "Getting There: Women in the Newsroom", *Columbia Journalism Review*, março-abril de 1984, p. 25.
- Judy Southworth, "Women Media Workers: No Room at the Top", *Extra!*, março-abril de 1991, p. 6.
- Dorothy Jurney, "Tenth Annual Survey Reports Women Editors at 12,4 Percent", *American Society of Newspaper Editors (ASNE) Bulletin*, nov. de 1986, p. 5.
- K. Kaufmann, "Since When Is Feminism So Unfashionable?", *Mediafile*, dez.-jan. 1987-1988, p. 3.
- Judy Flander, "Women in Network News", *Washington Journalism Review*, março de 1985, p. 39.
- Diane Landis, "Women from ABC Air Grievances", *Washington Woman*, março de 1986, p. 13. Bob Brewin, "ABC's Trouble with Women", *The Village Voice*, 11/2/1986, p. 46.
- Juan Williams, "A question of Fairness", *The Atlantic Monthly*, fev. de 1987, p. 70.

- Colin Francome, *Abortion Freedom: A Worldwide Movement* (Londres, George Allen & Unwin, 1984), p. 47.
- Cynthia Gorney, "Taking Aim at *Roe v. Wade*", *The Washington Post Magazine*, 9/4/1989, p. 18.
- Kristin Luker, *Abortion and the Politics of Motherhood* (Berkeley, University of California Press, 1984), p. 221.
- Pat Milton, "Husband Sues Wife and Doctors for Abortion Without Knowledge", AP, 21/4/1988.
- Susan Church, "Woman Has Abortion Hours Before Appeal Heard", *Press and Sun-Bulletin*, 21/4/1988, p. 5.
- Carl Haub e Mary Kent, "U.S. Abortions Up? Down?", *Population Today*, nov. de 1987, pp. 6-7. Tamar Lewin, "U.S. Abortion Rate Shows 6% Decline", *New York Times*, 26/9/1991, p. A14.
- Steven D. McLaughlin, Barbara D. Melber, John O. G. Billy, Denise M. Zimmerle, Linda D. Wings e Terry R. Johnson, *The Changing Lives of American Women* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988), pp. 84-86.
- Tom Bethell, "Operation Rescue", *The American Spectator*, dez. de 1988, p. 11.
- Page Smith, *Daughters of the Promised Land: Women in American History* (Boston: Little, Brown and Co., 1970), p. 31.
- George Grant, *Grand Illusions: The Legacy of Planned Parenthood* (Brentwood, Tenn.: Wolgemuth & Hyatt Publishers, 1988), pp. 17, 21, 24, 176.
- Stanley Interrante, "The Rescue Movement Comes to Southern California", *The Wanderer*, 16/2/1989.
- Joseph M. Scheidler, *Closed: 99 Ways to Stop Abortion* (San Francisco: Ignatius Press, 1985), p. 68.
- Stephanie Salter "She Spied on Operation Rescue", *San Francisco Examiner*, 6/8/1989, p. A19.
- Mary Suh e Lydia Denworth, "The Gathering Storm: Operation Rescue", *Ms.*, abril de 1989, p. 92.
- Garry Wills, "Evangelists of Abortion", *The New York Review of Books*, 15/6/1989, p. 15.
- Linda Gordon, *Woman's Body/Woman's Right: A Social History of Birth Control in America* (Nova York: Penguin Books, 1977), pp. 52-53.
- David M. Kennedy, *Birth Control in America: The Career of Margaret Sanger* (New Haven: Yale University Press, 1970), p. 45.
- Harriet F. Pilpel, "The Fetus as Person: Possible Legal Consequences of the Hogan-Helms Amendment", *Family Planning Perspectives*, 6, n° 1 (inverno de 1974):6.
- Margaret Carlson, "Abortion's Hardest Cases", *Time*, 9/7/1990, p. 22.
- Tiffany Devitt, "Abortion Coverage Leaves Women Out of the Picture", *Extra!*, março-abril de 1991, p. 5.
- Ari L. Goldman, "Bishops Hire Pros to Sway Public Against Abortion", *Sacramento Bee*, 6/4/1990, p. A1. Nadine Brozan, "Cardinal Proposes Order of Nuns to Fight Abortion", *New York Times*, 4/11/1989.
- Robin Toner, "Catholic Politicians See Line on Duty", *New York Times*, 25/6/1990, p. A1.

- Eric Pace, "No Unanimity on Abortion Excommunication", *New York Times*, 16/6/1990, p. 10.
- Barbara Ehrenreich, "Mothers Unite", *The New Republic*, 10/7/1989, p. 30.
- Tamar Lewin, "Abortions Harder to Get in Rural Areas of Nation", *New York Times*, 28/6/1990, p. A18.
- Stephen Werniel e Michel McQueen, "Turning Point? Historic Court Ruling Will Widen Disparity in Access to Abortion", *The Wall Street Journal*, 5/7/1989, p. A1.
- Patricia Chagot, "Abortion and the Poor", *Detroit Free Press*, 5/8/1990, p. F1.
- Linda Greenhouse, "Anti-Abortion Aid Stirs Church-State Questions", *New York Times*, 17/3/1988, p. 12. Karen Gustafson, "The New Politics of Abortion", *Utne Reader*, março-abril de 1989, p. 19.
- Anna Quindlen, "Offensive Play", *New York Times*, 24/1/1991, p. A23.
- Sonia L. Nazario, "Fertility Rights: Abortion Foes Pose Threat to the Funding of Family Planning", *The Wall Street Journal*, 2/2/1990, p. A1.
- Stephanie Salter, "State-created Abortions", *San Francisco Examiner*, 14/1/1990, p. A21. Gary Webb, "Family Planning Cuts Bring Anguish", *San Jose Mercury News*, 11/1/1990.
- Kenneth H. Bacon, "Health: U.S. Birth Control R & D Lags", *The Wall Street Journal*, 15/2/1990, p. B1.
- Scott Zeller, "The Abortion Pill", *San Francisco Weekly*, 13/9/1989, p. 1. Emily T. Smith, "Abortion: A Vocal Minority Has Drugmakers Running Scared", *Business Week*, 14/11/1988, p. 59.
- Janet Gallagher, "Prenatal Invasions and Interventions: What's Wrong with Fetal Rights", *Harvard Women's Law Journal*, 10 (1987): 57-58.
- Richard Koenig, "Deadly Errors Reported During Laser Surgery", *The Wall Street Journal*, 27/12/1989, p. B1. Richard E. Blackwell, Bruce R. Carr, R. Jeffrey Chang e outros, "Are We Exploiting the Infertile Couple?", *Fertility and Sterility*, 48, n.º p. A1,6 (nov. de 1987): 735.
- G. R. Cunha, O. Taguchi, R. Namikawa, Y. Nishizuka e S. J. Robboy, "Teratogenic Effects of Clomiphene, Tamoxifen, and Diethylstilbestrol on the Developing Human Female Genital Tract", *Human Pathology*, 18, n.º 11 (1987), 1132-1143.
- Janice G. Raymond, "International Traffic in Reproduction", *Ms.*, maio/junho de 1991, p. 28.
- Dawn E. Johnsen, "The Creation of Fetal Rights: Conflicts with Women's Constitutional Rights to Liberty, Privacy and Equal Protection", *The Yale Law Journal*, 95, n.º 3 (Jan. de 1986), 599-625. Joseph M. Harvey, "Fetus a 'Person', in Car-Death Law", *Boston Globe*, 17/8/1984. David Sellers, "Fetus in 'Person', D. C. Appeals Court Rules for First Time", *Washington Times*, 10/10/1984, p. A1.
- Romi Sandroff, "Invasion of the Body Snatchers", *Vogue*, outubro de 1988, p. 330.
- Majorie Shaw, "Conditional Prospective Rights of the Fetus", *Journal of Legal Medicine*, 63 (1984) :67-69.
- Molly McNulty, "Pregnancy Police. The Health Policy and Legal Implications of Punishing Pregnant Women for Harm to Their Fetuses", *Review of Law and Social Change*, 16, if. 2 (1987-88), 285.
- Lynn M. Paltrow, "When Becoming Pregnant Is a Crime", *Criminal Justice Ethics*, IX, n.º 1 (inverno-primavera de 1990): 2-3, 14. Janet Gallagher, "The Fetus and the Law - Whose Life Is It Anyway?", *Ms.*, set. de 1984, p. 62.

- Tamar Lewin, "When Courts Take Charge of the Unborn", *New York Times*, 9/1/1989, p. A9.
- Sonia L. Nazario, "Midwifery Is Staging Revival as Demand for Prenatal Care, Low-Tech Births Rises", *The Wall Street Journal*, 25/9/1990, p. B1.
- George Will, "When Birth Control Is Troubling", *San Francisco Chronicle*, 27/6/1988.
- Monte Williams, "Whose Rights Prevail, Those of the Mom or the Fetus?", *San Francisco Examiner*, 10/11/1990, p. A30.
- Clara Hemphill, "Kids at Risk: A Tormented Cry - As Crack Babies Grow, So Do Their Problems", *Newsday*, 28/9/1990, p. 6. Marjie Lambert, "New Label in Schools: Drug Baby", *Sacramento Bee*, 25/11/1990, p. A1.
- Ira J. Chasnoff, Harvey J. Landress e Mark E. Barrett, "The Prevalence of Illicit-Drug or Alcohol Use During Pregnancy and Discrepancies in Mandatory Reporting in Pinellas County, Florida", *New England Journal of Medicine*, 322 (26/4/1990), 1202-1206.
- Veronika E. B. Kolder, Janet Gallagher e Michael T. Parsons, "Court-Ordered Obstetrical Interventions", *The New England Journal of Medicine*, 316, n° 19 (7/5/1987), 1192-1196.
- Joan E. Bertin, "Reproductive Hazards in the Workplace", *Reproductive Laws for the 1990s*, org. de Sherrill Cohen e Nadine Taub (Clifton, N. J.: Humana Press, 1989), pp. 277-305.
- Michael Rose, "Reproductive Health Hazards for High-Tech Workers", em *American Woman 1988-89*, pp. 281-283. Lynne Lohmeier, "Making Work Safe for Childbearing Couples", *East West*, agosto de 1987, p. 52.
- Gail Bronson, "Issue of Fetal Damage Stirrs Women Workers at Chemical Plants", *The Wall Street Journal*, 9/2/1979, p. 1.
- Mary Sue Henifin, "Making Healthy Babies Not Just Women's Work", *Womanews*, abril de 1983, p. 4.

Epilogo

- Dan Balz e Ruth Marcus, "In Year Since Webster, Abortion Debate Defies Predictions", *Washington Post*, 3/7/1990, p. A1.
- Sara Frankel, "Women Go to the Polls", *San Francisco Examiner*, 6/5/1990, p. C1.

Agradecimentos

Enquanto os anos se acumulavam nos elaborados preparativos deste livro, da mesma forma se acumulavam as dívidas. É maravilhoso ver o número de amigos dos quais um autor deve se lembrar na hora dos agradecimentos. Reconheço que realmente tenho muita sorte por contar com tal equipe paciente e animadora.

Este projeto começou como uma matéria para uma revista, acerca do estudo Harvard-Yale sobre a "falta de homens". Na época, eu trabalhava em *West*, a revista de domingo do *San José Mercury News*, e o diretor do jornal, Jeffrey Klein, demonstrou desde o começo entusiasmo pela matéria. Ele me ajudou muito nas pesquisas e na redação dando-me uma licença de um ano e concordando em publicar uma série de reportagens sobre a condição da mulher que se tornou um importante elemento de *Backlash*. A minha sorte continuou sob os auspícios de Greg Hill, o meu chefe no *Wall Street Journal*, que manteve a minha vaga no emprego por meses para que eu pudesse terminar o livro e que me deu longas folgas para as numerosas revisões. Os meus colegas do *Journal* no escritório de San Francisco também foram um grupo muito compreensivo e animador.

Eddie Gelles, estudiosa formada pelo Instituto de Pesquisa sobre a Mulher da Universidade de Stanford, proporcionou a necessária base intelectual, levando-me para os programas de ouvintes do Instituto, que se revelaram uma excelente tribuna para testar idéias, e prestando um ouvido inteligente e sensível enquanto eu ia tateando em busca das teses do livro. Também sou grata às demais estudiosas do Instituto pelas sensatas críticas e sugestões.

A minha agente Sandra Dijkstra mostrou-se desde logo animada com aquilo que no começo não passava de uma proposta muito vaga, e eu lhe fico grata pelo incansável incentivo. Na Crown Publishers, Jane Von Mehren foi uma editora entusiástica e gentil, agüentando várias saídas em falso e preocupantes rascunhos iniciais que mais pareciam listas telefônicas. Também sou grata a Betty Prashker, que me deu o seu apoio pessoal desde o princípio. Gostaria também de agradecer particularmente a Irene Prokop, Andréa Connolly e Penny Simon, assim como às demais mulheres da Crown, que acompanharam o livro nos seus estágios finais e que sofreram com os meus

acréscimos e modificações de última hora. Christina Pattarelli e Rebecca Carroll também foram salvadoras da pátria, procurando uma rodada final de livros e revistas e ajudando na revisão dos fatos na reta de chegada.

Eu não teria ido muito longe sem a silenciosa colaboração dos demógrafos do Censo e dos epidemiologistas da saúde mental, aos quais recorri para as minhas pesquisas. Com poucas exceções, eles abriram mão do seu tempo, sujeitando-se a longas entrevistas e oferecendo um grande manancial de informações documentadas. E tampouco teria ido longe sem a ajuda de muitas pesquisadoras e escritoras feministas, cuja impressionante erudição proporcionou inspiração e sólida base crítica para o livro.

Muitos amigos foram uma verdadeira mão na roda. Sarah Winterfield releu os primeiros manuscritos quase indecifráveis, oferecendo às vezes comentários apimentados; Phil Winterfield domou um computador que teimava em ser petulante. Barbara McIntosh, Lisa Scalapino, Kathy Holub, Sara Frankel, Peggy Orenstein e Cathy e David Massey foram a minha tábua de salvação inúmeras vezes. E posso dizer o mesmo de Robert Faludi, que com o seu eterno bom humor cutucou-me para que eu não escrevesse lamurias chatices. De coração, mando o meu agradecimento a Gary Kamiya pelo seu imenso entusiasmo pelo projeto, a sua ternura e as suas bruxarias culinárias. Tenho, finalmente, uma dívida toda especial e incalculável para com Scott Rosenberg, cuja clareza de raciocínio e meticulosa editoração são perceptíveis no decorrer de todo o livro.

Backlash é dedicado à minha mãe, que quando jovem lutou para preservar a sua independência diante do contra-ataque da sua própria época de "mística feminina". E foi escrito esperando que a próxima geração de mulheres não precise lutar mais um *round*.

COLEÇÃO GÊNERO PLURAL

Projeto de coleção: VIVIAN WYLER

Consultoria de coleção: RACHEL GUTIÉRREZ

O mito da beleza - Naomi Wolf

Fogo com fogo - Naomi Wolf

Promiscuidades - Naomi Wolf

Anarquia sexual - Elaine Showalter

Assassinato e loucura - Ruth Harris

O mito da masculinidade — Sócrates Nolasco

A desconstrução do masculino - org. Sócrates Nolasco

De Tarzan a Homer Simpson — Sócrates Nolasco

Tecendo por trás dos panos - Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Tendências e impasses - org. Heloisa Buarque de Hollanda

Flexíveis e plurais - Jeni Vaitsman

Masculino/feminino tensão insolúvel - Maria Isabel Mendes de Almeida

Backlash - o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres - Susan Faludi

A cama na varanda - Regina Navarro Lins

Sem fraude nem favor - Jurandir Freire Costa

Pronta para voar - Diana Dadoorian

As novas passagens masculinas - Gail Sheehy

* * *

A moral da máscara - Patrice Bollen

A ópera ou a derrota das mulheres - Catherine Clément

O feminino e o sagrado - Catherine Clément e Julia Kristeva

O sexo e as roupas - Anne Hollander

A mulher que eles chamavam fatal - Mireille Dottin-Orsini

O prazer sagrado - Riane Eisler

Fetiche - Valerie Steele

Paixões primitivas - Marianna Torgovnick

Submundos do sexo no Iluminismo - org. G.S. Rousseau/Roy Porter

Sua cara-metade - Wendy Lesser

Dança, sexo e gênero - Judith Lynne Hanna

O grotesco feminino - Mary Russo

Mulher - Natalie Angier

A mulher e o desejo - Polly Young-Eisendrath

* * *

As letras do meu nome - Grazia Livi

Hildegarde de Bingen - Régine Pernoud

Théroigne de Méricourt - Uma mulher melancólica durante a revolução - Elisabeth Roudinesco